ROMPER FRONTEIRAS, ATRAVESSAR TERRITÓRIOS
BREAKING BORDERS, CROSSING TERRITORIES

COORD.
MARIA DE JESUS SANCHES
MARIA HELENA BARBOSA
JOANA DE CASTRO TEIXEIRA

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

ROMPER FRONTEIRAS, ATRAVESSAR TERRITÓRIOS

IDENTIDADES E INTERCÂMBIOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE NO INTERIOR NORTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

BREAKING BORDERS, CROSSING TERRITORIES

IDENTITIES AND EXCHANGES DURING THE LATE PREHISTORY IN THE NORTHERN INTERIOR OF THE IBERIAN PENINSULA

COORD.
MARIA DE JESUS SANCHES
MARIA HELENA BARBOSA
JOANA DE CASTRO TEIXEIRA

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Título: ***Romper Fronteiras, Atravessar Territórios. Breaking Borders, Crossing Territories***

Coordenação: Maria de Jesus Sanches, Maria Helena Barbosa, Joana de Castro Teixeira
Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt
Capa: Imagem e composição de Joana Castro Teixeira
Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória
Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt
ISBN: 978-989-8970-47-3
DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-47-3/rom
Porto, dezembro de 2022
Paginação: João Candeias

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04059/2020.

SUMÁRIO

I. ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS 7

1. Preâmbulo. Ultrapassando fronteiras. 9
Maria de Jesus Sanches, Maria Helena Barbosa, Joana Castro Teixeira

2. Beyond borders and boundaries in prehistoric research 13
Julian Thomas

II. CONFRONTANDO PROCESSOS HISTÓRICOS ENTRE REGIÕES 33

3. The borderland of the Beira (Central Portugal) around the II-I millennia BC. Material and imagined representations, vanguards and rearguards in a perpetual motion 35
Raquel Vilaça

4. Asentamientos amurallados de la Meseta Norte Española durante el Calcolítico y la Edad del Bronce 61
Rodrigo Villalobos García, José Antonio Rodríguez Marcos

5. Interfluve Tedo/Távora (North of Beira Alta), a physical and natural barrier, a mental border? — Trans(i)mutations between the 4th and 1st millennium BC 87
Alexandre Canha

6. Where there is Power, there is Fear. Muralhas Calcolíticas, medo, poder e mecanismos de exibição — O caso de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal) 109
Mariana Diniz, Andrea Martins, César Neves, José Arnaud

7. Estudio de las comunidades de la Prehistoria Reciente en las provincias de Pontevedra y Ourense (Galicia, España): una visión del fenómeno doméstico en una región fronteriza 141
Cristian Lorenzo Salgueiro, Carlos Rodríguez Rellán, Ramón Fábregas Valcarce

8. Breaking the borders of the mediterranean neolithic. Schematic art in iberian megaliths 171
Primitiva Bueno Ramírez, Rosa Barroso Bermejo, Rodrigo de Balbín Behrmann

9. Reshaping (all kinds of) borders. The site of Penedo Gordo in the context of north-western Iberia Schematic Art 209
Lara Bacelar Alves, Beatriz Comendador Rey

10. *Ex Portugal lux*: sobre la neolitización de los territorios sudoccidentales del Duero español 235
Elisa Guerra-Doce, María Pilar Zapatero Magdaleno

III. VISÕES TRANSFRONTEIRIÇAS A PARTIR DE CASOS DE ESTUDO 253

11. Dos dois lados da raia no Paleolítico Superior: matérias-primas siliciosas de La Dehesa (El Tejado de Béjar, Salamanca, Espanha) no contexto das relações entre a Meseta e o litoral 255
Thierry Aubry, Luís Luís, André Tomás Santos, José Francisco Fabián García

12. Modelos de ocupación en el valle del río Támega transfronterizo en la prehistoria reciente: el caso de A Ceada das Chas/Castelo de Lobarzán (Oimbra/Monterrei) 281
Lucía Rodríguez Álvarez, Beatriz Comendador Rey

13. Variabilidad en la organización espacial y constructiva de un asentamiento de la edad del bronce: el yacimiento Coto dos Mosquitos (Mos, Pontevedra) 307
Herminia Rodríguez Pérez, Xurxo Pereira Martínez, Andrea Serodio Domínguez, Eduardo Méndez-Quintas

14. O(s) fosso(s) do Sítio do Corgo, Azurara, Vila do Conde. Problemáticas da sua contextualização estratigráfica e cronológica 329
Iva João Teles Morais Botelho

15. Las representaciones de armamento en el noroeste peninsular. (Re)visitando el yacimiento de Agua da Laxe (Pontevedra, Galicia) 347
Xurxo Pereira Martínez

16. Between the Atlantic and the Mediterranean: the Fraga dos Corvos mountain site (Macedo de Cavaleiros, Bragança), in the late bronze age/early iron age transition 371
João Carlos Senna-Martínez, Elsa Luís, Carlos Mendes

17. Practicas funerarias del Calcolítico y Bronce en poblados del interior peninsular: el yacimiento de Las Mayores, Numancia de la Sagra (Toledo) 393
Rosa Barroso Bermejo, Primitiva Bueno Ramírez, Armando González Martín, Marcos Sáez Martínez, Juan Manuel Rojas Rodríguez-Malo

18. A reutilização simbólica de menires do Alentejo Central: o caso do menir da Caeira (Arraiolos, Portugal) 411
Leonor Rocha

19. Prehistoric carpentry through the study of imprints on clay building fragments from the northern spanish plateau 427
Hector J. Fonseca de La Torre

20. Percecionando ritos de consagração e de reconsagração numa área habitacional do Crasto de Palheiros (Murça) na Idade do Ferro 443
Dulcineia Pinto, Maria de Jesus Sanches

IV. EPÍLOGO 473

21. Sugestões teórico-filosóficas para pensar a arqueologia pré-histórica e seus impasses 475
Vítor Oliveira Jorge

22. General appreciation of the book contents: *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula* 493
Maria de Jesus Sanches, Maria Helena Barbosa, Joana Castro Teixeira

I

ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS

PREÂMBULO. ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS

MARIA DE JESUS SANCHES*
MARIA HELENA BARBOSA**
JOANA CASTRO TEIXEIRA***

O volume que agora sai a público reúne um conjunto de estudos e reflexões apresentado no Colóquio Internacional *Romper Fronteiras, Atravessar Territórios. Identidades e Intercâmbios da Pré-história Recente no Interior Norte Peninsular*, que se realizou nos dias 23 e 24 de setembro de 2021, e organizado pelo Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM) e pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Este colóquio, programado inicialmente para abril de 2020, foi confrontado com uma pandemia que obrigou a dois adiamentos e à reformulação dos moldes em que foi concebido, tendo-se realizado inteiramente em formato *online*. Tal não significou uma desmobilização dos participantes ou da assistência, resultando num preenchido programa de vinte e quatro comunicações, com um largo alcance de visualizações e animados debates entre sessões. Entre as vinte e quatro, destacamos as apresentadas pelos conferencistas convidados, aos quais agradecemos: Julian Thomas, *keynote speaker* (Universidade de Manchester), Carlos Aguiar (Instituto Politécnico de Bragança), Primitiva Bueno Ramírez (Universidade de Alcalá), Elisa Guerra-Doce (Universidade de Valladolid), Pedro Diaz del Río (CSIC-Madrid)[1]. Importa referir e agradecer igualmente aos membros da Comissão Científica do colóquio: Primitiva Bueno Ramírez, Ramon Fábregas Valcarce (Universidade de Santiago de Compostela), Raquel Vilaça (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), António Valera (Era-Arqueologia; ICArEHB —Universidade do Algarve), Mariana Diniz (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Sérgio Monteiro Rodrigues (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Andreia Arezes (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Elisa Guerra-Doce, Germán Delibes de Castro (Universidade de Valladolid) e Pedro Díaz del Río.

A perceção de que a tradição da investigação, em Portugal e em Espanha, tem estado acomodada às fronteiras político-administrativas, categorizando os dados materiais e criando narrativas apartadas entre si, foi o ponto de partida que motivou a organização deste colóquio internacional. Ainda que se reconheçam, há muito, as diversas escalas

* CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
** CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
*** CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

[1] Foi também convidada a participar a professora Raquel Vilaça, que, não tendo podido apresentar a sua comunicação no colóquio, como previsto, submeteu o texto para publicação que apresentamos neste volume e a quem também agradecemos.

e em diferentes períodos, múltiplos traços de unidade em termos culturais na Pré-história recente (VIII-I mil a. C.) do interior norte da Península Ibérica, as fronteiras, como muros, têm imposto restrições no estudo destas realidades. Os estudos da Pré-história recente estão ainda reféns da delimitação da fronteira luso-espanhola, condicionando visões de conjunto. Tais práticas, enquanto moldam estruturalmente os modos de pensar e de conceptualizar o Passado, têm criado categorias discursivas cujo questionamento constituiu um dos objetivos cimeiros deste encontro científico.

A realização deste colóquio teve como motivação central a promoção do diálogo e da reflexão comum, da interdisciplinaridade e da «transfronteiricidade», numa clara convergência com as linhas programáticas do CITCEM. Procurou-se, em suma, romper fronteiras. Romper fronteiras em sentido múltiplo — político-administrativo, mas também em termos de tradição da investigação peninsular. Do mesmo modo, romper fronteiras no que se refere ao estudo das entidades e categorias arqueográficas comuns, tratadas frequentemente de modo separado. Hoje, estamos em condições de afirmar que este apelo feito à comunidade científica peninsular foi muito bem acolhido, levando-nos a inferir que há um alargado consenso em torno do necessário e urgente estreitamento de relações entre investigadores de diferentes disciplinas, áreas de conhecimento e territórios.

Com a realização deste encontro científico, e a edição do presente volume, procurou-se promover renovadas leituras do registo arqueológico, ampliando as possibilidades de análise para mais bem caracterizar a região do ponto de vista paleoecológico e cronológico-cultural, identificando espaços de interculturalidade. Um encontro que, pela amplitude de olhares contemplados na sua programação, forneceu novas pistas acerca dos processos de gestão identitária, das estratégias de povoamento e de ocupação do(s) território(s) e de reconfiguração dos mecanismos económicos e sociais que marcaram profundamente a Pré-história recente peninsular, reflexões que o presente volume materializa.

O volume que agora apresentamos é constituído por vinte e um artigos, submetidos a revisão científica por pares, aos quais muito agradecemos. São textos assinados por quarenta e dois investigadores: vinte e um espanhóis, vinte portugueses (ou a fazer investigação em Portugal) e um britânico. Dois dos artigos são mesmo assinados por investigadores de diferentes nacionalidades. Esta obra está organizada em dois grandes blocos temáticos. Um primeiro reúne textos de abordagem geral a processos históricos à escala regional; o segundo bloco é dedicado a casos de estudo. No seu conjunto, estes textos constituem o retrato da investigação arqueológica no interior norte peninsular da atualidade e corporizam o desenvolvimento de sinergias que romperam fronteiras, contribuindo para a integração desta região no amplo espaço do interior peninsular no que à investigação arqueológica diz respeito. O diálogo agora encetado não resolverá, por si só, todas as vicissitudes que decorrem da tradicional separação que, desde há mais de um século, aparta conceptualmente os territórios do interior peninsular, mas assume-se como uma plataforma de gestação de narrativas mais profícuas à investigação atual.

CROSSING BORDERS. GENERAL ASPECTS

MARIA DE JESUS SANCHES*
MARIA HELENA BARBOSA**
JOANA CASTRO TEIXEIRA***

The present volume brings together a set of studies and reflections presented at the International Conference *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*, held on 23 and 24 September 2021 and organized by the Transdisciplinary Research Centre «Culture, Space and Memory» (CITCEM) and the Department of Heritage Studies (DCTP) of the Faculty of Arts of the University of Porto. This conference, initially programmed for April 2020, was confronted with a pandemic that forced two postponements and the reformulation of the format in which it was conceived, having been held entirely in an online format. This did not lead to a demobilization of the participants or the audience, resulting in a full program of twenty-four presentations, with a wide range of views and lively debates in between sessions. We highlight, from these twenty-four papers, those presented by the invited speakers, to whom we thank: Julian Thomas, keynote speaker (University of Manchester), Carlos Aguiar (Polytechnic Institute of Bragança), Primitiva Bueno Ramírez (Universidad de Alcalá), Elisa Guerra-Doce (University of Valladolid) and Pedro Diaz del Río (CSIC-Madrid)[2]. It is also important to mention and thank the members of the Scientific Committee of the conference: Primitiva Bueno Ramírez, Ramon Fábregas Valcarce (University of Santiago de Compostela), Raquel Vilaça (University of Coimbra), António Valera (Era-Arqueologia; ICArEHB — University of Algarve), Mariana Diniz (University of Lisboa), Sérgio Monteiro Rodrigues (University of Porto), Andreia Arezes (University of Porto), Elisa Guerra-Doce, Germán Delibes de Castro (University of Valladolid) and Pedro Díaz del Río.

The idea that the research tradition in Portugal and Spain has been accommodated to political-administrative boundaries, categorizing material data and creating narratives separated from each other, was the starting point that motivated the organization of this international conference. Although multiple traces of unity in cultural terms have long been recognized, at different scales and in different periods, in the Late Prehistory (VIII-I thousand B. C.) of the northern interior of the Iberian Peninsula, borders, as walls, have imposed restrictions on the study of these phenomena. Late Prehistory studies are

[2] Professor Raquel Vilaça, to whom we also thank, was also invited to participate. She was unable to present her paper at the conference as planned, but submitted the text for publication that we present in this volume.

still hostages of the delimitation of the Luso-Spanish border, conditioning visions of the whole. Such practices, inasmuch as they structurally shape the ways of thinking and conceptualizing the Past, have created discursive categories whose questioning has been one of the main goals of this scientific meeting.

The main motivation for holding this conference was the promotion of dialogue and common reflection, interdisciplinarity and cross-borderism, in a clear convergence with CITCEM's programme lines. In short, it sought to break down borders. To break borders in a multiple sense — political-administrative, but also in terms of the peninsular research tradition. In the same way, to break borders when it comes to the study of common archaeographic entities and categories, often treated separately. Today, we can say that this appeal to the peninsular scientific community has been very well received, leading us to infer that there is a broad consensus on the necessary and urgent strengthening of relations between researchers from different disciplines, fields of knowledge and territories.

This scientific meeting, and the publication of the present volume, sought to promote renewed readings of the archaeological record, expanding the possibilities of analysis to better characterize the region from a paleoecological and chronological-cultural point of view, identifying spaces of interculturality. The wide range of perspectives included in the program provided new clues about the processes of identity management, strategies of settlement and occupation of the territory(ies) and the reconfiguration of the economic and social mechanisms that deeply marked the Late Prehistory of the Iberian Peninsula.

The volume we now present consists of twenty-one texts, submitted to scientific peer review, to which we are very grateful. The texts are signed by forty-two researchers: twenty-one Spanish, twenty Portuguese (or carrying out research in Portugal) and one British. Two of the texts are even signed by researchers of different nationalities. This work is organized in two great thematic blocks. The first brings together texts of general approach to historical processes at the regional scale; the second block is dedicated to case studies. Together they constitute the portrait of archaeological research in the northern peninsular interior of the Iberian Peninsula at the present time and embody the development of synergies that have broken borders, contributing to the integration of this region in the broad space of the peninsular interior as far as archaeological research is concerned. The dialogue now initiated will not solve, by itself, all the vicissitudes that result from the traditional separation that for more than a century has conceptually separated the peninsular interior territories, but it assumes itself as a platform for the gestation of more fruitful narratives to current research.

BEYOND BORDERS AND BOUNDARIES IN PREHISTORIC RESEARCH

JULIAN THOMAS*

Abstract: *This text reflects a desire to move beyond established boundaries in the study of the prehistoric past. On the one hand, it embodies the intention to overcome a disciplinary regime characterised by mutually exclusive schools of thought. On the other hand, it is contexted in a growing demand for a critical evaluation of narratives founded on the notion that prehistoric societies were composed of bounded and distinct populations of human beings, internally connected by shared cultures, kinship relations, and the occupation of a discrete geographical territory. Actually, the parallel development of archaeogenetics, post-humanism and the new materialisms, has destabilised our understanding of the relationships between things and people and the way that we can think about collective identities. I will seek to tease out the implications of these parallel developments and pursue the argument that we can think of identity more as a process than as a stable entity.*

Keywords: *Epistemological boundaries; Archaeogenetics; Post-humanism; New materialisms; Identity*.

Resumo: *Este texto assenta no desejo de ultrapassar as barreiras estabelecidas no estudo do passado pré-histórico. Incorpora, por um lado, a intenção de ir além de um regime disciplinar caracterizado por escolas de pensamento que se autoexcluem. Por outro lado, contextualiza-se também numa crescente avaliação crítica de narrativas baseadas na ideia de que as sociedades pré-históricas eram compostas de circunscritas comunidades de seres humanos, internamente ligadas pela partilha cultural, relações de parentesco e pela ocupação de um território geográfico. Na verdade, o recente desenvolvimento da arqueogenética, das correntes pós-humanistas e dos novos materialismos desestabilizaram a nossa ideia da relação entre pessoas e coisas, bem como do modo como se pode pensar a identidade coletiva. Procurar-se-á, assim, destrinçar as implicações do desenvolvimento destas correntes e discutir o argumento pelo qual devemos entender a identidade mais como um processo do que como uma entidade estável.*

Palavras-chave: *Barreiras epistemológicas; Arqueogenética; Pós-humanismo; Novos materialismos; Identidade.*

1. INTRODUCTION

This volume and the conference that gave rise to it demonstrate a desire to move beyond established boundaries and restrictions in the study of the prehistoric past. This aspiration operates simultaneously at two different levels. Firstly, it embodies the intention to overcome a disciplinary regime located in the present that is characterised by mutually exclusive, and perhaps also mutually uncomprehending schools of thought. These might be defined philosophically, or on the basis of different objects of study (types of evidence, periods of the past, geographical areas), or in terms of distinct national research traditions. It is undoubtedly the case that in their various careers, different archaeologists have been

* School of Arts, Languages and Cultures. University of Manchester, UK. Email: julian.thomas@manchester.ac.uk.

nurtured, sustained, and empowered by distinctive conventions of investigation. But these disciplinary communities surely lose nothing, and certainly not their identities, by entering into a mutually enriching dialogue. They do not have to be maintained in a territorial fashion, jealously guarding their subject matter and repelling incursions into their areas of interest.

Secondly, there is a growing demand for a critical evaluation of narratives about the ancient past that are founded on the notion that prehistoric societies were composed of bounded and distinct populations of human beings, internally connected by shared cultures, kinship relations, and the occupation of a discrete geographical territory. These notions, doubtlessly, originated in the nationalisms that were integral to the formation of archaeology as a discipline in the nineteenth century[1], but nonetheless continue to be reinforced by the way that prehistories often remain nationally circumscribed. Over the past century and a half, the question of the relationship between material culture patterning that can be detected in the present, and human identities in the past has been addressed in a variety of different ways. However, it is arguable that at the present moment this question has become especially volatile for two parallel sets of reasons. On the one hand, the accelerated development of archaeogenetics has revolutionised the study of human population history. But on the other, the equally swift emergence of post-humanism and the new materialisms, both in the human sciences in general and within archaeology in particular, has destabilised our understanding of the relationships between things and people, and by implication the way that we can think about collective identities. In this contribution, I will seek to tease out some of the implications of these parallel developments.

2. CULTURE AND IDENTITY

It is arguable that the appearance of a series of successive forms of archaeological thought in the course of the twentieth century was distinguished above all by changing ways of understanding the relationship between material culture and past human collectivities. Nineteenth century «scientific» prehistorians such as John Lubbock[2] and Daniel Wilson[3] brought together the empiricism of the established antiquarian tradition and the rationalism of the Enlightenment, with its stadial schemes of social and technological evolution[4]. Numerous authors have suggested that the emergence of culture historic archaeology from out of this background of unilinear evolutionism can be attributed to a growing interest in geographical variation toward the end of the

[1] TRIGGER, 1984: 358.
[2] LUBBOCK, 1865.
[3] WILSON, 1862.
[4] KEHOE, 1998: 105.

century, and to the influence of Romanticism[5]. These two strands were linked together by nationalism, which had been growing in influence since the Congress of Vienna. Romanticism was an internally contradictory phenomenon, and some strands within the movement were certainly preoccupied with ideas of shared cultural inheritance and the way that this may represent an expression of collective sentiment, as well as notions of attachment and belonging[6]. Ultimately, this might manifest itself in essentialised notions of an unchanging and homogeneous national character, expressed through artefacts and material culture[7]. But it may be an error to categorically oppose Romanticism and Enlightenment modes of thought, as both Kristiansen and Sherratt do, explicitly or implicitly. For although the Romantics emphasised sensibility and criticised an excessive reliance on rationality, Romanticism is better seen as an extension of the Enlightenment, or an attempt to correct it, rather than an outright rejection[8]. Both were modern ways of thinking, which were often opposed to the unquestioned acceptance of tradition and religion, and to arbitrary forms of authority. Where the Enlightenment sought to liberate humanity through the exercise of reason, Romanticism wanted to extend this freedom through the operation of the imagination. Enlightenment thinkers aspired to reveal nature and humanity through systematic observation, but the Romantics preferred to extend human understanding through the unfettering of creativity.

So, although the culture historic archaeology that developed in the earlier twentieth century may have been concerned with the notion of culture as a collective expression (at least in its European, if not always its American version), and its modes of explanation were overwhelmingly particularist, it was not exclusively a reflection of romantic nationalism. On the contrary, the epistemology of culture history was inductive and empiricist, and the entities with which it concerned itself were the products of categorisation and typology[9]. While Gordon Childe, for example, considered «cultures» to be organic totalities, he acknowledged that they were in the first instance classificatory entities[10]. For Childe, it was the capacity of material things to be classified that rendered them a comprehensible record of past human activity, and this in turn enabled them to form the foundation of prehistories constructed at the continental scale. In this respect, culture history inherited the thinking of the Enlightenment as much as Romanticism. The classifiability of things facilitated the identification of patterns in the evidence, and these patterns had been engendered by the shared cultural norms that had been passed down between generations within prehistoric communities. Although it was not possible

[5] TRIGGER, 1996: 235; SHERRATT, 1993: 120; KRISTIANSEN, 2014: 22.
[6] BERLIN, 1999: 67.
[7] VOUTSAKI, 2002: 111.
[8] CANTOR, 1993: 111.
[9] JOHNSON, 2011: 764.
[10] CHILDE, 1956: 31.

to work backward from the pattern to the ideas or values that had generated it (since these had been lodged in the minds of past people who are now lost to us), the presence of a structure within the material was sufficient to identify distinct assemblages and the borders or boundaries that separated them. Consequently, variations in the styles and forms of artefacts faithfully reflected the existence of internally homogeneous social or ethnic entities in the past. It was unfortunate, but not entirely coincidental, that this approach to archaeology developed alongside an enthusiasm for tracing the wanderings of ethnic and racial groups in the past, which was in some cases linked to notions of eugenics and racial hygiene (see, for example, Grant, 1916[11]).

Famously, processual archaeology rejected the normative model of material culture, arguing that culture is not a set of ideas or representations that are carried in the mind and automatically shared by all members of a community. Instead, it constituted a set of strategies that can be mobilised and differentially participated in, in response to the changing pressures of the environment[12]. For Lewis Binford, archaeology should seek to investigate the dynamic cultural systems that had existed in the past, rather than sets of cultural traits that might be observed in static form in the present[13]. The inert materials that made up the archaeological record reflected not simply a set of cognitively installed concepts and behaviours, but the interacting elements of a human ecology, including the various subsystems of a society, all of which converged upon and were manifested in material culture. Culture existed at the interface between the various elements of an overarching system. However, this did not necessarily mean that archaeological materials were unrelated to human identity, since for some processual archaeologists aspects of culture might serve as an information system, conveying messages, whether about the status of deceased persons in mortuary practice[14], or in relation to group affiliation[15].

Despite this radical revision of the way that archaeology pursued its investigation, there were also underlying continuities between culture history and processual archaeology. As Alice Kehoe points out[16], archaeological evidence continued to be organised according to classificatory principles drawn from the natural sciences, on the understanding that the structure of the data reflected patterns of past human behaviour. This was now to be subjected to deductive hypothesis testing rather than inductive argument-building. Only later would Binford[17] acknowledge the flaw in this reasoning: that static materials in the present and dynamic activity in the past are different in kind,

[11] GRANT, 1916.
[12] FLANNERY, 1967: 120.
[13] BINFORD, 1964: 425.
[14] SAXE, 1970.
[15] WOBST, 1977.
[16] KEHOE, 1998: 102.
[17] BINFORD, 1983: 19.

and that one cannot test hypotheses about one sort of phenomenon on an entirely different kind of data. The process of archaeology is therefore one of inference, decoding or «translation», in which the regularities in the data alert us to material formation processes that need to be disentangled before we can proceed to any further arguments about what happened in the past[18]. None the less, Binford persevered with the understanding that archaeological evidence represented a record of some form, and that the processes of development that he sought to disclose were universal ones, which could be accessed using methodologies that were independent of space and time[19].

The subsequent development of a postprocessual archaeology owed its inception to some extent to the realisation that relationship between material things and collective human identities remained unresolved[20]. From the 1980s onwards, archaeologists increasingly understood that artefacts might be deliberately and skilfully employed to construct, negotiate, transform, misrepresent or mask social relationships. Material things were now no longer seen simply as subconsciously reproduced traits that alerted prehistorians to the presence of a particular cultural tradition, or as tools engaged in adaptive strategies. Instead, artefacts might be deployed in diverse practices through which people made a place for themselves in a world: accumulation, fragmentation, enchainment, containment, repair[21]. This concern with the multiple practices in which objects might be serially involved was a factor in the growth of interest in object biographies, which emphasised the temporal sequences of manufacture, use and circulation through which people and things constituted one another[22].

But these perspectives introduce a series of tensions: objects do not merely convey or reflect human identities that are already given, while material things were increasingly identified as being active, and having effects and consequences of their own, rather than being limited to the status of tools through which human purposes were achieved[23]. While Ian Hodder's original reflections on the efficacy of things were principally concerned with the role of artefacts as material symbols, they introduced into archaeological discourse the proposition that objects are not just an outcome or by-product of human behaviour, and that they can generate impacts of their own. Significantly, a different but complementary set of arguments were simultaneously being developed within the philosophy of science and technology, where Michel Serres[24] pointed to the capacity of material things to stabilize and canalize social relationships, facilitating the routinisation of practices at an unconsidered level. In the work of Bruno Latour, this would blossom

[18] PATRIK, 1985: 35.
[19] KEHOE, 1998: 107.
[20] HODDER, 1978: 200.
[21] BRÜCK, 2019: 76.
[22] GOSDEN, MARSHALL, 1999: 174.
[23] HODDER, 1992: 14.
[24] SERRES, 1997.

into the proposition that, in the context of networks composed of entities of diverse kinds, objects can constitute social actors in their own right[25].

Further, one of the distinctive preoccupations of a postprocessual archaeology had from the start been a concern with agency[26]. Culture history had presented human beings as the passive reproducers of cultural traditions from which they would rarely depart, while processual archaeology had emphasised the role of behaviour as a set of adaptive responses to environmental pressures. Both had emphasised the collective rather than the individual, and neither had demonstrated great concern with creative improvisation, interpersonal negotiation, or intra-societal competition and inequality as routine aspects of social life. The growing concern, from the 1980s onward, with past people as skilled agents who knowingly utilized bodies of knowledge and symbolic systems brought with it a degree of epistemological humility, and a concern with our ethical relationship with the humans whom we represent in archaeological narratives. But the focus on the capacity of material culture to affect the world ultimately led archaeologists to echo other social scientists who had begun to ask whether things too can have agency[27]. Such a proposition raises the further question of what kind of ethical commitments we should now have toward inanimate objects[28].

3. ARCHAEOGENETICS

This rather sketchy outline hopefully brings us up to the present moment and sets the scene for two radical challenges to the way that we imagine past identities. Although there is good reason to be sceptical about the idea that archaeology has repeatedly undergone fundamental paradigm changes in the course of the past century[29], and we should be alert to continuities in thinking and practice as much as to revisions, we seem to have arrived at a point where established ways of identifying social groups in the past demand a radical re-evaluation.

The first of these challenges comes from recent developments in the study of ancient DNA, or deoxyribonucleic acid, the hereditary material carrying the genetic instructions particular to any organism, recovered from the remains of humans and other creatures. Technological developments over the past two decades have resulted in a remarkable escalation of aDNA research, and these include shotgun sequencing and the recognition that dense concentrations of endogenous DNA often survive in the petrous bone in the base of the human skull[30]. Ancient DNA is generally recovered in a very damaged

[25] LATOUR, 2005: 64.
[26] JOHNSON, 1989: 194.
[27] GELL, 1998; JONES, BOIVIN, 2010: 333.
[28] DOMAŃSKA, 2006.
[29] THOMAS, 2015.
[30] EISENMANN *et al.*, 2018: 1; CHARLTON, BOOTH, BARNES, 2019.

form, but it is now possible to recombine multiple fragments of a sequence in order to form much more complete stretches[31]. While earlier aDNA analysis was concentrated on short strands of genetic information, such as mitochondrial DNA, it has been possible since 2010 to sequence entire ancient human genomes, the complete genetic code found within the cells of a single person. On this basis, it has proved more readily possible to define haplogroups, or populations who share a common ancestor on either the male or female line. Each human being's genome contains the traces of a great many different ancestors, although over the course of ten to twenty generations the proportion of a person's forebears that are represented in their DNA begins to decline[32].

The relationship between ancient DNA studies and social archaeology has been a slightly fraught one, since they operate on different philosophical assumptions, and sometimes struggle to communicate with each other[33]. «Social» archaeologists are not always equipped to evaluate the contents of genetics papers that may by highly technical in character, while geneticists may not be familiar with the convoluted disciplinary history that stands behind contemporary debates on material culture and identity. As Scott MacEachern points out, the consequence of this has been that prehistorians have gravitated toward polarised views of aDNA: either outright rejection or unbridled and uncritical enthusiasm[34]. Yet a middle position is possible. It is evident that ancient genomes provide an unparalleled source of information concerning the biological structure of past human (and animal) populations[35]. However, it should be noted that this is only one aspect of the variability of past societies, and that therefore archaeogenetics represents one legitimate and useful methodology amongst several others, rather than a new kind of archaeology that can supplant and replace all the others. Further, ancient DNA, extracted from the surviving remains of formerly living organisms, exists in the present rather than the past. In this respect archaeogenetics shares with disciplines like geology and social archaeology the characteristic that aspects of the processes that it seeks to investigate are not now directly observable. The meaning of ancient genomes is to be inferred, rather than being self-evident, much like all other forms of archaeology[36].

One of the ways in which aDNA data may prove highly useful lies in the way that it could theoretically provide a check on the degree of biological boundedness that distinguished past human groups, and the extent to which they represented open or closed kinship networks. That is, it has the potential to undermine atavistic accounts of prehistory that discuss the movements and migrations of integral and sutured «peoples»[37].

[31] LINDERHOLM, 2016.
[32] REICH, 2018: 11.
[33] SØRENSEN, 2017.
[34] MACEACHERN, 2013: 65.
[35] REICH, 2018: XXII.
[36] ION, 2019.
[37] BOOTH, 2019.

This is important, for the notion of collective identity as an enduring essence, which may in some cases be identified with race, is one that continues to exert an influence. However, in practice the existence of internally homogeneous genetic communities that correspond precisely with distributions of artefact types is sometimes assumed by archaeogenetic research, rather than identified as a thesis to be falsified[38]. Distributions of genetic lineages and of artefact types are presented as relating to entities of comparable kinds[39]. Although culture historic archaeologists in the mid-twentieth century were generally aware that artefact classification was a heuristic means of identifying patterns that might correspond with past human communities, Martin Furholt[40] points out that in some contemporary aDNA research these patterns are reified into mutually exclusive social groups whose existence is a given. So, established culture historic constructions of the past come to influence the way that aDNA evidence is interpreted, although in a streamlined form in which genetic heritage, linguistics, ethnicity and material culture assemblages are presumed to overlap precisely[41].

We have seen that each single genome contains the traces of hundreds of ancestors, and a consequence of the richness of this evidence is that it comes to be identified as «big data», complex sets of information collected at speed that can be mined for large-scale patterns. Ironically, this militates against more fine-grained studies of local populations that might more easily be integrated with other forms of archaeological evidence[42]. Instead, massive quantities of information that actually relate to more modest numbers of data points are used to develop analyses that are pitched at a pan-continental level. Furholt explains how in these arguments coherent and delimited human populations take on the character of collective agents, acting in concert on the world stage[43]. On this basis, migration becomes the default explanation for the displacement of human genetic material. However, migration is here conceived as a series of discontinuous events separated by horizons of relative stasis, rather than a protracted process which is near-universal in character[44]. The probability is that prehistory was characterised by much more intricate processes, in which change was continuous rather than restricted to brief busts[45]. In a world in which social aggregates were not fixed, but were continually remaking themselves in processes of fission and fusion, and persons and sub-groups were breaking away and attaching themselves to other communities, we should expect

[38] CRELLIN, HARRIS, 2020: 41.
[39] KING, UNDERHILL, 2002.
[40] FURHOLT, 2018: 162.
[41] FURHOLT, 2021: 54.
[42] CRELLIN, HARRIS, 2020: 39.
[43] FURHOLT, 2021: 57.
[44] ANTHONY, 1990.
[45] CRELLIN, 2020: 6.

unending genetic «churn» rather than the sporadic relocation of blocks of population[46]. The potential of aDNA to contribute to a rewriting of prehistory is colossal, but to date it has contributed more in the way of narratives of massive migrations, which possess troubling political ramifications[47]. In some cases, such accounts of abrupt population relocation and replacement are difficult to reconcile with the smaller-scale detail of conventional archaeological evidence[48].

4. POSTHUMANISM AND NEW MATERIALISM

If aDNA studies have sometimes had the effect of reinforcing traditional models of human collective identities in prehistory, it is arguable that recent developments in archaeological theory have undermined them more comprehensively than ever before. In the past few years, archaeological thinking has embraced a series of tendencies that are not necessarily entirely new, but which have been developing within the human sciences. These include (but are not limited to) posthumanism[49], assemblage theory[50], new materialisms[51], speculative realism[52], a renewed concern with ontology[53] and explorations of animacy and vitalism[54]. These perspectives are by no means always mutually compatible, and the working-out of their clashing implications for archaeology has been a source of lively debate within the discipline. Here we will particularly emphasise posthumanism, new materialism and the «ontological turn», since these have profound consequences for the archaeological concerns addressed in this chapter. Critical views of humanism, the understanding that a stable and changeless human nature can both be assumed, and form the basis of our approach to the world, have a long history[55]. However, the growing impact of the environmental crisis, and an emerging preoccupation with the Anthropocene have rendered the imperative to overcome anthropocentrism and human exceptionalism more critical[56].

Related to this project of recognising that the world does not exist for the convenience of humans, and that we find ourselves in a space of teeming «others», is a demand to take material things more seriously. This requirement might seem self-evident to archaeologists, but it has been suggested that we, like other academics, have principally seen artefacts as entities that we can «see through» to the more important entities

[46] LEWIS-KRAUS, 2019: 7.
[47] VANDER LINDEN, 2016; HAKENBECK, 2019.
[48] CARLIN, 2020: 32.
[49] BRAIDOTTI, 2013.
[50] DELANDA, 2016.
[51] COOLE, FROST, 2010.
[52] BRYANT, SRNICEK, HARMAN, 2011.
[53] HOLBRAAD, PEDERSEN, 2017.
[54] CHEN, 2012; BENNETT, 2010.
[55] HEIDEGGER, 1993.
[56] DOMAŃSKA, 2018: 24.

beyond, whether the «Indian behind the artefact» or the «system behind the Indian behind the artefact»[57]. The redoubled concern with things as such emphasises that artefacts are integral to social relations rather than a support to humans who are positioned centre-stage[58]. As we will see, this has significant consequences for the way that we might think about groups and identities. The framework of «materialisation» that was influential in archaeology and anthropology immediately before the turn of the millennium proposed that human beings create material things which can then influence or determine subsequent human activity. People make things, which subsequently make people[59]. However, it is now more common to maintain that there is no point at which human beings exist independently of a material world that they later engage with and transform. Humans and materials are mutually co-constitutive [60].

Finally, the turn toward ontology is a more diverse development. In one form, it stems from a conviction that since the time of Kant modern thought has become overly preoccupied with how the human mind can access reality, never progressing beyond epistemology to whatever is «out there» to be known[61]. However, this speculative philosophy that valorises attempts to discuss the fundamental character of worldly things is complemented by an anthropology of ontology, which seeks instead to take seriously the ontologies of other societies, rather than view them as emic constructions[62]. Taken together, these approaches encourage us to reconsider the character of the entities that we encounter as archaeologists[63]. A related (but not identical) development has been the advocacy of a «flat ontology» within archaeology. This term was first employed pejoratively by Roy Bhaskar[64] in attacking the point of view that we should only concern ourselves with those things that are directly accessible to perception, found in positivism. Bhaskar supports a stratified ontology, in which there are deeper, but equally real, causal mechanisms that underlie the superficial appearances of things. This view was rejected by Manuel DeLanda[65], who questioned the assumption that the universe is governed by changeless, transcendental organizing principles, or that material entities possessed fixed essences.

The term «flat ontology» is therefore an ambiguous one, and one that we might choose to employ only with considerable caution. It can reasonably be objected that if have a view of the universe that is genuinely «flat», then everything is the same:

[57] FLANNERY, 1967: 120.
[58] BROWN, 2001: 2; OLSEN, 2010: 2.
[59] MILLER, 1987.
[60] JOYCE, GILLESPIE, 2015: 6.
[61] MEILLASSOUX, 2009.
[62] ALBERTI, 2016: 164.
[63] DOMAŃSKA, 2018: 26.
[64] BHASKAR, 2008: 57.
[65] DELANDA, 2013: 58.

everything is simply a node in a network, and everything is equally employed in the processes of translation and mediation[66]. Furthermore, it might imply that human beings and stones are ethically indistinguishable[67]. Now, at a time of ecological crisis, we might wish to affirm that no thing or being is ever devoid of ethical significance, and that moral responsibility is often caught up in a tangle of relationships between entities of very different kinds[68]. But we might nonetheless reject the view that all entities are ethically equivalent. However, «flat ontology» can also denote an outlook in which no particular entity is privileged in advance of investigation. Although the world is characterised by endless diversity and complexity, things can be treated equally in the rather more restricted sense that they are found alongside each other, are equally susceptible to influence, and are equally capable of causing effects[69]. Yet the character of these influences and effects may be radically different. This insight is important for our question of identity, for it indicates that identities are not fixed and given in any essential sense, but are emergent within historical processes[70].

5. AGENCY AND ANIMACY

As we have noted above, the concept of agency was critical for postprocessual archaeologies in displacing prehistories populated by aimless drones who spent their lives reproducing their cultural traditions, or responding to environmental *stimuli*. However, this agency was often conceived as the sovereign property or capacity of an individual human subject. This is problematic enough, but when transferred to material things «object agency» became a kind of entelechy, a potency contained within the thing itself[71]. As Tim Ingold puts it, agency becomes a «magical mind dust» that empowers objects with volition[72]. Part of the problem here may be that we tend to conflate agency, as the capacity to bring about change in the world, with subjectivity, rationality, responsibility and autonomy[73]. But more significant is the reality that agency is always relational, confederate, and distributed. Even human beings — least of all human beings — are able to get things done in isolation, and agency is always the agency of an assemblage. It is not simply that artefacts are never autonomous agents: the notion of the autonomous agent is itself a modernist fiction, which does not apply to human beings either[74]. Qualifying the concept of agency in this way brings us to the question of animacy.

---

[66] RIBEIRO, 2019: 3.
[67] VAN DYKE, 2021: 5.
[68] BENNETT, 2005: 464.
[69] ALBERTI, 2016: 168; CRELLIN, 2021: 122.
[70] DELANDA, 2013: 39.
[71] RIBEIRO, 2019: 3.
[72] INGOLD, 2007: 17.
[73] BENNETT, 2005: 452.
[74] THOMAS, 2004: 139.

As Ingold notes, the conviction that non-organic materials are in some way «alive» was understood by previous generations of anthropologists as a kind of «fetish»[75], characteristic of an unsophisticated or unscientific mode of thought[76]. Again, the difficulty lies in imagining that life is a quality that is contained within an object, so that inanimate things are «possessed» by something like a spirit or an enchantment. The alternative is that we consider an animate lifeworld, within which life is a condition that precedes the division of the totality into separate organisms and entities[77]. In Gilbert Simondon's terms, life belongs to the domain of the pre-individual[78]. The world is animate because everything is constantly in motion, and continually falling into new configurations before collapsing again. It is the entire field of relations and materials that is continually in motion, and matter is not static but in a tumult of self-organisation, at various different speeds, so that any kind of «inanimacy» is an illusion[79]. Ingold describes this as a process of knotting and weaving, through which materials and organisms are unendingly bring each other into being[80].

If we imagine materials (stone, sand, earth, timber, metal) to be inert, then our presumption is that form must be imposed onto it from outside, often as an idea or template that issues out of the human mind. This opposition between form and matter is what Gilbert Simondon referred to as «hylomorphism»[81]. However, in an animate world, materials are understood as being metastable, always trembling on the edge of becoming something else, whether through decay, erosion, collapse or interaction. This is the sense in which things are self-organising, for they will always temporarily come to rest in some new configuration, before falling apart again. The process of making is therefore not an external imposition, but an intervention in the flows through which form emerges. Yet the matter from which forms are composed continues to move and flow, so that supposedly «finished» artefacts remain in process, and will ultimately devolve into versions of their constituent materials[82]. One consequence of this insight is that we need to dramatically re-think the notion of artefact biographies, for the lives of things are not composed of a series of re-locations of fixed and static objects. On the contrary, the materials from which artefacts are composed form a series of flows through time and space, meeting, entangling, meshing and falling apart[83]. The framework of «object itineraries» is an attempt to capture the way that rather than forming coherent, linear narratives,

[75] INGOLD, 2007: 17.
[76] DOMAŃSKA, 2018: 28.
[77] INGOLD, 2011: 68.
[78] BARTHÉLÉMY, 2012: 222.
[79] BRAIDOTTI, 2013: 56.
[80] INGOLD, 2015: 14.
[81] SAUVAGNARGUES, 2012: 57.
[82] JONES, DÍAZ-GUARDAMINO, 2019: 14.
[83] JOYCE, GILLESPIE, 2015: 5.

objects can break down into their constituent elements, and be recombined, or modified. Things do not simply pass from place to place or person to person, because they are themselves continually being transformed (worn, altered, repaired, amended, subjected to maintenance or updating). An object itinerary is therefore a spatialization of the process of assemblage[84]. It should be immediately apparent that the culture-historic model of objects «standing for» the identities of persons is woefully inadequate in the face of this degree of complexity. Equally, the view of material culture as an «extrasomatic means of adaptation» places it as an exteriority, positioned between humans and their environments, a clear-cut relationship that cannot really be sustained. Artefacts are not solid entities so much as movements or processes[85].

6. THINGS ARE NOT A RECORD

Since the time of Gordon Childe, it has been conventional to describe the totality of the residues that have been, or could potentially be investigated by archaeologists, and sometimes also the notebooks, photos, context sheets and drawings that they generate on site as «the archaeological record»[86]. In a series of publications, John Barrett[87] has comprehensively demonstrated an important flaw in this thinking. Such a «record» is understood as representing the detritus or waste matter that a human society leaves behind it, which faithfully records the behaviour of that community. As we have seen, Lewis Binford developed an altogether more sophisticated conception of the archaeological record, which demanded an «artefact physics» to explain the disposition and composition of material residues as a precursor to any inference about past behaviour. Barrett points out that archaeological materials are not simply a product or outcome of social life, since they constituted the physical settings that people inhabited, and the tangible resources that they drew on and employed in the conduct of everyday life. Taking this argument a step further on the basis of the discussion in this chapter, we might understand artefacts, buildings, tools and ornaments as integral elements of past societies, rather than a pale reflection of the otherwise absent presences of past people. But by contradistinction, Barrett's position is that archaeological evidence is composed of materials that sustained forms of life in the past, and provided the context for the emergence of various kinds of humanness[88]. Consequently, he is at pains to distinguish between organic life and inanimate things. Only the former are capable of the processes of self-making that involve the directed exploitation of energy sources found in the

[84] JOYCE, 2015: 22.
[85] INGOLD, 2015: 7.
[86] LUCAS, 2012.
[87] BARRETT, 1988, 2001.
[88] BARRETT, 2016: 1684.

environment[89]. The implication of this is that for Barrett the world of material things is an externality, within which agentive forms of life emerge and develop.

This distinction between life-forms and material conditions is in some ways comparable with those between organisms and environments, and objects and contexts. In each case, the arguments developing within posthumanism and the new materialisms question how far such categorical divisions can be sustained. For instance, thirty years ago, Tim Yates[90] pointed to some of the problems involved in developing a «contextual archaeology». Ian Hodder had defined context as the relevant dimensions of variation surrounding an object[91]. But in practice, on a complex archaeological site each artefact forms part of the context of each other object, and the distinction between the two ultimately breaks down. Everything is object, and everything is context. Further, Yates pointed out that what constitutes the context of an object (the pit in which it was found, the layer within the pit, the house within which the pit was located) is always to some extent arbitrarily defined by the archaeologist in the present, and need not correspond to the understandings of past people. For Yates, context is a kind of consoling trick that we play on ourselves to restrict the potentially limitless significations of things. We might now argue that context could be replaced by the concept of assemblage, which is an open set of connections rather than a closed (and bounded) container of things[92]. While a context is relatively static, an assemblage is always in process and in movement, endlessly reconfiguring itself. Most importantly, if a context is defined by the analyst, an assemblage is distinguished by its outcomes: it is what it does, identified through its effects and affects.

7. INORGANIC LIFE

The model of an animate lifeworld provides an alternative to the picture of active organisms surrounded by inert environments[93]. We have seen that although organisms are «alive», all things are caught up in the process of life. This radically transforms the way that we think of archaeological materials, since buildings, pots and stone tools are not the signifiers of past identities or the material supports of vanished forms of life, but were constituent elements of past societies. However, is there not still a fundamental distinction to be made between living and dead things? The position proposed here is that although it is very easy to distinguish between, say, a stone and a horse (in that the former is static and inorganic, while the latter is an organism that acquires energy from its environment, and is capable of movement to achieve its goals), in practice the things of the world

[89] BARRETT, 2018.
[90] YATES, 1990.
[91] HODDER, 1987: 5.
[92] ALBERTI, 2016: 167.
[93] INGOLD, 2015: 9.

form a continuous range of variation. Inorganic things are all (at some temporal scale) in motion, and capable of having effects, and there are significant «grey areas» between what is and what is not «alive». This does not mean that a stone is «the same as» a horse, but they occupy different positions on a continuum that does not readily break down into categorically different sets of things.

Non-organic entities can have dynamic properties, which sometimes explode into operation, bringing about various forms of morphogenesis[94]. Systems or assemblages like weather systems and computer viruses are «active» and bring about profound changes in the world, although we would not say that they are «alive»[95]. Sometimes, chemical systems composed of nucleic acids and enzymes can behave in extremely complex ways, approaching the kinds of behaviour associated with living systems[96]. Indeed, these may have been the immediate precursors of organic life, in distant prehistory. It is arguable that organic life emerged with the formation of enclosed systems contained within some form of membrane, creating both interiority and circulation[97]. However, scientists remain divided on the question of whether viruses constitute organisms, and whether they are really alive[98]. While the core of a virus is formed of a nucleic acid contained within a protein capsid, they are incapable of independent reproduction, depending on the metabolic and replication apparatus of a host cell. So, although the two ends of the continuum between the stone and the horse are very clearly distinct from each other, we could actually break the spectrum up in a number of different ways: geological, chemical and biological; plant and animal; vertebrate and invertebrate; conscious and unconscious; linguistic and non-linguistic; and so on.

8. CONCLUSION

The parallel development of archaeogenetics, posthumanism and new materialisms destabilizes the way that archaeology has periodically (and implicitly) resorted to what is fundamentally the nineteenth century model of past societies as bounded, internally homogeneous groups of people characterised by an enduring spirit or character that expresses itself through art and material culture. When conducted at a very large geographical scale, the analysis of ancient DNA sometimes conflates biological identity with artefactual assemblages or linguistic groupings. But it also possesses the potential to undermine naïve monothetic conceptions of identity. It is highly likely that a given human group would look very different depending on whether we choose to define it on the basis of kin relations, mode of dress, place of birth, language use, artefact use,

[94] DELANDA, 1992: 132.
[95] INGOLD, 2015: 55.
[96] DELANDA, 1992: 144.
[97] SAUVAGNARGUES, 2012: 67.
[98] BOYER *et al.*, 2010; MOREIRA, LÓPEZ-GARCÍA, 2009.

or how people would identify themselves verbally. The boundaries of human groups are therefore likely to be «fuzzy». But equally importantly, it may no longer be adequate to conceive of societies as being composed exclusively of intersubjective relationships between human beings. We have argued here that the social is composed of people, animals and things, which form continually emerging and changing compositions[99]. The elements that make up these aggregates have different temporal characteristics, persisting for different periods of time before dying, dissipating or being transformed, so that although there is continuity, the precise composition of the whole is endlessly being transformed. It may be that some of the material things within any social entity endure for longer periods than people or animals, securing the long-term durability of the whole[100].

The persistent spirit, character or essence of a society in the traditional model is, of course, its collective identity. It is this stable identity that was presumed to reveal and reflect itself in the material works of the community. Borders or boundaries in the distributions of artefact types were therefore the predictable outcome of the adjacent existence of multiple human groups in a geographical region, within a particular period. But the argument that has been pursued here is that we can no longer think of identity as a stable entity of any kind. Rather, identity is a process[101]. Identity is something that will be constantly emerging, and never completed. It follows from this that the extremities, perimeters, and overlaps of the distributions of artefact types encountered by archaeologists will need to be considered in more sensitive and imaginative ways than has often been the case in the past.

BIBLIOGRAPHY

ALBERTI, Benjamin (2016). *Archaeologies of ontology.* «Annual Reviews of Anthropology». 45, 163-179.

ANTHONY, David (1990). *Migration in archaeology: the baby and the bathwater.* «American Anthropologist». 92, 895-914.

BARRETT, John (1988). *Fields of discourse: reconstituting a social archaeology.* «Critique of Anthropology». 7, 5-16.

BARRETT, John (2001). *Agency, the duality of structure, and the problem of the archaeological record.* In HODDER, Ian, *ed. Archaeological Theory Today.* Cambridge: Polity Press, pp. 141-164.

BARRETT, John (2016). *The new antiquarianism?.* «Antiquity». 90, 1681-1686.

BARRETT, John (2018). *Evolutionary theories.* In LÓPEZ VARELA, Sandra L., *ed. The Encyclopaedia of Archaeological Sciences.* New York: Wiley. Online Library. DOI: https://doi.org/10.1002/9781119188230.saseas0234.

BARTHÉLÉMY, Jean-Hugues (2012). *Fifty key terms in the works of Gilbert Simondon.* In DE BOEVER, Arne *et al., eds. Gilbert Simondon: Being and Technology.* Edinburgh: Edinburgh University Press, pp. 203-231.

[99] DELANDA, 2006.
[100] JOYCE, GILLESPIE, 2015: 11.
[101] BRAIDOTTI, 2013: 25.

BENNETT, Jane (2005). *The agency of assemblages and the North American Blackout*. «Public Culture». 17, 445-465.
BENNETT, Jane (2010). *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things.* Durham: Duke University Press.
BERLIN, Isaiah (1999). *The Roots of Romanticism*. London: Pimlico.
BHASKAR, Roy (2008). *A Realist Theory of Science*. London: Routledge.
BINFORD, Lewis (1964). *A consideration of archaeological research design.* «American Antiquity». 29, 425-441.
BINFORD, Lewis (1983). *In Pursuit of the Past: Decoding the Archaeological Record.* Berkeley: University of California.
BOOTH, Tom (2019). *A stranger in a strange land: a perspective on archaeological responses to the palaeogenetic revolution*. «World Archaeology». 51, 586-601.
BOYER, Mickaël *et al.* (2010). *Phylogenetic and phyletic studies of informational genes in genomes highlight existence of a 4th domain of life including giant viruses*. «PLoS ONE». 5:12, e15530.
BRAIDOTTI, Rosi (2013). *The Posthuman*. Cambridge: Polity Press.
BRÜCK, Joanna (2019). *Personifying Prehistory: Relational ontologies in Bronze Age Britain and Ireland.* Oxford: Oxford University Press.
BROWN, Bill (2001). *Thing theory.* «Critical Inquiry». 28, 1-22.
BRYANT, Levin; SRNICEK, Nick; HARMAN, Graham (2011). *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*. Melbourne: re:press.
CANTOR, Paul (1993). *Romanticism and technology: Satanic Verses and satanic mills*. In MELZER, Arthur; WEINBERGER, Jerry; ZINMAN, Richard, *eds. Technology in the Western Political Tradition*. Ithaca: Cornell University Press, pp. 109-128.
CARLIN, Neil (2020). *Haunted by the ghost of the Beaker folk?.* «The Biochemist». 42, 30-33.
CHARLTON, Sophy; BOOTH, Thomas; BARNES, Ian (2019). *The problem with petrous? A consideration of the potential biases in the utilization of pars petrosa for ancient DNA analysis.* «World Archaeology». 51, 574-585.
CHEN, Mel (2012). *Animacies: Biopolitics, Racial Mattering, and Queer Affect*. Durham: Duke University Press.
CHILDE, Vere (1956). *Piecing Together the Past: The Interpretation of Archeological Data*. London: Routledge and Kegan Paul.
COOLE, Diana; FROST, Samantha (2010). *New Materialisms: Ontology, Agency and Politics*. Durham: Duke University Press.
CRELLIN, Rachel (2020). *Change and Archaeology.* London: Routledge.
CRELLIN, Rachel (2021). *Posthumanist power.* In CRELLIN, Rachel *et al.*, *eds. Archaeological Theory in Dialogue.* London: Routledge, pp. 115-132.
CRELLIN, Rachel; HARRIS, Oliver (2020). *Beyond binaries. Interrogating ancient DNA*. «Archaeological Dialogues». 27, 37-56.
DELANDA, Manuel (1992). *Nonorganic Life.* In CRARY, Jonathan; SANFORD, Kwinter, *eds. Incorporations.* New York: Zone, pp. 128-167.
DELANDA, Manuel (2006). *A New Theory of Society: Assemblage Theory and Social Complexity*. London: Continuum.
DELANDA, Manuel (2013). *Intensive Science and Virtual Philosophy*. London: Bloomsbury.
DELANDA, Manuel (2016). *Assemblage Theory.* Edinburgh: Edinburgh University Press.
DOMAŃSKA, Ewa (2006). *The return to things.* «Archaeologia Polona». 44, 171-185.
DOMAŃSKA, Ewa (2018). *Is this stone alive? Prefiguring the future role of archaeology*. «Norwegian Archaeological Review». 51, 22-35.

EISENMANN, Stefanie *et al*. (2018). *Reconciling material cultures in archaeology with genetic data: The nomenclature of clusters emerging from archaeogenomic analysis*. «Scientific Reports». 8, 13 003.

FLANNERY, Kent (1967). *Culture history vs. culture process: a debate in American archaeology*. «Scientific American». 217, 119-124.

FURHOLT, Martin (2018). *Massive migrations? The impact of recent aDNA studies on our view of third millennium Europe.* «European Journal of Archaeology». 21, 159-191.

FURHOLT, Martin (2021). *Mobility and social change: understanding the European Neolithic period after the archaeogenetic revolution*. «Journal of Archaeological Research». 29, 481-535.

GELL, Alfred (1998). *Art and Agency: An Anthropological Theory.* Oxford: Oxford University Press.

GOSDEN, Chris; MARSHALL, Yvonne (1999). *The Cultural Biography of Objects.* «World Archaeology». 31, 169-178.

GRANT, Madison (1916). *The Passing of the Great Race, or The Racial Basis of European History.* New York: Scribner's.

HAKENBECK, Susanne (2019). *Genetics, archaeology and the far right*. «World Archaeology». 51, 517-527.

HEIDEGGER, Martin (1993). *Letter on humanism.* In KRELL, David Farrell, *ed. Martin Heidegger: Basic Writings,* 2nd edition. London: Routledge, pp. 213-265.

HODDER, Ian (1978). *Social organisation and human interaction: the development of some tentative hypotheses in terms of material culture*. In HODDER, Ian, *ed. The Spatial Organisation of Culture.* London: Duckworth, pp. 199-269.

HODDER, Ian (1987). *The contextual analysis of symbolic meanings*. In HODDER, Ian, *ed. The Archaeology of Contextual Meanings*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-10.

HODDER, Ian (1992). *Symbolism, meaning and context*. In HODDER, Ian, *ed. Theory and Practice in Archaeology*. London: Routledge, pp. 11-23.

HOLBRAAD, Martin; PEDERSEN, Morten Axel (2017). *The Ontological Turn: An Anthropological Exposition.* Cambridge: Cambridge University Press.

INGOLD, Tim (2007). *Materials against materiality.* «Archaeological Dialogues». 14, 1-16.

INGOLD, Tim (2011). *Being Alive: Essay in Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge.

INGOLD, Tim (2015). *The Life of Lines*. London: Routledge.

ION, Alexandra (2019). *Who are we as historical beings? Shaping identities in the light of the archaeogenetics «revolution»*. «Journal of Swedish Archaeology». 27, 11-36.

JOHNSON, Mathew (1989). *Conceptions of agency in archaeological interpretation.* «Journal of Anthropological Archaeology». 8, 189-211.

JOHNSON, Mathew (2011). *On the nature of empiricism in archaeology.* «Journal of the Royal Anthropological Institute». 17, 764-787.

JONES, Andrew; BOIVIN, Nicole (2010). *The malice of inanimate objects: Material agency.* In BEAUDRY, Mary; HICKS, Dan, *eds. Oxford Handbook of Material Culture Studies.* Oxford: Oxford University Press, pp. 333-351.

JONES, Andrew; DÍAZ-GUARDAMINO, Marta (2019). *Making a Mark: Image and Process in Neolithic Britain and Ireland*. Oxford: Oxbow Books.

JOYCE, Rosemary (2015). *Things in motion: itineraries of Ulua marble vases*. In JOYCE, Rosemary; GILLESPIE, Susan, *eds. Things in Motion: Object Itineraries in Anthropological Practice*. Santa Fe: SAR Press, pp. 21-38.

JOYCE, Rosemary; GILLESPIE, Susan (2015). *Making things out of objects that move*. In JOYCE, Rosemary; GILLESPIE, Susan, *eds. Things in Motion: Object Itineraries in Anthropological Practice.* Santa Fe: SAR Press, pp. 3-20.

KEHOE, Alice (1998). *The Land of Prehistory: A Critical History of American Archaeology*. London: Routledge.

KING, Roy; UNDERHILL, Peter (2002). *Congruent distribution of Neolithic painted pottery and ceramic figurines and Y-chromosome lineages*. «Antiquity». 76, 707-774.

KRISTIANSEN, Kristian (2014). *Towards a new paradigm? The third science revolution and its possible consequences for archaeology*. «Current Swedish Archaeology». 22, 11-34.

LATOUR, Bruno (2005). *Reassembling the Social — An Introduction to Actor-Network-Theory.* Oxford: Oxford University Press.

LEWIS-KRAUS, Gideon (2019). *Is ancient DNA research revealing new truths — or falling into old traps?*. «New York Times Magazine». (17 jan. 2019) [Consult. 13 aug. 2020]. Available in https://www.nytimes.com/2019/01/17/magazine/ancient-dna-paleogenomics.html.

LINDERHOLM, Anna (2016). *Ancient DNA: the next generation — chapter and verse*. «Biological Journal of the Linnaean Society». 117, 150-160.

LUBBOCK, John (1865). *Pre-historic Times as Illustrated by Ancient Remains, and the Manners and Customs of Modern Savages.* London: Williams and Norgate.

LUCAS, Gavin (2012). *Understanding the Archaeological Record.* Cambridge: Cambridge University Press.

MACEACHERN, Scott (2013). *Genetics and archaeology*. In MITCHELL, Peter; LANE, Paul, *eds*. *The Oxford Handbook of African Archaeology.* Oxford: Oxford University Press, pp. 65-76.

MEILLASSOUX, Quentin (2009). *After Finitude: An Essay on the Necessity of Contingency*. London: Continuum.

MILLER, Daniel (1987). *Material Culture and Mass Consumption*. Oxford: Blackwell.

MOREIRA, David; LÓPEZ-GARCÍA, Purificación (2009). *Ten reasons to exclude viruses from the tree of life*. «National Reviews of Microbiology». 7, 306-311.

OLSEN, Bjørnar (2010). *In Defense of Things: Archaeology and the Ontology of Objects*. Plymouth: Altamira.

PATRIK, Linda (1985). *Is there an archaeological record?.* In SCHIFFER, Michael, *ed*. *Advances in Archaeological Method and Theory*. New York: Academic Press, vol. 8, pp. 27-62.

REICH, David (2018). *Who We Are and How We Got Here: Ancient DNA and the New Science of the Human Past*. Oxford: Oxford University Press.

RIBEIRO, Artur (2019). *Against object agency 2. Continuing the discussion with Sørensen*. «Archaeological Dialogues». 26, 1-6.

SAUVAGNARGUES, Anne (2012). *Crystals and membranes: individuation and temporality.* In DE BOEVER, Arne *et al*., *eds*. *Gilbert Simondon: Being and Technology*. Edinburgh University Press, pp. 57-70.

SAXE, Arthur (1970). *Social Dimensions of Mortuary Practices*. Ann Arbor: University of Michigan. PhD Thesis.

SHERRATT, Andrew (1993). *The relativity of theory*. In YOFFEE, Norman; SHERRATT, Andrew, *eds*. *Archaeological Theory: Who Sets the Agenda?*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 119-130.

SERRES, Michel (1997). *Genesis.* Ann Arbor: University of Michigan.

SØRENSEN, Tim (2017). *The two cultures and a world apart: archaeology and science at a new crossroads*. «Norwegian Archaeological Review». 50, 101-115.

THOMAS, Julian (2004). *Archaeology and Modernity*. London: Routledge.

THOMAS, Julian (2015). *The future of archaeological theory.* «Antiquity». 89, 1287-1296.

TRIGGER, Bruce (1984). *Alternative archaeologies: nationalist, colonialist, imperialist*. «Man». 19, 355-370.

TRIGGER, Bruce (1996). *A History of Archaeological Thought.* Cambridge: Cambridge University Press.

VANDER LINDEN, Marc (2016). *Population history in third-millennium-BC Europe: assessing the contribution of genetics*. «World Archaeology». 48, 714-728.

VAN DYKE, Ruth (2021). *Ethics, not objects.* «Cambridge Archaeological Journal». 31, 1-7.

VOUTSAKI, Sofia (2002). *The «Greekness» of Greek prehistory: an investigation of the debate, 1876-1900*. «Pharos». 10, 106-122.

WILSON, Daniel (1862). *Prehistoric Man: Researches into the Origin of Civilisation in the Old and New World*. London: MacMillan.

WOBST, Martin (1977). *Stylistic behavior and information exchange*. In CLELAND, Charles, *ed*. *For the Director: Research Essays in Honor of James B. Griffin*. Ann Arbor: University of Michigan, pp. 317-342. («Anthropological Papers»; 61).

YATES, Tim (1990). *Archaeology through the looking glass*. In BAPTY, Ian; YATES, Tim, *eds*. *Archaeology After Structuralism*. London: Routledge, pp. 154-202.

II

CONFRONTANDO PROCESSOS HISTÓRICOS ENTRE REGIÕES

THE BORDERLAND OF THE BEIRA (CENTRAL PORTUGAL) AROUND THE II-I MILLENNIA BC. MATERIAL AND IMAGINED REPRESENTATIONS, VANGUARDS AND REARGUARDS IN A PERPETUAL MOTION*

RAQUEL VILAÇA**

Abstract: *It has been twenty years since the author published the synthesis in which it was first argued the existence of cultural hybridization processes during the Chalcolithic and Late Bronze Age. Further papers have reapproached the issue, solidifying the argumentation, through either the study of new empirical data or the application of ground-breaking and distinct methods. This data generated the idea of a patchwork-like world during the regional Pre and Protohistory. A world of undefinable, or vaguely perceptible, borders. These borders are fluid, highly permeable and always imagined. They might not have even existed. Meanwhile, the chronological scale has been amplified by more recent data which validates the need for a new assessment in terms of the convergence of the evidence with the previously defended thesis, by means of reinforcing it, or if, on the contrary, such data points out its inevitable revision. This exercise is explored in the present text.*

Keywords: *Beira Interior (Central Portugal); Bronze Age/Iron Age; Ceramics; Cultural hybridization; Borders/frontierisation*.

Resumo: *Vinte anos passaram desde a publicação da primeira síntese em que a autora defendeu, para a Beira Interior, a existência de processos de hibridez cultural durante o Calcolítico e o Bronze Final. Em textos posteriores, o assunto foi aprofundado, e a argumentação consolidou-se com o estudo de novas evidências empíricas e o cruzamento de distintas metodologias. Essas evidências permitiram criar a ideia de um mundo marchetado durante a Pré- e Proto-história daquela região, um mundo de fronteiras indefiníveis, ou só vagamente percetíveis. São fronteiras fluídas, de elevada permeabilidade, e sempre imaginadas. No limite, podem não existir. Entretanto, dados mais recentes, alguns só parcialmente publicados, que ampliaram também a escala cronológica, legitimam um novo inquérito no sentido de avaliar se tais evidências são convergentes com a tese então defendida, reforçando-a, ou se, pelo contrário, apontam para a conveniência da sua revisão. É esse exercício que se explora neste texto.*

Palavras-chave: *Beira Interior; Idade do Bronze/Idade do Ferro; Cerâmicas; Hibridização cultural; Fronteiras/fronteirização*.

1. STARTING POINT AND SOME THOUGHTS

The Organizing Committee[1] of the International Conference *Breaking borders, crossing territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of Iberian Peninsula* didn't make the job of its partakers any easier (or did it?), in the

* If the copyright for tables, graphs and other images is not indicated, it belongs to the author of this text.

** Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra, Archaeology Institute, CEAACP. Email: rvilaca@fl.uc.pt.

[1] I would like to thank Maria de Jesus Sanches, Ana Vale, Helena Barbosa and Joana Castro Teixeira for inviting me to partake in this conference with the talk this text relates to.

sense that there was no concrete guidance as to what kind of borders to focus on. And it hardly could be any more precise, were it not for the plurality of layouts inherent to the concept, layouts that intersect each other and, in some cases, even transcend their own boundaries. The concept in itself has a very rich semantic meaning, with its path being conceptualized differentially according to the different social sciences, which is why it can be applied in different domains with various challenges to its approach.

Here we chose to make a set of observations, that easily surpass this text, taking the prestige ceramics of Beira Interior of the II and I millennia BC as our case study simply due to space limitations, without disregarding other cultural markers. Those are defined by the underlying expertise of their manufactures and decorative techniques, in addition to their scarcity in all observed contexts. We use the concept of border as a synonym of the concept of limit, even though both can have slightly different interpretations.

As it is well acknowledged by the Organizing Committee, the concept of border encompasses not only the politic and administrative factor, but also the traditional approach to producing knowledge concerning Pre and Protohistory, highly conditioned by the former, and with limiting consequences in terms of overview. Reflecting this reality is, as they pointed out, the study of common archaeographic entities and categories, i. e., «Portuguese» and «Spanish», which are frequently treated separately. While this observation seems to make sense, it should also be noted, without any kind of nationalist haughtiness, that the Portuguese research hasn't spared efforts in the sense of surpassing said rooted practice of bilateral tendency and common responsibility. This conference is the most recent expression of such effort.

But the question of borders can equally be asked in methodological terms when analysing these archaeographic categories, whether they be cross-bordered or not. The separate study (thus, with borders) and thorough of each one of these entities — fixed and mobile, artefactual and built —, that constitute the raw material of the «factory» of the researcher-archaeologist, is absolutely necessary. That atomized analysis allows for an in-dept dissection of the characteristics of each one, for example when we study a particular type of ceramics or architecture, but impoverishes the indispensable overview, that we could call molecular. It is this aggregating perspective, without borders, which consents the establishment of links, defining its potential combinations, peering possible meanings. This heuristic process pursues the art of the encounter between independent, but not isolated, entities and the indispensable lines with which they were sewed — with which we sewed them —, that give them consistent weaving, even if malleable.

Transporting these considerations to a closer field from the one that the conference also pretends to focus on, the notion of border carries with it the notion of territory and the construction of territories implies the need of creating boundaries, physical or symbolic contours, or in other words, there aren't borders without territorial identities. And those identities only exist if and when they are placed in relation with «others»,

with other identities. How to define them, how to express them? Which are the ways of materializing and representing them when talking of nonliterate societies? This is one of the biggest challenges we face.

The difficulty level is diverse and is established promptly at the starting point.

If we look for predefined cultural groups with stable outlines, geographically framed and moulded by a sum of items that specify themselves concerning the settlement systems, the funerary practices, the socio-political and economic organization, the types of materials, the beliefs and even the values, and if we attribute them a name, we go through the easiest path to finding cultural identities, delimiting them with borders and mapping them. In contrast to such idea, which reclaims independent groups with geographical profiles, based on materialities as cultural identity markers, at times even as carriers of ethnic roots, assuming their representation through a so-called *linear-border* (Figs. 1A and B)[2], we chose to value as an alternative approach one that aims to understand, instead of cultural or ethnic discrete groups, cultural dynamics, with their internal tensions and conflicts, with their interactions and mobilities. These cannot have a representation because they are open.

Another problem is the importance, and indispensability, of cartography in the archaeological thinking. Even though the maps of data distribution are flawed, since they are always incomplete and deformed, captive of the visibility degree and of the data conservation, of the advance and rectification of knowledge, these maps are nonetheless tools which help approaching the differentiation of concentration areas, scattered places, voids and undefined areas. And as the mapping of regular places and materials is, or could be, different from the prestigious goods and places, and because the distribution of both could still be divergent from the domain of the ideological realm, in itself identitary, the borders could be traced there with limits that do not necessarily overlap.

Thus, areas are sketched with point clouds, with aligned points, without points, therefore of heterogenous density. The nuance of this dotting has been equally used as a motto for creating cultural models with nuclear zones (the denser areas), contact zones (the more faded areas), and also the so-called exterior areas (Fig. 1C)[3]. In this exercise it is possible to glimpse fluxes between regions, exchange of goods and of raw materials, while also being able to outline areas of territorial differentiation translatable in *stylistic-borders*, but to go even further when exploring the borders of nonliterate, non-state, societies could result in a high-risk exercise, or even one with imagined representations.

In addition, the nature of borders has repercussions in the way they are (or could be) perceived and marked. Physical or natural, conceptual, emotional and cultural, they offer levels of visibility tremendously variable, to us and to those we study.

---

[2] SENNA-MARTINEZ *et al*., 2011: 412-413, Figs. 1, 2; SILVA, 2005: II, Map 7.

[3] ABARQUERO MORAS, 2005: Fig. 20; 2012.

The tracing of the border is done in a linear way, with a wall separating the ones on the inside from the ones on the outside, inviting transgression or imposing respect, and therefore being made on the limbo of stability. It is done with the course of the river, which can fluctuate, overflowing its bed, deviating it or cancelling it according to its flow and, in the same way, the border will vary; but there are also «rivers that unite»[4], connecting its banks, besides being big axes of mobility. It is done with the skyline scratched over the mountain massif, even if with mutations due to daylight and the seasons, cloud height and mistiness.

In some cases, the natural borders are reinforced with anthropic markers. In that sense we have, for example, the case of the mountain ridge of Serra do Ralo (Celorico da Beira), of high impact on the landscape (Fig. 2A), and the two stelae found there, near each other, stelae differentiated both conceptually and chronologically, which grant temporal thickness to the site (Figs. 2B and C). Structuring itself as a border in a linear horizon by constituting a natural border, the Serra could have defined territories from neighbour communities[5]. Neighbour, yet not apart, inasmuch as the two stelae would simultaneously point out a place of reference for the communities, i. e., with a «sense of place»[6], while transforming it in a *place-border*. The borders can also (re)unite.

The conceptual borders defined by a group or a set of groups that self-recognize as an identity differentiated from others (from the socioeconomic to the politic domain, from the ideologic to the material, or with all of this incorporated), i. e., with a consciousness and a feeling of belonging (with an *ethnos*), are hardly ever seized when there are no texts or protagonists to communicate with. That consciousness didn't need to express itself physically (v. g., with types of artefacts, ways of building), just like the same materialities could be assimilated by different groups, groups that would look for their differences through other intangible elements (such as deities, action conducts or values). Ethnoarchaeology highlights multiple examples[7] which could be taken as «inspirational», but not as direct elements of comparison between the past and the present.

And even when the texts *do* exist, the dangers remain. This difficulty shows, for instance, through the dissonant and unsolvable proposals made by some researchers — following to a large extent, the inspiring and pristine works of Jorge de Alarcão, who surpassed himself with renewed argumentation[8] — in an effort to fixate in sub-regions with defined borders the various *populi* of Beira Interior mentioned by roman written sources and identified as Lusitanians (Fig. 1B).

[4] RIBEIRO, 1986: 141.
[5] VILAÇA, SANTOS, GOMES, 2011: 309-310.
[6] FELD, BASSO, 1996: 11.
[7] v. g., HODDER, 1982.
[8] v. g., ALARCÃO, 2001, 2005.

However, that same difficulty, besides arising from the preconception that a border should not be seen as a static entity, rather as oscillating in regard to the processes of interaction between communities[9], comes from another potential factor which we now take into consideration: the hypothesis of the territorial limits of each group not having to touch each other, even if we admit a certain stability. On the contrary, we should admit the existence of social devices of self-regulation by (and between) neighbour groups, devices that would create faded and neutral areas, meaning, no-man's land(s). The border of one would not have to coincide with the border of another, and thus the border can unfold into a frontline (vanguard) and a backline (rearguard). Therefore, this territorial «cushion» would restrain tensions, although without terminating them, whilst providing conditions to the controlled development of the necessary (re)adjustments. It is precisely because of this, the contradictions and the dialectic inherent to human groups, their social reproduction, that we do not search for stable borders and neither for clearly outlined borders. With low or null occupation density, these areas of variable dimension, being neutral, transform themselves into what we can call *passage-way-borders*, permeable and with different scale fluxes, even if of reduced visibility to the researcher.

In short, any of the layouts listed here — and they were only a few —, from the most conventional of political-administrative scope, defined by a line, to the cultural, which can encapsule differences without being able to fix them, the border is always a construction, a simulation: the reality of a border is created by the meaning attributed to it[10]. In this sense, the limits which we establish and the meanings we give them do not have to be, of course, the same as the ones given by past entities — people, objects, spaces and ideas —, all together in (inter)action, where the borders are, once again, lost.

If we aim to understand the social dynamics, then maybe it would be wise to reason not in function of borders, but of «frontierisation processes» in a sociological sense[11]. Both are open by their very nature, not allowing for their confinement on a map or on whatever profile could be traced by a list of items. These are ever shifting processes, reconfigurable, in a perpetual motion.

2. A THESIS AND ITS FOUNDATIONS

It has been twenty years since the publication of the first synthesis proposing the existence of convergence and cultural hybridization processes in Beira Interior during the Chalcolithic and the Final Bronze Age[12]. Later publications return to this subject, developing it

[9] VILAÇA, 2004: 52.
[10] HOUTUM, 2011: 50.
[11] CARDIN, ALBUQUERQUE, 2018: 123.
[12] VILAÇA, 2000: 174, 178.

further[13], additionally suggesting that this borderland between the Douro and the Tagus rivers was a region of high permeability and cultural transgressions, or in other words, that in it many «Beiras» could be fitted, surpassing any geographical dimension and instilling a multifaceted feature: the «Atlantic Beira», the «Beira of Meseta», the «Beira of Extremadura», the «Mediterranean Beira». At the same time, it was proposed the long-term development of these cultural miscegenation phenomena, at least since the Chalcolithic[14]. But this perspective does not translate into a phenomenon of regular tendency over the III, II and I millennia BC, particularly with the insufficient data in a broad region with various voids that result in the disintegration of any narrative inscribed in linear time.

Nevertheless, the thesis, supported by multiple empiric evidence derived mainly from individual or collaborative projects, focused in particular on the end of the II millennium BC and the beginning of the following millennium. One of the conclusions we had already drawn was the confirmation of the absence of occupied continuity between the Middle Bronze Age and the Final Bronze Age, as well as between the latter and the Early Iron Age, at least at the more intensely explored central and meridional areas of Beira Interior[15]. It should be noted that this last consideration relates to the Early Iron Age and not to Iron Age as a whole. And, evidently, those remarks were conditioned by our knowledge at the time.

The question was then if, in the case of there having been a populational concentration with new centres of *habitat*, created or not from scratch, these settlements[16] had stayed in the same territories of those of the Final Bronze Age, or if new lands, places not previously valued, had been occupied[17]. In other words, it was pondered if the discontinuities in settlement occupation could also be accompanied by a break in the pattern of space occupation.

The problem arose also when it came to the definition of chronological frames, in the sense that archaeographic evidence for the Early Iron Age was unknown. Such indefiniteness was mitigated by resorting to the provisional concept of «Ancient Protohistory», applied to the situations evidently previous to V-IV centuries BC but not undeniably insertable on the Final Bronze Age, i. e., XII-IX centuries BC[18].

The questions this text aims to answer have to do with the reasons behind the persistence of the ideas expressed above, if that culturally multifaceted profile should be reinforced or reconsidered, if it is or not sustainable to separate a Final Bronze Age from

[13] VILAÇA, 2005: 21-22; 2013a: 213-215.
[14] VILAÇA, 2008a: 165-168.
[15] VILAÇA, 1995.
[16] Concept used in a generalist way and encompassing very distinct situations, corresponding only to places where people have lived.
[17] VILAÇA, 1995: 423.
[18] VILAÇA, 2000: 174, 176.

an Early Iron Age, if the Final Bronze Age emerges without explicit and direct links to its preceding phase, if ruptures or continuities prevail, be it specifically relating to inhabited places, or in terms of general settlement.

We start with the answers, which we present now, and argue them later.

Yes, the existence of Final Bronze Age sites seems to be able to maintain itself in a scenery without pre-existing occupation of those places, or, if there had been — as it was previously recognised —, they mediated many centuries of abandonment, meaning these occupations were not sequential. Not only we don't know of any unmistakable data that would change this panorama, but also an identical phenomenon seems to happen in north of Beira Interior, as a recent synthesis shows[19].

Yes, it is justifiable to talk of an Early Iron Age in this region, since there are empiric evidences to consider — see, in particular, the cases of Vila do Touro (Sabugal), Cabeço das Fráguas (Guarda) and Cachouça (Idanha-a-Nova) —, which means that provisional concept has expired or, in case it remains, be it only as a backup for dubious situations. This is one of the major grounds of the protohistory of Beira Interior. Examples include the «*peinadas*» ceramics of Vila do Touro (under study) and of Cachouça[20], or the wheel-turned manufactured pottery of orientalising matrix from the latter site[21], or the fibulae of type Alcores and type Bencarrón from the former site[22].

And yes, there are plenty of reasons to keep defending, and reinforcing, the idea that in Beira Interior there was the development of multifaceted social dynamics with transcultural and transregional openness, and in long diachrony, for which is now possible to deduce new elements that expand into Iron Age.

Before proceeding with the reasoning behind these answers, focused, as mentioned in the beginning, only in certain categories of ceramics, it is crucial to look at some natural traces of the region and of its individuality; it is crucial because we recognise their fundamental role in the processes of interaction, of «frontierisation», of the communities of the Beira, their inhabitants and those passing through.

The geostrategic features of Beira Interior and their characterization are already systematized in multiple works by the author[23], reason why we will only stress here some of the most prominent points: i) the positioning at the coastal/interior interface, between the Atlantic world, the continentality of the Meseta and, to south, the peninsular Mediterranean «front»; ii) the shared territories where the river basins of the major Iberic rivers (Douro and Tagus) almost touch on their way to the west Atlantic; iii) the crossed orientation between those fluvial axis — east/west — and their respective affluent rivers

[19] CARDOSO, 2014: 93.
[20] VILAÇA, 2007.
[21] VILAÇA, BASÍLIO, 2000.
[22] PONTE, VILAÇA, OSÓRIO, 2017.
[23] v. g., VILAÇA, 1995: 66-74; 2013a: 193-196.

— south/north and north/south; iv) the deep geomorphologic contrast, with *plateaus* and extensive plains, with mountain chains and mountains torn by natural passageways that converge into «circulation corridors»; v) the often emerging existence of isolated mountains shaped from granite, resulting in expressive reference points, frequently anthropized; vi) the diversity and complementarity of the resources from the mountain, from the forest, from the plain, from the rivers, providing food and building materials; vii) the peculiarity of the level of other strategic resources of transregional repercussions, in specific the main elements of the metallic minerals' palette, alluvial or not: mainly tin (v. g., Ribera da Gaia, Guarda and Upper Zêzere), copper (v. g., Quarta Feira, Sabugal, Vila Velha de Ródão), gold (v. g., Upper Zêzere, Erges, Águeda), lead (v. g., Almofala, Figueira de Castelo Rodrigo) and iron (v. g., Salvador, Penamacor).

These seven axes shape the layout of Beira Interior as a global region, in all its internal heterogeneity, whilst also resonating on the communities who inhabit there and their autonomy, as well as the people who move in various directions and, evidently, with highly variable intensity rhythms.

3. A PATH THROUGH THE CERAMICS

Let's ponder, then, the argumentative weigh of the answers mentioned above, supported by the ceramic evidence.

Even though the study of ceramics is extremely time-consuming, it is of unmistakable importance when it comes to understanding the production techniques, the storage practices, the habits of food preparation and consumption, the exchange networks of past communities, etc. On the other hand, the stylistic identities of certain pottery types reveal some differentiation on the ways they were made and conceptualized, the ways they expressed aesthetic sensibilities, how they marked identities and group strategies (v. g., age, gender, ethnicity levels), as well as certainly being able to reveal themselves to the researcher as important chrono-cultural markers.

The ongoing research combined with the knowledge produced since the last quarter of the twentieth century shows a pottery group of particular stylistic personality at Beira Interior, easily recognisable for their features, i. e., the symbiosis of form, of pastes, of decorative techniques and compositions, which allow for its overall textural, plastic, chromatic and visual expression. Employing the more widely used terms in the archaeological vocabulary, we list the following groups as the most expressive pottery types: «Cogeces or proto-Cogotas type», «Cogotas I type», «Lapa do Fumo type», «Baiões type», «Carambolo type», «*peinadas*» or «*a peine*» ceramics[24], wheeled-turned pottery of «orientalising» origin or inspiration.

[24] We chose to keep the Spanish term in order to distinguish this Iron Age pottery from the Chalcolithic «combed» pottery; in this way, we avoid the frequent misunderstandings caused by some authors mentioning combed pottery without proper illustration.

It's important to note that these categories are not representative of the pottery universe of the region in question; on the contrary, seeing as all of them, regardless of chronologies and of the nature of the origin sites, are always a minority, sometimes only residual, in their respective contexts. Their styles and their percentual record enable their classification as prestige ware, regardless of being local or imported productions, imitations or reinventions.

It's also clear, through a reading of the cartography, that they do not have a homogeneous nor random distribution. Some tendencies are verified whilst many empty spots flourish at the same time, whose meaning could and should be diverse. The data relates to the outcomes of what is known and studied, and what has been studied focuses mainly in three areas, already explained in the synthesis of 2005: the Lower Coa, including the plateau and mountain west area delimited by Távora river; the Guarda/Sabugal region, particularly the later; and the Castelo Branco platform[25]. Thus, while it could be premature to evaluate the full meaning of the big gaps documented in Middle Coa, in the area between Coa and Águeda rivers («invading» here the Spanish territory), or at the Upper Zêzere, for example, it remains indispensable to continue to deepen the interpretations developed until now, in order to consolidate or rectify them.

3.1. «Proto-Cogotas type» and «Cogotas I» type pottery

Very recently it was possible to broadly re-evaluate the «proto-Cogotas type» and the «Cogotas I type» pottery of Beira Interior, regarding the study of Caria Talaia site (Sabugal), with occupation dating from middle of the second half of the II millennium BC and where an expressive container of probable foreign origin was found (Fig. 3)[26].

It is important to note that the identification of a site like this, steep and overlooking the Coa river, with occupation dating from the transition of the Middle Bronze Age to the beginning of the Final Bronze Age, had never happen before at the Centre/South of Beira Interior. Therefore, we have to admit that one of the most expressive territorialisation processes of this region, well represented by the Final Bronze Age hilltop settlements of strong visual impact as referential and identitary markers of the communities[27], could in fact had originated some time before. Future research must seek other situations that would allow this idea to develop further.

The joint consideration of these two pottery types, with clearly different characteristics and chronologies, but with resilient stylistic traces, distended or reinvented over the course of the II millennium BC, is partly justified by the fragile properties of some of their contexts (many of the findings derived from prospection contexts), or by the lack

[25] VILAÇA, 2005: Fig.1.
[26] VILAÇA *et al*., 2020, with specific literature.
[27] v. g., VILAÇA, 2000: 171; VILAÇA, BAPTISTA, 2020: 26-28.

of published data, which do not always allow for the certainty needed in developing a more substantial assessment. In this way, we chose not to include all the information.

Its distribution counts with about twenty records (Fig. 4), portraying the considerations made on the penultimate paragraph and the knowledge of some of the provenance or deposition contexts demonstrates they are not bound to a specific site category. It is true that the sites considered as settlements stand out, broadly covering in its entirety the area between the Douro and the Tagus rivers, with distinct variability regarding the chronological, functional and geomorphologic levels, even if frequently emerging in summits and prominent sites — which, we must stress, are usually of strong visual impact.

It must be taken into account the specificity of their presence on sites known as «enclosures», limited to Beira Transmontana (Castelo Velho de Freixo de Numão and Castanheiro do Vento), in these particular cases intensely excavated and where the earliest samples of proto-Cogotas pottery can be found[28].

Lastly, it is worth noting the absence, to date, of sites with pits with this type of pottery, considered in both cases (sites and pottery) very peculiar in contexts of the Meseta. We would go so far as to call the situation of Beira Interior one of «false realities» because the explanation has to be associated with the circumstances and constraints of the findings (and those not found); in this regard, note as well the case of Picoto (Guarda), an Iron Age (VI-V centuries BC) site with pits, which would have hardly been identified were it not for the construction of the existing IP2[29].

Among the hilltop settlements with Cogotas I type pottery, i. e., from Final Bronze Age, is Vilar Maior (Sabugal) site, where the largest and most diverse group of this pottery type of Beira Interior was found (Fig. 5)[30]. And, for their geographic singularity, being south of Cordilheira Central, we should also point out the cases of Monte do Frade (Penamacor) and Moreirinha (Idanha-a-Novoa), where this type of pottery exists, even if residually[31]. New findings produced from ongoing research concerning the latter site will certainly originate other considerations.

To sum up, with this unavoidably brief revision of the matter it seems to be clear that throughout the course of the II millennium BC distinct communities, with socio-economic and ideologic contexts equally diverse, manipulated pottery with a common and persistent stylistic background, pottery considered favourable of emulation. This would have been the primary mechanism responsible for the similarities between distinct pottery groups of the II millennium BC of the Cogotas I scope, arising from the potters whose inspiration came from pottery prototypes of their own past, perceived

[28] CARNEIRO, 2011; PEREIRA, 1999.
[29] PERESTRELO, SANTOS, OSÓRIO, 2003.
[30] PERNADAS, OSÓRIO, VILAÇA, 2016.
[31] VILAÇA, 1995: 154-155, 158, 231-233, est. LXXXIX-5, CV-2, CCXXIII-3.

as ancestral realities[32]. This interpretation did not convey (not that it was needed) any unitary meaning from the cultural point of view[33]. Nevertheless, they portray what is there of more expressive concerning the Bronze Age materialities of the west part of the Meseta, the somewhat diffuse and far-reaching, but not random, way they stretch out throughout Beira Interior.

3.2. «Baiões type» pottery

Unlike the previous type, the «Baiões type» pottery first identified at Alegrios (Idanha-a--Nova) site never had a comprehensive analysis of the set found. In this case, it was possible to determine their very peculiar context, a natural shelter, certainly of ritual nature and where the use of fire seemed to have played an important part[34].

It is well known that these ceramics relates to a type strictly connected to the Central Beira and to one of the most impressive Final Bronze Age sites — Nossa Senhora da Guia de Baiões —, where its name derives from[35].

In terms of the decorative grammar, which counts with more than fifty patterns/compositions, it shares a conceptual and aesthetic matrix of geometric pattern (Fig. 6) with other contemporary pottery groups (v. g., «Lapa do Fumo type» and «Carambolo type» pottery), which is also replicated in bronze and gold[36]. However, it distances itself from those other types in terms of the technique used, that is, post-firing incision — although in some cases the incision is made on «crude» (pre-fired) paste, but only if on a phase of extreme dryness.

This technical peculiarity could suggest, at least as a theoretical hypothesis, that the production chain of this type of pottery could unfold not only into two sequential moments — manufacture and decoration —, but also into two-step moments with interludes distant and interrupted between themselves. That is to say, these ceramics could have been produced, manipulated and circulated without decoration, which would only occur at a later stage and in differentiated spaces, and even with other protagonists, i. e., with other stories. If not probable, at least possible, this distancing allows for a reading of this pottery type in a very particular way.

The records carried out in Beira Interior and their contexts (Fig. 7) further suggest three things: that its occurrence is very rare, that the number of vessels/fragments *per* site[37] is residual, that its distribution is more expressive around the oriental foothills of Serra da Estrela and south of Serra da Malcata. On the assumption that they should

[32] BLANCO GONZÁLEZ, 2015: 47.
[33] VILAÇA *et al*., 2020: 112.
[34] VILAÇA, 1995: 166; 2013a: 205, Fig. 10.
[35] Concerning this matter, see a recent synthesis: VILAÇA, 2020.
[36] VILAÇA, 2013a: 214; VILAÇA *et al*., 2018: 58.
[37] In the case of Cabeço das Fráguas there is no information available, only a general reference to its existence (SANTOS, SCHATTNER, 2010: 103).

translate links between the region in question, where they are most expressive, it is clear that we are facing different and opposite paths, which we associate to the «Cogotas I type» pottery.

3.3. «Carambolo type» pottery

Focusing now on the distribution of the «Carambolo type» pottery (Fig. 8), which is situated between the Final Bronze Age and the Early Iron Age according to good contexts and absolute dating[38], it is made clear that the record shows close numerical proximity as well as the same pattern of distribution of the «Baiões type» pottery in Beira Interior, as a remarkable of a coincidence as the fact that both types equally have different geographical and cultural roots (the former from Central Beira and the latter from Lower Guadalquivir).

The term used above refers to red-painted pottery which we recognise as a group not only with specificities regarding the type particular of the Lower Guadalquivir — for instance, the baroque and figurative decorations frequent of the Andalusian region are completely absent —, but also heterogeneous as a whole and in every context, which was particularly clear in the cases of Moreirinha and Vila do Touro (Fig. 9)[39].

Nevertheless, the group from Beira holds a transversal background, marked by the high quality of the manufactures, with regional pottery categories of low volumetric capacity, that only could have served as containers for small amounts of substances, in that sense, which would also be of rare and high social value, in line with the costs of manufacture. Similarly, the decoration granted a unique stylistic identity, entirely dominated by the red colour (of different shades) and linear geometric lines, even if some vessels exist with compact painting applied to their surfaces. In technical terms, a feature of high interest relates to recognizing that the painted decoration could overlap the pattern-burnished decoration, completely or partially covering it, and overall granting a range of interpretative possibilities that demand future attention[40]. One of those would be, hypothetically and in line with what was said regarding the «Baiões type» pottery, the potential presence of two distinct actors, disclosed by its decoration.

Without ruling out the possibility, rooted in its heterogeneity, of «Carambolo type» pottery from the Beira group having different origins, it is still important to consider the existence of probable local (re)creations inscribed in social practices of emulation by the communities concerning the conceptual-aesthetic innovations. Consequently, this opened a circulation corridor which, even if incorporating distinct and alternative paths, would all overlap in the same direction, from south to north, from the Mediterranean world to the mineral and metal nuclear area of the Beira.

[38] VILAÇA *et al*., 2018: 80-84.
[39] VILAÇA *et al*., 2018.
[40] VILAÇA *et al*., 2018: 72.

Other goods surely crossed the same path at the dawn of the I millennium BC, incorporating these flows between the Atlantic world — which is also that of Beira Interior — and the Mediterranean world, highlighting between them new resources, raw materials, products, technologies, styles (resorting to lost-wax casting), control systems (v. g., fibulae, tweezers, glass, iron, amber, ponderals)[41]. To these it should be added the peculiar technique of gilding metals with thermal diffusivity, identified on a gilded copper nail from Crasto of São Romão (Seia) and considered of Mediterranean origin[42]. In the latter case, since it relates not only to objects but also to a specific technique imported from the exterior, it should be considered the potential presence of foreign craftsmen, skilled in such technique, or of someone from the inside who saw how it was made abroad, insofar as if the objects can be emulated, the same cannot be said of the technique.

All of these and others that are still present, even if not tangible (v. g., combs, mirrors, helmets), through their depiction on stelae and statue-menhirs of the region and have metaphorically incorporated a «Mediterranean wave» which has swept and dissolved itself between the communities of the Beira, and beyond.

3.4. «Lapa do Fumo type» pottery

It is in this Centre/South region of Beira Interior that a fourth type of exceptional ware can be found, known as the pattern-burnished or «Lapa do Fumo type» pottery.

Besides being considered regional manufactures, particularly because they have far superior numbers in relation to the two types previously mentioned, among the researchers it is also generally accepted a strong connection of this type with the Lower Tagus region, with Alentejo, with the far west and the meridional region of the Iberic Peninsula[43]. However, the identification of two different variants — burnished grooves and burnished strips, in this case with a potential dichromatic effect —, variants which can be found on the same contexts, still express extremely different distribution tendencies[44]. As far as we know, and counting once again with the constraints of the data, this second variant gradually dissipates as we move north[45].

And, once again, the tendency for that division seems to come from the latitudes adjacent to the Cordilheira Central. This perception will have to be validated when the empiric evidences which support the attribution of multiple sites to the Final Bronze Age are better understood, namely in the north of Beira Interior. A recent work focused

[41] VILAÇA, 1995: 323, 352; 2008b; 2013b, with previous literature.
[42] FIGUEIREDO *et al*., 2010.
[43] v. g., OSÓRIO, 2013: 137-138; 2017, with references; VILAÇA, CARDOSO, 2017: 264-267.
[44] VILAÇA, 1995: 283-284, 297.
[45] Even without cartographic support, which we chose not to elaborate since these two variants are not recognized in all the literature, our personal knowledge of the ceramic universe of the Beira gives us some security regarding the statement made.

on this region does not account for burnish-decorated pottery in any of its variants and in any of the eight studied sites[46].

3.5. «*Peinadas*» or «*a peine*» ceramics

The «Lapa do Fumo type» pottery, which deserves many other considerations[47], disappears when another pottery type starts to circulate in Beira Interior, a type which brings us back to the Meseta. We are now speaking about the «*peinadas*» or «*a peine*» ceramics, which can be traced throughout Iron Age, at least since the VII century BC to the II century BC[48].

In fact, subjacent to this pottery type are extremely diverse realities, from the manual and the wheel-turned manufactures, to the existence of at least three categories distributed over a wide region, suggesting different workshops of stylistic proportions and with repercussions regarding the delimitation of borders, would it not have been for the consideration of this pottery type as an «ethnic portable marker»[49]. It remains to be seen if any of these subgroups of Meseta are mirrored in Beira Interior, or if it is recognisable on the latter a new subgroup.

In that sense, it is not the moment to dwell over the «*a peine*» ceramics of Beira Interior, since they lack a systematic and combined analysis that would challenge the material border of the artefacts against their contexts and other archaeological entities. At any rate, through a generic assessment it seems possible to identify ceramics of variable chronology, with extremely diverse shapes and manufactures, with clearly differentiated stylistic patterns, but with seemingly expressive stylistic proximities to the area of Salamanca (Fig. 10).

There are nine sites with reliable data, all on hilltops and all bound to habitational contexts[50]. We are currently working on some of them, namely on the data relating to the excavations of Vila do Touro and other sites on Sabugal, which already allows, in terms of distribution, the glimpse of a model that mimics the traces of «Cogotas I type» pottery: a scattered and extensive trace in Beira Interior, yet not random (Fig. 11).

As it is well known, several researchers have advocated for the idea that the «*a peine*» ceramics were a distinctive element between Vettones and Lusitanians[51]. It was even proposed that such boundary was along the Higher Coa, though diffusedly[52] or rigidly, turning the river into a border line, even if recognising on this case its fragility, be it in the roman or the pre-roman period[53].

---

[46] CARDOSO, 2014: 77, 79, Table 2.
[47] OSÓRIO, 2013.
[48] ÁLVAREZ SANCHÍS, 2010; 2018: 94.
[49] ÁLVAREZ SANCHÍS, 2010: 305-307, 310.
[50] COIXÃO, 2000; OSÓRIO, 2005; SOARES, 2019: 19; VILAÇA, 1995; 2007.
[51] v. g., ÁLVAREZ SANCHÍS, 2010.
[52] OSÓRIO, 2009: 103.
[53] CARVALHO, 2007: 72.

If we were to subscribe to this line of thought and considering the records known to date, we would have to say that the border between Vettones and Lusitanians did not only advance to west, surpassing the line of Coa river and reaching the territories to south, but also increased. And if we consider the Lusitanians as lacking exclusive materialities (v. g., pottery, weapons) of identitary reference[54], and rather expressing their identity on an ideological and religious level[55], then we are comparing groups that are not only different, but with extremely differentiated social strategies of affirmation. While one values the material culture through its pottery (and other markers, like the *verracos* or the large settlements of proto-urban nature) as a way of social cohesion; the other, equivalent to a «hidden ethnic group» in the archaeological record[56], seems to have made it secondary, which is not, however, necessarily a sign of socio-political lassitude.

4. IN RETROSPECTIVE

Overall and taking into consideration the ceramic record as an identity and contact marker that entails stylistic territories, two generic tendencies emerge.

One is the openness of Beira Interior to the west Meseta expressed in a «breath» extremely dilated in time, the most dilated and without many apparent ruptures since the first half of the II millennium to the middle of the I millennium BC, at the very least. The «proto-Cogotas», «Cogotas I» and «*a peine*» types represent the materialities of this connection, this frontierisation process. Territorially, this is also the most comprehensive movement, tearing Beira Interior's own internal borders (of different shades, considering that, to south, those are blurred) and breaking them in the north, beyond the Douro. Sites like Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)[57] or the site of Foz do Medal (Vale do Sabor)[58] contribute to the broadening of similar stylistic territories.

Another tendency reaffirms this cultural acceptance, extending and diversifying the links between Beira Interior and Beira Central, from the former to the Tagus, to the Extremadura and west Andalusia and, along those paths, to the Mediterranean world. This tentacular-like openness intensifies (without beginning) in the transition of the II to the I millennia BC and is particularly visible around and south of the mountain range of Cordilheira Central, where tin and copper resources are equally present. Thus, whereas the «Cogotas I type» pottery is manifested from north to south of the area in question, the «Baiões type», the «Lapa do Fumo type» and the «Carambolo type» seem to be more «selective» on their territorial distribution. But that is not all. These distinct categories

[54] VILAÇA, 2005: 21-22.
[55] ALARCÃO, 2001: 311 and following.
[56] HODDER, 1982: 187.
[57] LUÍS, 2013; REPREZAS, 2013, SENNA-MARTINEZ, on this book.
[58] GASPAR *et al.*, 2014.

while not systematic and simultaneously associated between them on a local level, still intertwine each other on a regional level (Fig. 12).

It is this second tendency that encompasses the first wheel-turned pottery of «orientalising» nature, for now limited to Cachouça[59]. Though a site by itself has little to add, it is still remarkable to note that this is the most southern and the closest to the edges of that peninsular world seasoned by the Mediterranean, inviting us, in that region, to an exercise of bifocal glance, from the Extremadura to the Lower Tagus, or vice-versa. Again, and once more, always looking past the borders of Beira Interior.

Although these two generic tendencies are recognised, neither can be dissociated from the emphasis placed by the communities on the domestic contexts, the house, the inhabited places, as centres of productive and sociable activities, as identitary references and territorial markers in the long diachrony examined in this text.

With other points of reference (v. g., metalwork, the stelae and their technique, the Coa weapons) it would be possible — it is possible — to recognise this multiculturality of Beira Interior, a mixed region, where borders can hardly be seen, even if expressive processes of frontierisation can be glimpsed, filtered by the agency power of the communities of the Beira and the «others», through time and through their perpetual motion[60].

ACKNOWLEDGEMENTS

To Marcos Osório, to José Luís Madeira and to Inês Soares, for their graphic assistance.

BIBLIOGRAPHY

ABARQUERO MORAS, Francisco Javier (2005). *Cogotas I. La difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce*. Castilla e Léon: Junta de Castilla e Léon. (Monografías en Castilla y Léon; 4).

ABARQUERO MORAS, Francisco Javier (2012). *Cogotas I más allá del território nuclear. Viajes, bodas, banquetes y regalos en la edad del bronce peninsular*. In RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio; FERNÁNDEZ MANZANO, Julio, *coord. Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica: Homenaje a M.ª Dolores Fernández-Posse*. Valladolid: Universidad de Valladolid, pp. 59-110.

ALARCÃO, Jorge (2001). *Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos).* «Revista Portuguesa de Arqueologia». 4:2, 293-349.

ALARCÃO, Jorge (2005). *Ainda sobre a localização dos povos, referidos na inscrição da ponte de Alcântara.* In PERESTRELO, Manuel Sabino, *coord. Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia, [2.as Jornadas do Património da Beira Interior].* Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 119-131.

ÁLVAREZ SANCHÍS, Jesús (2010). *La cerámica com decoración a peine: de «fóssil guía» a indicador de etnicidad*. In ROMERO CARNICERO, Fernando; SANZ MÍNGUEZ, Carlos, *eds. De la Región Vaccea a la Arqueología Vaceea*. Valladolid: Centro de Estudiis Vacceos «Frederico Wattenberg» de la Universidad de Valladolid, pp. 293-318.

[59] VILAÇA, BASÍLIO, 2000; VILAÇA, 2007.

[60] *Movimento Perpétuo (Perpetual Motion)*, tittle of the first work by the poet António Gedeão, alias of Rómulo de Carvalho (1956, Coimbra: Atlântida edition) and also of the first record (1971) of the extraordinary composer and guitar-player Carlos Paredes <https://www.youtube.com/watch?v=0sVryi7Nuf4>.

ÁLVAREZ SANCHÍS, Jesús (2018). *Cerámicas a peine y edad del hierro: una contribución a la etnicidad pretérita*. In ALARCÓN GARCÍA, Eva, *et al.*, *eds. Algo más que galbos y cacharros. Etnoarqueología y experimentación cerâmica.* MENGA. Monográfico 04. Junta de Andalucía. Concejaría de Cultura, pp. 91-98.

BLANCO GONZÁLEZ, Antonio (2015). *Emulación decorativa y cerámicas ancestrales. Posibles fuentes de inspiración de las alfareras meseteñas de la Edad del Bronce*. «Zephyrus». 76, 39-56.

CARDIN, Eric Gustavo; ALBUQUERQUE, José Lindomar (2018). *Fronteiras e deslocamentos.* «Revista Brasileira de Sociologia». 6:12, 114-131.

CARDOSO, João Muralha (2014). *A Idade do Bronze no Alto Douro Português: os discursos possíveis.* In LOPES, Susana Soares, *coord. A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: Centro de Pré-História/Instituto Politécnico de Tomar, pp. 67-110. (Antrope, Série Monográfica; 1).

CARNEIRO, Ângela (2011). *As cerâmicas do terceiro e segundo milénios a. C. de Castanheiro do Vento (Horta do Douro,* Vila Nova de Foz Côa). In RODRIGUES, Miguel Areosa; LIMA, Alexandra Cerveira; SANTOS, André Tomás, *coord. Actas do V Congresso de Arqueologia do Interior Norte e Centro de Portugal*. Porto: Caleidoscópio; Direção Regional de Cultura do Norte, pp. 187-218.

CARVALHO, Pedro C. (2007). *Cova da Beira. Ocupação e exploração do território na época romana*. Fundão: Câmara Municipal do Fundão; Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

CARVALHO, Pedro Sobral de (1989). *Roteiro Arqueológico do Concelho de Penedono*. Penedono: Câmara Municipal de Penedono.

COIXÃO, António Sá (2000). *A Ocupação Humana na Pré-história Recente na Região de Entre Côa e Távora*. Freixo de Numão: ACDR de Freixo de Numão.

FELD, Steven; BASSO, Keith H. (1996). *Introduction.* In FELD, Steven; BASSO, Keith H., *eds. Senses of Place*. Santa Fé: School of American research Advanced Seminar Series, pp. 3-11.

FIGUEIREDO, Elin *et al.* (2010). *Identification of ancient gilding technology and Late Bronze Age metallurgy by EDXRF, Micro-EDXRF, SEM-EDS and metallographic techniques.* «Microchimica Acta». 168, 283-291.

GASPAR, Rita *et al.* (2014). *Espaços para morte. O terraço da foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze*. «Estudos do Quaternário». 10, 59-72.

HODDER, Ian (1982). *Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture.* Cambridge: Cambridge University Press.

HOUTUM, Henk van (2011). *The mask of the border*. In WASTL-WALTER, Doris, *ed. The Ashgate Research Companion to Border Studies*. London: Ashgate, pp. 49-62.

LUÍS, Elsa (2013). *Dinâmicas de interacção cultural no bronze médio — a cerâmica decorada do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) como estudo de caso*. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, *coords. Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 573-579.

OSÓRIO, Ana Bica (2013). *Gestos e Materiais: uma abordagem interdisciplinar sobre cerâmicas com decorações brunidas do Bronze Final/I Idade do Ferro.* Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. PhD Thesis.

OSÓRIO, Ana Bica (2017). *A variabilidade das cerâmicas manuais com decorações brunidas do Bronze Final/I Idade do Ferro na Península Ibérica*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. (Monografias; 4).

OSÓRIO, Marcos (2005). *Contributos para o estudo do I milénio a. C. no Alto Côa*. In PERESTRELO, Manuel Sabino, *coord. Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia [2.as Jornadas do Património da Beira Interior]*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 35-65.

OSÓRIO, Marcos (2009). *A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas*. In SANABRIA MARCOS, Primitivo Javier, *ed. Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa — Alto Alentejo — Cáceres*. Cáceres: Museo de Cáceres, pp. 95-115. (Memorias; 9).

PEREIRA, Leonor Sousa (1999). *As cerâmicas «Cogeces» de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Master's Dissertation.

PERESTRELO, Manuel Sabino; SANTOS, André Tomás; OSÓRIO, Marcos (2003). *Estruturas em fossa no sítio do Picoto (Guarda, Portugal).* In ESPARZA ARROYO, Angel, *coord. Pré-actas do Encuentro de Jóvenes investigadores sobre Bronce Final y Hierro em la Península Ibérica*. Salamanca: Cátedra Condes de Barcelona; Fundación Duques de Soria, pp. 156-176.

PERNADAS, Paulo; OSÓRIO, Marcos; VILAÇA, Raquel (2016). *Cerâmicas de tipo Cogotas I de Vilar Maior (Sabugal, Portugal)*. In VILAÇA, Raquel, *coord. II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade de Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior; RvjEditores, pp. 189-200.

PONTE, Salete da; VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos (2017). *Duas fíbulas da I Idade do Ferro de Vila do Touro (Sabugal, Guarda)*. In CRUZ, Domingos J., *coord. Mesa-Redonda «A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro», [Estudos Pré-históricos XVII, 2012]*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 135-145.

REPREZAS, Jessica (2013). *Existe uma «I Idade do Ferro» em Trás-os-Montes Oriental? O exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros)*. «Cadernos Terras Quentes». 10, 123-128.

RIBEIRO, Orlando (1986). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

SANTOS, Maria João; SCHATTNER, Thomas G. (2010). *O Santuário do Cabeço das Fráguas através da arqueologia*. «Iberografias». 6, 89-108.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos *et al.* (2011). *Metallurgy and Society in «Baiões/Santa Luzia» Culture Group: results of the Metabronze Project*. In MARTINS, Carla *et al.*, *coords. Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental.* Braga: CITCEM, pp. 405-420.

SILVA, Ricardo Costeira da (2005). *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio a.C. na Beira Interior*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de mestrado.

SOARES, Inês (2019). *As escavações arqueológicas na encosta sul do Castelo (Sabugal). Ensaio aos espaços domésticos do I milénio a.C. nas margens do Côa.* «Sabucale». 10, 7-36.

VILAÇA, Raquel (1995). *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze.* Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. (Trabalhos de Arqueologia; 9).

VILAÇA, Raquel (2000). *Registos e leituras da Pré-história Recente e da Proto-história Antiga da Beira Interior*. In JORGE, Vítor Oliveira, *coord. Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, IV.* Porto: ADECAP, pp. 161-182.

VILAÇA, Raquel (2004). *O povoamento proto-histórico na periferia da Gardunha: balanço dos conhecimentos.* «Eburobriga». 1, 40-54.

VILAÇA, Raquel (2005). *Entre Douro e Tejo, por terras do interior: o I milénio a. C.* In PERESTRELO, Manuel Sabino *et al.*, *coords. Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia, 2.as Jornadas do Património da Beira Interior.* Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 13-32.

VILAÇA, Raquel (2007). *A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC*. In JORGE, Susana Oliveira *et al.*, *eds. A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica*, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro: Universidade do Algarve, pp. 67-75.

VILAÇA, Raquel (2008a). *The Chalcolithic in Beira Interior (Central Portugal): data and problems.* In BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*., *eds*. *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Península*. Oxford: BAR publishing, pp. 157-170. (BAR International Series; 1765).

VILAÇA, Raquel (2008b). *Reflexões em torno da presença mediterrânea no Centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro*. In CELESTINO PÉREZ, Sebastián *et al*., *eds*. *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII ANE): La Precolonización a debate.* Madrid: Escuela Española de Historia y Arqueología de Roma del CSIC, pp. 371-400.

VILAÇA, Raquel (2013a). *O povoamento da Beira Interior durante o Bronze Final: evidências, interação e simbolismos*. «Estudos Arqueológicos de Oeiras». 20, 191-220.

VILAÇA, Raquel (2013b). *Late Bronze Age: Mediterranean impacts in the Western End of the Iberian Peninsula (actions and reactions).* In EUGENIA AUBET, María; SUREDA TORRES, Pau, *coords*. *Interacción Social y Comércio en la Antesala del Colonialismo: Los Metales como Protagonistas.* Barcelona: Universidad Pompeu Fabra de Barcelona, pp. 13-30. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 21).

VILAÇA, Raquel (2020). *O Ocidente Peninsular de há 3000 anos num cruzamento de escalas. Itinerários de coisas e de pessoas*. «Estudos Arqueológicos de Oeiras». 27, 281-316.

VILAÇA, Raquel; BAPTISTA, Pedro (2020). *Reflexões sobre a mobilidade humana entre sociedades agrafas: natureza, escalas, sinais e campos de ação*. In VILAÇA, Raquel; AGUIAR, Rodrigo, *coords*. *Mobilidades na Pré-história. Pessoas, recursos, objetos, sítios e territórios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 15-49.

VILAÇA, Raquel; BASÍLIO, Lília (2000). *Contributo para a caracterização arqueológica da I Idade do Ferro da Beira Interior: cerâmicas a torno da Cachouça (Idanha-a-Nova)*. «Al-madan». II: 9, 39-47.

VILAÇA, Raquel; CARDOSO, João Luís (2017). *O Tejo português durante o Bronze Final.* In CELESTINO PÉREZ, Sebastián, *ed*. *Territórios comparados: Los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Mérida: CSIC, pp. 237-281.

VILAÇA, Raquel *et al.* (2018). *Cerâmicas pintadas de «tipo Carambolo» na Beira Interior (Centro de Portugal)*. «SPAL». 27:2, 55-88.

VILAÇA, Raquel *et al*. (2020). *A ocupação Pré-histórica do Cabeço de Caria Talaia (Sabugal, Portugal).* «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autonoma de Madrid». 46, 79-117.

VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; GOMES, Sofia Melo (2011). *As estelas de Pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geo-arqueológico.* In VILAÇA, Raquel, *coord*. *Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história, Actas das IV Jornadas Raianas*. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal; CEAUCP, pp. 293-318.

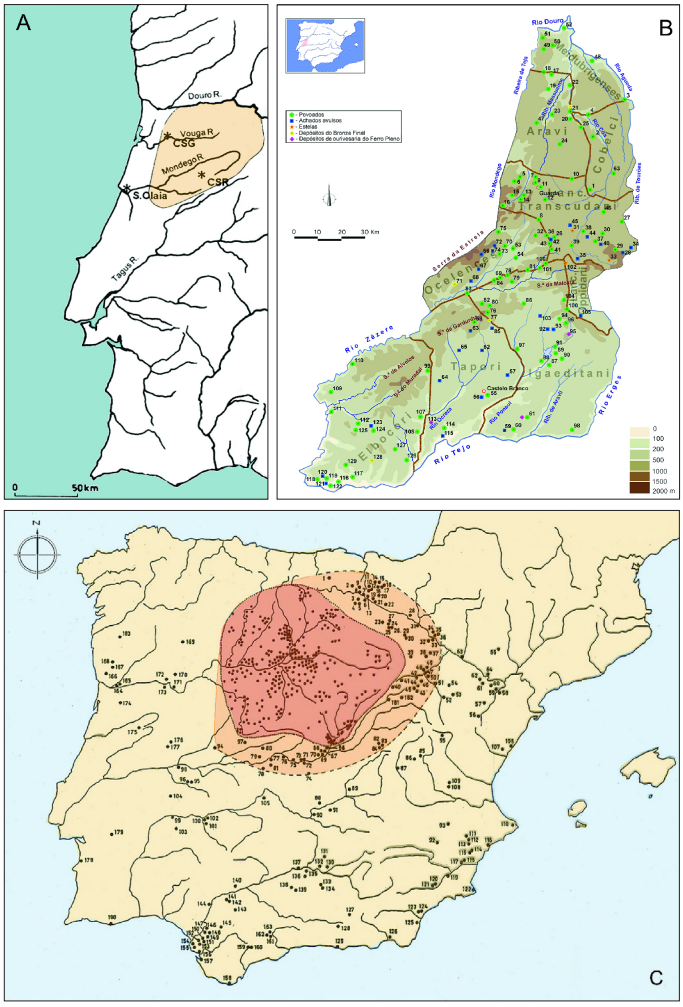


Fig. 1. A — Delimitation of the area of Baiões/ Santa Luzia Cultural Group (according to SENNA-MARTINEZ *et al.*, 2011, fig. 1, adapted). B — Location of Beira Interior's populi (according to Silva, 2005, map 7). C — Distribution of the ceramic findings related to Cogotas I. Nuclear Zone (red colour) and Contact Zone (dark yellow colour) (according to ABARQUERO MORAS, 2005: Fig. 20, adapted)

Fig. 2. A — Serra do Ralo (Celorico da Beira, approximate West/Southwest view), with the location of where the stelae were found; B and C — Stelae 1 and 2 of Pedra da Atalaia (pictures by Danilo Pavone)

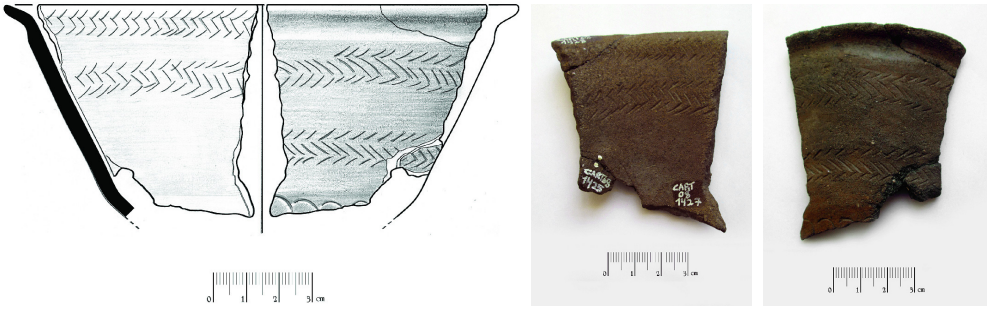


Fig. 3. Cogotas I type pottery vessel of Caria Talaia (Sabugal)

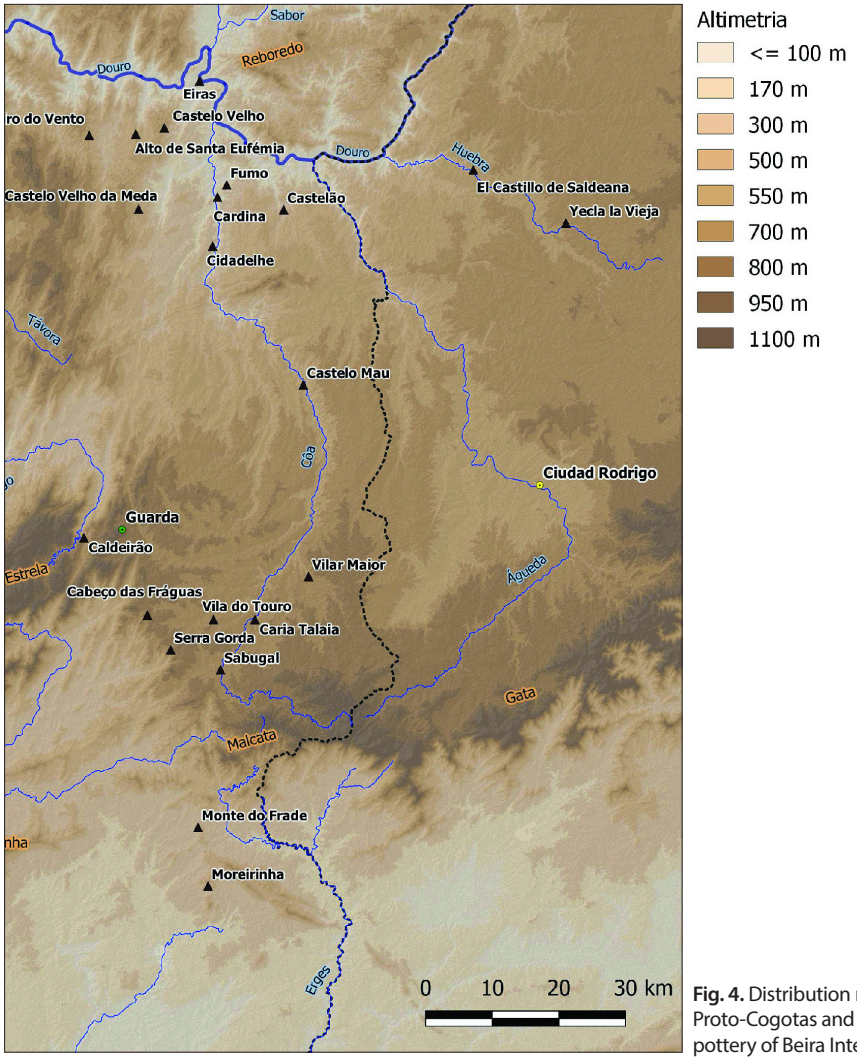


Fig. 4. Distribution map of Proto-Cogotas and Cogotas I type pottery of Beira Interior

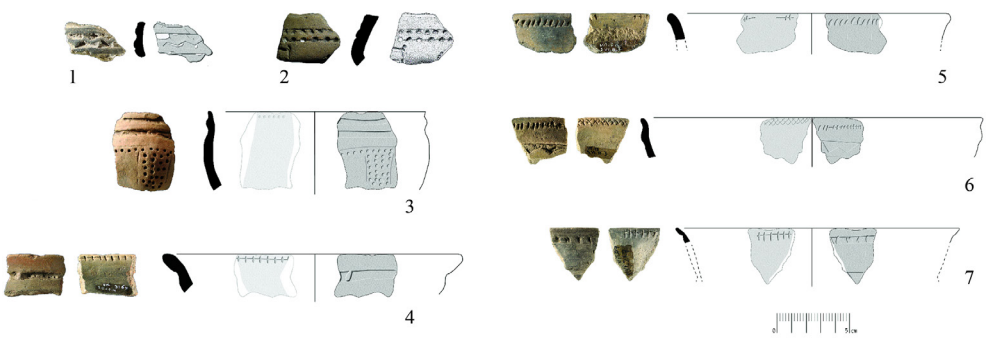


Fig. 5. Cogotas I type pottery of Vila Maior (Sabugal)

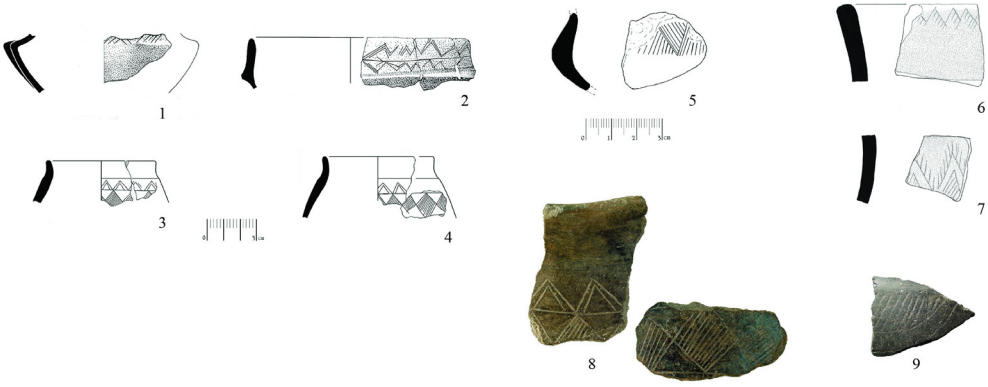


Fig. 6. Baiões type pottery of Beira Interior: 1 and 2 Cachouça (Idanha-a-Nova); 3, 4 and 8 Alegrios (Idanha-a-Nova); 5 Castelo Velho (Louriçal); 6 and 7 Monte Verão (Guarda); 9 Vilar Maior (Sabugal)

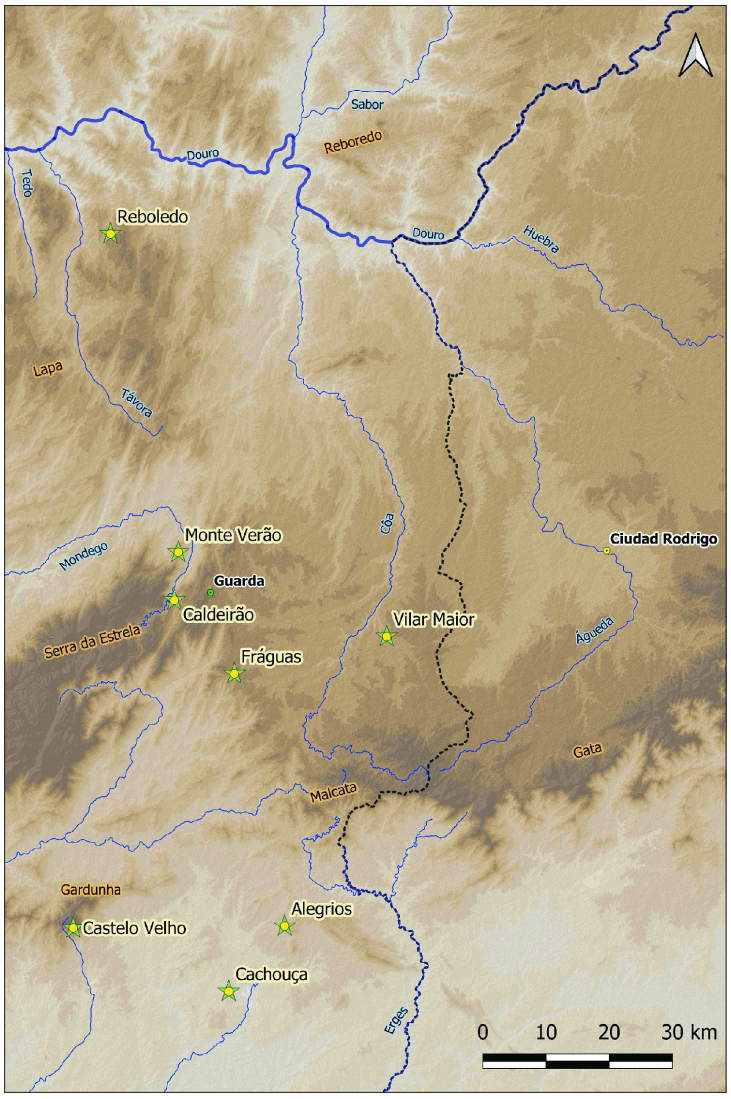


Fig. 7. Distribution map of Baiões type pottery of Beira Interior

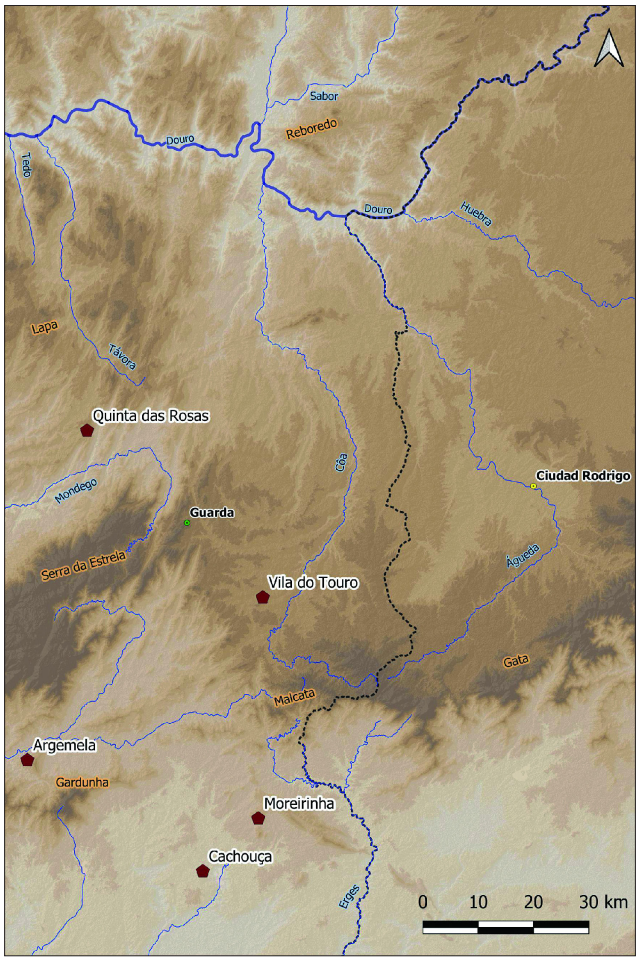


Fig. 8. Distribution map of Carambolo type pottery of Beira Interior

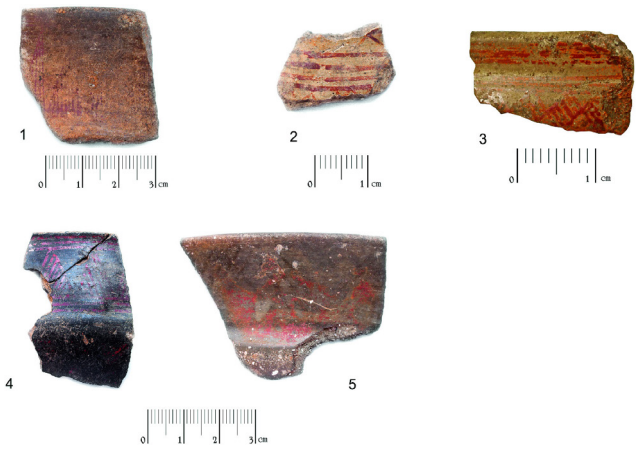


Fig. 9. Carambolo type pottery of Beira Interior: 1 and 5 Vila do Touro (Sabugal); 2 and 3 Moreirinha (Idanha-a-Nova); 4 Cabeço da Argemela (Fundão)

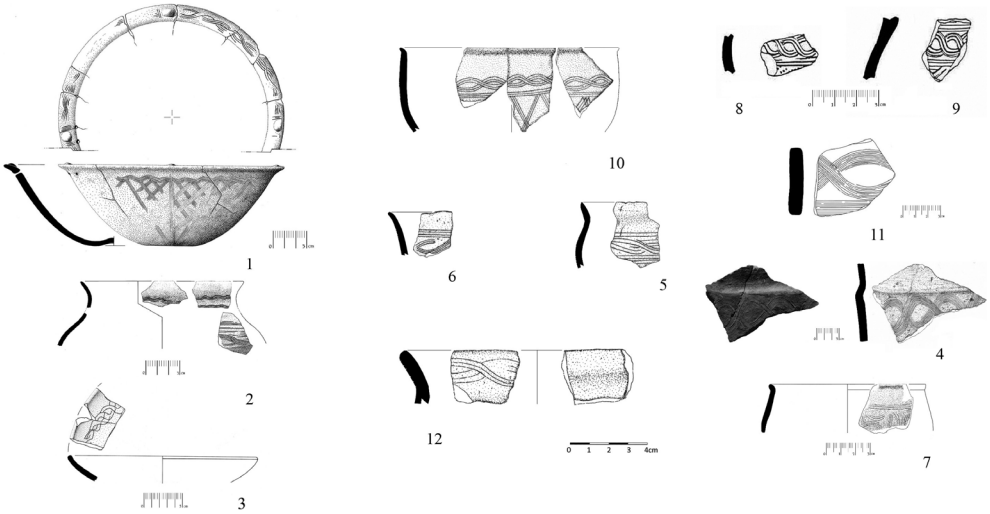


Fig. 10. *Peinadas* ceramics of Beira Interior: 1 and 3 Cachouça (Idanha-a-Nova); 2 Alegrios (Idanha-a-Nova); 4 and 7 Sabugal; 5, 6, 10 and 12 Vila do Touro (Sabugal); 8, 9 and 11 Sabugal Velho (4, 5, 6, 7, 10 and 12 not published; drawings by Inês Soares)

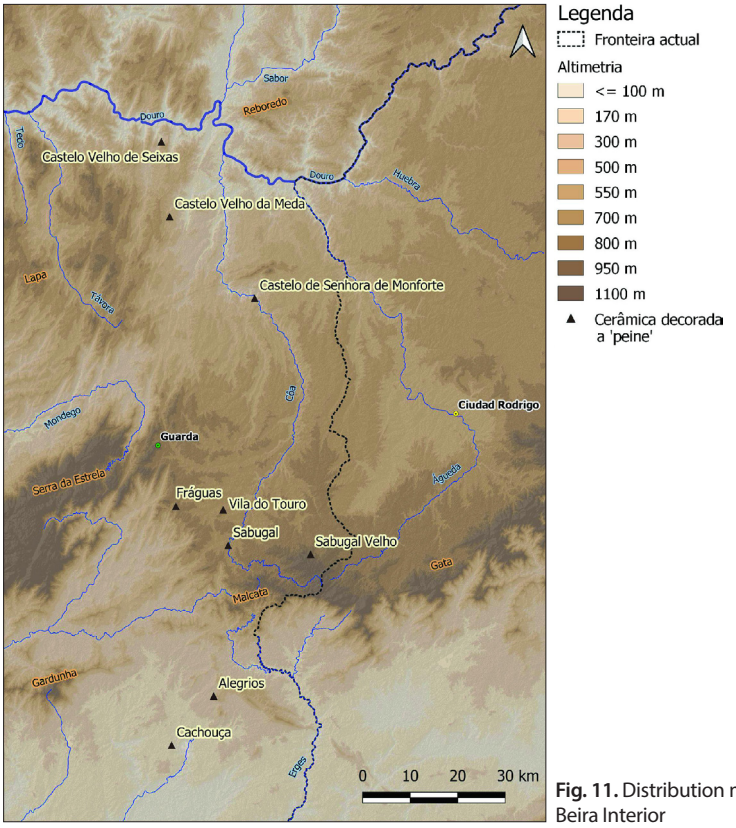


Fig. 11. Distribution map of *peinada* pottery of Beira Interior

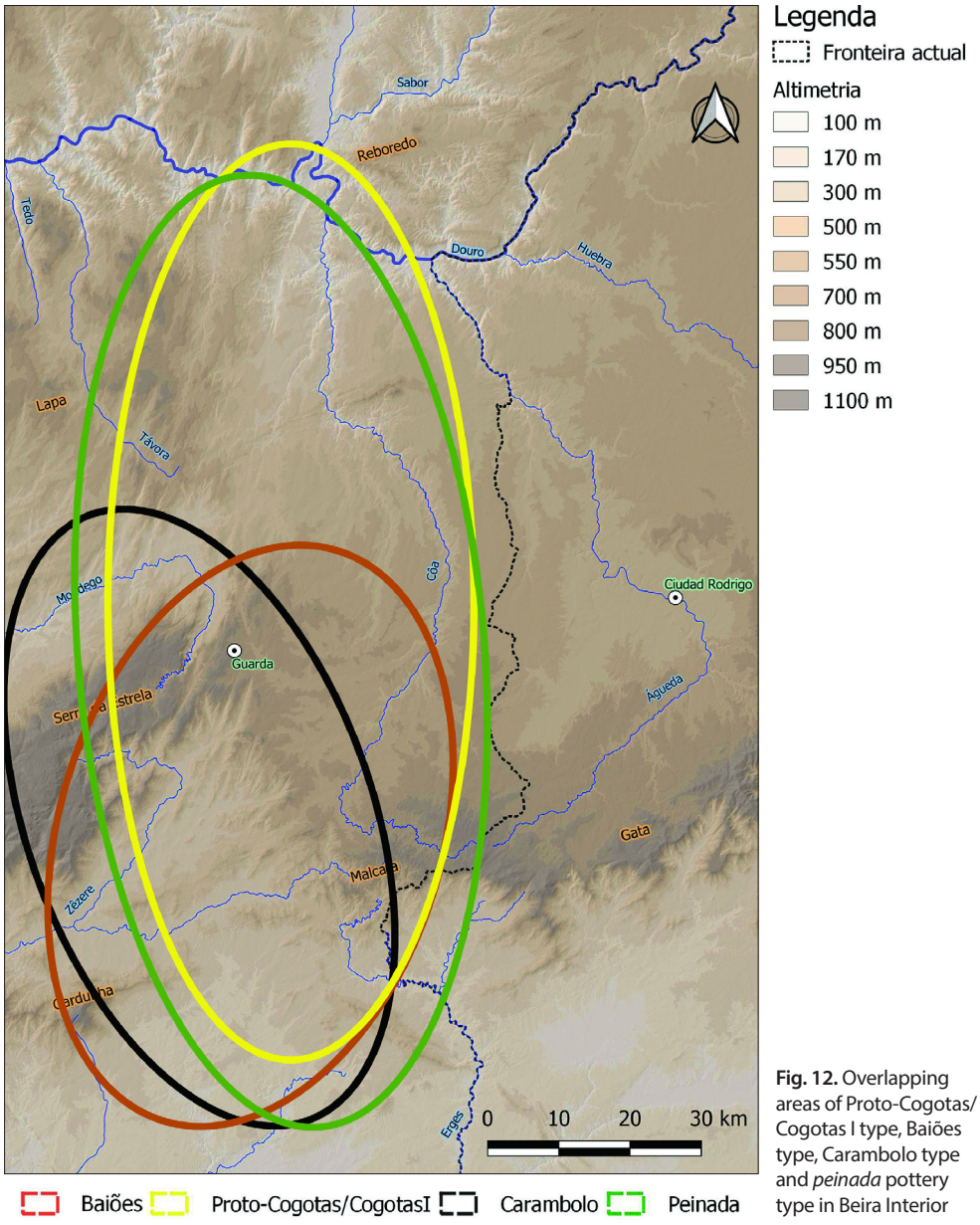


Fig. 12. Overlapping areas of Proto-Cogotas/ Cogotas I type, Baiões type, Carambolo type and *peinada* pottery type in Beira Interior

ASENTAMIENTOS AMURALLADOS DE LA MESETA NORTE ESPAÑOLA DURANTE EL CALCOLÍTICO Y LA EDAD DEL BRONCE*

RODRIGO VILLALOBOS GARCÍA**
JOSÉ ANTONIO RODRÍGUEZ MARCOS***

Abstract: *One of the key features of the archaeology of the Late Prehistory of the Iberian Peninsula has been the walled settlements. Despite being known for decades, the walled settlements of the Northern Spanish Meseta have never been studied synthetically. Here a brief catalogue of three Copper Age walled settlements and four Bronze Age walled settlements is presented, and some characteristics such as their locational strategy, the plan of their walls, the labor devoted to them, and others, are compared. From this, an interpretation of the walls is attempted by contextualizing the moments of wall building among other demographic, social inequality and intergroup violence proxies known for the different sub-periods of the Northern Spanish Meseta Late Prehistory. It is concluded that the most part of the Copper Age walls were built for defensive purposes and that the most part of the Bronze Age walls were built for ceremonial purposes.*

Keywords: *Walled settlements; Collective labor; Fortifications; Ceremonial spaces.*

Resumen: *Los asentamientos amurallados han sido uno de los elementos clave de la arqueología de la Prehistoria Reciente peninsular y, aunque conocidos desde hace décadas en el contexto de la Meseta Norte Española, nunca habían sido abordados de forma sintética para este marco. En estas páginas presentamos un breve catálogo de tres asentamientos amurallados de la Edad del Cobre y cuatro de la Edad del Bronce y comparamos sus características, como por ejemplo localización, trazado de murallas, trabajo destinado a las mismas, etc. A continuación, tratamos de interpretar estas construcciones contextualizando los momentos de construcción de murallas con otros indicadores demográficos, de desigualdad social y de violencia intergrupal conocidos para los distintos periodos de la Prehistoria Reciente normeseteña, de lo que concluimos que la mayor parte de murallas de la Edad del Cobre se construyeron con una finalidad defensiva y que la mayor parte de las murallas de la Edad del Bronce se construyeron con una finalidad ceremonial.*

Palabras clave: *Asentamientos amurallados; Obras colectivas; Fortificaciones; Espacios ceremoniales.*

1. LAS MURALLAS PREHISTÓRICAS

Uno de los aspectos más interesantes de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica es su condición de foco autónomo de aparición de la «complejidad social», es decir economía especializada, desigualdad social y centralización política[1]. Existen muchos indicadores arqueológicos para estudiar este proceso, siendo uno de los principales la

* Si no se indica el *copyright* de tablas, gráficos y otras imágenes, pertenece a los autores de este texto.
** Profesor de Enseñanza Secundaria. Gobierno de Cantabria. Email: rvillalobosg01@educantabria.es.
*** Departamento de Historia, Geografía y Comunicación. Universidad de Burgos. Email: jrmarcos@ubu.es.
[1] CHAPMAN, 2008.

arquitectura monumental[2], que en el comienzo de la Edad de los Metales peninsular se manifiesta principalmente en forma de recintos amurallados. Desde el descubrimiento de los poblados amurallados clásicos de la historiografía como Los Millares o El Argar[3], en el sudeste, o Vila Nova de São Pedro[4], en el oeste, fueron identificándose yacimientos similares en buena parte del territorio peninsular aunque, tanto para el caso de las murallas calcolíticas como de las del Bronce, de forma preferente en el centro-sur[5].

La Meseta Norte Española es un espacio del interior peninsular de casi cien mil kilómetros cuadrados de superficie bien definida geográficamente, pues se organiza en torno a la extensa llanura del valle alto y medio del Duero y se ve bien delimitada por potentes accidentes geográficos como las cordilleras Cantábrica, Ibérica y Central al norte, este y sur, así como por los cañones de los Arribes del Duero al oeste. Con una tradición de investigación prehistórica indudablemente menos dilatada que la de las otras regiones mencionadas, todavía no conocía la identificación de poblados amurallados de las primeras edades del metal cuando comenzaron a realizarse síntesis sobre Prehistoria Reciente a mediados del siglo XX[6] y hubo que esperar a las dos últimas décadas del mismo para documentar poblados amurallados de la Edad del Bronce[7] y del Calcolítico[8]. Podría decirse que al menos buena parte de la Meseta Norte fue una zona periférica del gran proceso de aparición de la complejidad social peninsular pues, aunque quede relativamente eclipsada por la entidad de los ajuares, monumentos y fortificaciones del sureste, el valle del Guadalquivir o las comarcas portuguesas de Ribatejo o Alentejo, no obstante también es cierto que existen claras afinidades en la cultura material de parte de la Meseta Norte y el centro-sur peninsular[9] así como que al menos una parte de la Meseta Norte se hallaba inserta en las redes de circulación suprarregionales de artefactos raros o exóticos meridionales durante el Calcolítico[10] y el Bronce Antiguo[11]. Por tanto, los asentamientos amurallados prehistóricos normeseteños pueden entenderse dentro de este gran marco histórico aunque, lógicamente, con sus características particulares (Fig. 1).

[2] TRIGGER, 1990.
[3] SIRET, SIRET, 1890.
[4] PAÇO, JALHAY, 1945.
[5] JORGE, 2003: Fig. 1; LULL SANTIAGO *et al.*, 2014: Fig. 8.
[6] MALUQUER DE MOTES, 1960.
[7] DELIBES DE CASTRO, FERNÁNDEZ MANZANO, 1981.
[8] LÓPEZ PLAZA, 1994; DELIBES DE CASTRO *et al.*, 1995.
[9] LÓPEZ PLAZA, 1987; DELIBES DE CASTRO, VAL RECIO, 1990.
[10] VILLALOBOS GARCÍA, 2016a: punto 3.4.1.
[11] DELIBES DE CASTRO, VIÑÉ ESCARTÍN, SALVADOR VELASCO, 1998.

2. LAS MURALLAS CALCOLÍTICAS

2.1. El Alto del Quemado (Narrillos del Álamo)

Este yacimiento se enclava en la cima de un pequeño cerro a 1.020 m.s.n.m. que se localiza en una penillanura a medio camino entre la sierra de Narrillos al sureste (cota máxima 1.343 m.s.n.m.) y el cauce del Tormes al noroeste (a unos 880 m.s.n.m.). El cerro en cuestión se ve delimitado a noreste y suroeste por dos pequeños vallejos que confluyen a su noroeste y cuyos arroyos discurren a una cota entre 30 y 50 metros inferior a la cima, encontrándose el flanco suroriental, por el contrario, conectado a una superficie relativamente horizontal. A aproximadamente 1 kilómetro del Alto del Quemado se localiza, sobre otro cerro, el también yacimiento calcolítico de Coto Alto[12] y a unos 5 kilómetros, junto a la que sería entonces vega del Tormes, actualmente embalsado, los dólmenes del Prado de las Navas, Teriñuelo de Salvatierra, Teriñuelo de Aldeavieja y Prado Nuevo, además del asentamiento calcolítico de La Viña de Esteban García[13].

Tras ser identificado El Alto del Quemado como yacimiento calcolítico en la década de 1970, fue excavado en 1980 y 1985-1989[14]. Dichas campañas lo caracterizaron como pequeño poblado amurallado con una superficie de hábitat de 0,15 hectáreas ocupada por cabañas de planta circular y zócalo de piedra. En toda ella se recuperaron materiales calcolíticos, entre los que destacan la abundancia de puntas de flecha y elementos de hoz de sílex tallado, molinos de granito y adornos de minerales verdes, además de dos punzones de cobre. También se identificó una zona de pequeños hogares que fueron fechados por radiocarbono en circa 2875-2350 cal a. C. Además, en un pequeño sector del hábitat se documentaron materiales del Bronce Antiguo como vasijas globulares con cuello, cerámicas con impresiones en el labio, carenas y un brazal de arquero, que hablan de una segunda fase de ocupación del lugar.

La muralla, de cuarcitas y pizarras locales, contaba con unos aproximados 1,2 metros de ancho y 1,5 metros de altura y rodeaba por completo la zona de hábitat, completando una circunferencia de cerca de 45 metros de diámetro. Al exterior de la misma se identificó un foso practicado directamente sobre la roca madre del que fueron excavados arqueológicamente en su totalidad 30 metros de su longitud y, sólo de forma superficial, 11 metros más, no documentándose con esta actuación ninguna interrupción que se pueda relacionarse con zonas de acceso. La sección excavada arqueológicamente reveló, asimismo, que el foso contaba con entre 2,2 y 2,5 metros de anchura en superficie, 1-1,2 metros en la base y entre 1,4 y 1,9 metros de profundidad y un relleno con fauna

[12] LÓPEZ PLAZA, 1984.
[13] DELIBES DE CASTRO *et al.*, 1997.
[14] LÓPEZ PLAZA, 1994.

y materiales calcolíticos como cerámica, restos de talla de sílex, algunas piedras de molino y frecuentes puntas de flecha. Además de todo ello, se obtuvo de este relleno una fecha radiocarbónica de circa 2475-2040 cal a. C. (Fig. 2).

2.2. El Pedroso (San Martín del Pedroso)

En un inselberg granítico que se eleva, a 764 m.s.n.m y cerca de unos 100 metros sobre las penillanuras circundantes — territorio irregular compuesto por pequeños cerros y vallejos además de por el sí más profundo valle del río Manzanas —, se localiza el asentamiento calcolítico de El Pedroso. En la montaraz comarca en la que se encuentra, el Aliste zamorano, se conocen pocas otras pruebas relativas a la Edad del Cobre, aunque puede citarse la recuperación de cerámica calcolítica en el castro de la Edad del Hierro de La Mazada[15], a 10 kilómetros de El Pedroso, o las potentes minas neolíticas y calcolíticas de variscita de Las Cercas y La Cogolla[16], a unos 25 kilómetros del mismo. También podrían ser de esta época las más cercanas minas de variscita de la zona de El Bostal[17] o el campo de túmulos de La Manguita[18], aunque en ninguno de estos dos últimos casos esta adscripción pueda afirmarse con seguridad.

El Pedroso se conoce desde antiguo y llamó la atención primeramente por sus grabados de estilo esquemático[19]. La presencia de materiales calcolíticos en superficie y la de murallas protegiendo los flancos menos escarpados de su relieve condujeron a la realización de una serie de campañas de excavación arqueológica en 1991 y durante otros varios años a finales de esa misma década y comienzos de la siguiente. Éstas documentaron una zona de hábitat con cabañas de planta circular, alguna de ellas con zócalo, enlosado y estructura de molienda en el centro[20] y, además, la cadena operativa completa de la elaboración de puntas de flecha de pizarra y lidita, artefactos que en este lugar se cuentan por miles y que, por tanto, se interpretan como resultado de una manufactura enfocada a la distribución más allá del asentamiento[21]. En la oquedad con grabados de estilo esquemático, denominada como «santuario», se recuperaron materiales calcolíticos entre los que se cuentan elementos de metal y campaniforme, fue fechada por radiocarbono durante el III milenio cal a. C. y, además, también ofreció materiales prehistóricos más modernos, de la Edad del Bronce, como cerámica con fondos planos y motivos decorativos protocogotas[22].

La muralla, cubierta en algunos lugares por estratos con materiales calcolíticos,

[15] ESPARZA ARROYO, 1986: 74.
[16] VILLALOBOS GARCÍA, ODRIOZOLA LLORET, 2016a, 2016b.
[17] VILLALOBOS GARCÍA, ODRIOZOLA LLORET, 2017.
[18] MARTÍN CARBAJO *et al.*, 1992.
[19] ESPARZA ARROYO, 1977.
[20] DELIBES DE CASTRO, 1995; DELIBES DE CASTRO *et al.*, 1995.
[21] FÁBREGAS VALCARCE, RODRÍGUEZ RELLÁN, 2008.
[22] BRADLEY *et al.*, 2005.

se compone de bloques de granito dispuestos en hiladas con un espesor de 3 metros y corre a lo largo de una distancia de cerca de medio kilómetro de longitud. No rodea por completo la parte superior del cerro sino que se despliega por las zonas menos escarpadas del norte y del este del mismo, complementando las defensas naturales que ofrecen las bruscas pendientes de la ladera suroccidental (Fig. 3). El recinto delimitado por defensas artificiales y naturales cierra un total de cuatro hectáreas de las cuales tan sólo una reducida parte habrían estado ocupadas por la zona de hábitat cuya entrada, por cierto, se encontraba protegida por una torre de planta circular[23].

2.3. El Pico de la Mora (Peñafiel)

El Pico de la Mora es el asentamiento calcolítico amurallado más recientemente intervenido de la arqueología normeseteña. Se localiza en los páramos del sur de la Ribera del Duero vallisoletana, en concreto en un pequeño espigón que a 880 m.s.n.m. tiene abruptos desniveles de casi 100 metros en todas direcciones excepto por una estrecha lengua que, hacia el noreste, le conecta con el resto del páramo. Desde esa altura, domina visualmente la vega del río Duratón, el cual discurre a unos 600 metros en horizontal hacia el sureste, y en la cual se conocen varios yacimientos en llano adscribibles a la Prehistoria Reciente.

Este yacimiento fue descubierto en 1987 por uno de nosotros (JARM) en el marco de las prospecciones sobre poblamiento prehistórico de esta comarca, cuando fue adscrito al Calcolítico Campaniforme y poco después, en 1992 y gracias a la fotografía aérea, pudo identificarse una estructura alargada que, como posible muralla, cerraría el espigón de páramo por su flanco más desprotegido, el noreste[24]. La posibilidad de hallarnos ante un poblado amurallado calcolítico motivó una serie de intervenciones arqueológicas entre 2016 y 2020 que nos han permitido confirmar la condición de muralla de la estructura y, además, fecharla mediante el radiocarbono en el Calcolítico Inicial, *circa* 2900-2650 cal a. C.[25]. Además de esto, se ha identificado una segunda fase de utilización, todavía inédita, correspondiente al Bronce Final/Hierro I que consistiría en un «depósito» de vasos cerámicos carenados bruñidos, recipientes de fondos planos y un fragmento de caldero remachado de bronce.

La realización de dos sondeos en ambos extremos de la muralla nos ha permitido caracterizarla como una estructura de casi tres metros de anchura cuyo núcleo se conforma principalmente por grandes cantos de piedra caliza local de hasta 40 centímetros de diámetro y que, en al menos una parte de su recorrido, todavía conserva dos paramentos de grandes bloques planos de hasta 30 centímetros de espesor y 60 centímetros de altura dispuestos en posición vertical (Fig. 4). La altura máxima conservada de esta

[23] DELIBES DE CASTRO, 1995; DELIBES DE CASTRO *et al.*, 1995.
[24] RODRÍGUEZ MARCOS, 2008.
[25] VILLALOBOS GARCÍA, RODRÍGUEZ MARCOS, 2018.

estructura que hayamos podido identificar mediante excavación es de tan solo 60 centímetros, algo lógico considerando que este lugar ha sido labrado tradicionalmente como parcela de secano — afortunadamente, dada su mala calidad agrícola, no mediante maquinaria mecanizada[26]. De esta forma, la muralla de El Pico de la Mora, de unos 3 metros de anchura y 100 metros de longitud, cierra el pequeño espacio de 0,5 hectáreas que se encuentra al límite del espigón de páramo el cual, visto los materiales recuperados en prospección superficial como cerámica, restos de talla de sílex y una pesa de telar — los sondeos arqueológicos aleatorios realizados en la zona intramuros han resultado infructuosos —, creemos que muy probablemente fuera ocupada como hábitat.

3. LAS MURALLAS DE LA EDAD DEL BRONCE

3.1. La Plaza (Cogeces del Monte)

El castro de La Plaza es un enclave de la Edad del Bronce que ha generado no poca literatura[27]. Se localiza al sureste de la provincia de Valladolid, en plena zona de páramos calcáreos de La Churrería, y ocupa el extremo de una horquilla fluvial que domina la confluencia de los arroyos Cogeces y Valcorba. El enclave se encuentra rodeado de unas pendientes marcadas excepto en el pasillo que sirve de unión entre el espigón y la planicie del páramo. Este punto se ve reforzado por una notable barrera artificial; la cual, mencionada en primer lugar por Wattenberg, es convenientemente descrita algo más tarde por Fernández Manzano y Delibes de Castro. Este último, por cierto, tuvo la oportunidad de visitar el lugar, poco antes de que tuviese lugar la casi total destrucción de la muralla, y así referir sus características. Según dicha descripción, se trataba de un amplio lomo de tierra y piedras en disposición longitudinal noreste-suroeste, de unos 200 metros de longitud, que cierra el lugar de acceso natural al castro. Según relata Delibes, se trataba de una obra imponente que en algunos puntos alcanzaba hasta 20 metros de ancho por más de 4 metros de altura. Asimismo se nos refiere la posibilidad de la existencia de una puerta muy simple hacia la mitad de la cerca. El espacio encerrado tras el gran lomo es considerablemente grande, de aproximadamente 17 hectáreas.

La posibilidad de hallarnos ante un poblado amurallado de la Edad del Bronce motivó una serie de intervenciones arqueológicas que permitieron confirmar la condición de muralla de la estructura y, además, fecharla mediante el radiocarbono en pleno Bronce Medio. En efecto, la primera datación de dicha estructura fue reconocida en la campaña de 1980[28]: *circa* 1630-1490 cal a. C. Con posterioridad, el mismo nivel,

[26] Conocemos de la pequeña microhistoria reciente del pago de El Pico de la Mora y de sus alrededores gracias a Alfonso Redondo Gil, vecino de Peñafiel y cultivador de la parcela contigua.
[27] AGAPITO Y REVILLA, 1927; WATTENBERG SANPERE, 1959; DE PALOL, WATTENBERG SANPERE, 1974; DELIBES DE CASTRO, FERNÁNDEZ MANZANO, 1981.
[28] DELIBES DE CASTRO, FERNÁNDEZ MANZANO, 1981.

identificado en la campaña de 1986[29], fue fechado con otro análisis que ofreció idéntico resultado *circa* 1630-1490 cal a. C.

La campaña de 1986 permitió identificar un sector de la muralla que no se había visto afectado por las palas mecánicas. Este tramo de poco más de 20 metros de longitud coincide con el extremo sur de la construcción. En esta zona el lomo de piedra y tierra alcanza una anchura aproximada de 19 metros y una altura máxima de 4'5 metros. En este punto concreto es donde se realizó una intervención que, en resumidas cuentas, permitió constatar que el muro no contó con un basamento vertical en piedra. De hecho, el aspecto que presentaba el interior de este gran alomamiento es el de una estructura en la que aparecen entremezclados bloques de piedra caliza de muy diversos tamaños, sin que ninguno de ellos ofrezca el menor atisbo de haber sido escuadrado, dando, a primera vista, la impresión de que la fórmula constructiva empleada en su erección pudiera haber consistido en un simple amontonamiento de piedras y tierra colocadas sin orden aparente. No obstante, el hallazgo de algunos troncos de árbol carbonizados en la base del nivel II[30] de muralla excavado, permite admitir la posibilidad de que la estructura pudiera haber contado con un armazón de madera destinado a conferir solidez a la construcción (Fig. 5).

En ninguna de las intervenciones arqueológicas se ha documentado más que un mismo mundo en el ámbito de materiales arqueológicos, que se sitúa en pleno Bronce Medio. La intervención realizada en el interior del castro también nos informa de que el lugar conoció un único momento de ocupación representado por una escasamente potente estratigrafía (entre 5 y 30 centímetros) y un posterior abandono. Por tanto, el momento de ocupación parece no haber sido en exceso prolongado.

3.2. Pico Aguilera (Villán de Tordesillas)

El Pico Aguilera aparece citado por vez primera a principios de los años ochenta del siglo XX[31]. Ocupa un amplio espigón de páramo en el reborde meridional de los Montes Torozos. Con una altitud de 833 m.s.n.m. y dotado de unas pendientes escarpadas, el único acceso desguarnecido al lugar se sitúa en dirección este, en la unión de la superficie con la amplia planicie de la paramera. Dicho acceso se ve interrumpido por una barrera en forma de creciente, de una longitud aproximada de 63 metros, que cierra el espigón por completo (Fig. 6). En los sectores mejor conservados el muro tiene una anchura de unos 13 metros. Está formado por calizas del páramo, mayoritariamente, de tamaño mediano (entre 30 y 40 centímetros aproximadamente), y en los puntos en los que se han producido algunas remociones recientes se puede observar su construcción a base de piedras y tierra sin que se aprecie la existencia de paramento alguno.

[29] RODRÍGUEZ MARCOS, 2008: 78.
[30] Uno de estos troncos proporcionó el material para la muestra radiocarbónica antes referida.
[31] GALVÁN MORALES, 1983.

Actualmente no se identifica ninguna interrupción en su trazado que pudiera evidenciar la existencia de un primitivo acceso al recinto. El espacio que se sitúa al interior de la muralla alcanza una extensión de unas 3 hectáreas. Actualmente se encuentra cubierto por pinos de repoblación y monte bajo, lo que dificulta enormemente la identificación de evidencias arqueológicas en superficie. Con todo, nos fue posible recuperar algunos fragmentos de cerámicas decorados de clara filiación con el Bronce medio Protocogotas.

Cabe señalar que Rafael Galván citaba la presencia en el lugar de «una especie de torre artificial en la entrada con un recinto anterior de piedras amontonadas». Hemos de señalar que, efectivamente, a unos 40 metros (tomados desde la muralla) hacia el interior del castro, se accede a un espacio en que se produce un notable estrechamiento en la lengua de páramo. Aquí se puede observar la presencia de un amontonamiento de piedras (más bien sueltas) y tierra, de planta pseudo-circular e indudable origen antrópico. Con todo, no nos creemos en condiciones de discernir si se trata de una antigua torre, o de un simple majano. No al menos hasta que no se desarrollen unos pertinentes trabajos arqueológicos en el lugar.

3.3. El Gurugú (Bocos de Duero)

El arroyo del Cuco constituye en la actualidad un exiguo afluente del Duero, por su margen derecha, que discurre por un profundo, pintoresco, y encajado cauce que desemboca en el río principal a la altura del núcleo urbano de Bocos de Duero, uno de los municipios más orientales de la Provincia de Valladolid. La confluencia de ambos valles ha configurado un estrecho espigón, cuya altura, coincidente con el nivel de páramos de la región, recibe el nombre de El Gurugú[32].

En la meseta culminante de este espigón, una estrecha planicie en el nivel de las calizas pontienses prácticamente desprovista de vegetación, se detecta un gran lomo de piedras estratégicamente dispuesto, cuyos extremos norte y sur se asoman a los valles del Cuco y Duero, constituyendo una separación entre el espigón y la plenitud del páramo que se abre de manera acentuada desde este punto. Dicha estructura, de una longitud de 42'5 metros y una altura y anchura máximas — en su sector central — de 15 y 4'5 metros, respectivamente, cierra un espacio de poco más de 180 metros de longitud y una anchura máxima que no supera los 50 metros cuya extensión es cercana a 1 hectárea (Fig. 7). En esta área se recogen buen número de materiales, en su mayor parte relacionados con la ocupación prehistórica del lugar. Entre estas evidencias se encuentran diversas cerámicas a mano de aspecto sumamente rodado, cuyas superficies en muchas ocasiones aparecen recubiertas por los líquenes, consecuencia de haber permanecido largo tiempo a la intemperie. Son frecuentes las cerámicas incisas con decoraciones de espiga, trazos oblicuos o zigzags que podríamos considerar representativos del momento

[32] RODRÍGUEZ MARCOS, 2008: 187-210.

Protocogotas. No faltan, con todo, en lo alto de El Gurugú cerámicas asimilables a lo que podríamos atribuir a la plenitud cogotense.

En conjunto, pudiera decirse que la plataforma culminante de El Gurugú estuvo ocupada por las gentes de Cogotas I en diversos momentos del largo discurrir de esta cultura del Bronce Medio y Final. En nuestra opinión, es a lo largo de alguno de estos momentos cuando tiene lugar la erección de la muralla. Carecemos de argumentos suficientes para discernir en cuál de ellos tuvo lugar su construcción.

3.4. La Cuesta de la Horca (Cevico Navero)

Con el nombre de Cuesta de la Horca se conoce un enclave, dado a conocer por uno de nosotros (JARM)[33], situado al suroeste de la provincia de Palencia, en plena zona de Páramos del Cerrato. Ocupa una amplia lengua de páramo que se alza a 913 m.s.n.m. La plataforma culminante del lugar, desde donde se domina la confluencia de los arroyos Valdefuentes y Maderón, se ve bordeada de escarpadas laderas que delimitan un amplio espacio, de cerca de 5 hectáreas, pseudotriangular. Repetidas visitas al lugar nos permitieron comprobar que a poco más de 340 metros de distancia, en dirección noreste, del vértice de este imponente espigón, se localiza lo que ya en su momento identificamos como una auténtica muralla. El aspecto que presenta en la actualidad dicha estructura es el de un imponente lomo de piedras y tierra, prácticamente recto, cuyos extremos se ciernen sobre las vertientes del espigón, cubriendo una distancia de cerca de 220 metros. Sus dimensiones, muy homogéneas en toda su longitud, alcanzan los 22 metros de ancho por más de 3 metros de altura como término medio. Su núcleo está compuesto fundamentalmente por bloques de caliza sin desbastar de muy diverso tamaño: desde grandes piedras de más de 1 metro de longitud hasta pequeños cantos de 20 centímetros (Fig. 8). Dicha estructura únicamente ve interrumpido su desarrollo en un punto situado en el tercio norte de la misma, donde se encuentra la entrada del camino que da acceso al interior del castro.

En la superficie de este espacio tuvimos ocasión de recuperar diversos materiales, fundamentalmente cerámicas, la mayor parte de los cuales nos remiten al horizonte Protocogotas, caracterizador del Bronce medio meseteño. Con todo, no faltan algunos indicios de que el lugar se viese también ocupado durante la denominada plenitud cogotense[34].

Por último, apuntar que durante alguna de nuestras visitas al lugar, coincidentes con el desarrollo de labores agrícolas previas, aparte de materiales arqueológicos tuvimos ocasión de percibir la presencia de algunos manchones de coloración oscura[35]. Consideramos que no es descabellado pensar que tales evidencias pudieran ser expresión de diversas estructuras que pudieron formar parte del posible complejo doméstico que se instaló en este lugar.

[33] RODRÍGUEZ MARCOS, 1995; RODRÍGUEZ MARCOS, MORAL DEL HOYO, 2007.
[34] RODRÍGUEZ MARCOS, 1995: 99.
[35] RODRÍGUEZ MARCOS, 1995: 96.

4. SIMILITUDES Y DIFERENCIAS ENTRE LAS MURALLAS DE LA PREHISTORIA RECIENTE NORMESETEÑA

Las que presentamos en estas páginas no son todas las posibles murallas de la Prehistoria Reciente normeseteña conocidas, pues en la bibliografía se citan cerca de otra docena de yacimientos, en su mayoría de la Edad del Bronce, que no obstante no han sido todavía publicados con el suficiente detalle como para considerarlos en este breve análisis[36]. Sin embargo, consideramos lo conocido de la pequeña muestra con que contamos (n=3 para el Calcolítico, n=4 para la Edad del Bronce) como suficiente como para realizar una primera y somera caracterización atendiendo a las similitudes y diferencias que se constatan entre ambas fases.

En cuanto a la ubicación de los yacimientos respecto de la orografía que los circunda se observan dos situaciones bastante claras, condicionadas sin duda por el tipo de relieve en cada caso: el de las penillanuras orientales salmantino zamoranas, por un lado, y el de los valles fluviales y páramos calcáreos del centro de la cuenca del Duero, por el otro. En la primera de las mencionadas unidades morfoestructurales se encuentran dos de los tres yacimientos calcolíticos, que son El Pedroso y El Alto del Quemado, dándose en cada caso una estrategia diferente. Mientras que el primero se yergue sobre el lugar más prominente del territorio inmediato, el segundo se encuentra sobre un pequeño cerrete enclavado a media ladera de la sierra. Sin embargo, para todos los yacimientos del centro de la cuenca — uno calcolítico, El Pico de la Mora, y los cuatro restantes, todos los de la Edad del Bronce — la estrategia es exactamente la misma: ocupar no la cota más elevada del páramo sino el extremo de la plataforma caliza, que siempre se asoma a gran altura sobre los valles fluviales, desde donde se dominan con mucha proximidad — siempre desde menos de 500 metros en horizontal — los cauces que los atraviesan (Fig. 9). Esta disposición condiciona también, a su vez, el trazado de las murallas, pues en todos los ejemplos parameros sin excepción las murallas se despliegan en un flanco, cerrando el único acceso horizontal al lugar en cada caso. Por su parte, en los yacimientos de las penillanuras el cercado resulta más completo como en El Alto del Quemado o sino casi completo, aprovechando algunos desniveles, como en El Pedroso (Fig. 10). Es decir, que las estrategias de trazado de las murallas parece que vienen condicionadas por la orografía antes que por la diferencia cronológica o cualquier otro aspecto.

La arquitectura de las murallas — recordemos, no todas ellas sondeadas arqueológicamente — también parece ofrecer ciertas similitudes. En todos los casos, la materia prima es indudablemente local: cantos calizos en los páramos, losas de pizarra y cantos de cuarcitas propias de las penillanuras de El Alto del Quemado y bloques graníticos del propio inselberg para El Pedroso. Y, salvo ciertos aditamentos, como los grandes bloques

[36] DELIBES DE CASTRO, FERNÁNDEZ MANZANO, 2000: 105; FABIÁN GARCÍA, 2006: 514; ROJO GUERRA, GARRIDO PENA, MARTÍNEZ DE LAGRÁN, 2008: 322.

empleados en el paramento interno y externo al menos en un tramo de El Pico de la Mora y las posibles torres de El Pedroso y El Pico Aguilera, en todos los demás la construcción parece consistir fundamentalmente en el acarreo, la acumulación y el apilamiento de cantos y/o lajas de tamaño heterogéneo, si acaso reforzados con una hipotética estructura interna de madera como la que se ha podido intuir mediante sondeo arqueológico en la muralla de La Plaza.

En dos de los tres casos calcolíticos, El Alto del Quemado y El Pico de la Mora, los recintos amurallados cercan superficies relativamente modestas — 0,15 y 0,45 hectáreas — en las que además se encuentran pruebas, directas o indirectas, de actividad doméstica. Son superficies sustancialmente menores que las habituales 1,5 hectáreas que suelen ocupar los yacimientos calcolíticos de la Meseta Norte en su conjunto[37], aunque sobre este último respecto cabe apuntar que realmente no sabemos si la superficie total de tales yacimientos refleja con precisión la superficie de hábitat de los asentamientos prehistóricos. Por su parte, en tres de los cuatro lugares de la Edad del Bronce la superficie delimitada es ligeramente mayor: 1 hectárea en El Gurugú, 3 hectáreas en El Pico Aguilera y 5 hectáreas en El Cerro de la Horca. En este caso, son superficies mayores que la media de los yacimientos del Bronce que ocupan las tierras medias y llanas de sus entornos próximos. De hecho, los detectados en zonas como la vallisoletana Ribera del Duero se sitúan siempre por debajo de las 2 hectáreas; siendo mayoría aquéllos que se sitúan por debajo de 1 hectárea[38]. En ambas épocas hay un caso de amurallamiento que destaca del resto por la cantidad de superficie cercada, El Pedroso en el Calcolítico y La Plaza en la Edad del Bronce. La muralla de El Pedroso delimita una superficie de 4 hectáreas, bastante mayor que el área doméstica realmente identificada en su interior. La de La Plaza cierra, por su parte, una vastísima superficie de 17 hectáreas que, igualmente, tampoco fue habitada ni muchísimo menos en su totalidad.

Finalmente, otra forma de comparar las construcciones de ambos periodos es mediante la cuantificación del trabajo dedicado a las mismas a partir de la cantidad de material construido y/o excavado. Siguiendo los mismos procedimientos y criterios que se han empleado recientemente para estimar el trabajo destinado a túmulos, recintos fosados y recintos amurallados[39], hemos calculado el trabajo destinado a los yacimientos que aquí nos ocupa: así, si consideramos que excavar un metro cúbico de zanja supone 2,6 días-persona y construir un metro cúbico de muralla supone 12,25 días-persona, el trabajo destinado a estas construcciones se mueve por más o menos tres categorías: los cerca de seis mil días-persona de los calcolíticos El Alto del Quemado y El Pico de la Mora, los cerca de cuarenta mil días-persona de los de los de la Edad del Bronce

[37] VILLALOBOS GARCÍA, 2016a: cap. 3.1.2.
[38] RODRÍGUEZ MARCOS, 2008: 420-421.
[39] VILLALOBOS GARCÍA, 2016b.

de El Pico Aguilera y El Gurugú y el calcolítico de El Pedroso y los casi doscientos mil días-persona de los de la Edad del Bronce La Cuesta de la Horca y La Plaza (Tabla 1).

Contamos con una muestra demasiado pequeña de murallas como para realizar una comparativa estadística definitiva pero lo que nos empiezan a decir estos datos parece bastante sugerente: en sus valores mínimos, medios y máximos, el trabajo crece sustancialmente del Calcolítico a la Edad del Bronce. Pero, si al conjunto de murallas calcolíticas le añadimos también los recintos fosados calcolíticos normeseteños (n=18), ya estudiados en el trabajo anteriormente mencionado y que suponen ocho mil días-persona de media, sin llegar nunca ninguno de ellos a alcanzar el trabajo dedicado a la más modesta muralla de la Edad del Bronce[40], sí que podemos realizar una comparativa estadística. Así, un test de Mann-Whitney aplicado mediante el software PAST 326b para comparar el conjunto de recintos calcolíticos murados y fosados con el conjunto de asentamientos amurallados de la Edad del Bronce, nos ofrece un valor $p < 0,01$, es decir que nos confirma que el trabajo dedicado a obras colectivas durante la Edad del Bronce es significativamente mayor que el dedicado a las mismas durante el Calcolítico[41].

Tabla 1. Tabla con los cálculos empleados para cuantificar el trabajo en días-persona dedicados a las murallas analizadas en el texto

Yacimiento	Muralla				Foso		Trabajo (días-persona)		
	Dimensiones (m)			Volumen (m^3)	Sección (m^2)	Volumen (m^3)	Muralla	Foso	TOTAL
	Longitud	Espesor	Altura						
El Pedroso	500,0	3,0	2,5	3750,00	-	-	45.937,50	-	45.937,50
Alto del Quemado	137,0	1,5	1,5	308,25	3,56	487,72	3.776,06	2.560,53	6.336,59
El Pico de la Mora	100,0	3,0	1,5	450,00	-	-	5.512,50	-	5.512,50
La Plaza	200,0	20,0	4,0	16.000,00	-	-	196.000,00	-	196.000,00
Pico Aguilera	63,0	13,0	(?) 3,8	3.112,20	-	-	38.124,45	-	38.124,45
El Gurugú	42,5	15,0	4,5	2.868,75	-	-	35.142,79	-	35.142,79
Cuesta de la Horca	217,0	22,0	3,0	14.322,00	-	-	175.444,50	-	175.444,50

[40] Los valores del trabajo del conjunto de recintos fosados calcolíticos estudiados en VILLALOBOS GARCÍA, 2016b, oscila entre el valor mínimo de 936 días-persona y el valor máximo de 25.708 días-persona, así como su mediana se encuentra en 6500, su p25 son 3.918 y su p75 11.830 días-persona.

[41] Recientemente se ha presentado al congreso *Agones and Sports in Pre-and Protohistoric Central Europe and its Neighbouring Regions* (Tübingen, octubre 2020) la comunicación, autoría de François Remise, titulada «Physical work on the Alte Burg — An estimation of the time spent to re-model the spur and build stone ramparts», que incluye un meta-análisis crítico de los experimentos de cuantificación de trabajo en cavado de zanjas y cuyos resultados sugieren que el coeficiente empleado para estimar el trabajo de los recintos de fosos calcolíticos normeseteños fue algo alto. Es decir, que una reanálisis con un nuevo coeficiente más moderado reduciría la estimación de trabajo para los recintos y, por tanto, haría de las murallas de la Edad del Bronce obras colectivas comparativamente mayores todavía.

5. LAS MURALLAS DE LA PREHISTORIA RECIENTE NORMESETEÑA EN SU CONTEXTUALIZACIÓN HISTÓRICA

Considerando los documentos arqueológicos aquí presentados creemos poder realizar las siguientes afirmaciones, condicionadas a lo que se pueda decir en un futuro respecto de las otras posibles fortificaciones prehistóricas citadas en la bibliografía, pero no publicadas de forma completa que anteriormente mencionamos[42] u otros proyectos actualmente en curso[43]. Las murallas calcolíticas parecen agruparse en un momento concreto de este periodo, en el llamado Calcolítico Inicial o Precampaniforme (3200-2500 cal a. C.) o, al menos, así lo certifica la datación radiocarbónica directa de la muralla de El Pico de la Mora — *circa* 2900 — 2650 cal a. C. — y lo sugieren las de El Alto del Quemado — habitado en *circa* 2875-2350 cal a. C. y colmatado su foso en circa 2475-2040 cal a. C. Por su parte, las murallas de la Edad del Bronce se concentrarían en el Bronce Medio o Protocogotas (1800-1550 cal a. C.). En ese momento data el radiocarbono la muralla de La Plaza — *circa* 1630-1490 cal a. C. — y a esa época se corresponden de forma exclusiva los materiales superficiales encontrados en los casos de La Plaza y Pico Aguilera así como, también, la mayor parte de los recogidos en El Gurugú y El Cerro de la Horca — el resto de materiales de estos dos lugares son del periodo Cogotas I.

De esta forma, y sintetizado de forma muy somera: la Meseta Norte Española acogió un periodo Neolítico (5500-3200 cal a. C.) caracterizado por un hábitat disperso y posiblemente semisedentario con una etapa de construcción de obras colectivas, los monumentos megalíticos, que se concentra tan solo en su milenio final (4000-3200 cal a. C.)[44]. A éste le sucedió un periodo Calcolítico (3200-2200 cal a. C.), que convencionalmente se divide en un periodo Inicial o Precampaniforme y un Calcolítico Campaniforme. El Calcolítico Inicial (3200-2500 cal a. C.) fue la época del *boom* de las aldeas agrícolas sedentarias y también momento de abundantes obras colectivas como los recintos de fosos[45] y las murallas que aquí nos ocupan. Durante el Calcolítico Campaniforme (2500-2200 cal a. C.) las obras colectivas cesaron, el poblamiento se hizo más disperso[46] y es el momento en el que se nos presentan pruebas más rotundas de la existencia de desigualdades sociales[47]. Por su parte, la Edad del Bronce, época de notable crecimiento demográfico o, al menos, de gran aumento del número de yacimientos en

[42] DELIBES DE CASTRO, FERNÁNDEZ MANZANO, 2000: 105; FABIÁN GARCÍA, 2006: 514; ROJO GUERRA, GARRIDO PENA, MARTÍNEZ DE LAGRÁN, 2008: 322.

[43] Por ejemplo, la serie de intervenciones dirigidas por Marian Arlegui y José Javier Fernández Moreno en el yacimiento de El Alto de la Coronilla, en Velilla de Medinaceli, Soria, en el que, según información difundida en notas de prensa, se documenta una muralla del Bronce Medio. Disponible en <https://comunicacion.jcyl.es/web/jcyl/Comunicacion/es/Plantilla100Detalle/1284247269455/_/1284734627429/Comunicacion>. [Consult. 14 nov. 2020].

[44] DELIBES DE CASTRO, 2010; VILLALOBOS GARCÍA, 2016b.

[45] DELIBES DE CASTRO *et al*., 2014.

[46] DELIBES DE CASTRO *et al*., 2015.

[47] DELIBES DE CASTRO, VAL RECIO, 2007.

comparación con los momentos precedentes[48], se subdivide en un todavía poco conocido Bronce Antiguo (2200-1800 cal a. C.) y los periodos Protocogotas (1800-1550 cal a. C.) y Cogotas I (1550-900 cal a. C.), concentrándose aparentemente las murallas, como ya se ha argumentado, en el segundo de estos tres periodos. Sin embargo, salvo en lo referente al caso excepcional del Bronce Antiguo de Santioste, en el que una joven fue enterrada con elementos de marfil y plata[49], el cada vez mejor conocido registro funerario protocogotense y cogotense parece seguir sin mostrar pruebas de la expresión de grandes desigualdades sociales[50]. Es decir, que el momento de mayor expresión de las desigualdades sociales y de un posible poder institucionalizado de la Prehistoria Reciente normeseteña, el Calcolítico Campaniforme, no conoce obras colectivas equiparables, mientras que el momento en el que más trabajo se dedicó a este tipo de obras, el Bronce Medio, es precisamente uno de los periodos carentes de este tipo de expresiones.

En relación con estas dinámicas resulta cuanto menos curioso, cuanto más significativo, que ambos momentos de construcción de obras colectivas coincidan con eventos de alteración climáticas bien constatados[51]. El llamado «evento 4,0 ka BP» de aridificación conoce un punto culminante hacia el 2350 cal a. C., cuando se abandonaron de los recintos fosados[52] y, según hemos argumentado aquí, también los recintos amurallados. A su vez, un nuevo periodo similar tiene lugar coincidiendo con el desarrollo del horizonte Protocogotas cuando se constata la aparición de estos yacimientos que, por su posición preeminente y mayor tamaño, ya se había planteado anteriormente que hubieran podido funcionar como centro o referencia[53]. No pretendemos con esto establecer una relación directa entre cambio climático y arquitectura monumental — de hecho el primer evento de aridificación coincide con el fin de uno de los periodos constructivos mientras que el segundo con el apogeo del otro —, sino más bien recordar el posible estímulo al cambio social que habrían tenido a lo largo de de la Prehistoria Reciente estos cambios climáticos, si acaso en forma de catalizador.

Finalmente, en lo referente a las interpretaciones sobre la funcionalidad de este tipo de construcciones prehistóricas, las murallas, éstas oscilan en el ámbito peninsular entre los que defienden la clásica utilidad defensiva de las mismas[54] y quienes quieren ver tras estos complejos arquitectónicos unos comportamientos más bien de tipo ceremonial[55]. Nosotros, al respecto de la muralla del Pico de la Mora — trazada complementando la

[48] RODRÍGUEZ MARCOS, 2013.
[49] DELIBES DE CASTRO, VIÑÉ ESCARTÍN, SALVADOR VELASCO, 1998.
[50] BLASCO BOSQUED, SÁNCHEZ CAPILLA, CALLE, 1991; ESPARZA ARROYO *et al.*, 2008; CARMONA BALLESTERO, ARNAIZ ALONSO, MONTERO GUTIÉRREZ, 2010.
[51] BLANCO-GONZÁLEZ *et al.*, 2018.
[52] GARCÍA GARCÍA, 2017: 160.
[53] RODRÍGUEZ MARCOS, 2008: 423-425; GARCÍA GARCÍA, 2017: 180.
[54] GONÇALVES, SOUSA, COSTEIRA, 2013.
[55] LOPES, BETTENCOURT, 2017.

zona naturalmente defendida por el brusco desnivel del borde del páramo —, ya sugerimos su probable condición defensiva[56], y éste es un razonamiento que se puede aplicar también al caso calcolítico de El Alto del Quemado o al caso de la Edad del Bronce de El Gurugú, pero que no obstante no explica muy bien el caso calcolítico de El Pedroso ni los de la Edad del Bronce de La Cuesta de la Horca, Pico Aguilera o La Plaza. En estos lugares las murallas o bien exceden las necesidades estrictamente defensivas — el hábitat de El Pedroso se concentra en una zona concreta del espacio amurallado —, o bien protegen enormes espacios que no fueron habitados en su totalidad y que, por ello, no podrían haber sido adecuadamente defendidos por sus residentes.

Si contextualizamos el trabajo dedicado a las murallas con otros indicadores referentes a la demografía, la desigualdad social o la violencia, quizás podamos hallar una explicación satisfactoria al dilema defensivo-ceremonial. Las relativamente modestas murallas de El Alto del Quemado y de El Pico de la Mora, así como al menos parte de la de El Pedroso — el segmento de la muralla y esa torre protegiendo la entrada al hábitat — se erigieron en un momento, el Calcolítico Inicial, de crecimiento demográfico[57], sedentarización[58] y en el que, si bien no expresándose de forma tan marcada como durante el Calcolítico Campaniforme, se constatan determinadas desigualdades sociales entre una minoría enterrada con ajuares con cobre y/o variscita y una mayoría de la población enterrada con ajuares modestos o sin ajuar[59]. En cuanto a la violencia conviene recordar a las tres mujeres sacrificadas o ajusticiadas en Los Cercados[60] y, también, que a finales de este periodo Precampaniforme y comienzos del Campaniforme se fecha la fosa común de cuatro individuos asaeteados del Cerro de la Cabeza[61], pruebas respectivamente de violencia contra determinados sectores de la sociedad y de enfrentamientos intergrupales violentos. El hecho de que El Pedroso fuera centro manufacturero de puntas de flecha y de que en El Alto del Quemado se recuperaran «abundantes» de ellas, tanto en el foso como en el poblado, incide en esta idea sobre el carácter conflictivo del Calcolítico Inicial.

Por su parte, como se ha mencionado, la Edad del Bronce normeseteña subsiguiente fue un periodo con mayor densidad demográfica relativa[62] pero en el que no se conocen pruebas de grandes desigualdades sociales similares a las del Calcolítico que se reflejen en el registro funerario ni, tampoco, de enfrentamientos intergrupales violentos. Así, en este momento es en el que las más colosales murallas parecen dejar de satisfacer una estricta funcionalidad defensiva al, repetimos, cercar amplísimos espacios que no llegaron a ser habitados en su totalidad. Podríamos, por tanto, encontrarnos ante prácticas

[56] VILLALOBOS GARCÍA, RODRÍGUEZ MARCOS, 2018.
[57] VILLALOBOS GARCÍA, 2016a: epígrafe 3.1.
[58] DELIBES DE CASTRO *et al.*, 1997.
[59] VILLALOBOS GARCÍA, 2016a: epígrafe 3.4.4.; DEL BARRIO, VILLALOBOS GARCÍA, DELIBES DE CASTRO, 2020.
[60] GARCÍA BARRIOS, 2007.
[61] FABIÁN GARCÍA, BLANCO-GONZÁLEZ, 2012.
[62] RODRÍGUEZ MARCOS, 2013.

ceremoniales que, de forma similar a como se ha planteado para los recintos fosados calcolíticos normeseteños[63] y para otros recintos de fosos y/o amurallados de regiones vecinas[64], pudieran acoger espacios de agregación temporal de los grupos que habitaban los fondos de los valles. No hay por qué acudir a una razón esencialmente bélica para explicar las relativamente mayores y aparentemente ineficaces murallas protocogotenses de La Plaza, Pico Aguilera y La Cuesta de la Horca: el trabajo cooperativo de, eso sí, una población más densa que la calcolítica, enfocado a una finalidad social y/o ceremonial, se nos presenta como una hipótesis bastante sugerente y, por lo demás, también robusta que deberá, eso sí, seguir contrastándose con la nueva información que pueda ir publicándose en adelante.

CONCLUSIONES

La construcción de murallas de la Prehistoria Reciente normeseteña parece concentrarse en dos subperiodos concretos, el Calcolítico Inicial o Precampaniforme (3200-2500 cal a. C.) y el Bronce Medio o Protocogotas (1800-1550 cal a. C.). El primero de ellos se caracteriza por un poblamiento de tipo aldeano y una sociedad relativamente desigual y con pruebas de violencia intergrupal, que construyó recintos fosados en llano probablemente como espacios de agregación y que amuralló algunos asentamientos en alto con fines aparentemente defensivos. El ocaso de recintos y murallas calcolíticos coincide con el evento climático árido 4.0 ky B.P. del 2350 cal a. C., cuando se documentan cambios en el modelo de poblamiento y la estructuración de una sociedad más desigual todavía, la Campaniforme, cuyas élites emplearon profusamente artefactos de clara simbología guerrera pero que no se conoce construyeran muralla alguna. Tras el escasamente caracterizado Bronce Antiguo se sucede, a partir del 1800 a. C., el Bronce Medio Protocogotas, periodo de mayor densidad demográfica y carente de pruebas de grandes desigualdades sociales, simbología guerrera o violencia entre grupos, en el que colosales murallas, mucho mayores que las calcolíticas, delimitan enormes espacios no habitados en su totalidad y que, por ello, interpretamos como lugares de agregación monumentalizados con fines sociales o ceremoniales.

Es posible, no obstante, que en el primer momento no todos los ejemplos de murallas se correspondan con una total funcionalidad defensiva — el asentamiento calcolítico de El Pedroso, centro de manufactura intensa de puntas de flecha y con una torre protegiendo la zona doméstica, tiene no obstante parte de su muralla aparentemente inútil protegiendo un área no habitada — y que en el segundo no todos los amurallamientos se correspondan con una total función ceremonial — la muralla del yacimiento protocogotas de El Gurugú protege una superficie de cerca de 1 hectárea que sí podría haber sido

[63] GARCÍA GARCÍA, 2017.
[64] v. g., DÍAZ DEL RÍO, 2003 para la cuenca media del Tajo o SANCHES, VALE, 2020, para la cuenca baja del Duero.

un hábitat estándar de la época por lo demás, pero en alto y fortificado. Más que tomar partido por una de las dos opciones para seguir agrandando esa aparente dicotomía defensiva-ceremonial en lo concerniente a la interpretación de las murallas prehistóricas, lo que hemos pretendido en estas páginas ha sido jugar con ambas hipótesis, contrastándolas con otros indicadores demográficos, sociales o de violencia conocidos de cada periodo y de la secuencia completa de la Prehistoria Reciente en la que se enmarcan.

BIBLIOGRAFÍA

AGAPITO Y REVILLA, Juan (1927). *Lo Prehistórico, Protohistórico y Romano en la provincia de Valladolid*. «Boletín de la Comisión de Monumentos históricos y artísticos de la provincia de Valladolid», 6, 62.

BLANCO-GONZÁLEZ, Antonio *et al*. (2018). *Cultural, Demographic and Environmental Dynamics of the Copper and Early Bronze Age in Iberia (3300-1500 BC): Towards an Interregional Multiproxy Comparison at the Time of the 4.2 ky BP Event*. «Journal of World Prehistory». 31, 1-79.

BLASCO BOSQUED, María Concepción; SÁNCHEZ CAPILLA, María Luz; CALLE, Juana (1991). *Enterramientos del horizonte protocogotas en el Valle del Manzanares*. «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid». 18, 55-112.

BRADLEY, Richard *et al*. (2005). *El Pedroso. A prehistoric cave sanctuary in Castille*. «Journal of Iberian Archaeology». 7, 125-156.

CARMONA BALLESTERO, Eduardo; ARNAIZ ALONSO, Miguel Ángel; MONTERO GUTIÉRREZ, Juan (2010). *Consumo de metal durante la Prehistoria Reciente en el centro de la Península Ibérica. Una aproximación a través del análisis de los contextos funerarios en fosa*. «Trabajos de Prehistoria». 67:2, 373-387.

CHAPMAN, Robert (2008). *Producing Inequalities: Regional Sequences in Later Prehistoric Southern Spain*. «Journal of World Prehistory». 21:3-4, 195-260.

DE PALOL, Pedro; WATTENBERG SANPERE, Federico (1974). *Carta Arqueológica de España*. Valladolid: Diputación Provincial de Valladolid.

DEL BARRIO, Angélica Santa Cruz; VILLALOBOS GARCÍA, Rodrigo; DELIBES DE CASTRO, Germán (2020). *Nueva serie de dataciones radiocarbónicas sobre hueso humano para el dolmen de Los Zumacales (Simancas, Valladolid). Reflexiones sobre la temporalidad del fenómeno megalítico en la Meseta Norte*. «Trabajos de Prehistoria». 77:1, 130-147.

DELIBES DE CASTRO, Germán (1995). *Neolítico y Edad del Bronce*. In *Historia de Zamora. Tomo I. De los Orígenes al final del Medievo.* Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo, pp. 47-100.

DELIBES DE CASTRO, Germán (2010). *La investigación de las sepulturas colectivas monumentales del IV milenio A. C. en la Submeseta Norte Española. Horizonte 2007*. In FERNÁNDEZ ERASO, Javier; MUJIKA ALUSTIZA, José Antonio, *eds*. *Megalitismo y otras manifestaciones funerarias contemporáneas en su contexto social, económico y cultural*. Donostia: Aranzadi, pp. 12-56.

DELIBES DE CASTRO, Germán *et al*. (1995). *Evidence for Social Complexity in the Copper Age of the Northern Meseta*. In LILLIOS, Katina T., *ed*. *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*. Ann Arbor: International Monographs in Prehistory, pp. 44-63.

DELIBES DE CASTRO, Germán *et al*. (1997). *De la tumba dolménica como referente territorial, al poblado estable: Notas sobre el hábitat y las formas de vida de las comunidades megalíticas de la Submeseta Norte*. In RODRÍGUEZ CASAL, Antón, *ed*., *O neolitico atlántico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, pp. 779-808.

DELIBES DE CASTRO, Germán *et al*. (2014). *Los recintos de fosos calcolíticos del valle medio del Duero: Arqueología Aérea y Espacial.* Valladolid: Universidad de Valladolid.

DELIBES DE CASTRO, Germán *et al.* (2015). *The archaeological and palynological record of the northern plateau of Spain during the second half of the 3rd millennium BC.* In MELLER, Harald; ARZ, Helge Wolfgang; JUNG, Reinhard; RISCH, Roberto, *eds. 2200 BC — a climatic breakdown as a cause for the collapse of the Old World?*. Halle: Landesmuseum für Vorgeschichte, pp. 429-448.

DELIBES DE CASTRO, Germán; FERNÁNDEZ MANZANO, Julio (1981). *El castro protohistórico de «La Plaza» en Cogeces del Monte (Valladolid). Reflexiones sobre el origen de la fase Cogotas I.* «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología». 47, 51-70.

DELIBES DE CASTRO, Germán; FERNÁNDEZ MANZANO, Julio (2000). *La trayectoria cultural de la Prehistoria Reciente (6400-2500 BP) en la Submeseta Norte: Principales hitos de un proceso*. In JORGE, Vítor Oliveira, *ed. Actas do 3.º Congresso de Arqueología Peninsular. Pré-Historia Recente da Península Ibérica*. Porto: Adecap, pp. 95-112.

DELIBES DE CASTRO, Germán; VAL RECIO, Jesús (1990). *Prehistoria reciente zamorana: Del Megalitismo al Bronce.* In *I Congreso de Historia de Zamora. Volumen 2*. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo, pp. 53-99.

DELIBES DE CASTRO, Germán; VAL RECIO, Jesús (2007). *La explotación de la sal al término de la Edad del Cobre en la Meseta central española: ¿fuente de riqueza e instrumento de poder de los Jefes Ciempozuelos?* «Veleia». 24-25:2, 791-812.

DELIBES DE CASTRO, Germán; VIÑÉ ESCARTÍN, Ana; SALVADOR VELASCO, Mónica (1998). *Santioste, una factoría salinera de los inicios de la Edad del Bronce en Otero de Sariegos (Zamora).* In DELIBES DE CASTRO, Germán, *ed. Minerales y metales en la Prehistoria Reciente. Algunos testimonios de su explotación y laboreo en la península ibérica*. Valladolid: Universidad de Valladolid, pp. 155-197.

DÍAZ DEL RÍO, Pedro (2003). *Recintos de fosos del III milenio AC en la Meseta peninsular*. «Trabajos de Prehistoria». 60:2, 61-78.

ESPARZA ARROYO, Ángel (1977). *El castro zamorano del Pedroso y sus insculturas.* «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología». 43, 27-39.

ESPARZA ARROYO, Ángel (1986). *Los castros de la Edad del Hierro del noroeste de Zamora*. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo.

ESPARZA ARROYO, Ángel *et al.* (2008). *Una nueva sepultura del grupo Cogotas I en «El Juncal» (Villaralbo, Zamora).* «Zephyrus». 61, 155-175.

FABIÁN GARCÍA, Juan Francisco (2006). *El IV y III milenio AC en el Valle Amblés (Ávila).* Valladolid: Junta de Castilla y León.

FABIÁN GARCÍA, Juan Francisco; BLANCO-GONZÁLEZ, Antonio (2012). *Cuatro enterramientos calcolíticos en hoyo del Cerro de la Cabeza (Ávila).* «Complutum». 23:1, 99-120.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos (2008). *Gestión del cuarzo y la pizarra en el Calcolítico peninsular: El «santuario» de El Pedroso (Trabazos de Aliste, Zamora).* «Trabajos de Prehistoria». 65:1, 125-142.

GALVÁN MORALES, Rafael (1983). *Esquema evolutivo de las distintas fases culturales de Torozos, Pisuerga y Cerrazo. A. Prehistórico*. In MAÑANES, Tomás, *ed. Arqueología Vallisoletana, II, Torozos, Pisuerga y Cerrato (Estudios arqueológicos de la Cuenca del Duero).* Valladolid: Institución Cultural Simancas, pp. 97-125.

GARCÍA BARRIOS, Ángel Salvador (2007). *Un enfoque de género en la arqueología de la Prehistoria reciente del valle medio del Duero: Los cráneos femeninos calcolíticos de Los Cercados (Mucientes, Valladolid).* In ROSA CUBO, C. *et al., eds. Nuevos enfoques para la enseñanza de la Historia: Mujer y género ante el Espacio Europeo de Educación Superior*. Madrid: Asociación Cultural Al-Mudayna, pp. 41-56.

GARCÍA GARCÍA, Marcos (2017). *La Edad de los Metales en el Duero Medio. La evolución del paisaje y las sociedades.* Valladolid: Universidad de Valladolid.

GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina; COSTEIRA, Catarina (2013). *Walls, gates and towers. Fortified settlements in the South and Centre of Portugal: Some notes about violence and walls in the 3rd millennium BCE*. «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de La Universidad de Granada», 23, 35-97.

JALHAY, Eugenio; PAÇO, Afonso (1945). *El castro de Vilanova de San Pedro.* Madrid: Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria.

JORGE, Susana Oliveira (2003). *Pensar o espaço da Pré-história Recente: A propósito dos recintos murados da Península Ibérica.* In JORGE, Susana Oliveira, *ed. Recintos Murados da Pré-História Recente*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 13-50.

LOPES, Susana Soares; BETTENCOURT, Anna M. S. (2017). *Para uma periodização da Pré-História Recente do norte de Portugal: Da segunda metade do 4.º milénio aos finais do 3.º milénio a. C.* In ARNAUD, J. Morais; MARTINS, Andrea, *eds. Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado de Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 467-487.

LÓPEZ PLAZA, Socorro (1984). *Coto Alto, La Tala (Salamanca): Nuevo yacimiento con cerámica Campaniforme y de Boquique en la Meseta Norte Española*. «Arqueología GEAP». 9, 59-67.

LÓPEZ PLAZA, Socorro (1987). *El comienzo de la metalurgia en el S.O. de la cuenca del Duero*. In FERNÁNDEZ MIRANDA, Manuel, *ed. El Origen de la Metalurgia en la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, vol. 2, pp. 52-65.

LÓPEZ PLAZA, Socorro (1994). *El Alto del Quemado, poblado calcolítico fortificado en el SO de la Meseta Norte Española*. «Trabalhos de Arqueología da Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego». 2, 201-214.

LULL SANTIAGO, Vicente *et al.* (2014). *The La Bastida fortification: New light and new questions on Early Bronze Age societies in the western Mediterranean*. «Antiquity». 88, 340, 395-410.

MALUQUER DE MOTES, Juan (1960). *Bases para el estudio de las culturas metalúrgicas de la Meseta*. In *Actas del Primer Symposium de Prehistoria de la península Ibérica.* Pamplona: Diputación Foral de Navarra, pp. 125-149.

MARTÍN CARBAJO, Miguel Ángel *et al.* (1992). *El campo de túmulos de «La Manguita» (San Vitero, Zamora).* «Anuario del Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo», 35-52.

RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio (1995). *La Cuesta de la Horca en Cevico Navero (Palencia): Un nuevo yacimiento amurallado de facies Proto/Cogotas I*. In CÁLLEJA GONZÁLEZ, María Valentina, *coord. Actas del III Congreso de Historia de Palencia.* Palencia: Diputación de Palencia, pp. 93-113.

RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio (2008). *Estudio secuencial de la Edad del Bronce en la Ribera del Duero (provincia de Valladolid).* Valladolid: Junta de Castilla y León.

RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio (2013). *El mapa arqueológico de Valladolid durante la Prehistoria Reciente.* In *Conocer Valladolid 2012/2013*. Valladolid: Real Academia de Bellas Artes de la Purísima Concepción, pp. 27-42.

RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio; MORAL DEL HOYO, Sergio (2007). *Algunos ejemplos de ingeniería prehistórica poco conocidos: tres poblados amurallados del Bronce medio de la sub-Meseta norte*. In *Actas del Quinto Congreso Nacional de Historia de la Construcción.* Madrid: I. Juan de Herrera, vol. 2, pp. 775-780.

ROJO GUERRA, Manuel Ángel; GARRIDO PENA, Rafael; MARTÍNEZ DE LAGRÁN, Íñigo García (2008). *Everyday routines or special ritual events? Bell Beakers in domestic contexts of Inner Iberia*. In BAIONI, Marco *et al.*, *eds. Bell Beaker in Everyday Life.* Florencia: Museo Fiorentino di Preistoria Paolo Graziosi, pp. 321-326.

SANCHES, Maria de Jesus; VALE, Ana Margarida (2020). *Connecting stories of the Neolithic in north-eastern Portugal: Walled enclosures and their relationships with the genealogy of the landscape*. In GEBAUER, Anne Birgitte *et al.*, *eds. Monumentalising life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*. Oxford: Oxbow Books, pp. 251-262.

SIRET, Enrique; SIRET, Luis (1890). *Las primeras edades del metal en el sudeste de España. Resultados obtenidos en las excavaciones hechas por los autores desde 1881 á 1887*. Barcelona: Tip. de Enrich y Ca en comandita, sucesores de N. Ramírez y Ca.

TRIGGER, Bruce G. (1990). *Monumental architecture: A thermodynamic explanation of human behaviour.* «World Archaeology». 22:2, 119-132.

VILLALOBOS GARCÍA, Rodrigo (2016a). *Análisis de las transformaciones sociales en la Prehistoria Reciente de la Meseta Norte Española (milenios VI-III cal a.C.).* Valladolid: Universidad de Valladolid.

VILLALOBOS GARCÍA, Rodrigo (2016b). *Una aproximación cuantitativa al trabajo destinado a la arquitectura monumental en la Prehistoria Reciente de la Meseta Norte Española.* «Spal». 25, 43-66.

VILLALOBOS GARCÍA, Rodrigo; ODRIOZOLA LLORET, Carlos (2016a). *Organizing the Production of Variscite Personal Ornaments in Later Prehistoric Iberia: The Mines of Aliste and the Production Sites of Quiruelas de Vidriales (Zamora, Spain).* «European Journal of Archaeology». 19:4, 631-651.

VILLALOBOS GARCÍA, Rodrigo; ODRIOZOLA LLORET, Carlos (2016b). *Las herramientas prehistóricas de las minas de variscita de Palazuelo de las Cuevas (Zamora) y Pico Centeno (Huelva). Análisis comparativo.* «Zephyrus». 77, 79-98.

VILLALOBOS GARCÍA, Rodrigo; ODRIOZOLA LLORET, Carlos (2017). *Las minas de variscita de la comarca de Aliste (Zamora, España).* In GARCÍA PULIDO, Luis José *et al*., *eds. Presente y futuro de los paisajes mineros del pasado: Estudios sobre minería, metalurgia y poblamiento, VIII Congreso sobre minería y metalurgia históricas en el sudoeste europeo.* Granada: Universidad de Granada, pp. 81-89.

VILLALOBOS GARCÍA, Rodrigo; RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio (2018). *El Pico de la Mora (Peñafiel, Valladolid). Un nuevo asentamiento amurallado del Calcolítico Inicial normeseteño.* «Trabajos de Prehistoria». 75:1, 155-162.

WATTENBERG SANPERE, Federico (1959). *La región Vaccea.* Madrid: Instituto Español de Prehistoria.

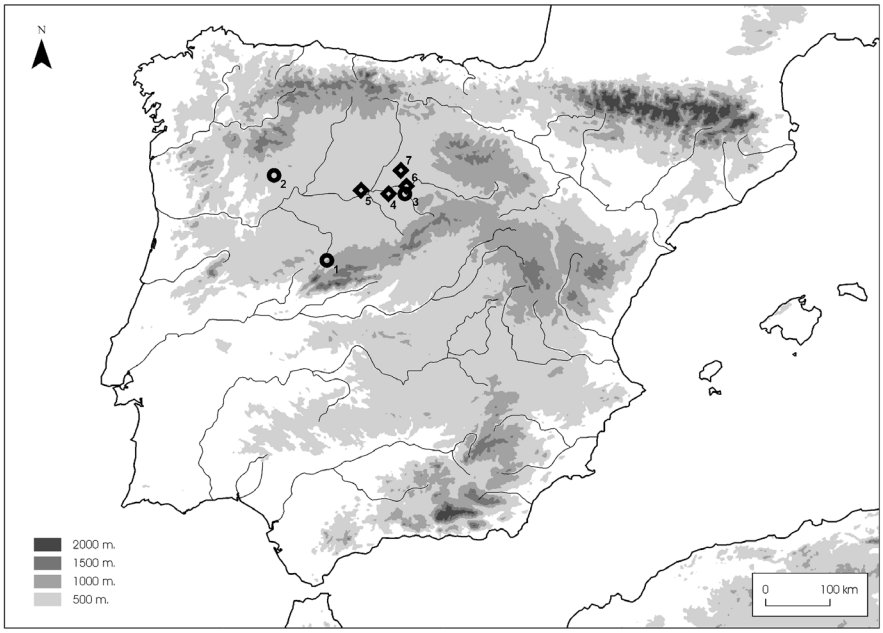


Fig. 1. Localización de los yacimientos normeseteños analizados en el texto. Edad del Cobre (círculos): 1 — El Alto del Quemado; 2 — El Pedroso; 3 — El Pico de la Mora. Edad del Bronce (cuadrados); 4 — La Plaza; 5 — Pico Aguilera; 6 — El Gurugú; 7 — La Cuesta de la Horca

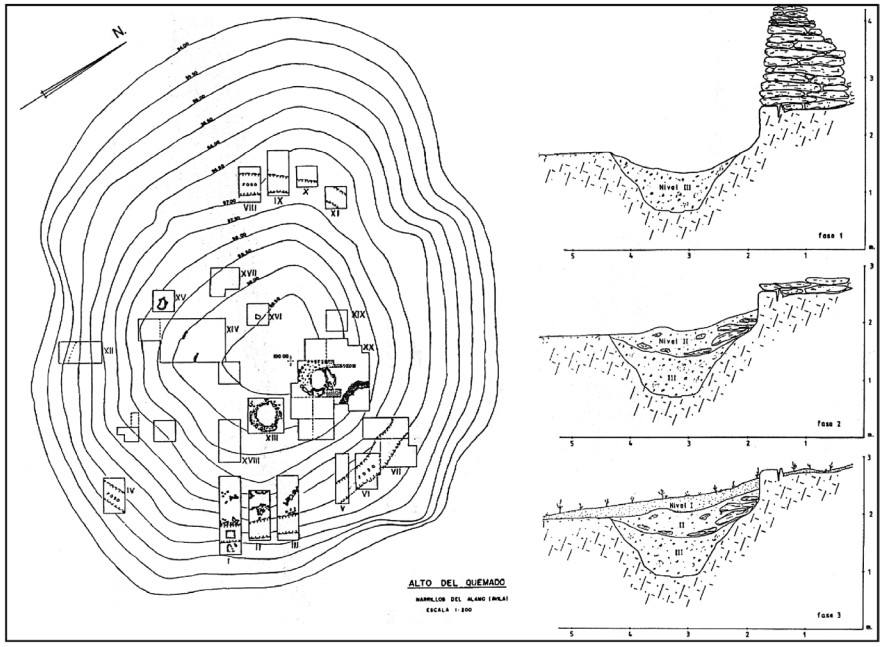


Fig. 2. (Izquierda) Planimetría de El Alto del Quemado. (Derecha) Perfil de la excavación de foso y muralla (elaborado a partir de LÓPEZ PLAZA, 1994: Figs. 2 y 5)

Fig. 3. Fotografía de uno de los tramos de restos visibles de la muralla de El Pedroso

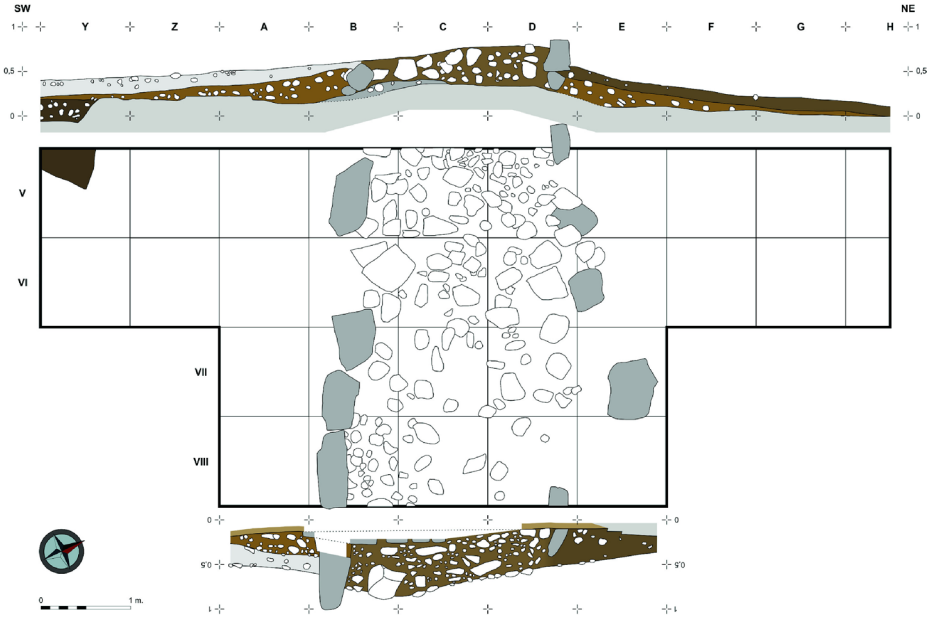


Fig. 4. Planta y perfiles del sondeo 1 de la excavación de la muralla de El Pico de la Mora. Los bloques grises de planta y perfiles representan los que interpretamos como bloques del paramento

Fig. 5. Fotografía del perfil de la excavación de la muralla de La Plaza

Fig. 6. Fotografía de la muralla de Pico Aguilera

Fig. 7. Fotografía del espigón del Gurugú. En primer plano, encuadrada por las flechas, la muralla

Fig. 8. Fotografía de la muralla de La Cuesta de la Horca

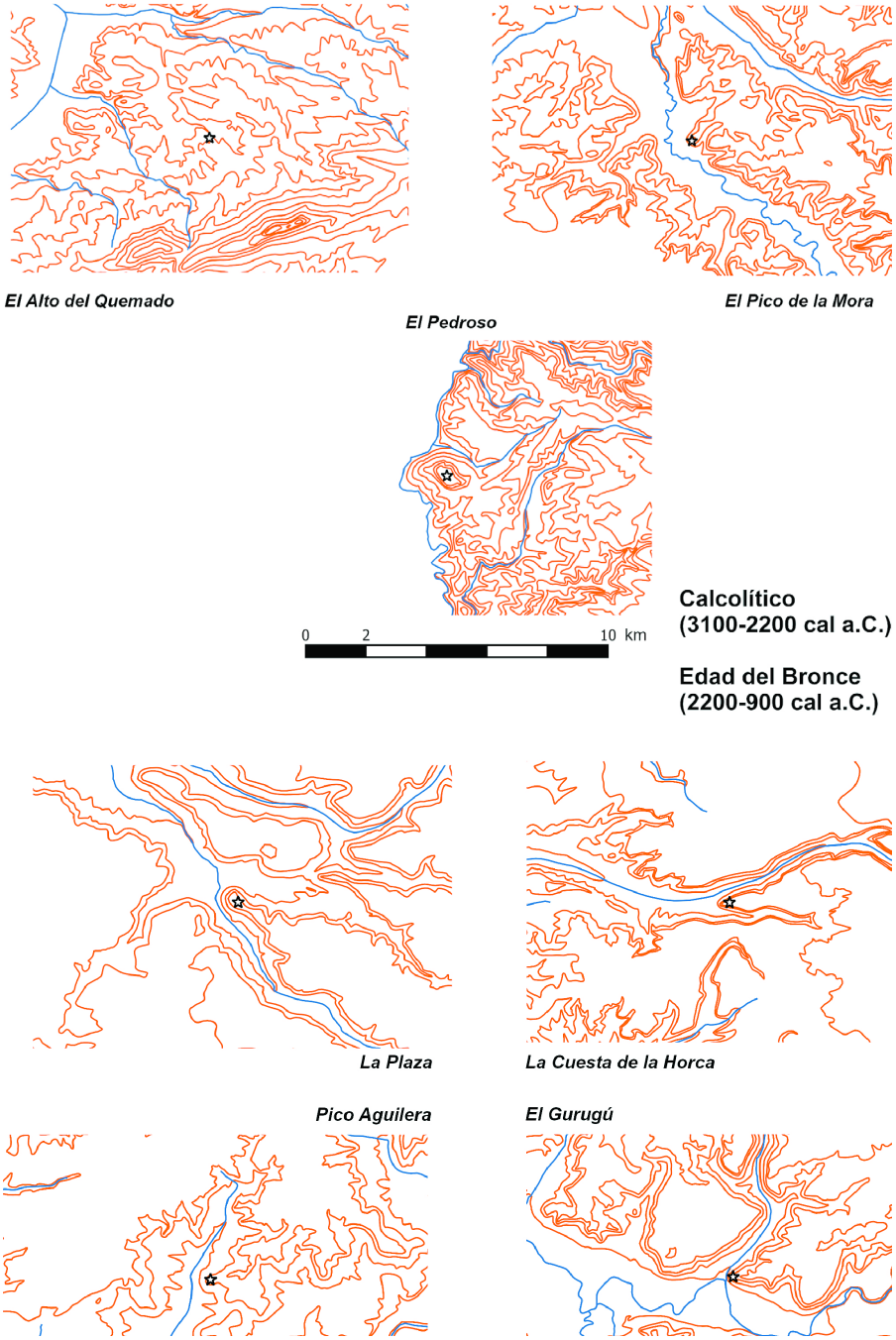


Fig. 9. Localización en relación con su entorno — orografía e hidrografía — de los asentamientos analizados en el texto. Cartografía Base Topográfica Nacional (BTN) 1:100.000 — Instituto Geográfico Nacional: capas de curvas de nivel (cada 40 metros + acabadas en 00) y de ríos

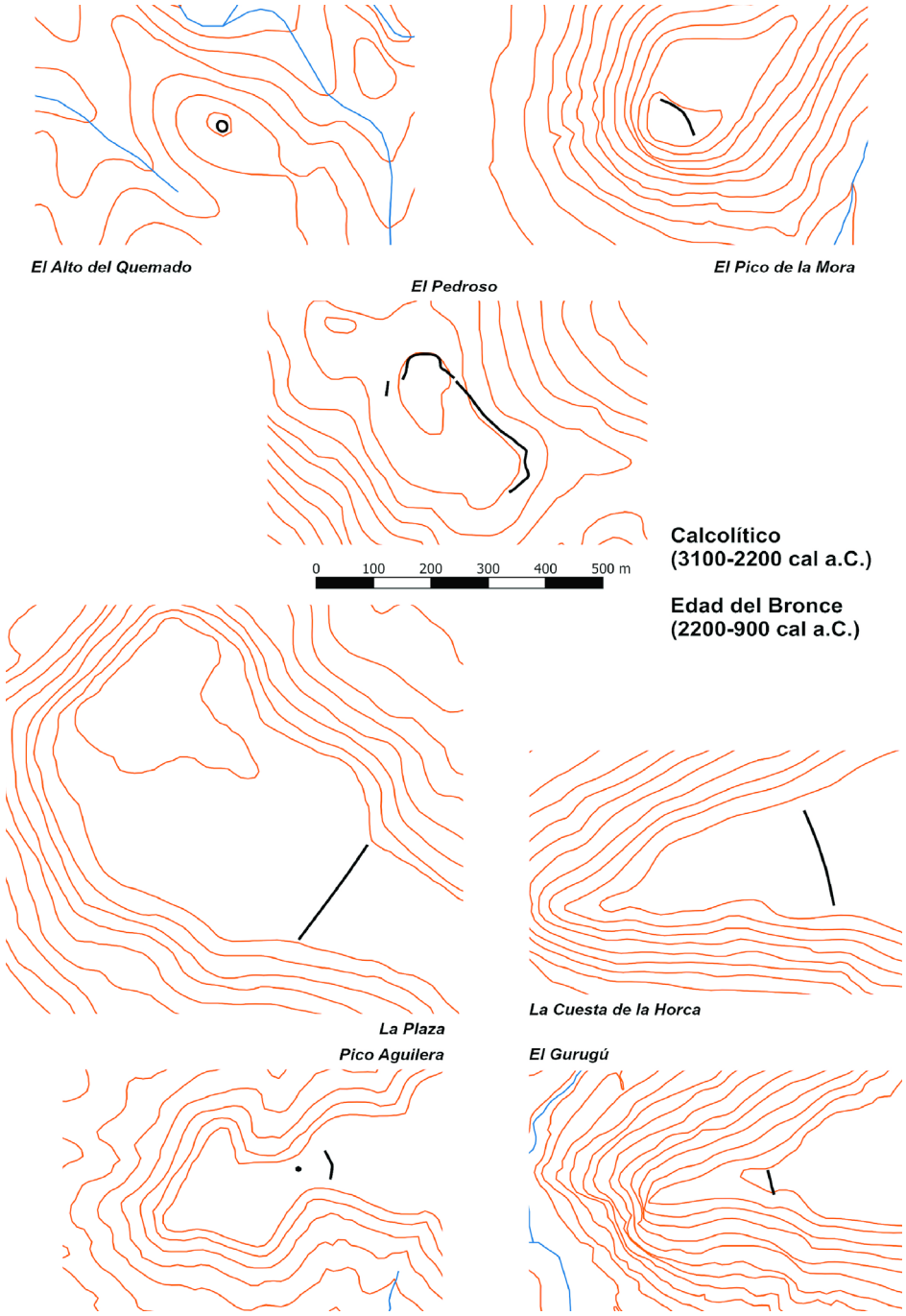


Fig. 10. Trazado de las murallas de los asentamientos analizados en el texto en relación con su entorno inmediato — orografía e hidrografía. Cartografía Base Topográfica Nacional (BTN) 1:25.000 — Instituto Geográfico Nacional: capas de curvas de nivel (10 metros) y de ríos

INTERFLUVE TEDO/TÁVORA (NORTH OF BEIRA ALTA), A PHYSICAL AND NATURAL BARRIER, A MENTAL BORDER? — TRANS(I)MUTATIONS BETWEEN THE 4TH AND 1ST MILLENNIUM BC*

ALEXANDRE CANHA**

Abstract: *In this paper, the perception of territorial dynamics is tested in a long diachrony, from the 4th to the 1st millennium BC, between Nave and Penedono plateaus. For this purpose, was carried out an analysis drawing on the contrast between the most representative architectures and materialities found to the east and west of the study area.*
As far as architectures are concerned, the archaeological record covers the period between the 4th millennium and the end of the 1st millennium BC. For the materialities, a brief analysis is made regarding the dispersion patterns of the most abundant and representative ceramics grammars belonging to particular chronological periods.

Keywords: *Architecture; Material culture; Continuities; Discontinuities; Biogeography.*

Resumo: *Neste trabalho, ensaia-se a perceção das dinâmicas territoriais numa longa diacronia do IV ao I milénio a. C., entre o planalto da Serra da Nave e o planalto de Penedono. Para o efeito, realiza-se uma análise em ambos os planaltos de algumas das arquiteturas e materialidades mais representativas, contrastando-se os resultados.*
No que às arquiteturas diz respeito, o registo arqueológico destas estruturas deteta-se a partir do IV milénio até inícios do I milénio.
Quanto às materialidades, efetua-se uma breve análise aos padrões de dispersão daquelas mais abundantes e caracterizadoras dos diferentes momentos cronológicos.

Palavras-chave: *Arquitecturas; Materialidades; Continuidades; Ruturas; Biogeografia*.

1. INTRODUCTION

This paper offers a brief analysis of the current information available on the archaeological record of the Nave and Penedono plateaus, compiled from different sources, which seems to reveal the presence of a cultural border between them from the 3rd to the 1st millennium BC, although with minor changes in the latter.

The study area is located in central-northern Portugal, most specifically in the north of the Beira Alta region. For the purpose of our study, we considered to split it in two: the area to the west corresponds to a large part of the Nave and Lapa mountains and adjacent territories whereas the area to the west covers the Penedono and Sernancelhe

* If the copyright for tables, graphs and other images is not indicated, it belongs to the author of this text.
** CEAACP/Coimbra University/CEPBA/FCT (SFRH/BD114673/2016). Email: alexcanha@gmail.com.

plateaus and their immediate surroundings. Yet, in order to simplify the terminology, we shall refer to them as Nave Plateau and Penedono Plateau (Fig. 1).

2. THE ARCHAEOLOGICAL DATA

This area has been the subject of autonomous studies that resulted in the production of a relevant archaeological dataset, that lacks a comprehensive analysis. This paper makes such analysis on a medium territorial scale and a broad chronology, which allows us to obtain a wide-ranging spatial and temporal perspective.

In the definition of the study area, we have ensured that the two sub-areas (Nave Plateau and Penedono Plateau) had previously been the object of scientific studies in order to avoid, or at least reduce, biases in research that could interfere and distort our analysis of the data.

Such a lengthy chronology leads us to select data from a globalising and chronological sequence from the oldest to the most recent. However, aiming simplification, we present the periodisation across millennia and not based on «chronological-cultural phases» because, in this region, the chronological boundaries differ between authors[1], also due to evident disparities in the survival of particular types of material culture. The 2nd millennium BC is perhaps the most problematical to classify as a compartmentalised temporal unit because recent research has shown continuities, rather than ruptures, between the last quarter of the 3rd millennium and the first quarter of the 2nd millennium. A similar situation occurs between the last quarter of the second and the first quarter of the 1st millennium. We understand that this division in millennia might not be the most adequate option, but in this context this simple division is the most suitable.

Given the large scale of the information available for the 4th millennium BC and the 1st millennium BC, it was necessary to select the most relevant types of architectures and material culture using data from approximately three hundred archaeological sites[2].

In the first case, we selected two types of architectures: funerary and non-funerary. It seemed to be the most prudent approach following the path of recent works[3].

Regarding material culture, we chose to look at ceramics. However, we face the problem of variability of the archaeological record because of the scarcity of excavated settlements and their nature. Obviously, an excavated site delivers a larger amount of ceramic if compared to a non-excavated settlement, in which the information comes from surface finds, rarer and more fragmentary. This situation makes formal

---

* If the copyright for tables, graphs and other images is not indicated, it belongs to the authors of this text.

** CEAACP/Coimbra University/CEPBA/FCT (SFRH/BD114673/2016). Email: alexcanha@gmail.com.

[1] To understand the variability and correlation between authors see: VIEIRA, 2015: 116-117.

[2] Throughout this text whenever archaeological sites are mentioned without any bibliographical reference, they can be found in the Endovelico database: <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php>.

[3] SANCHES, BARBOSA, 2018: 114.

comparisons more difficult, also bearing in mind their wider chronological distribution. Therefore, we chose to privilege decorative grammars using only the presence/absence criterion, with the most «expressive» decorations of each period providing a timeline between each millennium.

Regarding the 4th millennium, we have not identified any distinctive decorative motifs. For the 3rd millennium, we selected Bell Beaker and Combed ware, for the 2nd millennium, the ornamental matrices of Cogeces and Cogotas I and for the 1st millennium, we considered the distribution of Baiões decoration (typical of the first quarter). We also included the *berrões* statuary (representing boars/pigs) from the second half of the 1st millennium or early Roman Era.

3. DATA ANALYSIS

3.1. 4th millennium

Given the scarcity of materialities belonging to the 4th millennium BC, we focused on funerary architectures. In Fig. 2, we find that there is a higher density of monuments in the Nave Plateau if compared to the area on the opposite Távora riverbank.

3.2. 3rd millennium

There is a significant contrast between the two sub-areas regarding the funerary monuments ascribed to this period. The Nave Plateau shows a substantial number of tombs (Fig. 3). The construction of large dolmens ceased, and they are deliberately closured, in this millennium some were reused, but they were replaced by smaller structures that somehow followed the tradition of building under mound. Although less visible in the landscape, they were still easily identifiable.

All 58 sites listed are located on the Nave Plateau. In contrast, barrows are not detected in the Penedono Plateau but there are two burial structures without mound in the surrounding area: Vale da Cerva[4] and Terraço das Oliveiras[5]. The former dates from the first half of the 3rd millennium whereas the latter provided dates between the 3rd and 2nd millennia. While insufficient, the data somehow allow us to suppose this type of burial is potentially predominant in the Penedono Plateau, even if these structures lacking mounds are difficult to detect and usually found incidentally.

In terms of the materialities, we assessed the distribution of Bell Beaker and Combed pottery.

[4] CRUZ, 2001: 262.
[5] GASPAR *et al.*, 2014.

Bell Beakers are found across the whole region. Despite its broad span extending to the 2nd millennium, for instance in Fraga da Pena[6], Bell Beakers are predominant during the 3rd millennium[7].

The Nave Plateau shows a significantly higher percentage than the region on the eastern of River Távora. Broadening the area of analysis, crossing up the River Douro (north), the Dão (south) and the Coa basins (east), the initial tendency is slightly diluted but still notable. When the contexts are analyzed, a curious predisposition seems to arise. Bell Beakers tend to occur on the Nave Plateau almost exclusively in funerary contexts, while on Penedono Plateau is only found in non-funeral contexts. A leaning that seems to be maintained when we head south along the basin of the River Dão, only contradicted by the presence of this decoration on the dolmen and the rock shelter of Penedo do Com (Fig. 4). Returning to our study area, we come upon an almost perfect dichotomy: Bell Beaker pottery appears in non-funerary contexts on the eastern banks of the Távora and in funerary contexts on the Nave Plateau, with seven sites with the exception of Chã de Lameiras.

Interestingly, we should keep in mind that is not uncommon to find Bell Beakers in contexts of the re-use of large dolmens like Moinhos de Rua, Seixas and Castonairas[8], in Nave Plateau. Yet, in the Penedono Plateau, we attest the re-use of this type of monuments at the dolmens of Lameira de Cima 2 and Senhora do Monte[9], which lacks this type of pottery. The simplest explanation may be the natural limitation of the data, but the reason may not be limited only to this issue and eventually can be likened to «mental» reasons.

Since Bell Beakers are generally considered an item of trans-regional prestige and used in social practices of differentiation and identity consolidation[10], there seems to be some diversity in the ways it was manipulated on one area it tends to appear in funerary contexts, on the other, is predominantly associated with the «world of the living». Ana Bettencourt also notices a difference in the contexts Bell Beakers usage in northern Portugal. On Northwest, it predominates in sepulchral contexts, in the Northeast, they are more common in monumental enclosures or natural spaces of great collective importance and very scarce in tomb contexts. The plurality of actions and meanings inherent to the circulation, adoption, manipulation and transformation of Bell Beakers, show complex processes in which this pottery would not have an autonomous value or a similar function in the different contexts where it appears[11]. These variations could somehow correspond to different ways of staging, asserting, and negotiating *Power*[12].

[6] VALERA, 2007.
[7] SANCHES, BARBOSA, 2018: 110, Tab. 2.
[8] CRUZ, 2001: 318.
[9] VIEIRA, 2015: 239.
[10] LOPES, BETTENCOURT, 2017: 483.
[11] BETTENCOURT, 2011: 364, 372.
[12] CRUZ, SANTOS, 2011: 131.

Combed ware (Fig. 5) reveals a more exciting distribution pattern than Bell Beakers. After a preliminary analysis, we needed to enlarge our study area in order to get a broader perspective. The disparity is evident; only 4 of the 41 sites are located on the left banks of River Távora. In three cases the Combed matrix appears — like all those identified on Penedono Plateau — in non-funerary contexts: Senhora das Necessidades[13], Porqueira, and Graíl[14]. It is important to underline the proximity, especially between the first two settlements to the river and that the latter sit on the Tedo/Távora interfluvial. One particularly interesting site is Fraga do Seixo 1 since it is the only one located beyond the Nave Plateau and corresponds to a funerary context associated with a Bell Beaker[15]. The evidence therefore suggests that this decorative grammar assumes an exceptional character here, contrary to what happens to the east, where Combed ware seems to appear mainly in non-funerary settings and, in many cases, probably domestic contexts.

Although the River Douro is a natural barrier difficult to cross, it did not prevent the circulation of this decorative pattern. On the contrary, the Tedo/Távora interfluvial, particularly the River Távora, appears an almost insurmountable barrier. Valera proposes Fornos de Algodres Combed-ware grammars are more recent than those from Trás-os-Montes[16]. This idea suggests a movement of these grammars from North to South crossing the River Douro until attaining the Mondego platform and Dão basin, however circumventing the Távora valley along its right banks, thus avoiding the Nave Plateau. The upper Mondego and Dão areas present changes: Combed ware is mainly recorded in non-funerary, but also occur in funerary contexts such as dolmen de Fiais da Telha[17] and dolmen 1 de Moinhos de Vento. Furthest this matrix appears from its «nuclear» zone the rarer it is, and the more exceptional it becomes.

The explanation for the significant variation between Nave and Penedono Plateaux does not seem to be found in the difficulty of transposing the Távora River or particular geomorphological features. The dissimilarity in sepulchral practices, asymmetries in the dispersion of Combed pottery and differences in Bell Beaker manipulation, makes us equate the co-existence of two distinct cultural trends parted by Távora River.

3.3. 2nd millennium

In our study area, funerary practices dated to the Bronze Age feature a wide range of burial solutions[18] like tumuli with low barrows and small rectangular or polygonal chambers, as well as open pits in the gravel[19], alongside the re-use of dolmens.

[13] RIBEIRO, 2020.
[14] PERPÉTUO *et al*., 1999.
[15] CORREIA, 2014.
[16] VALERA, 2007: 371.
[17] SENNA-MARTINEZ 1989: 400.
[18] CRUZ, 2001: 266.
[19] CRUZ; 2001: 320.

Amongst the novelties in burial architecture are the reduction of mound dimensions and increasing chromatic contrast resulting from the intensification of the inclusion of white quartz covering the mounds[20]. If it is plausible that some of the monuments inventoried (Fig. 6) may have been built in the 3rd millennium, whereas others are undoubtedly ascribed to this period by radiocarbon dating as Rapadouro 2[21]. However, our concern goes beyond a typological approach; we prefer to highlight the distribution patterns of funerary structures between the two areas. The relative abundance on the Nave Plateau is again in absolute contrast to the Penedono Plateau where no funerary monuments are represented, revealing that the previous millennium trend is kept.

At present, the scarcity of archaeological data makes it difficult to select diagnostic items to produce a thorough analysis of material culture. Nevertheless, we elected two decorative types: Cogeces and Cogotas I pottery (Fig. 6), which is found only in two places: Alto de Santa Eufémia and Castanheiro do Vento in Penedono Plateau[22]. Away from the study area yet nearby, we find the sites of Eira[23] and Castelo Velho[24].

Despite the poverty of available data, the 2nd millennium seems to reflect the permanency of the contrast that seems to occur in the previous millennia. This chronological moment is characterised by rare archaeological data reflected in a generalized invisibility of settlements, which may somehow truncate the scarce conclusions obtained.

3.4. 1st millennium

The 1st millennium BC is the only one that allows a more thorough approach in chronological terms. In this temporal span we encounter three moments which are quite distinct: Late Bronze Age, Iron Age, and Roman period. Although the Late Bronze Age begins in the last quarter of the 2nd millennium, we allocate this period to the 1st millennium because the decorative grammar that typifies this period has its apogee around its first quarter.

Concerning the Late Bronze Age's material culture, we did not find substantial information that could give uniformity to our analysis. Therefore, we have chosen to consider as a diagnostic item the pottery displaying «Baiões/Santa Luzia» decoration (Fig. 7). We did not obtain any records about the decorative grammars of succeeding moments that would allow us to analyse it in comparative terms.

The pottery with «Baiões» decoration reveals some dichotomy between the two areas. It prevails in the left banks of the Távora, while on the right banks, it occurs at

[20] CRUZ, 2001: 266.
[21] CRUZ; 2001: 117.
[22] CARDOSO, 2014.
[23] CANHA *et al.*, 2018.
[24] PEREIRA, 1999.

Reboledo[25]. Its presence in both areas is not surprising considering that the Late Bronze Age is a moment associated with a dynamic time of mobility and intensification of supra-regional contacts, by consequence, a culturally permeable period.

Again, concerning funerary architecture, we have encountered difficulties in establishing a relationship between chronology and morphology of monuments dated to the 1st millennium BC. Based on the works by Cruz and Vilaça[26], despite the typological diversity, we can consider burial structures under shallow mounds, built with small-sized slabs configuring small funerary containers as belonging to this stage. In this case, on the left banks of the Távora, we find Lameira de Travessa de Lobos[27]. The set of 5 tumuli of Tapada das Arcas may also belong to this period. This is also the case of Calvário burial, which may, however, be associated with a previous moment. On the right banks, we can only find one possible funerary structure: Senhora de Lurdes[28] (Fig. 7).

The Nave Plateau does not reveal such a great density or concentration of funerary structures as in the previous millennia. This period shows that disparity has been significantly reduced.

Regarding non-funerary architectures (Fig. 8), we considered those with «defensive» structures (walls, ramparts, slopes, and ditches). Here we notice an apparent balance in the distribution of settlements. On each area we find settlements with evidence for permanent occupation throughout the whole millennium like Mondim da Beira[29] and São Jurge[30]. There are many examples of sites exclusively occupied in the Late Bronze Age and probably abandoned at the beginning or during the Iron Age: Vila-Cova-à-Coelheira, Longa hillfort, on the opposite side, Reboledo and Monte Airoso. The Iron Age and/or Roman period, seems to witness the emergence of settlements with some form of defensive system more evident on the Nave Plateau: Goujoim, São Domingos de Fontelo, Santa Bárbara (?), Torrão and Muro, and the continuity of Mondim da Beira. In the Penedono Plateau, we find only Senhora da Assunção alongside the maintenance of occupation at São Jurge.

Finally, we make a brief analysis of the zoomorphic statuary. It is relevant because the *berrão* found further to the west in Iberia (to the South of River Douro) was discovered in the vicinities of River Távora. It is common to consider the River Coa area as limit of the Vetonne territory[31] since this type of statuary is associated with this «ethnic group». Alongside the exemplar of Penela da Beira, there may be others. Costa mentions

[25] ARQUEOHOJE, 1999.
[26] CRUZ, VILAÇA, 1999; VILAÇA, CRUZ, 1999; CRUZ *et al*., 2000; VILAÇA, 2015.
[27] VILAÇA *et al*., 2017.
[28] CARVALHO, GOMES, 2002-2003.
[29] VILAÇA, 2008.
[30] COIXÃO, 2014.
[31] ALARCÃO, 2017: 47.

one in Póvoa de Penedono and another outlined in Sabroso[32]. Vox populi references that during the construction of Ranhados dam, near São Jurge, a pig carved in stone appeared, though this information failed to be confirmed. If the presence of *berrões* in Póvoa de Penedono or Sabroso raises many doubts, in São Jurge it does not seem unreasonable.

Lastly, the presence of a *terminus augustalis* near Goujoim, dating from the first century AD, is a landmark that establishes the territory of the *Coilarni* and the *Arabrigenses*[33]. This evidence should be highlighted because it indicates that the River Tedo functioned as a borderline between these peoples/groups in the Roman Era.

4. A POSSIBLE INTERPRETATION

The 4th millennium presents a megalithic funerary tradition that despite some tomb diversity, reveals megalithic monuments on both banks of the River Távora, although they are more predominant on the Nave Plateau. Considering that we are dealing with pastoral societies with high mobility in the territory, it may not be inappropriate to think that the strategies of appropriation of space might have been very similar on both areas. However, on the southern half of the Penedono Plateau funerary monuments are virtually absent. Is this gap the result of a lack of research? Or could it be due to the dynamics of population demography, resource availability and economic practices? Regardless the complexity of the answers, what is essential to highlight is that both areas have in common the megalith phenomenon.

The 3rd millennium appears to reveal a very distinct dynamic at all levels. In the Nave Plateau alongside the re-use of large dolmens from the previous phase, changes in the architecture of funerary structures emerged, while «markedly», following the megalithic tradition. However, the same tradition does not imply an absolute continuity, since large dolmens are intentionally closed involving some type of change, although sepulchral practices involving barrows are maintained.

What is exceptionally evident about the distribution of funerary monuments is their total absence towards the east of the Távora area if compared to the opposite side. The possibility of a demographic decrease does not seem plausible, given the population data, at least as far as the second half of the millennium is concerned. In fact, the increasing number of settlements seems to show a process of demographic intensification. The analysis of the archaeological record may point to other clues when analysing the 3rd millennium settlement network. It is possible to find records in both areas. Nevertheless, on the Nave Plateau, the information is substantially scarcer and points out to a lower demographic density. It is possible to find a large number of scattered and inconspicuous material remains, suggesting that the occupation of settlements in this area might have had a largely ephemeral character.

[32] COSTA, 1977: 25.
[33] VAZ, 1979.

On the opposite area (Penedono Plateau), we find sites with significant densities of material culture. These data suggest more stable settlements on the eastern side of our region, as opposed to vaster mobility in the western half, apparently rooted in the socio-economic practices of the 4th millennium. These differences may suggest a region with two profoundly contradictory areas.

Once again, it is challenging to explain this discrepancy between the dynamics of the two regions. This 3rd millennium points to cultural differences which seem to be forged and embodied in material culture and architecture.

The data highlights disparities such as the distribution of Combed ware, which is predominantly found on the right margin of river Távora, even if it occasionally appears on the left banks, but always in the Tedo/Távora interfluvial and never extending to the Nave Plateau. The exception lies in the funerary context, indicating that it has acquired an exceptional context due to its rarity. A possibility reinforced by the fact that it occurs associated with Bell Beakers. To understand this disparity, we searched for an explanation based on the natural environment, namely biogeography[34].

Archaeologists usually do not consider biogeography in their studies. An exception is Lara Bacelar Alves' work, an author that establishes connections between biogeographical zones and the distribution of Atlantic art and schematic art paintings[35]. The core of biogeography is to establish territory models based on the circumscription of ecological communities that reveal related climatic and geological features that support species with similar life and adaptation strategies, identified as biomes.

> *The interest of this approach rests on the idea that biomes deeply influence the economic strategies and the ways societies are structured. If adaptation to what the land has to offer is at the basis of human culture, it may be reasonable to argue that the features that characterise a particular biogeographical region are bound to shape the relationship between humans and the natural world*[36].

In this case, we made a relational analysis between architectures/materialities and biogeographic regions in our study area. The Tedo/Távora interfluvial corresponds to a biogeographical border area between the Mediterranean and the Atlantic regions. The analysis shows that non-funerary contexts containing Combed ware are inside the Mediterranean bioregion or on its border, including those located in the Tedo/Távora interfluvial (Fig. 9). It is important to highlight that the only context present in the Atlantic area is funerary.

[34] COSTA *et al*., 1998.
[35] ALVES, 2012; ALVES, COMENDADOR REY, 2017.
[36] ALVES, forthcoming.

To deepen this subject, we have extended the scale of analysis to the Central-Northern Portugal. To do so, we use a base map with a universe of 86 sites with Combed ware[37]. The analysis revealed that only four sites were identified in the Atlantic biozone (Fig. 10) and, at least, in one case, it may be compatible with a later chronology (Iron Age). Interestingly, the consistency attested in our study area is corroborated with the distribution of Combed ware almost exclusively within the Mediterranean region. As for the Bell Beakers, there seems to be a tendency to be associated with funerary contexts on the Nave Plateau and non-funerary contexts on the opposite side (Fig. 11). Replicating the previous exercise, now using a map of the distribution of Bell Beakers in Northern Portugal[38], this trend seems to remain despite the larger scale, even if in a less pronounced way compared to the Combed ware (Fig. 12).

The reassessment of the data allows us to consider a co-existence of two distinct cultural identities in the 3rd millennium. Between them appears to exist significant differences in material culture and funerary rites, which seem to reflect a «rejection» of each other. The profound changes identified in this millennium suggest these two identities do not descend from a common regional cultural background that has evolved into distinct branches, but rather seem to express a rupture between them. The funerary practices reflect a resemblance with the previous millennium, through a tradition of burial mounds, in Nave's Plateau landscapes. The settlements are scarce with few places with evidence of a prolonged occupation. On the contrary, there are a few sporadic sites that may be ephemeral or simply examples of strong mobility. This pattern seems to be somehow attached to pastoral societies from the 4th millennium. The Penedono Plateau reveals a disruption in relation to the 4th millennium, now with the absence of barrows, they might have been replaced by structures with an invisibility on the landscape (like the before-mentioned Vale da Cerva and Terraço das Laranjeiras).

The arrival of profusely decorated pottery is another indicator of the likely presence of distinct cultural identities in the study area. It is known the role that the different pottery styles played in the affirmation of the identity of the communities of the 4th/3rd millennium BC in North of Portugal[39]. If, on one hand, we have the affirmation of a cultural identity tinged in a stylistic composition (Penedono Plateau), on the other hand, we have the statement of another cultural identity made visible in the non-acceptance of that stylistic grammar on the opposite region. The construction and affirmation of identity sometimes imply the exclusion and rejection of the *other*[40]. This way we could understand the absence of these types of decoration on Nave's Plateau. The appearance of this grammar at a burial site about 30 km from the River Távora may provide hints on

[37] VALERA, 2007: 612.
[38] SANCHES, BARBOSA, 2018.
[39] LOPES, 2019: 377.
[40] HALL, 1996: 4.

the mobility of these mountain's populations and the extension of their territories (from an area where it is rejected to an area where it is accepted as an exceptional object).

The archaeological contexts of Bell Beakers indicate different ways of manipulation. In the Nave Plateau, they are mainly linked to funerary contexts which seem to be the elected places for collective social demonstrations. In Penedono Plateau, these «gatherings» probably occur in other natural spaces with a wide visual domain such as Castelo Velho, Castanheiro do Vento or, further south Fraga da Pena. Also, the communities seem to reveal a more permanent settlement and a more complex social organisation.

Probably it is time to rethink relinquished determinism and diffusionism theories. The data analysed points out to a people's apparent movement, arising from the east, perhaps, by the end the first half or already in second half of the 3rd millennium, possibly coming from the north-northeast quadrant, carrying different materialities and rites. Their course materialised in the dissemination of Combed ware. Expansion stopped along the edges of River Távora, which corresponds to the biogeographic limits in which these «Mediterranean» populations identified themselves and were adapted[41]. That is how we could explain the presence of few settlements with Combed ware in the Tedo/Távora interfluve revealing that was not River Távora, but the biogeographic limit that «restrained» the progression of these populations[42] further west.

Naturally, the causes for this apparent separation of territories and identities cannot be imputed exclusively to biogeography. The complexity of human behaviour is determined by natural factors, but also by countless other factors. An interesting one is the possibility of territorial voids that have been filled by newcomers. When we observe the distribution of large dolmens of the 4th millennium, it is evident that the Penedono Plateau has quite less than the opposite one, sometimes with evident gaps (like the southern area as we have already pointed out) and that there seems to be a tendency for large dolmen groups. Maria Jesus Sanches notes this cluster tendency for near areas. This may suggest that in the following millennium, a demographic void could exist creating some severe or total depopulation of the area facilitating the establishment of people with a new cultural identity. This is a mere hypothesis in the absence of a better explanation for this «coincidence»

[41] Recent environmental studies point to the end of the 3rd millennium (~2200 BC) as a context of environmental instabilities, with an abrupt oscillation known as the Bond 3 event (or the 4.2-ky B.P. event). In the Iberian Peninsula this event signified aridification, particularly in the Meseta, in the south-west, and the southeast even though it has not been possible so far to establish secure relations between demographic movement and climate change. LILLIOS, 2020: 58.

[42] Genetic studies reveal a change in mitochondrial DNA in Central Europe and the British Isles. However, the data does not reveal significant changes in the Iberian Peninsula. SZÉCÉNYI-NAGY, 2017. In this study the genetic data does not seem to show major genetic changes over the 3rd millennium, the individuals analysed do not even reveal any ancestral relationship with the steppe, contrary to what is seen in this millennium in Central Europe. SZÉCÉNYI-NAGY, 2017: 8-9. Other studies OLALDE *et al*., 2018, 2019 indicate «~2000 BCE, the replacement of 40% of Iberia's ancestry and nearly 100% of its Y-chromosomes by people with Steppe ancestry». OLALDE *et al*., 2019. Unfortunately, none of the studies included samples from our region. It would be exciting to carry out, for example, genome studies on the populations of these two areas.

between two possible cultural identities divided by two distinct bioregions. It seems that this is a mixture of coincidences and opportunities, causes, and consequences.

The 2nd millennium, especially the first three quarters, reveals an enormous lack of archaeological data. So, it is not easy to address this period. Nevertheless, there seems to remain a cultural division physically delimited by the Távora valley. The distinction is marked by a continuity of a funerary tradition under mound in the Nave Plateau and its invisibility in the Penedono Plateau. In terms of non-funerary spaces, the data is quite scarce, but we know that some spaces and sites originating from the 3rd millennium remain active as is the case of the Castanheiro do Vento[43] where ceramics with Cogeces decoration occur. It is also found in other settlements inland Penedono Plateau and adjacent areas but absent in the Nave Plateau. Thus, the data reveals, although less pronounced, the continuation of a cultural contrast between the two areas.

In the 1st millennium, despite the preponderance of *Baiões* pottery in the Nave Plateau, it can be found in domestic contexts in the opposite region. There is a decrease in funerary contexts on the western side, and its emergence on eastern areas. The data seems to indicate the mitigation of cultural differences between the two areas. A possible explanation may reside in a greater cultural permeability which occurs during the Late Bronze Age. Albeit weakened, there is an apparent cultural distinction and a group identification, connoted with certain items and rituals. Thus, perhaps the physical frontier concept has lost some significance, becoming vaguer and with an inexpressive meaning.

During the Iron Age we seem to have a resurgence of a physical border tinged in two enclosed settlements that are facing one another (Goujoim and Longa), having the Tedo River as their physical separation. Without further supporting information, we can cogitate shifts in the region's socio-cultural dynamics. In fact, during the second half of this millennium, we observe some settlements' abandonment and the emergence of others.

In the Roman period, the existence of a 1st century AD augustal term, in the Tedo River delimits the *Coilarni* territory to the west, and the *Arabrigensis* on the eastern is an unmistakable marker of a territorial division. It remains to explain whether this division is artificially created with the Roman administrative organisation or whether it respects previous borders established between indigenous populations.

A final remark to the diffusion of enclosed sites that can be attributed to a final moment in the Iron Age and beginning of the Roman period. Only two in the Penedono Plateau and five in the Nave Plateau. This difference may result from the process of how these two areas faced the Roman arrival. On the eastern half embracing it and, on the other side, a rough and harsh Nave Plateau, averse to change, prone to isolation, rooted in a cultural identity forged in the previous millennia in which resistance was a form of identification and distinction between «us» and «others».

[43] CARDOSO, 2010.

5. FINAL REMARKS

Our analysis is made through a narrow window that only allows us to peek into a small interfluve in central-northern Portugal. Naturally, a broader and more comprehensive spatial-temporal approach will show other results. It will undoubtedly reveal the complexity of realities far superior to those we observe. A good example is the endurance of Bell Beakers over almost the whole 3rd millennium. We can even think about the transformations of the 3rd millennium as an inheritance of socio-demographic changes of the 4th millennium, as is evident in the closure of large dolmens or the presence of megalithic clusters in certain regions. It will probably also show distinct border forms; if in Tedo/Távora, there seems to be an almost rigid line, other areas will certainly show more diluted borders, dynamic spaces of transition, and even confluence. Like the case of the distribution of Atlantic art and schematic art paintings, where biogeography presents itself as a transition zone. History is movement in time, and so it is natural to imagine other movement patterns: people, goods, and ideas, each one with its own time of movement.

More than a quest for trends, constancies, or even explanations of social and cultural dynamics, the aim of this paper is to contribute to diversify the paths of archaeological research, particularly on biogeography and population mobility. Hopefully, this is not an end in itself, but a starting base.

The data presented here seems to indicate that our area was a traditional border region at least since the 3rd millennium BC, remaining, in a visible way, during the 2nd millennium, being diluted a little in the first half of the 1st millennium BC, to assert itself again in the second half. Although with fluctuation of the limits shifting from the River Távora to the River Tedo, in the Era's transition. Therefore, we can consider the changes that took place in the 3rd millennium were so profound that they manifested themselves indelibly in the following cultural identities. Perhaps later, more detailed studies with other types of data or the review and filtering of the information we are now using, will attenuate or even, counteract the tendencies and constancies now observed. The data analysed suggests a separation between the Plateau of the Serra da Nave Plateau and Penedono Plateau, through the 3rd to the 1st millennium BC. It seems pertinent to inquiry if the apparent reference of this area, in the wide diachrony, as a territory of separation of cultural identities, has its origin in the changes that took place in the 3rd millennium BC that marked the later moments indelibly, or if they result from the natural conditions that transformed this Tedo/Távora Interfluvial into a border area, par excellence. We can summarize this question through this article's title: Tedo/Távora Interfluvial, a physical and natural barrier, a mental border?

ACKNOWLEDGEMENTS

The author wants to thank Raquel Vilaça and Maria de Jesus Sanches for the discussion that contributed to improving the first draft and is grateful for their comments but claims full responsibility for any shortcomings this text may contain.

Also, thanks to António Valera for kindly provided the base map of Fig. 10.

Thank you, Lara Bacelar Alves, for showing me the significance of biogeography and for the patient text review. Any errors or lapses remain my own.

BIBLIOGRAPHY

ALARCÃO, Jorge (2017). *A Lusitânia e a Galécia: do séc. II a. C. ao séc. VI d. C.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ALVES, Lara Bacelar (2012). *The circle, the cross and the limits of abstraction and figuration in north-western Iberian rock art.* In COCHRANE, Andrew; JONES, Andrew, *eds*. *Visualising the Neolithic: abstraction, figuration, performance, representation*. Oxford: Oxbow Books, pp. 198-214. (Neolithic Studies Group Seminar Papers; 13).

ALVES, Lara Bacelar (forthcoming). *On Identity and the Otherness. Reshaping the dynamics of Late Prehistoric art traditions in Northern Portugal*. In LOPES, Susana; GOMES, Sérgio, *eds*. *In between the 3rd and 2nd millennia BC: which turning points?* Oxford: Archaeopress.

ALVES, Lara Bacelar; COMENDADOR REY, Beatriz (2017). *Arte esquemático pintado en el Noroeste Peninsular: Una visión Integrada Transfronteriza.* «Gallaecia: revista de arqueoloxía e antigüidade». 36, 11-52.

ARQUEOHOJE (1999). *O concelho de São João da Pesqueira — Testemunho do Tempo e do Homem*. São João da Pesqueira: Câmara Municipal de São João da Pesqueira.

BETTENCOURT, Ana (2011). *El vaso campaniforme en el Norte de Portugal. Contextos, cronologias y significados.* In PRIETO-MARTÍNEZ, Maria Pilar; SALANOVA, Laure, *eds*. *Las comunidades campaniformes en Galicia — Cambios Sociales en III y II milenios B. C. en el NW de la Peninsula Iberica*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, pp. 363-374.

CANHA, Alexandre *et al*. (2018). *O sítio da Eira (Vila Nova de Foz Côa)*. In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, Noelia; LARRAZÁBAL GALARZA, Javier; PORTERO HERNÁNDEZ, Rodrigo, *coords*. *Arqueologia en el valle del Duero. Del Paleolítico a la Edad Media*. Valladolid: Glyphos, pp. 181-191. (Investigaciones Arqueologicas en el valle del Duero: Del Paleolítico a la Edad Media; 6).

CARDOSO, João Muralha (2010). *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3.º e 2.º milénio a. C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional.* Islas Baleares: Vessants Arqueologia i Cultura.

CARDOSO, João Muralha (2014). *A Idade do Bronze no Alto Douro Português: os discursos possíveis.* In LOPES, Susana Soares, *coord*. *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: Centro de Pré-História/Instituto Politécnico de Tomar, pp. 67-110. (Antrope, Série Monográfica; 1).

CARVALHO, Pedro Sobral de; GOMES, Luís Coutinho (2002-2003). *A cista do povoado da Sra. de Lurdes (São João da Pesqueira, Viseu).* «Estudos Pré-históricos». 10-11, 226-231.

COIXÃO, António Sá (2014). *Arte Rupestre do Castro de S. Jurge (Ranhados — Mêda).* Mêda: Câmara Municipal de Mêda.

CORREIA, Alexandre (2014). *Estudo monográfico de 4 tumuli, (mamoas), com escavação arqueológica parcial do tumulus 1 da Fraga do Seixo — Parque Eólico de Ribabelide, Bigorne, Lamego.* [Consult. 18 aug. 2020]. Available in <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=viewdoc&id=4Adhpgr46jmz2q-tgk1hpyf516hg6n8gkcd6c0lwqlqgAybh2bbmq&f=sbdAxnxpk72n2yfkA3A50qvArsxbppr81y4zdm-zdgk1rzdkj8rzq&c=xvqhmmpj4c729qw89sxzvds0rpq0zz7zs52sdjAm6nkkjhscrwcq>.

COSTA, José C. *et al*. (1998). *Biogeografia de Portugal Continental*. «Quercetea». 0, 5-56. [Consult. 18 aug. 2020]. Available in <http://hdl.handle.net/10198/714>.

COSTA, Manuel Gonçalves (1977). *História do Bispado e cidade de Lamego — Idade média: a mitra e o município.* Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier.

CRUZ, Domingos (2001). *O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais Durante a Pré-história Recente.* Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. PhD Thesis.

CRUZ, Domingos; SANTOS, André Tomás (2011). *As estátuas-menires da serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) no contexto da ocupação pré-histórica do Alto Paiva e da Beira Alta*. In VILAÇA, Raquel, *coord. Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal; CEAUCP, pp. 117-142.

CRUZ, Domingos *et al.* (2000). *O grupo de tumuli do Pousadão (Vila Nova de Paiva, Viseu).* «Estudos Pré-históricos». 8, 125-150.

CRUZ, Domingos; VILAÇA, Raquel (1999). *O grupo de tumuli da «Senhora da Ouvida» (Monteiras/Moura Morta,* Castro Daire, Viseu). Resultados dos trabalhos arqueológicos. «Estudos Pré-históricos». 7, 129-161.

GASPAR, Rita *et al.* (2014). *Espaços para morte. O terraço da foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze*. «Estudos do Quaternário». 10, 59-72.

HALL, Stuart (1996). *Introduction: Who Needs «Identity»*. In HALL, Stuart; DU GUY, Paul, *coords. Questions of Cultural Identity.* London, New Deli: SAGE Publications, pp. 1-17.

LILLIOS, Katina (2020). *Mobility and Alterity in Iberian Late Prehistoric Archaeology: Current Research on the Neolithic–Early Bronze Age (6000-1500 BCE).* «Annual Review of Anthropology». 49:1, pp. 49-65.

LOPES, Susana Soares (2019). *Voltar a Castelo Velho de Freixo de Numão: pensar a reconfiguração cultural dum recinto pré-histórico do Alto Douro português*. In LOPES, Susana Soares, *coord. Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: revisitar um recinto pré-histórico do Alto Douro Português.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; CEAACP, pp. 357-389. (Digitar; Ex 1). DOI: https://doi.org/10.14195/2182-844X_EX1.

LOPES, Susana Soares; BETTENCOURT, Ana (2017). *Para uma periodização da Pré-história Recente do Norte de Portugal: da Segunda Metade do 4.º Milénio aos Finais do 3.º Milénio A. C*. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, *coords. Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão.* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 467-487.

OLALDE, Iñigo *et al.* (2018). *The Beaker phenomenon and the genomic transformation of northwest Europe.* «Nature». 555, 190-196.

OLALDE, Iñigo *et al.* (2019). *The genomic history of the Iberian Peninsula over the past 8000 years*. «Science». 363:6432, 1230-1234.

PEREIRA, Leonor Sousa (1999). *As cerâmicas «Cogeces» de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Master's Dissertation.

PERPÉTUO, João Miguel *et al.* (1999). *Tabuaço. Um passado presente.* Tabuaço: Câmara Municipal de Tabuaço.

RIBEIRO, Telma Susana (2020). *Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual.* In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, *coords. Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão.* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1127-1139.

SANCHES, Maria de Jesus; BARBOSA, Maria Helena (2018). *Campaniforme no Norte de Portugal. Perspectivas interpretativas instigadas pela leitura de dados recentes*. «Portvgalia, Nova Série». 39, 97-150.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos (1989). *Pré-História recente da bacia do medio e alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. PhD Thesis.

SZÉCSÉNYI-NAGY, Anna *et al.* (2017). *The maternal genetic make-up of the Iberian Peninsula between the Neolithic and the Early Bronze Age*. «Scientific Report». 7, 1-15.

VALERA, António Carlos (2007). *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3.º milénio A. C. (Fornos de Algodres, Guarda).* Braga: Município de Fornos de Algodres/Terras de Algodres.

VAZ, João Luís (1979). *Término augustal de Goujoim (Armamar).* «Conimbriga». 18, 133-138.

VIEIRA, Alexandra (2015). *Contributo para o Estudo dos Vestígios Arqueológicos — do VI ao I milénio A. C. Paisagens e Memórias na Bacia Hidrográfica do Douro.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. PhD Thesis.

VILAÇA, Raquel (2008). *Através das Beiras — Pré e Proto-História*. Coimbra: Palimage.

VILAÇA, Raquel (2015). *As faces da morte. Do Bronze para o Ferro, entre o Norte e o Sul do território Português. «*Trabalhos de Antropologia e Etnologia». 53-55, 83-105.

VILAÇA, Raquel; CRUZ, Domingos (1999). *Práticas funerárias e cultuais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta*. «Arqueologia». 24, 73-99.

VILAÇA, Raquel *et al.* (2017). *Encenar a morte, ritualizar o espaço: o Monumento da Travessa da Lameira de Lobos (Castro Daire, Viseu, Portugal).* In ADROIT, Stéphanie; GRAELLS, Raimon, *Colóquio Internacional Architectures funéraires et mémoire: la gestion des nécropoles en Europe Occidentale (Xe-IIIe siècle A. C.).* Venosa: Ozanna Edizioni, pp. 129-141.

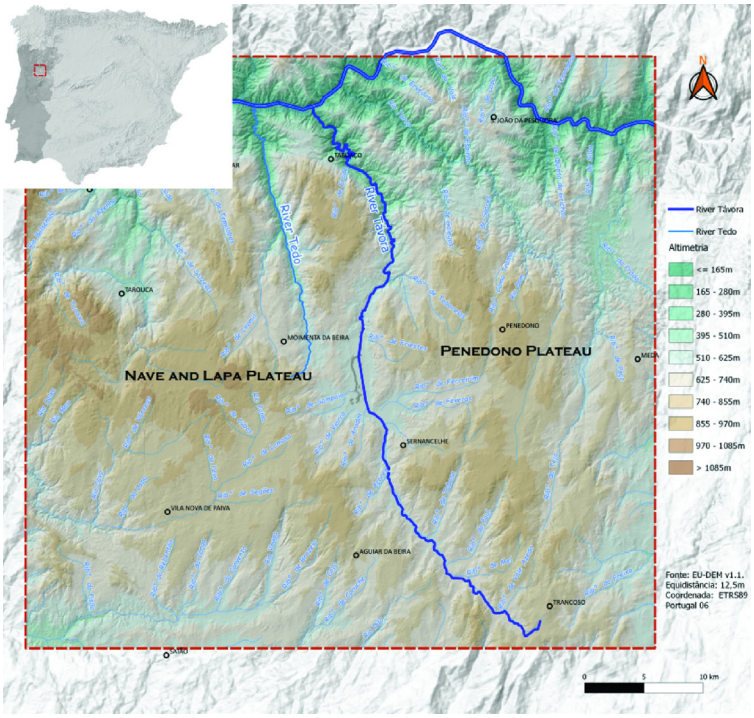


Fig. 1. Location of the study area

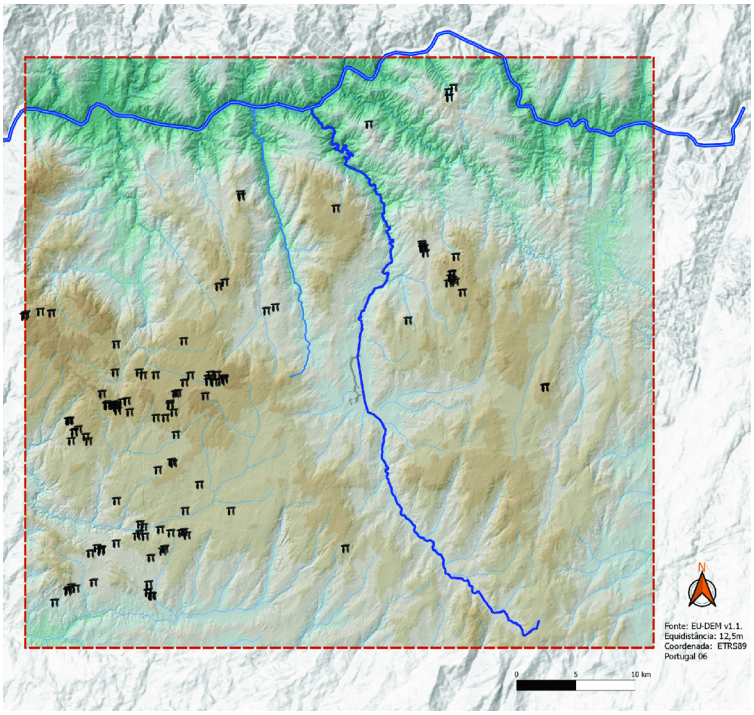


Fig. 2. Distribution of funerary architectures of the 4th millennium BC

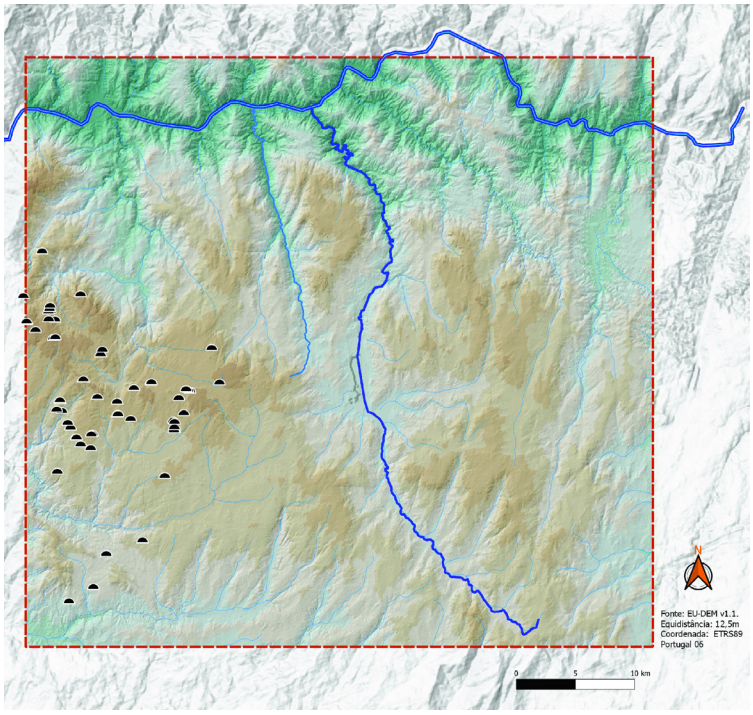


Fig. 3. Distribution of funerary architectures of the 3rd millennium BC

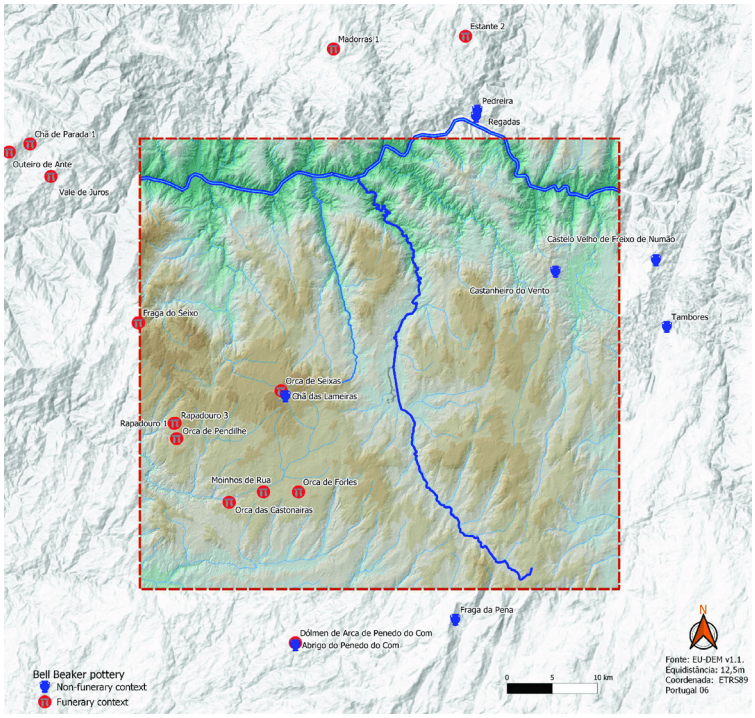


Fig. 4. Distribution of Bell Beakers

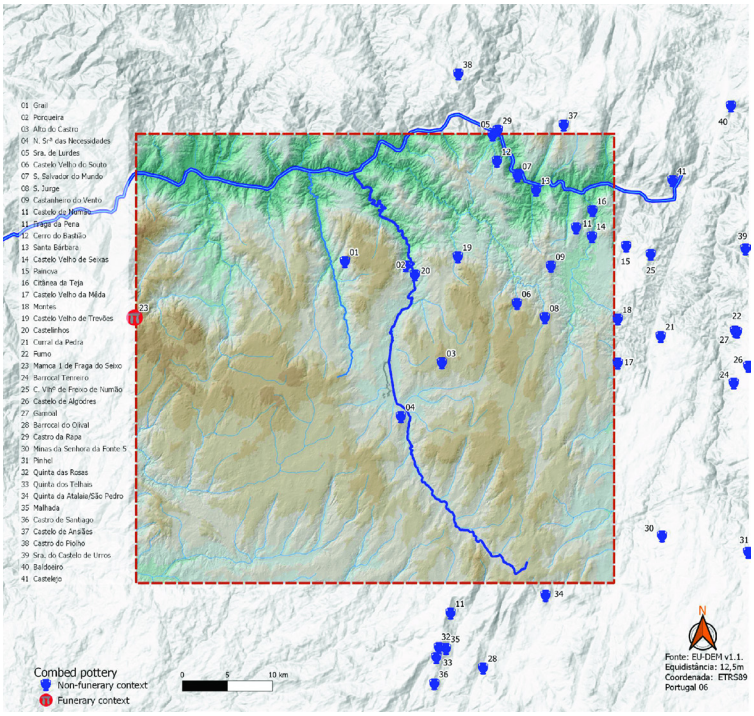


Fig. 5. Distribution of Combed ware

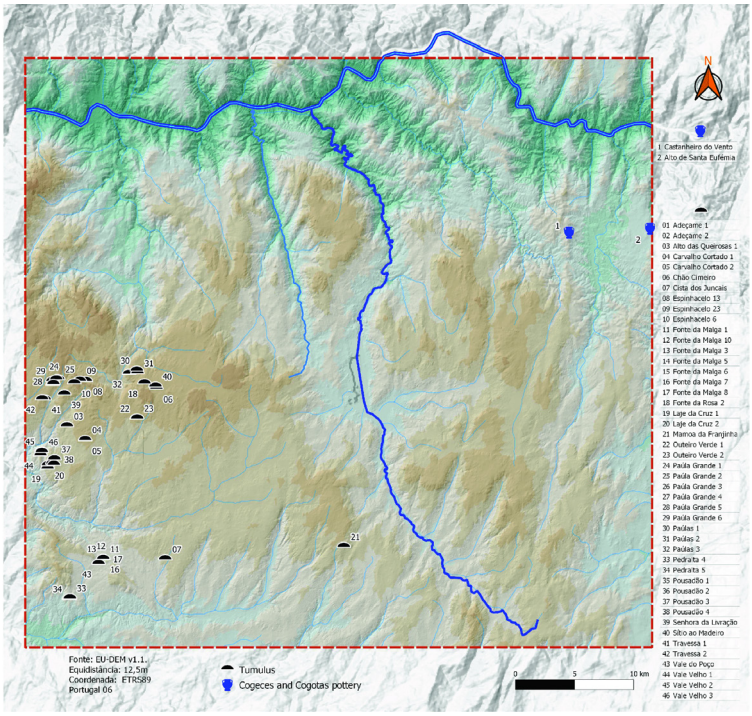


Fig. 6. Distribution of Cogeces/Cogotas and funerary architectures of the 2nd millennium BC

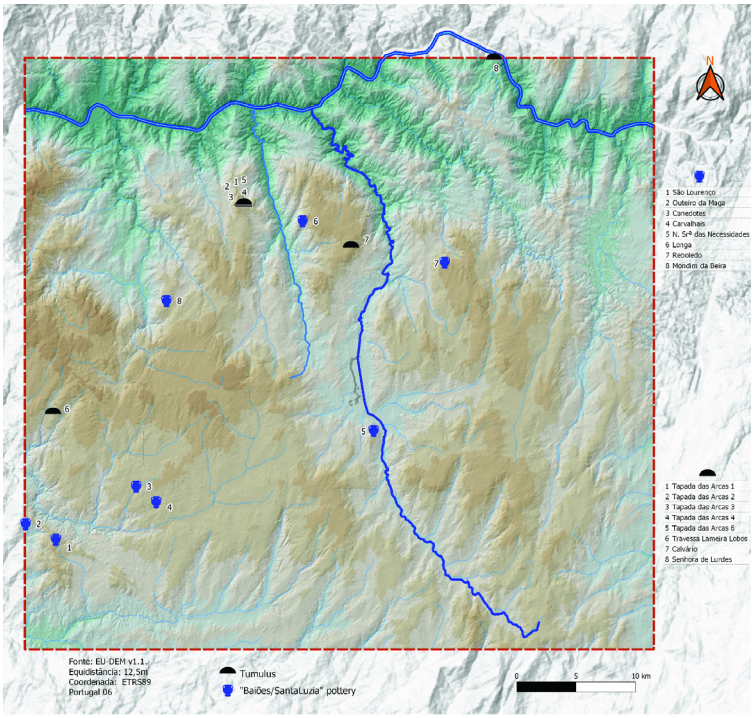


Fig. 7. Distribution of funerary architecture and «Baiões/Santa Luzia» pottery (first half of 1st millennium BC)

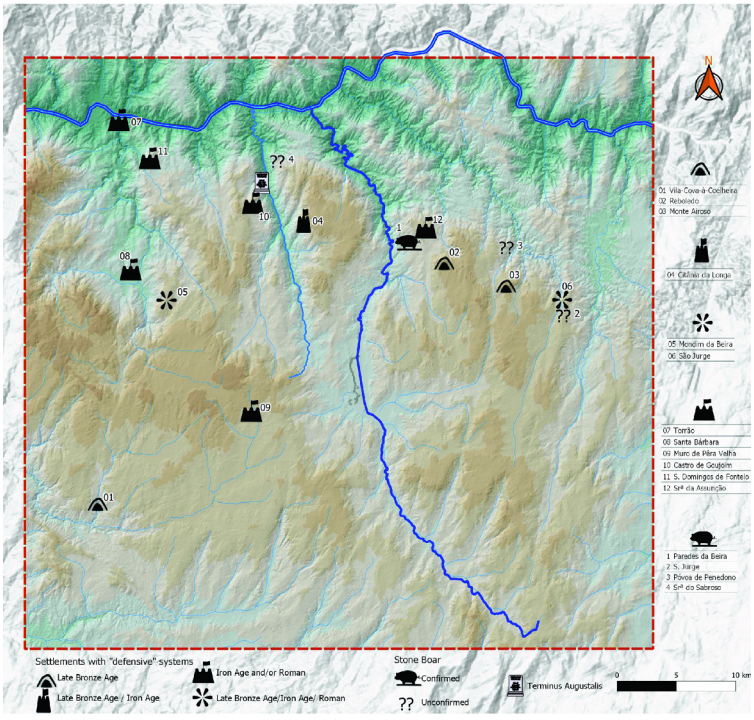


Fig. 8. Dispersion of non-funerary architectures of the 1st millennium BC

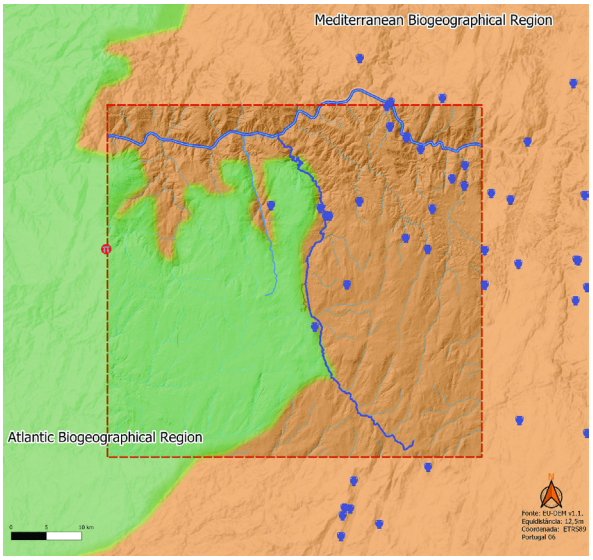


Fig. 9. Biogeographical distribution of Combed ware (after COSTA *et al.*, 1998)

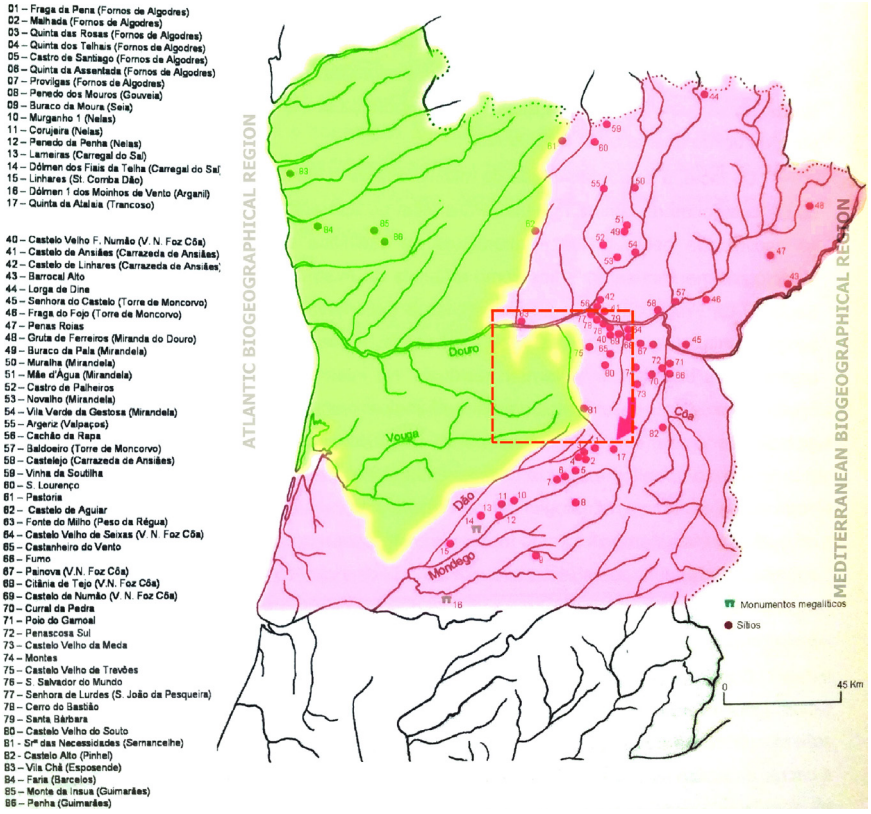


Fig. 10. Biogeographical distribution of Combed pottery in Northern Portugal (after COSTA *et al.*, 1998; VALERA, 2007)

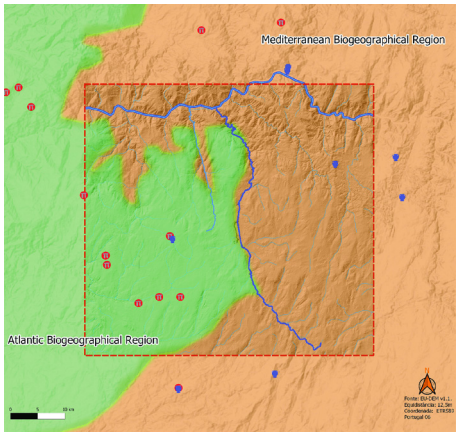
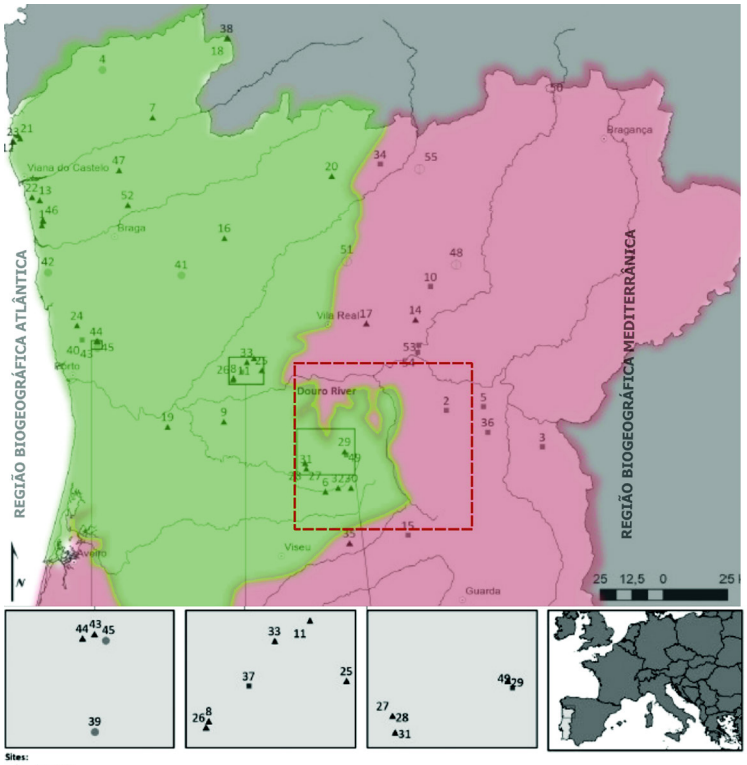


Fig. 11. Biogeographical distribution of Bell Beaker pottery (after COSTA *et al*., 1998)



Sites:

▲ Funerary

1 - Antela da Portelagem; 6 - Castonairas 1 (Orca das Castonairas); 7 - Mamoa de Chã de Arcas 1; 8 - Mamoa de Chã do Carvalhal 1/Cruz de Ferro 1; 9 - Dólmen 1 de Chão do Brinco; 11 - Dólmen 1 de Chã Parada ; 12 - Dólmen da Barrosa ; 13 - Dolmen da Pedreira/S. Romão do Neiva 1; 14 - Estante 2/Anta 2 da Estante; 16 - Lugar de Vargo; 17 - Mamoa 1 de Madorras; 18 - Mamoa 1 da Portela Do Pau ; 19 - Mamoa 1 de Carvalho Mau; 20 - Mamoa 2 de Carvalhelhos; 21 - Mamoa de Aspra; 22 - Mamoa de Chafé ; 23 - Mamoa de Eireira; 24 - Mamoa de Guilhabreu; 25 - Mamoa de Vale de Juros; 26 - Monte Maninho/Mamoa de Chã do Carvalhal 3; 27 - Monumento 1 do Rapadouro; 28 - Monumento 3 do Rapadouro; 29 - Orca das Seixas/Orca do Padrão; 30 - Orca de Forles; 31 - Orca de Pendilhe; 32 - Orca do Porto Lamoso ou dos Moinhos de Rua; 33 - Mamoa de Outeiro de Ante 2; 35 - Penedo do Com; 38 - Alto da Portela do Pau 3; 43 - Mamoa 2 do Leandro; 44 - Mamoa 5 do Leandro; 46 - Dólmen da Bouça do Rapido 3; 47 - Mamoa do Alto da Maronda; 52 - Mamoa do Carreiro da Quinta.

■ Non Funerary

2 - Castanheiro do Vento; 3 - Castelão I; 5 - Castelo Velho de Freixo de Numão; 10 - Crasto de Palheiros; 15 - Fraga da Pena; 34 - Pastoria; 36 - Tambores (Castelo Velho III); 37 - Tapado da Caldeira; 39 - Bouça da Cova da Moura (ritual precinct); 40 - Recinto da Forca; 49 - Chã das Lameiras; 53 - Regadas; 54 - Pedreira

● Non Characterizable

4 - Castelo de Fraião; 41 - Monte da Penha; 42 - Estela; 45 - Leandro 3.

○ Other

48 - Buraco da Pala; 50 - Lorga de Dine; 51 - Castelo de Aguiar; 55 - São Lourenço.

Fig. 12. Biogeographical distribution of Bell Beaker pottery in Northern Portugal (after COSTA *et al*., 1998; SANCHES, BARBOSA, 2018)

WHERE THERE IS POWER, THERE IS FEAR MURALHAS CALCOLÍTICAS, MEDO, PODER E MECANISMOS DE EXIBIÇÃO — O CASO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL)*

MARIANA DINIZ**
ANDREA MARTINS***
CÉSAR NEVES****
JOSÉ ARNAUD*****

Abstract: *In the Iberian Peninsula, Chalcolithic stone architectures have been known since the 19th century. In Portugal, the excavations at Vila Nova de São Pedro and Zambujal confirm what was observed at Leceia and Rotura, defining a canon for Chalcolithic architectures. Recently, the appearance of ditched sites breaks this scenario and demonstrates the effective complexity of the landscapes of the 3rd millennium BC, although the social significance and the relations established between ditched enclosures and fortified sites are not defined. The ditches, distinctive of Neolithic Europe, represent, in the 3rd millennium, the permanence of architectures, performances and previous way of domestication the landscape. On the contrary, stone walls, whose chronology is not prior to the 3rd millennium, are a Chalcolithic feature. Debating the origins, chronology and social significance of this new scenography of power and fear, using Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal) site, is this work main goal.*

Keywords: *Vila Nova de São Pedro; 3rd millennium; Walls; Chalcolithic; Iberian peninsula.*

Resumo: *Na Península Ibérica, as arquitecturas pétreas do Calcolítico são conhecidas desde o século XIX. Em Portugal, as escavações em Vila Nova de São Pedro e no Zambujal, confirmam o observado em Leceia e Rotura, definindo um cânone para as arquitecturas calcolíticas. Recentemente, o aparecimento de sítios de fossos rompe esse cenário demonstrando a efectiva complexidade das paisagens do III milénio a. C., ainda que o significado social e as relações estabelecidas entre recintos de fossos e povoados fortificados não estejam definidas. Os fossos, próprios da Europa neolítica, representam, no III milénio, a perduração de arquitecturas,* performances *e de formas de domesticação da paisagem anteriores. Ao contrário, as muralhas, cuja cronologia não é anterior ao III milénio, são uma inovação calcolítica. Debater as origens, a cronologia e o significado social desta nova cenografia de Medo e Poder, a partir de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal), é o objectivo deste trabalho.*

Palavras-chave: *Vila Nova de São Pedro; III milénio; Muralhas; Calcolítico; Península Ibérica.*

---

* Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence aos autores deste texto. Os autores não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.

** UNIARQ — Faculdade de Letras — Universidade de Lisboa/Associação Arqueólogos Portugueses. Email: m.diniz@letras.ulisboa.pt.

*** UNIARQ — Faculdade de Letras — Universidade de Lisboa/Associação Arqueólogos Portugueses. Email: andrea.arte@gmail.com.

**** Associação dos Arqueólogos Portugueses/ UNIARQ — Faculdade de Letras — Universidade de Lisboa. Email: c.augustoneves@gmail.com.

***** Associação dos Arqueólogos Portugueses. Email: direccao@arqueologos.pt.

Throughout recorded time, and probably since the end of the Neolithic Age, there have been three kinds of people in the world, the High, the Middle, and the Low.

And at the same time the consciousness of being at war, and therefore in danger, makes the handing-over of all power to a small caste seem the natural, unavoidable condition of survival.

In other words it is necessary that he should have the mentality appropriate to a state of war. It does not matter whether the war is actually happening […]. *All that is needed is that a state of war should exist.*

George Orwell, *Nineteen eighty-four*. Excertos escolhidos (pp. 192-200)

1. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA OU COMO A HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO INVERTE A PERSPECTIVA SOBRE A CRONOLOGIA DOS EVENTOS HISTÓRICOS DO PASSADO

O debate, antigo já, sobre a Idade do Cobre, ou Calcolítico, está moldado, como acontece com qualquer outro tópico da discussão científica, por *percepções* construídas sobre este período histórico que reflectem mais a cronologia dos achados do que a cronografia dos eventos pretéritos. Arqueograficamente, as paisagens calcolíticas e os discursos sobre, são reconstruídas, e construídos, a partir de um registo arqueográfico que sabemos ser, apesar do que parecia uma base empírica sólida, documentada em diferentes pontos da Península Ibérica por diferentes investigadores, em diferentes momentos e no quadro de diferentes enquadramentos epistemológicos, desde a primeira década do século XXI, excessivamente parcelar.

Remontando à identificação pioneira dos campos entrincheirados[1], qualquer que tenha sido o papel atribuído aos lugares com muralhas — defensivo, simbólico ou misto, quem quer que fossem os autores destas construções: orientais, indígenas ou populações mistas —, estes foram entendidos, numa narrativa de longa duração, como lugares fulcrais, e solitários, no topo das hierarquias territoriais do Calcolítico.

Paulatinamente, e durante o século XX, a imagem parece tornar-se cada vez mais nítida, e — ainda que em nenhum caso, no Ocidente peninsular — com o gigantismo do sítio de Los Millares, em Almeria, torna-se claro que as áreas defendidas, o investimento na densidade/complexidade das construções, a diversidade e o exotismo dos elementos da cultura material aí recuperados não encontram paralelo noutras modalidades de ocupações pré-históricas — alguns lugares abertos e com ocupações mais fugazes.

Por isso, numa tradição historiográfica muito sólida, os povoados fortificados, de cumeada e com muralhas de pedra, assumem-se enquanto as arquitecturas próprias,

[1] RIBEIRO, 1878.

e *tradicionais*, das paisagens calcolíticas, contrastando, na investigação dos finais do século XX, com os recém-identificados, e por isso, «novos» recintos de fossos que, se efectivamente recentes nos inventários arqueológicos que se ampliam, não o eram nos territórios do IV e III milénio a. C., do Ocidente peninsular.

No entanto, estes novos sítios, identificados e escavados, num outro contexto distinto daquele em que se movimentavam os arqueólogos que se tinham debruçado sobre os povoados fortificados — porque os recintos de fossos vão ser identificados numa outra geografia, o Alentejo interior, onde as muralhas são menos frequentes, trabalhados por uma outra, e nova, geração de investigadores darão origem a um outro discurso e debate, que fundamentalmente reflecte, como coisas autónomas, sobre estes lugares.

Em simultâneo, a investigação tradicional, que havia quase marginalizado os povoados fortificados, acabará por não renovar os seus quadros interpretativos, não construindo para o sul de Portugal[2] uma leitura integrada que combine lugares de fossos — preexistências fundamentais para justificar os cenários vindouros — e os lugares de muralhas, nas paisagens complexas do III milénio a. C. do Ocidente peninsular. No entanto, a identificação destes sítios de fossos exige uma revisão da própria História, das origens e dos trajectos, dos lugares com muralhas porque a sua presença é testemunho de outras fórmulas de antropização da paisagem, socialmente mais complexas que aquelas que se previam materializadas nos povoados abertos e nos primeiros lugares de altura que se esperavam marcar os territórios do Neolítico final.

Ao mesmo tempo, é fundamental a revisão dos modelos explicativos prévios, também porque a identificação, no Ocidente peninsular, das arquitecturas típicas do Neolítico europeu, como são os recintos de fossos, com cronologias que remontam aos últimos séculos do IV milénio a. C., tornam os lugares com muralhas definitivamente exógenos e distintos nas paisagens, e das tradições locais preexistentes que se inscrevem no omnipresente mundo das estruturas neolíticas negativas, em fosso, que definem áreas circulares.

Mais que erguer, em positivo, usando pedra — tradição que, na Europa, parece restringir-se às arquitecturas para os vivos do Neolítico do Egeu —, a escavação do subsolo, em sedimento ou em rocha, e a utilização de argilas e matérias orgânicas parecem gestos firmemente enraizados nos comportamentos neolíticos europeus. Ao contrário, construir em altura, com pedras — que não são os grandes ortóstatos dos monumentos megalíticos — e *argamassas*, implica um conjunto novo de conhecimentos e técnicas, bem como outras escolhas e decisões, no limite, outros movimentos dos corpos que não fazem parte das *performances* neolíticas dominantes[3].

---

[2] Este afastamento quase total dos povoados fortificados do essencial do debate que decorre nas primeiras décadas do século XX, no Sul de Portugal, não acontece no Norte do País. A Escola de Arqueologia do Porto levou a cabo uma discussão decisiva sobre nomenclaturas, mas também funções e papéis destes lugares nas paisagens sociais, e. g. JORGE, *ed*., 2003; JORGE *et al*., 2006; SANCHES, VALE, 2020.

[3] Apesar da excepcionalidade de algumas construções domésticas em pedra, como a registada no Moinho de Valadares, VALERA, 2000.

Os recém-identificados recintos de fossos apresentam-se, agora, como sinais claros de um mundo em continuidade, de lugares cuja ocupação se inicia no Neolítico e que perdurarão, alguns, até ao Bronze Inicial, como verdadeiros *tells* do Ocidente, numa expressão horizontal do Tempo, ao contrário da irrupção súbdita, sem antecedentes e sem raízes dos povoados muralhados, também eles com longas sequências de ocupação, mas sem antecedentes neolíticos.

A investigação mostra-nos, agora, que no palco do III milénio a. C., estão em cena mais actores vindos de actos prévios mais complexos que os inicialmente pensados. E, por isso, também aqui, o papel das *prequelas* no desenrolar das acções futuras deve ser avaliado.

2. TOPOGRAFIA E UTOPIA

No discurso acerca da Pré-História recente, a produção de alimentos é assumida como um momento de ruptura na trama de relações de longa duração entre humanos e ambiente, e que, apesar de todas as transformações e especificidades, marcaria as economias de caça-recolecção. Este momento de transformação radical é pensado como um momento de transformação irreversível, e, por isso, revolucionária, nas formas de conexão com a Natureza, nas fórmulas de conexão entre humanos, um momento de origem de novas práticas e, em consequência (?), de novas éticas.

Esta transformação radical é, no entanto, um processo de longa duração, cujas consequências se farão sentir, em alguns casos, apenas no longo prazo. No Ocidente peninsular, os primeiros lugares do Neolítico pareciam corresponder a um modelo de implantação ainda muito próximo das escolhas dos caçadores-recolectores. A selecção de lugares aplanados, abertos e sem visibilidade, evidente nos sítios neolíticos da Figueira da Foz, do Algarve e da área de Sines parecia reflectir uma tranquilidade social que também se explicava porque os testemunhos de produção de alimentos quase imperceptíveis, de baixa escala, sem excedentes, e, admitia-se, quase sem agricultura, apontavam para uma economia de caça-pastorícia que prolongava no essencial, agora com cerâmica, os quadros económicos anteriores.

No entanto, a localização dos sítios do Neolítico antigo como São Pedro de Canaferrim, Valada do Mato, Casal da Cerca, Carrascal, o mais antigo fosso da Senhora da Alegria, demonstrava uma multiplicidade de critérios de implantação que extravasa a imagem inicial[4]. Ao mesmo tempo, as fossas escavadas na rocha de base em São Pedro de Canaferrim, no Lapiás das Lameiras ou na Valada do Mato[5] — dificilmente outra coisa que não pequenos silos — ameaçavam, ainda que tenuemente, a inocência igualitária, deste momento pristino.

[4] DINIZ, 2007; DINIZ, NEVES, 2018; VALERA, 2013.
[5] DINIZ, 2013.

Para estas implantações menos canónicas, invocam-se economias de serra, visibilidades selectivas de territórios para controlo de recursos cinegéticos, em passagem, como algumas das causas admitidas para implantações de altura e com domínio visual da paisagem, num momento da História em que esta deve ser, ainda, o reflexo de uma terra sem amos, nem fronteiras, nem inimigos.

Esta tranquilidade social — quase utópica — num universo que se desenha a partir de uma paisagem dual —, onde grupos mesolíticos e neolíticos estiveram presentes, aponta para modalidades de interacção social que não parecem incluir violência física. A baixa densidade demográfica de todos os grupos envolvidos é, seguramente, a mais económica explicação para o ambiente que parece reflectido no registo arqueológico e osteológico. Casos como o verificado no Abric de La Sarga [6], onde a extraordinária sobreposição de figuras pintadas se aproxima mais de uma luta de gangues rivais, usando grafítis, do que a um testemunho de um estado de violência entre diferentes sistemas, são pontuais.

No Neolítico médio inicial, dissolvida a conjuntura da fase anterior, os dados sobre povoamento apontam para registos de mobilidade efectiva[7]. Os lugares ocupados, de curta duração, revelam uma presença escassa de estruturas construídas. Esta quase invisibilidade do povoamento parece consequência de ritmos de vida muito móveis e, por isso, essencialmente pastoril. No entanto, a avaliar pelos indicadores directos visíveis nos restos humanos já analisados, e quadro geral da diacronia Neolítico-Calcolítico onde a agressividade está escassamente documentada, os níveis de violência parecem — surpreendentemente? — mais significativos nesta etapa[8]. Se os baixos níveis de fixação territorial, quando observados os lugares de *habitat*, podiam explicar estes sinais de conflito, é uma hipótese a testar no futuro.

Datados da fase final, do Neolítico médio, já na segunda metade do IV milénio, contrariando este modelo de ocupação, assente fundamentalmente em estadas curtas, identifica-se, pela primeira vez no Ocidente peninsular, um fenómeno europeu de grande duração, como são os primeiros (?), e ainda pequenos, recintos de fossos — que, com excepção do sítio pioneiro da Senhora da Alegria, no Mondego, parecem, no Alentejo, arrancar em simultâneo, cerca de 3400 a. C., nos Perdigões, em Juromenha, em Vila Verde de Ficalho, entre outros[9].

O significado destas novas arquitecturas — uma extensão ocidental de uma prática registada desde meados do VI milénio de forma continuada nas paisagens neolíticas europeias — pode traduzir uma maior pressão sobre os territórios e, daí, uma maior necessidade de marcação de espaços e de criação de limites e fronteiras? Pode traduzir

[6] HERNÁNDEZ PÉREZ, SEGURA MARTI, *coords.*, 2002.
[7] NEVES, 2018.
[8] SILVA *et al.*, 2012.
[9] VALERA, 2013.

uma tensão *Domus/Agrios*[10], menos sentida em fases anteriores? Se são ainda pouco conhecidos os espaços interiores que estes fossos limitam, ainda que indiscutivelmente, estes fossos, e o trabalho de construção de arquitecturas não-funerárias que revelam, reflectem a materialização física de laços sólidos com lugares, cujo uso combinou planos domésticos e simbólicos, como é próprio das sociedades tradicionais. Se estes fossos também reflectem medos que ultrapassam o receio do que é selvagem, se traduzem outras inquietações sociais, são questões a debater. Nesta etapa, os fossos parecem, ainda, como a casa de madeira da deliciosa fábula infantil, suficientes para proteger os seus ocupantes do exterior.

3. UTOPIA, TOPOGRAFIA E MEDO

Nos momentos terminais do IV milénio a. C., na etapa que corresponde ao Neolítico final, os sítios de fossos estão em pleno funcionamento, assim como os sítios abertos, planos, sem condições naturais de defesa e uma, referida, primeira subida a lugares de cumeada — ainda sem muralhas —, mas, numa topografia naturalmente defendida, surge como um pré-aviso de que se aproximavam tempos de maior instabilidade social, e numa leitura, inevitavelmente, finalista da História, os arqueólogos souberam valorizar esses ténues indícios de mudança e de conflito eminentes.

A utopia das sociedades igualitárias está prestes a desfazer-se. A leitura do registo arqueológico que permitia prolongar até à transição IV/III milénio a. C., esse estado de inocência original, antecipa o Calcolítico, lendo nesses lugares de altura, que não são dominantes, os indícios significativos de um novo ciclo histórico — ainda em embrião —, onde o medo e consequentemente o poder de o infligir irão fazer parte das novas paisagens sociais.

No entanto, uma análise dos padrões de povoamento do Neolítico final aponta para uma diversidade significativa dos critérios de implantação[11], que permitem outras leituras. Além das ocupações de cumeada, também as ocupações de encostas suaves, de pequenos esporões sobre linhas de água ou de áreas aplanadas e abertas fazem parte destas paisagens. Se recipientes como taças carenadas são encontrados nos níveis de base de alguns dos povoados calcolíticos com muralhas, esta implantação em lugares naturalmente defendidos não parece ser, numa leitura de conjunto, dominante. A encosta suave onde se localiza o povoado da Parede, de Vale de Lobos/Belas Club de Campo, da Foz do Enxoé, de Casa Branca 7, de Vila Verde de Ficalho, de Águas Frias ou da Ponte da Azambuja 2 e de Vale Pincel 2[12] aponta para a existência na Baixa Estremadura, no Interior Alentejano ou na Costa Sudoeste, ainda no Neolítico final, de um modelo diversificado de ocupação do território onde os lugares de mais efectiva fixação não

[10] HODDER, 1990.
[11] SOUSA, 2016-2017.
[12] CALADO, ROCHA, 2004; DINIZ, 1999; PAÇO, 1964; RODRIGUES, 2006, 2017; SOARES, 1994; VALENTE, 2006.

parecem reflectir preocupações defensivas. Que os fossos delimitam não é discutível, mas se também protegem — e em que modalidade protegem — os que se encontram no seu interior, como primeiros testemunhos de um sentimento de insegurança que pode estar na origem de algumas pequenas ocupações de cumeada, mas que não tem ainda um reflexo topográfico generalizado, é de destacar.

Identificam-se, assim, os primeiros sinais de medo, com expressão arquitectónica. Incongruentes, incoerentes, como a dimensão irregular de alguns fossos cuja largura e profundidade não defende nenhum espaço — como em Águas Frias ou, numa cronologia mais recuada, em Mas d'Is[13] —, onde podem ser apenas subtis marcações no terreno.

Na última etapa do Neolítico, num momento em que os primeiros sinais de intensificação económica são identificados nos conjuntos artefactuais de *habitats* e necrópoles, a instabilidade social não parece ter ainda tomado conta das paisagens. A escavação de fossos constitui-se como prática adquirida, ao contrário das construções positivas em pedra de tipo muralha, que não fazem parte do reportório arquitectónico destas sociedades. Com excepção do troço de muralha do povoado das Lameiras não estão registadas outras ocorrências semelhantes para cronologias do Neolítico final.

4. *INTERMEZZO*

Aqui, justifica-se, como um *intermezzo*, a introdução de um outro tópico que é também causa, ainda que implícita, dos mecanismos que subjazem à interpretação do registo arqueológico e que demonstra como as Grandes Narrativas, no sentido de *Big Stories* ou *Grand Narrative*, vindas do Evolucionismo linear do século XIX, condicionam a percepção sobre a trajectória humana que se espera caminhe do simples para o complexo, do igualitário para o hierarquizado, da harmonia para o conflito. Deste quadro conceptual decorre a necessária procura, no registo arqueológico, dos indicadores de mudança, de descontinuidade, de rupturas na trajectória das sociedades. A utópica igualdade primitiva dos caçadores-recolectores é primeiro quebrada pela produção de alimentos, que irá gerar uma assimetria em crescendo, de forma desigual e descontínua, mas efectiva. Depois desta ruptura, quase incipiente, a maturidade das sociedades agro-pastoris gera também a *diferença* entre sítios, registada na sua dimensão, no investimento, na exigência logística e na densidade demográfica que revelam, bem como na menos evidente *diferença* entre indivíduos, no entanto, implícita em alguns espólios funerários, testemunhando assimetrias múltiplas nas paisagens que se vão tornar em lugares cada vez menos igualitários.

A crescente desigualdade assente em processos de armazenamento, apropriação, conquista de bens materiais e imateriais foi, no entanto, em diferentes geografias e cronologias, combatida através de práticas destinadas a abolir a acumulação e, portanto,

[13] BERNABÉU AUBÁN, OROZCO KÖHLER, DIEZ CASTILLO, 2012.

as diferenças sociais que daí advinham. No universo amplo das acções preventivas, executadas pelas «sociedades contra o Estado»[14] — que não conhecem, mas que parecem intuir —, o registo antropológico e arqueológico documenta complexos códigos de conduta, como os *Potlach*, dos grupos da Costa Ocidental da América do Norte, o Dom das Ilhas do Pacífico[15], mas, também, os ritmos de abandono das aldeias neolíticas, na Europa Central[16], ou dos grandes incêndios das casas neolíticas e calcolíticas da região balcânica[17], destinados a (re)colocar a zero o relógio do desequilíbrio social.

No entanto, em alguns momentos, como acontece no Calcolítico peninsular, o registo arqueológico é o resultado de um momento decisivo na criação desses mundos desiguais — por ineficácia ou abandono dessas *acções preventivas*?

Como preâmbulo à *Great Acelleration*, do III milénio a. C., que, como no Antropoceno do século XX, assiste ao «dramatic, continuous and roughly simultaneous surge in growth rate across a large range of measures of human activity, first recorded in […] and continuing to this day»[18], estão presentes sítios abertos, em zonas baixas, sítios de altura, só naturalmente defendidos e sítios de fossos. A este quadro neolítico somam-se, depois, os povoados fortificados, com muralhas de pedra que, como mais um elemento no gráfico cuja linha de tendência demonstra inequivocamente o sentido de complexificação do processo histórico, adensam a paisagem social.

Como se articulam e que relações estabelecem, nesta Grande Aceleração, que define o Calcolítico, sítios de diferentes, ou de semelhantes, tipologias arquitectónicas? Entre sítios de fossos — preexistentes, sítios de muralhas — disruptivos, sítios abertos — de padrão ancestral — estabelecem-se relações de poder e/ou relações de paridade e/ou relações de competição? Com toda a probabilidade.

Nas paisagens calcolíticas, a competição, a instabilidade e o medo não impedem que — como acontece sempre nos espaços que se fecham — para além dos fossos e das muralhas circulem pessoas, coisas e animais, rompendo fronteiras e cruzando territórios. Os processos simultâneos de confinamento e de cruzamento demonstram a multiplicidade de planos performativos em que territórios, sítios e indivíduos estão, ao mesmo tempo, limitados e abertos, circulando em redes densas que funcionam.

5. PARA UMA CRONOLOGIA DO MEDO E DO PODER — O SÍTIO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL)

O número substantivo de datações absolutas disponíveis para o Calcolítico peninsular, em particular se combinado com intervalos de tempo obtidos sobre restos humanos,

[14] CLASTRES, 1974.
[15] MAUSS, 2008.
[16] GUILAINE, 1991.
[17] TRINGHAM, 2005.
[18] STEFFEN *et al.*, 2015.

carvões, artefactos e fauna, e partindo da premissa, questionável, mas aliciante, de que *dates are data*, demonstra, também, neste domínio, uma aceleração efectiva que só pode ser consequência do disparo demográfico subjacente às paisagens calcolíticas[19].

No entanto, deste número significativo de datações absolutas acumuladas nos últimos quarenta anos, uma parte substantiva dos intervalos de tempo disponíveis não se considera, neste momento, adequada para a reflexão histórica. Uma parte substantiva das amostras foi processada por métodos convencionais, e para muitos sítios não existem ou são muito escassas as datações obtidas por AMS, o que significa, dada a diferente dimensão da amostra necessária, graus muito distintos de precisão cronológica, ao mesmo tempo que continuam a ser utilizados como referentes cronológicos intervalos de tempo com desvios-padrão muito amplos e, por isso, de escassa eficácia.

Para o Calcolítico, quando a Mudança se acelera a um ritmo que o carbono 14 dificilmente consegue detectar, é urgente uma revisão das cronologias que parta de novos programas de datação absoluta e, a partir dos quais, seja possível datar diferentes amostras vindas de uma mesma unidade estratigráfica, identificando e excluindo *outliers*, rejeitando os resultados com desvios-padrão superiores a cem anos, selecionando amostras de vida curta para datação por AMS, interpretadas a partir de uma análise bayesiana que integre as proveniências estratigráficas para redução dos intervalos de tempo, como estratégia conjunta para (re)definir os tempos da história calcolítica.

Ao mesmo tempo, a atenção aos processos pós-deposicionais e à complexidade dos fenómenos que formam os depósitos arqueológicos é fundamental para explicar a incongruência que muitas vezes se detecta entre os resultados da datação e a posição estratigráfica da amostra.

Datar o arranque dos povoados fortificados — um tema-chave na literatura sobre o III milénio a. C. no Ocidente peninsular —, datar as fases de construção e reconstrução, de abandono e de reutilização destes lugares de biografia complexa permitirá identificar fenómenos (a)sincopados de medo e de ostentação, materializados na construção/ampliação/reconstrução de muralhas e de fossos, numa correlação fundamental entre lugares de um mesmo território.

E é o princípio deste exercício, combinando intervalos de tempo e observações estratigráficas, que aqui se inicia para o povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, sobre o qual os autores têm, desde 2017, no âmbito do projecto *VNSP3000 — Vila Nova de São Pedro, de novo no 3.º milénio*[20], desenvolvido trabalho de terreno procurando reconstruir a paisagem e a cronologia de um lugar — sítio epónimo de etapas culturais de valor transregional, como deviam ser as fases VNSP I, VNSP II e VNSP III —, mas sem referências cronométricas.

[19] BLANCO-GONZÁLEZ *et al.*, 2018; HINZ *et al.*, 2019.
[20] ARNAUD *et al.*, 2017; DINIZ *et al.*, 2018; MARTINS *et al.*, 2019.

5.1. O lugar

O sítio de VNSP ocupa uma plataforma elevada, terminando em esporão e delimitada por duas linhas de água, cujas vertentes a Oeste e Este apresentam uma considerável assimetria.

A Oeste e a Norte, a plataforma está delimitada por um declive muito abrupto que marca as vertentes que descem até à Ribeira de Almoster. A Este, a vertente de declive mais suave é interrompida por pequenas plataformas aplanadas que parecem facilitar a subida ao topo. No entanto, as bancadas de calcário, com limites verticais que afloram neste sector, apresentam-se como verdadeiras muralhas naturais dificultando a progressão no terreno.

A Sul, o acesso ao sítio faz-se pela área aplanada deste topo de interflúvio, área desprovida de protecções naturais. A escolha desta plataforma, geomorfologicamente uma réplica da área de implantação de Los Millares, com três lados naturalmente defendidos e uma área de acesso aplanada, garante em simultâneo uma visibilidade panorâmica sobre os territórios envolventes e disponibilidade de água — questão adiante discutida —, elementos decisivos nesta estratégia de implantação.

Ao mesmo tempo, a escolha desta plataforma, limitada a Oeste pela Ribeira de Almoster, garante um acesso imediato a um corredor de comunicação, o vale entre a Serra de Montejunto e o Rio Tejo, fronteiras naturais de um território onde o sítio existe, até que novos dados surjam, como figura solitária. A navegabilidade da Ribeira de Almoster, até perto do sítio, acrescenta às rotas terrestres os percursos fluviais, e depois marítimos, que ligam o povoado ao Atlântico e ao Mediterrâneo (Fig. 1).

A plataforma tendencialmente aplanada, mas não plana, onde se implanta VNSP é, numa linha de corte O-E, claramente assimétrica no que parece o resultado da topografia natural, mas também de intervenções antrópicas no lugar. No sector ocidental do sítio, sobre um declive muito suave, estão registados três patamares — o de cota mais baixa onde está construída a terceira linha; um segundo patamar, em que se encontra implantada a complexa segunda linha e escavado o fosso; e um terceiro patamar, no qual aflora a Noroeste o calcário de base, e onde são construídos os bastiões e a muralha do reduto central (Fig. 2).

No sector oriental, existem apenas dois patamares — o de topo, onde está presente apenas a muralha interna, nesta face em mau estado de conservação, abruptamente separado da plataforma da base por um talude, que pode atingir os quatro metros de altura, não estando identificados, nesta área, outros panos de muralhas. Este talude que envolve em cerca de 260 graus, o sítio acrescenta defensabilidade a esta vertente onde as já referidas bancadas de calcário funcionam como muralhas naturais.

Neste momento, e como resultado quer dos diferentes episódios datados do III milénio — como tenham sido diferentes soluções arquitectónicas, diferentes investimentos, diferentes episódios de destruição/reconstrução — quer dos episódios ocorridos ao longo do século XX, VNSP apresenta, como outras arenas, dois lados, um

sombra/sol invertido, com um lado monumental, com muralhas de pedra e bastiões, orientado a Noroeste — Tejo e Ribeira de Almoster — e um lado oculto, sombrio e muito arrasado, onde elementos naturais e um talude defendem o sítio, a Este-Sudeste.

A leitura do terreno e a análise do levantamento topográfico recentemente realizado permitem-nos, agora, ir além da planta de VNSP que, nos últimos cinquenta anos, cristalizou, numa perspectiva arquitectónica, o povoado. A planta de H. Savory, a primeira planta *moderna* do sítio, relativa aos trabalhos de 1959, publicada em 1970, nas *Actas das Jornadas da AAP*, apresenta as três linhas de muralhas, a entrada na terceira — e mais exterior — linha, os dois bastiões — oco e maciço — da segunda linha, o reduto central onde figuram onze bastiões — com o recém-identificado bastião 8a, a entrada no recinto, bem como, no seu interior, algumas estruturas, como silos, muros, a cisterna, o «barreiro» e o «forno»[21].

Esta imagem, fundamental para a leitura do sítio e debate sobre fases e sequências de construção, no entanto, não contempla a totalidade das estruturas identificadas no terreno, uma vez que os trabalhos se prolongam até 1967, e em casos como o da terceira linha, esta estrutura, desenhada a traço descontínuo, parece não estar, então, a descoberto, tal como sugere a passagem: «Há ainda *indicações* de que o povoado tinha uma terceira muralha envolvente externa.»[22].

Ao mesmo tempo, esta planta, na sua bidimensionalidade essencial, não regista o talude que quase rodeia o sítio, e, na abstração necessária, as estruturas adquirem uma coerência, homogeneidade e *simplicidade* que, efectivamente, as não define, porque, de raiz, correspondem a distintos episódios de construção, pois, no presente, estão de tal forma arrasadas e, em alguns casos, restauradas, que dificilmente se podem integrar numa estrutura única.

Por isso, é fundamental acrescentar à planta de Savory, entre outros elementos arquitectónicos, o talude que quase envolve o sítio e que, como um gomo de laranja, apresenta hoje uma altura variável que pode atingir, na área fronteiriça ao muito destruído bastião 6, os quatro metros, acrescentar a estrutura semicircular, o «rim», adiante descrito, o pequeno troço a Sul de grandes blocos que podem monumentalizar uma entrada, a terceira linha, a Este, descrita e representada em 1952[23], o fosso que, em 1959, estaria seguramente colmatado.

Hoje, da leitura combinada das observações de terreno, do levantamento topográfico e das imagens de *drone* constata-se uma outra complexidade construtiva no sítio que, em algum momento, está integralmente protegido por algum tipo de dispositivo que combina elementos naturais, como são os declives das vertentes e os afloramentos rochosos, e elementos antrópicos como as muralhas e o talude.

[21] SAVORY, 1970.
[22] SAVORY, 1974: 161.
[23] PAÇO, ARTHUR, 1952.

5.2. O início

A ocupação dos povoados calcolíticos com muralhas parece corresponder, por norma, a fundações *ex-novo*. Em Leceia, a camada sedimentar que cobre o nível 4, do Neolítico final, aponta para a reocupação de um lugar abandonado; no Zambujal são pouco claros os sinais de uma fase neolítica, assim como em VNSP, a avaliar pela ausência de fósseis-directores dessa etapa.

Neste sítio, o ritual de fundação, um gesto sem paralelo, identificado num fosso extenso, escavado entre a primeira e a segunda linha, de acordo com as indicações de A. Paço[24], é materializado na deposição de fauna e do grande recipiente cerâmico — hoje visível no Museu Arqueológico do Carmo (MAC). Da fauna descrita, mamalógica e malacológica, podem sobreviver, no MAC, os grandes e intactos cornos de *Bos*, ainda que sem referência explícita à sua proveniência.

Da componente artefactual identificada, o grande recipiente cerâmico — esférico, liso — reproduz em dimensão ampliada uma forma banal nos repertórios neolíticos e calcolíticos, sem valor cronológico específico, tal como os instrumentos de pedra polida e de pedra lascada, então referidos.

Além deste contexto inaugural, cuja cronologia permanece incerta, outras manobras no sítio, como a construção de muralhas, realizam-se sobre a rocha de base, sobre «entulhos» de nivelação e preparação da superfície de construção, mas também sobre vestígios de ocupações anteriores, de acordo com observações feitas em trabalhos anteriores.

No estado actual, e em função do que pode ser observado no terreno, verifica-se que, em alguns pontos, a muralha central assenta directamente na rocha de base, nomeadamente na área do bastião n.º 10. Em outras áreas, nomeadamente no sector Sul, em particular, o troço que reforça a muralha preexistente, entre a entrada calcolítica, no recinto e o corte feito por Paço a Sudeste, para passagem da vagoneta, assenta numa camada de profundidade significativa que não parece corresponder, no entanto, a níveis de ocupação do sítio, mas a material aglomerado — terra, pequenas pedras, argamassas — aí depositado tendo em vista a nivelação do terreno. A ausência, nesta camada onde se apoia a muralha, do sedimento fino de cor negra e de materiais arqueológicos que caracterizam as áreas de ocupação humana parece indiciar que aquela é uma acumulação de *material de construção*, «superfície preparada de barro e calcário triturado»[25], regularizando um afloramento calcário lapializado, mais do que restos de uma antiga fase de ocupação.

5.3. Sobre a muralha interna ou reduto central

A muralha central de VNSP, com uma espessura que oscila entre os cerca de cinco metros no limite Oeste da entrada e os menos de dois metros entre os bastiões 3 e 4, define um

[24] PAÇO, 1942.
[25] SAVORY, 1970: 161.

espaço genericamente circular de cerca de 25 metros de diâmetro, e apresenta, hoje, duas faces muito distintas que a complexa biografia do sítio poderá explicar. A um lado monumental — a Noroeste —, onde figura o célebre quarteto de bastiões de VNSP, e do qual fazem parte os bastiões 1 a 5, e em que ainda se conservava uma altura de muralha de cerca de 3,60 metros, opõe-se um outro sector a Sudeste, em mau estado de conservação, com bastiões arrasados ou desaparecidos, com sinais de rombos, reforços e restauros que podem ser atribuídos quer às populações calcolíticas quer à acção de Afonso do Paço. Os restauros feitos na década de 1980 por Oliveira e Veiga Ferreira[26], alguns já derrocados, identificam-se, regra geral, com alguma precisão neste reduto.

O diferente estado destes dois sectores deve traduzir uma complexidade de eventos relacionados quer com diferentes investimentos na construção — o lado monumental está orientado na direcção Serra de Montejunto/Ribeira de Almoster/Santarém/Rio Tejo, o corredor fundamental de circulação, ainda que não exista, do vale, visibilidade directa para o sítio — quer com diferentes episódios de uso, destruição, e também reconstrução, acontecidos ao longo do Calcolítico, mas também, e porque este já era o lado mais frágil e menos aparatoso, levados a cabo durante as intervenções de Afonso do Paço.

Aos trabalhos de Afonso do Paço atribuem-se o grande rombo que atinge os cinco metros, a Sudeste, para passagem da vagoneta, e o desaparecimento do bastião 7, bem como a reconstrução de um troço de muralha, a Este, da passagem da vagoneta. Neste sector, o aparelho de construção do reduto difere de forma nítida da restante muralha, e sobre este sector, diz o próprio, no relatório de 1956, ano em que a escavação aqui decorreu: «Nova área de escavação exterior à muralha que levou a reforços e tentativas de reconstrução da mesma[27].» Este troço que apresenta uma extensão de cerca de quatro metros é composto por diferentes realidades, um muro fundamentalmente de terra e pedra solta, e uma cunha formada por blocos de pedra que encostam ao que parece a muralha original (Fig. 4).

Contudo, outros cortes, além do de Savory, devem ter sido feitos nesta muralha central. Nas diferentes plantas de VNSP, publicadas por Paço e seus colaboradores, o reduto central representado de forma muito esquemática e sem bastiões apresenta cortes, de significado pouco claro, em diferentes pontas do que deve ser a muralha e que não são hoje visíveis[28].

Ao mesmo tempo, os bastiões que celebrizaram esta muralha não só se encontram em diferentes estados de conservação — dos onze referidos, apenas dez estão conservados, o bastião 7 está totalmente desaparecido —, como apresentam diferentes dimensões e correspondem a diferentes tipologias arquitectónicas.

[26] OLIVEIRA, FERREIRA, 1990.
[27] PAÇO, 1958.
[28] PAÇO, SANGMEISTER, 1956.

São bastiões maciços e solidários com a muralha, os bastiões do sector Noroeste, n.os 9, 10, 1, 2, 3, 4 e 5, este último quase totalmente destruído.

No sector Este-Sul, encontram-se os bastiões adossados à muralha, caso dos bastiões 6, 8 e 8a, que correspondem, numa estratigrafia da arquitectura, a um outro, e posterior, momento construtivo. Destaca-se o caso do bastião 6, que mais que um bastião é um pequeno murete, em forma de vírgula, arrasado até à base, que, em cronologia incerta, se acrescenta à muralha.

Neste reduto, a zona de entrada foi alvo de um continuado investimento construtivo, em particular no limite Sudeste, cujas estruturas revelam acções complexas de construção e reforço do aparelho pétreo.

À direita de quem entra no recinto, um pano de muralha, hoje cortado pela entrada da vagoneta, terminava num bastião 8 *original*, claramente destacado do perímetro da muralha. Em algum momento, esta zona de entrada monumentaliza-se e reforça-se directamente com a justaposição de um novo pano de muralha ao preexistente, integrando assim o bastião 8 *original*, na nova espessura que a muralha aqui adquire, perdendo a sua posição avançada sobre o terreno. É, por isso, construído um *novo* bastião 8, agora arrasado até à base, que controla o acesso a este espaço interno.

Além deste reforço de muralha, que aqui quase duplica a sua espessura, e da construção de um novo bastião, a zona de entrada também a Oeste vai ser objecto de uma atenção particular com a colocação de um bastião adoçado — 8a —, o único na planta de Savory a figurar claramente como um acrescento à muralha inicial — num troço do reduto que não ostentava, de raiz, este tipo construção. Aqui, verifica-se o que parece ser uma sobreposição de bastiões — única no sítio. Sobre uma base ampla, possível arranque de um grande bastião derrubado ou uma sapata de pedra, assente em níveis de ocupação anteriores, constrói-se um bastião semicircular de menor dimensão (Fig. 4).

O reduto central parece, assim, o resultado de diferentes episódios construtivos, que constroem uma história muito complexa e reflecte, hoje, investimentos distintos e graus de conservação muito diferenciados, cujas causas naturais e/ou antrópicas e as cronologias devem ser discutidas.

5.4. Sobre a área entre o reduto central e a segunda linha

A área compreendida entre o reduto central e a segunda linha, área onde se iniciam, na década de 1930, os trabalhos de escavação, e de onde provêm uma parte substantiva dos materiais recuperados no povoado, apresenta uma complexidade efectiva, combinando estruturas positivas e negativas, áreas onde aflora a rocha de base e diferentes momentos construtivos, alguns dos quais de sequência óbvia e outros de difícil ordenação, dado que as suas relações estratigráficas podem estar já irremediavelmente comprometidas por anteriores trabalhos.

No terreno, esta segunda linha dificilmente se reconhece na estrutura esquemática que Savory recorda na planta de 1970[29]. Se os dois bastiões — um maciço e outro, de grandes dimensões, oco, correspondem às mais imediatas estruturas desta segunda linha, a sua análise demonstra que esta é uma realidade muito complexa, constituída por segmentos não lineares que correspondem a vários momentos construtivos. Esta linha assenta na rocha de base, na área sondada nos trabalhos de VNSP3000[30], mas a Norte, a avaliar pelas imagens existentes no Arquivo do SIPA, o bastião oco assenta em terra com pedra miúda.

Ao mesmo tempo, em várias imagens fotográficas, detecta-se um reforço exterior, uma outra linha paralela a esta, hoje, muito desmantelada, que corre ao longo da área fronteira aos bastiões 9 e 10. Este troço encontra-se com uma área de muralha ainda bem conservada, muito espessa e onde se identifica um reforço interior da estrutura. A este troço adoçasse o bastião maciço e, deste, parte, desenhando uma linha descontínua, uma muralha bífida estreita, de que uma linha será o limite do bastião oco. A outra linha, o provável contorno interno deste grande bastião, está, hoje, muito arrasada. A complexa sequência estratigráfica conclui-se com um reforço exterior — hoje reduzido arrasado pela base — que parte da muralha onde se adoçou o bastião maciço e que irá envolver também o arranque da muralha bífida (Fig. 5).

Estes quatro episódios construtivos, ainda preservados numa área reduzida, são um dos notáveis exemplos do continuado investimento de que o sítio foi objecto. A complexidade deste sector não se esgota na construção de muralhas. Esta segunda linha, que é, na realidade, uma estrutura compósita, limita a Oeste a área de fosso, onde se identificou o ritual de fundação antes descrito, que parece prosseguir para Sul. A rocha escavada para *abrir* esta área ou estrutura negativa foi, depois, revestida por uma parede de alvenaria e *argamassa* ainda hoje parcialmente conservada. As relações estratigráficas entre esta estrutura negativa e a muralha pétrea não são muito óbvias, uma vez que a remoção anterior dos depósitos torna difícil a interpretação da sequência construtiva.

Ao mesmo tempo, na zona fronteira aos bastiões 3 e 4, bastiões menos próximos que o célebre trio dos bastiões 1,2 e 3, e definindo um corredor estreito, terá sido, já na década de 1960, identificado um troço de muralha, de formato semicircular (em forma de «rim»), descrito, nestes moldes por Paço, no relatório de 1965:

> *Em local situado a N. da muralha interior, onde se divisaram certas pedras e depois deparamos com um pequeno troço da segunda muralha, já bastante destruída. Junto desta muralha devem ter vivido populações de metalúrgicos, pois encostado a ela estava um belo serrote de cobre. Quanto a materiais nada mais há a assinalar, a não ser uma placa de barro tendo representados dois animais, provavelmente dois bovídeos*[31].

[29] SAVORY, 1970.
[30] MARTINS *et al*., 2019.
[31] RIBEIRO, 2013: 32.

Este troço está ainda conservado no sítio, como é visível na Fig. 6, apesar de nunca ter sido registado em planta.

Esta segunda linha, com uma construção claramente faseada que dá origem a uma arquitectura descontínua, apresenta, também, para Sul, outros troços, mal conservados no terreno, mas que parecem, por uma inflexão de perfil, ampliar o espaço protegido, indo ao encontro de vestígios de muralha construída com blocos quase ciclópicos, ainda visíveis no terreno que podem monumentalizar uma área de entrada e de acesso a este segundo patamar.

5.5. Terceira, e mais exterior, linha de muralha

Esta, até ao momento, a mais exterior linha de muralha, orientada para a vertente muito abrupta que desce para o vale da Ribeira de Almoster, limita o sítio a Oeste e encontra-se arrasada quase até à sua base. Esta parece ser a única linha sem bastiões, ainda que, ao longo do seu traçado e junto à zona de entrada, algumas concentrações pétreas de aspecto circular sejam de difícil interpretação. Esta muralha está orientada para a vertente muito abrupta que desce para o vale da Ribeira de Almoster.

Esta linha é constituída por dois segmentos que se encontram numa entrada calcolítica, não alinhada, como é próprio dos recintos muralhados, com o que parece ser a entrada da segunda linha, nem com a entrada no recinto central. Esta linha de muralha, de que A. Paço ainda registou um comprimento de 72 metros[32], corre no sentido Norte-Sul e morre sem continuidades identificadas, nos seus extremos, antes de atingir o talude. Dos primeiros trabalhos realizados em VNSP, Paço refere que:

> *Do lado opôsto, a Este, separado uns 60m, da zona já escavada descobriram-se restos de outro muro, na extensão de uns 40m. Será ele continuação do que se levanta a Ocidente? Talvez, mas até hoje não nos foi possível encontrar qualquer união entre os dois, tanto a Norte como ao Sul do Castro. É que nem sempre fechavam completamente limitando-se apenas aos lados mais vulneráveis do recinto habitado*[33].

Esta estrutura pétrea na Fig. 2, do trabalho citado, pode corresponder a um alinhamento de grandes blocos visíveis entre a vegetação, que limitariam a Nascente e além do talude, o povoado.

A complexidade efectiva de VNSP não está ainda totalmente documentada. Os trabalhos de limpeza de uma vegetação muito densa, que ocultou, durante décadas, estruturas positivas e negativas não está concluído, mas, neste momento, é claro que a planta de Savory, documentando o estado do sítio no Verão de 1959, não integra a totalidade das arquitecturas que constituem o sítio.

---

[32] PAÇO, ARTHUR, 1952.
[33] PAÇO, JALHAY, 1942: 8.

5.6. Episódios de uma sequência construtiva

Nas complexas arquitecturas que os povoados fortificados chegam a ser, tem sido um tópico, sempre em aberto, a definição de fases e sequências de construção que implicam, além do *projecto original*, obras de adição, ampliação, retracção, segmentação e reparação ou reforço das áreas construídas.

O sentido desta dinâmica de gestos é decisivo na interpretação dos sítios. Previsivelmente, a arquitectura deve espelhar, como a pele de um ser vivo, o estado de saúde social, económica e simbólica do grupo. A prosperidade esperada num lugar que cresce e que amplia a área defendida, a crise que se antevê num lugar que se retrai, o investimento, maior ou menor, em restauros e reforços são sinais perceptíveis de uma tensão social, constante ou que se suaviza, são fórmulas materiais de combater o Medo e/ou de ostentar um Poder que mascara — muitas vezes voluntariamente — fragilidades e crises. E, nesta relação complexa com o construído, admite-se que, numa paisagem apaziguada, as muralhas já não são necessárias. A derrocada progressiva, e provavelmente rápida, destas estruturas pétreas gera ruínas, ruínas sobre as quais se vive e que, se podiam ser sinais novos de um mundo sem fronteiras e sem obstáculos à marcha, são, à luz do cânone ocidental, um sinal de decadência e colapso de um sistema.

Em VNSP, a sequência construtiva das principais estruturas pétreas tem sido discutida em diferentes momentos. Admitida que a linha exterior a Ocidente, ou terceira linha, seja a mais antiga construção[34], definindo uma área ampla, limitada a Norte e a Este pelas vertentes da plataforma ocupada, os episódios seguintes de construções vão fortificar a área mais elevada deste esporão, parecendo, por isso, obedecer a um plano preexistente. A linha de muralha a Este, descrita, mas não reidentificada, podia fazer parte desta primeira fase, assim como o fosso, onde se realiza o ritual de fundação.

O reduto central numa formulação, distinta da hoje visível, admite-se que pode ser a etapa seguinte das construções. Uma muralha espessa, com a qual são solidários os bastiões maciços 9 a 5, no sentido Sul-Norte, com uma entrada estrangulada, defendida pelo bastião 8, original. A este reduto acrescentam-se, num outro momento, os bastiões 6 a 8b, reforça-se, com justaposição de um novo pano de muralha, o troço a Este, da entrada calcolítica. Já no século XX, a muralha é cortada, entre o bastião 8 e 6, para passagem da vagoneta e em parte reconstruída por A. Paço (Fig. 4).

A ser esta a efectiva sequência construtiva, a área do sítio está definida num primeiro momento, consistindo as intervenções nos séculos seguintes em obras no interior deste espaço. No caso do reduto central, que ocupa o topo desta plataforma subaplanada, estava seguramente previsto desde a raiz — a sua monumentalidade, a posição que ocupa no terreno, o investimento que traduz, a relação com um recurso tão decisivo como a água, não permite interpretá-lo como um subproduto de uma estratégia

[34] GONÇALVES, SOUSA, COSTEIRA, 2013.

defensiva — assente na terceira linha — que se teria demonstrado insuficiente —, mas, pelo contrário, uma arquitectura nuclear, nesta ocupação.

Nesta sequência, a complexa segunda linha de muralha, o talude, a estrutura semicircular e o pequeno troço conservado a Sul podiam corresponder a uma terceira fase. O muro oblíquo entre a terceira e a segunda, posto a descoberto durante as escavações de 1985 e 1986[35], corresponderia a uma outra, e última? etapa calcolítica, de construções no sítio.

Este mesmo processo de intensificação/complexificação arquitectónica observa-se em outros sítios contemporâneos. No Zambujal[36], a área protegida parece estar definida na primeira fase de construção e, ao longo do Calcolítico, é a densificação das estruturas e o reforço do aparelho que marca os diferentes momentos. Em Leceia, o espaço protegido parece delimitado logo numa fase inicial da ocupação, e nas diferentes fases construtivas assiste-se ao reforço e complexificação das estruturas que, em meados do milénio, atingem o seu ponto máximo[37].

Se as ampliações/retrações de áreas protegida não parecem a estratégia nuclear, mas a densificação das estruturas pétreas, no caso, do recinto de fossos dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz, um lugar datado a partir de um número notável de intervalos de tempo, a sequência de construção, neste caso, de escavação, aponta num sentido inequívoco[38]. Os pequenos recintos que, no Neolítico médio, ocupam a área central do sítio são, ainda no Neolítico final, parcialmente(?) delimitados por um fosso que define a imensa vastidão que o sítio apresentará ao longo do Calcolítico. Esta área é depois adensada por escavações sucessivas de estruturas negativas que reforçam também pela monumentalidade, à escala da figura humana, esmagadora, o significado do sítio[39].

Para o sítio de VNSP, inicia-se, agora, o lento trajecto de reconstrução da cronologia do sítio, e, portanto, das fases de criação/perda de monumentalidade, a partir de datações absolutas hoje disponíveis — obtidas nas escavações realizadas pelo projecto VNSP3000 e por outras vindas a lume nestes últimos anos e de contextos estratigráficos menos seguros. As fases de construção que agora se podem definir demonstram um investimento evidente e continuado no sítio, num processo iniciado em torno de 2800 a. C, e que, a avaliar pela datação da UE 116, pode estar já em derrocada por volta de 2200-2100 a. C.[40] (Tabela 1).

Os ainda escassos intervalos de tempo disponíveis confirmam a antiguidade da terceira linha, um segundo momento de construção do reduto central e, por fim,

[35] GONÇALVES, 1993.
[36] KUNST, 2017.
[37] CARDOSO, 2010.
[38] VALERA, SILVA, MÁRQUEZ ROMERO, 2014.
[39] VALERA, *ed*., 2018.
[40] MARTINS *et al*., 2019.

a construção do talude e da segunda linha de muralha. Da área da terceira muralha provêm intervalos de tempo entre 2800-2600 a. C.[41], efectivamente os mais recuados, até ao momento, obtidos no sítio. Neste sector, dominam as cerâmicas lisas, mas não existem disponíveis outras quantificações de elementos da cultura material[42].

Para o reduto central, a datação recentemente apresentada por Cardoso[43] sobre uma amostra recolhida por Veiga Ferreira na camada de base do bastião 3, durante os trabalhos de restauro da muralha realizados em 1983, aponta para o intervalo entre 2670-2490 a. C., um possível *terminus post quem* para o reduto central, genericamente contemporâneo da construção do talude e da segunda linha de muralha, na área fronteira aos bastiões 9-10.

Para as áreas da segunda linha de muralha e talude, as datações obtidas (Tabela 1), pelo projecto VNSP3000, permitem datar a construção do talude — UE 319 — do intervalo 2500-2300 a. C., e o solo de ocupação depositado sob o lapiás da plataforma inferior, de onde arranca esta estrutura, em torno de 2500-2200 a. C. — UE 305. Neste solo, foram recuperados os elementos próprios do Calcolítico pleno, como queijeiras, pesos de tear, fragmentos de campaniforme internacional de bandas alternantes, mas também mais raros fragmentos com decoração crucífera e um único bordo denteado. Os vestígios da prática metalúrgica também foram aqui identificados sob a forma de cadinho e pingos de fundição.

Tabela 1. Datações absolutas para o Calcolítico de Vila Nova de São Pedro (VNSP3000)

Sítio	Sítio	UE	Ref. Lab.	Amostra	Ata BP	δ13C (‰)	δ15N (‰)	2 σ cal BC	Bibliografia
Vila Nova de São Pedro	Sobre o lapiás	[305]	Beta - 512588	*Bos sp.*	4000±30	-21,30	5,3	**2578-2464** (95,4%)	(MARTINS *et al.*, 2019)
Vila Nova de São Pedro	Sobre o lapiás	[305]	Beta - 512586	*Cervus ela.*	3900±30	-20,00	3,7	**2467-2293** (95,4%)	(MARTINS *et al.*, 2019)
Vila Nova de São Pedro	Sobre o lapiás	[305]	Beta - 512587	*Sus sp.*	3390±30	-22,20	5,3	**1752-1611** (95,4%)	(MARTINS *et al.*, 2019)
Vila Nova de São Pedro	Talude	[319]	Beta - 569110	*Bos taurus*	3950±30	21,00	5,9	**2569- 2520** (21,7%) **2499- 2342** (78,2%)	Inédita (este trabalho)

[41] Comunicação apresentada por Gonçalves, Sousa, Boaventura, em 4 de setembro de 2014, no XVII World UISPP Congress, Burgos (Espanha).
[42] GONÇALVES, 1993.
[43] CARDOSO, 2019: 119.

Sítio	Sítio	UE	Ref. Lab.	Amostra	Ata BP	δ13C (‰)	δ15N (‰)	2 σ cal BC	Bibliografia
Vila Nova de São Pedro	Talude	[319]	Beta - 569111	*Ovis aries/ capra*	3940±30	20,30	5,2	**2566-2531** (10,6%) **2495-2340** (86,7%) **2321- 2304** (2,6%)	Inédita (este trabalho)
Vila Nova de São Pedro	Solo de ocupação (segunda linha)	[117]	Beta - 549652	*Cervus elaphus*	3960±30	20,30	4,0	**2571-2515** (34,2%) **2502-2399** (54,9%) **2384- 2346** (10,7%)	Inédita (este trabalho)
Vila Nova de São Pedro	Solo de ocupação (segunda linha)	[117]	Beta - 569112	*Bos p.*	3960±30	21,30	6,0	**2571- 2515** (34,2%) **2502- 2399** (54,9%) **2384- 2346** (10,7%)	Inédita (este trabalho)
Vila Nova de São Pedro	Solo de ocupação (segunda linha)	[116]	Beta - 549653	*Sus sp.*	3760±30	19,80	5,8	**2287-2245** (16,1%) **2238-2126** (67,9%) **2092-2040** (15,9%)	Inédita (este trabalho)

A Oeste, no sector da segunda linha de muralha, escavado no âmbito deste projecto, os intervalos de tempo obtidos para o solo de ocupação associado à segunda linha apontam para um período de construção desta estrutura entre 2500-2400 a. C. — UE 117. Desta UE, provém abundante fauna, instrumentos de pedra polida e cerâmicas lisas — um conjunto que A. Paço classificava, no sítio, como *primitivo*, mas que é, à escala do carbono 14, contemporâneo do pacote *evoluído* da UE 305. Neste sector, a segunda linha de muralha pode estar já desmantelada por volta de 2200-2100 a. C., coberta pelo sedimento muito fino e negro da UE 116, de onde provém a amostra datada.

Este quadro cronológico, ainda muito incipiente, aproxima VNSP do ritmo construtivo de outros sítios da Estremadura. Como sucede no Zambujal, fases 1-4[44], e em Leceia, fases 2-4[45], as construções sucedem-se a um ritmo rápido na primeira metade

[44] KUNST, 2017.
[45] CARDOSO, 2010.

do III milénio, quando, entre 2800 e 2500 a. C., o essencial do dispositivo pétreo é construído. Em VNSP, os meados do milénio parecem mesmo um momento de intensa actividade a avaliar pela cronologia do talude e da complexa segunda linha.

Se a ocupação do sítio remonta, se não a um momento anterior, ao intervalo 2800-2600 a. C., datar e definir as modalidades do seu abandono parece um processo mais complexo. Aos materiais, escassos, da Idade do Bronze associa-se agora uma datação sobre fauna demonstrando que em diferentes momentos do II milénio, o sítio é não só palco da deposição simbólica de materiais — a avaliar pela descrição de Paço sobre o lugar de recolha do machado de bronze, no topo da muralha, mas também do sacrifício de animais e consumo de alimentos, cujos restos se vão introduzir em unidades preexistentes, no complexo processo de formação das unidades estratigráficos de sítios com vidas muitas longas[46].

6. E ALÉM DAS MURALHAS… AS OUTRAS MATERIALIDADES

Em VNSP, além do complexo sistema defensivo activo, como são as muralhas, há a destacar outros dispositivos de apoio ao espaço habitado, não documentados em outros contextos contemporâneos, que justificam, nesta leitura sobre os testemunhos arqueográficos de Medo e de Poder, uma referência particular.

Do trio de estruturas identificadas por Paço[47], no reduto central de VNSP — a cisterna, o barreiro, e o forno[48] —, esta, o único elemento que sobrevive a uma análise crítica, é hoje percebida como parte de um sistema cársico sobre o qual o povoado se implanta e que apresenta, à superfície, entradas para algares como o identificado na campanha de 2017[49].

As exsurgências ainda hoje detectadas em diferentes pontos da plataforma ocupada, mas já para lá do perímetro da área muralhada — em particular, no caso da nascente existente na vertente Este, que mesmo depois de vários anos de seca ainda apresentava água —, são uma inequívoca demonstração da existência de um lençol freático sob o povoado. A cisterna identificada na área central pode ser o resultado da abertura artificial de uma entrada de algar que permitiu o acesso à água subterrânea e o abobadado das paredes da cisterna pode corresponder a uma forma natural, o que se quer confirmar num futuro breve.

---

[46] TSIRTSONI, 2016.

[47] PAÇO, 1957.

[48] A classificação destes elementos em VNSP constitui um extraordinário caso de Arqueologia Pública *avant la lettre*. À semelhança do que virá a acontecer mais de meio século depois em alguns trabalhos arqueológicos disruptivos porque introduziam a «voz» dos visitantes como referente interpretativo, Afonso do Paço, ouvindo a explicação de um oleiro local sobre o significado dos elementos identificados no interior do reduto central, não hesitou em classificá-los de acordo com a leitura apresentada (Paço, 1957). Se a cisterna parece indiscutível, o barreiro e o forno não sobrevivem, como classificações, a uma análise crítica do registo arqueológico.

[49] MARTINS *et al.*, 2019.

E neste lugar onde a água abunda como recurso disponível em vários pontos do esporão entre a Ribeira de Almoster e a pequena linha de água de Torre Penalva é, por isso, de destacar a presença de uma cisterna — ainda que esta seja parcialmente natural — no interior do reduto central, portanto, no mais protegido de todos os espaços do povoado, reflectindo essa preocupação fundamental, numa área que se defende, em garantir o acesso à água, preocupação que justifica, inclusive em contextos mais tardios, o lugar de implantação das fortificações históricas[50].

Em VNSP, e num momento em que as sociedades se encontram em processo acelerado de complexificação, o controlo e a gestão da água não assumem aqui, como noutros lugares onde esta escasseia, um peso decisivo na formatação dos sistemas sociais arcaicos — como o despotismo hidráulico do mundo oriental —, mas a cisterna, na *acrópole*, garante a sua disponibilidade neste lugar eminentemente protegido, ao contrário de todas as outras nascentes nesta plataforma que estão, pela sua localização para além das muralhas, expostas.

As cisternas não parecem, no entanto, fazer parte dos equipamentos disponíveis nos sítios muralhados. Outras estruturas ligadas ao armazenamento e à distribuição de água, como fossos concêntricos em Marroquies Bajos[51], fossos paralelos no Porto Torrão[52] ou poços em diferentes sectores de Valencina de la Concepcíon[53] têm sido registados, mas estruturas próprias de aprovisionamento de água, em áreas defendidas, parece traço único dos povoados de Los Millares — onde existe também uma cisterna na cidadela — e de VNSP.

A existirem cercos — ainda que pareçam pouco prováveis —, a funcionar o reduto central como lugar de refúgio, está aqui assegurado o acesso à água, pelo esforço, justificado pelo Medo, de construção de uma cisterna num lugar onde a água exsurge a poucos metros numa cota mais baixa da vertente.

Além destes elementos estruturais, outros elementos da cultura material parecem decisivos nesta leitura, como são as *armas* de guerra ou de caça, na ambivalência destes materiais em acções equivalentes, porque geram a morte, mas não paritárias nas leituras feitas do registo arqueológico.

Aos sempre citados arsenais de VNSP, materializados na acumulação de centenas de pontas de seta em alguns lugares no reduto central, à (discutida) eficácia dos bastiões desta muralha, em alguns casos excessivamente próximos — como no caso dos bastiões 1, 2, 3 — ou, inicialmente, ausentes de posições estratégicas, como no caso do sector onde se virá, num segundo momento, a construir o bastião 8a, opõe-se, no registo,

[50] FONSECA, 2020.
[51] SÁNCHEZ VIZCAÍNO, BELLÓN RUIZ, RUEDA GALLAN, 2005.
[52] RODRIGUES, 2017.
[53] VARGAS JÍMENEZ, 2003.

um cenário de confrontos insuficientemente documentado nos abundantes restos humanos, de cronologia calcolítica.

Ao mesmo tempo, a abundância de projécteis parece contrariada pelo Índice de Penetração (Ipn) dos mesmos, tópico analisado para a Estremadura por P. Jordão[54], seguindo a proposta de Senna-Martinez[55], que revela, no conjunto estudado, a escassa presença de pontas de seta destinadas à caça grossa, categoria que inclui os humanos.

Todavia, e como refere a autora, a análise realizada apenas sobre exemplares intactos pode desvirtuar o cenário original, uma vez que as armaduras efectivamente usadas surgem, em escavação, fragmentadas e, por isso, não foram objecto desta análise.

No entanto, se parecem pouco numerosos os projécteis com efectiva *eficácia letal*, dado corroborado nos restos humanos, a questão da *eficácia mental* destes objectos, permanece em aberto. O poder intimidatório de uma «chuva de setas», como a que foi recriada no Museu de Torres Vedras, a propósito da exposição do Zambujal, existe para aqueles que a observam, independentemente do Ipn de cada projéctil que não é discernível em cenário de confronto. Em simultâneo, a eficácia letal, em cenários de caça ou de guerra, pode existir inclusivamente em projécteis de menor dimensão como tão eficazmente documentou Lewis Binford entre os Nunamiut do Alasca[56], desde que estes possuam capacidade de penetração na camada cutânea, provocam, mesmo não atingindo o osso, danos internos que se agravam com o movimento do alvejado, podendo não só tolher a marcha, mas, por posterior infecção, provocar a morte. E esta capacidade está amplamente documentada no registo faunístico dos povoados do III milénio, em que a presença significativa de auroques e veados demonstra a clara capacidade do instrumental lítico calcolítico, perante alvos de grande porte.

Ainda no campo da cultura material, os machados de pedra polida que em Vila Nova de São Pedro superam os quinhentos exemplares apesar de menos discutidos como peças associadas a um cenário de conflito, depois de terem perdido o seu estatuto de machados de guerra e tornados bucólicas alfaias agrícolas, são também instrumentos de óbvio potencial bélico. No entanto, e como acontece com as pontas de seta, nos restos humanos, as marcas de traumatismos contundentes são raras[57].

Outros materiais, nomeadamente os metálicos, também presentes em VNSP, não têm, por escassez numérica e/ou inoperância como instrumentos de agressão, aparente relevância neste debate. Os trabalhos de arqueologia experimental que revelaram a ductibilidade do cobre tornaram as pontas e os machados de cobre um não-artefacto letal. As propriedades físicas destes objectos remetem-nos para outros, e também decisivos, planos de confronto intra e extragrupo, exibindo o Poder e o não-Medo dos seus detentores.

[54] JORDÃO, 2017.
[55] SENNA-MARTINEZ, 1989.
[56] BINFORD, 1978.
[57] SILVA *et al*., 2012.

7. SOBRE AS VELHAS PAISAGENS, AS NOVAS ARQUITECTURAS

A construção de muralhas de pedra, como fenómeno original de primeira geração, atestado no Calcolítico do espaço peninsular, pode ser pensada como deriva, ou cópia regional, mimetizando arquitecturas que se disseminam, como acontece com o Megalitismo, por geografias muito alargadas. Hoje, porque conhecemos de forma mais ampla as paisagens neolíticas, acentua-se o carácter intrusivo das muralhas, modelos exógenos, sem antecedentes nos espaços, onde se implantam, sem raízes nas tradicionais arquitecturas europeias, materializadas na escavação de fossos que delimitam áreas.

A transferência de modelos defensivos acabados, no que diz respeito à selecção das áreas de implantação, à multiplicidade de linhas e de bastiões, mesmo que sujeitos a revisões e correções em *fase de obra*, demonstra a vivacidade das redes de circulação, de curta, média, longa e muito longa distância, que trazem às velhas paisagens do Neolítico ibérico as novas arquitecturas calcolíticas, cuja interpretação exige uma leitura supra-regional.

Como fenómeno novo, materializando um arquétipo de rápida dispersão no Ocidente peninsular através dos circuitos de troca que, fazendo chegar à Estremadura as rochas duras e levando para o interior o sílex, podem remontar ao Neolítico antigo, os sítios com muralhas de pedra vão, ao introduzir-se na paisagem, gerar teias de relações entre si e com os sítios preexistentes, ainda mal percebidas.

Recintos de fossos e sítios fortificados, como pode verificar-se na Tabela 2, apresentam-se em inúmeros planos como entidades antagónicas. A cronologia, as topografias de implantação e as áreas ocupadas, os programas arquitectónicos e a relação com a Morte são alguns dos elementos de diferença evidentes no registo arqueológico.

Tabela 2. Recintos de fossos e sítios muralhados — atributos de diferença

	Cronologia (fase de arranque)	Matriz cultural	Topografia/ Visibilidade	Área	Programa construtivo	Práticas funerárias
Recintos de fossos	IV milénio (último quartel)	Neolítica	Meia encosta Áreas aplanadas	Até + 100 ha	Em negativo Terra/argilas/ madeira	Arquitecturas funerárias formalizadas (interior/ área envolvente)
Sítios muralhados	III milénio (1.º quartel)	Calcolítica	Cumeada Controlo do território	Até 5/7 ha	Em positivo Pedra/argilas/ argamassas	Escassos restos humanos, descontextualizados

No entanto, este quadro de diferenças dilui-se quando são analisados outros parâmetros que invocam a integração destes sítios num universo comum, assente numa economia neolítica de segunda geração, com componentes da cultura material,

em particular no campo dos materiais cerâmicos, onde os regionalismos, nítidos, aproximam sítios de diferentes tipologias arquitectónicas.

As paisagens do III milénio a. C., mais do que ocupadas por horizontes culturais homogéneos e discretos, apresentam-se, assim, como uma complexa combinatória de presenças e ausências. O registo arqueológico de um sítio possui, em simultâneo, atributos próprios da tipologia da ocupação, do espaço regional, da etapa cronológica e atributos partilhados com outras geografias e com outras tipologias de ocupação numa aplicação, hoje, difícil de reconstruir, da teoria dos conjuntos.

O lugar de VNSP nestes conjuntos que se abrem e se fecham, o papel das muralhas — parte duradoura de um discurso socialmente ambíguo, de Medo e de Poder. As muralhas que não são dispositivos de ataque, mas de defesa, possuem a quase alquímica capacidade de transformar o Medo em Poder.

Em VNSP, qualquer que tenha sido a solução encontrada, o talude — e as muralhas pétreas já identificadas, as bancadas de calcário e os declives desta plataforma fecham o recinto — protege, em momentos sucessivos, um espaço em que se pressente quase um excesso de construções pétreas, numa área restrita, num cenário que é também fruto de um overacting quase omnipresente nos ambientes quotidianos e funerários do Calcolítico.

Em suma…

Abre-se um novo acto neste drama, porque novas e velhas personagens e novos lugares de acção vão marcar o III milénio a. C. A longevidade de uso, o investimento recorrente e a complexidade estrutural fazem destes sítios extraordinários artefactos onde às mal conhecidas construções ou habitações familiares se opõem, no registo arqueológico, as grandes obras públicas — em negativo ou positivo — que, como todas as construções, exigem objectivos, planeamento e coordenação, e porque colectivas, exigem também lideranças.

Parte substantiva dessas grandes obras reflecte Medo e Poder. As causas do Medo podem ser múltiplas, a presença de grupos exógenos, a competição por recursos, as assimetrias económicas, os diferentes potenciais demográficos, entre outras difíceis de identificar, dando origem a uma paisagem sem precedentes.

Seguindo os passos da fábula, nos primeiros séculos do III milénio a. C., a alguns só a solidez da pedra pareceu suficiente para proteger, para domesticar o Medo que ganha outra dimensão. Quase um milénio depois, o sistema está já colapsado. As fórmulas encontradas para expressar Poder perdem-se, porque o Medo, esse grande motor da História, por causas e mecanismos mal percebidos, dilui-se também.

AGRADECIMENTOS

Às organizadoras deste Encontro, pela perseverança demonstrada nestes tempos difíceis. Aos revisores por todos os comentários que enriqueceram este texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAUD, José *et al.* (2017). *Vila Nova de São Pedro — de novo, no 3.º milénio. Um projecto para o futuro.* «Arqueologia & História». 66-67, 7-17.

BERNABÉU AUBÁN, Juan; OROZCO KÖHLER, Teresa; DIEZ CASTILLO, Agustín (2012). *Mas d'Is y las construcciones con fosos del VI al III milenio cal a.C.* «MARQ. Arqueologia y MUSEOS». 5, 53-72.

BINFORD, Lewis (1978). *Nunamiut Ethnoarchaeology*. New York: Academic Press.

BLANCO-GONZÁLEZ, António *et al.* (2018). *Cultural, Demographic and Environmental Dynamics of the Copper and Early Bronze Age in Iberia (3300-1500 BC): Towards an Interregional Multiproxy Comparison at the Time of the of the 4.2 ky BP Event*. «Journal of World Prehistory». 31:1, 1-79.

CALADO, Manuel; ROCHA, Artur (2004). *Relatório da escavação do povoado pré-histórico das Águas Frias — Rosário, Campanha 1*, Lisboa: Fundação da Universidade de Lisboa/Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

CARDOSO, João Luís (2010). *Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Evolução arquitectónica do sistema defensivo e das técnicas construtivas correlativas.* In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, *eds. Colóquio Internacional, Cascais, 2005 — «Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.: actas».* Cascais: Câmara Municipal, vol. 2, pp. 43-63.

CARDOSO, João Luís (2019). *Los vasos campaniformes maritimos y su difusión desde el estuario del Tajo (Portugal).* In DELIBES DE CASTRO, Germán, *ed. Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a.C.).* Madrid: Ed. Museo Arqueológico Regional, pp. 109-134.

CLASTRES, Pierre (1974). *La société contre l'Estat: recherches d'anthropologie politique.* Paris: Éditions de Minuit.

DINIZ, Mariana (1999). *Povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados.* «Revista Portuguesa de Arqueologia». 1:2, 95-126.

DINIZ, Mariana (2007). *O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 48).

DINIZ, Mariana (2013). *Fossas, fornos, silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas produtivas no Neolítico antigo em Portugal.* In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, *coords. Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 319-328.

DINIZ, Mariana *et al.* (2018). *Papéis, funções e disfunções do património arqueológico: o caso do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja/Portugal).* «Arqueologia & História». 68, 169-180.

DINIZ, Mariana; NEVES, César (2018). *O princípio do Neolítico no Sudoeste Peninsular (Portugal): uma leitura (breve) dos últimos 20 anos*. In MELRO, Samuel; CORREIA, Susana, *coord*. Actas do *VIII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Serpa e Aroche (Portugal e Espanha)*: Câmara Municipal de Serpa, pp. 315-351.

FONSECA, Mafalda (2020). *O provimento de água nas fortificações medievais representadas no livro das fortalezas*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de mestrado.

GONÇALVES, Victor (1993). *O castelo de Vila Nova de S. Pedro*. In GONÇALVES, Victor, *ed. História de Portugal.* Lisboa: Ediclube. 1, pp. 230-232.

GONÇALVES, Victor; SOUSA, Ana; BOAVENTURA, Rui (2014). *Fortified settlements in Portuguese Estremadura during the third millennium bce. Radiocarbon chronology for Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal).*

GONÇALVES, Victor; SOUSA, Ana; COSTEIRA, Catarina (2013). *Walls, gates and towers. Fortified settlements in the South and Centre of Portugal: some notes about violence and walls in the 3rd Millennium BCE.* «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada». 23, 35-97.

GUILAINE, Jean (1991). *Vers une Préhistoire agraire.* In GUILAINE, Jean, *ed. Pour une archéologie agraire.* Paris: Armand Collin, pp. 31-80.

HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro; SEGURA MARTÍ, Josep Maria, *coords*. (2002). *La Sarga. Arte rupestre y território,* Alcoy: Ediciones del Museu de Alcoy, Caja de Ahorros del Mediterráneo.

HINZ, Martin *et al*. (2019). *The Chalcolithic–Bronze Age transition in southern Iberia under the influence of the 4.2 ka BP event? A correlation of climatological and demographic proxies.* «Journal of Neolithic Archaeology». 21, 1-26.

HODDER, Ian (1990). *The Domestication of Europe*. Oxford: Blackwell.

JORDÃO, Patrícia (2017). *Weapons of War or Hunting? Functionality and Provenance of the Zambujal's Arrowheads (Torres Vedras, Portugal).* «Journal of Lithic Studies». 4:3, 103-125.

JORGE, Susana Oliveira, *ed*. (2003). *Recintos Murados da Pré-História Recente. Técnicas Construtivas e Organizacão do Espaço. Conservação, Restauro e Valorização Patrimonial de Arquitecturas Pré-Históricas.* Porto/Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

JORGE, Vítor Oliveira *et al.* (2006). *Copper Age «monumentalized hills» of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretive ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results of a research experience in the NE of Portugal*. In JORGE, Vitor Oliveira, *ed. Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. «Journal of Iberian Archaeology». 8, 203-264.

KUNST, Michael (2017). *O campaniforme em Zambujal (Torres Vedras).* In GONÇALVES, Victor S., *ed. Sinos e taças junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica.* Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 194-213.

MARTINS, Andrea *et al.* (2019). *O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Notas sobre as campanhas de escavação de 2017 e 2018*. «Arqueologia e História». 69, 133-167.

MAUSS, Marcel (2008). *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70.

NEVES, César (2018). *O Neolítico médio no Ocidente Peninsular: o sítio da Moita do Ourives (Benavente), no quadro do povoamento do 5.º e 4.º milénio AC.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.

OLIVEIRA, Humberto; FERREIRA, Octávio da Veiga (1990). *Algumas obras de restauro e consolidação do castro de Vila Nova de S. Pedro*. «Revista de Arqueologia». 1, 49-58.

ORWELL, George (1949). *Nineteen Eighty-Four.* New York: Millstone Editions.

PAÇO, Afonso (1942). *Uma vasilha de barro de grandes dimensões do «castro» de Vila Nova de S. Pedro. Congresso do Mundo Português: Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso).* Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. 1, pp. 132-143.

PAÇO, Afonso (1957). *Castro de Vila Nova de S. Pedro IX — Forno de Cozer Cerâmica.* «Revista de Guimarães». 67, 3-16.

PAÇO, Afonso (1958). *Castro de Vila de S. Pedro: X — Campanhas arqueológicas de 1956 (Aditamento: campanhas de 1952, 1953 e 1954 — 16.ª, 17.ª e 18.ª).* «Anais». Série II. 8, 43-91.

PAÇO, Afonso (1964). *O povoado Pré-Histórico da Parede (Cascais), VI Centenário da Vila de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

PAÇO, Afonso; ARTHUR, Maria Lurdes Costa (1952). *Castro de Vila Nova de São Pedro. I — 15.ª campanha de escavações (1951).* «Brotéria». 54:3, 6-25.

PAÇO, Afonso; JALHAY, Eugène (1942). *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas — 1939, 1940 e 1941.* «Brotéria». 34:6, 2-31.

PAÇO, Afonso; SANGMEISTER, Edward (1956). *Castro de Vila Nova de S. Pedro: VIII — Campanha de escavações 1955 (19.ª)*. «Arqueologia e História». Série VIII. 7, 95-114.

RIBEIRO, Carlos (1878). *Notícia da Estação Humana de Leceia*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.

RIBEIRO, Maria (2013). *O povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): historiografia das escavações realizadas: contributo para a sua salvaguarda.* Lisboa: Universidade Aberta. Dissertação de mestrado.

RODRIGUES, Filipa (2006). *Casa Branca 7: um povoado na transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e. na margem esquerda do Guadiana (Serpa)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.

RODRIGUES, Filipa (2017). *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fosso no SW peninsular nos finais do 4.º milénio a.n.e*. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2 vols. Tese de doutoramento.

SANCHES, Maria Jesus; VALE, Ana Margarida (2020). *Connecting Stories in the Neolithic of North-eastern Portugal: walled enclosures and their relationships with the genealogy of the landscape*. In GEBAUER, Anne *et al.*, *coords*. *Monumentalising Life in the Neolithic. Narratives of Change and Continuity*. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books, pp. 251-262.

SÁNCHEZ VIZCAÍNO, Alberto; BELLÓN RUIZ, Juan Pedro; RUEDA GALAN, Carmen (2005). *Nuevos datos sobre la zona arqueológica de marroquíes bajos: el quinto foso new data about the archaeological area of Marroquíes Bos: the fifth ditch*. «Trabajos de Prehistoria». 62:2, 151-164.

SAVORY, H. N. (1970). *A section through the innermost rampart of the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarem (1959).* Actas das I Jornadas Arqueológicas. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-162.

SAVORY, H. N. (1974). *Espanha e Portugal.* Lisboa: Verbo. (Colecção História Mundi; 14).

SENNA-MARTINEZ, João Carlos (1989). *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.

SILVA, Ana *et al.* (2012). *Skeletal evidence of interpersonal violence from Portuguese Late Neolithic collective burials: an overview*. In SCHULTING, Rick; FIBIGER, Linda, *eds*. *Sticks, Stones, and Broken Bones: Neolithic Violence in a European Perspective*. Oxford: Oxford University Press, pp. 317-340.

SOARES, António Monge (1994). *Descoberta de um povoado do Neolítico junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa) — Resultados preliminares.* «Vipasca». 3, 41-49.

SOUSA, Ana Catarina (2016-2017). *Os tempos do Neolítico na região de Lisboa: o povoamento.* In CARDOSO, João Luís; MATALOTO, Rui, *eds*. *A Rui Boaventura. Homenagem à sua Memória.* Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, pp. 459-518. (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 23).

STEFFEN, Will *et al.* (2015). *The trajectory of the Anthropocene: The Great Acceleration*. «The Anthropocene Review». 2:1, 81-98.

TRINGHAM, Ruth (2005). *Weaving house life and death into places: a blueprint for a hypermedia narrative*. In BAILEY, Douglass W.; WHITTLE, Alasdair W. R.; CUMMINGS, Vicki, *eds*. *(Un)settling the Neolithic.* Oxford: Oxbow, pp. 98-111.

TSIRTSONI, Zoi (2016). *The chronological framework in Greece and Bulgaria between the late 6th and the early 3rd millennium BC, and the «Balkans 4000» project*. In TSIRTSONI, Zoi, *ed*. *The Human Face of Radiocarbon: Reassessing Chronology in prehistoric Greece and Bulgaria, 5000-3000 cal BC.* Lyon: MOM Editions.

VALENTE, Alexandra (2006). *Cerâmicas com bordos denteados no povoado de Vale de Lobos (Sintra).* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.

VALERA, António (2000). *Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar*. «Era Arqueologia». 1, 24-37.

VALERA, António (2013). *Cronologia dos Recintos de Fossos da Pré-História recente em território português*. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, *coords. Arqueologia em Portugal — 150 Anos.* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 345-350.

VALERA, António, *ed*. (2018). *Os Perdigões neolíticos. Génese e desenvolvimento (de meados do 4.º aos inícios do 3º. milénio a. C.)*. Lisboa: Era Arqueologia.

VALERA, António; SILVA, Ana Maria; MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2014): *The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices*. «SPAL-Revista de Prehistoria y Arqueología». 12, 11-26.

VARGAS JÍMENEZ, Juan (2003). *Elementos para la definición territorial del yacimiento prehistórico de Valencina de la Concepción (Sevilla)*. «SPAL – Revista de Prehistoria y Arqueología». 12, 125-144.

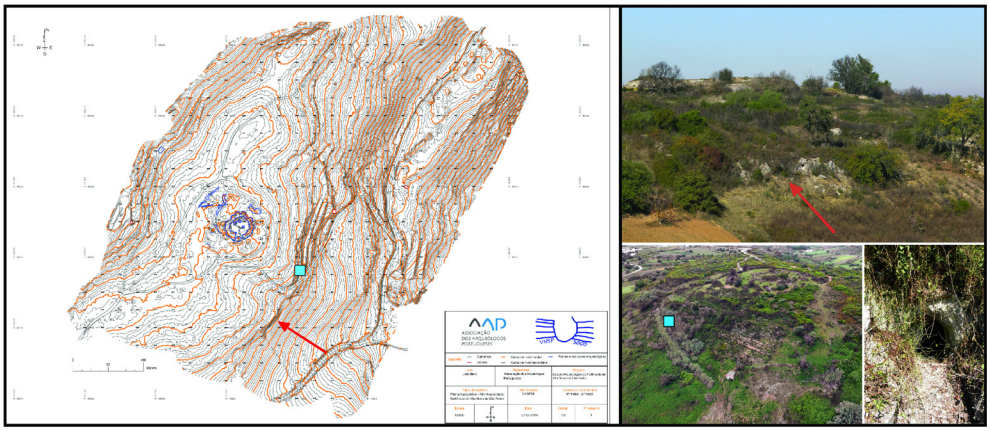


Fig. 1. Levantamento topográfico de água VNSP300 e vistas sobre a vertente Este com detalhe da bancada calcária assinalada (seta vermelha) e nascente (vista geral e de detalhe)

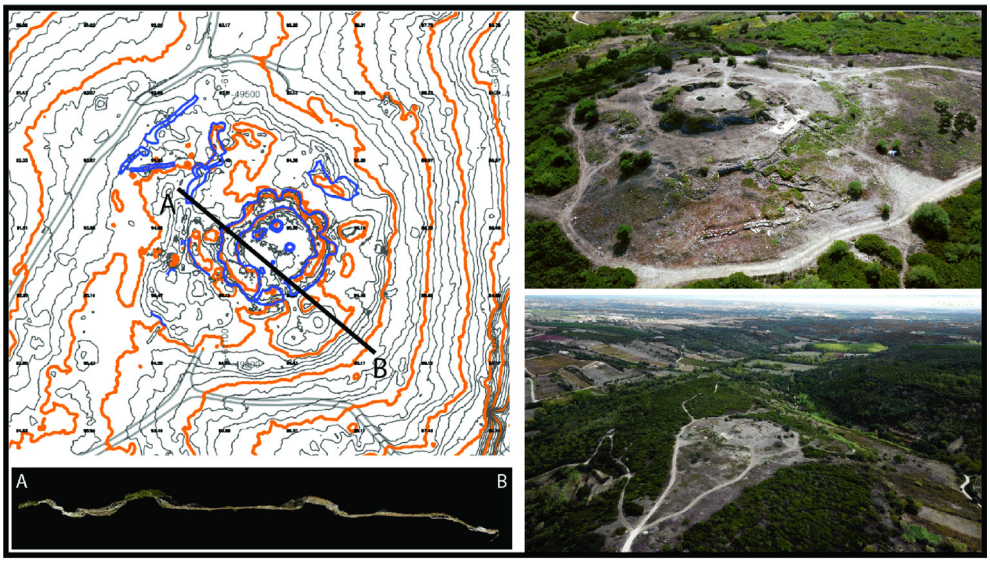


Fig. 2. Vistas gerais de Vila Nova de São Pedro (imagens VNSP3000) e corte A-B, no sentido O-E, sobre as duas linhas de muralha, reduto central e talude, feito no levantamento topográfico

Fig. 3. «Remendo» de Afonso do Paço, no reduto central — visto do exterior e localização da área escavada em 1956 (imagens VNSP3000)

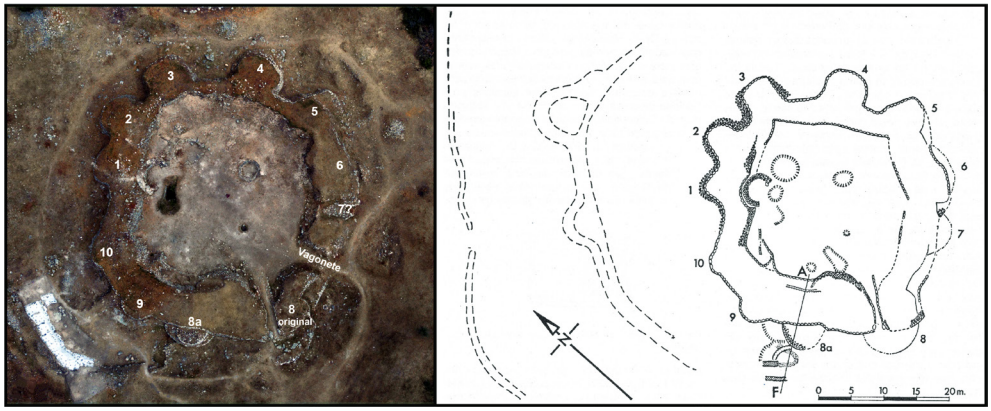


Fig. 4. VNSP — recinto central, com numeração dos bastiões seguindo a ordem estabelecida por Savory (SAVORY, 1970 e fotografia do Projecto VNSP3000)

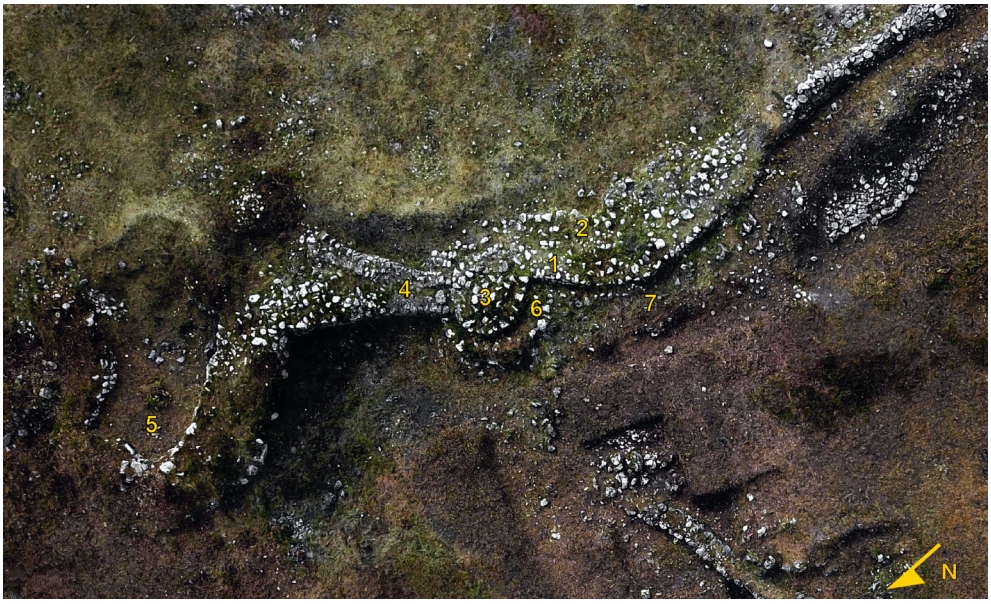


Fig. 5. Na segunda linha de muralha: 1 — muralha; 2 — reforçada internamente, à qual se adossa; 3 — um bastião que virá a ser maciço e do qual parte; 4 — um outro segmento de muralha, bífida, que desenha; 5 — parte do bastião oco; 6 — anel de pedra que envolve, a partir do exterior, todos estes elementos pétreos; 7 — reforço exterior da segunda linha (imagem Projecto VNSP3000)

Fig. 6. Troço de muralha a norte, de formato semicircular («rim») — fronteiro aos bastiões 3-4 (fotografia do Projecto VNSP3000)

ESTUDIO DE LAS COMUNIDADES DE LA PREHISTORIA RECIENTE EN LAS PROVINCIAS DE PONTEVEDRA Y OURENSE (GALICIA, ESPAÑA): UNA VISIÓN DEL FENÓMENO DOMÉSTICO EN UNA REGIÓN FRONTERIZA*

CRISTIAN LORENZO SALGUEIRO**
CARLOS RODRÍGUEZ RELLÁN***
RAMÓN FÁBREGAS VALCARCE****

Abstract: *Archaeological excavations and explorations carried out in the last decades across the provinces of Pontevedra and Ourense (southern Galicia), have reported a large number of open-air domestic sites corresponding to the Late Prehistory. With the information extracted from the inventory of the Dirección Xeral de Patrimonio Cultural of the Xunta de Galicia, we have conducted a spatial study using Geographic Information Systems (GRASS-GIS, QGIS, …) and statistical analysis programs (R). The tests used range from density and cluster analysis to the study of locational variables (altitude, slope, …). With these tools we will try to identify land occupation patterns of the domestic sites in the southern regions of Galicia and find out spatial dynamics linked to specific chronologies.*

Keywords: *Settlements; Inferential statistics; GIS; Late Prehistory.*

Resumen: *Las prospecciones y excavaciones arqueológicas realizadas en las últimas décadas en las provincias de Pontevedra y Ourense, al sur de Galicia, han dejado al descubierto un número modesto de yacimientos domésticos al aire libre correspondientes a la Prehistoria Reciente. Con la información extraída a partir del inventario de la Dirección Xeral de Patrimonio Cultural de la Xunta de Galicia, hemos realizado un estudio espacial a través del uso de Sistemas de Información Geográfica (GRASS-GIS, QGIS, …) y programas de análisis estadístico (R). Los test empleados abarcan desde los análisis de densidad y agrupación hasta el estudio de las variables locacionales (altitud, pendiente, …).*
Con estas herramientas intentaremos identificar los patrones de distribución de los yacimientos domésticos en las regiones meridionales de Galicia además de identificar las dinámicas espaciales vinculadas a cronologías concretas.

Palabras clave: *Asentamientos; Estadística Inferencial; SIG; Prehistoria Reciente.*

---

* Si no se indica el *copyright* de tablas, gráficos y otras imágenes, pertenece a los autores de este texto.
** Investigador predoctoral. Grupo de Estudos para a Prehistoria do NW Ibérico — Arqueoloxía, Antigüidade e Territorio (GEPN-AAT). Dpto. de Historia, Universidad de Santiago de Compostela, Praza da Universidade, n.º 1, CP: 15782. Santiago de Compostela. Email: cristiansrl@gmail.com. tlf: 698150518.
*** Investigador Emergia. Departamento de Prehistoria e Arqueología. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Granada. Campus de la Cartuja, Calle del Prof. Clavera, s/n, 18011 Granada.
**** GEPN-AAT. Dpto. de Historia, Facultade de Xeografía e Historia, USC. Praza da Universidade, 1, 15 782. Santiago de Compostela. Email: ramon.fabregas@usc.es.

1. INTRODUCCIÓN

La producción científica sobre el fenómeno doméstico de la Prehistoria Reciente de Galicia ha sido escasa y limitada a lo largo del siglo XX. Se realizaron publicaciones esporádicas[1] y, ya en la segunda mitad del siglo, se elaboraron algunos corpus arqueológicos y síntesis sobre el tema[2]. Con todo, no es hasta los años 1980 y 1990 cuando despunta la actividad arqueológica en Galicia, sobre todo en Pontevedra (Fig. 1), y, consigo, se incrementa el registro de este fenómeno arqueológico hasta nuestros días[3].

Tras las excavaciones y prospecciones arqueológicas comenzaron a generarse las primeras hipótesis acerca de la naturaleza de estos sitios, sobre todo en el ámbito de la investigación[4], aunque también en actividades preventivas[5]. En los trabajos realizados en el área de Bocelo-Furelos, se menciona cómo las comunidades con cerámica tipo Penha pudieron haber elegido sus hábitats en función de la orientación y del abrigo de los vientos[6].

También se planteó la existencia de una «dualidad cultural» para las comunidades calcolíticas[7] basada en una «convivencia de poblaciones culturalmente distintas, unas en la sierra y otras en el valle». Esto conlleva una diferencia altitudinal y, por consiguiente, de visibilidad sobre el paisaje. Los investigadores también apuntan que con la llegada del campaniforme cambia la estrategia de poblamiento, ubicándose los nuevos poblados cerca de espacios de uso extensivo de la tierra, de pequeñas cuencas con brañas y en las divisorias de aguas[8].

En otros trabajos de los años 1990 se hace referencia a otras variables que podrían influir en el emplazamiento de estos sitios, como la prominencia topográfica[9]. También, la geología y la topografía se postulan como factores relevantes[10] además de la orografía y la pendiente[11].

Ya en el siglo XXI, se mencionan otros factores, como el grado de erosión[12], la ocupación de zonas agrícolas actuales[13] o la temperatura y precipitación[14]. Asimismo, y para este estudio, acudimos a variables utilizadas para el fenómeno tumular y

[1] LÓPEZ CUEVILLAS, BOUZA-BREY TRILLO, 1929, 1931.
[2] FILGUEIRA VALVERDE, GARCÍA ALÉN, 1953, 1955; VÁZQUEZ VARELA, 1980.
[3] CRIADO-BOADO, CABREJAS DOMÍNGUEZ, 2005; DE LA PEÑA SANTOS, 1984b, 1984c; EGUILETA FRANCO, 1999; FÁBREGAS VALCARCE, BONILLA RODRÍGUEZ, CÉSAR VILA, 2007; GARCÍA-LASTRA MERINO, 1984, 1985; VIDAL LOJO, 2011.
[4] CRIADO-BOADO *et al.*, 1991; MÉNDEZ FERNANDÉZ, 1994.
[5] LIMA OLIVEIRA, 1999: 4.
[6] CRIADO-BOADO *et al.*, 1991: 150.
[7] CRIADO-BOADO *et al.*, 1991: 157.
[8] CRIADO-BOADO *et al.*, 1991: 182-183.
[9] FÁBREGAS VALCARCE, RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1994: 148.
[10] LÓPEZ QUINTANA, 1995: 368-369.
[11] EGUILETA FRANCO, 1999: 273, 276.
[12] BARBEITO POSE, 2005.
[13] AGUSTÍ GARCIA *et al.*, 2009.
[14] RODRÍGUEZ RELLÁN, 2010: 161.

megalítico, como la distancia a las rutas de tránsito potencial y la visibilidad topográfica[15] con el fin de detectar si afecta también a los hábitats.

En este estudio, se plantea el análisis de esos factores locacionales con el objetivo de detectar un posible patrón de asentamiento en el Sur de Galicia (Fig. 2). Además, caracterizamos la evolución del poblamiento desde el Neolítico hasta el Bronce Pleno (c. 4800-1200 a. C.)[16]. Para ello, la aplicación de análisis geoespaciales y estadísticos son fundamentales y ofrecen la posibilidad de comparar los datos obtenidos sobre cada yacimiento con cada una de las variables.

2. MATERIALES Y MÉTODOS

2.1. Base de datos

Los yacimientos domésticos al aire libre analizados en este estudio fueron recogidos del Inventario Xeral de la Dirección Xeral de Patrimonio Cultural (DXPC). De esta forma, obtuvimos la información esencial[17] de cada sitio que fue cumplimentada posteriormente con la revisión de la bibliografía disponible. Las coordenadas, que en su mayoría se regían por el European Datum de 1950, fueron convertidas a ETRS89 a través del Servicio web de transformación de coordenadas del Instituto Geográfico Nacional «IGN»[18]. De esta manera, podemos utilizar los datos sobre mapas proyectados en ETRS89.

Toda la información fue guardada en una base de datos de Microsoft Access que más tarde fue exportada a Excel y manejada en formato CSV[19]. En dicho documento se procuró que hubiese un dato por celda y en las que no hubiese se añadió NA (*Not Available*) con el fin de minimizar errores una vez se tratase la información a nivel estadístico[20].

La población total consta de unos 394 yacimientos domésticos subdivididos en seis tipos en función de la cultura material y estructuras registradas (Tabla 1). En muchos casos contamos apenas con una descripción somera de cada sitio y de los materiales encontrados, mientras que solo un puñado de yacimientos dispone de informes y memorias técnicas.

Las «dispersiones de material» son el tipo más frecuente de yacimiento: son conjuntos de materiales diseminados por una superficie amplia de 20, 30 o incluso

[15] CARRERO PAZOS, 2017: 259.

[16] Dichas fechas fueron tomadas de las dataciones radiocarbónicas disponibles para yacimientos domésticos de la región estudiada. La datación más antigua es la de Monte dos Remedios (4723-4505 a. C.) (FÁBREGAS VALCARCE, BONILLA RODRÍGUEZ, CÉSAR VILA, 2007: 34) y la más reciente la de Carballeira do Espíritu Santo (1260-1014 a. C.) (BLANCO ROTEA, PRIETO MARTÍNEZ, 2010) según la curva de calibración IntCal20 (HEATON *et al.*, 2020).

[17] Con información esencial nos referimos al topónimo, las coordenadas UTM, la adscripción cronológica, la tipología de la cultura material y las observaciones sobre cada sitio arqueológico.

[18] Disponible en <https://www.ign.es/wcts-app/>. [Consult. 20 ene. 2020].

[19] Valores separados por comas.

[20] BROMAN, WOO, 2018.

100 metros en línea recta, aunque se dan también acumulaciones en espacios concretos. Dentro de esta categoría englobamos también la aparición de estructuras aisladas que pudieron servir para el almacenamiento o para uso doméstico. Los «hallazgos» se diferencian en que nunca superan los 50 elementos inventariados, de hecho es habitual que sean menos de cinco ítems. Prácticamente todos estos registros poseen coordenadas aproximadas y se localizan en superficie, sin contexto estratigráfico.

Tabla 1. Tipologías de yacimientos domésticos al Sur de Galicia

Tipologias	Número	Porcentaje
Area de actividad	18	4.57%
Asentamiento	18	4.57%
Dispersión	270	66.50%
Hallazgo	77	19.50%
Posible Área de actividad	7	1.78%
Posible Asentamiento	4	1.02%

Por otro lado, aquellos espacios que fueron excavados nos aportan más información sobre el hábitat. Las «áreas de actividad»[21] constituyen espacios domésticos de pequeña entidad, bien por su limitada extensión o por la escasez de materiales y estructuras registradas. Estos espacios pudieron pertenecer a un asentamiento de mayores proporciones; sin embargo, ante la falta de información sobre su posible extensión real, no podemos encuadrarlas como poblados. Es así que pudieron ser, en algunos casos, posibles campamentos temporales[22].

Entre los «asentamientos», clasificamos aquellos sitios que registran diferentes áreas de actividad, a menudo con estructuras vinculadas a dichos espacios[23]. Suelen ser yacimientos con abundancia de estructuras y cultura material, como Monte dos Remedios (Moaña), Setepías (Cambados) o Montenegro (Moaña)[24]. Incluimos aquí lugares asociados directamente con tareas de almacenamiento, como los de Monte Buxel (Redondela)[25] o Monte das Cabanas (Vigo)[26].

[21] Este término no se asimila al de «áreas de acumulación» que define el investigador Fidel Méndez Fernández en los años 1990 (MÉNDEZ FERNÁNDEZ, 1994).
[22] CRIADO-BOADO, CABREJAS DOMÍNGUEZ, 2005: 47.
[23] VÁZQUEZ LIZ, PRIETO MARTÍNEZ, 2016.
[24] ACUÑA PIÑERO, BARBEITO POSE, PRIETO MARTÍNEZ, 2011; FÁBREGAS VALCARCE, BONILLA RODRÍGUEZ, CÉSAR VILA, 2007; GIANOTTI GARCÍA, CANCELA CEREIJO, 2005.
[25] LIMA OLIVEIRA, PRIETO MARTÍNEZ, 2002.
[26] MARTÍN-SEIJO *et al.*, 2017.

Los dos tipos restantes, de menor peso en el registro, son las «posibles áreas de actividad» y los «posibles asentamientos». Las primeras son espacios que fueron intervenidos mínimamente y no contenían elementos relevantes en su registro. En ocasiones, en estos sitios se detectan estructuras o bien éstas son dudosas, además la cultura material suele ser muy escasa. En general, son espacios domésticos que podrían corresponderse con un área de actividad, pero para la que existen dudas acerca de su naturaleza. En los «posibles asentamientos» no abundan los artefactos, pero sí las estructuras y en todos el número registrado de piezas líticas y fragmentos cerámicos apenas pasa de la decena, superando solo en un caso la centena, siendo así una cantidad ínfima en comparación con el área de excavación, que suele superar los 400 m^2 y alcanzar hasta los 6000 m^2. Esa pobreza artefactual los distingue claramente de aquellos sitios que incluimos en la categoría de asentamientos.

A nivel cronológico, existe un mayor peso de los yacimientos vinculados a la Edad del Bronce y al Calcolítico frente a aquellos asociados al Neolítico[27]. Es posible que estas diferencias se deban a la presencia de elementos, como la cerámica tipo *Penha* y campaniforme, definitorias de ocupaciones pertenecientes, *grosso modo*, al III milenio e inicios del II milenio a. C., en acusado contraste con la escasez de material diagnóstico para las etapas precedentes.

Estas familias alfareras, *Penha* y campaniforme, estudiadas desde hace casi un siglo[28], son las mejor conocidas para la Prehistoria Reciente de Galicia y el Norte de Portugal y nos aportan una cronología relativa para las ocupaciones realizadas en diversos yacimientos domésticos. La cerámica tipo *Penha* está presente en sitios de finales del IV y comienzos del III milenio a. C., en tanto que el campaniforme aparece hacia mediados del III milenio y perdura su uso hasta la primera mitad del II milenio a. C.[29].

Por último, destacar que en ningún caso se sobrepasa el umbral del 50% de yacimientos domésticos adscritos a una cronología concreta y existe diacronía en 150 ocasiones, es decir, casi en un 40% de los sitios. Además, encontramos diferencias en los porcentajes de adscripción cronológica de los tipos de yacimientos, pues más del 50% de los yacimientos excavados se vincula a la Edad del Bronce. Mientras, para época calcolítica tan solo las dispersiones y posibles áreas de actividad superan ese umbral. Para la etapa neolítica, ningún tipo muestra un peso de tal magnitud, siendo las áreas de actividad las únicas que despuntan, con un 33,3% de sitios adscritos a este momento.

[27] Se asocian a la Edad del Bronce y al Calcolítico 186 y 184 sitios, respectivamente, solo 55 tienen una adscripción neolítica.

[28] DEL CASTILLO, 1922, 1928; PINA, 1928, 1936.

[29] BETTENCOURT, 2011; BETTENCOURT *et al*., 2003; FÁBREGAS VALCARCE, BONILLA RODRÍGUEZ, CÉSAR VILA, 2007; GARCÍA-LASTRA MERINO, 1984; GÓMEZ FÉRNANDEZ, FÁBREGAS VALCARCE, DE LA PEÑA SANTOS, 2001; PRIETO MARTÍNEZ, 2011.

2.2. Herramientas

Para los análisis geoespaciales, recurrimos al uso de GRASS-GIS[30], en sus versiones 7.4 y 7.6, SAGA-GIS[31], versión 7.3, y QGIS[32], versiones 2.18 y 3.10. Estos programas se encuadran dentro de los Sistemas de Información Geográfica (SIG) y son herramientas gratuitas, de código libre y de fuente abierta cuyo desarrollo es el resultado de una labor colectiva llevada a cabo por una amplia comunidad de usuarios[33]. También empleamos, en menor medida, el sistema ArcGIS, en su versión 10.5, mediante una licencia oficial otorgada por la Universidad de Santiago de Compostela.

SAGA-GIS[34] fue el principal SIG utilizado para calcular las variables locacionales. Dentro de los análisis de terreno, utilizamos las librerías de herramientas de hidrología, morfometría, visibilidad y luminosidad para conseguir los mapas con cada variable. Además, se emplearon métodos de geoestadística con el fin de interpolar datos de algunas variables.

Por otro lado, para el análisis estadístico empleamos el lenguaje de programación estadística R[35] en su versión 3.6.2.[36]. El entorno de trabajo de R, RStudio[37], nos permitió aplicar los diversos tests mediante el uso de código con una mayor flexibilidad y precisión. A través de diversos paquetes de R, pudimos conectar este programa de estadística con GRASS-GIS. Ambos fueron utilizados conjuntamente y se integraron de manera sencilla con *rgrass7*[38], lo cual facilitó el uso de paquetes generales y específicos de estadística espacial, como *spatstat*[39], *sp*[40], *maptools*[41] o *raster*[42], entre otros.

QGIS sirvió para la gestión y manejo de los datos de tipo ráster y vectorial, en definitiva, para la visualización final de los resultados obtenidos. Por otro lado, ArcGIS sirvió para aplicar otros análisis que complementan a los de densidad aplicados en GRASS-GIS.

La cartografía empleada proviene de la web del Instituto Geográfico Nacional (IGN), del cual obtuvimos el Modelo Digital del Terreno (MDT) con una rejilla de 25 metros de resolución elaborado a partir del LIDAR del Plan Nacional de Ortofotografía Aérea (PNOA)[43]. Las diferentes hojas fueron ensambladas mediante la herramienta *r.patch* en GRASS-GIS obteniendo así la región en bruto y sin definir.

---

[30] Disponible en <https://grass.osgeo.org/>. [Consult. 1 abr. 2020].
[31] Disponible en <http://www.saga-gis.org/>. [Consult. 1 abr. 2020].
[32] Disponible en <https://www.qgis.org/es/site/>. [Consult. 1 abr. 2020].
[33] NETELER, MITASOVA, 2008; OLAYA, 2020.
[34] CONRAD *et al.*, 2015.
[35] Disponible en <https://www.r-project.org/>. [Consult. 1 abr. 2020].
[36] R CORE TEAM, 2017.
[37] Disponible en <https://www.rstudio.com/>. [Consult. 1 abr. 2020].
[38] BIVAND, 2017.
[39] BADDELEY, TURNER, 2005.
[40] PEBESMA, BIVAND, 2005.
[41] BIVAND, LEWIN-KOH, 2017.
[42] HIJMANS, 2017.
[43] Disponible en <http://centrodedescargas.cnig.es/CentroDescargas/index.jsp>. [Consult. 1 abr. 2020].

El área de estudio incluye, básicamente, las provincias de Pontevedra y Ourense, además de una pequeña parte del sur de Lugo y el Norte de Portugal. Dicha región fue definida mediante la herramienta *r.watershed* de GRASS-GIS[44] con la que se calcularon las cuencas hidrográficas. De esta forma, los límites Norte, Sur y Este están determinados por las cuencas y el Oeste por la costa (Fig. 3). En total, la región tiene una extensión de unos 15 174 km^2, teniendo este espacio una gran diversidad altimétrica, orográfica y de usos del espacio.

Además, contamos con *shapefiles*[45] de diferentes fuentes con las variables ya generadas[46]. Uno de ellos es el CORINE Land Cover que incorpora la cobertura y ocupación del territorio en distintos años[47]. Los mapas relativos a la geología fueron obtenidos de un *shape* ofrecido por el *Instituto de Estudos do Territorio*[48]. Por otro lado, la información sobre los usos potenciales del suelo se extrajo de una publicación de Brais Currás Refojos[49] que ofrece el mapa vectorial listo para su visualización o análisis en un SIG.

2.3. Análisis geoespaciales y estadísticos

En este estudio nos centramos en el análisis de densidad, de agrupación y de varianza de los yacimientos domésticos. De esta manera, podemos conocer la estrategia de poblamiento en la Prehistoria Reciente y conocer, a su vez, si las diferentes variables locacionales muestran diferencias entre subpoblaciones.

En GRASS-GIS calculamos la densidad a través de la herramienta *v.kernel*, con la cual se puede computar un mapa de densidad teniendo como base un mapa vectorial de puntos[50]. Con este método exploratorio se consigue conocer las mayores concentraciones de yacimientos. El resultado es un mapa ráster que muestra un valor específico para cada celda por unidades de mapa, m^2, etc. Dicha densidad se expresa gráficamente en forma de una paleta de colores en la que los tonos más vivos representan una mayor concentración.

Los *kernels* resultantes son procesados por el módulo *r.regression.line* de GRASS-GIS que permite realizar una regresión lineal de dos mapas *ráster*[51]. De esta forma pueden compararse entre sí y determinar su grado de interdependencia. El coeficiente de correlación muestra dicha dependencia marcando un valor comprendido entre -1 y 1. El resultado determinará si existe una correlación fuerte y positiva (cercana a 1), fuerte y negativa (cercana a -1) o nula (si se aproxima a 0). En este estudio se aplicó este método

[44] NETELER, MITASOVA, 2008: 140.
[45] El *shape* o *shapefile* es un formato estándar de almacenaje de datos vectoriales, como puntos, líneas y polígonos, utilizado en programas de análisis espacial.
[46] OLAYA, 2020: 500.
[47] En concreto, obtuvimos datos para los años 1990, 2000, 2006, 2012 y 2018.
[48] Disponible en <http://mapas.xunta.gal/centro-de-descargas>. [Consult. 1 abr. 2020].
[49] CURRÁS REFOJOS, 2014.
[50] NETELER, MITASOVA, 2008: 229.
[51] NETELER, MITASOVA, 2008: 131.

con las concentraciones de los yacimientos para conocer si existe correlación entre los diferentes tipos.

Para las agrupaciones, se utilizó la herramienta *v.cluster* de GRASS-GIS con la cual se pueden generar diversos grupos de distintas poblaciones de datos. Operamos con el algoritmo DBSCAN (*Density-Based Spatial Clustering of Applications with Noise*)[52] el cual genera clústeres en base a un radio con la distancia máxima de un elemento con respecto a su vecino. Además, dicha herramienta detecta los puntos que presentan marcadas diferencias con el resto, denominados valores atípicos o *outliers*. De esta manera, podremos comparar los 13 grupos generados con los *kernels* para visualizar la intensidad y relación de las ocupaciones con determinadas regiones del área de estudio (Tabla 2 y Fig. 10).

Tabla 2. Agrupaciones de los yacimientos domésticos según el algoritmo DBSCAN

Cluster	Número	Porcentaje
Valores atípticos	33	8.38%
1	40	10.20%
2	217	55.10%
3	15	3.81%
4	24	6.10%
5	4	1.02%
6	6	1.52%
7	11	2.79%
8	8	2.03%
9	4	1.02%
10	6	1.52%
11	10	2.54%
12	10	2.54%
13	6	1.52%

Algunos análisis del terreno fueron realizados con GRASS-GIS a través de *r.watershed* y *r.slope.aspect*[53], con los cuales se computaron los ríos potenciales, las pendientes y las orientaciones de la región. Además, ubicamos a unos 800 metros del perímetro de la región unos 80 puntos separados entre sí a 15 kilómetros para calcular las rutas potenciales. Estas se computaron con *r.walk* y *r.drain*[54], repitiendo el proceso unas 63 veces

[52] ESTER *et al*., 1996.
[53] NETELER, MITASOVA, 2008: 140-141.
[54] NETELER, MITASOVA, 2008: 138-139.

y consiguiendo así unas 5040 rutas (Fig. 7). Teniendo en cuenta la huella, a nivel topográfico, que deja la presencia de carreteras en los MDT, realizamos una regresión lineal entre estas rutas y las carreteras actuales[55] con el fin de detectar si existe correlación entre ambas.

Además, con la herramienta *r.viewshed.cva* de GRASS-GIS se pudo ejecutar el cálculo de la visibilidad absoluta acumulada potencial[56] según los parámetros propuestos por James Conolly y Mark Lake[57]. En nuestro caso de estudio, creamos una rejilla conformada por puntos equidistantes, a unos 4 kilómetros entre ellos, y con un campo de visión máximo desde cada punto de 20 kilómetros. Esta resolución es la más alta que se pudo obtener dada la exigencia computacional del test. El resultado de este análisis es un mapa con la suma algebraica de dos o más mapas de visibilidad binarios[58]. Las celdas muestran un número entero que refleja el rango al que pertenece dicha área según el nivel de visibilidad que se obtiene al ser visto desde otros puntos. Así muestra las áreas de mayor y menor visibilidad de la región estudiada.

Para calcular las distancias entre los diferentes elementos se utilizó el módulo *r.grow.distance* de GRASS-GIS[59]. Este método proporciona un mapa ráster cuyas celdas representan la distancia euclidiana de las variables locacionales con respecto a los yacimientos analizados. De este modo, se pudo observar la existencia de posibles asociaciones espaciales entre los sitios arqueológicos y algunas de las variables locacionales, como la distancia a los usos potenciales de la tierra. Con el resto de variables tan solo usamos las herramientas *v.what.rast* o *v.what.vect* para extraer los valores pertenecientes a cada yacimiento de cada mapa tipo ráster.

Por otro lado, SAGA-GIS nos proporcionó el resto de variables locacionales a través de la librería *Terrain analysis*[60]. Con esta computamos gran parte de los factores, como los vinculados a la erosión[61] y la humedad[62], que se basan fundamentalmente en cálculos sobre la pendiente del terreno. También, en los tests morfométricos[63] se tiene en cuenta el ángulo y la orientación de la pendiente, además del cálculo de índices sobre heterogeneidad topográfica, como realiza el *Terrain Ruggedness Index*.

---

[55] Esta información fue tomada del IGN y en el análisis se utilizaron las carreteras convencionales, las multicarril, las autovías y las autopistas.
[56] WHEATLEY, 1995.
[57] CONOLLY, LAKE, 2006: 227-233.
[58] Es decir, en los que se representan las áreas visibles y las no visibles mediante código binario, 1 y 0.
[59] NETELER, MITASOVA, 2008.
[60] CONRAD *et al*., 2015.
[61] Para la erosión utilizamos el *LS Factor*.
[62] La humedad potencial fue calculada con el *Topographic Wetnesss Index*.
[63] Para el caso de la morfometría de la región se realizaron diferentes test: *Valley Depth*, *Upslope Curvature*, *Slope Length*, *Relative Slope*, *Profile Slope*, *Local Upslope*, *Local Downslope*, *Local Curvature*, *Downslope*, *Convergence Index*, *Topographic Position Index*, *Multi-Scale Topographic Position Index*, *Closed Depressions* y el *Topographic Ruggedness Index*. Dentro de estos análisis se incluyen los vinculados a detectar áreas protegidas del viento (*Wind Shelter*, *Wind Exposition*, *Wind Effect*) y la radiación (*Diurnal Anisotropic Heating*), debido a que se basan en criterios morfométricos para su cálculo.

Con el análisis *Topographic Position Index*[64], se calculó la prominencia topográfica a 1000 y 100 metros. Al cambiar la escala observamos si existen diferencias significativas con respecto a la población de datos utilizada. El resultado de este análisis muestra un mapa ráster donde los valores positivos indican una mayor altitud que la media de sus inmediaciones (zona prominente), los valores negativos representan localizaciones más bajas que sus inmediaciones (zonas de valle) y los próximos a cero muestran zonas planas.

Con los análisis sobre insolación[65] y visibilidad[66], se consigue conocer la cantidad de radiación solar captada y la apertura del territorio, es decir, si los yacimientos domésticos se encuentran en áreas de mayor o menor control sobre el territorio. En este sentido, la herramienta *Geomorphons* ayuda a categorizar formas del paisaje en función de su campo de visión y el *Sky View Factor* a comprender la porción de cielo que se percibe desde cada lugar.

Además, en SAGA-GIS realizamos la interpolación mediante *Kriging*[67] de los datos referidos a la temperatura y precipitación[68] en Pontevedra y Ourense. Para ello utilizamos el método de kriging ordinario con un modelo de semivariograma gausiano, el que mejor se ajusta a la muestra.

En ArcGIS aplicamos el análisis de *punto caliente* o *Hot Spot* mediante el uso del GI* de Getis-Ord[69] para detectar densidades significativas a nivel estadístico. También, aplicamos el análisis de densidad de líneas a las rutas potenciales, a las cuales se les aplicó una prueba *Hot Spot* tras convertir el vector línea de las rutas en puntos[70]. De esta forma pudimos procesarlo y detectar si existen áreas con presencia o ausencia significativa de caminos.

Por último, R sirvió para procesar los datos contenidos en el CSV a través de una serie de pruebas para determinar el método estadístico más idóneo a emplear en el análisis. Para ello, se comprobó la normalidad y homocedasticidad de la muestra mediante los tests de *Shapiro-Wilk* y *Fligner-Killeen* respectivamente[71]. Dadas las características de las poblaciones estudiadas, aplicamos los tests no paramétricos de *Mann-Whitney-Wilcoxon* y *Kruskal-Wallis*[72]. Tras estas pruebas, se aplicaron exámenes *post-hoc* como el *Multiple Comparison Test after Kruskal-Wallis* que permitieron identificar qué colectivo o colectivos son significativamente diferentes[73].

---

[64] LLOBERA, 2001.

[65] En tanto a la insolación se plantearon dos tests: *Direct Insolation* y *Diffuse Insolation*.

[66] Para el caso de la visibilidad se utilizaron los tests de *Visible Sky*, *Sky View Factor*, *Positive Oppenness*, *Negative Oppenness* y *Geomorphons*.

[67] KRIGE, 1951.

[68] Recogidos el 04/05/2020 de la web de servicios meteorológicos de Galicia (disponible en <https://www.meteogalicia.gal/web/inicio.action>). Utilizamos datos recientes de precipitación y temperatura media mensual de las estaciones meteorológicas de Pontevedra y Ourense ante la falta de datos precisos y disponibles para la Prehistoria Reciente gallega.

[69] GETIS, ORD, 1992.

[70] Se consiguió un *shapefile* con 8 millones de puntos que fueron procesados por el test *Hot Spot*.

[71] CRAWLEY, 2013: 347, 356.

[72] POHLERT, 2014; VANPOOL, LEONARD, 2011: 263-267.

[73] CRAWLEY, 2013; POHLERT, 2014.

La integración de R y GRASS-GIS a través de los paquetes mencionados con anterioridad nos permitió realizar comprobaciones de Aleatoriedad Espacial Completa o *Complete Spatial Randomness*[74]. Con este análisis, pretendemos conocer el grado de dispersión de los yacimientos por la región de estudio. Las pruebas realizadas fueron el *Quadrat Test*, o test de cuadrantes, y la K de Ripley[75]. En cuanto al primer test, es un método que genera una partición interna de la región en un número variable de cuadrículas. La distribución de la población real se compara con el montante teórico de puntos esperable en cada cuadrícula si tuviésemos una distribución aleatoria. El resultado se representa gráficamente mostrando en cada celda tres cifras: el número de entidades aleatorias esperadas, a la derecha, los elementos existentes, a la izquierda, y el coeficiente positivo o negativo resultante del cálculo de aleatoriedad, debajo de las anteriores.

El segundo test, la K de Ripley[76], es una función que permite detectar la aleatoriedad espacial completa a medida que aumenta la desviación estándar de la distribución. El resultado que genera es un gráfico que contiene la distribución real de los puntos que estudiamos (*K obs*) y los compara con el número dado de poblaciones simuladas (siendo en nuestro caso unas 999) con el mismo tamaño que el real, pero con una distribución aleatoria, denominada *K r*. Además, destaca el límite inferior (*K lo*) y superior (*K hi*), del intervalo de confianza derivado de las 999 simulaciones de Monte Carlo[77] (Fig. 9).

Para interpretar este gráfico hay que fijarse si los valores K de los elementos analizados (*K obs*) son superiores o inferiores a los valores K esperados (*K r*) o si se encuentran dentro del área demarcada por el intervalo establecido por *K lo* y *K hi*. En el caso de que las observaciones sean superiores, se puede afirmar que la distribución está más concentrada que aquella en la que los puntos se sitúan de manera aleatoria. En el caso contrario, las entidades se encuentran más dispersas[78].

Por último, se realizó el análisis *K-means*[79] un método que permite calcular el promedio de distancias de cada punto con respecto a sus vecinos más próximos (Fig 4). El objetivo es identificar el punto de inflexión de dicha línea que proporciona la distancia óptima que se empleó para calcular los clústeres realizado con *v.cluster* de GRASS-GIS.

Sin embargo, para las variables categóricas, como los *clusters* y las tipologías de yacimiento, fue necesario aplicar el test de *Pearson's chi-squared*[80] que permite analizar el grado de dependencia de este tipo de variables a través de tablas de contingencia. De esta forma, se pueden comparar las distintas ocupaciones del territorio con cada agrupación generada con DBSCAN.

[74] CRAWLEY, 2013: 825.
[75] CRAWLEY, 2013: 834, 838.
[76] CRAWLEY, 2013: 834.
[77] CONOLLY, LAKE, 2006: 166.
[78] CRAWLEY, 2013: 834.
[79] CRAWLEY, 2013: 816.
[80] CRAWLEY, 2013: 367.

3. RESULTADOS

3.1. Análisis exploratorios sobre hábitats y rutas potenciales

El mapa ráster de densidad fue calculado con un radio de 6000 metros desde cada punto, extrayendo dicha cifra del promedio de distancias obtenido mediante el *K-means* (Fig. 5). El resultado del análisis muestra una distribución desigual en todo el territorio. Las actividades vinculadas a la investigación influyeron, en cierta medida, en esa heterogeneidad, dado que se observa un mayor peso en la comarca de O Morrazo y en el interior de Ourense, en concreto en Baixa Limia, donde hay una superior tradición investigadora. Sin embargo, se observan otras áreas al interior, en la comarca de O Condado, donde, por medio de diferentes prospecciones, se detectaron las mayores concentraciones de yacimientos (Figs. 5 y 6). De este modo, las intervenciones preventivas realizadas desde los años 1990 tienen incidencia, pero ésta no es decisiva en cuanto a las densidades.

La mayor parte de los sitios domésticos encontrados en estas zonas de alta concentración son dispersiones y hallazgos. Sin embargo, en la península de O Morrazo existe un mayor número de asentamientos y áreas de actividad, así como en Baixa Limia, donde hay dos áreas de actividad. El resto de altas concentraciones se sitúan al sur de Pontevedra, ubicándose dos de ellas en Baixo Miño, otras de menores proporciones en las cadenas montañosas de la comarca de Vigo y las más importantes se ubican en la comarca de O Condado (Figs. 5 y 6).

En esta comarca se encuentran dos grandes *kernels*, uno al Oeste que conecta con otra concentración en los alrededores de la ría de Vigo y otro al Este, varias veces mayor. Ambos están compuestos por dispersiones y, en menor medida, hallazgos. Estas áreas son de enorme interés no solo por la altísima concentración de yacimientos sino por la significación a nivel estadístico que muestran en el análisis *hot spot*[81], con un nivel de confianza que ronda el 95% y 99%.

Además, calculamos otros KDE para cada tipo de yacimiento. Los mapas ráster generados se compararon entre sí y con el *kernel* general a través de varias regresiones lineales. De esta forma, obtuvimos dos resultados que muestran una correlación positiva y fuerte entre la concentración de las dispersiones y hallazgos[82] y la realizada a todos los yacimientos. Por tanto, es frecuente la aparición de estos espacios en los mayores *kernels* del Sur de Galicia.

Por otro lado, las rutas potenciales mostraron una gran concentración en el extremo oriental de la península de O Morrazo y en dos áreas fronterizas con Portugal (Fig. 7).

[81] GETIS, ORD, 1992.

[82] El resultado obtenido fue de 0,960095 y 0,597308, respectivamente, lo que demuestra una correlación fuerte y positiva con el *kernel* general.

Dichas zonas guardan una significación estadística con un nivel de confianza del 99%. Estos resultados podrían indicar un nodo de comunicaciones con el Norte de Portugal aprovechando la ribera del río Miño y por las zonas altas del sur de Ourense. Además, la existencia de una correlación nula[83] entre las densidades de las rutas y de las carreteras actuales, permite confirmar que existen escasas interferencias entre ambas.

Con todo, las rutas se comportan de forma homogénea en los análisis de varianza con los *clusters* y los tipos de yacimientos. Tampoco guarda correlación con ninguna de las densidades de los hábitats, por tanto, dicha variable no parece mostrar diferencias a nivel espacial o cronológico en los conjuntos de datos estudiados.

3.2. Comparación entre los tipos de yacimientos domésticos

En los análisis de varianza, los tipos de yacimiento muestran algunas diferencias entre sí en lo relativo a la prominencia topográfica a 1000 metros, en el índice de humedad topográfica y en la distancia a los usos potenciales del suelo. Son frecuentes las discordancias entre dispersiones, áreas de actividad y hallazgos frente a otros tipos con un comportamiento más homogéneo.

Para el caso de las dispersiones, éstas se sitúan en espacios prominentes con respecto a las áreas de actividad, que se ubican en zonas de valle. A su vez, dichas dispersiones se emplazan en áreas con un índice de humedad menor frente a los hallazgos. Ambas variables nos indican que las dispersiones se establecen en áreas de sierra como las que encontramos en el interior de la provincia de Pontevedra.

Con respecto al uso potencial de la tierra, destaca la asociación de las dispersiones a los espacios de uso nulo y extensivo y su disociación con los de uso intensivo. En contraposición los asentamientos aparecen vinculados a estos últimos, los de uso intensivo, al igual que los hallazgos que, a su vez, se relacionan con los de uso nulo.

Estos resultados muestran cómo los asentamientos están conectados con espacios agrícolas que, al menos en tiempos actuales o subactuales, se hallan bajo un régimen de explotación más complejo a nivel técnico y que permite una mayor permanencia de la comunidad[84], pero no podemos afirmar una relación directa entre uso agrícola y ocupación del mismo territorio. Mientras, los hallazgos y dispersiones muestran mayor variabilidad, lo cual podría indicar una perduración temporal superior de estos espacios.

3.3. Aleatoriedad Espacial Completa y *clusters* DBSCAN

Para determinar si la población de datos se comporta de manera aleatoria, se realizó el test de cuadrantes o *Quadrat Test* con una cuadrícula de tres por tres. El resultado muestra el superávit de yacimientos en la parte occidental y suroccidental de la región

[83] Con un valor de 0,210990 en la regresión lineal.
[84] CURRÁS REFOJOS, 2014: 28.

de estudio frente al resto de áreas donde el coeficiente es negativo (Fig. 8). Por tanto, los espacios domésticos tienden a aparecer más al Oeste, como también reflejan los *kernel* y *hot spot*.

Además, afinamos los resultados de la prueba de cuadrantes a través del test K de Ripley con 999 simulaciones de Monte Carlo. De esta manera, determinamos que los yacimientos domésticos están agrupados a diferentes escalas de análisis y en todas ellas se alejan de una distribución aleatoria (Fig. 9).

Con estas evidencias, realizamos las agrupaciones DBSCAN de todos los yacimientos domésticos[85] con un radio de 6000 metros entre cada punto según el *K-means*. De esta manera se generaron 13 *clusters*, entre los que destaca el número 2 por ser el más numeroso a nivel cuantitativo y por agrupar los yacimientos que se encuentran más concentrados (Fig. 10). Asimismo, en estos resultados destaca la separación de los sitios domésticos del Baixo Miño con sus vecinos al Norte y también la heterogeneidad de grupos creados en el resto de la región, sobre todo en la parte septentrional.

En estos análisis solo destacan la prominencia topográfica a 1000 metros, la visibilidad, la protección de los vientos y el índice de humedad y de rugosidad del terreno como variables de estudio. El *cluster* 2 es el más representado ante las diferencias que guarda con otros grupos de la región.

La prominencia topográfica a 1000 metros muestra la ubicación conspicua de los grupos 2 y 6, frente al emplazamiento en valle de los *clusters* 4 y 8. Sumado a esto, el índice de humedad topográfica también muestra la menor saturación por agua donde se encuentra la agrupación 2 en contraste con la 12, ubicada al Norte del área de estudio. Esta última, además, muestra unos valores más altos en los análisis *Visible Sky* y *Sky View Factor* que el *cluster* 2. Estos resultados muestran diferencias entre grupos en el interior de la región estudiada y aquellos a caballo entre la costa y el interior.

También encontramos diferencias entre los grupos al Suroeste de la región. El *cluster* 2 contrasta con el 1 por su menor visibilidad del paisaje. Además, el índice de rugosidad es mayor en el grupo 2 que en el 1, lo cual indica una mayor escabrosidad del terreno en las comarcas de Vigo, O Condado y Morrazo.

Con respecto al índice *Wind Effect*, muestra que el *cluster* 4, en Baixa Limia, se encuentra protegido de los vientos frente al grupo 13, al Norte del área de estudio, que está expuesto a ellos. La presencia únicamente de dispersiones y hallazgos en la agrupación septentrional puede representar el uso esporádico de dichos espacios frente a los de Baixa Limia.

[85] El análisis de agrupaciones se aplicó a los 394 yacimientos en su conjunto y teniendo en cuenta la dinámica de ocupación-abandono-reocupación de los yacimientos domésticos a lo largo de la Prehistoria Reciente gallega (CRIADO-BOADO, CABREJAS DOMÍNGUEZ, 2005: 89). Dichos datos se compararon a través de métodos no paramétricos para así determinar la existencia de diferencias salientables a nivel cronológico o espacial.

En la comparativa de variables categóricas, destaca el análisis *Geomorphons*. Con el mismo descubrimos la asociación, ya mencionada, del grupo 4 con las zonas de valle, además del 9 que también muestra una vinculación positiva. Otros *clusters*, como el 5 y 10, parecen estar encajados en depresiones mientras el 1 y 3, ambos ubicados en la costa, se emplazan en crestas. En esta ocasión, los resultados muestran como agrupaciones del Norte y Sur de la región comparten rasgos locacionales similares.

3.4. Coordenadas cronológicas del fenómeno doméstico

Las dataciones radiocarbónicas existentes para yacimientos domésticos al aire libre en el sur de Galicia son escasas y sobrerrepresentan a los hábitats emplazados en la costa generando un sesgo respecto de aquellos ubicados en el interior. Ante esto, utilizamos las cronologías relativas proporcionadas por la cultura material, como la cerámica campaniforme y de tipo *Penha*, que se encuentran mejor repartidas por el área de estudio, para así inferir cambios a nivel temporal en la ubicación de los yacimientos (Fig. 11). Además, comprobamos si la presencia de cerámica de tipo *largo bordo horizontal* está correlacionada con alguna cronología o tipo de hábitat de la Prehistoria Reciente[86].

Estas familias cerámicas fueron comparadas entre sí y con otras variables categóricas y cuantitativas. También incorporamos en los análisis las puntas de flecha de base cóncava, con el fin de determinar su cronología relativa. El resultado del *Pearson* chi cuadrado mostró una fuerte asociación entre la cerámica *Penha* y este tipo de punta de flecha. De esta manera, ambos elementos forman parte de la ergología de las comunidades de comienzos del III milenio a. C., como se menciona en algún trabajo[87] y que parece atestiguarse en este estudio para el caso del Sur de Galicia.

Las familias cerámicas testadas no muestran diferencias entre los *clusters*, sin embargo, existe una correlación positiva y alta entre la densidad de hábitats campaniformes[88] y el *kernel* general. Esto muestra una influencia clara entre las concentraciones del suroeste de la provincia de Pontevedra y la presencia de comunidades de finales del Calcolítico e inicios de la Edad del Bronce.

En cuanto a las adscripciones cronológicas, los análisis de *Pearson* chi cuadrado nos muestran que los lugares calcolíticos se asocian con la aparición de cerámicas campaniforme y tipo *Penha*. Además, esta última se disocia generalmente de los sitios vinculados a la Edad del Bronce. Sin embargo, los hábitats con ambos tipos de cerámicas están relacionados con sitios de época neolítica. Esta circunstancia puede estar correlacionada con la existencia de ocupaciones precedentes en dichos espacios domésticos, lo cual es habitual en este tipo de yacimientos[89].

[86] NONAT, VÁZQUEZ LIZ, PRIETO MARTÍNEZ, 2015: 1-10.
[87] RODRÍGUEZ RELLÁN, FÁBREGAS VALCARCE, 2011.
[88] Con un valor de 0,843788 en la regresión lineal.
[89] CRIADO-BOADO, CABREJAS DOMÍNGUEZ, 2005: 192.

Por otro lado, las áreas de actividad y los hallazgos se vinculan al Neolítico, en abierto contraste con las dispersiones, que se disocian de estos espacios. Sin embargo, la cerámica tipo *Penha* también está asociada a las áreas de actividad, lo cual indica que estos espacios fueron ocupados en diferentes momentos. Además, dicha cerámica está presente en asentamientos y posibles áreas de actividad y se disocia de los hallazgos. De esta forma, parece que a comienzos del III milenio a. C. pudo haber ocupaciones de diferente naturaleza.

La cerámica campaniforme también tiene presencia en los asentamientos y se disocia de los hallazgos. Además, tanto la cerámica Penha como la campaniforme están presentes de forma conjunta sobre todo en los asentamientos, lo cual podría indicar que algunas comunidades reocupaban determinados espacios en el III milenio e inicios del II milenio a. C., manteniendo así un poblamiento más tradicional. Otra de las familias alfareras que podría seguir dicha dinámica es el *largo bordo*, dado que tiene presencia en espacios más estables como asentamientos y áreas de actividad, aunque su cronología tiende a ser posterior.

Al testar las variables cuantitativas, descubrimos que los hábitats con cerámica campaniforme y *Penha* se sitúan, de media, a unos 60 metros de altura, difiriendo del resto de la población que se ubica a unos 360 metros. Además, en el análisis de prominencia a 100 y 1000 metros, destaca su emplazamiento en valles frente al resto de sitios que están en zonas altas (Fig. 12). Esta ubicación guarda parte de relación con el menor índice de *Sky View*, dado que al estar en zonas bajas también se reduce su visibilidad.

En la protección al viento también se detecta que están más protegidos que el resto, lo cual sería un indicio que explicaría, en parte, la elección de los valles para emplazarse. Asimismo, dichos hábitats se ubican en áreas de uso intensivo de la tierra, las cuales suelen ubicarse en áreas deprimidas en la actualidad[90]. Por otro lado, la mayor permanencia en un mismo emplazamiento es una dinámica que se observa en localizaciones del Norte de Portugal, como Barrocal Alto o Buraco da Pala[91].

Sin embargo, los yacimientos que registran *Penha* o campaniforme muestran algunas diferencias entre sí: la prominencia topográfica a 1000 metros indica que los hábitats con cerámica tipo *Penha* se ubican en valles, mientras los sitios con campaniforme se emplazan en zonas prominentes (Fig. 12). Los sitios *Penha* se sitúan en áreas protegidas del viento en contraste con los yacimientos que no contienen dicha cerámica. Además, los espacios domésticos con presencia conjunta de *Penha* y campaniforme también se encuentran en áreas al resguardo del viento.

Los yacimientos del III milenio a. C. se disocian de los actuales espacios de uso nulo de la tierra y, mientras los sitios de tipo *Penha* muestran una gran asociación a las áreas de uso intensivo, los campaniformes lo hacen a las de uso extensivo. Por otro

[90] CURRÁS REFOJOS, 2014: 28.
[91] FÁBREGAS VALCARCE, RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1994: 148.

lado, los yacimientos campaniformes destacan al encontrarse más alejados de los ríos, en áreas de menor pendiente y mayor índice de humedad y *Sky View Factor*.

Estos datos parecen indicar que las comunidades del III milenio a. C. cambiaron su ubicación, trasladándose una parte de ellas desde las zonas de valle hacia las sierras, desde donde controlar y divisar el territorio circundante. Con todo, otros grupos decidieron mantener una ocupación tradicional en áreas más bajas.

En cuanto al empleo potencial de la tierra, la cercanía de los yacimientos tipo *Penha* a espacios de uso intensivo no está necesariamente relacionada con la explotación de dichos espacios, sino quizás con el aprovechamiento de otros recursos, como cinegéticos o de recolección[92]. No hay evidencias incontestables para esta época de la existencia del arado, que facilite el labradío de estas tierras más pesadas y es posible que este artilugio no se generalice hasta momentos avanzados del III milenio. Por tanto, es probable que con fines agrícolas se explotasen de forma preferente tierras de suelos ligeros, como las de las sierras cercanas[93].

Por otra parte, el cultivo de tipo extensivo aparece relacionado con las comunidades campaniformes, además, la vinculación de estas poblaciones con áreas más húmedas, probablemente esté asociado a un uso ganadero[94]. Estas ocupaciones pudieron ser temporales ante la alta presencia de dispersiones vinculadas a estas áreas y cronología.

4. CONCLUSIÓN

La metodología empleada nos permitió realizar un avance importante en el análisis macroespacial del fenómeno doméstico en el Sur de Galicia. La aplicación conjunta de SIG y estadística sirvió para afinar los resultados y mejorar la fiabilidad de la información resultante.

Con estos métodos, pudimos detectar la importante concentración de yacimientos al Sur de la región estudiada. Esta densidad de hábitats, vinculados en su mayoría a la segunda mitad del III milenio y primera mitad del II milenio a. C., evidencia una ocupación persistente en la región cercana a la frontera actual con el Norte de Portugal. Esta área muestra también una importante red de potenciales vías de acceso desde el Sur, coincidiendo además con las mayores concentraciones de rutas existentes en el área de estudio. Por tanto, parece efectiva y sencilla la conexión entre espacios domésticos de la Prehistoria Reciente de ambos márgenes del río Miño.

En el espectro espacial, existen diferentes criterios a la hora de emplazarse según el tipo de yacimiento. Las dispersiones y las áreas de actividad se comportan de forma distinta, lo cual nos hace inferir usos distintos de estos espacios en función de las condiciones del emplazamiento. Además, tanto las dispersiones como los hallazgos parecen

[92] FÁBREGAS VALCARCE, RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1994: 146.
[93] FÁBREGAS VALCARCE, RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1994: 146.
[94] CRIADO-BOADO *et al.*, 1991: 182.

espacios de uso puntual a tenor de su vinculación con distintos tipos de usos potenciales de la tierra. Mientras, los asentamientos, por su fuerte vinculación con áreas de tipo intensivo, podrían haber sido hábitats ocupados de forma reiterada y pensados para explotar determinados recursos de estos espacios.

A nivel cronológico, detectamos que los asentamientos y áreas de actividad tienen una fuerte vinculación con las comunidades calcolíticas y de inicios de la Edad del Bronce, aunque en algunos casos se documentan también ocupaciones neolíticas. Además, las comunidades campaniformes se encuentran concentradas en áreas de alta densidad de yacimientos domésticos, por lo que aportan una cronología relativa a estas zonas.

El algoritmo DBSCAN mostró diferencias y similitudes entre los grupos de yacimientos del interior y de la costa. En la zona que ocupa la agrupación 2, aparecen unas características de mayor prominencia y humedad que pueden indicar un uso variado del espacio. Además, las condiciones de menor visibilidad y mayor rugosidad del terreno frente a otros grupos descartan la posibilidad de un uso estratégico del espacio. En el caso de otros *clusters*, es visible una cierta preferencia por el emplazamiento en valles y depresiones en el interior de la región frente a las crestas ocupadas en algunas áreas de costa. Con todo, no se pudieron detectar diferencias reseñables entre los grupos en función de su adscripción cronológica.

Las cerámicas tipo *Penha* y campaniforme sirvieron de indicadores cronológicos sobre los cambios acontecidos en el III milenio y II milenio a. C. En general, se manifiesta por un lado una ocupación en áreas de valle a inicios del III milenio a. C. Esta dinámica cambia conforme avanza el milenio e incluso se alcanza el II milenio a. C. cuando se evidencia que la mayor parte de las comunidades campaniformes comienzan a ubicarse en zonas más prominentes, de mayor visibilidad y con acceso a áreas más húmedas. En este mismo momento, las poblaciones siguen ocupando áreas de valle, que se diferencian de aquellas en altura, y que son muy similares a los emplazamientos realizados en tiempos de la cerámica tipo *Penha*.

Esta aproximación espacial y cronológica muestra un fenómeno doméstico heterogéneo, dominado por yacimientos de uso temporal, puntual y que se localizan en zonas frecuentadas, sobre todo, por comunidades de la segunda mitad del III milenio e inicios del II milenio a. C. Los resultados del estudio revelan las distintas relaciones entre las poblaciones de este milenio con las características del paisaje. Esta dinámica no es exclusiva de los hábitats gallegos y, quizás, se marquen pautas similares de ocupación en regiones con una orografía semejante, como es el caso del Norte de Portugal.

AGRADECIMIENTOS

Los autores quieren agradecer la ayuda de Mikel Díaz en la resolución de problemas de índole espacial y estadístico, además de sus aportaciones a nivel metodológico.

BIBLIOGRAFÍA

ACUÑA PIÑERO, Ángel; BARBEITO POSE, Víctor J.; PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar (2011). *Setepías (Cambados, Pontevedra), Un ejemplo de arquitectura doméstica en la Edad del Bronce.* In PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar; SALANOVA, Laure, *coords. Las comunidades campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenio B. C. en el NW de la Península Ibérica*. Pontevedra: Deputación Provincial de Pontevedra, pp. 13-24.

AGUSTÍ GARCIA, Ernesto *et al.* (2009). *El yacimiento de las Camas (Villaverde, Madrid) Longhouses en la Meseta Central*. In DE PABLOS, Jorge Morín; URBINA MARTÍNEZ, Dionisio, *coords. El Primer Milenio a.C. En la Meseta Central: De La Longhouse Al Oppidum*. Madrid: Audema, vol. 1, pp. 113-147.

BADDELEY, Adrian; TURNER, Rolf (2005). *Spatstat: An R Package for Analyzing Spatial Point Patterns.* «Journal of Statistical Software». 12:6, 1-42. DOI: 10.18637/jss.v081.b02.

BARBEITO POSE, Víctor (2005). *Setepias e O Regueiriño: problemática dos procesos formativos dos xacementos da Prehistoria Recente no Noroeste.* Traballo de investigación tutorado inédito, p. 87.

BETTENCOURT, Ana Maria dos Santos (2011). *El vaso campaniforme en el Norte de Portugal. Contextos, cronologías y significados.* In PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar; SALANOVA, Laure, *coords. Las comunidades campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenio B.C. en el NW de la Península Ibérica*. Pontevedra: Deputación Provincial de Pontevedra, pp. 363-374.

BETTENCOURT, Ana Maria dos Santos *et al.* (2003). *A estação arqueológica da Senhora da Penha, Guimarães (Norte de Portugal): Noticia preliminar das escavações de 2002.* «Trabalhos de Antropologia e Etnografia». 43, 137-162.

BIVAND, Roger (2017). *rgrass7: Interface Between GRASS 7 Geographical Information System and R. R package version 0.1-0.* [Consult. 20 abr. 2020]. Disponible en <http://CRAN.R-project.org/package=rgrass7>.

BIVAND, Roger; LEWIN-KOH, Nicholas (2017). *Maptools: tools for reading and handling spatial objects: R package version 0.8-36.* [Consult. 20 abr. 2020]. Disponible en <http://CRAN.R-project.org/package=maptools>.

BLANCO ROTEA, Rebeca; PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar (2010). *Capitulo 7. Carballeira do Espíritu Santo: Un asentamiento aldeano de carácter familiar del Bronce Final.* In PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar; CRIADO-BOADO, Felipe. *Reconstruyendo la historia de la Comarca del Ulla-Deza (Galicia, España): Escenarios arqueológicos del pasado*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 71-83.

BROMAN, Karl W.; WOO, Kara H. (2018). *Data Organization in Spreadsheets.* «American Statistician». 72:1, 2-10. DOI: https://10.1080//0031305.2017.1375989.

CARRERO PAZOS, Miguel (2017). *El fenómeno tumular y megalítico en Galicia. Aportaciones desde los Sistemas de Información Geográfica y la estadística espacial para el estudio de los patrones de localización*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela. Tesis de doctoramiento.

CONOLLY, James; LAKE, Mark (2006). *Geographical information Systems in Archaeology.* Cambridge: Cambridge University Press.

CONRAD, Olaf *et al.* (2015). *System for Automated Geoscientific Analyses (SAGA) v. 2.1.4.* «Geoscientific Model Development». 8, 1991-2007. DOI: https://10.5194/gmd-8-1991-2015.

CRAWLEY, Michael. J. (2013). *The R Book*. United Kingdom: John Wiley & Sons, Ltd. Publication.

CRIADO-BOADO, Felipe *et al.* (1991). *Arqueología del paisaje: El área Bocelo-Furelos entre los tiempos paleolíticos y medievales (Campañas de 1987, 1988 y 1989)*. Santiago de Compostela: Direccion Xeral de Patrimonio Histórico e Documental.

CRIADO-BOADO, Felipe; CABREJAS DOMÍNGUEZ, Elena (2005). *Obras públicas e patrimonio: estudo arqueolóxico do Corredor do Morrazo*. «TAPA. Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio». 35.

CURRÁS REFOJOS, Brais X. (2014). *Mapa de usos potenciales de la tierra de Galicia. Una perspectiva arqueológica.* «Trabajos de Prehistoria». 71, 23-41. DOI: https://10.3989/tp.2014.12122.

DE LA PEÑA SANTOS, Antonio (1984a). *El yacimiento de Lavapés (Cangas de Morrazo): Balance de las excavaciones 1981-1982.* «Pontevedra Arqueológica». I, 149-178.

DE LA PEÑA SANTOS, Antonio (1984b). *Sondeo estratigráfico en el yacimiento de «A Fontenla» (Moaña).* «Pontevedra Arqueológica». I, 91-97.

DE LA PEÑA SANTOS, Antonio (1984c). *Sondeo estratigráfico en el yacimiento de O Regueiriño (Moaña).* «Pontevedra Arqueológica» I, 85-90.

DEL CASTILLO, Alberto (1922). *La cerámica incisa de la cultura de las cuevas de la Península Ibérica y el problema de origen de la especie del vaso campaniforme.* «Anuario de La Universidad de Barcelona». 1-20.

DEL CASTILLO, Alberto (1928). *La cultura del vaso campaniforme. Su origen y extensión en Europa*. Barcelona: Universidad de Barcelona, Facultad de Filosofia y Letras.

EGUILETA FRANCO, Jose M. (1999). *A Baixa Limia Galega na Prehistoria Recente. Arqueoloxía dunha paisaxe na Galicia Interior.* Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.

ESTER, Martin *et al*. (1996). *A Density-Based Clustering Algorithm for Discovering Clusters.* In SIMOUDIS, Evangelos; HAN, Jiawei; FAYYAD, Usama, *eds*. *KDD-96 Proceedings*, Washington: AAAI Press, 226-231. DOI: https://10.1016/B978-044452701-1.00067-3.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; BONILLA RODRÍGUEZ, Andrés; CÉSAR VILA, Mario (2007). *Monte dos Remedios: Un asentamiento de la Prehistoria Reciente*. Santiago de Compostela: Andavira Editora.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (1994). *Ámbitos funerario y doméstico en la Prehistoria del NO de la Península Ibérica*. «Zephyrus». 46, 143-160.

FILGUEIRA VALVERDE, Jose; GARCÍA ALÉN, Alfredo (1953). *Materiales para la carta arqueológica de la provincia de Pontevedra.* Pontevedra: Museo de Pontevedra.

FILGUEIRA VALVERDE, Jose; GARCÍA ALÉN, Alfredo (1955). *Adiciones a la «Carta arqueologica de la provincia de Pontevedra».* «El Museo de Pontevedra». XIII, 19-97.

GARCÍA-LASTRA MERINO, Montserrat (1984). *Primeros resultados de la campaña de excavaciones arqueológicas 1982, en el yacimiento campaniforme de O Fixón (Hio, Cangas de Morrazo, Pontevedra).* «Pontevedra Arqueológica». I, 113-144.

GARCÍA-LASTRA MERINO, Montserrat (1985). *El yacimiento de Chan de Armada (Vilaboa-Pontevedra) Resultados de la Excavación arqueológica en 1983*. «Pontevedra Arqueológica». II, 41-64.

GETIS, Artur; ORD, Keith (1992). *The analysis of spatial association by use of distance statistics*. «Geographical Analysis». 24, 189-206.

GIANOTTI GARCÍA, Camila; CANCELA CEREIJO, Cristina (2005). *Neolítico Final: Montenegro. Testemuña da ocupación humana durante o neolítico final e o periodo alto-medieval na península do Morrazo.* In CRIADO-BOADO, Felipe; CABREJAS DOMÍNGUEZ, Elena, *eds*. *Obras públicas e patrimonio: estudo arqueolóxico do Corredor do Morrazo* «TAPA. Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio». 35, 50-54.

GÓMEZ FÉRNANDEZ, Antolín; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; DE LA PEÑA SANTOS, Antonio (2001). *Pasaron 20 años: Las excavaciones del yacimiento de Lavapés (Cangas do Morrazo).* «Boletin Del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología». 67, 9-27.

HEATON, Timothy J. *et al*. (2020). *The Intcal20 Approach To Radiocarbon Calibration Curve Construction: a New Methodology Using Bayesian Splines and Errors-in-Variables*. «Radiocarbon». 62:4, 821-863. DOI: https://10.1017/rdc.2020.46.

HIJMANS, Robert J. (2017). *raster: Geographic data analysis and modelling. R package version 2.4-15.* [Consult. 20 ene. 2020]. Disponible en <http://CRAN.R-project.org/package=raster>.

KRIGE, Danie (1951). *A statistical approach to some mine valuations and allied problems at the Witwatersrand.* Johannesburg: University of the Witwatersrand. Master's thesis.

LIMA OLIVEIRA, Elena (1999). *Contribucion al estudio del espacio doméstico en la Prehistoria Reciente de Galicia. Caracterización e intervención en yacimientos afectados por obras públicas.* Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela. Tesis de doctoramiento.

LIMA OLIVEIRA, Elena; PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar (2002). *La arqueología en la Gasificación de Galicia 16: Excavación del yacimiento prehistórico de Monte Buxel*. «Traballos de Arqueoloía e Patrimonio». 27.

LLOBERA, Marcos (2001). *Building Past Landscape Perception With GIS: Understanding Topographic Prominence.* «Journal of Archaeological Science». 28:9, 1005-1014. DOI: https://10.1006/jasc.2001.0720.

LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino; BOUZA-BREY TRILLO, Fermín (1929). *Os Oestrimnios, os saefes e a ofiolatría en Galiza*. «Arquivos Do Seminario de Estudos Galegos». II, 29-51.

LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino; BOUZA-BREY TRILLO, Fermín (1931). *La civilización neo-eneolítica gallega.* Madrid: Junta para la Ampliación de Estudios. Comisión de estudios en Galicia.

LÓPEZ QUINTANA, Juan C. (1995). *La red de yacimientos al aire libre de cronología neolítico-calcolítico de Sollubre (Bermeo, Bizcaia). Actas Del XXII Congreso Nacional de Arqueología.* Vigo: Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, 1, 367-372.

MARTÍN-SEIJO, María *et al*. (2017). *Disentangling the life-cycles of Bronze Age pits: A multi-stranded approach, integrating ceramic refitting, archaeobotany and taphonomy*. «Journal of Archaeological Science: Reports». 12, 528-542.

MÉNDEZ FERNÁNDEZ, Fidel (1994). *La domesticación del paisaje durante la Edad del Bronce gallego*. «Trabajos de Prehistoria». 51, 77-94.

NETELER, Markus; MITASOVA, Helena (2008). *OPEN SOURCE GIS: A GRASS GIS Approach.* Springer. DOI: https://10.1007/978-1-4757-3578-9.

NONAT, Laure; VÁZQUEZ LIZ, Pablo; PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar (2015). *El vaso de Largo Bordo Horizontal.* Oxford: BAR International Series.

OLAYA, Víctor (2020). *Sistemas de Información Geográfica*.

PEBESMA, Edzer; BIVAND, Roger S. (2005). *Classes and Methods for Spatial Data: the sp Package.* «Economic Geography». 50:1, 1-21. DOI: https://10.1.1.160.9361.

PINA, José Luís de (1928). *A Penha Eneolítica.* «Revista de Guimarães». 38, 135-138.

PINA, José Luís de (1936). *Novos elementos para o estudo da Penha Eneolítica (Guimarães).* «Trabalhos Da Associação Dos Arqueólogos Portugueses». 2, 81-84.

POHLERT, Thorsten (2014). *The Pairwise Multiple Comparison of Mean Ranks Package (PMCMR).*

PRIETO MARTÍNEZ, María Pilar (2010). *La cerámica de O Regueiriño (Moaña, Pontevedra): Nueva luz sobre el neolítico en Galícia.* «Gallaecia». 29, 63-82.

PRIETO MARTÍNEZ, María Pilar (2011). *La alfarería de las comunidades campaniformes en Galicia: contextos, cronologías y estilo*. In PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar; SALANOVA, Laure, *coords*. *Las comunidades campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenio B.C. en el NW de la Península Ibérica*. Pontevedra: Deputación Provincial de Pontevedra, pp. 345-361.

R CORE TEAM (2017). *R: A language and environment for statistical compunting. R Foundation for Statistical Computing,* Vienna, Austria. [Consult. 20 abr. 2020]. Disponible en <http://www.R-project.org/>.

RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos (2010). *Unha perspectiva tecnolóxica e experimental das industrias sobre lousa, cristal de rocha e cuarzo na Prehistoria Recente do Noroeste Peninsular.* Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Tesis de doctoramiento.

RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2011). *La industria lítica en el Noroeste de la Península Ibérica durante el III y II milenio a. C.* In PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar; SALANOVA, Laure, *coords*. *Las comunidades campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenio B.C. en el NW de la Península Ibérica*. Pontevedra: Deputación Provincial de Pontevedra, pp. 249-258.

VANPOOL, Todd L.; LEONARD, Robert D. (2011). *Quantitative analysis in archaeology.* United Kingdom: Wiley-Blackwell.

VÁZQUEZ LIZ, Pablo; PRIETO MARTÍNEZ, María Pilar (2016). *El yacimiento de A Devesa de Abaixo (Pontevedra): Muerte y tradición en la prehistoria reciente del noroeste de la Península Ibérica.* «Cuadernos de Estudios Gallegos». 63:129, 13-64.

VÁZQUEZ VARELA, Jose M. (1980). *Las raíces de Galicia.* Santiago de Compostela: Sálvora.

VIDAL LOJO, Miguel (2011). *O Fuxiño: Un asentamiento de la Edad del Bronce con Campaniforme.* In PRIETO MARTÍNEZ, Maria Pilar; SALANOVA, Laure, *coords*. *Las comunidades campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenio B.C. en el NW de la Península Ibérica*. Pontevedra: Deputación Provincial de Pontevedra, pp. 31-38.

WHEATLEY, David (1995). *Cumulative viewshed analysis: a GIS-based method for investigating intervisibility and its archaeological application.* In LOCK, Gary; STANCIC, Zoran, *eds*. *Archaeology and Geographical Information Systems.* London: Taylor & Francis, pp. 171-186.

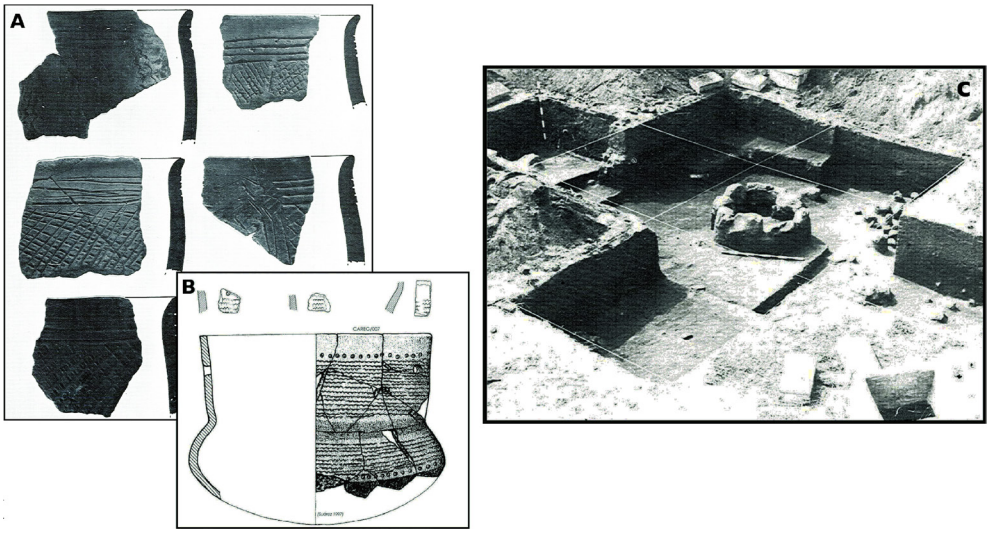


Fig. 1. Material arqueológico recuperado en intervenciones de los años 1980 en la Península de O Morrazo. A — Cerámicas tipo Penha del yacimiento de Lavapés; B — cerámica campaniforme de O Regueiriño (Moaña); y C — sondeos en el sitio de Lavapés. Imágenes tomadas de DE LA PEÑA SANTOS, 1984a: 167, 170, PRIETO MARTÍNEZ, 2010: 76.

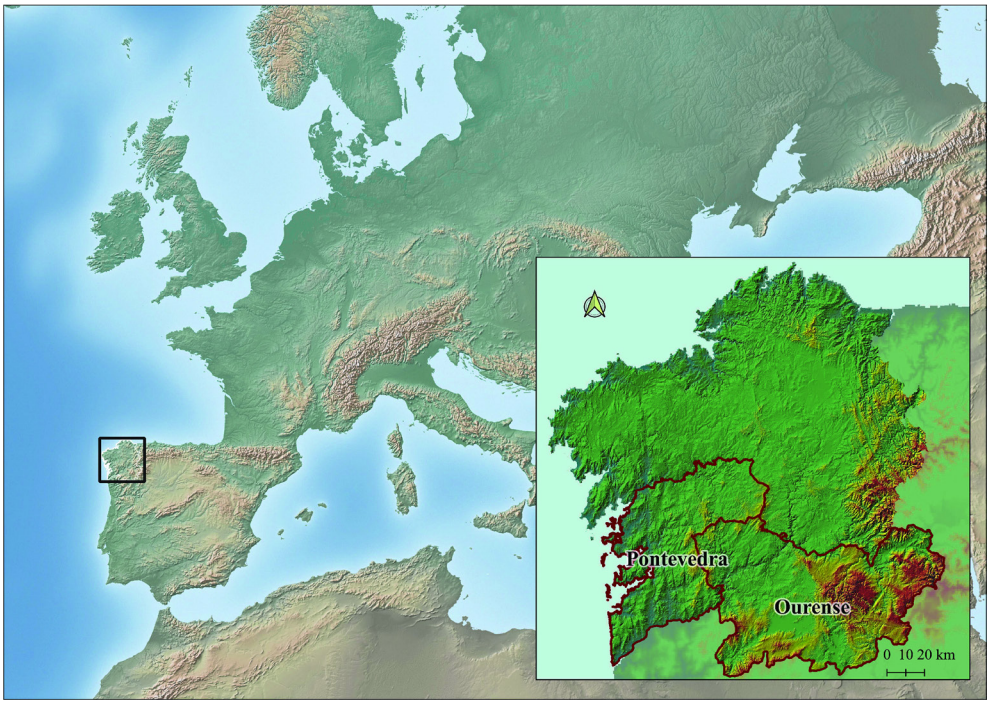


Fig. 2. Marco geográfico general. En el recuadro, Galicia y las dos provincias analizadas en este estudio marcadas en rojo

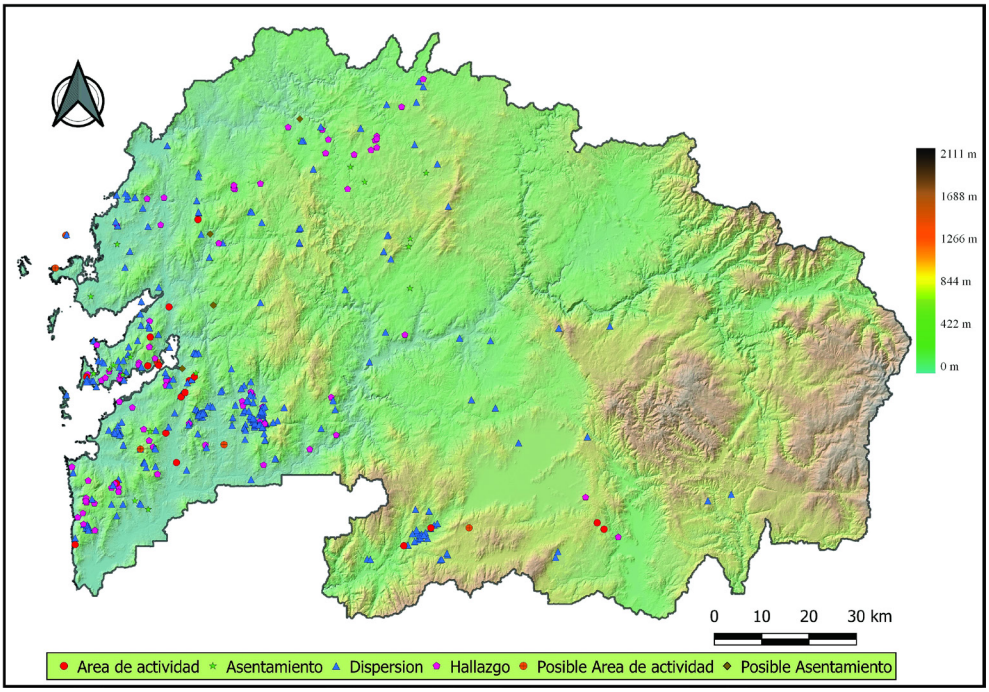


Fig. 3. Área de estudio con los tipos de yacimiento estudiados

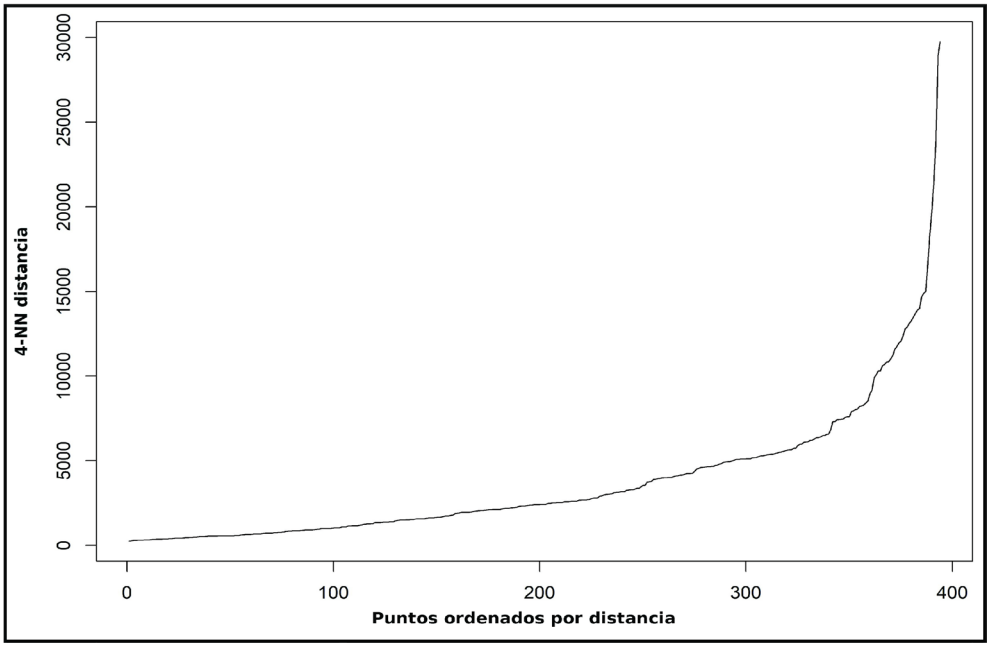


Fig. 4. Resultado del análisis K-means en forma de curva ascendente con el promedio de las distancias entre yacimientos

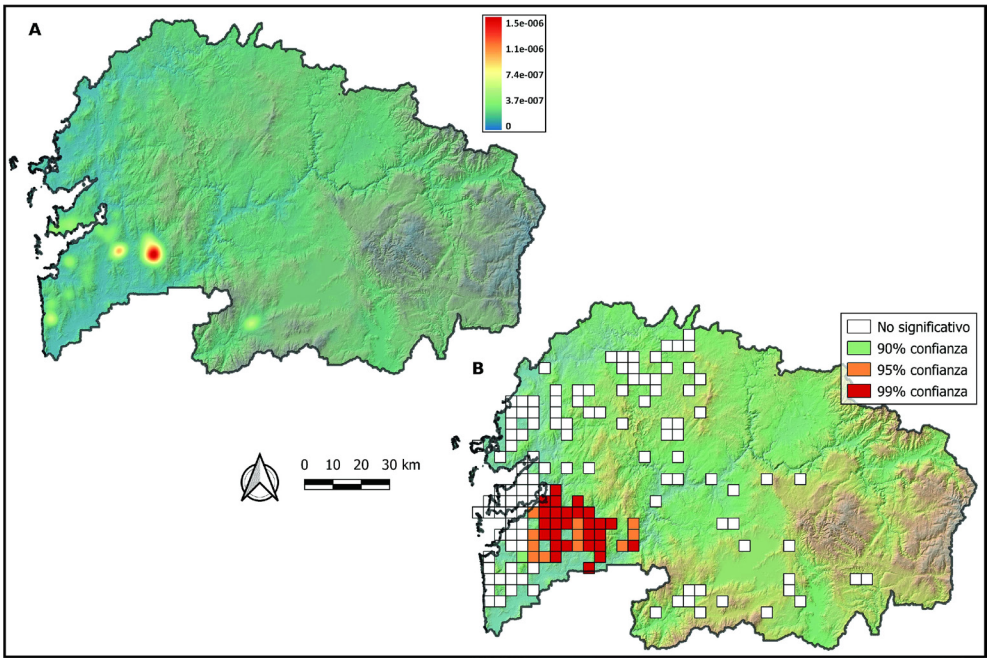


Fig. 5. Aplicación del KDE (A) y análisis Hot Spot (B)

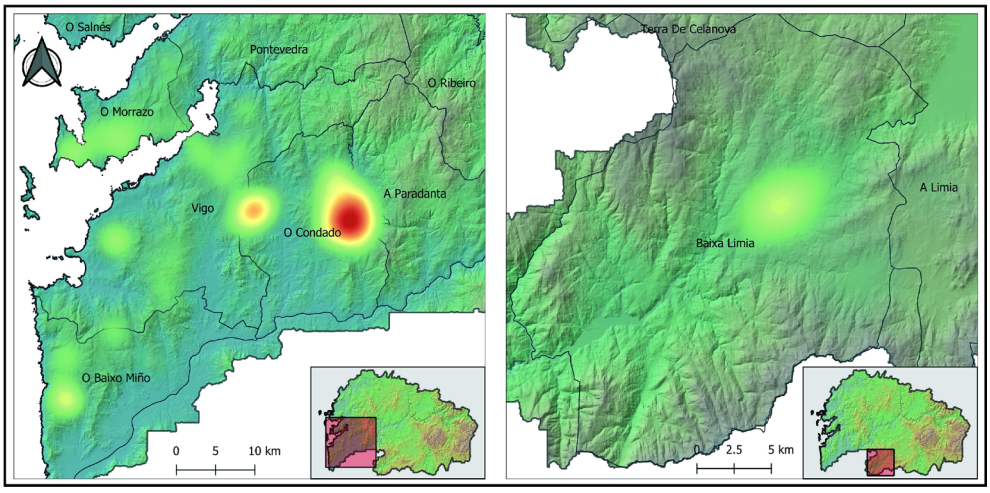


Fig. 6. Detalle de los *Kernels* y los límites de las comarcas citadas en el texto

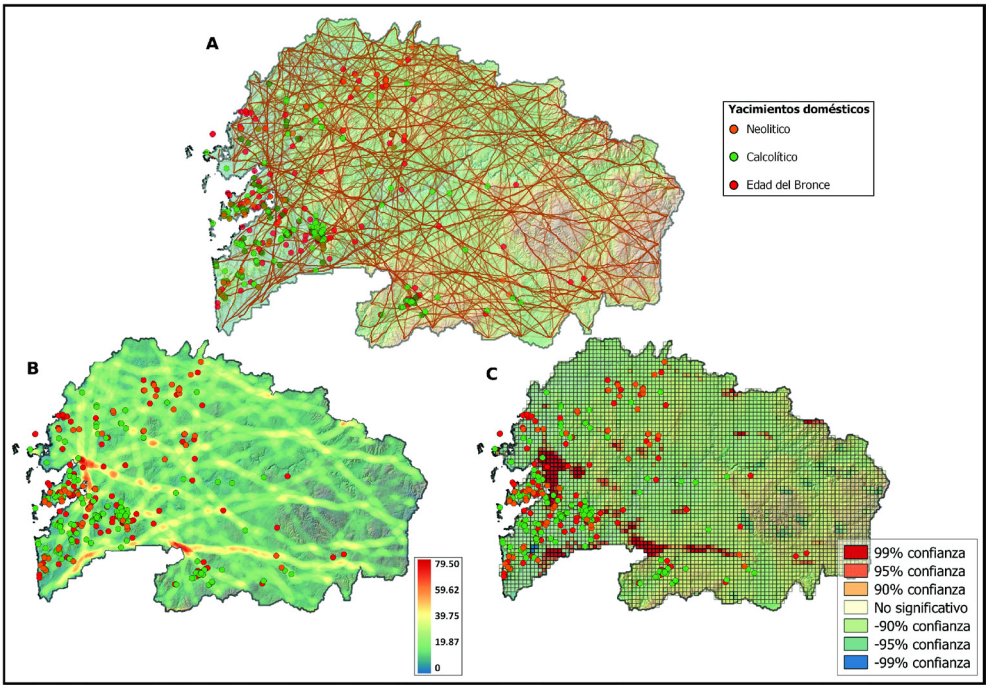


Fig. 7. Rutas potenciales de la región de estudio (A), KDE de las rutas (B) y Hot Spot (C), y los yacimientos domésticos con su correspondiente asignación cronocultural

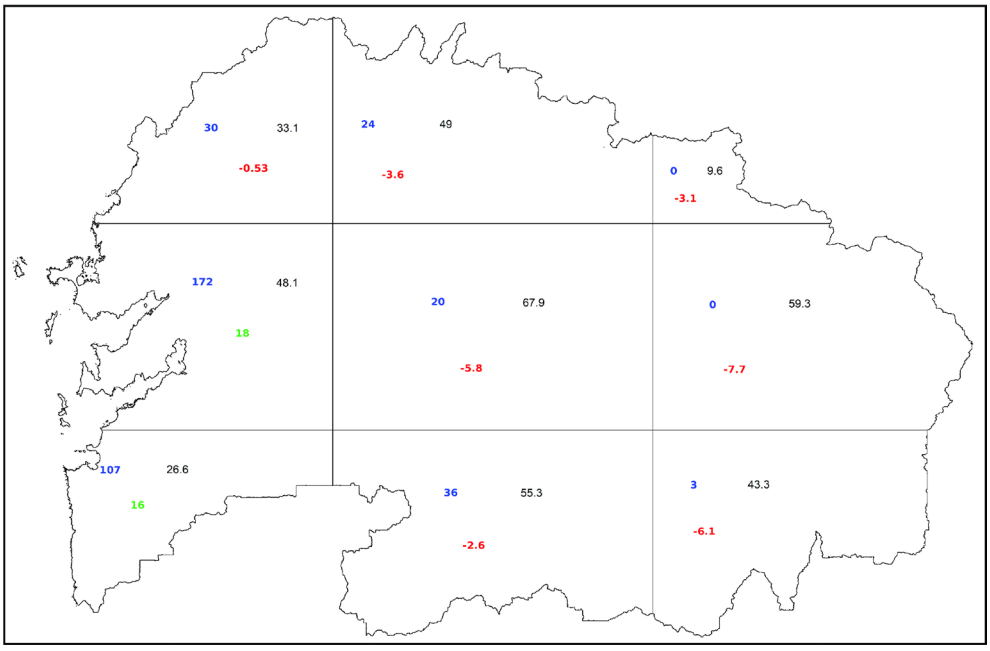


Fig. 8. Resultados del Test de cuadrantes, con los coeficientes positivos en verde y los negativos en rojo

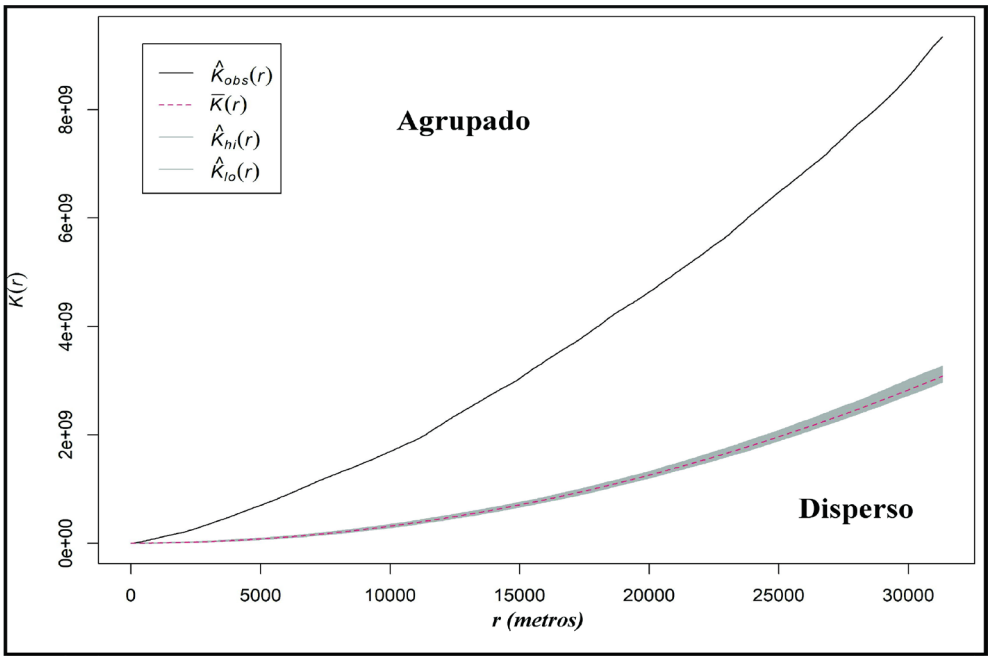


Fig. 9. Resultados del K de Ripley con las 999 simulaciones de Monte Carlo

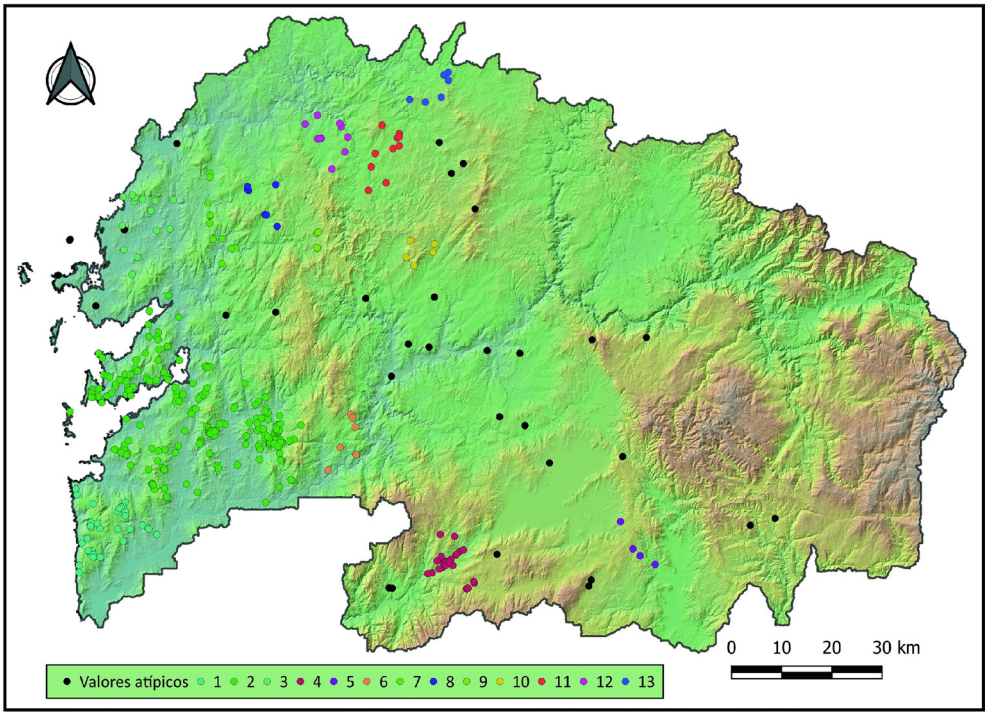


Fig. 10. Clusters generados con el algoritmo DBSCAN

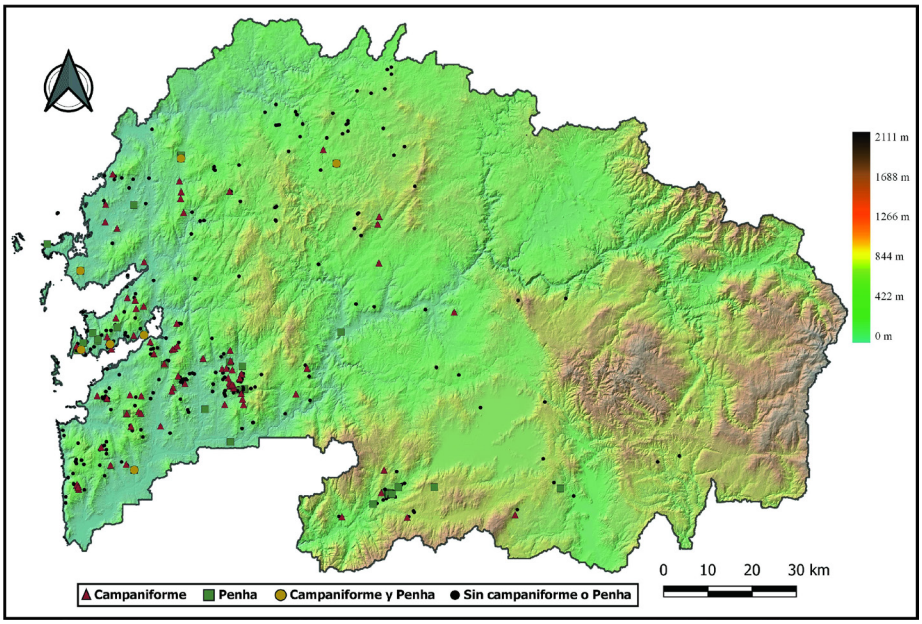


Fig. 11. Mapa de distribución de las familias cerámicas tipo Penha y campaniforme en yacimientos domésticos del área de estudio

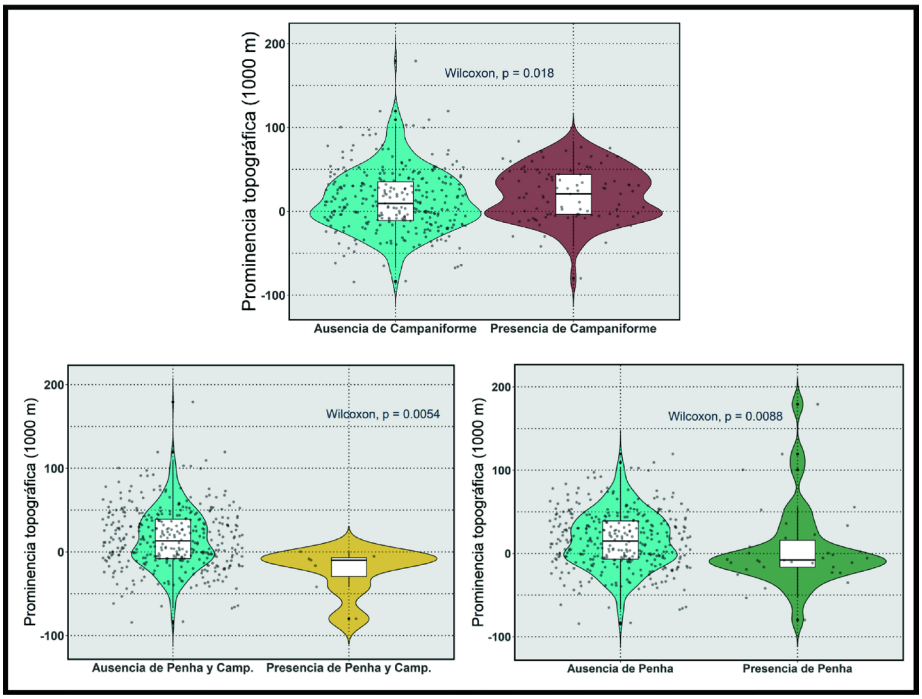


Fig. 12. Gráficos de violín y de caja con la prominencia topográfica a 1000 metros de los sitios Penha y campaniforme con el resto de yacimientos

Tabla 3. Medianas de las variables locacionales que ilustran las diferentes preferencias de ubicación entre los tipos de yacimientos según el test Kruskal-Wallis. La abreviación «ns» hace referencia a los valores sin significación estadística

Tipologías	Prominencia a 1000m	Índice humedad	Uso intensivo	Uso extensivo	Uso nulo
Área de actividad	-5.2	ns	ns	ns	ns
Asentamiento	ns	ns	55.9m	ns	ns
Dispersión	17.9	6.51	830m	0m	943m
Hallazgo	ns	7.05	412m	ns	700m

Tabla 4. Medianas de las variables locacionales que ilustran las diferentes preferencias de ubicación entre los clusters según el test Kruskal-Wallis. La abreviación «ns» hace referencia a los valores sin significación estadística

Clusters	Prominencia a 1000m	Índice humedad	Visible sky	Sky View Factor	Wind Effect	Índice de Rugosidad
1	ns	ns	96.6	ns	ns	1.32
2	20.9	6.6	94.5	0.987	ns	2.1
4	-12	ns	ns	ns	0.961	ns
6	47.5	ns	ns	ns	ns	ns
8	-13.1	ns	ns	ns	ns	ns
12	ns	7.9	96.7	0.996	ns	ns
13	ns	ns	ns	ns	1.27	ns

Tabla 5. Medianas de las variables locacionales que ilustran las diferentes preferencias de ubicación entre los sitios con presencia y ausencia de cerámicas Penha y campaniforme según el test Mann-Whitney-Wilcoxon. La abreviación «ns» hace referencia a los valores sin significación estadística

Hábitats	Prominencia a 1000m	Prominencia a 100m	Sky View Factor	Wind Effect	Uso intensivo	Uso extensivo	Uso nulo	Distancia a ríos	Pendiente	Índice humedad	Altitud
Ausencia Penha	14.90	ns	ns	1.15	727m	0m	943m	ns	ns	ns	ns
Presencia Penha	-7.67	ns	ns	0.963	0m	234m	1382m	ns	ns	ns	ns
Ausencia Campaniforme	9.38	ns	ns	ns	649m	0.1m	918m	437m	6.15º	6.53	ns
Presencia Campaniforme	20.90	ns	ns	ns	925m	0m	1340m	522m	5.19º	6.88	ns
Ausencia Penha y Campaniforme	13.30	0.714	0.99	1.14	675m	ns	ns	ns	ns	ns	362m
Presencia Penha y Campaniforme	-9.81	-1.9	0.979	0.81	0m	ns	ns	ns	ns	ns	58.2m

BREAKING THE BORDERS OF THE MEDITERRANEAN NEOLITHIC. SCHEMATIC ART IN IBERIAN MEGALITHS

PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ*
ROSA BARROSO BERMEJO**
RODRIGO DE BALBÍN BEHRMANN***

Abstract: *The study of Iberian megalithic art has long demonstrated not only the contemporaneity of its engravings and paintings but also that both types of art are equally ancient in the post-glacial context. The iconography on the megaliths combines the largest amount of human images in hunting scenes, lineage and social aggregation of Iberian schematic art, if compared to the total number of sites. Interior and western regions of the Iberian Peninsula are presented here as key areas to discuss the elaboration of human imagery inherited from patterns that characterized the end of the last Ice Age. An integrative interpretation of open-air sites (engraved rocks, painted rock shelters, stelae, menhirs) and megaliths (stands, stelae, statuettes, decorated vessels) blurs classical Atlantic-Mediterranean boundaries. The role of Iberian images in Europe's funerary contexts is then more relevant than what has been attributed to them in the inventories of the last century.*

Keywords: *Megaliths; Symbol interaction; Neolithic; Human images; Scenarios of the dead.*

Resumo: *O estudo da arte megalítica ibérica tem mostrado, desde há longa data, não somente que as suas gravuras e pinturas são contemporâneas, como a antiguidade de ambas as manifestações no contexto pós-glaciar. A iconografia nas paredes dos megálitos combina a maior quantidade de imagens humanas em cenas de caça, linhagem e agregação social da arte esquemática ibérica, se comparada com o número total de sítios. As regiões interiores e ocidentais da Península Ibérica são apresentadas aqui como áreas-chave para discutir a elaboração de imagens humanas herdadas de padrões que caracterizaram o fim da última Idade do Gelo. Uma leitura integradora de grafismos ao ar livre (rochas gravadas, abrigos de rocha pintados, estelas, menires) e megalitismo (suportes, estelas, estatuetas, vasos decorados) esbate os limites clássicos Atlântico-Mediterrâneo. O papel das imagens ibéricas em contextos funerários da Europa é, pois, mais relevante do que refletem os estudos do século passado.*

Palavras-chave: *Megálitos; Interação simbólica; Neolítico; Imagens humanas; Cenários da morte.*

1. INTRODUCTION

The study of symbols that accompany the groups of Late Prehistory in the Iberian Peninsula has been conditioned by various historiographic factors that frames the ideological basis of distinction between a Mediterranean Iberia, with Cardial Neolithic, and an Atlantic Iberia, with megaliths. Both readings were accompanied by cultural sequences

* Area de Prehistoria. Universidad de Alcalá. Spain. Email: p.bueno@uah.es.
** Area de Prehistoria. Universidad de Alcalá. Spain. Email: rosa.barroso@uah.es.
*** Area de Prehistoria. Universidad de Alcalá. Spain. Email: rodrigo.balbin@uah.es.

in which coastal navigation would have connected the east with the west of the Iberian Peninsula, assuming the demographic vacuum of the interior lands[1].

Late iberian Prehistory was built on two repetitive constants. On the one hand, large gaps located in some territories from the beginning of the Upper Palaeolithic (Meseta, atlantic façade, Andalusia) were reinforced in the first Neolithic (Meseta, atlantic façade, Andalusia, Cantabria and Galicia). On the other hand, there was a struggle between «Mediterranean civilization» and the indigenous emulation in later moments[2], in which Megalithic expressed the late arrival of the Neolithic to the Atlantic areas. These hypotheses have gone through various transformations regarding both ancient Neolithic and Megalithic contexts. In both cases, there are differences in concept and interpretation between Iberian archaeology and that of the rest of Europe[3].

Although the panorama is beginning to expand, a part of research in Iberia continue to read the Neolithic Mediterranean as the only «colonizing force» in this territory, rather than considering the vast diversity of the previous local peoples and their multifocal development as demonstrated throughout the rest of Europe. On the contrary, the integration of the Iberian Megaliths in the Atlantic context has widened the range of more complex options. The most evident of these is the idea that the pre-Megalithic sites present versions of the first Neolithic not necessarily Cardial or in which the Cardial is part of more diverse records[4]. Currently, chronologies of the Iberian Neolithic in unexpected places like the Atlantic façade, Andalusia, or the Pyrenees demand a serious reflection on the unique role of the cardial to explain the oldest settlements of Iberian farmers. While there are many elements to consider, we are most interested in illuminating the role of graphic formulas with strong palaeolithic roots perceptible in the parietal and mobile art, but also in the decoration of the first ceramics[5].

The Iberian Peninsula, with its rich repertoire of decorated sites from the Palaeolithic to the Iron Age, is a key area to consider when studying more dramatic symbols of Palaeolithic art, the role of rock-shelters with schematic paintings, the chronology and geographical implantation of elaborated scenes of death in the European megaliths, or the presence of human images on diversely sized supports in these contexts[6].

We begin with the notion that schematic graphics are the consequence of solid learning systems and the transmission of techniques, themes, supports, and territories

[1] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2009.
[2] ALMAGRO BASCH, ARRIBAS PALAU, 1963.
[3] LAPORTE, BUENO RAMÍREZ, 2016.
[4] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2016: 162; CHAMBON, 2003; JOUSSAUME, 1981; SANCHES, NUNES, 2004.
[5] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2016; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2022.
[6] BARROSO BERMEJO, 2020; BUENO RAMÍREZ, 2020; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2005; HOFFMAN, 2020; SCARRE, 2020.

anchored in the oral tradition of Upper Palaeolithic hunter groups. Marking the sites with images that make them recognizable for both locals and strangers is one of humanity's oldest social customs[7]. From that point of view, the Mediterranean and Atlantic borders — arguably established through the colonization of Oriental or Mediterranean groups — are blurred. This text aims to explore the weight of the formulas associated with presumably Mediterranean schematic art in the more Atlantic context of post-glacial Iberian repertoires: the megaliths.

2. BETWEEN MEDITERRANEAN NEOLITHIC AND ATLANTIC MEGALITHIC BUILDERS: PAINTING AND ENGRAVING

A classical reading suggests that the supposed foreigner's arrival included the origin of a symbolic system captured in the territory by means of painted rock-shelters[8]. Two basic parameters were needed to assume this hypothesis. The depopulation after the Upper Palaeolithic, as we have already pointed out, would justify the total disappearance of Palaeolithic Art. In this hypothesis, schematic art paintings would be a new form of decoration without any inclusion of previous historical experiences. Along with this, it was assumed that the expansion of painted schematic art happened alongside the expansion of the first Neolithic ceramics. Two concepts were brought together in the same materiality of painted rock-shelters: that the technique of painting on parietal supports was a foreign novelty, and that this way of becoming visible in the landscape marked the advancement of the Cardial Neolithic. It was only available to those who had gotten in contact with the first Neolithic technologies. The concepts of demographic absence and colonization would characterize the position of Iberian schematic painting well into the 20th century.

At the end of this century, several novelties come together to strongly nuance and, in some cases, to dissolve the univocal relationship between rock-shelters with painted schematic art and the first Neolithic settlers in the Iberian Levantine. On the one hand, direct chronologies and archaeological contexts confirm that Palaeolithic art did not disappear but rather transformed and adapted to new contents[9]. These data cannot be separated from the reality that the supposed Epipalaeolithic and Mesolithic depopulation is not sustainable to current knowledge[10]. On the other hand, schematic painted art does not stick to the classical areas of expansion of the Neolithic Levantine — essentially

[7] BUENO RAMÍREZ, 2009; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2020.
[8] ACOSTA MARTÍNEZ, 1968; MARTÍ OLIVER, HERNÁNDEZ PÉREZ, 1988.
[9] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2016, 2020; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, ALCOLEA GONZÁLEZ, 2007, 2009; RIVERO, RUIZ LÓPEZ, 2018.
[10] FERNÁNDEZ-LÓPEZ DE PABLO *et al*., 2019; PARDO-GORDÓ, CARVALHO, 2020; PEYROTEO, 2016.

Andalusia, in the classical thesis — but covers almost all of Iberia[11]. The same can be said of the Cardial ceramics detected in unknown areas and associated with other non-Cardial ceramics, but with ancient chronologies and decorations related to Schematic Art[12].

These two major changes cannot be properly assessed if they are not related to the evolving study of first farmers in the rest of Europe. The documentation of schematic paintings in unknown European settings reveals a reality with deep roots in the systems inherited from the hunters of the European upper Palaeolithic to mark the territory[13]. This evidence does not prevent us from defining areas of connectivity based on the analysis of the most outstanding symbols.

The Iberian west façade — referred to as the birthplace of Atlanticism by some authors — was one of the supposedly unpopulated sectors. There would be no Upper Palaeolithic populations, despite rich Epipalaeolithic and Mesolithic evidence of the shell middens of the Tajo and Sado. There would not be a first Neolithic phase in the Atlantic territories, either.

Advances in research have been devastating for these hypotheses. The repertoire of hunting sites from the Upper Palaeolithic has transformed the image of depopulated sectors. These sites are accompanied by impressive open-air Palaeolithic art, unique in its intensity as far as Europe goes[14].

The same has occurred in the rest of Atlantic Europe. The population of the Upper Palaeolithic has symbols such as those recognized in classical contexts with a long chronology[15]. A pre-Neolithic phase is also documented, which sometimes is present with cardial characteristics. Therefore, megaliths are part of the Neolithic sequences in Europe and not a late product of the resilience of coastal Mesolithic groups. Recently, the discovery of paintings, with direct dating on the supports of megaliths from the Atlantic coast beyond Iberia, creates a reasonable expectation about the presence of schematic art in these regions[16].

In the Iberian Atlantic façade, schematic painting is discovered insofar as prospecting is carried out with specific objectives. The working hypotheses based on the information obtained from the study of Megalithic art have been very positive. The integration of the techniques and themes of documented images on schematic art Megalithic

[11] BALBÍN BEHRMANN, BUENO RAMÍREZ, 2016; BUENO RAMÍREZ *et al*., 2006, 2009; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2016a; FIGUEIREDO, BAPTISTA, 2013; LANCHARRO GUTIÉRREZ, BUENO RAMÍREZ, 2017; MARTINS, 2013; RODRÍGUEZ RELLÁN, FÁBREGAS VALCARCE, CARRERA RAMÍREZ, 2019; SANCHES, 1990, 2016; SANTOS, CRUZ, BARBOSA, 2017; SASTRE BLANCO, 2006; UTRILLA-MIRANDA *et al*., 2016.
[12] ALDAY *et al*., 2019; CARRASCO RUS *et al*., 2015; CARVALHO, 2019: 20; DINIZ, 2011; FÁBREGAS VALCARCE *et al*., 2019.
[13] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2020; DEFRASNE *et al*., 2019; LAHELMA, 2006.
[14] BALBÍN BEHRMANN, BUENO RAMÍREZ, 2009; GAMEIRO *et al*., 2020.
[15] FIGUEIREDO *et al*., 2020; NAUDINOT *et al*., 2017.
[16] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2016b; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2022.

supports led us to model survey systematics for the detection of paintings and open-air engravings contemporary to these funerary versions[17]. These results encouraged targeted surveys in sectors with a visible abundance of decorated megaliths, supposedly without open-air painted rock-shelters[18]. The case of Galicia is the most revealing, as recent discoveries of decorated rock-shelters have been carried out. It is reasonable to expect similar discoveries in Huelva, where the knowledge of painted megaliths has increased notably in recent years[19].

3. UPDATING QUESTIONS ABOUT BORDERS IN ATLANTIC POST-GLACIAL ART

Concentric circle engravings have been described as the most identifying item in Atlantic art. From the works of Herity[20] to the most recent readings, these concentric images have been associated with an Atlantic art that in the British Isles has been powerfully developed in both megaliths and open-air, on rocks and on menhirs[21]. These forms constitute a compact series in which deep engravings — sometimes accompanied by abrasion — reach a high degree of expressiveness through the strong contrast of light and shadow on the surface of the supports. Any light, of the sun or fire, would produce an impression of *chiaroscuro* and movement.

The item that most characterizes Mediterranean art is the human image that, in various schematic versions, stars in a great number of painted decorations.

This focus on two themes — complex engraved circles and painted human images — has eschewed the representativeness of anthropomorphic supports in the Atlantic area, in the case of steles, figurines and menhirs[22]. In the same way, general interpretations have marginalized equivalent graphic formulas (concentric circles) in other areas of the Iberian Peninsula[23].

The search for Atlanticism in the Iberian Northwest was centered on the Galician petroglyphs, an increasingly large group of open-air rocks whose study has advanced the definition of their territory and modes of documentation, even with little knowledge of their archaeological contexts[24]. Two iconographic aspects are outside the scope of Atlanticism in the Iberian Northwest. The first is the wide relationship between

[17] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1992: 559; BUENO RAMÍREZ *et al*., 2006; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2004, 2008, 2009a; ROGERIO-CANDELERA *et al*., 2018.
[18] BUENO RAMÍREZ *et al*., 2012: 124.
[19] BUENO RAMÍREZ *et al*., 2018; RODRÍGUEZ RELLÁN, FÁBREGAS VALCARCE, CARRERA RAMÍREZ, 2019; SANTOS-ESTEVEZ, TEJERIZO-GARCÍA, ALONZO TOUCIDO, 2020.
[20] HERITY, 1974.
[21] BRADLEY, 2020: 57; SHEE-TWOHIG *et al*., 2010.
[22] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2015: 57; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2018; KOHRING, 2013; L'HELGOUACH, 1983; SCARRE, 2009; THOMAS, 2005.
[23] BUENO RAMÍREZ *et al*., 1998; GUIDOTTI *et al*., 2011; GOMES, 2004.
[24] SANCHES *et al*., 2021; RODRÍGUEZ RELLÁN, FÁBREGAS VALCARCE, CARRERA RAMÍREZ, 2019.

concentric circles and deer, which is unparalleled in the panels of the Atlantic façade. However, some painted panels from the South propose interesting references, the most famous of which are on the shelters in the surroundings of Tajo de las Figuras, Cadiz. On the other hand, scarce representation of concentric circles appears in the decoration of that sector's megaliths. In any case, we will remember that until documentation was updated, the wide register of paintings in Galician dolmens was not recognized[25], so it is feasible that more engraved concentric themes will be recognized when documentation is implemented to study the engravings in the Galician megaliths. We have already pointed out some signs of contemporaneity between megaliths and petroglyphs[26], which should be purely logical in the context of the hypothesis about the impact of Atlantic art in Galicia. Nevertheless, megaliths with concentric circle decorations have outstanding examples in the Bay of Biscay, Catalonia and Andalusia[27]. This evidence does not appear exclusively on the supports of the dolmens, but also on open-air outcrops or in rock shelters, as well as on some stelae[28].

If we extend this hypothesis to the North of Portugal, as it has been done in recent years[29], the presence of open-air sites is also remarkable. The dolmens of Aboboreira and Portela do Pau 1 with painted concentric circles and the other engraved[30], are added to the painted concentric circle of the dolmen of Arquinha da Moura, supported by a human figure, and to repeated semicircular forms of the Mamoa de Taco[31], Viseu, which we also know from the necropolis of Montefrio, in Granada, associated in all cases with human figures[32]. The first two monuments have chronologies from the V/IV millennium BC, confirming the antiquity of these open-air formulas[33]. This antiquity is fully ratified in the rest of the European Atlantic, where concentric circle decorations are dated from the V millennium BC in the wooden post of Maerdy[34], and oldest chronologies for the monument of Gavrinis[35] are also known.

Transferring this variability to other material contexts, the anthropomorphic figures that accompany a good part of the Iberian Megalithic deposits were supposed

[25] CARRERA RAMÍREZ, 2011.
[26] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1992.
[27] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2007, 2009b; BUENO RAMÍREZ *et al*., 2009, 2013; VEGA DEL SELLA, OBERMAIER, 1926.
[28] ACOSTA MARTÍNEZ, 1968: 119-121; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2009a; MOYA I GARRA, MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, LÓPEZ-MÉLCION, 2010; REDONDO ORTEGA, MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, 2021.
[29] ALVES, REIS, 2009.
[30] JORGE *et al*., 1997; SOUSA, 1988.
[31] ALVES, CARVALHO, 2017.
[32] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2013: 38.
[33] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1992, 2002; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2007: 596; CRUZ, 1995.
[34] JONES, 2013.
[35] CASSEN *et al*., 2016.

to be absent in the Northwest until the discovery of the Dombate dolmen, Galicia, which authenticated an increasing number of anthropomorphic stone pieces and simple pebbles from the Mesolithic tradition[36]. From its northwestern adscription to its current location, today we know that these figurines also appear in the Cantabrian Sea[37], as well as in many megaliths of the South, especially those positioned in its external areas[38]. The records continue to grow: Chã de Arcas, Vila Real, Alcalar and Cabeço da Anta, Proença-a-Nova (Portugal), Panoria, in Granada and dolmen de la Peña, excavated in 2020, in Antequera[39]. Its presence at Breton Megalithic sites, or in grouped menhirs in the same area[40] abounds with the idea that human images in the Atlantic Megaliths have a greater role than once assumed in classical hypotheses. Some of these pieces show eyes by means of concentric circles, as in the classical Iberian *idol's* typologies, adding a positive argument to value some of the complex circles as solar representations.

There has also been an increase in the documentation of steles inside tombs. Known through the publications of Crato and Nossa Senhora da Esperança[41], we have maintained their role in the construction of Megalithic scenarios. The painted clay stele of Montelirio, Seville, is added to those recently detected in Panoria or in Cabeço da Anta to confirm their role in the megaliths, without forgetting other stelae outside dolmens[42]. Among these — Pena Tú, Tabuyo, Sejos — we will not fail to acknowledge that they are partially detected on panels of Galician petroglyphs[43], adding another element that appears equally in Megalithic contexts of the South and North of the Peninsula, including petroglyphs. In this sense, we proposed to classify these decorated rocks of the Northwest as panel-stones, a system that we know well in sets of open-air engravings in the Alps[44].

The case of the stele of Bury, in the tomb of the same name, is added to the case of the stele at the entrance of some chambers of Barnenez's tumuli, or to several other pieces at New Grange, to support the hypothesis that the megaliths combine the greatest technical and thematic richness in all known post-glacial art[45]. All are in liminal places within the tombs, in some cases positioned exactly at the point of entry of the sun at the solstices and equinoxes[46]. The role of human images as orthostats or covers adds

[36] BELLO DIÉGUEZ, 1995; ARIAS CABAL, 1990.
[37] BUENO RAMÍREZ *et al*., 2009.
[38] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2005: 632.
[39] BUENO RAMÍREZ 2020; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2007; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2011; FÁBREGAS VALCARCE, RODRÍGUEZ RELLÁN, PAZ CAMAÑO, 2020; PARREIRA, MORÁN HERNÁNDEZ, 2021; SANCHES *et al*., 2021.
[40] BENETEAU-DOUILLARD, 2012; GIOT, 1987; KOHRING, 2013; LARGE, 2010.
[41] BREUIL, 1917.
[42] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2005: 589.
[43] FÁBREGAS VALCARCE *et al*., 2004.
[44] ARCÁ, FOSSATI, 2006.
[45] BUENO RAMÍREZ *et al*., 2019.
[46] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2000; BUENO RAMÍREZ *et al*., 2016a.

sculptural records either taken from ancient sites or made to compose a scene of very elaborate supports, an aspect applicable to all the Atlantic Megalithic[47].

It is widely accepted that the art of European megaliths is considered Atlantic[48]. The typical characterization of megalith decorations as geometrical engravings has contributed to the definition of Atlantic art, which includes the series of concentric undulations and concentric circles[49]. These series are well documented in contemporary chronological movable materials, specifically in the LBK ceramics, whose documentation in Brittany cannot be isolated from the close relationship established between its oldest tumuli[50] and the way of building/designing Danubian houses. The decorations' connections in horizontal or vertical wolf tooth bands are clear in the Neolithic ceramics of the cardial area. These ceramics are also documented in Brittany and Iberia, along with other evidence related to LBK groups[51]. On the other hand, in the British Isles, concentric circles have been related to the Carrokweel type pottery and with Groved ware[52], a reference to the III millennium for the expansion of ancient roots themes. Still, we should not forget that the dates of megaliths decorated in the UK reach the first half of the IV millennium BC[53].

The circulation of prestigious raw materials, which points to the movement of variscites between Huelva, Zamora and Brittany, is not alien to this cultural picture. The documentation of painting in Breton and Northern French megaliths, with direct data on the pigments, corroborates the dynamic role of Iberia in the symbolism of Atlantic megaliths opening new lines of research to confirm the real impact of these techniques and their themes in the northern area of the Atlantic façade[54]. Some of the pigments are part of circuits like those of prestigious objects, another novelty that will produce more knowledge as the characterization of pigments in painted decorations of megaliths is extended. Now, we can confirm that since the beginning of the IV millennium, the Iberian Megalithic tombs present cinnabar (bright red) in the coloring of corpses and deposits, which includes some anthropomorphic figures[55]. The cinnabar coming from the mines of Almadén in the interior of Iberia had been used since the oldest Neolithic[56], reaching the South of France and forming part of the colorations of anthropomorphic pieces associated with megaliths[57]. In this case, the role of Iberia in the generation of these rituals is convincing.

[47] BUENO RAMÍREZ *et al*., 2016b; L'HELGOUACH, 1996; SCARRE, 2009; SHEE TWOHIG, 1981:126; STOUT, STOUT, 2008.
[48] SHEE TWOHIG, 1981.
[49] SHEE TWOHIG, 1981:113.
[50] CHAMBON, THOMAS, 2010.
[51] BORIĆ, PRICE, 2013.
[52] SHEE-TWOHIG, 1981: 125; SHERIDAN, 2004.
[53] WYSOCKI *et al*., 2013.
[54] BUENO RAMÍREZ *et al*., 2012; 2015a; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2019; HERNANZ *et al*., 2016.
[55] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2010; BUENO RAMÍREZ *et al*., 2016b.
[56] HUNT *et al*., 2011.
[57] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2019; D'ANNA, 2015; MASSON *et al*., 2020.

Recent discoveries ratify the suggested contemporaneity of a certain combination of symbols in the same territories. Painted rock-shelters, steles, menhirs, and anthropomorphic portable pieces, as well as open-air engravings and the rich decoration of some dolmens, assert a greater versatility of so-called Atlantic art in its supposed focal zone (specifically the Iberian Peninsula). These confirmations should create a more nuanced discussion. The data on megalithic art, its techniques, and its direct chronologies, constitute the most convincing argument for a multifocal reading, far from the Atlantic/Mediterranean dichotomy that has been increasing in recent years. The border line is being moved (further north or west), a resource that will soon prove ineffective, in accordance with the progress of the records[58].

Perhaps the most realistic question at our current state of knowledge should focus on explaining some of the differences between all areas of the so-called Atlantic art present in the megaliths. The British Isles have been characterized by their almost exclusively geometrical contents. But there are other themes (weapons and objects), in addition to suns that are hidden in portable art[59]. These contents are badly compared with those of French Brittany. Its dolmens contain narrative themes easily connected to those of the Iberian menhirs, especially human images accompanied by axes and crocks. Both objects are part of funerary deposits, but as its materiality have only been documented in the Iberian Peninsula[60]. Considering that some of the axes detected in Brittany could have come from the area of the Alps[61], the connectivity between the Atlantic façade is compatible with its interactions with the continent. Thus, we perceive a rich and varied cultural background that allows us to understand the presence of concentric circular themes in outstanding megaliths of Iberia, Brittany and the British Isles, sometimes clearly related to human figures, from engraved and painted images, to figurines or steles and menhirs sometimes as part of their supports. Axes, crocks, snakes, and concentric circular themes (perhaps related with sun images) are basically contemporary forms sometimes associated with angular geometric content. Other themes such as suns and human images — including the steles engraved on the hypogea of the Marne — fit into the Iberian theme, pointing to similar chronologies in the advanced IV millennium or III millennium[62].

Focusing on the Iberian Peninsula, the northwestern zone does not respond to the exclusive geometrical contents described in traditional historiography (concentric themes in the open-air and in dolmens). In the case of open-air engravings, the thematic variety is greater than the classic Atlantic: concentric circles, a panoply of weapons, arms

[58] ALVES, REIS, 2009: 67; SANTOS-ESTEVEZ, TEJERIZO-GARCÍA, ALONSO TOUCIDO, 2020.
[59] BARROSO BERMEJO, BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2021; EOGAN, 1999; JONES, DÍAZ-GUARDAMINO, 2019.
[60] BUENO RAMÍREZ, 2020.
[61] CASSEN *et al*., 2019.
[62] ARMITAGE *et al*., 2020; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2022.

and animals or authentic steles reiterate formulas of schematic art, whose extension at sites with open-air engravings is known in areas such as the mountainous landscapes of the Alps[63]. Therefore, the levels of connectivity indicated by their iconography are wider. The variability of the so-called Atlantic art is confirmed without difficulty in different areas of Europe, when carrying out detailed studies[64].

The answers are not simple, but they must emerge through studies that integrate the graphic versions in each of these territories. Offering panoramic views of one type of record without combining it with the rest leads to hypotheses that are distorted when handled in broader contexts — contexts that are necessary to overcome a discussion that is sometimes observed as circular. We could even hyperbolize and affirm that the data on open-air art, in megaliths, stelae and menhirs of the northwest of the Iberia do not fit the definition of Atlantic art when considered together because they follow the classical hypothesis.

4. IBERIAN MEGALITHIC ART AS A CASE STUDY OF SCHEMATIC ART

We argue that megalithic art is the funerary facet of schematic art, a hypothesis that recent inventories have confirmed[65].

E. Shee's inventory established the difference between Iberian Megalithic art and that of the rest of the Atlantic façade, in images of a narrative style. The author explained that the Iberian Mediterranean facet would be characterized by its use of painting[66]. The group of painted dolmens in Viseu, in the North of Portugal, represented this facet. Anthropomorphs, suns and snakes, in that order, were added to more «Megalithic» forms assumed to be Atlantic, especially angular, or circular geometric decorations, as well as objects. The most outstanding was a piece with a double body, trapezoidal-triangular associated with a «handle». The author called it «the thing» because we do not know the real piece it represents, as happened for a long time with «l'objet» carried by the statues-menhir of the South of France. The *thing* is one of the oldest decorations in the Galician and Northern Portuguese megaliths, generally on menhirs and reused steles[67]. This antiquity is comparable to the formulas that have been named this way in the French Brittany. So far, the Iberian ones are quite like to each other, with identical working techniques and average sizes. On the contrary, the Breton ones are more varied in size and form, having even proposed that they could represent sperm whales[68].

[63] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2005; BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2009: 902.
[64] VALDEZ-TULLET, 2019.
[65] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1992: 561; 2006a; BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2013, 2016a; SANTOS, CRUZ, BARBOSA, 2017.
[66] SHEE TWOHIG, 1981:13.
[67] BARROSO BERMEJO, BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2021; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2016b.
[68] CASSEN, VAQUERO LASTRES, 2003.

In all the human images documented in the Iberian dolmens, the variety of schematic art is gathered from the most naturalistic figures to the most abstract, with the wide documentation of scenes being one of its most revealing elements.

In the naturalistic images, the filler painting has an outstanding role, in front of the contour paintings that characterize the most schematic figures of ramiforms[69], cruciform[70], anchoriform[71] or beside the human types deemed schematic by P. Acosta[72]. These forms appear equally in the North and in the South of the Peninsula, sometimes proposing remarkable specializations, which also happens with open-air schematic art[73].

The Viseu group was positioned as a naturalistic pictorial group in the general evaluations. But a detailed analysis, aside from revealing the prominence of engraving in these sites[74], points to the close contemporaneity between the more naturalistic and more schematic versions. As in the rock-shelters, the sun and occasional exhibitions of hunting or lineage are the protagonists of funeral discourses. Therefore, the funeral scenes not only show forms and techniques comparable to those of schematic painted art, but also share their most defining themes.

E. Shee[75] highlighted the prominence, in the painted dolmens of Viseu, of a motif that she called skeuomorphic because of its relationship to stretched skin. Open arms, sometimes raised, a prominent head (one wearing a cap or an ornament), a wide body with a garment that reaches the feet and, sometimes, an indication of the male sex. Its outstanding size and static position facing the spectator in the front of the chamber (normally in its upper third), define a character that attracts the eye, especially if we consider that it would receive sunlight because of its position in the chamber. To our current knowledge, these characters reach a great level of representation in the indicated area and begin to have evidences in Galicia. At least one of them is dated in very old chronologies: Anta do Serramo[76].

These characters share the stage with other naturalistic and schematic human figures whose number is especially outstanding (Fig. 4).

The first discovery of a hunting scene in Lubagueira came to be interpreted as a rare case of Levantine art[77]. Today, they are common in the iconographic Schematic

[69] Chão Redondo and Pedralta (Northwestern Iberia), Vega del Guadancil, Toniñuelo, Maimón I, Magacela (Southwest Iberia), Dolmen of Piat, Mané Bras (France), Lougcrew (Ireland).
[70] Castiñeira 1, Forles (Northwestern Iberia) adding to their dispersion in the parietal schematic art in the South Iberia, following ACOSTA MARTÍNEZ, 1968: 199.
[71] Menga, Viera, Pozuelo 2, necrópolis de las Aguilillas, Cortijo de Alcaide (South Iberia).
[72] ACOSTA MARTÍNEZ, 1968: 191.
[73] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1997a.
[74] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1992: 515-521; CARVALHO, ALVES, 2018: 445; SANCHES, 2009, 2010; SANTOS, CRUZ, BARBOSA, 2017.
[75] SHEE TWOHIG, 1981.
[76] CARRERA RAMÍREZ, FÁBREGAS VALCARCE, 2002; STEELMAN *et al*., 2005.
[77] LEISNER, RIBEIRO, 1968.

art repertoire explicit in megaliths, engravings and open-air paintings[78]. These are scenes of a narrative nature related to deer hunting, accompanied by dogs, and carried out with bows and arrows. The deer hunting scene in Lubagueira's L6 is very close to the best preserved one in Juncais' C1 upright, or the more recently documented one in Arquinha da Moura. The anthropomorphs of these scenes with zoomorphs coincide with two representations of skeumorphs. The most outstanding is in the front of Arquinha da Moura, also accompanied by deer in the upper part, and undoubtedly male[79]. Juncais is the site, until now, with most anthropomorphic representations since it adds two skeuomorphs and six more anthropomorphs. Juncais also combines several anthropomorphs.

Arquinha da Moura gathers revealing iconography of the combination we have described. A skeumorph in a preeminent and central position is surrounded by schematic anthropomorphs, sometimes with bows and arrows that shoot deer, which are set off by dogs. The scene is arranged by means of small figures in lateral perspective, while the central character is read in a frontal perspective. The concentric circular form carried by the central human image of Arquinha da Moura would fit in the «Atlantic art» definition. We will add that deer hunts are well documented scenes in both painted and engraved schematic art. The famous scene of the anthropomorphic figure engraved in the Tagus River who raises a dead deer associated with a sun would fall within these narratives[80]. In the same territory, the decoration of the schematic deer and sun of the dolmen of Maimon, in Alcantara, probably alludes to hunting[81].

In other cases, the human figures show binary associations. In these pairs, it is common that a character is older than another, with slightly arched legs and arms down in an attitude of dynamism, which is also seen in the solitary individual engraved in the dolmens of A Golada or Afife[82]. Although these figures tend to be in the front area of the chamber, there is more positional variability than those known so far by the skeumorphs. Sometimes they are arranged in clearly hierarchical situations «welcomed» by a large skeuomorph, as in the support of Arquinha da Moura. The double groups of the support C16 of Orca do Tanque are very indicative of binary associations. Both pairs show a remarkable dissymmetry in size between components, and the one below presents the character on the left as a skeuomorph smaller than the most common. It's reasonable to suppose that these differences mark the gender of the images. Valuations in relation to aggregations of individuals connected by lineage, or couples of different sexes, as seems to be the case of Orca do Tanque, point out the variability of these associations; as such, we should not discard relations between mothers and children, as in the

[78] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2006a, 2006b.
[79] SHEE TWOHIG, 1981: Figs. 45-47.
[80] GOMES, 2000.
[81] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2006b; LÓPEZ-MONTALVO, 2018.
[82] FÁBREGAS VALCARCE, PENEDO ROMERO, 2001; SILVA, 1997.

famous couple of the Minateda rock-shelter in Albacete or the couples and scenes of the Cova del Demo in Asturias[83]. The rock-shelter of Fraga d'Aia in Northern Portugal, with its naturalistic human images, has also been proposed as a reference for Megalithic paintings[84]. It should not be overlooked that schematic art has abundant naturalistic human images, sometimes associated with suns and oculars. A good example is the funerary rock-shelter of the Penya Escrita, in Alicante[85].

Padrao's individuals, painted in red with black details and wearing a tight tunic at the height of the belt and a band that goes to the back, is a special case that references how to carry a bow or some other object. His close relationship with snakes' themes fits into another of the Megalithic thematic areas. From its oldest expressions, the statue-menhir of Navalcán, Toledo, explicitly verifies the association reiterated by open-air menhirs, as we have pointed out above. Snakes and human figures are part of the Iberian and Breton Megalithic iconography[86].

Some figures related to the version of the «idol», in Brittany, are present in Iberia — for example, in the uprights of Huelva's dolmen of Soto, either in the form of a stele incorporated into the monument (I19 support) or in its version of a trapezoidal figure with projected lines, as also appears in the dolmen of Escariz (Northwest Iberia). Its similar figures, associated with long appendices, have been pointed out in some Galician petroglyphs[87]. The C14 data of a trapezoid with a vertical appendix in the Villevenard hypogeum[88] was painted in carbon black on a simple engraved trapezoid shape, offering an interesting case study of these sequences (engraving/painting) that allows us to link the presence of an appendix, a figure from the III millennium BC.

Other schematic human figures in Iberian Megalithic decorations are associated with one another. This is the case of the great branch-shaped dolmen of Maimon 1 in Alcantara, with a sun on its head and more branches beneath — an association repeated in the monuments of Vega del Guadancil and Toniñuelo with solar and ocular figures. These are all well-known types of schematic art from the southwestern region[89]. Some more abstract forms like reticulates have been related to these ramiforms, categorized as inscribed ramiforms. In any case, there is no doubt that they belong to the repertoire of schematic art and their engraved[90] and painted[91] versions appear in megaliths of the North and South of the Peninsula. The reticulated/ramiform stele on the front

[83] BLAS CORTINA, CARROCERA FERNÁNDEZ, 1985.
[84] SANCHES, 2009.
[85] BARCIELA GONZÁLEZ, 2020: Fig. 4; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1992.
[86] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1995.
[87] PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001.
[88] ARMITAGE *et al.*, 2020.
[89] ACOSTA MARTÍNEZ, 1968: 124; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2003.
[90] PIÑÓN VARELA, BUENO RAMÍREZ, 1983.
[91] SANCHES, 2001.

of the Cabeço do Bique 1[92], reveals a sculptural version that mirrors other forms in Megalithic contexts of the Southwest.

Some of the scenes starring the ramiforms fit with the hypothesis of lineage exhibition pointed out above, which has also been valued for scenes painted on the rock shelters. The engraved figures of the support D24 of the Soto's point to another scene of hierarchical aggregation of individuals[93]. The decoration on one of the upright paintings of Porto has been interpreted by Breuil as the sum of bitriangular and triangular figures like «almeriense» idols types. The presence of this kind of image inside a decorated plaque from the Lapa do Bugio is a convincing confirmation[94]. It is an interesting hypothesis that defines this support as another exhibition of lineage. This type of figurine is scarce in the North, but one piece from Arquinha da Moura[95] repeats formulas that are starting to be documented in Perdigoes[96], pointing to the IV millennium BC as a probable date of origin. The sculptural representation of one of the supports of the dolmen of Pozuelo 3, in Huelva, is related to these forms in its most naturalistic version[97].

An uncommon point of view — until now — reveals that the denominated «idols» of portable art associated with the iconography of the South and Southwest Iberia appear in the dolmens' orthostats of the Northwest. This is true in the case of the oculars, one of which was detected in one of the supports of the dolmen of Chã de Parada 1, in the Aboboreira mountain range[98]. Its arrangement in two very close circles is like that of the ocular painted in black in one of the jambs of the dolmen of Alberite, in Cádiz[99]. There is also an ocular painted on the front of the dolmen of Madorras. The presence of this type of form in painted northwestern Iberian rock shelters was expected in the framework of a series of findings among which circular forms and suns were present in the schematic art of Northern Portugal, as well as some of its megaliths[100].

In the South, the latest work on the famous reused stele of the dolmen of Soto further references the role of oculars in the iconography of this rich megalith[101]. The spectacular conservation of the tomb of Montelirio, in Seville, has cultivated binary associations, like those reflected in the anthropomorphs described above, in addition to its close relationship with the location of an exempt stele inside the chamber. The oculars painted in white, in the dolmen of Cabeço da Anta in Proença-a-Nova, are added to the engravings

[92] FAURE, SOUSA, 2005.
[93] BUENO RAMÍREZ *et al*., 2018: 183; MARTÍNEZ GARCIA, 1988.
[94] BREUIL, 1935; GONÇALVES, 2006.
[95] CUNHA, 1995; SANTOS, CRUZ, BARBOSA, 2017: 47.
[96] MILESI, LLISTERRI CARO, FERNÁNDEZ RUIZ, 2013.
[97] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2017.
[98] SOUSA, 1989; JORGE, 1992.
[99] BUENO RAMÍREZ *et al*., 1999.
[100] BUENO RAMÍREZ *et al*., 2012; CRUZ, VILAÇA, 1990; SANCHES, 2016; SANCHES, MORAIS, TEIXEIRA, 2016.
[101] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2018: 211.

in one of the monuments of Panoria, in Granada, with the interest that in both cases, they are also associated with liminal steles in central areas of both monuments.

The main representation of ordered geometrical decorations like those on decorated plaques is another example of the iconography of Megalithic art[102]. The organization in horizontal and vertical strips sometimes reiterates completely identical patterns, as in the case of the head support of Chão Redondo 2 (Northwest Iberia) and the plaque of El Esparralejo, in the Southwest area. In this context, the representation of a plaque in the front orthoset of Antelas provides a direct dating of the IV millennium for these objects whose greatest dispersion is in the Southwest[103]. Perhaps we can add the representation on the front of Mota Grande, although it recalls the technique of representations in the territory of Dombate. In any case, it is a monument that would require a detailed study due to the scraping technique used in the decoration of the dolmen of Portela do Pau, which we have detected in the re-study of the exempt menhir of chamber H of Barnenez's tumulus[104], one of the oldest pieces of this type recognized in the context of European megalithism. The sculptural sense of some supports is indisputable. This is true of the plaque with the outstanding head of the dolmen of Pozuelo 4, in Huelva, as well as the stele located at the access of the tholos of Palacio III, in Seville[105].

Decorated plaques also appear engraved on the supports of the Areita dolmen[106], adding one more version of these supposedly unknown movable objects in the North of Portugal. The plaques images of the rock shelter of Cachão da Rapa, the plaque with red paint on the dolmen of Madorras, the one of Mamaltar of Vale das Fachas[107] (decorated as one megalithic support), as well as the decorated plaque of Galicia[108], propose a greater representation of these iconographies than previously assumed. In this sense, the meticulous revision of small pieces of the monuments' external area will provide more data, since some of them repeat forms of the decorated plaques[109] or classic forms of the betiles that, as in the case of Madorras I, also carry painting[110].

If we put these data together, it seems reasonable to assume that the human images represented in the Iberian megaliths are a way of expressing the origins of the buried group, its links with other groups and its connections with ancestral pasts. In short, they are identifiers[111] that are exhibited in monuments that house the memory of generations.

---

[102] BUENO RAMÍREZ, 1992, 2010; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2002; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2005: Fig. 14.
[103] CASTRO, 1957; BUENO RAMÍREZ, 2020: 206.
[104] BAPTISTA, 1997; BUENO RAMÍREZ *et al*., 2015a: 64; JORGE *et al*., 1997.
[105] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2007, 2017.
[106] GOMES *et al*., 1998.
[107] ALMAGRO GORBEA, 1973; FIGUEIREDO, 2013; SANCHES *et al*., 2021; SANTOS JÚNIOR, 1934.
[108] BUENO RAMÍREZ, FÁBREGAS VALCARCE, BARCIELA GARRIDO, 2003.
[109] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2010; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2011.
[110] CRUZ, GONÇALVES, 1995.
[111] BUENO RAMÍREZ, 1992, 2010, 2020; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1997b; VALERA, 2020.

5. CONNECTING MATERIALITIES IN IBERIAN MEGALITHIC ART

Megalithic art in the Iberian Peninsula has allowed us to overcome certain discussions about post-glacial art. The most evident is that in which engraving and painting are distinguished as two mutually exclusive techniques. The decoration of the megaliths demonstrate their contemporaneity while allowing for precise superimpositions of themes and techniques, events of reuse and re-painting that have allowed directly dating[112]. These novelties also extend to other European megaliths, where the discovery of paintings opens expectations for a renewed reading of Megalithic iconographies and provides direct dating that confirms the broad diachrony verified in Iberia, including processes of decoration maintenance through repainting[113]. The chronologies for the concentric circular themes are confirmed in the same antiquity, situating the start of the IV millennium BC as a moment of wide extension of these forms, both in megaliths and in the open-air[114]. If megalithic art is Atlantic, the iconographies known in the Breton, Irish, British and Iberian tombs characterize it as a combination of themes and techniques already consolidated in the first moments of the construction of these death scenes[115].

The supposed absence of painted rock-shelters in the Northwest is one more hurdle feature of some prehistories assumed without any negative or positive supporting research. With the data we had at the beginning of the 2000s, Megalithic art was presented as the oldest evidence of schematic painting in the Iberian Peninsula, directly dated — hence our repeated recommendation to intensively prospect in sectors such as those that have now renewed the knowledge of schematic art[116]. The insertion of decorated megaliths with other graphic markers in occupations of the territory is an unquestionable way to establish more integrative readings of late Iberian and European Prehistoric iconographies[117].

The Iberian Peninsula offers a unique comparison to Europe. We refer to the evidence of similar symbologies in open-air and portable art supports, which adjust the large extension of these forms, their long diachrony and their diverse roles in different contexts. In that sense, «extracting« the concentric circles do not cease to be an intellectual and «actualistic» exercise.

To all these observations we must add the antiquity of schematic art in the Iberian interior and western areas. The direct dating of schematic human figures in Palomera

[112] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, in press; CARRERA RAMÍREZ, 2008; CARRERA RAMÍREZ, FÁBREGAS VALCARCE, 2002.
[113] ARMITAGE *et al*., 2020; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2007; BUENO RAMÍREZ *et al*., 2019; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, in press.
[114] BRADLEY, WATSON, STYLE, 2019; BUENO RAMÍREZ *et al*., 2015b, 2018.
[115] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2012: 146.
[116] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2004; 2007: 640; 2016b: 189; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2011.
[117] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2016b.

Cave, which we link to the origins of these formulas, has been recently ratified[118]. One of the figures with open arms and a mantle up to the feet presents the same formula as the individuals with open arms printed on some cardial ceramics, reminding us of the images of skeumorphs. To these figures painted and dated directly, we can add the references to portable objects dated in the Portuguese Douro, in the Fariseu's site[119]. Ramiforms painted and engraved next to anthropomorphic arms in handle, dated between the X and IX millennium as the images of Palomera Cave, confirm old routes of schematic formulas in unknown sectors of the Iberian Peninsula. It is not a question of showing parallels, but rather considering the evidence of several human images fixed in very concrete attitudes since their first representations. The study of the graphic materialities contributes solid evidence in favor of persistent cultural features of tradition in the gestation of the Neolithic symbolism.

The schematic art in the Iberian dolmens of the Northwest is not a «Mediterranean» repertoire, but rather a development with much personality originating from techniques and themes with a long history.

Its rich display on Iberian megaliths provides interesting elements to verify that schematic art does not present a single formula of human images but is associated with the repertoires of the Iberian and European rock-shelters, including their association with zoomorphs in hunting scenes. Hunted deer appear in a lot of Iberian schematic art, as well as other European contexts[120]. The prominence of the deer is repeated in the decoration of vessels from the III millennium, both in the so-called symbolic and Bell-Beaker, ensuring a parallel path between the development of these themes in the dolmens and outdoors or in portable supports, including ceramics from the VI to the III advanced millennium, at least[121].

Hunting, lineage and couples or groups of diverse individuals are the most repeated scenes, coinciding with the most common in schematic art. In all cases, the sum of anthropomorphs is more abundant than usual in the painted rock-shelters, situating the most revealing narrative theme of the funerary iconography in stories that feature human figures, and in the hierarchization of the same. The inclusion of these impactful forms in these narratives throughout the southwestern area adds a novel element that provides, on the one hand, a chronology for the small mobile figures, and on the other, the certainty that these are known and used in the North like in the South, as recent documentation is beginning to attest[122].

---

[118] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2012, 2016, 2020; CORCHON *et al*., 1996; ORTEGA-MARTÍNEZ *et al*., 2020.
[119] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2020; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, ALCOLEA GONZALEZ, 2007, 2009; SANTOS *et al*., 2018.
[120] DEFRASNE *et al*., 2019.
[121] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2017: 333.
[122] BUENO RAMÍREZ, 2020; FÁBREGAS VALCARCE, RODRÍGUEZ RELLÁN, PAZ CAMAÑO, 2020; SANCHES *et al*., 2021.

The absences attributable to hidden images have suffered the same consequence, and today they cannot be maintained before the spectacular paintings of the Abrigo de las Oculadas or Pala de Cabras[123]. Both rock-shelters are the tip of an iceberg that already announced the images of Chã de Parada or Madorrras I. The archaeological context of both dolmens — with IV millennium BC chronologies — is a good reference for the rock-shelters referred to by relevant archaeological research. The image of skeumorfh of Baleira has contributed a context dated C14 of the IV millennium cal BC for figures in Galicia, fully compatible with those we know in the dolmens of Viseu.

To our current knowledge of Iberian Megalithic art, this is not a compact graphic version. As it was the case with Palaeolithic art, a general style is recognizable, as well as solutions that apply to specific areas. The group from Viseu personified the whole of Iberian painted Megalithic art, but the engravings have a role that had been underestimated. The detailed analysis of its themes and graphic organization shows some differences between the Megalithic decorations of other areas on the Iberian Peninsula, as well as interesting concordances[124]. These differences are best understood by evaluating the set of open-air schematic versions in these territories.

In the rest of Iberia, the abundance of wavy and angled geometries framing the orthostats or covering them in their entirety is also associated with human figures occupying predominant positions. The basic iconography of geometric content is shared, sometimes framing objects like axes or crocks, accompanying human images like oculars, or including various types of anthropomorphic and zoomorphic figures[125]. Complex circles in the Iberian megaliths have their greatest representation outside the northwest, bringing the iconographies of the rest of the Peninsula closer to those that defined Atlantic art in the megalith — an aspect that we consider possibly related to the lack of research on engraved decorations of the Northwest megaliths, rather than a drastic difference of iconographic character. It is, at least, an aspect that will have to be documented further.

Without the slightest intention of extending ourselves in parallel with schematic painted art, there are some revealing aspects that apply to two of the most emblematic iconographies:

1. The skeumorphic image of Baleira's rock-shelter confirms the existence of a schematic art of naturalistic tendency (in the sense of representations of human images with volume), extended from the beginning of the IV millennium BC and fully contemporary to the first megaliths. Its relationship to images with ancient roots in the repertoire of the last hunters is convincing.

[123] SANCHES, 2016; SANTOS-ESTEVEZ, TEJERIZO-GARCÍA, ALONSO TOUCIDO, 2020.
[124] BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1992, 1997a; SANCHES, 2010; SANTOS, CRUZ, BARBOSA, 2017: 28.
[125] BARROSO BERMEJO, BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 2021; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2013; BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2016a, 2018; CALADO, 2002.

2. The presence of oculars (sun-eyes) in dolmens also has its counterpart in painted rock-shelters whose number and iconographic repertoire will grow. Their chronology in the early stages of megaliths is also contrasted.

In the more general framework, concentric circular decorations (perhaps abstracted images of the sun) in the megaliths of the Atlantic façade have evidence dated in the V and IV millennium BC. Therefore, the chronological *decalage* that explained the stylistic differences cannot be maintained. Further, the use of portable figurines is blurred, considering the increase of references in Iberian megalithic contexts throughout the Peninsula and its representation in the Megalithic supports themselves, either through painted, engraved or sculpted images, both in the North and South of the Iberian Peninsula. This hypothesis can be easily transferred to other Atlantic megaliths, as we have detailed above.

Undoubtedly, to our current knowledge, the set of Megalithic art iconographies appears to have the greatest prominence of human figures and the greatest concentration of scenes of all Iberian schematic art.

It seems reasonable to deduce from the data briefly summarized here that Megalithic art reveals a multiple composition of Iberian post-glacial graphic expressions, far from the compartments assigned to the frontiers of Atlanticism and Mediterraneanism. The differences in some of the figures are related to recognizable aspects of identity in the portable repertoire, which has more representation than in the decoration of the Megalithic supports themselves. The figurines are models of the representations made on the walls of the monuments. Their applications of color, the depiction of their clothing and even the sun eyes, sometimes expressed in concentric circles, confirm that the combination of techniques and themes is the most outstanding feature of megalithic art[126].

The graphic, technical, social and chronological information provided by megalithic art cannot be separated from the contemporary evidence being produced in the open-air. To compartmentalize cultural expressions as closed environments is a mistake if we want to establish interpretations that are coherent with the complexity of post-glacial symbolism.

Megalithic art is a «major art» among post-glacial expressions, which also applies to its themes. Inside the funerary chambers, narratives are materialized, expressed with all the technical and thematic deployment of these groups: painting, engraving and sculpture, all capturing anthropomorphic themes, suns, complex circles, zoomorphic and diverse objects. Recurrent mythographies of individuals associated with the sun are added to more everyday scenes of a family or social nature. This is a major art not only for its technical compilation, but also for its thematic compilation. Its association with the world of death, in the cult of the ancestors and its exhibition, is one of the greatest ideological weights of the social organization of the builders of megaliths.

[126] BUENO RAMÍREZ, 2010, 2020; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2005, 2017.

ACKNOWLEDGMENTS

The data analyzed are the result of competitive research projects from the Government of Spain: PGC2018-099405-B-I00. We are grateful to Dr. María de Jesús Sanches to invite us to participate in this event, and to the reviewers. Leah Scott was edited the English text.

BIBLIOGRAPHY

ACOSTA MARTÍNEZ, Pilar (1968). *La pintura rupestre esquemática en España.* Salamanca: Universidad de Salamanca.

ALDAY, Alfonso *et al*. (2019). *Pottery with ramiform-anthropomorphic decoration from El Portalón de Cueva Mayor site (Sierra de Atapuerca, Burgos) and the globalized symbolic world of the first Neolithic.* «Quaternary International». 515, 125-137.

ALMAGRO BASCH, Martín.; ARRIBAS PALAU, Antonio (1963). *El poblado y la necrópolis megalíticos de Los Millares (Santa Fé de Mondujar, Almería).* Madrid: Inst. Español de Prehistoria (Biblioteca Praehistórica; vol. III).

ALMAGRO GORBEA, Maria José (1973). *Los ídolos del Bronce I Hispano*. Madrid: CSIC (Bibliotheca Praehistorica Hispana; vol. XII).

ALVES, Lara; CARVALHO, Pedro Sobral de (2017). *A arte megalítica da mamoa 1 do Taco (Albergaria-a--Velha, Aveiro). Novos resultados*. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, *eds*. *Arqueologia em Portugal. Estado da Questão.* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1021-1035.

ALVES, Lara; REIS, Mário (2009). *No limiar das «artes»? Questões em torno da permeabilidade das fronteiras temporais e espaciais da arte rupestre de Trás-os-Montes Ocidental.* «Revista Aquae Flaviae», 41, 45-92.

ARCÀ, Andrea; FOSSATI, Angelo (2006). *Rupestrian Archaeology: a Methodological Approach to the rock engravings of Valcamonica.* In OOSTERBEEK, Luiz, *ed*. *Europreart. Prehistoric art research and management in Europe*. Bari: Edipuglia, pp. 510-558.

ARIAS CABAL, Pablo (1990). *Algunos indicios arqueológicos de perduraciones de elementos religiosos epipaleolíticos hasta el III milenio BC en el este de Asturias*. «Zephyrus». 43, 39-45.

ARMITAGE, Ruth Ann *et al*. (2020). *Charcoal-painted images from the French Neolithic Villevenard hypogea: an experimental protocol for radiocarbon dating of conserved and in situ carbon with consolidant contamination*. «Archaeological and Anthropological Sciences». 12, 123. DOI: https://10.1007/s12520-020-01077-3.

BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2009). *Altamira, un siécle après : art paléolithique en plein air.* «L'Anthropologie». 113, 602-628.

BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2016). *El arte esquemático y megalítico del centro del Cantábrico: Cantabria*. In SERNA GANCEDO, Mariano Luis; MARTÍNEZ VELASCO, Antxoka; FERNÁNDEZ ACEBO, Virgilio, *coords*. *Después de Altamira: Arte y grafismo rupestre postpaleolítico en Cantabria.* Santander: ACANTO, pp. 25-43.

BAPTISTA, António Martinho (1997). *Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro.* «Brigantium». 10, 191-216.

BARCIELA GONZÁLEZ, Virginia (2020). *Ídolos del Neolítico final/Calcolítico en las paredes rocosas de la Península Ibérica. Una mirada desde el sureste peninsular*. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge A., *coords*. *Ídolos: Miradas milenarias.* Alicante: Museo Arqueológico de Alicante — MARQ, pp. 54-68.

BARROSO BERMEJO, Rosa (2020). *Imágenes antropomorfas de la Edad del Bronce y Hierro en la península ibérica*. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge, *eds*. *Idolos. Imágenes milenarias*. Alicante: Diputación Provincial de Alicante-MARQ-Fundació Banc Sabadell, pp. 368-378.

BARROSO BERMEJO, Rosa; BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2021). *Megaliths and weapons' representations. A view of the birth of Iberian warrior images*. In BETTENCOURT, Ana Maria; SANTOS ESTEVEZ, Manuel; SAMPAIO, Hugo, *eds*. *Weapons and Tools in Rock Art. A world perspective.* Oxford: Oxbow Books, pp. 87-102.

BELLO DIÉGUEZ, José María (1995). *Arqueología, arte parietal y manifestaciones escultóricas en el megalitismo noroccidental*. In PÉREZ LOSADA, Fermín; CASTRO PÉREZ, Ladislao, *eds*. *Arqueoloxía e Arte na Galicia Prehistórica e Romana*. A Coruña: Museu histórico de A. Coruña, pp. 31-98.

BENETEAU, Gérard (2012). *Le complexe mégalithique du Bois de Fourgon à Avrillé (Vendée), Etudes archéologiques et techniques d'un ensemble de menhirs et stèles anthropomorphes en Centre-Ouest Atlantique.* La Rochelle: Laboratoire d'Archéologie, ERA-GVCPA.

BLAS CORTINA, Miguel Angel; CARROCERA FERNÁNDEZ, Elías (1985). *La cova del Demo (Boal): una estación de arte rupestre esquemático en el occidente asturiano*. «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología». 51, 47-81.

BORIĆ, Dusan; PRICE, T. Douglas (2013). *Strontium isotopes document greater human mobility at the start of the Balkan Neolithic.* «Proceedings of the National Academy of Sciences». 110:9, 3298-3303.

BRADLEY, Richard (2020). *A Comparative Study of Rock Art in Later Prehistoric Europe.* Cambridge: Cambridge University Press.

BRADLEY, Richard; WATSON, Aaron; STYLE, Peter (2019). *After the Axes? The Rock Art at Copt Howe, North-west England, and the Neolithic Sequence at Great Langdale.* «Proceedings of the Prehistoric Society». 85, 177-192.

BREUIL, Henri (1917). *La Roche peinte de Valdejunco à La Esperança, près Arronches, Portalegre*. Officina do Anuario Comercial.

BREUIL, Henri (1935). *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique*. Sud-Est et Est de l'Espagne: Imprimerie de Lagny, vol. 1.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1992). *Les plaques decorées alentejaines:approche de leur étude et analyse*. «L'Anthropologie». 96, 573-604.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2009). *Espacios decorados al aire libre del occidente peninsular. Territorios tradicionales de cazadores-recolectores y de productores.* In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, *ed*. *Arte Prehistórico al aire libre en el sur de Europa*. Valladolid: Junta de Castilla y León, pp. 323-346.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2010). *Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismooccidental: las placas decoradas.* In CACHO QUESADA, Carmen *et al*., *coords*. *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas.* Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 39-77.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2020). *Cuerpos e identidades desde el Paleolítico al Neolítico en Europa. Las figuritas ibéricas*. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge, *eds*. *Idolos. Imágenes milenarias.* Alicante: Diputación Provincial de Alicante-MARQ-Fundació Banc Sabadell, pp. 28-39.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (1992). *L'Art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble*. «L'Anthropologie». 96, 499-570.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (1995). *La graphie du serpent dans la culture mégalithique péninsulaire: Représentations de plein air et représentations dolméniques*. «L'Anthropologie». 99:2/3, 357-381.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (1996). *La decoración del dolmen de Alberite.* In RAMOS MUÑOZ, Jose; GILES PACHECO, Francisco. *El dolmen de Alberite (Villamartin). Aportación a las formas económicas y sociales de las comunidades neolíticas en el noreste de Cádiz.* Cádiz: Servício de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, pp. 285-312.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BERHMANN, Rodrigo (1997a). *Ambiente funerario en la sociedad megalítica ibérica: Arte megalítico peninsular.* In RODRÍGUEZ CASAL, Antonio, *ed. O Neolítico Atlántico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 693-718.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BERHMANN, Rodrigo (1997b). *Arte megalítico en el Suroeste de la Península Ibérica. ¿Grupos en el arte megalítico ibérico?* «SAGVNTVM Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia». 30, 153-161.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BERHMANN, Rodrigo (2000). *Arte megalítico versus megalitismo: origen del sistema decorativo megalítico.* In GONÇALVES, Vítor, *ed. Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 283-302 (Trabalhos de Arqueologia; 16).

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BERHMANN, Rodrigo (2002). *L'Art mégalithique péninsulaire et l'Art mégalithique de la façade atlantique: un modèle de capillarité appliqué à l'Art post-paléolithique européen.* «L'Anthropologie». 106, 603-646.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BERHMANN, Rodrigo (2003). *Grafías y territorios megalíticos en Extremadura.* In GONÇALVES, Vítor, *ed. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 407-448 (Trabalhos de Arqueologia; 25).

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BERHMANN, Rodrigo (2006a). *Arte megalítico en la Península Ibérica: contextos materiales y simbólicos para el arte esquemático*. In MARTÍNEZ GARCÍA, Julián; HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro, *eds*. *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Vélez-Blanco: Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 57-84.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BERHMANN, Rodrigo (2006b). *Cervidés et serpents dans la mythologie funéraire du mégalithisme ibérique*. «Anthropozoologica». 41, 85-102.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2009). *Marcadores gráficos y territorios tradicionales en la Prehistoria de la Península Ibérica*. «Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada». 19, 65-100.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2012). *Holocene Rock Art of the Iberian Peninsula, 2005-2009*. In BAHN, Paul; FRANKLIN, Natalie; STRECKER, Matthias, *eds*. *Rock Art Studies: News of the World IV*. Oxford: Oxbow Books, pp. 45-59.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2016). *De cazadores a productores. Tradiciones y transiciones*. In BONET ROSADO, Helena, *coord*. *Del neolític a l'edat del bronze en el Mediterrani occidental. Estudis en homenatge a Bernat Martí Oliver*. Valencia: Saguntum, pp. 465-480.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2020). *Outdoor Palaeolithic Art. New challenges for the territories and for the materiality of the images of the hunter-gatherers Voyages dans uns fôret des images*. In PAILLET, Elena; PAILLET, Patrick; ROBERT, Eric, *dirs*. *Mélanges offerts au Professeur Denis Vialou*. Paris: Cedarc, pp. 283-288.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, Javier (2007). *Style V dans le bassin du Douro. Tradition et changement dans les graphies des chasseurs du Paléolithique Supérieur européen.* «L'Anthropologie». 111, 549-589.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBIN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, Javier (2009). *Estilo V en el ámbito del Duero: cazadores finiglaciares en Siega Verde (Salamanca).* In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, *ed*. *Arte Prehistórico al aire libre en el sur de Europa*. Valladolid: Junta de Castilla y León, pp. 259-286.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2004). *Application d'une méthode d'analyse du territoire à partir de la situation des marqueurs graphiques à l'intérieur de la Péninsule Ibérique: le Tage International*. «L'Anthropologie». 108, 653-710.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2005). *Hierarchisation et métallurgie: statues-armés dans la Péninsule Ibérique*. «L'Anthropologie». 109, 577-640.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2007). *Chronologie de l'art Mégalithique ibérique: C14 et contextes archéologiques.* «L'Anthropologie». 111, 590-654.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2008). *Models of integration of rock art and megalith builders in the International Tagus.* In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, *eds. Graphical markers & megalith builders in the International Tagus. Iberian Peninsula*. Oxford: BAR, pp. 5-15. (British Archaeological Report series; 1765).

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa. (2009a). *Análisis de las grafías megalíticas de los dólmenes de Antequera y su entorno*. In RUIZ GONZÁLEZ, Bartolomé, *coord.*, *Dólmenes de Antequera: tutela y valorización hoy*. Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, pp. 186-197. (PH cuadernos; 23).

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa. (2009b). *Pintura megalítica en Andalucía.* In CRUZ-AUÑÓN BRIONES, Rosario; FERRER ALBELDA, Eduardo, *coords*. *Estudios de Prehistoria y Arqueología en Homenaje a Pilar Acosta*. Sevilla: Universidad de Sevilla, pp. 141-170.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa. (2010). *Grafías de los grupos productores y metalúrgicos en la cuenca interior del Tajo. La realidad del cambio simbólico*. In GONÇALVES, Vítor; SOUSA, A. Catarina, *eds*. *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 489-517.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2012). *La Frontera ideológica: grafias postglaciares ibéricas*. In *Mesa Redonda I — Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo. (Vila Nova de Foz Côa, 2010).* «Trabalhos de Arqueologia». 54, 139-160.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2013). *Símbolos para los vivos, símbolos para los muertos. Arte megalítico en Andalucía.* In MARTÍNEZ GARCIA, Julián; HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro, *eds*. *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Peninsula Iberica.* Vélez Blanco: Ayuntamiento Vélez Blanco, pp. 25-47.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2015). *Graphic programs as ideological construction of the megaliths: the south of the Iberian Peninsula as case study*. In ROCHA, Leonor; BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BRANCO, Gertrudes, *eds*. *Death as Archeology of transition: thoughts and materials. Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology (29th april-1st Mai 2013).* Oxford: BAR, pp. 52-69 (Bristish Archaeological Report series; 2078).

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2016a). *Graphic Holocene expressions on the Atlantic European façade. Portugal.* In SOARES, Joaquina, *ed. Social Complexity in a long-term perspective, XVII UISPP World Congress (1-7 September 2014, Burgos, Spain) Session B15*. «Setúbal Arqueológica». 16, 41-64.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2016b). *Megalithic art in the Iberian Peninsula. Thinking about graphic discourses in the European Megaliths.* «Préhistoires Méditerranéennes». 185-203. [Consult. 11 dic. 2014]. Disponible en <http://journals.openedi- tion.org/pm/1077. 2016>.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2017). *Steles, Time and Ancestors in the Megaliths of Antequera, Málaga (Spain).* «Menga». 8, 193-219.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2011). *Identidades y estelas en el Calcolítico peninsular. Memorias funerarias en la cuenca del Tajo*. In VILAÇA, Raquel, *coord*. *Actas IV Jornadas Raianas (Sabugal-2009)*. Sabugal: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pp. 37-62.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2016). *Between east and west: Megaliths in the centre of the Iberian Peninsula*. In LAPORTE, Luc; SCARRE, Chris, *eds*. *The Megalithic Architectures of Europe*. Oxford: Oxbow Books, pp. 157-166.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2017). *Redefining Ciempozuelos Bell-Beaker culture in Toledo?*. In GONÇALVES, Vítor, *ed*. *Sinos e taças. Junto ao oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na península ibérica*. Lisboa: Universidade de Lisboa, pp. 324-341.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2018). *Aportaciones de la decoración del dolmen de Soto 1, huelva, a la interpretación del arte megalítico del Sur de Europa: suroccidente ibérico y fachada atlántica*. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*., *eds*. *Símbolos de la muerte en la Prehistoria Reciente del Sur de Europa. El dolmen de Soto, Huelva*. España. Sevilla: Junta de Andalucía, pp. 199-220.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2019). *Funerary red (cinnabar versus ochre) and megalithic rituals in the central Iberian peninsula. The hypogean necropolis of Valle de las Higueras, Huecas, Toledo, Spain*, «Bulletin de la Société préhistorique française». 116:1, 73-93.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2022). *Megalithic art: funeral scenarios in western Neolithic Europe*. In *International Meeting The Megaliths of the World (9-14 sept. 2019 Historial de la Vendée, Les Lucs-sur-Boulogne, France)*. Archaeopress.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*. (1998). *Espacio habitacional/espacio gráfico: grabados al aire libre en término de la Hinojosa (Cuenca)*. «Trabajos de Prehistoria». 55, 101-120.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*. (1999). *Estudios de Arte Megalítico en la necrópolis de Alberite*. «Papeles de Historia». 4, 35-60.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*. (2006). *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres)*. Santiago de Alcántara: Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*. (2009). *Frontières et art mégalithique. Une perspective depuis le monde pyrenéen*. «L'Anthropologie». 113, 882-929.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*. (2012). *Pinturas en el arte megalítico atlántico: Barnenez*. «Trabajos de Prehistoria». 69:1, 123-132.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*. (2013). *Secuencias de arquitecturas y símbolos en el dolmen de Viera (Antequera, Málaga, España)*. «Menga». 4, 251-266.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*. (2015a). *Natural and artificial colors: the megalithic monuments of Brittany*. «Antiquity». 89, 55-71.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*. (2015b). *Antropomorphic images as origins of ancestor's caves. The stele-menhir of Anta do Telhal, Araiolos, Evora, Portugal*. In ROCHA, Leonor; BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BRANCO, Gertrudes, *eds*., *II.º Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*, Évora: CHAIA, pp. 83-94.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al*. (2016a). *El arte y la plástica en el tholos de Montelirio*. In FERNÁNDEZ FLORES, Alvaro; GARCÍA SANJUÁN, Leonardo; DIAZ-ZORITA, Marta, *eds*. *Montelirio. Un gran monumento megalítico de la Edad del Cobre*. Sevilla: Arqueología Monografías. Junta de Andalucía, pp. 365-403.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al.* (2016b). *Stones before stones. Reused stelae and menhirs in Galician megaliths.* In FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; RODRIGUEZ RELLÁN, Carlos, *eds. Proceedings of the XVII UISPP World Congress, Burgos 2014.* Oxford: Archaeopress Archaeology, pp. 1-16.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al.*, *eds.* (2018). *Símbolos de la muerte en la Prehistoria Reciente del Sur de Europa. El dolmen de Soto, Huelva.* España. Sevilla: Junta de Andalucía.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva *et al.* (2019). *From pigment to symbol: The role of paintings in the ideological construction of European megaliths.* In MULLER, Johannes; HINZ, Martin; WUNDERLICH, Maria, *eds. Megaliths — Societies — Landscapes Early Monumentality and Social Differentiation in Neolithic Europe*. Kiel: Verlag Dr. Rudolf Habelt, vol. 3, pp. 845-864.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; BARCIELA GARRIDO, Pilar (2003). *Placas, estatuas, ídolos. Representaciones antropomorfas megalíticas en Galicia. A Carballeira (Pontevedra).* «Brigantium». 14, 47-61.

CALADO, Manuel (2002). *Standing stones and natural outcrops.* In SCARRE, Chris, *ed. Monuments and landscape in Atlantic Europe. Perception and society during the Neolithic and early Bronze*. London: Routledge, pp. 17-35.

CARRASCO RUS, Javier *et al.* (2015). *Nuevas aportaciones para el conocimiento del arte rupestre esquemático y los soportes muebles en la cuenca alta del Guadalquivir. Las pinturas del Cerro Jabalcón (Zújar, Granada) y sus relaciones con las de Tajos de Lillo (Loja, Granada).* «Antiquitas», 27, 7-29.

CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2008). *El dolmen de Os Muinos (Agolada, Pontevedra): intervención para la documentación y protección de la pintura megalitica conservada.* «Gallaecia». 27, 113-135.

CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2011). *El arte parietal en monumentos megalíticos del Noroeste ibérico. Valoración, diagnosis y conservación.* Oxford: BAR. (British Archaeological Reports series, 2190).

CARRERA RAMÍREZ, Fernando; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2002). *Datación radiocarbónica de pinturas megalíticas del Noroeste peninsular.* «Trabajos de Prehistoria». 59:1, 157-166.

CARVALHO, António F. (2019). *Produção cerâmica no início do Neolítico em Portugal. Dados recentes sobre os V e IV milénios a. C.* «Saguntum». 51, 9-22.

CARVALHO, Pedro Sobral; ALVES, Lara Bacelar (2018). *A Necrópole da Lobagueira, Viseu: expressões de arte e arquitectura da Beira Alta, Portugal*. In SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos de; DINIZ, Mariana; CARVALHO, António F., *eds. De Gibraltar aos Pirinéus. Megalitismo, vida e morte na fachada Atlântica peninsular.* Lapa do Lobo, Nelas: Fundação Lapa do Lobo, pp. 431-452.

CASSEN, Serge *et al.* (2016). *Étude sur un monolithe — la dalle S12 au sol du monument de Gavrinis (Larmor-Baden, Morbihan).* «Revue archéologique de l'Ouest». 33, 55-76.

CASSEN, Serge *et al.* (2019). *Real and ideal European maritime transfers along the Atlantic coast during the Neolithic.* «Documenta Praehistorica». XLVI, 308-325.

CASSEN, Serge; VAQUERO LASTRES, Jacobo (2003). *Cosas fabulosas.* In GONÇALVES, Vítor, *ed. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 449-508 («Trabalhos de Arqueologia; 25).

CASTRO, Luís de Albuquerque e; FERREIRA, Octávio da Veiga; VIANA, Abel (1957). *O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades).* «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal». XXXVIII, 325-346.

CHAMBON, Philippe (2003). *Les morts dans les sépultures collectives néolithiques en France : du cadavre aux restes ultimes*. Paris: CNRS.

CHAMBON Philippe; THOMAS, Aline (2010). *The first monumental cemeteries of western Europe: the «Passy type» necropolis in the Paris basin around 4500 BC.* «Journal of Neolithic Archaeology». 12:2. DOI: https://10.12766/jna.2010.37.

CRUZ, Domingos J. (1995). *Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste peninsular e da Beira Alta.* «Estudos Pré-históricos». 3, 81-119.

CRUZ, Domingos J.; GONÇALVES, António (1995). *Mamoa 1 de Madorras (Sabrosa, Vila Real). Datações radiocarbónicas.* «Estudos Pré-históricos». 3, 151-159.

CRUZ, Domingos J.; VILAÇA, Raquel (1990). *Trabalhos de escavação e restauro no dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira. Dist. Guarda).* «Trabalhos do Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Correa"». 045, 5-23.

CUNHA, Ana Leite da (1995). *Anta da Arquinha da Moura (Tontela).* «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» 35, 133-151.

D'ANNA, André *et al.* (2015). *Les stèles gravés néolithiques de Beyssan à Gargas (Vaucluse).* «Bulletin de la Societé Préhistorique Française». 112:4, 761-788.

DEFRASNE, Claudia *et al.* (2019). *From archeological layers to schematic rock art? Integrated study of the Neolithic pigments and pigmented rocks at the Rocher du Château (Western Alps, Savoie, France).* «Archaeological and Anthropological Sciences». DOI: https://10.1007/s12520-019-00882-9.

DINIZ, Mariana (2011). *O povoado da valada do mato (Évora, Portugal).* «SAGVNTVM». Extra, 12, 255-258.

EOGAN, Georges (1999). *Megalithic art and society.* «Proceedings of the prehistoric Society». 65, 415-446.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón *et al.* (2004). *Petroglifo galaico con una representación de tipo Peña Tú.* «Zephyrus». 57, 183-193.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón *et al.* (2019). *Vaso con decoración cardial de Cova Eirós (Triacastela, Lugo).* «Trabajos de Prehistoria». 76:1, 147-160.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; PENEDO ROMERO, Rafael (2001). *Antropomorfo grabado en un túmulo megalítico de Agolada (Pontevedra).* «Gallaecia». 20, 97-105.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos; PAZ CAMAÑO, Alexandre (2020). *¿Ecos del Sur? Figuras en piedra en los megalitos del Noroeste ibérico.* In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge, *eds. Idolos. Imágenes milenarias.* Alicante: Diputación Provincial de Alicante--MARQ-Fundació Banc Sabadell, pp. 177-191.

FAURE, Francisco Líbano Monteiro; SOUSA, Eliana Miranda (2005). *O esteio gravado do Cabeço do Bique) Perafita, Vilaverde, Alijó).* «Coavisão». 133-144.

FERNÁNDEZ-LÓPEZ DE PABLO, Javier *et al.* (2019). *Palaeodemographic modelling supports a population bottleneck during the Pleistocene-Holocene transition in Iberia.* «Nature Communications». 10, 187. DOI: https://10.1038/s41467-019-09833-3.

FIGUEIREDO, Sofia (2013). *A Arte Esquemática do Nordeste Transmontano: Contextos e Linguagens.* Braga: Universidade do Minho. Tese de doutoramento.

FIGUEIREDO, Sofia; BAPTISTA, António Martinho (2013). *A arte esquemática pintada em Portugal.* In MARTÍNEZ GARCÍA, Julián; HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro, *eds. Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquematico en la Peninsula Iberica.* Vélez Blanco: Ayuntamiento Vélez Blanco, pp. 301-315.

FIGUEIREDO, Sofia *et al.* (2020). *Analysis of portable rock art from Foz do Medal (Northwest Iberia): Magdalenian images of horses and aurochs.* «Comptes Rendus Palevol». 19:4, 63-77.

GAMEIRO, Cristina *et al.* (2020). *Archaeology of the Pleistocene-Holocene transition in Portugal: Synthesis and prospects.* «Quaternary International». 560-561, 240-247.

GIOT, Pierre-Roland (1987). *Barnenez, Carn, Guennoc.* Rennes: Travaux du laboratoire Anthropologie-Préhistoire-Protohistoire-Cuaternaire armoricains.

GOMES, Luís Filipe Coutinho *et al.* (1998). *O dólmen de Areita (S. João da Pesqueira, Viseu).* «Estudos Pré-históricos». 6, 33-93.

GOMES, Mário Varela (2000). *A Rocha 175 de Fratel — Iconografia e interpretação.* «Estudos Pré-históricos». VIII, 81-112.

GOMES, Mário Varela (2004). *A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo*. «Revista portuguesa de arqueologia», 7:1, 61-128.

GONÇALVES, Vítor (2006). *Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular 8. Sete Placas de xisto gravadas (e algumas outras a propósito).* «O Arqueólogo Português». IV:24,167-231.

GUIDOTTI, Federico Bernaldo de Quirós *et al*. (2011). *Avance al estudio de los petroglifos de Peña Fadiel (Filiel, Lucillo de Somoza, León).* «Férvedes: Revista de investigación». 7, 105-114.

HERITY, Michael (1974). *Irish passage graves: Neolithic tomb-builders in Ireland and Britain, 2500 BC*. Dublin: Irish University Press.

HERNANZ, Antonio *et al*. (2016). *Raman microscopy of prehistoric paintings in French megalithic monuments*. «Journal of Raman Spectroscopy». 47:5, 571-578.

HOFFMANN, Daniela (2020). *Del barro a la piedra: contraste entre las representaciones antropomorfas en la Europa centro meridional.* In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge, *eds*. *Idolos. Imágenes milenarias.* Alicante: Diputación Provincial de Alicante-MARQ-Fundació Banc Sabadell, pp. 114-129.

HUNT, Mark *et al*. (2011). *Neolithic and Chalcolithic — VI to III millennia cal BC — use of cinnabar (hgS) in the Iberian Peninsula: Analytical identification and lead isotope data for early mineral exploitation of the Almadén (Ciudad Real, Spain) mining district.* «Cuadernos del Museo Geominero». 13, 3-13.

JONES, Andrew M.; DÍAZ-GUARDAMINO, Marta (2019). *Making a Mark: Image and Process in Neolithic Britain and Ireland*. Oxford: Oxbow books.

JONES, Richard Scott (2013). *HRS Wales projects.* Maerdy Windfarm: Glamorgan (2012-2013). [Consult. 20 abr. 2020]. Disponible en <https://www.hrswales.co.uk/maerdy-windfarm>.

JORGE, Vítor J. *et al*. (1997). *As mamoas do Alto da Portela do Pau, Melgaço*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

JORGE, Vítor Oliveira (1992). *Novas escavações na mamoa 1 de Chã de Parada — Baião, Serra da Abobo-reira, 1990.* «Trabalhos de Antropologia Etnologia». XXXII:1-4, 173-200.

JOUSSAUME, Roger (1981). *Le néolithique de l'Aunis et du Poitou occidental dans son cadre atlantique*. Rennes: Travaux du Laboratoire d'Anthropologie-Préhistoire-Protohistoire et Quaternaire Armoricains.

KOHRING, Sheila (2013). *Stepping stones: art and community on prehistoric Guernsey, Channel Islands*. «World Art». 3:2, 297-318.

L'HELGOUACH, Jean (1983). *Les idoles qu'on abat*. «Bulletin de la Société Polymathique du Morbihan». 110, 57-68.

L'HELGOUACH, Jean (1996). *Mégalithes armoricains: stratigraphies, réutilisations, rémaniements*. «Bulletin de la Societé Préhistorique Française». 93:3, 418-424.

LAHELMA, Antti (2006). *Excavating art: a «ritual deposit» associated with the rock painting of Valkeisaari, Estern Finland.* «Fennoscandia archaeologica». XXIII, 3-23.

LANCHARRO GUTIÉRREZ, Maria Angeles; BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2017). *Pintura esquemática y territorios de la Prehistoria Reciente en la cuenca interior del Tajo*. «Zephyrus». 80, 33-47.

LAPORTE, Luc; BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2016). *A southern viewpoint*. In LAPORTE, Luc; SCARRE, Chris, *eds*. *The Megalithic Architectures of Europe.* Oxford: Oxbow Books, pp. 227-233.

LARGE, Jean Marc (2010). *La file de pierres dressées du Douet (Hoedic*. Morbihan). France: Melvan.

LEISNER, Vera; RIBEIRO, Leonel (1968). *Die dolmen von Carapito.* «Madrider Mitteilungen». 9, 11-62.

LÓPEZ-MONTALVO, Esther (2018). *Hunting scenes in Spanish Levantine rock art: An unequivocal chrono-cultural marker of Epipalaeolithic and Mesolithic Iberian societies?* «Quaternary International». 472:B, 205-220.

MARTÍ OLIVER, Bernat; HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (1988). *El Neolitic valenciá. Art rupestre i cultural material.* Valencia: SIP.

MARTÍNEZ GARCÍA, Julián (1988). *Análisis de un sistema de parentesco en las pinturas rupestres de la Cueva de los Letreros (Vélez-Blanco, Almería)*. «Ars Praehistórica». 7, 183-193.

MARTÍNEZ SÁNCHEZ, Rafael *et al.* (2016). *Redescubriendo el Arroyo de las Sileras: territorios del megalitismo en las Campiñas del Guadalquivir medio.* VI Congreso del Neolítico en la Península Ibérica. Granada.

MARTINS, Andrea (2013). *Arte Esquemático en Portugal: los abrigos con pinturas del macizo calcáreo extremeño*. In MARTÍNEZ GARCÍA, Julián; HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro S., *eds. Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Peninsula Iberica*. Vélez Blanco: Ayuntamiento Vélez Blanco, pp. 317-323.

MASSON, Jules Mourey *et al.* (2020). *Les stèles anthropomorphes de la Bastidonne (Trets, Bouches-du-Rhône) et leur contexte du Néolithique moyen*. «Bulletin de la Société préhistorique française». 117:2, 273-302.

MILESI, Lara; LLISTERRI CARO, José Luís; FERNÁNDEZ RUIZ, Juan (2013). *Hallazgos singulares en el contexto de la puerta 1 del complejo arqueológico de Perdigões, Portugal*. «Apontamentos de Arqueologia e Património». 9, 55-60.

MOYA I GARRA, Andreu; MARTÍNEZ RODRIGUEZ, Pablo; LÓPEZ-MELCIÓN, Joan (2010). *Éssers de pedra. Les estàtues-menhirs i esteles antropomorfes de l'art megalític de Catalunya.* «Cypsela». 18, 11-41.

NAUDINOT, Nicolas *et al.* (2017). *Divergence in the evolution of Paleolithic symbolic and technological systems: The shining bull and engraved tablets of Rocher de l'Impératrice.* «PLOS ONE». 12:3, e0173037. DOI: https://10.1371/journal.pone.0173037.

OLIVEIRA, César *et al.* (2017). *Integrated analytical techniques for the study of colouring materials from two megalithic barrows.* «Archaeometry». 59(6), 1065-1081.

ORTEGA-MARTÍNEZ, Ana; MARTÍN-MERTINO, Miguel; GARCÍA-DIEZ, Marcos (2020). *Palaeolothic creation and later visits of symbolic spaces: radiocarbon AMS dating and cave art in the Sala de las Pinturas in Ojo Guareña (Burgos, Spain).* «Archaeological and Anthropological Sciences». 12(10), 1-15.

PARDO-GORDÓ, Salvador; CARVALHO, António Faustino (2020). *Population dynamics during the Neolithic transition and the onset of megalithism in Portugal according to summed probability distribution of radiocarbon determinations*. «Archaeological and Anthropological Sciences». 12, 129. DOI: https://10.1007/s12520-020-01086-2.

PARREIRA, Rui; MORÁN HERNÁNDEZ, Elena (2021). *Ídolos e manifestações do sagrado no 4.º e 3.º milénios a.n.e. no território de Alcalar (Algarve, Portugal).* In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge A., *coords. Ídolos, Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Imprensa Nacional, pp. 285-303.

PEÑA SANTOS, Antonio de la; REY GARCÍA, José Manuel (2001). *Ideología y sociedad en los grabados rupestres galaicos*. «Quaderns de Prehistoria i Arqueología de Castellón». 22, 235-265.

PEYROTEO, Rita (2016). *Roots of death: origins of human burials and the research on Early Holocene mortuary practices in Iberia.* In GRÜNBERG, Judith M. *et al.*, *eds. Mesolithic burials. Rytes, symbols and social organisation of early postglacial communities.* Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle: Congresses of the State Museum for Prehistory Halle. 17, pp. 629-642.

PIÑON VARELA, Fernando; BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1983). *Los grabados del núcleo dolménico de Los Gabrieles (Valverde del Camino, Huelva).* In *Homenaje al profesor Martín Almagro Bach*. Madrid: Ministerio de Cultura. Tomo I, pp. 445-455.

REDONDO ORTEGA, José Juan; MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, Federico (2021). *Primeros datos sobre un petroglifo de estilo atlántico hallado en Peña Madura, cuenca alta del Río Dilar, Sierra Nevada (Granada).* «Cuadernos de Arte Prehistórico». 11, 124-160.

RIVERO, Olivia; RUIZ LÓPEZ, Juan Francisco (2018). *The Rock Art of Sub-Scandinavian Europe*. In DAVID, Bruno; MCNIVE, Ian J., *eds. The Oxford Handbook of the Archaeology and Anthropology of Rock Art*. Oxford: Oxford University Press, pp. 73-94.

RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2019). *Intervención arqueológica en el abrigo de Cova dos Mouros (Baleira, Lugo). Un primer ejemplo de pintura esquemática en Galicia.* «Munibe Antropologia-Arkeologia». 70, 185-205.

ROGERIO-CANDELERA, Miguel Ángel *et al.* (2018). *Landmark of the past in the Antequera megalithic landscape: A multi-disciplinary approach to the Matacabras rock art shelter*. «Journal of Archaeological Science». 95, 76-93.

SANCHES, Maria de Jesus (1990). *Les abris peints de Serra de Passos (Nord du Portugal) dans l'emsemble de l'art rupestre de cette région.* In *Actes du 115.ème Congrés National des Sociétés Savantes (Avignon*). Paris: CTHS, pp. 56-69.

SANCHES, Maria de Jesus (2001). *Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, Northern Portugal) in Late Prehistory*. «Arkeos». 12, 65-106.

SANCHES, Maria de Jesus (2009). *Arte dos dólmenes do noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica.* «Portugalia». 29-30, 5-42.

SANCHES, Maria de Jesus (2010). *The inner scenography of decorated Neolithic dolmens in Northwestern Iberia: an Interplay between broad community genealogies and more localized histories*. In BETTENCOURT, Ana M. S. *et al*., eds. *Conceptualising Space and Place: On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe*. Oxford: BAR, pp. 7-26 (BAR International Series; 2058).

SANCHES, Maria de Jesus (2016). *The paintings of «oculadas» figures in the Neolithic and Chalcolithic of Northern Portugal: the study case of Serra de Passos*. In FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; RODRÍGUEZ-RELLAN, Carlos, *eds*. *Public Images, Private Readings. Multi-perspective approaches to the Post-Palaeolithic rock art*. Oxford: BAR, pp. 51-61 (British Archaeological/Archaeopress).

SANCHES, Maria de Jesus *et al*. (2021). *Trespassando o tempo. Oculados e outras formas antropomorfas da Pré-História recente do Norte de Portugal.* In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge A., *coords*. *Ídolos, Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Imprensa Nacional, pp. 77-100.

SANCHES, Maria de Jesus; MORAIS, Pedro Rafael; TEIXEIRA, Joana C. (2016). *Escarpas rochosas e pinturas na Serra de Passos/Sta. Comba (Nordeste de Portugal).* In SANCHEZ, Maria de Jesus; CRUZ, Domingos, *coords*. *Actas da II Mesa-Redonda. Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história. Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011).* Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 71-117.

SANCHES, Maria de Jesus; NUNES, Susana A. (2004). *Resultados da escavação da Mamoa d'Alagoa (Toubres-Jou), Murça (Trás-os-Montes).* «Portugalia». 25, 5-42.

SANTOS-ESTEVEZ, Manuel; TEJERIZO-GARCÍA, Carlos; ALONSO TOUCIDO, Francisco (2020). *El abrigo con pintura esquemática de Pala de Cabras (Ourense). Encuentros y desencuentros entre dos tradiciones.* «Complutum». 31:1. 7-24.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim R. (1934). *As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa.* «Trabalhos de Antropologia e Etnologia». 6, 185-222.

SANTOS, André Tomás *et al*. (2018). *O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: A arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova Foz Côa).* «Portugalia». 39, 5-96.

SANTOS, André Tomás; CRUZ, Domingos J.; BARBOSA, António Fernando (2017). *Gravuras e pinturas em dólmenes. O «Grupo de Viseu» de E. Shee (1981) trinta anos depois*. In *A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro*. «Estudos Pré-históricos». XVII, 25-57.

SASTRE BLANCO, José Carlos (2006). *Una aproximación a la puesta en valor del arte esquemático y su paisaje. La Sierra de la Culebra (Zamora).* «Arqueologia y territorio». 3, 1-16.

SCARRE, Chris (2009). *Stones with character: animism, agency and megalithic monuments.* In *Materialitas: working stone, carving identity*. Oxford: Oxbow Books, pp. 9-18.

SCARRE, Chris (2020). *Figuritas en la Europa atlántica.* In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge, *eds*. *Idolos. Imágenes milenarias*. Alicante: Diputación Provincial de Alicante-MARQ-Fundació Banc Sabadell, pp. 167-176.

SHEE TWOHIG, Elizabeth (1981). *The megalithic art of Western Europe*. Oxford: Clarendon Press.

SHEE TWOHIG, Elizabeth *et al.* (2010). *Open-air rock art at Loughcrew, Co. Meath.* «The Journal of Irish Archaeology». 19, 1-28.

SHERIDAN, Alison (2004). *Going round in circles? Understanding the IrishGrooved Ware «complex» in its wider context*. In BRADLEY, John; EOGAN, George; COLES, John; GROGAN, Eoin; RAFTERY, Barry, *eds*. *From megaliths to metals: Essays in honour of George Eogan*. Oxford: Oxbow Books, pp. 26-37.

SILVA, Eduardo J. L. (1997). *Arte megalítica da costa norte de Portugal.* «Brigantium». 179-189.

SOUSA, Orlando (1989). *O abrigo de arte rupestre da Pala Pinta — Alijó.* «Trabalhos de Antropologia e Etnologia». 191-198.

STEELMAN, Karen L. *et al.* (2005). *Direct radiocarbon dating of megalithic paints from north-west Iberia*. «Antiquity». 79, 379-389.

STOUT, Geraldine; STOUT, Mathew (2008). *Newgrange.* Cork: Cork University Press.

THOMAS, Julian (2005). *Ambiguous symbols: why there were no figurines in «Neolithic Britain».* «Documenta Praehistorica». 32, 167-173.

UTRILLA-MIRANDA, Pilar *et al.* (2016). *El abrigo de El Esplugón (Billobas-Sabiñánigo, Huesca). Un ejemplo de transición Mesolítico-Neolítico en el Pre-pirineo central.* In *Del neolític a l'edat del bronze en el Mediterrani occidental.* Estudis en Homenatge a Bernat Martí Oliver. Valencia: TV Saguntum, 119, pp. 75-96.

VALDEZ-TULLET, Joana (2019). *Design and connectivity: the case of Atlantic rock art. Archaeology of prehistoric Art.* Oxford: British Archaeological Reports Ltd, vol. 1.

VALERA, António Carlos (2020). *La materialización de la imagen humana en el IV y III milenio a. C. en el sur de Portugal: una mirada a los recinto de Perdigoes*. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge, *eds*. *Idolos. Imágenes milenarias.* Alicante: Diputación Provincial de Alicante-MARQ--Fundació Banc Sabadell, pp. 229-244.

VEGA DEL SELLA, Ricardo; OBERMAIER, Hugo (1926). *La piedra dolménica de Pola de Allande*. «Jahrbuch für prähistorische und ethnographische Kunst». 2, 55-63.

WYSOCKI, Michael *et al.* (2013). *Dates, diet, and dismemberment: Evidence from the Coldrum megalithic monument, Kent*. «Proceedings of the Prehistoric Society». 79, 61-90.

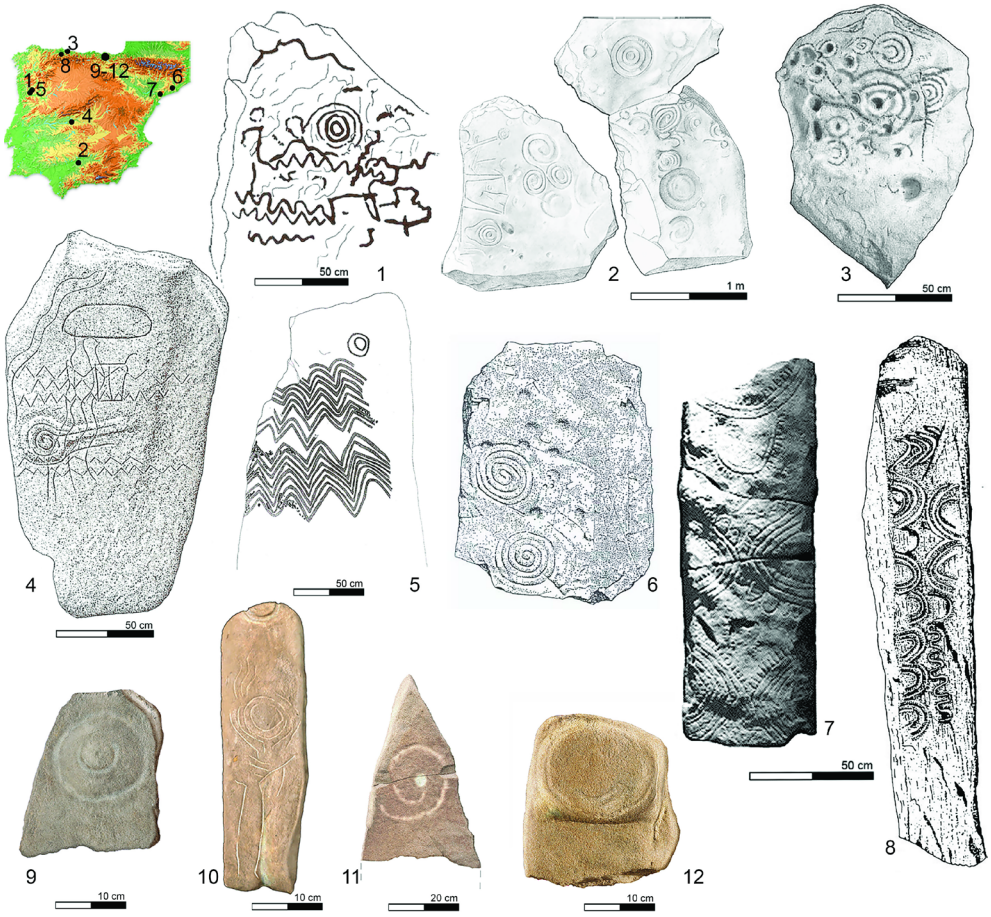


Fig. 1. Location and engraved circles from: 1 — Mota Grande; 2 — Arroyo de las Sileras; 3 — Oles; 4 — Azután; 5 — Portela do Pau; 6 — Montpedrós; 7 — Passanant 2; 8 — Pola de Allande; 9 — KT S2; 10 — Mendigana; 11 — Sorbituaga; 12 — Errekatxuetaka Atxa from BUENO RAMIREZ *et al.*, 2009; JORGE *et al.*, 1997: Fig. LXI; MARTÍNEZ *et al*., 2016; MOYA I GARRA, MARTÍNEZ RODRIGUEZ, LÓPEZ-MELCIÓN, 2010

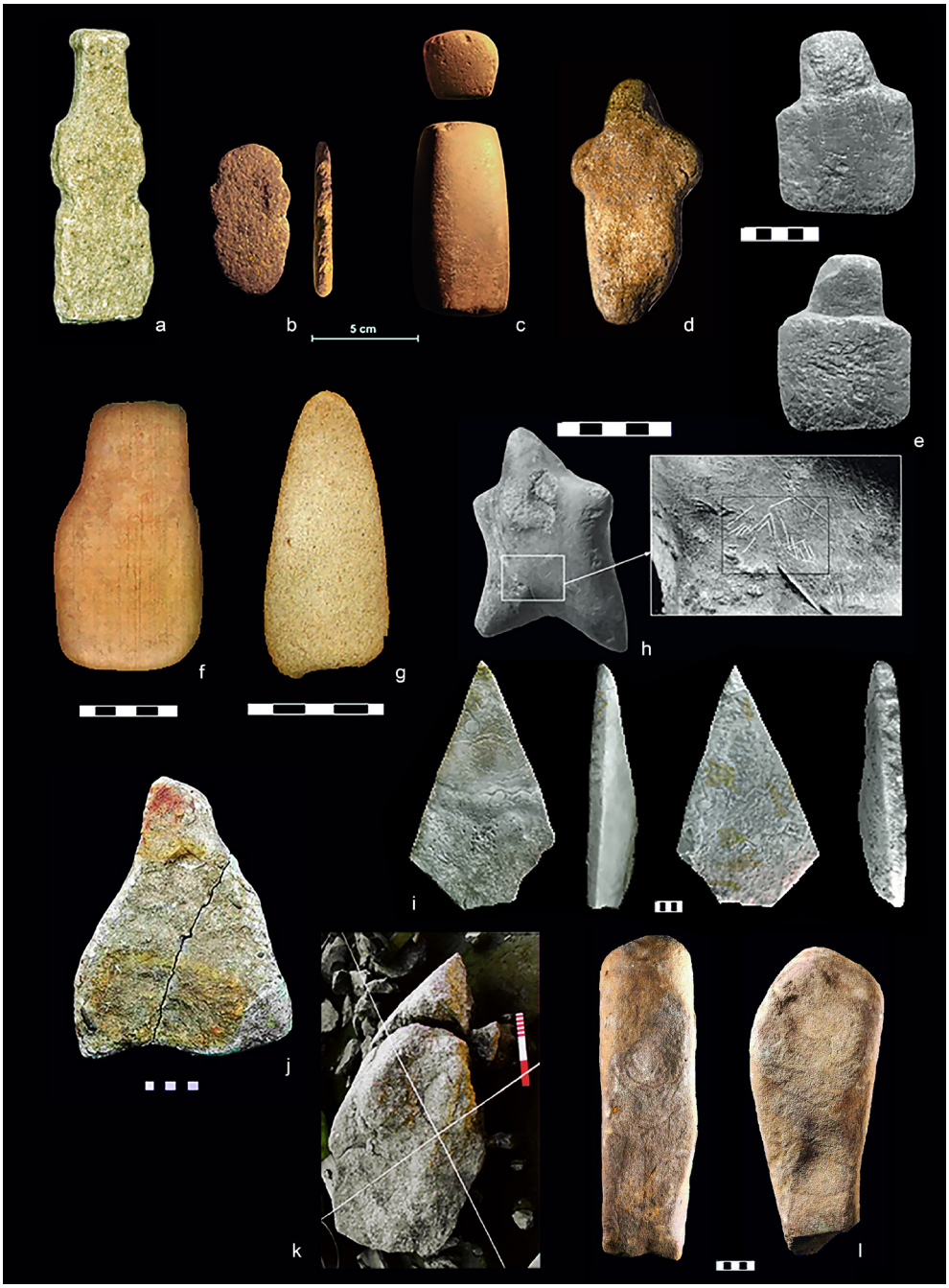


Fig. 2. Small megalithic steles: a. Dombate; b.,c. Monte dos Remédios; d. Pumares; e. Westray; f., g. Douet; h. Pool Sanday; i. Bury; j. L'Hirondelle; k. Bois de Fourgo; l. Mendigana, from BENETAU, 2012; BUENO RAMÍREZ *et al.*, 2009; BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBIN BEHRMANN, 2019a; FÁBREGAS VALCARCE *et al.*, 2020; HERNANZ *et al.*, 2016; LARGE, 2010

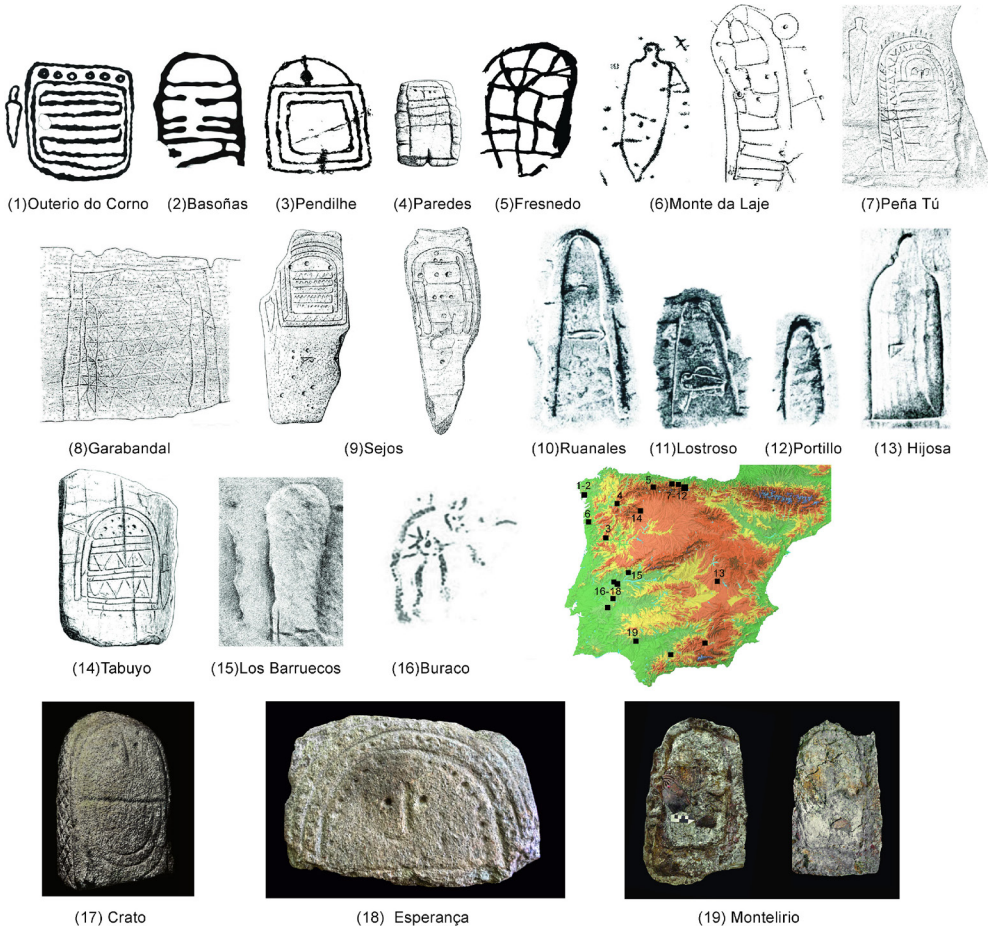


Fig. 3. Steles and panels-stele from BUENO RAMÍREZ *et al*., 2005; BUENO RAMIREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2011, and its location in the Iberian Peninsula

Fig. 4. Megalithic hunting scenes and zoomorphs representations: a. Lubagueira L6; b. Orca dos Juncais; c. Arquinha da Moura; d. Picoto do Vasco; e. Cubillejo de Lara; f. Maimón 2, from BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2004; CUNHA, 1995; SANTOS, CRUZ, BARBOSA, 2017; SHEE TWOHIG, 1981

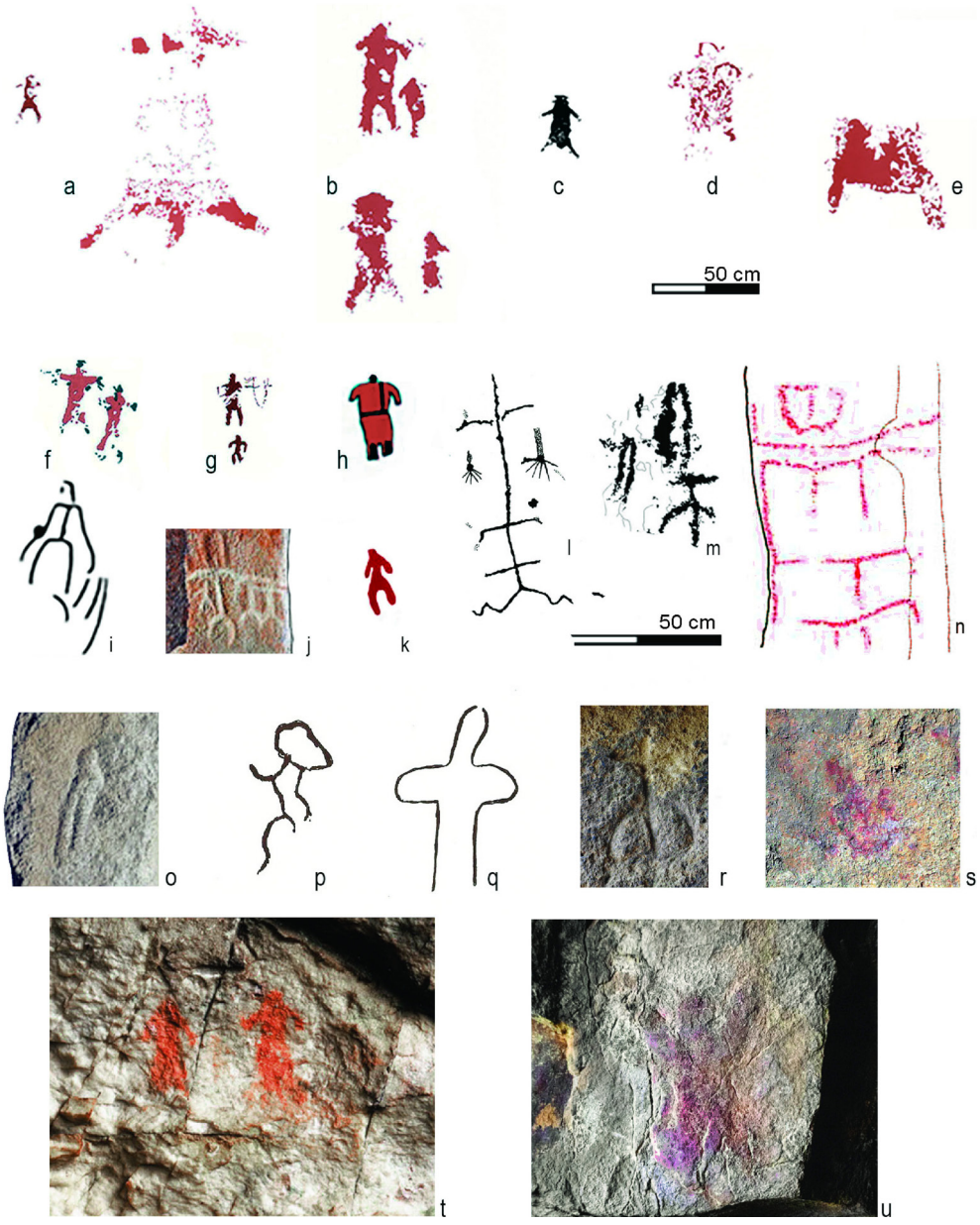


Fig. 5. Skeumorphs and anthropomorphs megalithic representations: a. Orca dos Juncais C4 y C7; b. Tanque; c. Arquinha da Moura C2; d. Castanheira; e. Lubagueira; f. Porto; g. Lubagueira; h. Antelas; i. Golada; j. Soto; k. Padrão; l. Afife; m-n. Picoto do Vasco; o. Soto; p. Fojinho; q. Forles; r. Menga; s. Viera, t. Cueva del Demo; u. Baleira from BUENO RAMÍREZ *et al*., 2013, 2018; FÁBREGAS VALCARCE, PENEDO ROMERO, 2001; RODRÍGUEZ RELLÁN *et al*., 2019; SANTOS, CRUZ, BARBOSA, 2017; SHEE TWOHIG, 1981

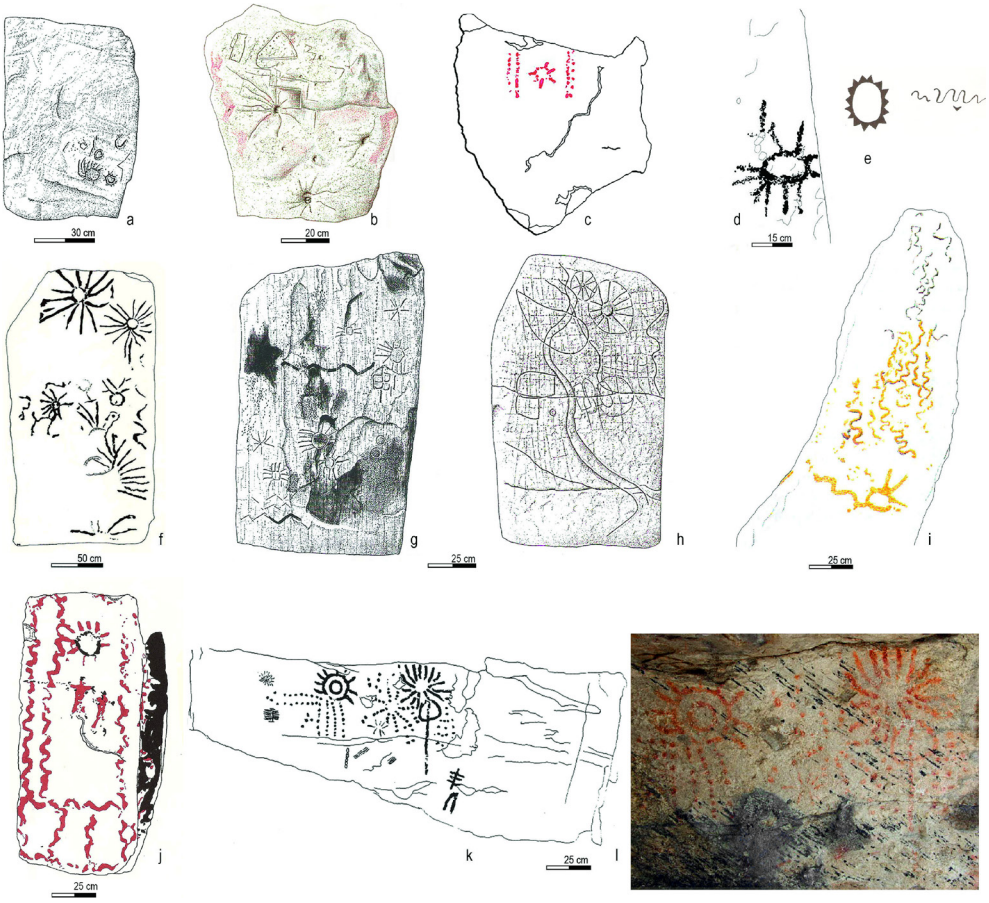


Fig. 6. Suns representations: a. Trincones; b. Alberite; c. Leandro 5; d. Picoto do Vasco; e. Lijo; f. Carapito; g., h. Toniñuelo; i. El Juncal; j. Porto; k., l. Rock shelter of Pala Pinta from BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1996, 1997; BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2004; CARRERA RAMÍREZ, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2017: Fig. 5; SHEE TWOHIG, 1981; SOUSA, 1989

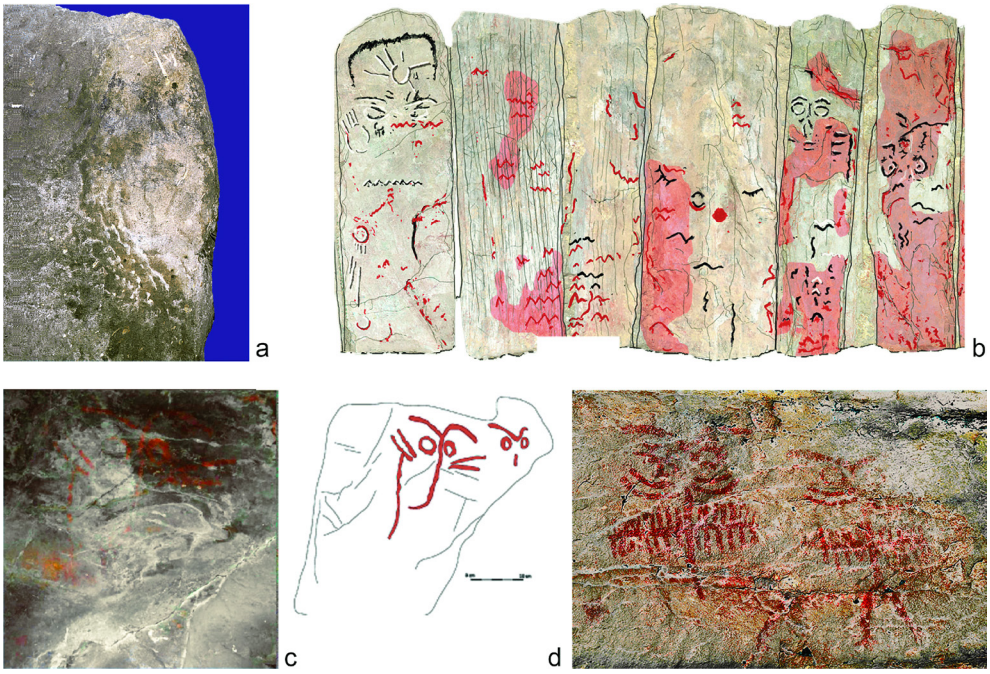


Fig. 7. Oculars representations: a. Alberite; b. Montelirio; c. Pala das Cabras; d. Serra dos Passos from BUENO RAMÍREZ, BALBÍN BEHRMANN, 1996; BUENO RAMÍREZ *et al*., 2016b; SANCHES, 1990; SANTOS-ESTEVEZ, TEJERIZO-GARCÍA, ALONSO TOUCIDO, 2020

RESHAPING (ALL KINDS OF) BORDERS. THE SITE OF PENEDO GORDO IN THE CONTEXT OF NORTHWESTERN IBERIA SCHEMATIC ART*

LARA BACELAR ALVES**
BEATRIZ COMENDADOR REY***

Abstract: *From the mid-1990s we have seen substantial changes in the way knowledge is produced in rock art research. Yet, their impact has been unequal across Europe, in line with the different epistemological traditions. One of the proposals involved the application of concepts from Biogeography to the joint investigation of Atlantic, Schematic and Megalithic Art. This approach was intended to ultimately contribute to a reassessment of the socio-cultural dynamics in Late Prehistory in Northwest Iberia. From a view of ensemble of rock art across the study area, we shall look closely at Penedo Gordo, a site with Schematic Art paintings in the Upper Tâmega valley. This paper brings an overview of the interdisciplinary investigation carried out, combining excavation and rock art recording. Evidence of human activities on site involved the production of lithic industry and one of the excavated layers revealed remains of paint fallen right below a decorated surface.*

Keywords: *Late Prehistory; Northwest Iberia; Schematic Art paintings; Penedo Gordo; Site excavation*.

Resumo: *Desde meados da década de 1990 temos assistido a mudanças substanciais na produção de conhecimento em arte rupestre, porém, o seu impacto foi desigual em meios académicos com tradições epistemológicas distintas. Uma das propostas prende-se com a aplicação de conceitos que emanam da biogeografia ao estudo relacional entre arte atlântica, arte esquemática pintada e arte megalítica. Pretendeu-se que esta abordagem, pudesse ser aplicada na investigação de realidades coevas e contribuir para repensar as dinâmicas socioculturais da Pré-história recente no noroeste peninsular. Partindo de uma visão de conjunto da área de estudo, contextualiza-se a descoberta do Penedo Gordo, um sítio com arte esquemática pintada no alto vale do Tâmega, apresentando-se os resultados do seu estudo interdisciplinar que articulou o registo da arte rupestre com escavação arqueológica. Esta revelou atividades relacionadas com a produção de indústria lítica e, numa das sondagens escavadas sob um dos painéis decorados, surgiram vestígios de matéria colorante.*

Palavras-chave: *Pré-história Recente; Noroeste peninsular; Arte esquemática pintada; Penedo Gordo; Escavação arqueológica.*

* If the copyright for tables, graphs and other images is not indicated, it belongs to the authors of this text.

** Centre of Studies on Archaeology, Arts and Heritage Sciences (CEAACP)/FCT. University of Coimbra. Email: lara.b.alves@uc.pt.

** Área de Prehistoria. Grupo de Estudios de Arqueología, Antigüedad y Territorio (GEAAT). Universidad de Vigo. Email: beacomendador@uvigo.es.

1. INTRODUCTION

Common sense tells us that the simplest inquiry carries the ability to lead us to pioneering accounts on a given subject. The genesis of the research described in this paper was a simple and unprecedented question posed by one of us (BCR):

Why is there an absence of Schematic Art paintings in Eastern Galicia?

This triggered a journey, over a decade ago, designed to find responses, opening a new line of research in Galician Archaeology. Finally, in 2017, two painted rock shelters were discovered: Cova dos Mouros (Baleira, Lugo)[1] and Penedo Gordo (Vilardevós, Ourense). In the following year, also in the region of Ourense, were added to the list Pala de Cabras (Casaio, Carballeda de Valdeorras)[2] and Lorbazán (Monterrei)[3] (Fig. 1: n.os 49, 50, 51, 52). These findings confirmed that evidence for Schematic Art paintings remained undetected largely due to biases in investigation, despite the potential of this region if seen as the geographical extension of others with major assemblages of painted rock shelters belonging to this tradition: Trás-os-Montes (Portugal), to the South, the Spanish regions of Salamanca, Zamora and Leon to the East, and Asturias to the North.

It should be stressed that rock art studies in Northern Portugal have observed, for many decades, that Schematic Art paintings were exclusively found in the eastern regions, therefore confining with the above-mentioned Spanish regions whereas a different rock art tradition had a predominantly Atlantic distribution and expanded towards western parts of Galicia[4]. However, this evidence did not kindle much attention in neighbouring academic circles, whose research interests were traditionally restricted to one style or the other and confined to the limits of its administrative borders[5]. Also, the traditional superstructure of archaeological investigation encouraged the accumulation of primary data intended to make their way into established explanatory frameworks. Yet, when alternative questions start to be asked and the establishment fails to provide paths on which to progress, when the subject strives to overcome the passive condition to which it was mostly relegated, the ground is set for change.

Progressing through alternative paths however does not necessarily imply eradicating but rather re-thinking past knowledge in the light of the proposals brought about by the pursuit of new research questions. Changes or adjustments to traditional thought should be regarded as carrying many histories: the histories of those who constructed it and the chronicles of the expedition followed by the challengers. To acknowledge that

[1] RODRÍGUEZ RELLÁN, FÁBREGAS VALCARCE, CARRERA RAMÍREZ, 2019.
[2] TEJERIZO-GARCÍA *et al*., 2020; SANTOS-ESTÉVEZ, TEJERIZO-GARCÍA, ALONSO TOUCIDO, 2020.
[3] COMENDADOR REY, 2020.
[4] E. g. BAPTISTA, 1983-1984; JORGE, 1983; JORGE, 1991.
[5] E. g. ALVES, COMENDADOR REY, 2017.

the construction of scientific knowledge is an interactive, collaborative process, necessarily implies recognizing the value and critically assess past and novel proposals, as well as their authorship. This is the insignia of mature academic environments that gather conditions to innovate and strive.

But, equally important, is that changes and adjustments to traditional thought may pave the way to groundbreaking findings, like that of the presence of Schematic Art paintings in Galicia. This paper tells the story of the discovery of Penedo Gordo alongside that of the theoretical and methodological framework on which the research strategy was constructed. It tells the story of a site whose rock paintings are not extremely well-preserved but, nonetheless, the strategy designed to approach its study induced the discovery of stratified deposits containing findings of exceptional interest for the investigation of Late Prehistory in Galicia.

2. SETTING THE BACKGROUND

The search for Schematic Art paintings in Galicia began in 2009 along the administrative borders with Portugal and León on the Tâmega and Sil valleys. We subsequently carried out a more extensive survey aiming the sites known in the regions confining with Galicia's administrative borders. Due to the uneven character of published information[6], a framework of analysis was set out which allowed us to collect and systematize a wide range of information intended to go beyond the prevalent focus on the imagery represented on each site[7]. The goal was to apply to a wider geographical area the premises that had previously been designed for the reassessment of Schematic Art sites in Northeast Portugal[8]. Such premises were established in the light of a fresh body of ideas that, either directly or indirectly, emerged from the post-processualist debate from the mid-1990s in Anglo-Saxon Archaeology, bringing about the encouragement to look at prehistoric art beyond what was represented on the rock surfaces, i. e., beyond the analysis of individual motifs, as very often stated by R. Bradley[9]. Emphasis started to be issued to the setting of rock art in the landscape[10], the significance of the natural place(s)[11] or on the human experience of such sites in a phenomenological perspective[12]. Yet, at some point, as any rock art specialist from traditional core areas of investigation, like Iberia, France or Italy would become aware, the emphasis placed on the imagery was being replaced by a focus

[6] The character of the publications was diverse, covering numerous papers, mostly of local or regional reach and rare site monographs. The amount of detail on the sites differed greatly and, particularly in older publications there was little information on anything else than the character of the motifs represented. Some unpublished data was collected on the web, other provided by local informants and booklets.
[7] ALVES, COMENDADOR REY, 2017.
[8] ALVES, 2002; ALVES, 2003.
[9] E. g. BRADLEY, 1997.
[10] E. g. BRADLEY, 1997.
[11] E. g. HELSKOG, 1999; BRADLEY, 2000.
[12] E. g. TILLEY, 1997.

on everything that surrounded it and the imagery itself left behind. It seemed necessary to re-shed light onto the designs and its creation. Hence, proposals inspired in Anthropology of Art literature from around the world, introduced the analysis of attributes of the motifs beyond (and adding to) typology and classification. Amongst those attributes were: a) the interaction between the motifs and natural features on the rock surface[13] and between the motifs and the wider landscape[14]; b) inquires upon the performer's gestures combined with the physical experience of place[15]; c) the materiality of rock art and the processes by which images come into being[16].

This paved the way to test a new framework based on dialectical scales of analysis and therefore conveying a pendular movement from the landscape to the rock face, which was applied to field research on Iberian rock art in the late 1990s/early 2000s[17]. As far as the Schematic Art assemblage was concerned, the aim was to draw on previous studies, filling in the more prevalent imagery-focused studies with information on the relationship between motifs and the physical features of the landscape, place and the rock outcrop[18]. The same methodology was later employed in the reassessment of selected painted rock shelters in Galicia's neighbouring regions[19] and applied to the design of the project «Art-facts — the archaeological contexts of Schematic Art in the Côa Valley 2014-2016»[20] and later to Penedo Gordo[21]. Consistent with a focus on the investigation of the socio-cultural contexts of rock art, research included excavation in areas below the painted surfaces[22].

Hence, the boundaries that confined our object of study have been stretched beyond the focus on motifs to embrace all the significant things around them — from the natural world to the archaeological contexts — so that the imagery was subsequently re-incorporated, perceived and approached under a different light.

3. LATE PREHISTORIC ART IN NORTH-WEST IBERIA — BOUNDARIES RESHAPED

The northwest of Iberia is a particularly interesting region to investigate post-glacial rock art for here two of the dominant traditions that span across vast areas of western Europe are known to come together: Schematic Art paintings and Atlantic Art (Fig. 2).

[13] E. g. HELSKOG, 1999; BRADLEY, 2000; ALVES, 2002; TILLEY, 2004.
[14] E. g. BRADLEY, 2000; ALVES, 2003.
[15] E. g. TILLEY, 2004.
[16] E. g. ALVES, 2009.
[17] ALVES, 2003.
[18] ALVES, 2003.
[19] ALVES, COMENDADOR REY, 2017.
[20] ALVES *et al*., 2014; REIS *et al*., 2017.
[21] COMENDADOR REY, *coord*., 2022.
[22] The excavation of Late Prehistoric Art sites has a very long tradition in Portuguese Archaeology and south-eastern Spain having become more current in the British Isles from the 2000s.

Because their wide distribution in Europe cuts across the administrative borders of different countries and, consequently, the boundaries between different academic traditions, their study is uneven across the board and each of them is relatively unknown outside their own geographical confines. Only researchers working in a region where the two rock art traditions come together, are more aware of the dynamics between them. This region was, until recently, confined to the North of Portugal. However, for many years, the two traditions were believed to be subsequent in time: Atlantic Art was supposed to have its origins in the Copper Age/Early Bronze Age whereas Schematic Art was assigned to the Neolithic. Therefore, each one was associated with quite distinct social and cultural contexts.

As mentioned, in the early 2000s, new readings of the evidence and interpretative proposals emerged from breaking with traditional research that stimulated the confinement of studies to particular regions, styles or sites, attempting to bring in a dialectical, unchained, perspective. One of these proposals[23] resulted from developing in greater detail the ideas put together by Bradley and Fábregas's in their 1998 paper Crossing the border, a view from Galicia into the Portuguese evidence[24]. It was also inspired by A. M. Baptista's emphasis on studying rock art in the light of natural regions[25]. Overall, the exercise resulted in re-shaping the geographical borders between Atlantic Art and Schematic Art paintings (Fig. 3).

From this research also emerged the proposal that Atlantic Art may have been already established in north-western Iberia in the 4th millennium BC and would therefore have been partly contemporary with Schematic Art paintings[26]. This redefinition of the temporal boundaries would inevitably have profound implications not only in rock art studies but, most importantly, in re-thinking the dynamics of Late Prehistory in Northern Portugal. Hence, if the adoption (or rejection) of a rock art tradition is driven by the specificity of a particular social and cultural context, and if both these traditions are likely to be contemporary, this opens the question of ««what if there were two distinct forms of societal organization and cultural identities in neighbouring regions of Northern Portugal in the Neolithic?».

[23] ALVES, 1997; ALVES, 2003; ALVES, 2009.
[24] BRADLEY, FÁBREGAS VALCARCE, 1998; See also ALVES, COMENDADOR REY, 2017.
[25] BAPTISTA, 1986: 33; BAPTISTA, 1983-1984: 73.
[26] ALVES, 2003; ALVES, 2009.

This is a question raised by the analysis of the evidence from rock art[27], that has never been tacked by mainstream Archaeology. Perhaps due to epistemological constrains, Prehistoric studies tended to be more devoted to the task of unifying phenomena (from megaliths to pottery styles) based on their formal characteristics, rather than examining and contrasting difference. So, providing this scenario, our attention was directed towards the environmental setting that each tradition is inexorably bound to. Drawing on Orlando Ribeiro's description of Portugal as sitting in between the Atlantic and the Mediterranean[28], an attempt was made to understand whether the transition between Atlantic Art and Schematic Art along the Vouga basin followed climatic variation[29]. Later, new insights into the geographical characterisation of the study area led one of us to the employment of concepts borrowed from Biogeography[30]. As detailed elsewhere, one of the fundamental objectives of this branch of Geographic studies is the establishment of typological hierarchical models of the territory known as eco-regions based on biomes, i. e., ecological communities sharing climatic conditions and geological features that support species with similar adaptation strategies[31]. Its interest to Human Geography rests on the evidence that economic strategies and the design of cultural landscapes are intimately linked to the presence of specific biomes, so it may be right to say that the features that characterise a particular biogeographical region are bound to shape the relationship between humans and the natural world[32]. Those features induce particular subsistence strategies, patterns of settlement, the range of resources available and the breeding cycles of plants and animal that mark the rhythm of rural life, as superbly described by Orlando Ribeiro[33].

Thus, overlapping the limits of the Biogeographical regions of Northern Portugal with the distribution of Atlantic and Schematic Art traditions, it is clear that the former predominantly sits in the Atlantic super-province of the Euro Siberian region whereas the former occurs in the Mediterranean Biogeographical region[34].

If we extend the analysis to all of the north-west of Iberia, the picture is rather similar, despite the few Atlantic Art sites that sporadically cross the biogeographical

[27] It is worth noting that the 2003 proposal covered not only Atlantic Art and Schematic Art (including the so-called Schematic Art carvings, earlier classified by A. M. Baptista's as Group 2 of the north-western Portugal rock carvings) but also their relationship with Megalithic Art (ALVES, 2003). However, in recent years our studies on this particular subject-matter have tended to let aside Schematic Art carvings due to the sheer difficulty facing current research in producing an accurate characterization of this style. The main problem lays in establishing, on judicious grounds, acceptable chronological boundaries of many of the motifs that typify the style, particularly if found on open-air outcrops lacking clear archaeological contexts.
[28] RIBEIRO, 1945.
[29] ALVES, 2003: 220, Fig. 71.
[30] ALVES, 2012; SPELLERBERG, SAWYER, 1999.
[31] COSTA *et al*., 1998: 6.
[32] ALVES, REIS, 2017.
[33] RIBEIRO, 1945.
[34] AGUIAR, 2008: 42.

boundary but are nonetheless within the limits of a transition zone[35]. There are also examples of Schematic Art paintings located in northernmost areas yet they are, as far as current knowledge tells us, outside the main area of distribution of Atlantic Art.

If we further extend the scale of analysis to Western Europe, the scenario is analogous with Schematic Art spanning across the Mediterranean biogeographical region of Europe, from Italy, Southern France and permeating almost entirely the Iberian territory, apart from its far northwest corner where it converges Atlantic Art, in the southernmost extents of the Atlantic Biogeographical region[36].

A major novelty in recent years is the redefinition of the northwesternmost limits of the distribution of Schematic Art paintings which are being stretched from north-east Portugal to the Galician heartland (Spain) after the discovery of Cova dos Mouros and Penedo Gordo.

Thus, the design of a new research strategy which implied exploring new possibilities beyond traditional methodological and theoretical confines, led to the advent of new proposals regarding the temporal and geographical limits of the major Prehistoric art traditions converging in the far end of Europe. Moreover, the study of the social and cultural dynamics underlying the proposed scenario has the potential to bring this peripheral region to the core of the debate on Neolithic Europe.

4. THE MAKING OF PENEDO GORDO (VILARDEVÓS, OURENSE): THE ROCK ART SEQUENCE AND EXCAVATION RESULTS

We shall now look at a case study in which many of these ideas were put into practice[37]. As mentioned, Penedo Gordo is located in the southeast quadrant of Galicia, not far from the Portuguese border, near the hamlet of Feilas (Vilardevós, Ourense) (Fig. 4). The site sits halfway upslope a hill range flanked by the valley of river Tâmega to the southwest and the heights of Serra Seca to the northwest. It stands as an isolated and conspicuous quartzite outcrop measuring ca. 20x30x20m.

4.1. The rock art

The presence of rock paintings on the western front of the rock was first noticed by B. Rúa, X. L. Lozano, R. Gayoso and X. R. Reigada in October 2017. Soon after, B. Comendador Rey visited the site and informed governmental authorities of its scientific relevance, confirming the preliminary attribution of this assemblage to the Schematic Art tradition.

[35] E. g. ALVES, COMENDADOR REY, 2017.
[36] E. g. ALVES, 2012: Fig. 13, 1.
[37] The archaeological research carried out at Penedo Gordo in 2018/2019 was supported by the Galician Directorate General of Heritage after an invitation addressed to the University of Vigo.

In the following year, a multidisciplinary team from the University of Vigo directed by one of us (BCR)[38] gathered efforts to accomplish an ambitious protocol of research. This protocol was based on an interdisciplinary approach covering fieldwalking, geophysical surveys, rock art recording, small-scale excavation, edaphic and sedimentary studies, radiocarbon dating, as well as ethno-historical and anthropological inquiries. Regarding the documentation of the painted surfaces, the aim was to combine the recording of both the paintings and their backdrop with the diagnosis of their state of conservation, identification of biological colonies as well as the physical-chemical characterization of the rock paintings blending *in situ* and laboratory analysis[39].

The rock art catalogue was produced using a combination of traditional and novel recording techniques based on digital imaging processing in order to eliminate specific biases and shortcomings of each method. For instance, direct tracing allowed us to identify the remains of paintings which are still visible to the naked eye and distinguish between them and natural intrusions of iron ochre that may be mistaken for paintings when photos are enhanced with D-Stretch[40]. The results of the 1:1 scale tracing were then combined with different techniques of colour image enhancement of photographs[41] obtained by photography with polarised lighting[42]. Combining multiple techniques was particularly important on this site due to the poor state of conservation the motifs painted on open-air surfaces.

The survey of the rock outcrop allowed the identification of five upright surfaces — panels — containing paintings, mostly in red (despite some nuances) and mostly geometric. Panels 1 and 2 are found on the cliff walls facing the west and the remaining on the northern side of the outcrop (Fig. 5).

---

[38] Research team — project director: Beatriz Comendador Rey (Grupo de Estudos en Arqueoloxía, Antigüidade e Territorio, University of Vigo); Lara Bacelar Alves (CEAACP, University of Coimbra); researchers under temporary contracts: Vítor Rodríguez Muñiz and Nieves Amado Rolán; photogrammetry and 3D models: Benito Vilas Estévez. ARBORE S.L.; geophysical surveys: Natalia Caparrini Marín (Department of Engineering of Natural Resources and Environment; Vigo University); study of biological colonies: M.ª Eugenia López de Silanes, Graciela Paz Bermúdez (Department of Engineering of Natural Resources and Environment; Vigo University: *in situ* and laboratorial analysis of pigments: José Santiago Pozo-Antonio (Department of Engineering of Natural Resources and Environment; Vigo University); Pablo Barreiro Castro (RAMAN) (Department of Appled Physics, New Materials group, Vigo University); edaphological studies — head of research: Antonio Martínez Cortizas (Department of Edaphology and Agricultural Chemestry, University of Santiago de Compostela); diagnosis and specialised cleaning of rock art panels: Vera Caetano; oral tradition and place name data collection: Bruno Rúa Martínez; inventory of archaeological findings: B. Comendador Rey, Lucía Rodríguez Álvarez e Jéssica Silvares de Diós (Faculty of History, Ourense, Vigo University); archaeobotanical study: María Martín Seijo (GEPN, USC); morphological and provenance studies of the lithic industry: M. Natividad Fuertes Prieto e Diego Herrero Alonso Universidad de León; traceological analysis of the lithic industry: Juan Gibaja Bao, CSIC-Barcelona; study of ceramic material: Miriam Cubas, Aranzadi Science Society; study and conservation of the bayonet: J. Manuel Candales (Museo Militar de A Coruña) e Yolanda Porto Tenreiro (Fráxil S.L.).

[39] COMENDADOR REY, 2020; COMENDADOR REY, *coord.*, 2022; POZO-ANTONIO *et al.*, 2021.

[40] Image enhancement technique developed by John Harman is a plugin to ImageJ: <https://www.dstretch.com>.

[41] GARCÍA VÁZQUEZ *et al.*, 2017.

[42] CORTÓN NOYA, LÓPEZ GARCÍA, CARRERA RAMÍREZ, 2015.

On panel 1, paintings occur on two different areas. In the frontal area it shows a composition of eleven dots painted with the fingertips. Below, apparently disconnected from it and slightly hidden from view, there are three inconspicuous weathered motifs. Non-intrusive colour spectrophotometry analysis indicated that the red-green range of the painted dots do not show substantial variations which, adding to the exclusive use of hematite as pigment constituent shown by Raman spectroscopy, suggests that the cloud of dots was produced in a single moment.

Panel 2 is likewise an open-air surface exposed to the elements, which explains the extremely weathered conditions in which the paintings are found. The panel shows, on the left-hand side, dots and bars typical of the Schematic Art tradition and on the right, remains of paintings forming a group of lines barely visible to the naked eye. However, the photographic digital enhancement showed an upright line and two others coming out of each side, vaguely recalling the layout of a human figure. There is a notable difference between the weathering of the motifs on both sides of the panel. Also, there is a puzzling absence of paintings right on the centre, suggesting that some motifs may have been washed away for unknown reasons. Portable Raman spectroscopy added some interesting insights to the techno-morphological analysis for it attested the presence of three different types of pigment compositions, one containing exclusively hematite, detected in well-preserved motifs, another combining hematite and goethite and finally, the most weathered motif contains exclusively goethite[43].

Panel 3 is equally exposed to the elements and exhibits a human figure with triangular-shaped head on the right-hand side of a patch of pigment of similar dimensions. Both images are red-orange in colour, contrasting with the predominantly red colour of the majority of the site's rock paintings. Raman spectroscopy analysis demonstrated that the pigment used to create both the human figure and the patch to its left contain goethite[44]. Thus, the paintings on panel 3 are unique at Penedo Gordo for their distinct colour and the presence of a human figure of apparent bi-triangular shape which pigment is exclusively composed of goethite.

Panel 4 corresponds to a white quartz intrusion in the rock formation and is located in a more sheltered area of the outcrop, which allowed a better preservation of the rock paintings that exhibit the brightest and most solid colour of the whole assemblage. On the left-hand side we find two vertical bars, one of which attached to two others set at an angle. On the right-hand sector a coat of paint is clearly superimposed over an indeterminate figure, partly hidden. This indicates that there were actions taking place subsequently, however, regarding pigment composition, there is a rather consistent use

[43] POZO-ANTONIO *et al*., 2021.
[44] POZO-ANTONIO *et al*., 2021.

of hematite exclusively. Moreover, colour spectrophotometry analysis shows that the red-green spectrum provides even values across the whole composition.

Next to it, panel 5 shows an oval-shaped form likely to have been produced by a fingertip and shapeless patches of pigment that are overall composed of hematite.

It should also be noted that, beyond the intentional selection of surfaces with particular morphological features apparently ideal to frame or fit in specific compositions, like we see on panels 1, 2 and 3, there is little interaction with the physical properties of the backdrop, like mineral intrusions or microtopographic gradations. In this respect, panel 4 is exceptional. Here, the white quartz backdrop offers a rather uneven surface folded in the middle in an angle that contains a deep oval hole. The paintings do not interact directly with this feature yet those at the far end of the right-hand side section were conspicuously placed against the fissures that mark the panel's edge.

So, insights on the modes by which the imagery came into being were gathered from the techno-morphological examination and pigment analysis. These results allow us to propose that the creation of the rock art at Penedo Gordo might have involved at least two different stages: an earlier moment represented by the paintings on panel 3 and some of the most weathered on the right-hand sector of panel 2, even though they do not show the same motif typology. This hypothesis is grounded not only on their degree of weathering and presence of goethite in pigment composition, but also on the morphological character of the human figure on panel 3 which shows striking resemblances with an anthropomorph with a triangular-shaped head painted on a pebble from an Early Neolithic context at Cueva de Chaves, in Bastarás, Huesca[45] (Fig. 6). The remaining paintings on site show some coherence in terms of pigment composition, colour and on the exclusive use of the simplest geometric forms of the Schematic Art repertoire, dots and bars, that only in the case of panel 1 enfold a sense of composition.

4.2. Excavation results

The study of the rock art was complemented with the excavation of two small trenches opened immediately below two decorated surfaces, aiming to attest the presence of human activity on site and if so, whether it could be related in any way with the period in which Schematic Art was in use. Providing its landscape setting, the fact that the outcrop is readily accessible on a platform half-way upslope, which aids sustaining soil deposits, and the characteristics of the place itself configuring an ideal area for shelter, Penedo Gordo seemed to gather suitable conditions to preserve stratified deposits (Fig. 7).

In the western sector, the trench was positioned right against the rock wall below panel 2. Here, the upper layers showed intense human activity signalled by the presence

[45] UTRILLA MIRANDA, BALDELLOU MARTÍNEZ, 2001-2002: Fig. 13; UTRILLA MIRANDA, LABORDA LLORENTE, 2018.

of small open hearths and a single pottery sherd of historical date, mixed up with a set of prehistoric lithic material. On the bottom layer, a hollow dug on the bedrock preserved a fragment of a 19th century bayonet, which is most likely to be associated with an event named «the Penedo Gordo assault», one the numerous battles that took place in this border region during the Peninsular War (1807-1814)[46]. Although sediments of prehistoric origin were detected by edaphic analysis, there is no evidence for preserved stratigraphy from that period, unlike what was observed on the opposite side of the outcrop.

In the northern sector, the trench was located below panels 4 and 5, right next to the most sheltered area of the rock formation. Our expectations were again to collect any material evidence for prehistoric occupation on site (sediments, structures, artefacts) and even perhaps a loose piece of quartzite containing remains of paintings buried in the stratigraphy, given that there was a significant amount of fallen blocks lying on the ground. And, in fact, the excavation confirmed the occurrence of preserved stratigraphy containing few pottery fragments but a relevant assemblage of lithics (Fig. 8). These were produced on a variety of raw materials, predominantly white quartz, quartz crystal and, to a lesser extent, flint and porphyry, from non-local sources. Typological and use-wear analysis[47] indicate that the large majority of white quartz and quartz crystal findings correspond to debitage products given that all the steps of the *chaîne opératoire* are present here. In the case of flint and porphyry, from non-local sources, were exclusively found pre-shaped flakes and finished tools (Fig. 8). Amongst them were a geometric microlith (circle segment), two arrowheads, a *backed blade* and a retouched blade with evidence of sickle-gloss (Fig. 9). The presence of ten flint tools, and particularly the blades, at Penedo Gordo is remarkable in the regional context for they do not only fill an important gap for the hinterland of the Ourense province[48], but it clearly stands as a high percentage from a single site for the whole of Galicia. This is even more significant because they are apparently associated with daily activities whereas the majority of the findings of flint in the region are finished tools exhumed from funerary monuments[49]. Moreover, the identification of different types of flint indicates the use of multiple supply routes, as described for northern Meseta[50].

As far as the stratigraphic sequence is concerned, the twenty-five units recorded seemed to stage a *continuum* of activities of similar character with no significant *hiatus*. The presence of lithic material was apparently uninterrupted and the occurrence of small

[46] COMENDADOR REY, *coord*., 2022.
[47] GIBAJA, 2022; FUERTES PRIETO, HERRERO ALONSO, 2022. The study of the lithic industry was carried out by Juán Gibaja Bao from CSIC-Barcelona (use-wear) and Natividad Fuertes and Diego Herrero, from the University of León (morphology and provenance studies).
[48] LOMBERA-HERMIDA, RODRÍGUEZ RELLÁN, VAQUERO RODRÍGUEZ, 2016: 149.
[49] RODRÍGUEZ RELLÁN, LOMBERA-HERMIDA, FÁBREGAS VALCARCE, 2010: 69, Fig. 2.
[50] FUERTES PRIETO, NEIRA CAMPOS, FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, 2015; FUERTES PRIETO *et al*., 2016.

to medium sized fallen quartzite blocks was detected throughout. Only the superficial layers retained materials of historical date.

However, edaphological analysis of the stratigraphic sequence produced quite unexpected results for there were identified two independent categories of sediments, assembled in two large packages that establish a break in the sequence between units UE213 and UE218. The data therefore points out to the occurrence of two periods of occupation separated by a wide temporal gap.

The evidence from sediment analysis was subsequently corroborated by C14-AMS dating. Given the presence of a succession of small areas of burnt soil, charcoal samples were exhumed from across the stratigraphy for radiocarbon dating[51]. One of the upper layers (UE213) provides a date from the mid-3rd millennium BC (2565-2305 cal BC) whereas that from a sample collected in a lower layer (UE222) points out to the first half of the 4th millennium BC (3935-3655 cal BC) (Table 1). However, taking into account that the excavation failed to reach the bedrock in the first season, the possibility of unveiling an earlier stage of occupation cannot be entirely discarded.

Table 1. Radiocarbon dates

Lab code	Beta-519996	Beta-521799
Provenance layer	UE213	UE222
Method	AMS	AMS
Material	Charcoal	Charcoal
Taxon	*Quercus sp. caducifolio*	*Quercus sp. caducifolio*
Uncalibrated age (BP)	**3940±30BP**	**4990±30BP**
Cal 2 σ	2565-2305 cal BP	3935-3655 cal BP
Probability	95,4%	95,4%
Variables: d13C	-26,2‰	-26,4‰
Calibration Curve	IntCal 20	IntCal 20

So, excavation allowed us to confirm the presence of human activities immediately below the rock art panels dated to the Neolithic and, subsequently, to the Copper Age. Notwithstanding the small-scale of the excavation, these activities seem to be mostly related to the production of lithic industry likely to be used within a spectrum of tasks

[51] COMENDADOR REY, *coord.*, 2022: 174-181. The C14-AMS dating was conducted at the BETA Analytic Inc Laboratory (Miami, USA). The charcoal samples were previously the object of an archaeobotanical study by Maria Martín Sejo (University of Santiago de Compostela, Galícia, Spain). The dates are the result of radiocarbon calibration using the OxCal v4.4. program (BRONK, 2009) and the intCal20 calibration curve (REIMER *et al.*, 2020).

associated directly with the character of the (either intermittent or seasonal) occupation of this particular environment: hunting, scrapping soft and semi-hard materials and perhaps harvesting.

The presence of human activity in painted rock shelters is not frequent but it is not uncommon either[52]. The evidence grants researchers the possibility to assess the character of the occupation and draw proposals as to a conceivable temporal association between the creation of the rock art and the moment in which activities took place on site. Yet, an extraordinary finding at Penedo Gordo allows us to give a step further in the interpretation on how the site came into being. In fact, the excavation revealed a grey quartzite fragment and a block of soil, from UE205 and UE208 respectively, showing red spots with a similar colour to the pigments employed in the rock paintings. *In situ*, the latter resembled a drop of paint fallen on the ground and was extremely well-preserved (Fig. 10). Subsequent laboratorial analysis confirmed that the red crust on the stone was not a natural mineral intrusion but a homogeneous layer sitting on top of the surface. Moreover, both red-coloured deposits found on the quartzite fragment and on the block of soil showed a similar mineral composition. They contained hematite just like the pigments of the motifs analysed on the panel above. Hence, it seems plausible that these samples are related to the action of painting the geometric signs on panel 4 and they were exhumed from the layers above the sedimentary cleavage that separates the two main phases of activities on site. If this was the case, this data complements both the results of the techno-morphological observations and analytical studies of the rock art, in which the geometric paintings on panel 4 would be ascribed to the end of the sequence, which may be dated, yet not directly, to around, or soon after, the mid-3rd millennium BC.

In addition, loose stone fragments collected on the same trench showed red-coloured mineral intrusions, suggesting that the raw material for painting might have been readily available around the rock outcrop.

4.3. Summing up

As the inaugural chapter of research at Penedo Gordo comes to a close there are three main ideas worth highlighting:

1. The potential of south-eastern Galicia for the discovery of sites with Schematic Art paintings and the need to address its study from an integrated cross-border approach as shown by previous studies[53].

[52] E. g. SANCHES, 1997.
[53] ALVES, COMENDADOR REY, 2017.

2. The north-west of Iberia is one of the most interesting European regions to study the encounter of major post-glacial rock art traditions. The expansion of the study of Schematic Art paintings across this region is fundamental to understand the dialogue between the different manifestations of Late Prehistoric Art.
3. The relevance of the study of Schematic Art sites for the investigation of the Neolithic in Galicia as well as for a more comprehensive approach of the mobility of human groups in Late Prehistory. In this sense, the recent publication of fragments of Cardial ware from Cova Eirós[54], which production is unique in the context of the northwest and the territory North of Mondego, though with parallels in the Portuguese Extremadura, suggests the arrival of this exotic item through contact between hunter-gatherer and agricultural communities across Western Iberia. In the context of the long-distance movement of objects in the beginning of the Neolithic, the Régua-Verín natural corridor connecting the central area of Northern Portugal to Galicia might have played a fundamental role, given that Early Neolithic sites dating from the first half of the 5th millennium BC are known in the northeast Portuguese region of Trás-os-Montes[55]. And, in fact, the research carried out at Penedo Gordo, overlooking the Régua-Verin passage, led to the identification of stratified archaeological deposits dating from at least the Middle Neolithic. Although this site is in its earlier stages of excavation, the 2018 season corroborated its huge potential.

5. CONCLUSION

We briefly described the foundations of a new ontology in rock art studies, borrowing an expression used by A. M. Jones[56], emerging in the mid-1990s that have slowly (and at times not entirely consciously) have been making its way into very diverse academic milieus. It developed amidst the eruption of epistemological experiments following the post-processualist debate and a generalized distrust in the foundations of archaeological thought upon the rigid ruling of Grand Theories which were seen as a kind of readily-made wrapping material to which many acritically attached the primary data. On the contrary, this movement appealed to critical thought, self-assessment, fluidity of proposals, freedom of thought and a balanced relationship between the subject and the object of study. And so, long-lasting borders constraining archaeological thought started to fall, to be redesigned and perceived as dynamic entities.

As far as our subject-matter is concerned, often seen as marginal and self-contained, questions started to be raised as to what should be the role of rock art studies in Archaeology and how they might contribute to the most prominent debates on European

[54] FÁBREGAS VALCARCE *et al.*, 2019.
[55] E. g. SANCHES, 1997; MONTEIRO-RODRIGUES, 2011.
[56] JONES, 2017.

Prehistory. Rock art studies should be oriented towards, and actively participate, in the current debates on the dynamics of Prehistoric societies. Not only should they adopt a greater contextual scope but also scholars dealing with related topics should attend to and critically review the results of rock art research, in a symmetrical perspective.

As stated, these ideas have been developed and evolving for the northwest Iberian contexts over the last two decades. The case study of Penedo Gordo shows how the construction of alternative methodological strategies may be influential for restructuring the global understanding of post-glacial art towards the edge of the Continent[57] and re-thinking the cultural and social dynamics of Late Prehistory. In this respect, the application of dialectical scales of analysis allied to the comparative study of the different post-glacial rock art traditions found in Northern Portugal, resulted in re-shaping the chronological boundaries of Atlantic Art and to propose its coexistence with Schematic Art paintings in the 4th millennium BC[58].

This strategy, grounded our extended approach to the whole of the northeast[59], and is now being applied to the same contexts using other variables[60]. Also, the use of Biogeography as a methodological device, first employed by one of us (LBA) in 2012[61] as an additional tool to our analysis of the contrasting distribution of Atlantic and Schematic Art, is currently being transferred and experimented in the study of a range of different topics on the Late Prehistory of north-west Iberia[62].

At Penedo Gordo, an all-inclusive protocol of field research attempted to replicate the principles applied to the wider scale, with stimulating results from the analysis of the rock art sequence but mainly from the exceptional character of the lithic industry unveiled in the 1m x 1,5 m trench that will bring a significant contribution to the advances of Neolithic studies in Galicia.

ACKNOWLEDGEMENTS

The research ««Intervención Arqueolóxica no Penedo Gordo/Penedo da Moura (Feilas, Fumaces e A Trepa, Vilardevós, Ourense)» (Archaeological Service File: 02.O.390.2018.001. Code SXPA: ED 102A 2018/502-0) was founded by Consellería de Cultura, Educación e Ordenación Universitaria: Servizo de Arqueoloxía — Subdirección Xeral de Conservación e Restauración de Bens Culturais — Dirección Xeral do Patrimonio Cultural, in collaboration with University of Vigo. The project «PREMedia: Interpretación patrimonial de sitios con Pintura Rupestre Esquemática (PRE) da comarca de

[57] And also putting it into perspective within European contemporary contexts e. g. ALVES, 2012; VALDEZ-TULLET, 2019; BRADLEY, 2020.
[58] E. g. ALVES, 2003.
[59] ALVES, COMENDADOR REY, 2017.
[60] SANTOS-ESTÉVEZ, TEJERIZO-GARCÍA, ALONSO TOUCIDO, 2020.
[61] See also ALVES, 2014; ALVES, REIS, 2017; ALVES, COMENDADOR REY, 2017.
[62] CANHA, this volume; SANCHES, 2020; BETTENCOURT, 2021.

Monterrei»» was founded by Convocatoria Grupos de Investigación Campus de Ourense, University of Vigo, INOU2020. Code: 2020 OUR1 131H 647.

We are very grateful for all the support provided by the team who discovered the paintings at Penedo Gordo —B . Rúa, J. L. Lozano, J.R. Reigada e R. Gayoso —, by the Comunidade de montes e veciñanza de Feilas/A Trepa, Concello de Vilardevós, Reitoral da Chaira (Riós), Concello de Riós and the Asociación Portas Abertas-Centro de Desenvolvemento Rural (Vilardevós). We also wish to express our sincere thanks for the efforts and sheer enthusiasm of those who joined us either as members of the research team, collaborators, or consultants.

BIBLIOGRAPHY

AGUIAR, Carlos (2008). *Biogeografia e uso do território*. In EQUIPA ATLAS, *ed*. *Atlas das aves nidificantes em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim; Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, pp. 41-50.

ALVES, Lara Bacelar (1997). *Framing Depictions. A reassessment of the post-palaeolithic rock art in Portugal.* Reading: University of Reading. Master's Dissertation.

ALVES, Lara Bacelar (2002). *The architecture of the natural world: rock art in western Iberia*. In SCARRE, Chris, *ed*. *Monuments and Landscapes in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*. London and New York: Routledge, pp. 51-69.

ALVES, Lara Bacelar (2003). *The movement of Signs-Post-glacial rock art in North-western Iberia*. Reading: University of Reading. PhD Thesis.

ALVES, Lara Bacelar (2009). *Signs on a rock veil: work on rocks, «prehistoric art» and identity in north-west Iberia.* In O'CONNOR, Blaze; COONEY, Gabriel; CHAPMAN, John, *coords*. *Materialitas: working stone, carving identity*. Oxford: Oxbow, pp. 169-180.

ALVES, Lara Bacelar (2012). *The circle, the cross and the limits of abstraction and figuration in north-western Iberian rock art*. In COCHRANE, Andrew; JONES, Andrew, *eds*. *Visualising the Neolithic: abstraction, figuration, performance, representation.* Oxford: Oxbow Books, pp. 198-214. (Neolithic Studies Group Seminar Papers; 13).

ALVES, Lara Bacelar (2014). *Intermitências: a arte e a Idade do Bronze no Ocidente peninsular*. In LOPES, Susana Soares, *coord*. *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: Centro de Pré-História/Instituto Politécnico de Tomar, pp. 15-51. (Antrope, Série Monográfica; 1).

ALVES, Lara Bacelar; COMENDADOR REY, Beatriz (2017). *Arte Esquemático pintado en el noroeste peninsular: uma visión transfronteiriza.* «Gallaecia». 36, 11-52.

ALVES, Lara Bacelar *et al*. (2014). *ART-FACTS: Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa*. «CôaVisão». 16, 101-106.

ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (2017). *Tattooed landscapes. A reassessment of Atlantic Art distribution, research methods and chronology in the light of the discovery of a major rock art assemblage at Monte Faro (Valença, Portugal).* «Zephyrus». 80, 49-67. DOI:10.14201/zephyrus2017804967.

BAPTISTA, António Martinho (1983-1984). *Arte rupestre no Norte de Portugal: uma perspectiva*. «Portugalia». Nova série: IV-V, 71-88.

BAPTISTA, António Martinho (1986). *Arte rupestre pós-glaciaria: Esquematismo e abstracção*. In ALARCÃO, Jorge, *ed*. *Do Paleolítico à Arte Visigótica.* Lisboa: Publicações Alfa, pp. 31-55. (História da Arte em Portugal; 1).

BETTENCOURT, Ana Maria Santos (2021). *The Northwestern Iberian Peninsula Between the Late 3rd Millennium and Early 2nd Millennium BCE as a Mosaic of Cultural Identities.* In LOPES, Susana Soares; GOMES, Sérgio, *eds. Between the 3rd and the 2nd Millennia BC: exploring Cultural Diversity and Change in Late Prehistoric Communities.* Oxford: Archaeopress, pp. 12-48.

BRADLEY, Richard (1997). *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land.* London/New York: Routledge.

BRADLEY, Richard (2000). *An Archaeology of Natural Places.* Signing the Land. London/New York: Routledge.

BRADLEY, Richard (2020). *A Comparative Study of Rock Art in Later Prehistoric Europe*. Cambridge: EAA/Cambridge University Press.

BRADLEY, Richard; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (1998). *Crossing the border: contrasting styles of rock art in the Prehistory of north-west Iberia*. «Oxford Journal of Archaeology». 17:3, 287-308. DOI: 10.1111/1468-0092.00064.

COMENDADOR REY, Beatriz (2020). *Miradas transfronteirizas: a pintura rupestre da comarca de Monterrei (Ourense) no seu contexto territorial. Conferência apresentada no Encontro «Paisaxes tatuadas: a arte esquemática pintada no noroeste peninsular à luz dos novos achados». Encontros Monográficos co Patrimonio Cultural 29, 18th February 2020*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega. [Consult. 27 dec. 2020]. Disponível em <http://consellodacultura.gal/evento.php?id=200964>.

COMENDADOR REY, Beatriz, *coord.* (2022). *O Penedo Gordo. Intervención arqueolóxica nun abrigo con pintura rupestre esquemática da Galicia suroriental*. Vigo: Universidade de Vigo — Servizo de Publicaciónes.

CORTÓN NOYA, Natalia; LÓPEZ GARCÍA, Ângela; CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2015). *Combining photogrametry and photographic enhencement techniques for the recording of megalithic art in North-West Iberia*. «Digital Applications in Archaeology and Cultural Heritage». 2, 89-101.

COSTA, José Carlos *et al*. (1998). *Biogeografia de Portugal Continental.* Bragança: Quercetea.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón *et al*. (2019). *Vaso com decoración cardial de Cova Eirós (Triacastela, Lugo).* «Trabajos de Prehistoria». 76:1, 147-160.

FUERTES PRIETO, Maria Natividad *et al*. (2016). *El «sílex» en la Meseta Norte: Sectores central y noroccidental.* «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada». 26, 27-52.

FUERTES PRIETO, Maria Natividad; NEIRA CAMPOS, Ana; FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, Esperanza (2015). *El «sílex» en el sector noroccidental de la Meseta Norte: recursos litológicos aprovechados en la Prehistoria.* «Férvedes». 8, 45-54.

FUERTES PRIETO, Maria Natividad; HERRERO ALONSO, Diego (2022). *Informe preliminar sobre el material lítico tallado (Anexo 04e).* In COMENDADOR REY, Beatriz, *coord. O Penedo Gordo. Intervención arqueolóxica nun abrigo con pintura rupestre esquemática da Galícia suroriental.* Vigo: Universidade de Vigo — Servizo de Publicaciónes, pp. 249-267.

GARCÍA VÁZQUEZ, Iván *et al*. (2017). *Procedimientos de realce y calco digital aplicados a pinturas rupestres en el abrigo de El Castillón (Santa Eulalia de Tábara, Zamora).* In ÁLVAREZ RODRÍGUEZ, Alicia; TEJEDOR RODRÍGUEZ, Cristina; GARCÍA VÁSQUEZ, Iván, *coords*. *Investigaciones arqueológicas en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media: actas de las V Jornadas de Jóvenes Investigadores del valle del Duero. Del Paleolítico a la Edad Media*. Valladolid: Glyphos Publicaciones, pp. 96-103.

GIBAJA BAO, Juan Francisco (2022). *La función del utillage lítico del Penedo Gordo (Anexo 04f).* In COMENDADOR REY, Beatriz, *coord.*, *O Penedo Gordo. Intervención arqueolóxica nun abrigo con pintura rupestre esquemática da Galícia suroriental.* Vigo: Universidade de Vigo — Servizo de Publicaciónes, pp. 269-273.

HELSKOG, Knut (1999). *The Shore Connection. Cognitive Landscape and communication with Rock Carvings in Northernmost Europe.* «Norwegian Archaeological Review». 32:2, 73-93.

JONES, Andrew Meirion (2017). *Rock Art and Ontology*. «Annual Review of Anthropology». 46, 167-181.

JORGE; Susana Oliveira (1991). *A ocupação do espaço no Norte de Portugal durante o III-inícios do II milénio a. C*. In JORGE, Vítor Oliveira; JORGE, Susana Oliveira, *eds*. *Incursões na Pré-história*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, pp. 299-380.

JORGE, Vítor Oliveira (1983). *Gravuras portuguesas*. «Zephyrus». 36, 53-61.

LOMBERA-HERMIDA; Arturo de; RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos; VAQUERO RODRÍGUEZ, Manuel (2016). *El sílex en el NW de la Península Ibérica. Un estado de la cuestión*. «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada». 26, 137-155.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011). *Pensar o Neolítico Antigo*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. (Estudos Pré-Históricos; 16).

POZO-ANTONIO, José Santiago *et al*. (2021). *Methodological Approach (In Situ and Laboratory) for the Characterisation of Late Prehistoric Rock Paintings — Penedo Gordo (NW Spain)*. «Minerals». 11:6, 551.

REIMER, Paula J. *et al*. (2020). *The IntCal20 Northern Hemisphere radiocarbon age calibration curve (0-55 cal kBP)*. «Radiocarbon». 62:4, 725-757.

REIS, Mário *et al*. (2017). *Art-facts — os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa*. «Techne». 3:1, 97-111.

RIBEIRO, Orlando (1945). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo geográfico*. Coimbra: Coimbra Editora.

RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2019). *Intervención arqueológica en el abrigo de Cova dos Mouros (Baleira, Lugo). Un primer ejemplo de pintura esquemática en Galicia*. «Munibe Antropologia-Arkeologia». 70, 185-205.

RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos; LOMBERA-HERMIDA, Arturo de; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2010). *El sílex durante la prehistoria reciente del NO de la Península Ibérica*. In GIBAJA, Juan Francisco *et al*., *eds*. *Les grans fulles de sílex. Europa al final de la Prehistòria. Actes*. Barcelona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 69-74. (Monografies; 13).

SPELLERBERG, Ian F.; SAWYER, John W. (1999). *An introduction to applied biogeography*. Cambridge: Cambridge University Press.

SANCHES, Maria de Jesus (1997). *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: SPAE.

SANCHES, Maria de Jesus (2020). *Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na baixa bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo*. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, *coords*. *Arqueologia em Portugal. 2020 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 783-796.

SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; TEJERIZO-GARCÍA, Carlos; ALONSO TOUCIDO, Francisco (2020). *El abrigo con pintura esquemática de Pala de Cabras (Ourense). Encuentros y desencuentros entre dos tradiciones*. «Complutum». 31:1, 7-24.

TEJERIZO-GARCÍA, Carlos *et al*. (2020). *Hallazgo de un conjunto de pintura esquemática prehistórica en el sitio de «Pala de Cabras» en Casaio*. «Revista PH Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico». 100, 44-63.

TILLEY, Chris (1997). *A Phenomenology of the Landscape. Places, paths, monuments*. Oxford; New York: Berg.

TILLEY, Chris (2004). *The materiality of Stone. Explorations in Landscape Phenomenology*. Oxford; New York: Berg.

UTRILLA MIRANDA, Pilar; BALDELLOU MARTÍNEZ, Vicente (2001-2002). *Cantos pintados Neolíticos de la Cueva de Chaves (Bastarás, Huesca)*. «SALDVIE». 2, 45-126.

UTRILLA MIRANDA, Pilar; LABORDA LORENTE, Rafael (2018). *La cueva de Chaves (Bastarás, Huesca): 15000 años de ocupación prehistórica*. «Trabajos de Prehistoria». 75:2, 248-269.

VALDEZ-TULLETT, Joana (2019). *Design and connectivity. The case of Atlantic rock art*. Oxford: BAR International series. (Archaeology of Prehistoric Art; 1).

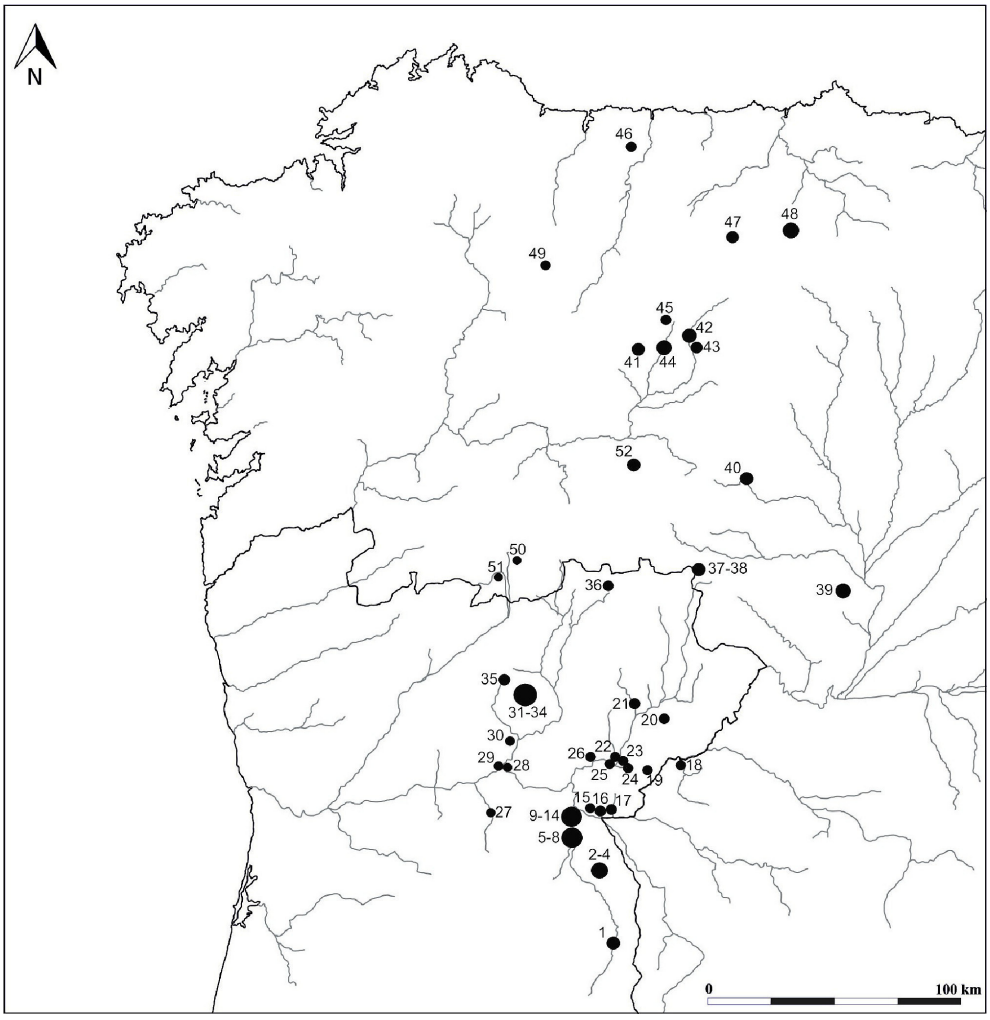


Fig. 1. Location of 52 sites with Schematic Art paintings in the northwest of Iberia located closer to the administrative borders (adapt. ALVES, COMENDADOR REY, 2017): n.º 50. Penedo Gordo/Penedo da Moura, Vilardevós, Ourense, Galicia, Spain

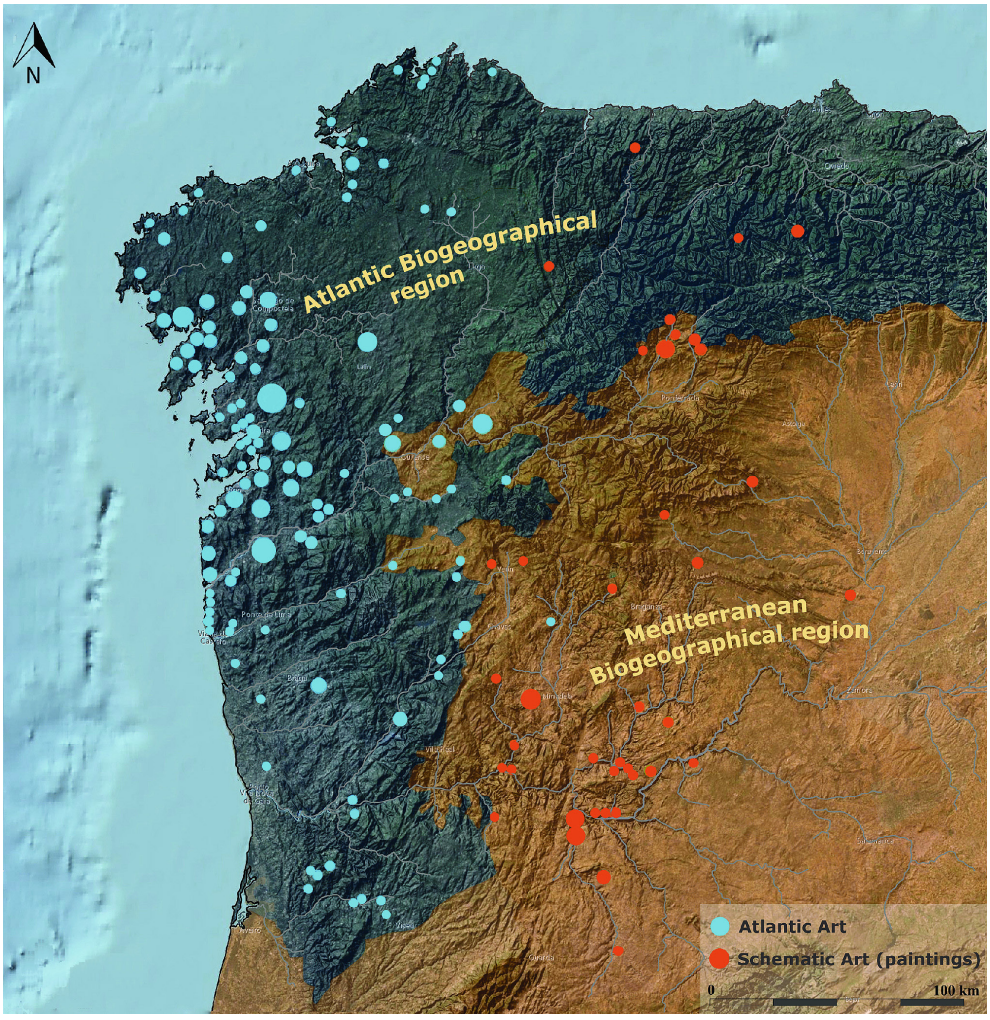


Fig. 2. Distribution of Atlantic Art and Schematic Art paintings in the northwest of Iberia and their relationship with the confines of two of the major European biogeographical regions (adapt. ALVES, COMENDADOR REY, 2017; for further details on the wider distribution of both rock art traditions across Europe, see ALVES, 2012: Fig. 13, 1). On the foundations of this exercise was the ambition to diversify the methodological strategies to approach Late Prehistoric Art in northwestern Iberia aiming to encourage new questionings and shedding new light on this subject. This way, some options were deliberately made, like setting aside particular realities that we consider to still be ill-defined, like, for example, open-air Schematic Art carvings

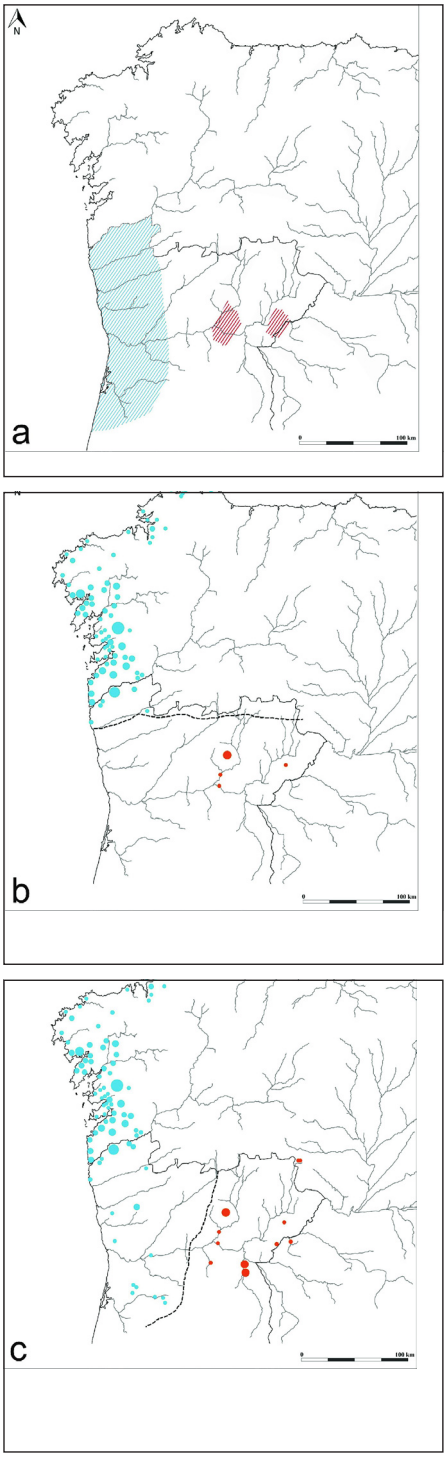


Fig. 3. Distribution of Iberian Atlantic Art and Schematic Art paintings as shown by different authors over time (a. BAPTISTA, 1986; b. adapt. BRADLEY, FÁBREGAS VALCARCE, 1998; c. ALVES, 2003, 2009); c. and the proposals for the definition of a transition area between both rock art traditions (a., b.) — adapt. ALVES, COMENDADOR REY, 2017

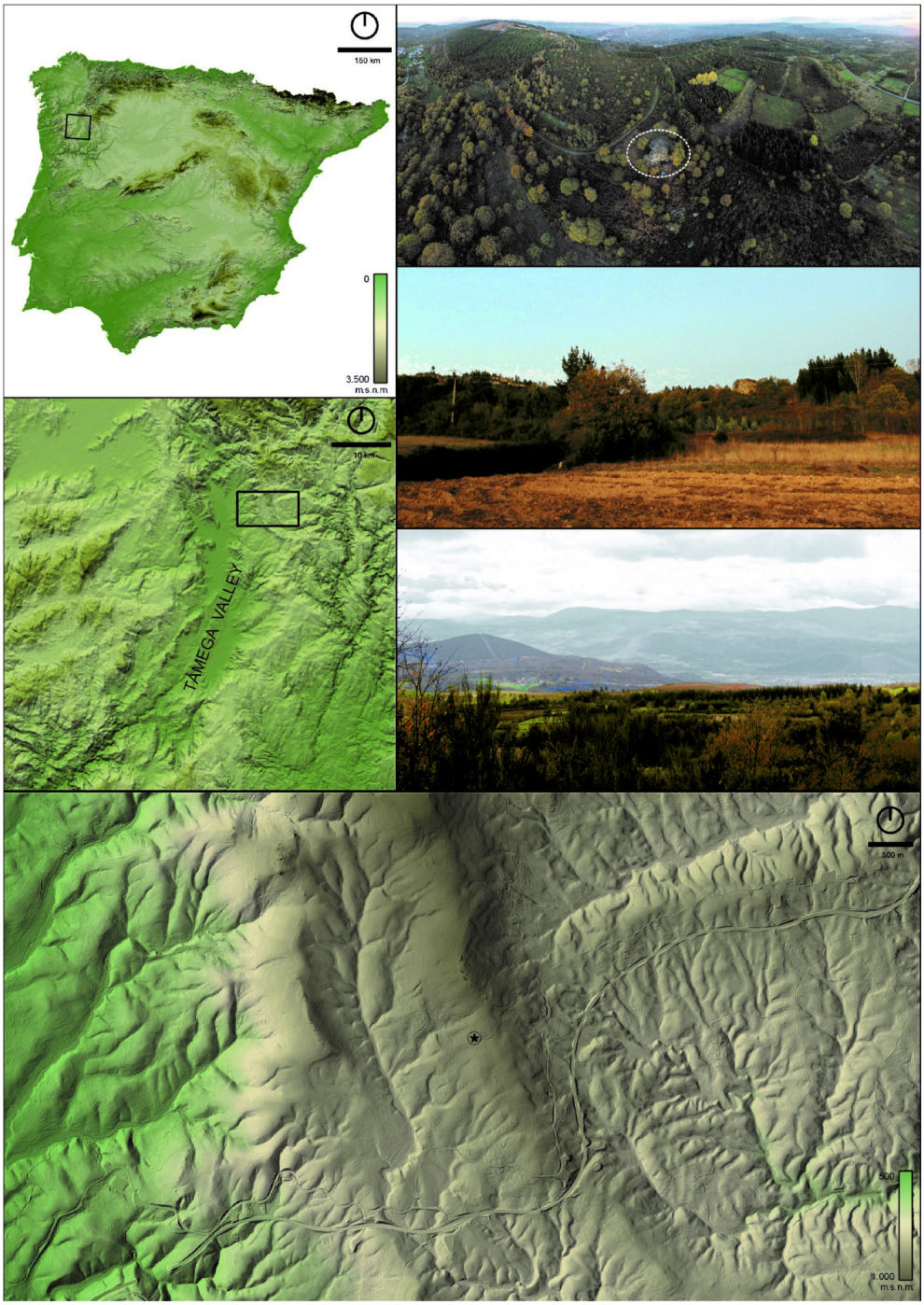


Fig. 4. The location of Penedo Gordo at different scales and its landscape setting (a.) with views towards (b.) and from the site (c.)

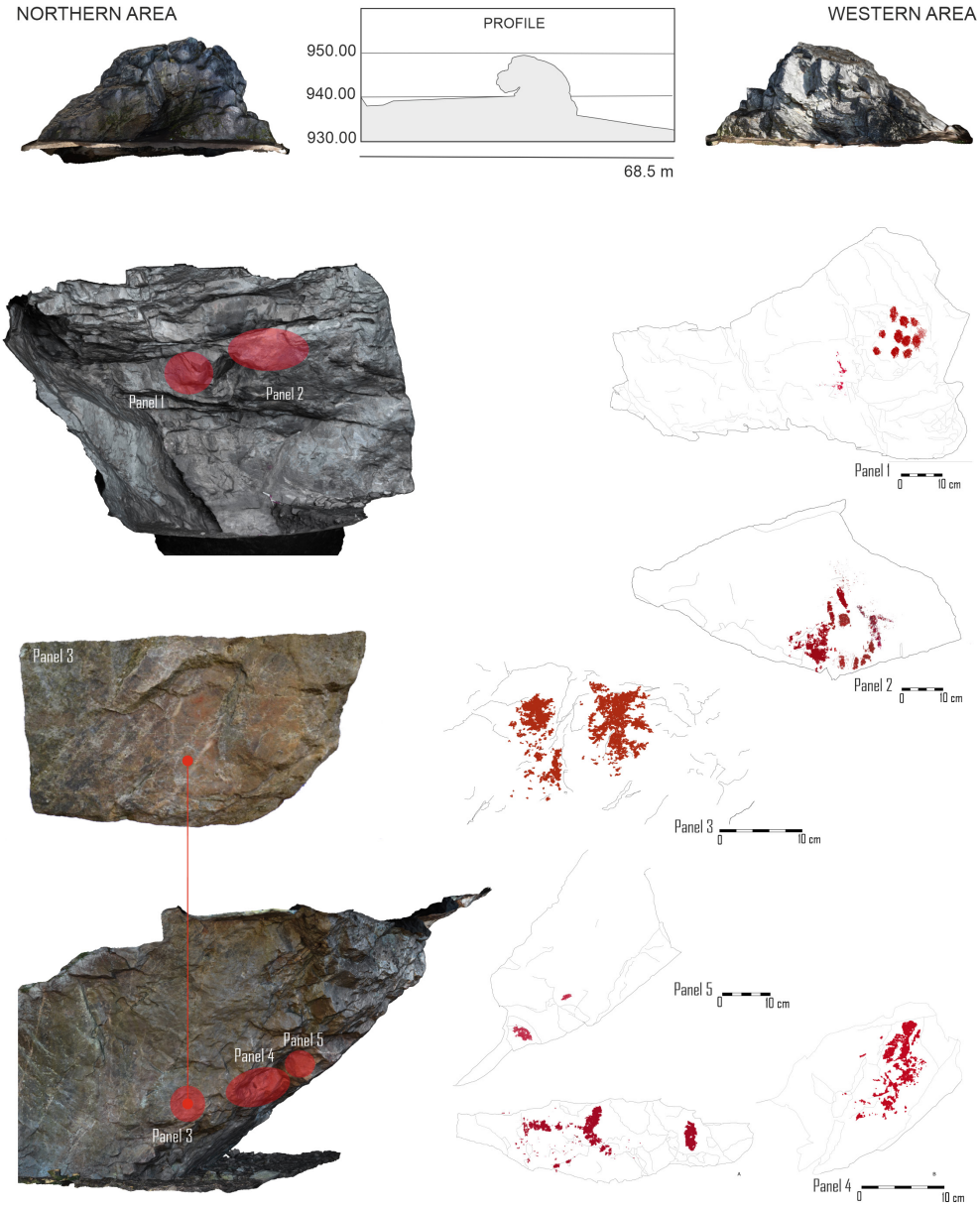


Fig. 5. Location of the two areas excavated at Penedo Gordo in 2018. The positioning of panels 1 and 2 on the 3D models of part of the western face of the outcrop and associated rock art records. The positioning of panels 3, 4 and 5 on the 3D models of part of the northern walls of the outcrop and associated rock art records. Virtual tours to the site of Penedo Gordo are accessible in http://premedia.webs7.uvigo.es/

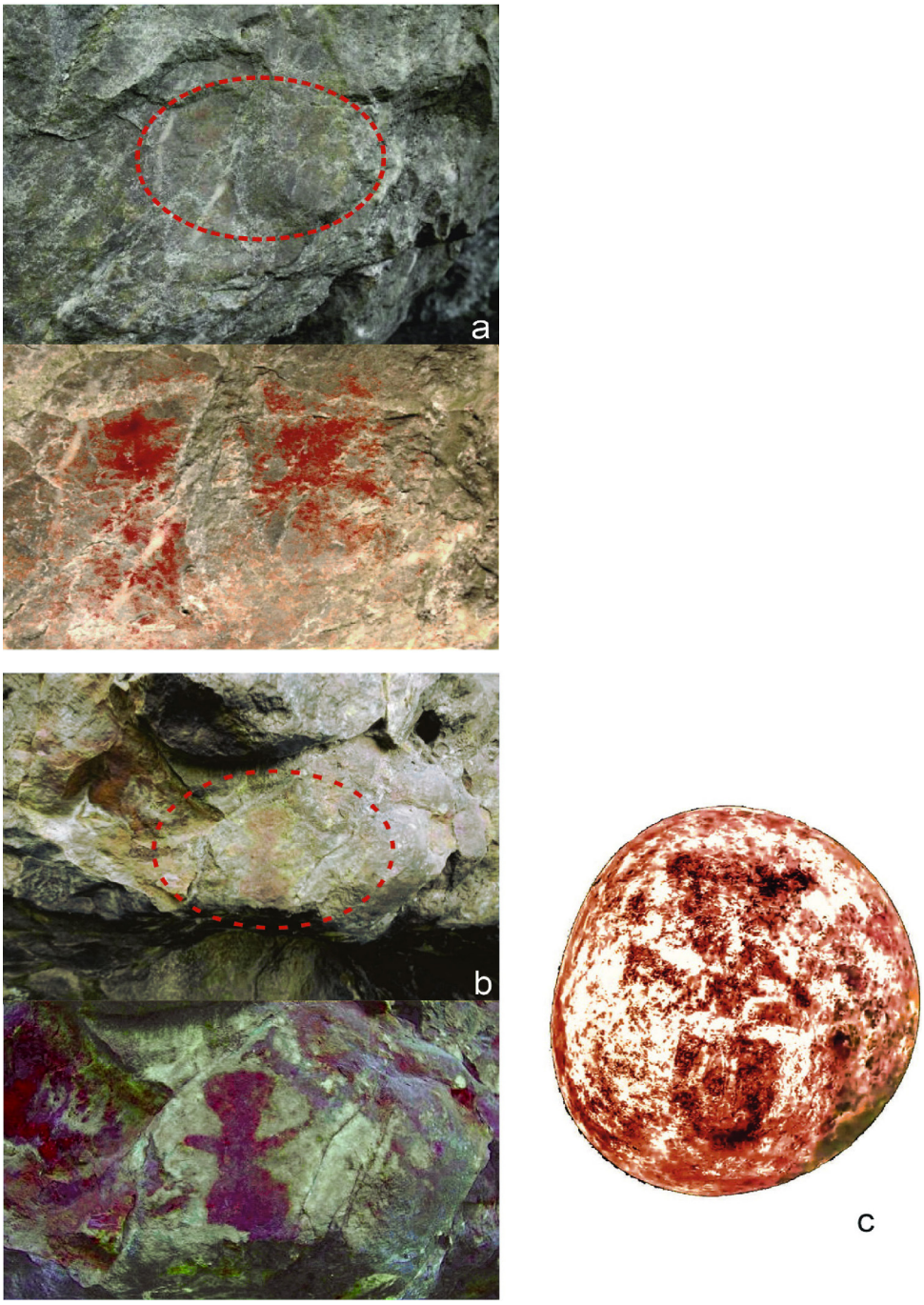


Fig. 6. Comparison between the morphology of figure on Panel 3 at Penedo Gordo. Abrigo de Piruetanal, Ciudad Real (photo: El Primer Arte), and that of a human figure painted on a pebble from La Cueva de Chaves, Bastarás, Huesca (UTRILLA MIRANDA, LABORDA LLORENTE, 2018: Fig. 14)

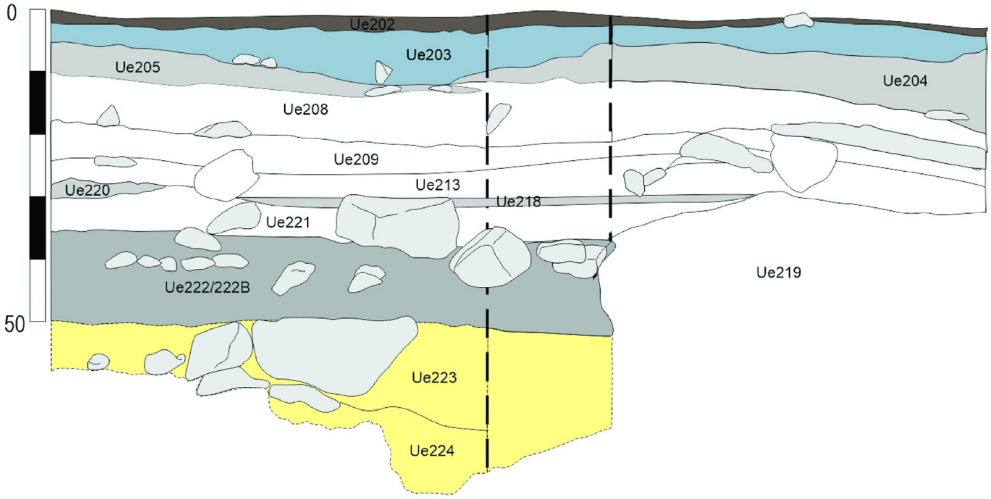


Fig. 7. Penedo Gordo. Northern sector — West section

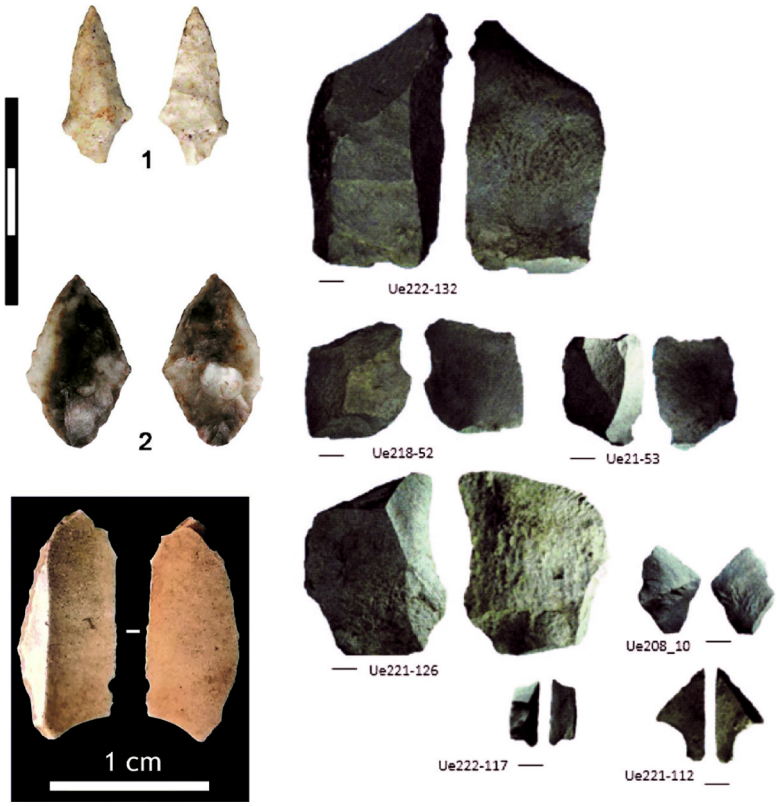


Fig. 8. Selection of lithic material from the northern trench: arrowhead PG18SNb140 (Ue218); arrowhead PG18SNb359 (Ue221); segment PG18SNb510 (Ue218); porphyry material recovered in the northern sector

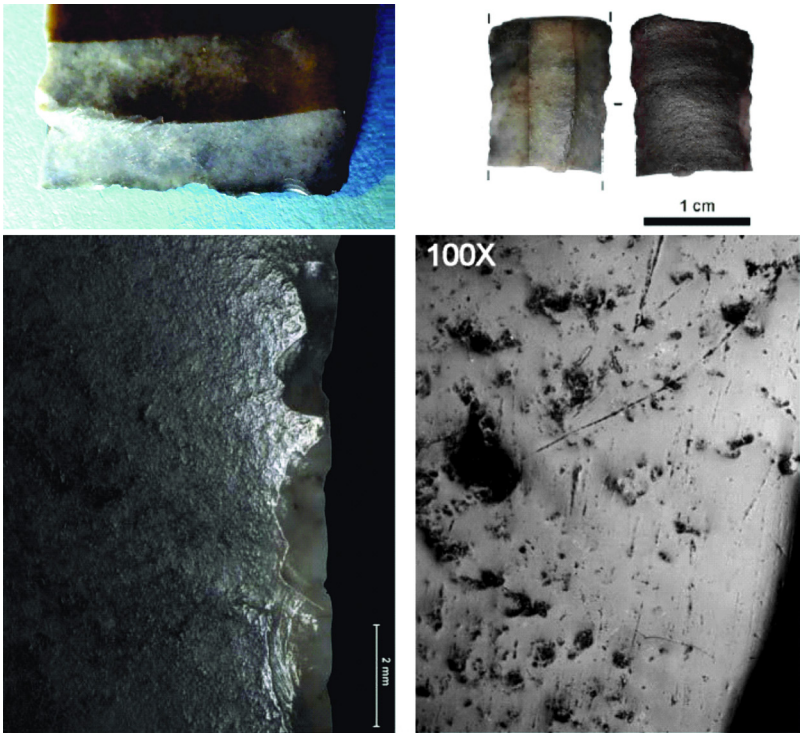


Fig. 9. Sickle-gloss on a flint blade (UE2020) from the trench on the northern sector. This piece shows evidence for repeated action of retouching (photograph by J. Gibaja, CSIC)

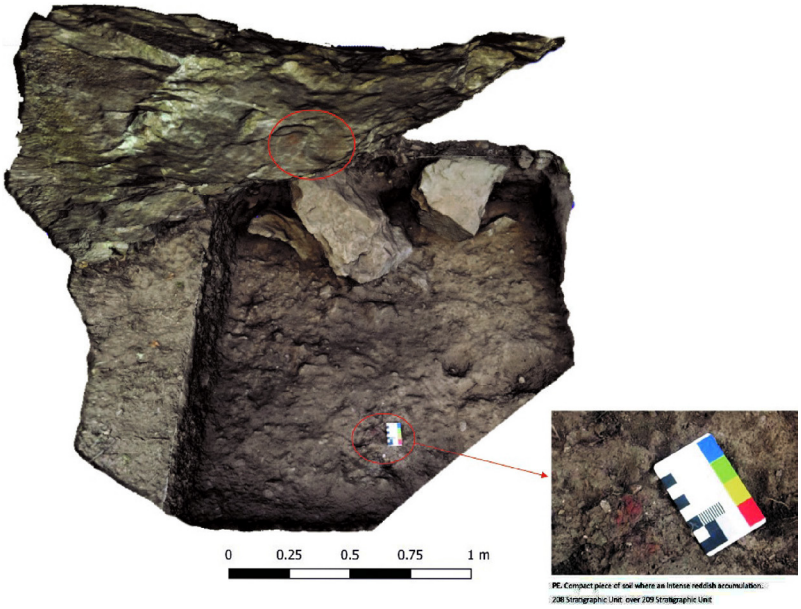


Fig. 10. Drop of painting material found in the stratigraphic sequence of the northern trench

EX PORTUGAL LUX: SOBRE LA NEOLITIZACIÓN DE LOS TERRITORIOS SUDOCCIDENTALES DEL DUERO ESPAÑOL*

ELISA GUERRA-DOCE**
MARÍA PILAR ZAPATERO MAGDALENO***

Abstract: *The Neolithisation process of the Spanish Northern subplateau was thought to have originated from the Culture of the Caves, identified by P. Bosch Gimpera at the beginning of the 20th century. In the last few decades, however, other cultural influences have also been noticed. In its southwestern area (the present-day provinces of Salamanca and Ávila), for instance, the material culture, settlement pattern, and economic system of the earliest Neolithic groups are similar to those of the first farming communities in Portugal. In this paper, the importance of the Portuguese connection in the Neolithisation process is highlighted, and potential routes and explanations behind the spread of the farming economy are assessed.*

Keywords: *Early Neolithic; Central System mountain range; Cardial ware pottery; Pastoralism; Chronology.*

Resumen: *Tradicionalmente la neolitización de los territorios de la Submeseta norte peninsular se venía vinculando a la Cultura de las Cuevas definida por P. Bosch Gimpera a comienzos del siglo pasado. En estas últimas décadas, sin embargo, se ha podido apreciar los influjos tempranos de otros focos neolíticos en este proceso. Es el caso del sector sudoccidental normeseteño (las actuales provincias de Salamanca y Ávila) donde la cultura material, el patrón de asentamiento y las pautas económicas de las más antiguas comunidades neolíticas muestran ciertos rasgos que apuntan, en último término, a los primeros grupos productores de Portugal. En este trabajo se hace hincapié en la herencia portuguesa de la neolitización de estas tierras y se exploran posibles rutas y mecanismos que favorecieron la implantación de la economía de producción allí.*

Palabras clave: *Neolítico Antiguo; Sistema Central; Cerámicas cardiales; Pastoralismo; Cronología absoluta.*

1. INTRODUCCIÓN

El último medio siglo ha sido testigo de una renovación sistémica del conocimiento sobre el proceso de neolitización del interior de la Península Ibérica. Mucho ha llovido desde la celebración del *Primer Symposium de Prehistoria de la Península Ibérica*, en 1959. Entonces M. Tarradell Mateu, a quien se encomendó la ponencia sobre Neolítico, consideraba que los primeros grupos neolíticos peninsulares, que entonces se vinculaban a la Cultura de las Cuevas con cerámica decorada, caracterizados en lo material por las

* Si no se indica el *copyright* de tablas, gráficos y otras imágenes, pertenece a las autoras de este texto. Este trabajo ha sido realizado en el marco del proyecto *La neolitización del Valle Amblés (Ávila): Las vías pecuarias y los marcadores territoriales como elementos articuladores del proceso* (PGC2018-099689-B-I00), financiado por el Ministerio de Ciencia e Innovación, la Agencia Estatal de Investigación y el Fondo Europeo de Desarrollo Regional.

** Departamento de Prehistoria, Arqueología, Antropología Social y CC.TT. Historiográficas, Universidad de Valladolid, Plaza del Campus s/n, Valladolid 47011 (España). Email: elisa.guerra@uva.es.

*** Departamento de Prehistoria, Arqueología, Antropología Social y CC.TT. Historiográficas, Universidad de Valladolid, Plaza del Campus s/n, Valladolid 47011 (España). Email: pilar_zapatero@yahoo.es.

cerámicas impresas (entre las que se encontraban las cardiales) y localizados preferentemente en el área costera mediterránea y parte del litoral atlántico portugués, no tenían siquiera representación en las tierras de la Meseta[1]. Si bien hubo entonces voces en desacuerdo con esa supuesta falta de implantación de la Cultura de las Cuevas en el interior peninsular, apoyándose para ello en el hallazgo de ciertas cerámicas (relieves, cordones, digitaciones) en varios yacimientos meseteños[2], décadas después todavía seguía defendiéndose que la introducción de la agricultura y la ganadería en este espacio fue un proceso tardío, que habría que vincular culturalmente al Megalitismo y económicamente al acicate de la metalurgia[3]. El año 1980 constituye un hito en la historiografía sobre el Neolítico meseteño, pues fue entonces cuando M.ª D. Fernández-Posse Y de Arnáiz, a raíz de la revisión de un conjunto de materiales descontextualizados recuperados en la Cueva del Aire (Patones, Madrid), acuñó el término *Neolítico Interior.* Con este término se refería a los primeros grupos productores a ambos lados del Sistema Central, definiéndose también en cuanto a formas y decoraciones su equipamiento cerámico, si bien su marco cronológico no se llevaba más allá del IV milenio a. C.[4]. El origen último de esas gentes se llevaba al sur peninsular, de donde habrían comenzado su expansión en una fase avanzada del desarrollo de la Cultura de las Cuevas andaluza[5].

Una vez dado el pistoletazo de salida, desde entonces se han ido adscribiendo a ese ámbito cultural nuevos materiales y yacimientos, lo que ha permitido no sólo definir con mucha mayor nitidez la primera ocupación neolítica meseteña sino reconocer su dinamismo[6]. A día de hoy se observa un patrón similar al registrado en otras regiones peninsulares, pues los asentamientos al aire libre sobrepasan en número a las ocupaciones en cueva, siendo, además, variada su tipología; las cronologías más antiguas se llevan a mediados del VI milenio cal a. C. aunque las correspondientes a la fase de consolidación de las nuevas formas de vida se sitúan *ca*. 5400/5300 cal a. C.; y la economía agropecuaria ha podido ser constatada desde los momentos iniciales de la secuencia neolítica en la mayoría de los yacimientos en los que se han llevado a cabo análisis botánicos y faunísticos[7].

Sin embargo, en lo cultural el Neolítico Interior no se comporta de forma unitaria y homogénea, pues como no podía ser de otra manera, dada su vastísima área de dispersión, este mundo resulta deudor de distintos influjos culturales (mediterráneos, transpirenaicos y atlánticos) que, sobre todo, se dejan sentir en su faceta material[8]. Este coloquio, promovido por el CITCEM y organizado por la profesora Maria de Jesus

[1] TARRADELL MATEU, 1960: 47, 53.
[2] BOSCH GIMPERA, 1961: 45.
[3] MUÑOZ AMILBIA, 1970: 17; *vid*. CARVALHO, 1999: 59-60.
[4] FERNÁNDEZ-POSSE Y DE ARNÁIZ, 1980.
[5] MUNICIO GONZÁLEZ, 1988.
[6] GONZÁLEZ DE LEMA, 2007; JIMÉNEZ GUIJARRO, 2010.
[7] ROJO GUERRA, 2014.
[8] CERRILLO CUENCA, 2008.

Sanches y su equipo, a quienes agradecemos su invitación y su esfuerzo para que esta reunión haya salido adelante a pesar de la pandemia de COVID-19, nos ha parecido una excelente ocasión para subrayar la herencia portuguesa del Neolítico de los territorios sudoccidentales del Duero español[9], pues ahora más que nunca, vigentes las medidas de distanciamiento social, cuando más querríamos *romper fronteiras* al tiempo que añoramos la libertad de *atravessar territórios*, se hace tan necesario celebrar lo que nos une.

2. LOS INFLUJOS DEL NEOLÍTICO PORTUGUÉS EN LOS TERRITORIOS SUDOCCIDENTALES DEL DUERO ESPAÑOL: LA CULTURA MATERIAL

Uno de los primeros estudios sobre la Prehistoria Reciente del sector sudoccidental de la Submeseta Norte se debe a D. Manuel Gómez-Moreno, quien en 1904 publicó en el *Boletín de la Real Academia de la Historia* un trabajo titulado «Sobre arqueología primitiva en la región del Duero». Este texto constituía un avance preliminar de los resultados obtenidos en sus campañas de inspección por las provincias de Ávila, Salamanca y Zamora, recogidas más tarde en volúmenes monográficos de la colección *Catálogo Monumental de España*. En este artículo, aunque centrado principalmente en los castros protohistóricos, el profesor Gómez-Moreno hizo una alusión a los monumentos megalíticos salmantinos de Villar de Argañán, ofreciendo una breve descripción de su estructura arquitectónica y de los elementos de ajuar. A partir de entonces, se fueron multiplicando los hallazgos de yacimientos dolménicos, al menos en Zamora y Salamanca, hasta alcanzar el centenar que se conoce en la actualidad, lo que convierte a estas tierras en uno de los principales focos del Megalitismo del centro-oeste peninsular[10].

No es de extrañar, por tanto, que la investigación allí se haya volcado hacia la vertiente funeraria del Neolítico, mientras que el estudio del proceso de neolitización no ha avanzado al mismo ritmo. Además, influye en esta situación el carácter modesto de los lugares de hábitat neolíticos, muchas veces reocupados durante el Calcolítico, lo que ha provocado la alteración de las secuencias estratigráficas sin que en la mayor parte de los casos puedan siquiera reconocerse verdaderos niveles neolíticos, aunque sea revueltos, puesto que habrían quedado arrasados por las ocupaciones posteriores. Así las cosas, el Neolítico doméstico en este sector normeseteño se documenta casi en exclusividad a partir de restos cerámicos y líticos recuperados en el transcurso de prospecciones de superficie (Cueva del Castañarejo, Cueva de los Moros) o de niveles de revuelto sin información estratigráfica fiable (La Mariselva, La Peña del Bardal, El Alto del Quemado, La Peña del Águila, Los Itueros, Fuente Lirio, Los Berrocales, Cerro de la Cabeza, etc.), sin que se disponga de información de otra índole que no

[9] GUERRA-DOCE *et al*., 2015.
[10] DELIBES DE CASTRO, 2010.

sea la derivada del patrón de localización de los asentamientos y de su equipamiento. De este modo, el asentamiento al aire libre de La Atalaya, en Muñopepe (Ávila) se alza como un referente para estudiar la neolitización de estas tierras, por cuanto los vestigios materiales del Neolítico se apoyan en información estratigráfica, dataciones absolutas y datos paleoeconómicos y paleoambientales[11]. Recientemente nuestro equipo ha intervenido asimismo en Canchera Alta I (Muñotello), otro pequeño hábitat al aire libre en el Valle Amblés con ocupación neolítica y calcolítica, que fue presentado en el último Congreso del Neolítico peninsular, celebrado en Sevilla en 2020. El yacimiento se encuentra en estudio en la actualidad, no obstante, disponemos de varias dataciones absolutas por TL de las cuales la más antigua (7303±469 BP) lleva los inicios de la fase neolítica al tránsito VI/V milenio a. C.[12] (Fig. 1).

2.1. La cerámica

Teniendo en cuenta que la cerámica es, quizás, el elemento material más definitorio y distintivo del Neolítico Antiguo, no es de extrañar que las primeras propuestas sobre el origen cultural del Neolítico normeseteño se apoyaran en las producciones cerámicas. Partiendo de los cuatro grandes grupos culturales de la Prehistoria Reciente peninsular establecidos por P. Bosch Gimpera (Cultura megalítica portuguesa, Cultura de las Cuevas, Cultura de Almería y Cultura pirenaica), M. Gómez-Moreno pronto llamó la atención sobre las similitudes de las cerámicas de la cueva segoviana de La Nogalera con las de yacimientos de la Alta Andalucía[13]. Desde entonces, la filiación andaluza de la cerámica neolítica normeseteña fue subrayada por otros muchos investigadores[14], y la excavación de la Cueva de la Vaquera, en Segovia[15] vino a confirmar la llegada de muchos elementos neolíticos desde el sur peninsular atravesando el Sistema Central.

No hay duda de que determinados rasgos de la cerámica neolítica normeseteña encuentran sus mejores paralelos en Andalucía, por ejemplo, las aguadas e incrustaciones de almagre, una técnica que el propio Gómez-Moreno ya reconoció como característica del Neolítico andaluz. No obstante, a medida que se han ido documentando nuevos yacimientos y se han hecho disponibles más secuencias estratigráficas y dataciones absolutas, se ha hecho evidente que más allá de ciertas características comunes, se detectan también particularidades regionales en las cerámicas del Neolítico interior[16].

Sin ánimo de ofrecer un escaneo exhaustivo de las producciones cerámicas de los territorios graníticos de Salamanca y Ávila, queremos al menos hacer hincapié en un

[11] GUERRA-DOCE *et al*., 2017.
[12] GUERRA-DOCE *et al*., en prensa.
[13] GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, 1933.
[14] *Vide* MUNICIO GONZÁLEZ, 1988: 310.
[15] ESTREMERA PORTELA, 2003.
[16] MARTÍNEZ DE LAGRÁN *et al*., 2011.

rasgo propio de este territorio como es la presencia de cerámicas cardiales[17]. Se documentaron por vez primera en 1958 durante la excavación de una supuesta cabaña en La Peña del Bardal (Diego Álvaro, Ávila), a todas luces un contexto estratigráficamente alterado, pues a ellas se asociaban tanto piezas neolíticas (boquique, acanalados) como recipientes de la Edad del Cobre (pastillas repujadas), de ahí que su excavador A. Gutiérrez Palacios, aun adscribiendo las improntas cardiales y el punto en raya a la Cultura de las Cuevas, barajara la pervivencia de esas técnicas neolíticas en plena Edad del Bronce[18]. En similares circunstancias, niveles de revuelto con mezcla de materiales, han ido apareciendo nuevas cerámicas decoradas con improntas de concha en territorio salmantino (dolmen de El Torrejón)[19] y en poblados abulenses (La Teta, El Alto del Quemado, La Peña del Águila, Los Itueros, Fuente Lirio) lo que ha dificultado su atribución cronocultural[20], pues, insistimos, tampoco se dispone de dataciones absolutas asociadas a esas piezas neolíticas. Este mismo patrón se repite en La Atalaya de Muñopepe, pues el contexto en el que se recuperó el único ejemplar cardial del yacimiento (Sondeo 11, UE1102, 1.º pique) estaba revuelto y presentaba materiales de momentos neolíticos (cerámicas impresas e incisas, mamelones, orejetas, microlitos geométricos, laminita de dorso) y calcolíticos (pequeños cuencos de pasta fina, una quesera, una cuchara, un diente de hoz). Aunque se cuenta con dos dataciones radiocarbónicas AMS para el 2.º pique de esta unidad estratigráfica (sobre una semilla de cereal, Beta-302141: 4420±30 BP; y sobre carbón, Poz-38006: 2530±35 BP) son tan dispares y modernas que no sirven para fechar los materiales más antiguos a los que se asocian. No obstante, la ornamentación del fragmento cardial no deja lugar a dudas acerca de su atribución cronocultural, por lo que no tenemos ningún reparo en adscribir esta cerámica al Neolítico Antiguo, una fase que en La Atalaya vendría representada no sólo en lo material, sino también sustentada por una datación radiocarbónica AMS sobre un diente de *Ovis/Capra* (Beta-333528: 6220±40BP)[21] (Fig. 2).

En la Submeseta norte cerámicas con impresiones de concha vuelven a aparecer sólo en unos pocos yacimientos del Alto Ebro y la Sierra de Atapuerca, existiendo un vacío absoluto en las tierras sedimentarias de la cuenca del Duero, por lo que no es posible reconocer una unidad cultural entre las cardiales de Burgos y las que nos ocupan. De este modo, si para aquellas se reclama un origen mediterráneo[22], es evidente que para las abulenses y salmantinas se requiere mirar en otra dirección. Fue el propio Gutiérrez Palacios quien reivindicó el origen portugués de las cardiales de La Peña del Bardal[23]

[17] DELIBES DE CASTRO *et al.*, 2021.
[18] GUTIÉRREZ PALACIOS, 1962: 166.
[19] ARIAS GONZÁLEZ, 1989.
[20] DELIBES DE CASTRO, 1995: 27; FABIÁN GARCÍA, 2006: 482.
[21] GUERRA-DOCE *et al.*, 2017.
[22] MORAL DEL HOYO, CEBRIÁ I ESCUER, 2006: 17.
[23] GUTIÉRREZ PALACIOS, 1966: 37.

remontando el Tajo, y más tarde S. López Plaza precisó su derivación de grupos portugueses ubicados en el cabo Mondego y en el Ribatejo[24], una idea compartida posteriormente por otros investigadores[25]. A día de hoy no resulta desatinado seguir manteniendo esas conexiones cuando la dispersión de cardiales en territorio portugués[26] se muestra reticente a rebasar el límite septentrional que en su día Guilaine y Ferreira establecieron en el curso del Mondego[27], salvando el fragmento con impresiones de concha de Prazo (recuperado, además, en un contexto del V milenio a. C.)[28], y teniendo en cuenta que el único recipiente cardial del noroeste peninsular conocido hasta la fecha, el vaso de Cova Eirós, en Lugo[29], vuelve a mirar hacia ese mismo foco en busca de los mejores paralelos.

2.2. La industria lítica tallada

Los conjuntos líticos tallados del Neolítico Antiguo normeseteño muestran una industria similar a la que, en líneas generales, se observa en las colecciones peninsulares para este periodo. El sílex constituye la materia prima más utilizada y hay una presencia mayoritaria de soportes laminares sin retocar o con retoques atribuidos generalmente al uso, que conviven con muescas y denticulados, truncaduras, raspadores, perforadores, buriles y algunos microlitos geométricos (habitualmente segmentos de círculo con doble bisel).

En el sector abulense, a falta de estudios de caracterización de materias primas, no es posible precisar el origen del sílex, si bien en el Valle Amblés es un recurso abundante. Volviendo de nuevo al yacimiento de La Atalaya, en Muñopepe, por ser en estos momentos el mejor referente para la caracterización de la industria lítica tallada del Neolítico abulense, cabe destacar que el hecho de que se documenten laminillas de dorso abatido (NR= 8, el 5,2% de la industria), prácticamente anecdóticas en los conjuntos neolíticos de la Submeseta Norte, y un elevado número de geométricos (NR=28, el 18,4% de la industria), hace que este yacimiento se desmarque del acaecer observado en otros sitios del interior peninsular. Además, los geométricos de La Atalaya se caracterizan por el uso exclusivo de retoque abrupto, por la dominancia de los segmentos (20 efectivos) y una mayor asistencia de formas (segmentos, trapecios y triángulos, junto a un rectángulo y una punta de filo transversal, por tratarse de un tipo corto y ancho) (Fig. 3).

Estas peculiaridades alejan una vez más a La Atalaya de la tónica habitual de los hábitats normeseteños, en los que la escasez de geométricos y el uso del retoque a doble bisel (aparte del abrupto y simple), sobre todo en los segmentos, constituyen una de sus principales señas de identidad. Ejemplos de ello pueden ser los hábitats de El Portalón

[24] LÓPEZ PLAZA, 1987: 54.
[25] DELIBES DE CASTRO, 1995: 30; ARIAS GONZÁLEZ, 1989.
[26] CARVALHO, 2011, 2019.
[27] GUILAINE, FERREIRA, 1970.
[28] MONTEIRO-RODRIGUES, 2011: 230.
[29] FÁBREGAS VALCARCE *et al*., 2019.

de Cueva Mayor, en la burgalesa Sierra de Atapuerca[30]; los asentamientos sorianos al aire libre de La Lámpara y La Revilla[31]; la segoviana Cueva de La Vaquera[32], o la ocupación habitacional de La Velilla, en Palencia[33].

Sin embargo, estos rasgos de La Atalaya sí encuentran paralelos en los hábitats del centro de Portugal, lo que en principio incidiría en las vinculaciones que las comunidades neolíticas del sector sudoccidental normeseteño mantuvieron con los grupos del Bajo Tajo[34], aunque generalizar esta idea a partir de un único yacimiento puede resultar arriesgado. En el Maciço Calcário Estremenho e incluso en el Algarve los segmentos de retoque abrupto y las laminillas de dorso están considerados como armaduras comunes en contextos del Neolítico Antiguo[35] y podemos verlas representadas dominando el conjunto en yacimientos como Valada do Mato[36], o con mayor o menor incidencia en Casas Novas[37], donde también — siguiendo la tipología de Merino — se habla de la presencia de *flechettes*, para aludir a unas piezas foliáceas sublosángicas con retoques abruptos en ambos bordes[38]. El nexo de unión entre estos territorios portugueses y nuestro marco de estudio serían los yacimientos extremeños del otro lado del Sistema Central donde los geométricos, sobre todo los segmentos y las láminas de dorso abatido también tienen cierta entidad en sus conjuntos lítico-tallados[39].

3. LA COLONIZACIÓN NEOLÍTICA DEL SECTOR SUDOCCIDENTAL DE LA MESETA NORTE: RUTAS Y MECANISMOS DE DIFUSIÓN

Otra de las ideas que ha lastrado la investigación sobre las primeras comunidades productoras del centro peninsular, curiosamente también expuesta durante aquel simposio de 1959 pero esta vez a cargo de J. Maluquer des Motes, fue el despoblamiento de la Meseta tras el fin de los tiempos glaciares debido, entre otras causas, a factores climáticos que habrían conducido a una sequía, obligando de este modo a que las poblaciones se replegaran sobre los territorios atlánticos más irrigados[40]. Esta propuesta requiere ser matizada en la actualidad, a la luz de los enterramientos de la cueva de La Braña/Arintero (León), con dos dataciones radiocarbónicas AMS que arrojan unos

[30] ORTEGA MARTÍNEZ *et al*., 2008.
[31] ALEGRE FRANDOVÍNEZ, 2005, 2008.
[32] ESTREMERA PORTELA, 2003, 2005.
[33] DELIBES DE CASTRO, ZAPATERO MAGDALENO, 1996; ZAPATERO MAGDALENO, 2015.
[34] ZAPATERO MAGDALENO *et al*., 2022.
[35] CARVALHO, 2008: 32.
[36] DINIZ, 2007: 97.
[37] GONÇALVES, SOUSA, 2018: 126.
[38] MERINO, 1994: 121.
[39] CERRILLO CUENCA, 2005.
[40] MALUQUER DES MOTES, 1960: 131.

resultados de inicios del VII milenio BP[41] y de unos pocos conjuntos líticos mesolíticos (en León: La Uña, El Espertín; en Burgos, El Níspero; y quizás en Salamanca, La Dehesa), por cuanto son testimonios que impiden hablar de un vacío poblacional, al menos en los rebordes montañosos. Por tanto, no un desierto absoluto, si bien hoy en día el registro arqueológico apunta a que las tierras del interior peninsular conocieron hasta bien entrado el período Atlántico una baja densidad de población[42].

De este modo, la escasa documentación sobre el sustrato mesolítico ha llevado a descartar procesos de aculturación a la hora de explicar la neolitización de la Submeseta norte en su conjunto, optándose por un aporte démico o fenómeno de colonización para estas tierras[43] como principal mecanismo de adopción de la economía de producción. Las investigaciones llevadas a cabo en el soriano Valle de Ambrona por Rojo Guerra así lo confirman, pues tras una intensa labor de prospección no se han encontrado allí evidencias de poblamiento mesolítico[44]. El registro arqueológico del Neolítico Antiguo apunta a que esas gentes foráneas serían grupos neolíticos «de segunda generación», que a partir del 5400/5300 cal a. C. llevarían consigo un modelo económico y un bagaje tecnológico ya consolidados[45]. Y a similares propuestas ha recurrido Fabián García para explicar la neolitización del sector sudoccidental normeseteño[46]. Si aquí la cuna de estos colonos neolíticos parece encontrarse en el centro-sur de Portugal, como venimos defendiendo, quedarían todavía por explicar los posibles mecanismos de la difusión, la cual, tomando como referencia *post-quem* el inicio de las producciones cerámicas en Portugal en el rango 5400-5300 cal a. C.[47], dejaría su huella en estos territorios normeseteños no antes del último cuarto del VI milenio cal a. C.

Los datos cronológicos de los asentamientos abulenseses de La Atalaya de Muñopepe y Canchera Alta I apuntan a que esta difusión se habría producido relativamente rápido, en un par de centurias a lo sumo, si bien no parece que la economía de producción se iniciara con el tándem agricultura/ganadería. Aunque la información paleoeconómica y paleoambiental que manejamos es todavía muy precaria, en La Atalaya se ha podido constatar la cría de ganado desde finales del VI milenio cal a. C., demostrada por la datación de la pieza dental de ovicaprino doméstico ya mencionada, mientras que los estudios arqueobotánicos (carpología, palinología, fitolitos) no han podido documentar el cultivo de plantas con anterioridad al IV milenio cal a. C.[48].

[41] VIDAL ENCINAS, PRADA MARCOS, 2010.
[42] ARIAS CABAL *et al*., 2009.
[43] DELIBES DE CASTRO, FERNÁNDEZ MANZANO, 2000: 96; CARVALHO, 1999: 64.
[44] ROJO GUERRA *et al*., 2008: 338.
[45] MARTÍNEZ DE LAGRÁN, 2014.
[46] FABIÁN GARCÍA, 2012.
[47] CARVALHO, 2011: 237.
[48] GUERRA-DOCE *et al*., 2021.

Si centramos nuestra atención en el Valle Amblés en su conjunto, una fosa intramontana que se abre en la vertiente septentrional de la Sierra de Gredos, se aprecia un patrón de localización de los yacimientos neolíticos (entre los que se encuentra La Atalaya) (Fig. 4): la práctica totalidad se ubica en cotas entre los 1100 y 1300 m de altitud — y mayoritariamente en torno a la cota de los 1200 m —, coincidiendo con los bordes de las primeras estribaciones que separan el valle de las zonas más abruptas y escarpadas de las sierras; situados en el borde mismo del valle, a modo de mirador, en las proximidades de promontorios graníticos de gran tamaño — piedras caballeras — muy visibles desde diversos puntos y fácilmente reconocibles (algunas de ellas tienen nombres propios en la toponimia local); enclaves con buena visibilidad desde los que se domina el valle o buena parte de él; localizaciones al aire libre entre berruecos o en cuevas-abrigo resultantes del derrumbe de estos; ubicaciones próximas a accidentes naturales como cárcavas, barrancos o cursos fluviales que sirven de delimitación del asentamiento; cuentan con zonas llanas en forma de pequeñas mesetas o laderas con poca pendiente, y por lo general, con accesos fáciles; están próximos a cursos de agua de diferente entidad, pequeños ríos arroyos o a manantiales, los cuales discurren bien por el propio yacimiento o en las inmediaciones, a una distancia que no supera los 500 m. Todas estas características parecen apuntar a una selección intencionada de emplazamientos con facilidades para el desarrollo de la actividad ganadera. De hecho, los análisis paleopalinológicos emprendidos en una turbera de la localidad de Baterna, en el fondo del valle, muestran que a comienzos del V milenio cal a. C., el Amblés se hallaba cubierto de vegetación arbórea y existía cierto grado de antropización del paisaje que, a la vista de la abundancia de elementos nitrófilos y hongos coprófilos, habría que relacionar con la cría de ganado[49].

Otro aspecto que incide en el desarrollo de esta actividad es la proximidad de los yacimientos a las vías pecuarias que discurren por el Valle Amblés, o que atraviesan los collados de las sierras para comunicar unos valles con otros. Aunque por la comarca solo discurre una de las grandes cañadas, la Real Leonesa Occidental, el Amblés está jalonado de una amplia red de cordeles, veredas y coladas que lo atraviesan longitudinal y transversalmente, especialmente por el fondo del valle y las proximidades a las primeras estribaciones (Fig. 5). Si bien ninguno de los yacimientos se asienta directamente sobre estas vías, las distancias en línea recta oscilan entre los 500 y los 2500 m, lo que puede indicar una vinculación con esas vías para el traslado del ganado entre distintas zonas de pastos[50]. Así las cosas, hemos tildado a los protagonistas de la expansión neolítica como «pastores sin pan», pues nos decantamos por vincular la neolitización de estas tierras a movimientos pastoriles de base estacional protagonizados por pequeños contingentes

[49] DORADO VALIÑO, 1993.
[50] GUERRA-DOCE *et al.*, 2021.

humanos. De hecho, más al sur, en otros espacios montañosos del Sistema Central (Sierras de Gredos, Béjar y Francia), han podido registrarse prácticas trasterminantes que se llevan a la Prehistoria[51] y en la Serra da Estrela, donde el paisaje neolítico muestra muchas similitudes con el del Amblés, el pastoralismo también pudo jugar un papel relevante en la neolitización, como apunta el abrigo neolítico de Penedo dos Mouros, donde además se han registrado eventos de ocupación humana de corta duración y se han podido identificar espacios abiertos de pasto[52].

4. CONSIDERACIONES FINALES

Sin negar las influencias de diversos focos neolíticos peninsulares, creemos que la neolitización del sector sudoccidental de la Submeseta norte mira directamente al centro-sur de Portugal, en cuanto a aspectos materiales y tecnológicos, patrón de asentamiento, modelo económico y componente demográfico de los protagonistas[53]. Mención aparte sería el mundo simbólico de estas gentes, cuya manifestación más evidente, al menos en el Amblés se encuentra en el Arte Esquemático, para el cual en Portugal se viene reivindicando un papel en todo este proceso[54], pero por cuestiones de espacio desistimos de tratar aquí esta cuestión. Por lo que respecta a las posibles rutas de penetración desde los territorios del Bajo Tajo, el curso del Alagón representa la opción más viable, pues, aunque desde el centro de Portugal se pudiera avanzar hacia el norte remontando ciertos cursos fluviales (Dão, Mondego, Zêzere) el encajamiento de los afluentes del Duero, particularmente acentuado en la comarca de los Arribes, dificultaría enormemente las conexiones entre la Beira Interior y Trás-os-Montes y la provincia de Salamanca, y con ello una afluencia humana continuada y extensa[55]. Por otro lado, la vinculación cultural del Neolítico de los espacios serranos de Salamanca y Ávila con la Alta Extremadura apunta en la dirección señalada, sugiriéndose como posibles pasos para atravesar el macizo de Gredos, la vía de comunicación natural que más tarde aprovechará el trazado de la Vía de la Plata por la Sierra de Béjar, y ya en tierras abulenses, el Puerto de Tornavacas y el Puerto del Pico[56].

En este sentido, nos parece interesante señalar que estas rutas han servido como vías pecuarias históricamente, pues si el trazado de la Cañada Real de la Plata o Vizana aprovecha en parte el de la calzada romana[57], la Cañada Real Leonesa Occidental se solapa con la calzada romana del Puerto del Pico y por Tornavacas discurre un cordel que conecta a través del puerto de Villatoro con el Valle Amblés, a su vez recorrido

[51] LÓPEZ SÁEZ *et al*., 2014.
[52] CARVALHO *et al*., 2017; SIMÕES, CARVALHO, TENTE, 2020.
[53] CARVALHO, 1999: 65.
[54] MARTINS, 2016.
[55] LÓPEZ PLAZA, 1987: 60.
[56] FABIÁN GARCÍA, 2006: 482; GUERRA-DOCE *et al*., 2015.
[57] GARCÍA MARTÍN, 1991.

por diversos caminos ganaderos[58]. Es posible que algunas de estas vías pecuarias ya estuvieran activas en el Neolítico Antiguo. Por tanto, sin defender, ni mucho menos, una trashumancia de largo recorrido en esos momentos, sugerimos que a medida que las comunidades productoras fueron asentándose en Portugal a mediados del VI milenio cal a. C. e iniciando su expansión hacia los territorios interiores, pequeños grupos de pastores en sus movimientos estacionales con los rebaños actuarían como avanzadilla, introduciendo antes la ganadería que la agricultura, y las innovaciones tecnológicas ligadas al Neolítico. Son nuestros *pastores sin pan*.

BIBLIOGRAFÍA

ALEGRE FRANDOVÍNEZ, Isabel (2005). *La industria geométrica en el valle de Ambrona (Soria).* In ARIAS CABAL, Pablo; ONTAÑÓN PEREDO, Roberto; GARCÍA-MONCÓ PIÑEIRO, Cristina, *eds*. *Actas del III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica (Santander 2003).* Santander: Universidad de Cantabria, Monografías del Instituto Internacional de Investigaciones Prehistóricas, pp. 233-246.

ALEGRE FRANDOVÍNEZ, Isabel (2008). *La industria lítica tallada de La Lámpara y La Revilla: estudio de conjunto de los hábitats.* In ROJO GUERRA, Manuel *et al.*, *eds. Paisajes de la memoria: Asentamientos del Neolítico antiguo en el Valle de Ambrona (Soria, España).* Valladolid; Universidad de Valladolid, pp. 493-517.

ARIAS CABAL, Pablo *et al*. (2009). *A view from the edges: the Mesolithic settlement of the interior areas of the Iberian Peninsula reconsidered.* In MCCARTAN, Sinéad *et al*., *eds. Mesolithic Horizons. Proceedings of the 7th International Conference on the Mesolithic in Europe, 2005*. Oxford: Oxbow Books, vol. I, pp. 303-311.

ARIAS GONZÁLEZ, Luis (1989). *Contribución al estudio del fenómeno megalítico en el occidente de la meseta norte: El dolmen de «El Torrejón» (Villamayor, Salamanca).* In *Crónica del XIX Congreso Arqueológico Nacional.* Zaragoza: Universidad de Zaragoza, vol.1, pp. 399-408.

BOSCH GIMPERA, Pere (1961). *Los problemas del neo-eneolítico peninsular y el simposio de 1959*. «Zephyrus». 12, 43-54.

CARVALHO, António Faustino (1999). *Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 2:1, 39-70.

CARVALHO, António Faustino (2008). *A Neolitização do Portugal Meridional: Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental.* Faro: Universidade do Algarve. (Promontoria Monográfica; 12).

CARVALHO, António Faustino (2011). *Produção cerâmica no início do Neolítico em Portugal*. In BERNABEU AUBÁN, Joan; ROJO GUERRA, Manuel Á.; MOLINA BALAGUER, Lluis, *coords*. *Las primeras producciones cerámicas. El VI milenio cal AC en la Península Ibérica.* «Saguntum Extra». 12, 237-250.

CARVALHO, António Faustino (2019). *Produção cerâmica no início do Neolítico em Portugal: dados recentes sobre os VI e V milénios a. C.* «Saguntum». 51, 9-22.

CARVALHO, António Faustino *et al.* (2017). *Neolithic archaeology at the Penedo dos Mouros rock-shelter (Gouveia, Portugal) and the issue of primitive transhumance practices in the Estrela Mountain range.* «Zephyrus». 79, 19-38.

CERRILLO CUENCA, Enrique (2005). *Los primeros grupos neolíticos de la cuenca extremeña del Tajo.* Oxford: BAR (British Archaeological Reports Series; 1393).

[58] PÉREZ FIGUERAS *et al*., 1992.

CERRILLO CUENCA, Enrique (2008). *From «Inland Neolithic» to «Neolithic dwelling in the inland»: the role of homogenous and heterogenous elements on the explanation of earlier agricultural stages in Central Spain*. In DINIZ, Mariana, *ed. The Early Neolithic in the Iberian Peninsula: Regional and Transregional Components. Proceedings of the XV World Congress UISPP (Lisbon, 4-9 September 2006)*. Oxford: BAR Publishing, BAR S1857, vol. 18, session C44, pp. 19-27.

DELIBES DE CASTRO, Germán (1995). *Ávila, del Neolítico al Bronce.* In MARINÉ ISIDRO, María, *coord. Historia de Ávila. Vol. I: Prehistoria e Historia Antigua*. Ávila: Institución Gran Duque de Alba, pp. 21-92.

DELIBES DE CASTRO, Germán (2010). *La investigación de las sepulturas colectivas monumentales del IV milenio A.C. en la Submeseta Norte española. Horizonte 2007.* «Munibe». 32, 12-56.

DELIBES DE CASTRO, Germán; FERNÁNDEZ MANZANO, Julio (2000). *La trayectoria cultural de la Prehistoria Reciente (6400-2500 BP) en la Submeseta Norte española: principales hitos de un proceso.* In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Pré-história recente da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, vol. IV, pp. 95-122.

DELIBES DE CASTRO, Germán; GUERRA-DOCE, Elisa; ZAPATERO MAGDALENO, María Pilar (2021). *Cerámicas cardiales del suroeste de la cuenca del Duero: nuevos datos para un viejo problema.* In BEA MARTÍNEZ, M. *et al.*, *eds. De la mano de la Prehistoria. Homenaje a Pilar Utrilla Miranda.* Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, pp. 449-462.

DELIBES DE CASTRO, Germán; ZAPATERO MAGDALENO, Pilar (1996). *De lugar de habitación a sepulcro monumental: una reflexión sobre la trayectoria del yacimiento neolítico de La Velilla, en Osorno (Palencia).* «Rubricatum». I, 337-348.

DINIZ, Mariana (2007). *O sítio da Valada do Mato (Évora): Aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 48).

DORADO VALIÑO, Miriam (1993). *Evolución de la vegetación durante el Holoceno en el Valle de Amblés (Ávila). Estudio palinológico.* Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares. Tesis doctoral.

ESTREMERA PORTELA, María Soledad (2003). *Primeros agricultores y ganaderos en la Meseta Norte: el Neolítico de la Cueva de La Vaquera (Torreiglesias, Segovia).* Valladolid: Junta de Castilla y León, Arqueología en Castilla y León. (Memorias; 11).

ESTREMERA PORTELA, María Soledad (2005). *Comunidades neolíticas en transición: aportaciones a su cultura material desde la Vaquera (Torreiglesias, Segovia).* In ARIAS CABAL, Pablo; ONTAÑÓN PEREDO, Roberto; GARCÍA-MONCÓ PIÑEIRO, Cristina, *eds. Actas del III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica (Santander 2003).* Santander: Universidad de Cantabria, pp. 247-257. (Monografías del Instituto Internacional de Investigaciones Prehistóricas).

FABIÁN GARCÍA, José Francisco (2006). *El IV y III Milenio AC en el Valle Amblés (Ávila).* Salamanca: Junta de Castilla y León, Arqueología en Castilla y León. (Monografías; 5).

FABIÁN GARCÍA, José Francisco (2012). *Todos los paisajes del Valle Amblés*. In INSTITUCIÓN GRAN DUQUE DE ALBA, *coord. Institución Gran Duque de Alba 1962-2012: 50 años de cultura abulense.* Ávila: Diputación de Ávila, vol. 1, pp. 213-229.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón *et al.* (2019). *Vaso con decoración cardial de Cova Eirós (Triacastela, Lugo).* «Trabajos de Prehistoria». 76:1, 147-160.

FERNÁNDEZ-POSSE Y DE ARNÁIZ, María Dolores (1980). *Los materiales de la Cueva del Aire de Patones (Madrid).* «Noticiario Arqueológico Hispánico». 10, 39-64.

GARCÍA MARTÍN, Pedro (1991). *La Cañada Real de la Plata o de la Vizana*. In GARCÍA MARTÍN, Pedro, *coord. Cañadas, cordeles y veredas*. Valladolid: Junta de Castilla y León, pp. 58-87.

GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1933). *La cerámica primitiva ibérica.* «Revista de Guimarães: Homenagem a Martins Sarmento». 125-136.

GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina (2018). *Casa Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milenio a.n.e. e a seguir).* Lisboa: UNIARQ. (Estudos & Memórias; 11).

GONZÁLEZ DE LEMA, Sofía Sanz (2007). *Cuestiones sobre el poblamiento y los modos de vida en el Neolítico interior de la Península Ibérica.* «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid». 33, 7-30.

GUERRA-DOCE, Elisa *et al.* (2015). *Reflexiones sobre los inicios del Neolítico en el sector SO de la Submeseta Norte española a partir de los documentos de La Atalaya (Muñopepe, Ávila).* In GONÇALVES, Victor S.; DINIZ, Mariana; SOUSA, Ana Catarina, *eds*. *Actas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular.* Lisboa: UNIARQ, pp. 323-330. (Estudos & Memórias; 8).

GUERRA-DOCE, Elisa *et al.* (2017). *Datos sobre la neolitización del Valle Amblés a la luz de la excavación del yacimiento de La Atalaya (Muñopepe, Ávila).* «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología: Arqueología». 83,11-70.

GUERRA-DOCE, Elisa *et al.* (2021). *Herders and Pioneers: The Role of Pastoralism in the Neolithization of the Amblés Valley (Ávila, Central Iberia).* «Open Archaeology». 7:1, 1550-1563.

GUERRA-DOCE, Elisa *et al.* (en prensa). *Herders and Pioneers: The Role of Pastoralism in the Neolithisation of the Amblés Valley (Ávila, Central Iberia).* In «Open Archaeology». Special issue: 1st Conference on the Early Neolithic of Europe.

GUERRA-DOCE, Elisa; ZAPATERO MAGDALENO, María Pilar; FABIÁN GARCÍA, J. Francisco (en prensa). *Canchera Alta I: Un asentamiento al aire libre del Neolítico Antiguo en el Valle Amblés (Ávila).* In *Actas del VII Congreso Internacional sobre el Neolítico en la Península Ibérica (Sevilla, 2020).* Sevilla: Universidad de Sevilla.

GUILAINE, Jean; FERREIRA, Octávio da Veiga (1970). *Le Néolithique ancien au Portugal.* «Bulletin de la Société préhistorique française». 67, 304-322.

GUTIÉRREZ PALACIOS, Arsenio (1962). *El poblado eneolítico de la Peña del Bardal. Diego Álvaro (Ávila). Campaña de 1958.* In *Actas del VII Congreso Nacional de Arqueología.* Barcelona, 1960, pp. 162-168.

GUTIÉRREZ PALACIOS, Arsenio (1966). *Miscelánea Arqueológica de Diego-Álvaro*. Ávila: Diputación Provincial, Instituto Gran Duque de Alba.

JIMÉNEZ GUIJARRO, Jesús (2010). *Cazadores y campesinos. La neolitización del interior de la Península Ibérica.* Madrid: Real Academia de la Historia. (Bibliotheca Archaeologica Hispana; 31).

LÓPEZ PLAZA, Socorro (1987). *El comienzo de la metalurgia en el S.O. de la cuenca del Duero*. In FERNÁNDEZ-MIRANDA, Manuel, *dir*. *El origen de la metalurgia en la Península Ibérica. II. Seminario organizado por la Fundación José Ortega y Gasset. Oviedo*. Madrid: Instituto Universitario Ortega y Gasset, pp. 52-65.

LÓPEZ SÁEZ, José Antonio *et al.* (2014). *Vegetation history, climate and human impact in the Spanish Central System over the last 9,000 years*. «Quaternary International». 353:5, 98-122.

MALUQUER DE MOTES, Juan (1960). *Bases para el estudio de las culturas metalúrgicas de la Meseta*. In *Primer Symposium de Prehistoria de la Península Ibérica. Septiembre 1959 (ponencias).* Pamplona: Diputación Foral de Navarra, pp. 125-149.

MARTÍNEZ DE LAGRÁN, Íñigo García (2014). *La Neolitización de la Meseta Norte y de la Alta y Media Cuenca del Ebro (España): Premisas teóricas, análisis del registro y planteamiento de hipótesis*. «Zephyrus». 73, 83-107.

MARTÍNEZ DE LAGRÁN, Íñigo García *et al.* (2011). *Cerámicas, Estilo y Neolitización: estudio comparativo de algunos ejemplos de la Meseta norte y Alto Valle del Ebro.* In BERNABEU AUBÁN, Joan; ROJO GUERRA, Manuel Á.; MOLINA BALAGUER, Lluis, *coords*. *Las primeras producciones cerámicas. El VI milenio cal AC en la Península Ibérica*. «Saguntum Extra». 12, 83-104.

MARTINS, Andrea (2016). *A Pintura Rupestre do centro de Portugal: Antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. (Monografias AAP; 3).

MERINO, José María (1994). *Tipología lítica.* «Munibe». Suplemento 9, 1-509.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011). *Pensar o Neolítico antigo. Contributo para o estudo do Norte de Portugal entre o VII e o V milénio a. C.* Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. (Estudos Pré-Históricos; 16).

MORAL DEL HOYO, Sergio; CEBRIÀ I ESCUER, Artur (2006). *La cerámica cardial y sus imitaciones en la Cuenca del Duero y el Alto Ebro*. «Veleia». 23, 9-23.

MUNICIO GONZÁLEZ, Luciano (1988). *El Neolítico en la Meseta Central española.* In LÓPEZ GARCÍA, Pilar, *coord. El Neolítico en España*. Madrid: Cátedra, pp. 299-327.

MUÑOZ AMILIBIA, Ana María (1970). *Estado actual de la investigación sobre el Neolítico español.* «Pyrenae». 6, 13-28.

ORTEGA MARTÍNEZ, Ana Isabel *et al.* (2008). *El Neolítico en la nueva secuencia estratigráfica del yacimiento del Portalón de Cueva Mayor (Sierra de Atapuerca, Burgos).* In HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro S.; SOLER DÍAZ, Jorge A.; LÓPEZ PADILLA, Juan Antonio, *eds. Actas del IV Congreso del Neolítico peninsular (Alicante 2006),* Alicante: MARQ, I, pp. 221-229.

PÉREZ FIGUERAS, Cinta *et al.* (1992). *Sierra de Gredos.* «Cuadernos de la Trashumancia». 1.

ROJO GUERRA, Manuel Ángel (2014). *El Neolítico en las tierras del interior y septentrionales.* In ALMAGRO GORBEA, Martín, *ed. Protohistoria de la Península Ibérica: Del Neolítico a la Romanización*. Burgos: Universidad de Burgos, pp. 43-70.

ROJO GUERRA, Manuel Ángel *et al.* (2008). *Paisajes de la memoria: Asentamientos del Neolítico Antiguo en el Valle de Ambrona (Soria, España*), Valladolid: Instituto Arqueológico Alemán-Universidad de Valladolid.

SIMÕES, Carlos Duarte; CARVALHO, António Faustino; TENTE, Catarina (2020). *Neolithic geoarchaeology at Penedo dos Mouros Rockshelter: Mid-Holocene site formation, diagenesis and human activity at the foothills of Serra da Estrela (Portugal).* «Geoarchaeology». 35:4, 503-521.

TARRADELL MATEU, Miguel (1960). *Problemas neolíticos.* In *Primer Symposium de Prehistoria de la Península Ibérica. Septiembre 1959 (ponencias).* Pamplona: Diputación Foral de Navarra, pp. 45-67.

VIDAL ENCINAS, Julio M.; PRADA MARCOS, María Encina, *eds.* (2010). *Los hombres mesolíticos de la Cueva de La Braña-Arintero (Valdelugueros, León).* Valladolid: Junta de Castilla y León, Museos de Castilla y León. (Estudios y Catálogos; 18).

ZAPATERO MAGDALENO, Pilar (2015). *El Neolítico en el noreste de la cuenca del Duero: El yacimiento de La Velilla en el valle del Valdavia (Palencia).* Valladolid: Universidad de Valladolid. Tesis doctoral.

ZAPATERO MAGDALENO, María Pilar *et al.* (2022). *Análisis tecno-morfológico y funcional de instrumentos líticos tallados de La Atalaya (Muñopepe, Ávila): una primera aproximación a la industria lítica del Neolítico en la Sierra de Gredos.* «Munibe Antropologia-Arkeologia». 73. DOI: 10.21630/maa.2022.73.04.

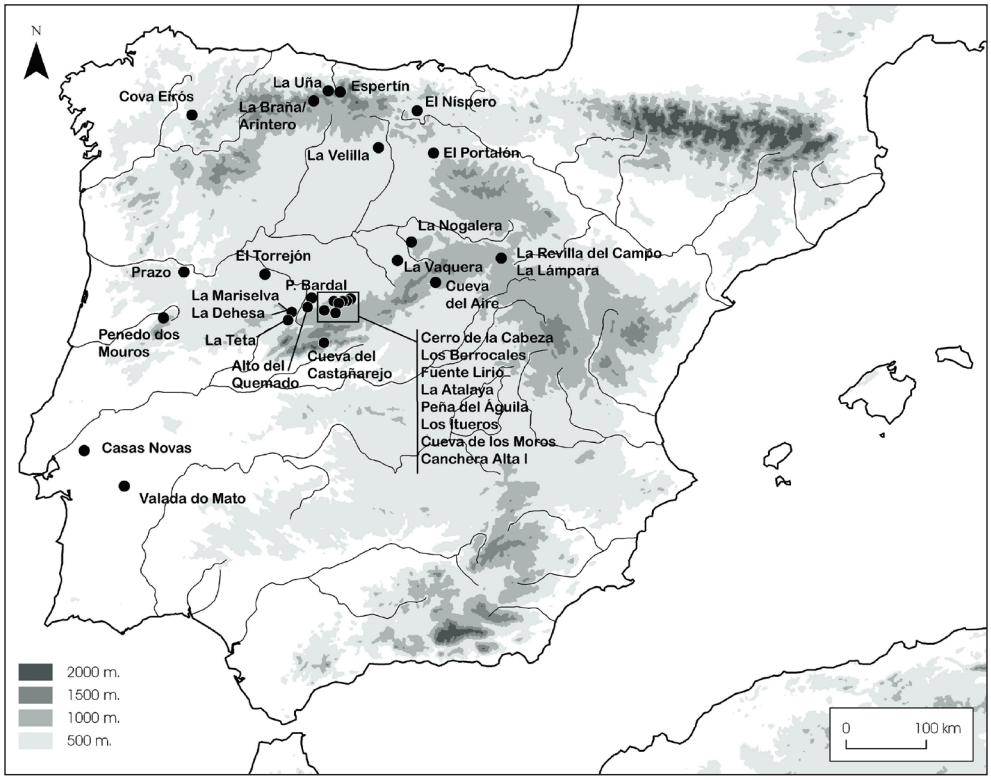


Fig. 1. Yacimientos mencionados en el texto. En el recuadro, yacimientos neolíticos del Valle Amblés (Ávila) citados

Fig. 2. Cerámica cardial recuperada en el yacimiento de La Atalaya (Muñopepe, Ávila)

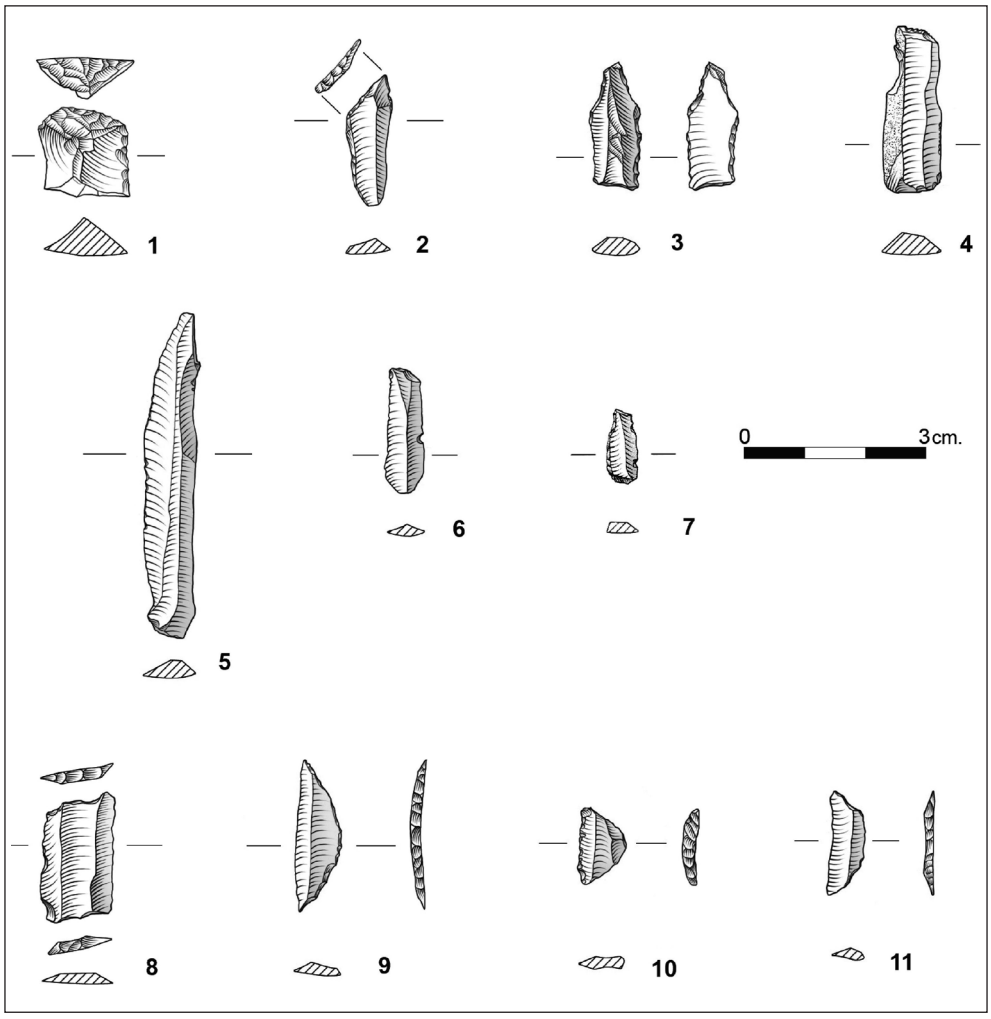


Fig. 3. Selección de piezas líticas de la ocupación neolítica de La Atalaya (Muñopepe, Ávila): 1) raspador; 2) truncadura; 3) perforador; 4) muesca; 5-6) láminas simples; 7) laminita de borde abatido; 8-11) geométricos

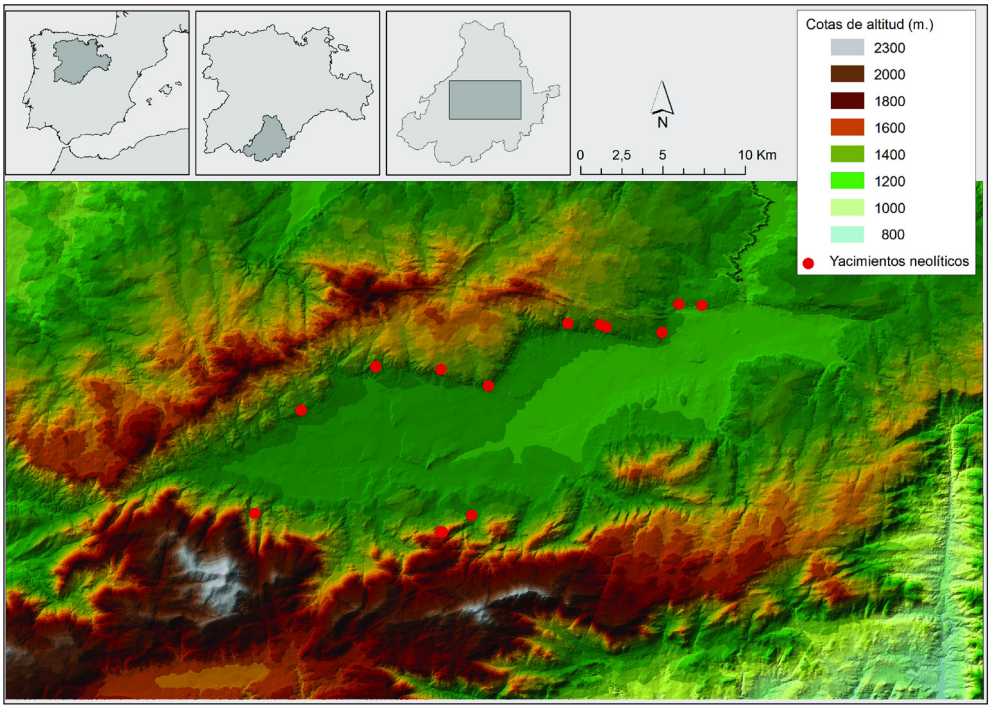


Fig. 4. Mapa de distribución de los yacimientos neolíticos del Valle Amblés (Ávila)

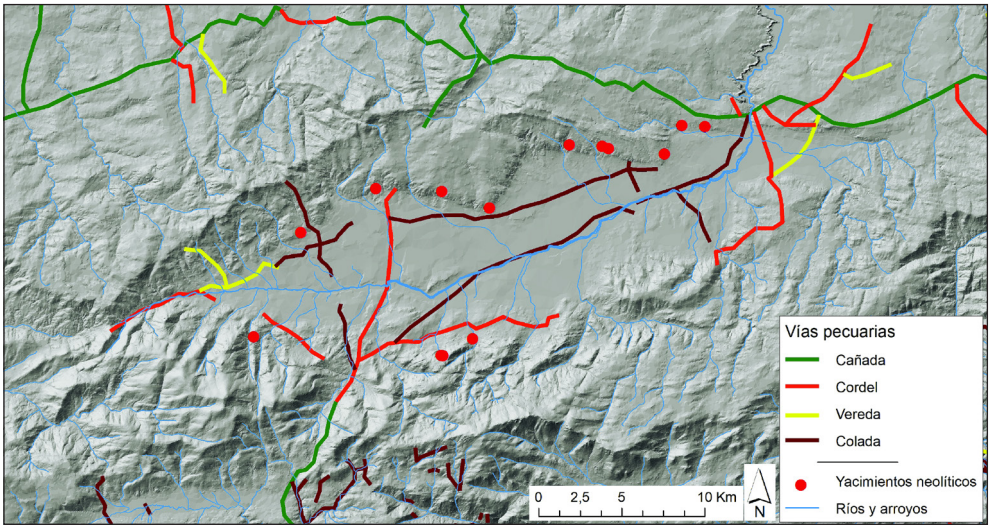


Fig. 5. Mapa de distribución de los yacimientos neolíticos del Valle Amblés y red de vías pecuarias

III

VISÕES TRANSFRONTEIRIÇAS A PARTIR DE CASOS DE ESTUDO

DOS DOIS LADOS DA RAIA NO PALEOLÍTICO SUPERIOR: MATÉRIAS-PRIMAS SILICIOSAS DE LA DEHESA (EL TEJADO DE BÉJAR, SALAMANCA, ESPANHA) NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES ENTRE A MESETA E O LITORAL*

THIERRY AUBRY**
LUÍS LUÍS***
ANDRÉ TOMÁS SANTOS****
JOSÉ FRANCISCO FABIÁN GARCÍA*****

Abstract: *The study of the siliceous raw materials used at the Upper Palaeolithic Côa Valley sites has allowed the definition of a vast territory ranging from the Spanish Meseta to the Portuguese shore. To the East of Côa Valley and closer to the Portuguese border, there seems to be a «no man's land», which is puzzling given the persistency in Côa of lithic raw materials coming from sources located on that area, along the Upper Palaeolithic. La Dehesa seems to contradict this vision of a Central Iberian's «no man's land» and therefore it is crucial to the interpretation of the dynamics behind the social networks manifested by the Côa Valley's lithic raw materials. We present a study of La Dehesa's lithic raw material, documenting raw material from the Spanish Meseta that appear also in the Côa and from the Portuguese shore, located more than 300 km away from the site.*

Keywords: *Upper Palaeolithic; Spanish Meseta; Lithic raw materials; Territory; Social networks*.

Resumo: *O estudo das matérias-primas siliciosas dos sítios paleolíticos do vale do Côa tem vindo a permitir definir um vasto território de exploração que se estende desde o centro da Meseta até ao litoral português. A oriente da concentração de sítios do Baixo Côa, parece subsistir um «vazio» ocupacional, que é incompreensível dado o persistente uso das suas fontes de matérias-primas ao longo de todo o Paleolítico Superior. O sítio de La Dehesa, o único que contraria esta visão de vazio ocupacional do centro da península, é fundamental para compreender o funcionamento das redes sociais que se materializam no vale do Côa. Apresentamos um primeiro estudo das fontes de matérias-primas identificadas no sítio, tendo-se determinado quer o uso de fontes regionais mesetenhas, que chegam também ao Côa, quer a utilização de matérias-primas provenientes do litoral português, a mais de 300 quilómetros de distância.*

Palavras-chave: *Paleolítico Superior; Meseta; Matérias-primas líticas; Territórios; Redes sociais*.

* Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence aos autores deste texto.
** Fundação Côa Parque. Email: thierryaubry@arte-coa.pt.
*** Fundação Côa Parque. Email: luisluis@arte-coa.pt.
**** Fundação Côa Parque. Email: andresantos@arte-coa.pt.
***** Arqueólogo Territorial de la Junta de Castilla y León en Ávila. Email: jfranciscofabian@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO. O SÍTIO E A SUA OCUPAÇÃO HUMANA PLEISTOCÉNICA

Descoberto pelo padre Ignacio Belda nos anos setenta do século XX, o sítio de La Dehesa foi, durante uma década, encarado com ceticismo pelos investigadores, que não acreditavam que pudesse existir uma comunidade do Paleolítico Superior em plena Meseta Norte, a 1110 m de altitude acima do nível do mar, por mais que os materiais recolhidos pudessem ser comparáveis apenas com os do final do Paleolítico Superior. Mesmo quando o material recolhido pelo padre Belda foi multiplicado quantitativamente por cem, o ceticismo permaneceu, revelando-se realmente como um preconceito, uma vez que a quantidade e a tipologia dos materiais não só eram típicas e manifestamente diferentes das séries líticas holocénicas, como, sobretudo, eram em quantidade muito superior às coleções de grutas emblemáticas atribuídas ao mesmo período na cornija cantábrica ou na zona catalã/levantina[1]. Os posteriores achados de arte rupestre em Domingo García, Siega Verde e Foz Côa, que se vieram juntar ao já conhecido sítio de Mazouco, contribuíram, grandemente, para considerar o sítio de La Dehesa sem o anterior ceticismo.

La Dehesa encontra-se na base do conhecido complexo arqueológico do Cerro del Barrueco, na sua vertente sul, encontrando-se protegida pela enorme mole rochosa que é o cerro, que atua como proteção relativamente ao Norte e aos seus inconvenientes climáticos (Fig. 1). Ali, a menos de mil metros do leito de um antigo arroio tributário do rio Tormes, estabeleceu-se um pequeno *habitat*, que, a julgar pela grande quantidade de material encontrado — quer utensílios, quer resíduos de talhe — e a distância das fontes de aprovisionamento de algum material de que mais à frente se tratará, deve ter sido um lugar frequentado durante um tempo considerável.

As escavações realizadas em 1984 serviram para conhecer a estratigrafia do sítio e identificar as zonas em que se pudesse encontrar intacta, com vista a programar uma campanha centrada nesses pontos. As sondagens realizadas, planificadas estrategicamente de forma a conhecer as zonas de máxima concentração de materiais, proporcionaram uma importante informação centrada numa zona em torno de uma rocha em que, por exemplo, apareciam concentrações de raspadeiras, que não eram utensílios frequentes no sítio (Fig. 2). Da mesma forma, a frequência de todos os tipos de utensílios nessa mesma zona permitia pensar que o lugar mais importante do sítio era em torno dessa rocha. Contudo, entre o final da primeira campanha e o projeto da segunda, esta importante zona foi destruída por escavadores clandestinos, impossibilitando a sua escavação. Tendo em conta os resultados das sondagens e a destruição desta única zona nuclear, as investigações deram-se por concluídas.

A estratigrafia do sítio era constituída por dois estratos com uma potência variável de 0,40-0,60 m, correspondendo o mais superficial a um solo agricultado, com abundante

[1] FABIÁN GARCÍA, 1984.

material e, no qual, também apareciam vestígios recentes e do Bronze Final. O mesmo não acontecia no segundo nível, de terra amarelenta que ia escurecendo progressivamente até à rocha-mãe sobre a qual assentava, correspondendo a granito alterado[2]. A já aludida concentração de raspadeiras encontrava-se diretamente sobre a rocha-mãe, o que fazia pensar que esta parte do sítio se encontrava não só intacta, como correspondia à zona onde se encontrava o *habitat*, ou era, pelo menos, uma das zonas por onde ele se distribuía.

Como se referiu acima, os materiais líticos recolhidos durante as prospeções de superfície no sítio apresentavam uma homogeneidade tipo-tecnológica, sem nenhuma semelhança com as indústrias líticas provenientes de ocupações datadas da Pré-história Recente, epipaleolíticas ou mesolíticas, que poderiam sustentar uma cronologia holocénica[3]. Pelo contrário, apesar de estar isolado geograficamente das áreas do povoamento paleolítico conhecido desde o fim de século XIX, as cadeias operatórias de produção de lamelas e os tipos de utensílios retocados classificados, seguindo a lista tipológica de Sonneville-Bordes e Perrot[4], revelavam uma clara semelhança com indústrias líticas de sítios datados, que apontavam para uma atribuição ao Paleolítico Superior e, mais precisamente, ao Magdalenense Superior ou Final (Fig. 3)[5]. Numa segunda fase do estudo, já depois da descoberta da arte ao ar livre dos sítios de Siega Verde e do vale do Côa, realizada depois de sondagens no sítio, a análise de um total de 39 330 peças líticas confirmou a ausência de utensílios que pudessem indicar uma atribuição a outra fase do Paleolítico Superior, ao Azilense ou ao Mesolítico, comprovando a proposta inicial baseada na composição tipológica[6].

Apesar de uma descrição pormenorizada da integralidade do conjunto, a proposta de atribuição ao Magdalenense não foi unanimemente aceite, tendo esta atribuição sido questionada, sem, contudo, serem apresentados verdadeiros argumentos:

> *En suma, el carácter tardío se desprende del microlitismo, los escasos geométricos (1 triángulo tipo Muge y escalenos), microburiles y de la morfología estándar de los útiles. Así pues, la clasificación del conjunto en el Paleolítico final es tan razonable como su inclusión en el Epipaleolítico meseteño, facies no geométrica, que en el norte de la Meseta y territorios aledaños del valle del Ebro y Alta Navarra alcanza el Holoceno medio*[7].

[2] FABIÁN GARCÍA, 1997: 221.
[3] FABIÁN GARCÍA, 1986.
[4] SONNEVILLE-BORDES, PERROT, 1954-1956.
[5] FABIÁN GARCÍA, 1986.
[6] FABIÁN GARCÍA, 1997.
[7] CORCHÓN RODRÍGUEZ, 2002: 114.

Apesar do presente estudo não estar direcionado para uma reconstituição das cadeias operatórias de produção lítica, as nossas observações do conjunto lítico do sítio de La Dehesa indicam que o principal objetivo das atividades de talhe realizadas no sítio seria a produção de suportes lamelares de perfil retilíneo, tendo-se recorrido a várias estratégias de debitagem (envolvendo o uso da técnica de percussão direta, com um material brando) a seguir descritas:

- a produção de lamelas sobre núcleos de tipo piramidal depois de uma configuração expedita do volume, sem formação de cristas, a partir de nódulos rolados ou de lascas[8]. Os núcleos e as lamelas evidenciam uma exploração giratória, unipolar a partir de planos de percussão lisos e inclinados;
- uma produção unipolar de lamelas de perfil retilíneo, a partir da extremidade de cristais de quartzo hialino[9];
- produção de lamelas de tipo buril carenado sobre extremidade de lasca ou lâminas.

As lascas produzidas durante a fase de configuração dos núcleos prismáticos foram utilizadas como suportes das raspadeiras circulares ou unguiformes. Os vestígios recolhidos indicam que os suportes utilizados para as raspadeiras sobre extremidades de lâmina e alguns dos buris diedros não foram obtidos no sítio, mas, provavelmente, mais perto ou mesmo nos sítios de origem das fontes das matérias-primas utilizadas.

Recentes trabalhos, datações e estudos tecnológicos e tipológicos desenvolvidos no norte da Meseta e noutras regiões revelaram que as cadeias de produção de suportes lamelares, os tipos de utensílios lamelares e as técnicas utilizadas pela debitagem durante o Holoceno (percussão indireta e pressão) são bem distintos das cadeias operatórias descritas[10].

Entretanto, o desenvolvimento dos estudos tecnológicos e tipológicos de vestígios líticos de sítios do sudoeste da Europa permitiu consolidar o nosso conhecimento do faseamento do Magdalenense — inicialmente baseado na indústria em osso — e da evolução das cadeias operatórias de produção dos suportes da utensilagem lamelar e laminar durante o Magdalenense e o Azilense, bem como precisar um quadro evolutivo, com pontos comuns entre as duas vertentes dos Pirenéus e algumas especificidades ibéricas[11].

À luz destas observações técnicas e de novos dados, entretanto obtidos em várias regiões da Península Ibérica, as características tecno-tipológicas dos vestígios líticos de La Dehesa permitem excluir algumas das fases do quadro cronocultural definido para

[8] LANGLAIS, 2007; GAMEIRO, 2012.
[9] FABIÁN GARCÍA, 1985.
[10] MARTÍNEZ DE LAGRÁN *et al*., 2015.
[11] ZILHÃO, 1997a, 1997b; UTRILLA MIRANDA, FERNANDA BLASCO, 2000; FERNÁNDEZ-TRESGUERRES VELASCO, 2006; LANGLAIS, 2007; GAMEIRO, 2012; CACHO QUESADA, *coord*., 2013; ÁLVAREZ-ALONSO, 2014; ROMAN, 2015; AUBRY *et al*., 2017; GAMEIRO *et al*., 2020; ROMAN, DOMINGO SANZ, 2020.

o Magdalenense, com base nas indústrias líticas. Não se pode atribuir à sua fase mais antiga devido à ausência da componente de microlamelas de perfil curvo com retoque marginal, produzidas sobre lascas, utilizando um esquema de tipo raspadeira espessa ou buril carenado. Estas aparecem sistematicamente associadas àquela fase, juntamente com os outros tipos de lamelas de dorso[12]. A crivagem dos sedimentos recolhidos durante as sondagens não revelou a presença deste tipo de utensílios de tamanho reduzido, que poderia ter sido subestimado com base no material de superfície. Esta mesma ausência de pequenas lamelas com retoque marginal e dos núcleos carenados sobre lasca para a sua produção permite também descartar uma atribuição ao fácies Cerrado Novo do Magdalenense final[13], que foi definido com base no conjunto lítico da camada 4 da Lapa do Coelhos e das camadas 3 e 4 do Abrigo 1 do Vale dos Covões[14]. A ausência de triângulos/lamelas escalenos e utensílios sobre suporte lamelar, característicos da fase média do Magdalenense nas outras regiões da Península Ibérica[15] e em França[16], não aponta também para tal hipótese. A ausência das pontas de dorso características do Azilense antigo e recente[17] e das cadeias operatórias de produção dos suportes não apontam para uma atribuição ao Azilense ou Epimagdalenense[18] ou Magdalenense Superior, com microgravettes, evidenciadas nas ocupações datadas de cerca de 12 500-11 500 BP em Portugal[19] e na região valenciana[20].

As manifestações gráficas, identificadas em três peças (cf. capítulo manifestações gráficas), não contribuindo grandemente para uma atribuição cronocultural precisa, não contrariam a sua adscrição a uma cronocultura anterior ao Azilense, cujas manifestações gráficas se caracterizam pelo preenchimento interior dos seus motivos figurativos[21]. Por eliminação, considerando os tipos de lamelas retocadas, apesar de ter uma proporção importante de lamelas de perfil retilíneo e bordos paralelos com retoque inverso que foram descritas em contexto Magdalenense datados pelo radiocarbono de cerca de 14 500-14 000 BP no vale do Ebro[22], a relação largura/espessura dos suportes e a presença de raros triângulos isósceles são elementos a favor da homogeneidade cronocultural do conjunto lítico e da sua atribuição à fase superior do Magdalenense, com datas de radiocarbono de entre 14 000 e 13 000 BP como a hipótese mais plausível, tal como avançado no primeiro estudo[23].

[12] ZILHÃO, 1997a, 1997b; LANGLAIS, 2007.
[13] ZILHÃO, 1997a.
[14] GAMEIRO, 2012; GAMEIRO, AUBRY, ALMEIDA, 2013; GAMEIRO *et al*., 2020.
[15] ROMAN, 2015; ÁLVAREZ-ALONSO, 2014.
[16] LANGLAIS, 2007.
[17] FERNÁNDEZ-TRESGUERRES VELASCO, 2006; GAMEIRO, 2013; AUBRY *et al*., 2017.
[18] ROMAN, 2015; ROMAN, DOMINGO SANZ, 2020.
[19] GAMEIRO, 2012.
[20] ROMAN, DOMINGO SANZ, 2020.
[21] E. g. SANTOS *et al*., 2018.
[22] UTRILLA MIRANDA, FERNANDA BLASCO, 2000.
[23] FABIÁN GARCÍA, 1986.

2. MÉTODOS E OBJETIVOS DO ESTUDO

Durante os últimos trinta anos, os estudos da proveniência das matérias-primas de indústrias de pedra lascada tiveram um desenvolvimento tardio, mas notável, em várias áreas da Península Ibérica. Até recentemente, o conhecimento e o inventário do potencial em rochas siliciosas eram claramente deficientes e heterogéneos, o que implicou a elaboração de trabalhos de prospeção e de caracterização com este objetivo específico, realizados por arqueólogos. Foi já apresentado um estado da arte, com uma descrição dos principais tipos de matérias-primas utilizados para a realização de ferramentas de pedra lascada, por regiões da Península Ibérica[24]. A elaboração deste inventário e os estudos aplicados ao material de sítios arqueológicos da Península Ibérica confirmaram a difusão de sílex e silcretos entre regiões que podem estar separadas por mais de cem quilómetros[25] e deram a conhecer a utilização de rochas siliciosas de grão fino formadas por processos epitermais de preenchimento filoniano ou metassedimentares, características dos maciços antigos, que eram ainda desconhecidas[26].

Apesar destes progressos ao nível do conhecimento do potencial geológico ibérico em rochas siliciosas de grão fino aptas à produção de suportes lamelares e laminares e ao nível da elaboração de métodos de caracterização adaptados aos efetivos e objetivos do estudo de vestígios arqueológicos, as questões relacionadas com a utilização de outros tipos de recursos além do sílex — como variedades de quartzo e quartzito — e a gestão e adoção de métodos de produção líticos distintos não foram analisadas com o mesmo empenho.

Todavia, várias regiões do noroeste e do centro da Península Ibérica têm vindo a revelar uma ocupação humana ao longo do Paleolítico[27], apesar da ausência de recursos líticos tidos como mais adaptados à produção laminar e lamelar, como sejam o sílex e o silcreto. Os estudos do aprovisionamento em rochas siliciosas nos sítios do vale do Côa revelaram a presença sistemática de rochas deste tipo provenientes de outras regiões durante todo o Paleolítico Superior, mesmo que em pequenas proporções relativamente a outros recursos líticos locais e regionais[28]. Este facto foi interpretado como o resultado da existência de uma rede social suprarregional, fundamentada numa forte mobilidade e em trocas[29].

O sítio de La Dehesa é o único localizado na depressão do Douro atribuído ao Paleolítico Superior, datando, provavelmente, do Magdalenense Superior. O sítio localiza-se num contexto geológico com um subsolo constituído exclusivamente por granito.

[24] TARRIÑO VINAGRE, MORGADO RODRÍGUEZ, TERRADAS BALLES, 2018.
[25] TARRIÑO VINAGRE, AGUIRRE, 1997; TERRADAS BALLES, 1998; MANGADO LLACH, 2002; AUBRY, *ed*., 2009; AUBRY *et al*., 2012.
[26] LOMBERA-HERMIDA, RODRÍGUEZ RELLÁN, 2018; DUARTE MATÍAS *et al*., 2018; AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014.
[27] LOMBERA-HERMIDA *et al*., 2012.
[28] MANGADO LLACH, 2002; AUBRY, *ed*., 2009.
[29] AUBRY *et al*., 2012.

O conjunto de vestígios líticos recolhido durante a prospeção e as sondagens no sítio apresenta um efetivo suficiente para ser estatisticamente significativo, permitindo estudar a gestão dos recursos líticos no seu contexto geológico, bem como estabelecer uma comparação com as estratégias de aprovisionamento determinadas pelo estudo de outros sítios do oeste peninsular.

O estudo do material foi efetuado no Museu de Salamanca, em 2017 e 2019, por três dos autores (Aubry, Luís, Santos). Em consequência das restrições implementadas para reduzir a propagação da pandemia Covid-19, não foi possível examinar a integralidade do conjunto arqueológico, objetivo fixado para 2020. Todavia, foram sistematicamente examinadas 21 184 peças, com o recurso a uma lupa binocular (*Olympus SZ51*, microscópio estereoscópico, magnificação 2.0x-240x), comparadas com amostras geológicas e classificadas por categoria tecnológica, tipológica[30] e por tipos de matérias-primas líticas, já definidos anteriormente em diversos artigos, nos quais pode ser encontrada uma descrição pormenorizada destas rochas e dos critérios que permitem a sua atribuição geológica e geográfica[31] (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1. Materiais por tipos de matérias-primas, tecnológicos e utensílios retocados por efetivos

	Lamelas retocadas	Lamelas não retocadas	Outros utensílios	Núcleos	Outros	Total
C+E	6	15	6	1	12	**40**
Granito/hneiss					18	**18**
H	7	92	15	6	132	**252**
I1/I7	622	3318	458	118	3239	**7755**
I11			2		9	**11**
12-4	33	273	67	13	255	**641**
17a	141	935	117	9	1523	**2455**
17b	80	177	108	27	779	**1171**
J1 (a-d)	8	38	8	4	30	**88**
J6-7	2	5	5	4	22	**38**
J8, 13-14	116	963	174	385	2411	**4049**
J9, 10-12, 18	20	86	84	83	2373	**2646**
J15	1		3		2	**6**
J16			2	6	198	**206**

[30] ZILHÃO, 1997a.
[31] MANGADO LLACH, 2002; AUBRY *et al.*, 2012, 2016a; AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014.

	Lamelas retocadas	Lamelas não retocadas	Outros utensílios	Núcleos	Outros	Total
J19			2	1	4	**7**
K2	1	7	11	1	143	**163**
L2		7			13	**20**
M1	7	13	18	12	666	**716**
Pigmento/mineral		1			100	**101**
Rocha metamórfica					52	**52**
X (a-g)	33	299	39	9	367	**747**
Total	**1077**	**6229**	**1119**	**679**	**12078**	**21182**

Tabela 2. Materiais por tipos de matérias-primas, tecnológicos e utensílios retocados por peso

	Lamelas retocadas	Lamelas não retocadas	Outros utensílios	Núcleos	Outros	Total
C+E	0,7	1,9	10,80	1,80	1,30	**16,50**
Granito/hneiss					1955,60	**1955,60**
H	1,6	21,8	82,80	122,60	663,30	**892,10**
I1/I7	243,2	572,9	825,60	413,70	971,20	**3026,60**
I11			17,70		6,940	**24,64**
12-4	15,3	50,0	137,92	45,10	95,60	**343,92**
17a	94,4	115,3	212,70	36,90	421,80	**881,10**
17b	59,1	48,4	247,90	105,0	293,60	**754,00**
J1 (a-d)	1,2	8,8	45,00	50,7	30,70	**136,40**
J6-7	16,3	3,6	37,90	467,7	164,00	**986,50**
J8, 13-14	43,5	129,6	249,60	1110,1	1188,40	**2721,20**
J9, 10-12, 18	100,1	13,2	734,90	2481,1	6727,53	**10056,83**
J15	9,3		58,60		6,20	**74,10**
J16			549,80	2594,3	1855,50	**4999,60**
J19			20,90	18,1	25,00	**64,00**
K2	88,9	3,7	2162,20	821,0	5963,60	**9039,40**
L2		1,7			7,30	**9,00**
M1	29,4	5,2	768,70	1836,1	3193,80	**5833,20**
Pigmento/mineral		0,0			518,00	**518,00**
Rocha metamórfica					1359,00	**1359,00**
X (a-g)	11,5	42,9	66,60	24,4	606,93	**752,33**
Total	**714,5**	**1019,0**	**6229,57**	**10426,0**	**26055,30**	**44443,97**

3. ORIGEM DAS MATÉRIAS-PRIMAS

O conjunto lítico de pedra lascada do sítio de La Dehesa distingue-se por duas características quanto aos tipos e às proporções das matérias-primas determinadas, quando comparadas com os dados disponíveis para os sítios do vale do Côa[32], igualmente sem a presença natural de sílex. A primeira diz respeito à importante proporção de silcretos relativamente às várias formas de quartzo. Já a segunda relaciona-se com a fraca representação do quartzito.

Também no sítio do Vau, localizado numa zona intermédia entre o rio Douro e o rio Mondego, em contexto geológico constituído por rochas metassedimentares (vale do Vouga), tivemos a oportunidade de verificar a raridade do quartzito (<1% em efetivos) no conjunto de vestígios líticos recolhido nas ocupações pleistocénicas[33]. Neste caso, como no sítio de La Dehesa, podemos encontrar a explicação para a fraca utilização do quartzito no contexto geológico local e da bacia fluvial, que não integra os quartzitos armoricanos suscetíveis de alimentar os seixos, recolhidos em posição secundária.

As variedades de silcretos constituem mais de 50% do total dos vestígios (Tabelas 1 e 2), o que contrasta com os dados fornecidos pelas ocupações do Paleolítico Superior do vale do Côa, onde sílex e silcretos nunca ultrapassam os 5%[34]. Esta característica do conjunto de La Dehesa assemelha-se à dos conjuntos dos sítios da Estremadura, todos localizados a menos de dez quilómetros de fontes de sílex[35], onde o total do quartzo e do quartzito pode atingir ~50% do total durante a fase do Protosolutrense, mas é, geralmente, inferior a 20%[36].

Atualmente, só encontramos uma distribuição semelhante entre a proporção do sílex (51%) e a totalidade das variedades de quartzo (46%) na Unidade Estratigráfica 005 do sítio do Vau[37]. Neste caso, a fonte de sílex mais próxima (Tipo A)[38] dista cerca de trinta quilómetros, mas é de fraca qualidade e foi pouco utilizada[39]. Já o sílex do Bajociano da região de Cantanhede (Tipo C)[40], o mais utilizado, fica a cinquenta quilómetros para sul do sítio.

[32] AUBRY, *ed*., 2009; AUBRY *et al*., 2012, 2016a; AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014.
[33] AUBRY *et al*., 2016b; GAMEIRO, AUBRY, 2020.
[34] AUBRY, *ed*., 2009; AUBRY *et al*., 2012, 2016b.
[35] ZILHÃO, 1997a; AUBRY *et al*., 2016b.
[36] ZILHÃO, 1997a: 140.
[37] AUBRY *et al*., 2016b; GAMEIRO, AUBRY, 2020.
[38] AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014.
[39] AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014.
[40] AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014.

As variedades de silcretos identificadas no material arqueológico do sítio de La Dehesa, determinadas com base nos mapas e estudos geológicos regionais[41] e nas prospeções realizadas nas bacias do Duero e do Tejo[42] são as que se seguem.

Os tipos mais utilizados são os tipos I1/I7, I7a, I7b e I11 (Fig. 4). O primeiro é um grupo ubíquo, que resulta, sobretudo, de uma ausência de critérios de diagnóstico precisos, não apresentando indícios sólidos no conteúdo ou na petrografia para uma atribuição geográfica mais precisa do que um contexto de formação em ambiente lacustre ou de silicificação pedológica. Correspondem aos silcretos translúcidos de cor cinzenta a cinzento-azulada, cuja fonte mais próxima descrita se localiza a sul do Tejo, perto de Campo Arañuelo[43].

Pelo contrário, o tipo I7a é uma variedade de silcreto que pode ser isolada e localizada, por ter sido detetada em posição secundária nas formações aluviais da bacia do rio Adaja, no Valle Amblés[44], perto de Ávila. As prospeções realizadas na área de Muñopepe (província de Ávila) permitiram detetar fragmentos rolados de silcreto translúcido, de cor cinzenta-clara ou escura, com uma distribuição homogénea, manchada ou em bandas (Fig. 4, I7A-2). A massa siliciosa é de grão fino ou muito fino e a superfície de fratura é lisa ou ligeiramente rugosa, devido à existência de quartzo detrítico. Macroscopicamente, trata-se de um silcreto de textura heterogénea. As outras inclusões observadas com grande ampliação correspondem a óxidos de manganês, sob a forma de pontuações ou de dendrites de cor preta. O córtex observado nas amostras é de aspeto arenítico. A parte externa das concreções não aparece muito desgastada, facto que sugere a existência de formações carbonatadas de idade neogénica/miocénica nas proximidades do lugar de recolha, na bacia do rio Adaja, onde pequenos afloramentos de calcários micríticos, recobertos por depósitos quaternários, de idade indeterminada, estão cartografados no Mapa Geológico de Espanha à escala 1:50 000 (MAGNA 50, folha 531).

Mais recentemente, tivemos a oportunidade de encontrar, na região de Arévalo, alguns blocos de pequena dimensão com as mesmas características (Fig. 4, I7A-1), junto com silcretos formados num ambiente lacustre atribuído ao fácies *Cuestas*, translúcidos, com negativos de plantas (Fig. 4, I1-Ar) ou de cor creme a castanha, ricos em opala, que apresentam fortes semelhanças com um dos tipos descrito nas formações do Miocénico da região de Madrid[45].

[41] BUSTILLO REVUELTA, 1976; ARMENTEROS, 1986, 2000; MOLINA BALLESTEROS, GARCÍA TALEGÓN, VICENTE HERNÁNDEZ, 1997; BUSTILLO REVUELTA, PÉREZ-JIMÉNEZ, 2005; BLANCO, ARMENTEROS, HUERTA-HURTADO, 2008.

[42] MANGADO LLACH, 2002; AUBRY, *ed*., 2009; FUERTES-PRIETO *et al*., 2013; AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014 ; AUBRY *et al*., 2016b.

[43] CERRILO CUENCA, GONZÁLEZ CORDERO, 2016.

[44] MANGADO LLACH, 2002.

[45] BUSTILLO REVUELTA, PÉREZ-JIMÉNEZ, 2005.

O tipo I7B-1 é um silcreto pedológico de cor cinzenta-escura a preta, com inclusões difusas mais escuras que a matriz, constituídas por calcedónia translúcida, com negativos de plantas e quartzos detríticos. Silicificações pedológicas com estas mesmas características foram encontradas na região de Candeleda (MAGNA 50, folha 600)[46], na vertente sul da Sierra de Gredos, associado ao tipo I7B-2, de cor castanha alaranjada (Fig. 4).

O tipo I11 é um silcreto lacustre azoico com tonalidades acinzentadas ou azuladas, geralmente, translúcido ou subtranslúcido, com um grão fino ou médio e de textura heterogénea (Fig. 4). Este tipo de silcreto com um neocórtex e vestígios do seu transporte fluvial, foi encontrado em posição secundária nos terraços antigos do Tejo[47], em Espanha, e já em território português, nas áreas de Salgueira (Vila Velha de Ródão) e de Salavessa (Nisa), tendo sido descrito em posição primária a jusante (tipo I1)[48].

Numa menor proporção (<5%), foram utilizadas porcelanitas/opalas e quartzo-arenitos com matriz de opala (Fig. 4, H1, H2). As prospeções detetaram estas duas formas de silcreto pedológico no limite ocidental da depressão do Douro, numa área localizada entre Zamora e o sul de Salamanca (tipos H1 e H2)[49]. Em proporções equivalentes, encontramos o sílex que passou recentemente a ser denominado de sílex de Mucientes (tipo I2, Tabela 1, 2, Fig. 4, I4), proveniente das formações lacustres constituídas por margas com gesso (fácies *Cuestas*) e calcárias (fácies *Páramos*) da bacia do Douro, definido no corte de referência de Las Canteras[50] e com vários fácies epigénicos, perto da localidade de Berceruelo[51] e, em posição secundária, em Wamba e Fuensaldaña[52]. Macroscopicamente, estas silicificações apresentam um aspeto muito variável, de cor cinzenta, translúcida, castanha ou preta, opaca. Aparecem sob a forma de nódulos, com um córtex claro e poroso. O estudo em lâmina delgada confirma uma formação em ambiente lacustre[53].

O tipo X-I3, que representa cerca de 3% do total do material estudado, é de origem desconhecida (Fig. 4). Todavia, este silcreto apresenta elementos comuns reveladores de um ambiente de formação lacustre e uma posição estratigráfica equivalente ao tipo I2 (gastrópodes, oogónios e caules de algas de carófitas), embora rico em opala, e com características macroscópicas que não foram encontradas durante as prospeções realizadas na região de Mucientes.

Outros vestígios de origens desconhecidas, como os tipos Xa-Xg, apresentam características de silicificações resultantes de processos pedológicos. O tipo J1c/J1d é um jaspe

[46] AUBRY *et al*., 2016b.
[47] AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014.
[48] BUSTILLO REVULETA, 1976; BUSTILLO REVUELTA, PÉREZ-JIMÉNEZ, 2005; CERRILO CUENCA, GONZÁLEZ CORDERO, 2016.
[49] MANGADO LLACH, 2002; AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014 ; AUBRY *et al*., 2017.
[50] FUERTES-PRIETO *et al*., 2013.
[51] AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014.
[52] FUERTES-PRIETO *et al*., 2013.
[53] FUERTES-PRIETO *et al*., 2013.

com características comuns com as silicificações epitermais associadas aos filões uraníferos da região de Almeida, em Portugal (Fig. 4, J1B)[54], que pode existir no contexto regional, na continuidade da área dos filões da Beira Alta[55].

Finalmente, foram detetadas 37 peças em sílex (Fig. 5) que apresentam características comuns aos nódulos e fragmentos de nódulos de sílex rolados, provenientes do Cenomaniano Superior, com tamanhos entre os 5 e 50 cm, disponíveis nos conglomerados miocénicos da Ota, da Bacia Sedimentar do Tejo (Fig. 4, E7)[56]. O sílex apresenta cores heterogéneas, que vão do cinzento ao vermelho, dispostas em zonações concêntricas, frequentemente dentro do mesmo bloco. A observação macroscópica muito raramente revela outros elementos na textura *mudstone*, além de abundantes óxidos de ferro e geodes com recristalizações de macroquartzo, cujos cristais se apresentam bem desenvolvidos. O córtex apresenta-se rolado e impregnado de óxidos de ferro, dando-lhe uma coloração alaranjada ou acastanhada (Tipo E6).

Foram também isoladas três peças em sílex que apresentam uma estrutura peloidal bem conservada e um conteúdo em bioclastos (bivalves, espículos, *incertae sedis*, foraminíferos) característicos dos nódulos de sílex dos afloramentos de calcário micrítico da formação de Ançã, da região de Cantanhede, na margem norte do rio Mondego (Fig. 4, C3)[57]. Este tipo de sílex (Tabela 1, 2, tipo C3) aparece sob a morfologia de nódulos de cor cinzenta a castanha clara, com córtex espesso a pelicular nas bancadas calcárias, ou de cor cinzenta ou castanho-escura a avermelhada, em posição secundária. Os nódulos apresentam uma estrutura zonada, tanto *in situ* como em posição secundária. Em posição secundária, nas formações cretácicas e terciárias, os nódulos foram afetados por uma epigenia tardia e preenchimento de fissuras por óxidos de ferro, que modificou o seu aspeto macroscópico e melhorou a sua aptidão para o talhe. A existência de nódulos de sílex nos calcários do Dogger, nas imediações de Concha (Guadalajara), que apresentam o mesmo microfacies que os sílices do Baixo Mondego atrás referidos, obriga-nos a que, no futuro, procuremos outra metodologia de caracterização, de forma a poder-se confirmar esta atribuição.

4. GESTÃO DOS RECURSOS LÍTICOS NO SÍTIO DE LA DEHESA

A análise da distribuição por categorias de matérias-primas em função da tecnologia e tipologia revela alguns dados importantes.

Não existe uma relação clara entre alguns tipos de silcretos, a distância da sua proveniência e a cadeia operatória de produção de lamelas que, faseada na representação dos núcleos e lamelas brutas, foram realizadas nos sítios.

[54] AUBRY, *ed*., 2009; AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014; AUBRY *et al*., 2016b.
[55] NEIVA, 2003.
[56] ZILHÃO, 1997a; MANUPPELLA *et al*., 2006; MATIAS, 2012.
[57] BARBOSA *et al*., 1988; MANGADO LLACH, 2002; AUBRY, MANGADO LLACH, MATIAS, 2014; AUBRY *et al*., 2016b.

De facto, não se observa uma grande distinção entre lamelas não retocadas e retocadas no que toca à matéria-prima (Figs. 6 e 7). O posicionamento dos núcleos no mapa fatorial, sensivelmente entre os grupos definidos pelas duas cadeias operatórias, deve-se à forte representatividade de matérias-primas de ambas as cadeias neste grupo. Predominam os núcleos de I7 e I1/I7 da cadeia operatória laminar e J9 e J10 da cadeia operatória das lascas. A maior representatividade é, no entanto, de J13, que, com o silcreto de fonte desconhecida Xg, constituem um grupo à parte das restantes matérias-primas devido à sua representatividade equilibrada entre as duas cadeias operatórias (Figs. 6 e 7). De facto, a distinção mais importante que se observa ao nível da relação entre a matéria-prima e a tipologia do material é a que se verifica entre as matérias-primas mais utilizadas na produção de lascas (onde se incluem alguns silcretos) e as matérias -primas tendencialmente utilizadas na produção laminar e lamelar, aqui se incluindo a maior parte dos sílices e silcretos — designadamente, os estremenhos —, mas, também, algumas rochas filonianas, como sejam as variantes J1, J1a e J1b de jaspe e a variante J6 da calcedónia (Figs. 6 e 7).

5. MANIFESTAÇÕES GRÁFICAS

No decurso dos nossos trabalhos, identificaram-se dois fragmentos de uma rocha metamórfica com incisões nas suas superfícies mais lisas, que se vêm assim juntar a uma peça anteriormente publicada[58]. Infelizmente, ambas as peças correspondem a fragmentos muito reduzidos, não ultrapassando nenhum deles os 5 cm de eixo maior (Fig. 8). As incisões de ambas as peças apresentam uma estrutura linear. Numa delas, apenas se parece definir uma unidade gráfica curva delimitada pela adjunção de, pelo menos, duas incisões descontínuas (Fig. 8A). Na segunda peça, as incisões parecem formar, pelo menos, um motivo angular, um par de traços paralelos entre si e uma série de pequenos traços paralelos entre si (Fig. 8B).

A simplicidade destas figurações não permite tecer grandes considerações, configurando formas que se atestam ao longo de toda a Pré-história. Por outro lado, a sua mera presença, na medida em que não se conhece qualquer exemplo de arte móvel de outros períodos da Pré-história a que se pudessem atribuir as indústrias do sítio, reforça a sua atribuição a um momento não posterior ao final do Paleolítico Superior. Importa também referir que o facto de em três peças não se ter identificado qualquer tipo de organização geométrica do tipo encontrado na Peña de Estebanvela[59] ou preenchimento interno comum no Azilense[60] não contradiz uma atribuição cronocultural do sítio anterior ao extremo final do Paleolítico.

[58] FABIÁN GARCÍA, 1997.
[59] E. g. GARCÍA DÍEZ, 2013.
[60] E. g. SANTOS *et al*., 2018.

6. AS MATÉRIAS-PRIMAS LÍTICAS COMO INDICADOR DO POVOAMENTO DO CENTRO E OESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA DURANTE O PALEOLÍTICO SUPERIOR

A cronologia precisa da ocupação do sítio de La Dehesa não é conhecida. Todavia, os estudos realizados no vale do Côa, apesar de mostrarem uma diminuição da proporção de sílices e silcretos ao longo da sequência do Paleolítico Superior e variações nas fontes de origem durante o tempo, revelaram a existência de um modelo comum nas estratégias de aprovisionamento ao longo de todo o Paleolítico Superior. Esse modelo indica a exploração e mobilidade dentro de um espaço regional de cerca de cinquenta quilómetros de extensão, com um eixo norte/sul centrado no rio Côa, baseado na utilização de fontes de corneana (L1), siltite (M1), microquartzo e calcedónia filoniana (tipos J2 e J1), no centro de um espaço mais amplo com eixo este/oeste, fundamentado na presença sistemática de sílex da Estremadura portuguesa (tipos C, D e E) e de silcretos das bacias do Duero e afluentes (H, I2, I3?, I) e do Tejo (I1, I11, I7b).

Apesar de alguns tipos de matérias-primas de La Dehesa serem de origem desconhecida (3,5%), os tipos de matéria-prima determinados e as origens geológicas e geográficas propostas constituem dados sólidos, suscetíveis de comparação com outras regiões. Estes dados são igualmente evidentes fontes para a reconstituição da mobilidade, dos territórios efetivamente explorados e das redes sociais das sociedades de caçadores-recoletores do Paleolítico Superior que exploraram o oeste da Península Ibérica (Fig. 9).

O primeiro elemento que caracteriza o conjunto lítico do sítio de La Dehesa é a elevada proporção de silcretos relativamente aos sítios do Côa. O segundo é a associação de matérias-primas provenientes de áreas geográficas distintas, pertencentes tanto à bacia do Tejo como à do Douro. Além do quartzo, matéria-prima local ou regional, o componente mais importante no grupo dos silcretos, utilizado para a produção de lamelas no sítio, indicia uma relação privilegiada com a bacia do rio Adaja no Valle Amblés, localizada a leste (Tipo I7a). Todavia, uma referência bibliográfica indica a existência de pequenos nódulos de «sílex» na proximidade da represa de Gabriel e Galán, localizada no Norte de Plasencia[61], com características que desconhecemos.

A outra matéria-prima (Tipo I7b) utilizada para a produção de lamelas no sítio e para a realização de lamelas retocadas do mesmo tipo que as lamelas no tipo I7a só é atualmente conhecida no sopé da vertente sul da Cordilheira Central. A sua presença confirma uma ocupação humana desta região, até à data desconhecida, e indica que o grupo humano que ocupou o sítio de La Dehesa explorava também a bacia do Tejo, a sul da Cordilheira Central, ou, pelo menos, tinha contactos sociais frequentes e trocas com um grupo que exploraria esses recursos.

[61] CERRILLO CUENCA, GONZÁLEZ CORDERO, 2016.

Os dados revelam também a presença de variedades de silcretos que interpretamos como provenientes da bacia do rio Douro e dos seus afluentes, no limite da depressão terciária do Douro, entre Salamanca e Zamora (H1, H2) e nos arredores de Valladolid (I2). A proveniência do Tipo X-I3 é ainda desconhecida, mas o seu conteúdo em bioclastos aponta para uma origem e formação num ambiente lacustre semelhante ao fácies dito *Cuesta* e ao sílex de Mucientes. A proximidade entre estas matérias-primas no mapa fatorial (Figs. 6 e 7) aponta igualmente para uma gestão semelhante das três, muito provavelmente, devido às suas características estruturais comuns.

Os dados apontam para uma mobilidade num território que segue um eixo geral norte/sul e que atravessa a serra de Gredos, a porção ocidental da Cordilheira Central, que se constitui como um relevo notável no centro da Península Ibérica, separando as mesetas Norte e Sul. Os vales dos rios Adaja e Tormes, para norte, e o Jerte para sul, podem ter sido as vias privilegiadas desta mobilidade humana e de difusão dos recursos líticos entre as duas áreas geográficas. A difusão de sílex do sul da bacia da Aquitânia até sítios do Magdalenense do sul dos Pirenéus, que atesta também a travessia de relevos rochosos, só recentemente foi demonstrada, revelando a existência provável de vias para atravessar o centro dos Pirenéus[62].

O eixo geral norte/sul e a extensão geográfica de cerca de cem quilómetros que foi estabelecida com base nas matérias-primas líticas representadas no sítio de La Dehesa têm um paralelo ocidental, atestado pelos estudos dos sítios do litoral português[63], que revelaram a presença de sílex do Cenomaniano, Oxfordiano e Bajociano nas ocupações do Paleolítico Superior do Vau, localizado num afluente do vale do Vouga (Fig. 8).

Finalmente, a existência de quarenta peças em sílex atribuíveis ao Cenomaniano e Bajociano no sítio de La Dehesa e de um sílex atribuído ao tipo X-I3 no sítio de Vau[64], ambos situados a mais de trezentos quilómetros da fonte de origem, constituem raros, mais indiscutíveis, indícios da existência de contactos sociais entre os grupos humanos do litoral português e do centro da meseta espanhola.

As distâncias dos caminhos definidos com base neste trabalho e num estudo prévio[65] (Fig. 10) permitem estabelecer o total das distâncias, medidas entre cada sítio e as fontes de matérias-primas determinadas, confirmando uma diferença entre os sítios da Estremadura e os conjuntos do vale do Côa. O sítio do Vau[66], que se situa no Maciço Antigo, mas nas imediações da Bacia Lusitaniana, encontra-se numa posição algo intermédia.

Os dados agora obtidos para os materiais de La Dehesa vêm corroborar a sua posição bem no meio da Meseta e do Maciço Antigo. A diferença no total das distâncias

[62] SANCHEZ *et al*., 2017.
[63] AUBRY *et al*., 2016b.
[64] GAMEIRO, AUBRY, 2020.
[65] AUBRY *et al*., 2016b.
[66] GAMEIRO, AUBRY, 2020.

percorridas pelas matérias-primas encontradas no Côa e em La Dehesa poderá relacionar-se com a excecional importância do Côa e/ou com o facto desta região estar representada por uma longa duração de várias ocupações, enquanto La Dehesa corresponde a um só sítio com uma ocupação limitada no tempo.

Os dados refletem também as características próprias das diferentes matérias-primas usadas em cada sítio. Existem fontes da Estremadura portuguesa e da Meseta que aparentemente não chegam à região oposta, seja pela sua baixa qualidade ou localização geográfica. Por outro lado, nenhuma das fontes específicas da Meseta parece ter chegado à Estremadura, com a exceção da peça esquirolada em sílex do tipo X-I3 do Vau, acima mencionada[67].

A forte coincidência entre as fontes de silcretos utilizadas, tanto no vale do Côa como em La Dehesa, indiciam que estes dois grupos de sítios fazem parte do mesmo mundo. No estado atual do conhecimento, a ligação entre a La Dehesa e a Estremadura parece fazer-se pelo vale do Côa. Se esta presunção se justifica a partir dos dados arqueológicos conhecidos, o Tejo é uma via natural direta de acesso entre La Dehesa e a bacia da Ota, pelo que geograficamente não parece justificar-se um acesso exclusivo pelo Côa.

Entre o litoral e o centro da Meseta, o Côa apresenta também uma posição intermédia em termos de matérias-primas. Por um lado, nos sítios do Côa, o sílex proveniente do litoral português surge em maiores proporções do que em La Dehesa. Por outro, o sílex das duas vertentes da Cordilheira Central ibérica não parece avançar para Ocidente. Este é um aspeto decisivo para a nossa interpretação da ocupação humana desta região durante o Paleolítico Superior como estando relacionada com o seu papel enquanto lugar de agregação, no centro de um ou vários caminhos longitudinais, numa posição intermediária entre estes dois territórios de exploração com uma extensão latitudinal. A arte rupestre do Côa é o elemento mais visível deste estatuto.

7. PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO PARA RECONSTITUIR AS SOCIEDADES DO PALEOLÍTICO SUPERIOR

Os dados apresentados abrem novas perspetivas para a reconstituição do povoamento do interior da Península Ibérica. Trazem novas informações relativas à mobilidade, estabelecendo ligações entre as bacias do Douro e do Tejo, atingindo mesmo a Bacia Lusitaniana.

Uma melhor apreensão da rede social e dos sítios intermediários entre estes dois territórios e os grupos humanos associados deverá ser fundamentada em dados suplementares que implicam o desenvolvimento de novas prospeções nas bacias do rio Adaja, no Valle Amblés, e do rio Jerte, para averiguar da existência de fontes de silcretos com as mesmas características, em posições mais próximas de La Dehesa (Embalse de Gabriel e Galán), e confirmar a atribuição geográfica do tipo I7a, do X-I3 e das matérias-primas

[67] GAMEIRO, AUBRY, 2020.

de origem desconhecida (Xa-Xg). Estes trabalhos passam também por verificar ainda a real expansão geográfica na Meseta dos tipos J1, J1a, Jb, J1d e J6 definidos em Portugal. Poderão estes materiais, apenas utilizados na cadeia operatória de lamelas, vir de longe de La Dehesa, tal como os materiais que se encontram mais perto deles no mapa fatorial (C e E). Nesse caso, Xd e Xe serão mesmo fontes locais? Outra questão que espera resposta relaciona-se com a fraca presença dos silcretos da região entre o sul de Salamanca e Zamora (tipo H) (~1%), e que são presença constante no vale do Côa, quando a sua fonte mais próxima fica a menos de cinquenta quilómetros do sítio.

A elaboração de modelos mais sólidos implica, sobretudo, a confirmação do papel de agregação do vale do Côa, que ocupa uma posição geográfica intermediária entre a Meseta Norte e o litoral, entre Vouga e Tejo, bem como averiguar a existência de outras áreas com a mesma posição (na bacia do Tejo?) através da realização de prospeção e a deteção de outros sítios das diferentes fases do Paleolítico Superior. Estes trabalhos devem prioritariamente ser realizados nas regiões já definidas pela utilização de recursos em matérias-primas líticas que foram utilizadas para a produção de lamelas, reconhecidas na bacia do Douro e do Tejo (Fig. 9).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ-ALONSO, David (2014). *El final del Paleolítico Superior: El Magdaleniense en Asturias*. In ÁLVAREZ-ALONSO, David, *ed*. *Los grupos cazadores-recolectores paleolíticos del occidente cantábrico. Estudios en Homenaje a Francisco Jordá Cerdá en el centenario de su nacimiento, 1914-2014*. Gijón: Universidad Nacional de Educación a Distancia, centro asociado de Asturias, pp. 171-204.

ARMENTEROS, Ildefonso (1986). *Estratigrafía y Sedimentología des Neógeno del Sector Suroriental de la Depresión del Duero (Aranda de Duero-Peñafiel)*. Salamanca: Ediciones de la Diputación de Salamanca.

ARMENTEROS, Ildefonso (2000). *Estratigrafía y Sedimentología del Neógeno del Sector Suroriental de la Depresión del Duero.* Salamanca: Diputación de Salamanca. (Serie Castilla y León; 1).

AUBRY, Thierry, *ed*. (2009). *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico.* Lisboa: IGESPAR. (Trabalhos de Arqueologia; 52).

AUBRY, Thierry *et al*. (2012). *We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal).* «Journal of Anthropological Archaeology». 31, 528-550.

AUBRY Thierry *et al*. (2016a). *Quartz use in the absence of flint. Middle and Upper Palaeolithic raw material economy in the Côa Valley (North-eastern Portugal).* «Quaternary International». 424, 113-129.

AUBRY, Thierry *et al*. (2016b). *Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies*. «Journal of Lithic Studies». 3. DOI:10.2218/jls.v3i2.1436.

AUBRY, Thierry *et al*. (2017). *Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglaciar e o Pré-Boreal no Vale do Côa*. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, *eds*. *Arqueologia Em Portugal — 2017: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.

AUBRY, Thierry; MANGADO LLACH, Javier; MATIAS, Henrique (2014). *Matérias-primas das ferramentas em pedra lascada da Pré-história do Centro e Nordeste de Portugal*. In DINIS, Pedro A.; GOMES, Alberto; MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio, *eds*. *Proveniências de Materiais geológicos.* Coimbra: APEQ — Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário, pp. 165-192.

BARBOSA, B. P. *et al*. (1988). *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000: Notícia explicativa da folha 19-A, Cantanhede*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

BLANCO, José A.; ARMENTEROS, Ildefonso; HUERTA-HURTADO, Pedro (2008). *Silcrete and alunite genesis in alluvial palaeosols (late Cretaceous to early Palaeocene, Duero basin, Spain)*. «Sedimentary Geology». 211, 1-11.

BUSTILLO REVUELTA, María Ángeles (1976). *Estudio petrológico de las rocas silíceas miocenas de la Cuenca del Tajo*. «Estudios Geologicos». 32, 451-497.

BUSTILLO REVUELTA, María Ángeles; PÉREZ-JIMÉNEZ, José Luis (2005). *Características diferenciales y génesis de los niveles silíceos explotados en el yacimiento arqueológico de Casa Montero (Vicálvaro, Madrid)*. «Geogaceta». 38, 243-246.

CACHO QUESADA, Carmen, *coord*. (2013). *Ocupaciones magdalenienses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)*. Madrid: Junta de Castilla y León/CSIC.

CERRILLO CUENCA, Enrique; GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (2016). *Fuentes de aprovisionamiento y circulación del sílex en Extremadura: un estado de la cuestión*. In TARRIÑO VINAGRE, Antonio; MORGADO RODRÍGUEZ, Antonio; TERRADAS BALLE, Xavier, *eds*. *Sílex: trazadores litológicos de larga distancia durante la Prehistoria de la Península Ibérica*. Granada: Universidad de Granada. (Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada; 26).

CORCHÓN RODRÍGUEZ, Maria Soledad (2002). *El Tardiglaciar y la transición al postglaciar en la meseta norte española: una visión de síntesis (reflexiones acerca de las investigaciones realizadas en los últimos diez años en el territorio de Castilla-León)*. «Zephyrus». 55, 85-142.

DUARTE MATÍAS, Elsa *et al*. (2018). *El sílex como recurso mineral en la Prehistoria de Asturias*. In TARRIÑO VINAGRE, Antonio; MORGADO RODRÍGUEZ, Antonio, TERRADAS BALLE, Xavier, *eds*. *Sílex: trazadores litológicos de larga distancia durante la Prehistoria de la Península Ibérica*. Granada: Universidad de Granada, pp. 157-190. (Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada; 26).

FABIÁN GARCÍA, José Francisco (1984). *Industria lítica del yacimiento de La Dehesa en el Cerro del Berrueco. El Tejado*. Salamanca. Salamanca: Universidad de Salamanca. Memoria de licenciatura.

FABIÁN GARCÍA, José Francisco (1985). *Los útiles de arísta diédrica sobre primas piramidales o nódules de cristal de roca (U.A.D.) en el yacimiento de la Dehesa El Tejado de Béjar (Salamanca)*. Estudio morfotécnico. «Zephyrus». 37/38, 115-124.

FABIÁN GARCÍA, José Francisco (1986). *La industria lítica del yacimiento de «La Dehesa» en el Tejado de Béjar (Salamanca). Una industria de tipología magdaleniense en la Meseta. Avance a su estudio*. «NUMANTIA Investigaciones arqueológicas en Castilla y León». II, 101-141.

FABIÁN GARCÍA, José Francisco (1997). *La difícil definición del Paleolítico Superior en la Meseta. El Yacimiento de La Dehesa (Salamanca) como exponente de la etapa Magdalenense final*. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, *coords*. *II Congresso de Arqueologia Peninsular, Tomo I — Paleolítico y Epipaleolítico*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 219-237.

FERNÁNDEZ-TRESGUERRES VELASCOS, Juan (2006). *El Aziliense de la región cantábrica*. «Zephyrus». 59, 163-180.

FUERTES-PRIETO, Maria Natividade *et al*. (2013). *The «Mucientes Flint» of the Iberian North Plateau, (Spain)*. In *Programme and Abstracts, 5th Arheoinvets Symposium, «Stories Written in Stone», International Symposium on chert and knappable Materials*. Iasçi, 20-24/08/2013: 66-67.

GAMEIRO, Cristina (2012). *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique Supérieur au Portugal*. Paris: Université de Paris I — Panthéon — Sorbonne. Tese de doutoramento.

GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry (2020). *Rodo, Vau e Bispeira 8: integração crono-cultural e contextualização no quadro do Paleolítico Superior Peninsular.* In GOMES, Alberto *et al. O património histórico e arqueológico do vale do Vouga. O aproveitamento hidroelétrico e Riberado-Ermida*. Lisboa: EDP Produção, pp. 604-671.

GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry; ALMEIDA, Francisco (2013). *A variabilidade regional das indústrias líticas do final do Paleolítico Superior em Portugal.* In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, *coords. Arqueologia em Portugal:150 anos. Actas do Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses.* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 277-287.

GAMEIRO, Cristina *et al.* (2020). *Archaeology of the Pleistocene-Holocene transition in Portugal: synthesis and prospects*. «Quaternary International». 564, 113-137.

GARCÍA DÍEZ, Marcos (2013). *La expresión gráfica de La Peña de Estebanvela (Segovia) en el contexto de los últimos grupos cazadores-recolectores europeos.* In CACHO QUESADA, Carmen, *coord*. (2013). *Ocupaciones magdalenienses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)*. Madrid: Junta de Castilla y León/CSIC, pp. 471-514.

HUSSON, François *et al.* (2015). *FactoMineR: Multivariate Exploratory data analysis and data mining with R. R package version 1.31.3.* [Consult. 19 abr. 2022]. Disponível em <http://factominer.free.fr.>.

LANGLAIS, Mathieu (2007). *Dynamiques culturelles des sociétés magdaléniennes dans leur cadres environnementaux. Enquête sur 7000 ans d'évolution de leurs industries lithiques entre Rhône et Èbre.* Toulouse: Universidade de Toulouse III/Barcelona. Tese de doutoramento.

LOMBERA-HERMIDA, Arturo de *et al.* (2012). *El yacimiento de Valverde (Monforte de Lemos, Lugo, Galicia, España) y las primeras evidencias de poblamiento en el Pleniglaciar del Noroeste de la Península Ibérica.* «Espacio, Tiempo y Forma Serie I, Nueva época. Prehistoria y Arqueología». 5, 363-382.

LOMBERA-HERMIDA, Arturo de; RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos (2018). *El sílex en el NW de la Península Ibérica. Un estado de la cuestión*. In TARRIÑO VINAGRE, Antonio; MORGADO RODRÍGUEZ, Antonio; TERRADAS BALLE, Xavier, *eds. Sílex: trazadores litológicos de larga distancia durante la Prehistoria de la Península Ibérica.* Universidad de Granada, pp. 137-155. (Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada, 26).

MANGADO LLACH, Javier (2002). *La caracterización y el aprovisionamiento de los recursos abióticos en la Prehistoria de Cataluña: las materias primas silíceas del Paleolítico Superior Final y el Epipaleolítico.* Barcelona: Universidad de Barcelona. Tese de doutoramento.

MANUPPELLA, Giuseppe *et al.* (2006). *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 27-C Torres Novas*. Lisboa: Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.

MARTÍNEZ DE LAGRÁN, Iñigo Garcia *et al.* (2015). *8.2 ka BP paleoclimatic event and the Ebro Valley Mesolithic groups: Preliminary data from Artusia rock shelter (Unzué, Navarra, Spain).* «Quaternary International». 403, 151-173.

MATIAS, Henrique (2012). *O aprovisionamento de matérias-primas líticas na Gruta da Oliveira (Torres Novas).* Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.

MOLINA BALLESTEROS, Eloy; GARCÍA TALEGÓN, Jacinta; VICENTE HERNÁNDEZ, María Ángeles (1997). *Estudio de perfiles silicificados en el borde SO de la cuenca terciaria del Duero. Una nueva interpretación genética de la silicificación.* «Revista de la Sociedad Geológica de España». 10:3-4, 327-340.

NEIVA, João Manuel (2003). *Jazigos portugueses de minérios de urânio e sua génese*. In FERREIRA, Martim Portugal, *coord. A Geologia de Engenharia e os Recursos Geológicos.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 15-76.

R CORE TEAM (2016). *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: R Foundation for statistical Computing.

ROMAN, Dídac (2015). *La tecnología lítica durante el Magdalenense en la vertiente Mediterránea de la Península Ibérica*. «Journal of Lithic Studies». 2:2, 145-165.

ROMAN, Dídac; DOMINGO SANZ, Inés (2020). *Las facies microlaminares del final del Paleolítico en el norte del País Valencian*. In ROMAN, Dídac; GARCÍA-ARGUELLES I ANDREU, Pilar; FULLOLA I PERICOT, Josep Maria, *coords*. *Las Facies microlaminares del final del Paleolítico en el Mediterráneo ibérico y el valle del Ebro*. Barcelona: SERP, Societat Catalana d'Arqueologia, pp. 175-197.

SÁNCHEZ DE LA TORRE, Marta *et al.* (2017). *The geochemical characterization of two long distance chert tracers by ED-XRF and LA-ICP-MS. Implications for Magdalenian human mobility in the Pyrenees (SW Europe).* «Science & Technology of Archaeological Research». 3:2, 405-417.

SANTOS, André Tomás *et al.* (2018). *O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa).* «Portvgalia». 39, 5-96.

SONNEVILLE-BORDES, Denise; PERROT, Jean (1954-1956). *Lexique typologique du Paléolithique supérieur, outillage lithique.* «Bulletin de la Société Préhistorique Française». 51, 327-335 ; 52, 76-79 ; 53:1, 408-412 ; 53:2, 547-559.

TARRIÑO VINAGRE, Antonio; AGUIRRE, Mikel (1997). *Datos preliminares sobre fuentes de aprovisionamiento de rocas silíceas en algunos yacimientos paleolíticos del sector oriental de la Cuenca Vasco-Cantábrica*. «VELEIA». 14, 101-116.

TARRIÑO VINAGRE, Antonio; MORGADO RODRÍGUEZ, Antonio; TERRADAS BALLES, Xavier, *eds.* (2018). *Sílex: trazadores litológicos de larga distancia durante la Prehistoria de la Península Ibérica.* Granada: Universidade de Granada. (Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada; 26).

TERRADAS BALLES, Xavier (1998). *Estado actual de las investigaciones sobre el aprovisionamiento de materias primas líticas entre grupos cazadores-recolectores prehistóricos en el estado español.* In BERNABEU AUBAN, J. *et al.*, *eds*. *Los recursos abióticos en la prehistoria. Caracterización, aprovisionamiento e intercambio.* Valencia: Universitat de València, pp. 73-82. (Col·lecció Oberta, Sèrie Història; 2).

UTRILLA MIRANDA, Pilar; FERNANDA BLASCO, Maria (2000). *Dos asentamientos magdalenienses en Deza, Soria*. «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología». 66, 9-64.

ZILHÃO, João (1997a). *O Paleolítico superior da Estremadura Portuguesa.* Lisboa: Ed. Colibri.

ZILHÃO, João (1997b). *The Paleolithic settlement of Portuguese Estremadura after the last glacial maximum.* In MARIA FULLOLA, José; SOLER, Narcís, *eds*. *El món mediterrani després del pleniglacial (18 000--12 000).* Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 233-242.

Fig. 1. Localização do sítio de la Dehesa (seta vermelha), na vertente sul do Cerro del Barrueco

Fig. 2. Localização das sondagens realizadas na área de máxima concentração de vestígios líticos na superfície

Fig. 3. Indústria lítica de tipologia e tecnologia que aponta para uma atribuição ao Magdalenense Superior ou Final

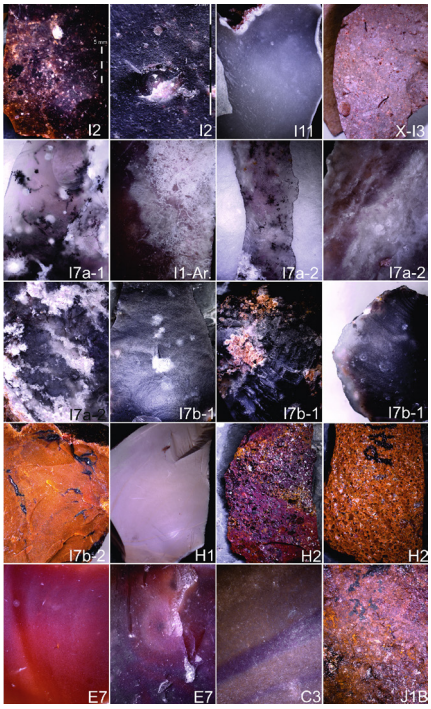


Fig. 4. Fotografias com o recurso a uma lupa binocular de amostras geológicas dos tipos de sílex e silcretos presentes no conjunto lítico do sítio de la Dehesa. A escala é a representada na fotografia do canto superior esquerdo

Fig. 5. Peças em sílex (raspadeira circular, lamela de dorso duplo e fragmentos de lamelas) que apresentam características do tipo E atribuído ao Cenomaniano Superior do Centro de Portugal

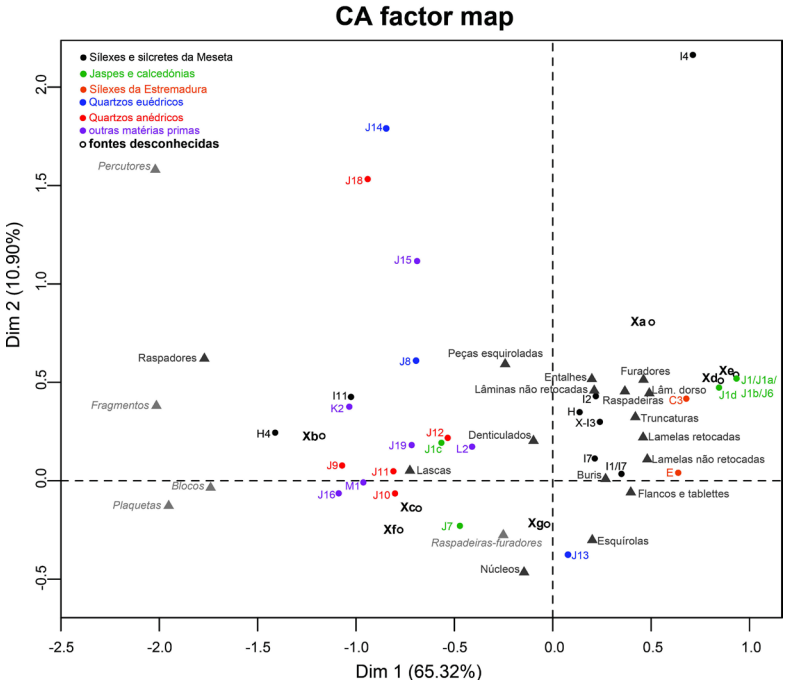


Fig. 6. Mapa fatorial resultante da análise de correspondências simples entre as diferentes matérias-primas e os tipos de vestígios líticos. A cinzento assinalam-se os tipos utilizados como variáveis suplementares devido ao seu reduzido efetivo. Criado em linguagem R (R CORE TEAM, 2016), com o pacote FactoMineR (HUSSON *et al.*, 2015), posteriormente editado em programa vetorial para aumentar legibilidade

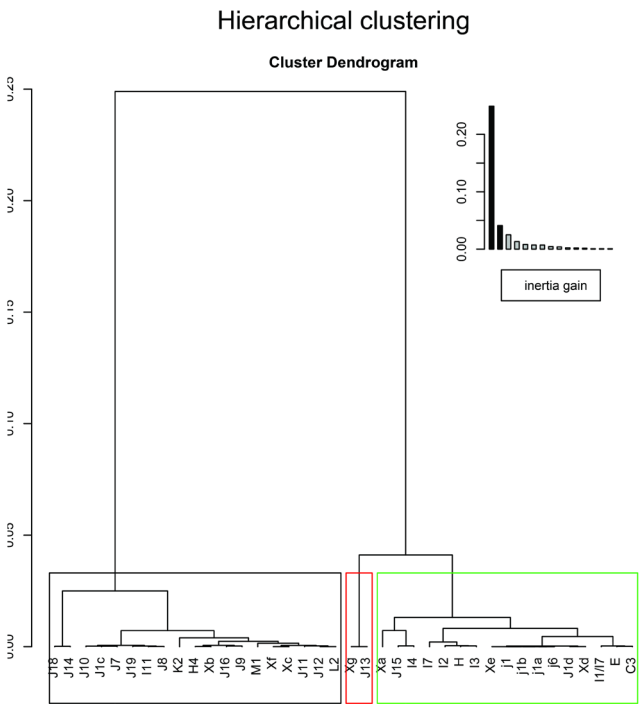


Fig. 7. Dendrograma resultante da Análise Hierárquica Ascendente efetuada sobre as diferentes matérias-primas, com base na sua representatividade nos diferentes tipos de vestígios líticos. Realizado em linguagem R (R CORE TEAM, 2016) com o pacote FactoMineR (HUSSON *et al.*, 2015), posteriormente editado em programa vetorial para aumentar a legibilidade

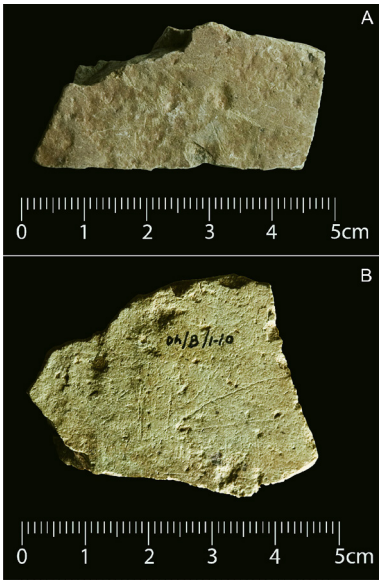


Fig. 8. Fragmentos de rocha metamórfica com incisões

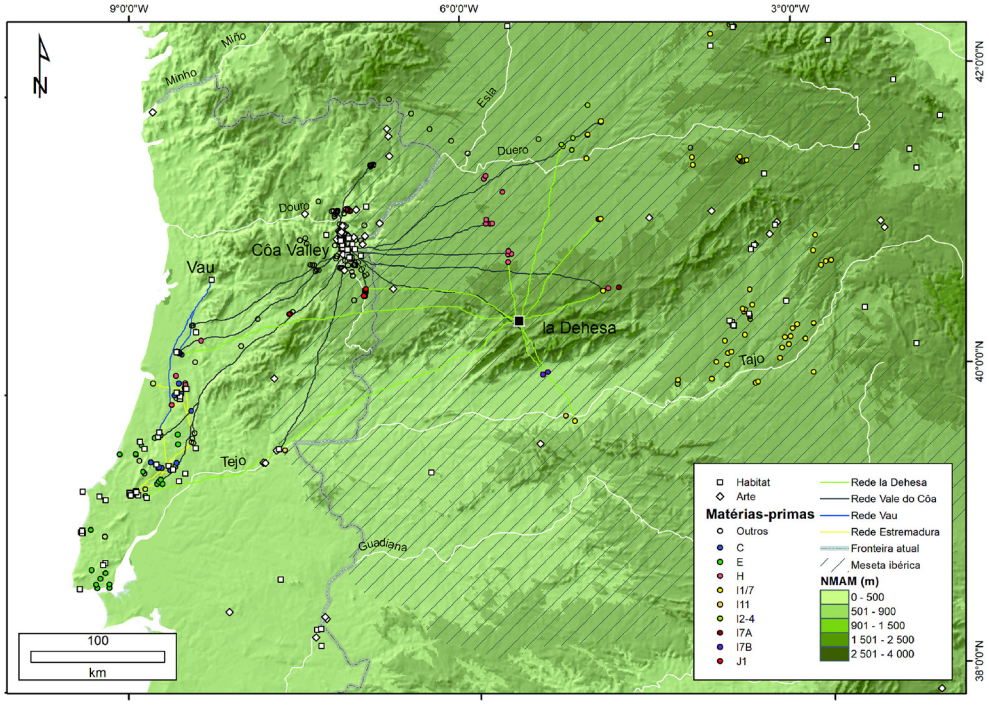


Fig. 9. Caminhos de menor custo de acesso às matérias-primas presentes em La Dehesa comparados com redes do Vale do Côa, Vau e sítios estremenhos, definidas em AUBRY *et al.*, 2016b

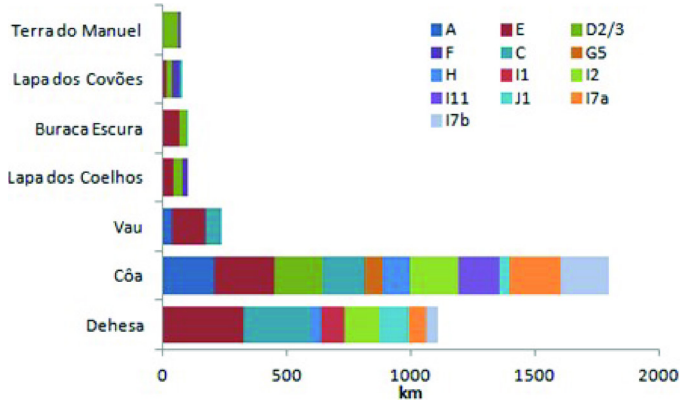


Fig. 10. Distâncias totais dos caminhos de acesso às fontes de matérias-primas definidos neste estudo (La Dehesa) e os conjuntos líticos dos sítios de Terra do Manuel, Abrigo 1 do Vale dos Covões, Buraca Escura, Lapa dos Coelhos, Vau, Sítios do Vale do Côa (AUBRY *et al.*, 2016b)

MODELOS DE OCUPACIÓN EN EL VALLE DEL RÍO TÁMEGA TRANSFRONTERIZO EN LA PREHISTORIA RECIENTE: EL CASO DE A CEADA DAS CHÁS/CASTELO DE LOBARZÁN (OÍMBRA/MONTERREI)*

LUCÍA RODRÍGUEZ ÁLVAREZ**
BEATRIZ COMENDADOR REY***

Abstract: *Castelo das Laxes das Chás (archaeological complex of A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán, Oímbra/Monterrei, Ourense, Spain) in the Upper Támega Valley, has been considered one of the possible fortified enclosures of the Late Prehistory of Northwestern Iberia. Framed in the paradigm of occupation models of Late Prehistory in the context of the Northwest Peninsula, it warns of the complexity and variety of these landscapes. We propose an occupation model in altitude, articulated around granite blocks and likely with perishable structures. In addition, the presence of relevant archaeological materials inside the small caves close to the pottery dispersion areas, and the recent identification of schematic rock-art paintings in one of them, increase the range of uses of this site, including caves' symbolic use. This archaeological evidence, joined to the pottery assemblage, the flint tools and other allochthons materials, reinforces the hypothesis of the Támega River as a relevant interaction corridor and its role during the Prehistory in the Northwest of Iberia.*

Keywords: *Chalcolithic; Northwestern Iberia; Occupation model; Upper Támega Valley.*

Resumen: *El Castelo das Laxes das Chás (conjunto arqueológico de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán, Oímbra/Monterrei, Ourense, España) en el valle del Alto Támega ha sido considerado como uno de los posibles recintos fortificados de la Prehistoria Reciente del noroeste peninsular. La reciente investigación permite cuestionar aspectos en cuanto a la ocupación, modelo de asentamiento y su cronología. Proponemos un modelo de ocupación en altura, articulada con los bloques graníticos y posibles estructuras perecederas. Además, la presencia de material significativo en el interior de pequeñas cavidades inmediatas a las dispersiones cerámicas, y la reciente identificación de pintura esquemática en el interior de una de ellas, amplían el rango de usos del yacimiento, que incluyen el uso simbólico de las cavidades. Tales evidencias, junto con la tradición alfarera, la industria lítica en sílex y otros posibles materiales alóctonos, refuerzan la hipótesis del corredor del río Támega como vía de contacto y su relevancia en la Prehistoria del noroeste peninsular.*

Palabras clave: *Calcolítico; Modelo de ocupación; Noroeste Península Ibérica; Alto valle del Támega.*

1. INTRODUCCIÓN

En la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica, se han señalado diferencias, según la distribución geográfica, en cuanto a los modelos de ocupación. Así, en el ámbito meridional, se conocen buenos ejemplos de asentamientos de carácter fortificado, pero la

* Si no se indica el *copyright* de tablas, gráficos y otras imágenes, pertenece a las autoras de este texto.
** Universidad de Vigo. GEAAT. Email: lucia.rodriguez.alvarez@uvigo.es.
*** Universidad de Vigo. GEAAT. Email: beacomendador@uvigo.es.

valoración sobre enclaves en altura con estructuras defensivas anteriores a la Edad del Hierro, sigue teniendo poca representatividad en el noroeste peninsular.

En un trabajo publicado en 1994, Susana Jorge agrupaba la distribución de 69 sitios peninsulares, tradicionalmente considerados «poblados fortificados», en cuatro zonas: Sureste, Suroeste, Extremadura portuguesa y, finalmente, la Meseta Norte y periferia occidental (Fig. 1)[1]. Estos recintos se caracterizan por su heterogeneidad formal, cronológica y cultural en el panorama europeo, entre el V y II milenio BC[2]. En líneas generales, se indica que las primeras fortificaciones en el área sureste son anteriores a las de la mitad norte-occidental de la Península Ibérica, concentradas en un espacio de tiempo entre 2300/2200 y 2000 BC, aunque también se advierte sobre la gran variedad regional y local en cuanto a la duración de la ocupación, por lo que resulta difícil determinar un marco cronológico general[3].

En lo relativo a su localización, ésta obedece a una exhaustiva selección de zonas altas próximas a corrientes de agua (Guadiana, Tajo, Duero, etc.), así como a vías de comunicación, lugares de paso entre el interior y la costa, idea que también defiende Jorge[4] para los poblados del Norte de Portugal y en concreto para los del valle del Támega. En cuanto a las características del emplazamiento, éste se realiza en lugares dominantes y puntas de espolón, donde topografía, materiales de construcción y arquitecturas se encuentran interrelacionados, con un predominio de los recintos simples sobre los complejos, y modificaciones sobre el programa arquitectónico inicial (Zambujal) o sin grandes cambios (Castelo Velho)[5].

En este trabajo, nos centraremos en la denominada zona de periferia occidental, concretamente en la región transfronteriza del Alto Támega gallegoportugués, donde se ubica el conjunto arqueológico de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán — Oímbra/Monterrei, Ourense, España (Fig. 2). Los estudios en esta zona han sido desiguales a ambos lados de la frontera. La primera caracterización del poblamiento en el tramo del Alto Támega portugués, corresponde al estudio de Jorge en 1986 sobre los poblados de la Prehistoria Reciente en la región de Chaves y Vila Pouca de Aguiar. Se documentan sitios como Vinha da Soutilha, San Lourenço, Castelo de Aguiar[6] al que se suman otros sitios de gran complejidad del nordeste interior portugués, como Crasto de Palheiros, Barrocal Alto, Cemitério de Mouros[7], Castanheiro do Vento[8],

[1] JORGE, 1994: 462-467.
[2] JORGE, 2003: 15.
[3] JORGE, 1994: 467.
[4] JORGE, 1990: 201.
[5] JORGE, 2003: 19-22.
[6] JORGE, 1986.
[7] SANCHES, 1997.
[8] JORGE, 2003.

Castelo Velho, que se interpreta como un lugar central de agregación[9]. Actualmente son referidos como «lugares monumentalizados o recintos murados», haciendo referencia a sus arquitecturas pétreas[10] y se incide en su connotación simbólica en el paisaje[11].

González Insua[12] trató el área transfronteriza del Alto Támega en su tesis doctoral sobre modelos de emplazamiento, que tuvo como objetivo estudiar las formas de ocupación y organización del espacio a partir del análisis locacional de yacimientos domésticos al aire libre de la Prehistoria Reciente del noroeste. Para ello fue realizada inicialmente la sistematización de la información disponible sobre las tres áreas englobadas (el valle del río Támega, la península de O Morrazo en la provincia de Pontevedra y la comarca de Santiago de Compostela en la provincia de A Coruña)[13]. Para el establecimiento de las distintas cronologías fueron tomados en cuenta diversos indicadores materiales, como es el caso de la cerámica de tipo «Penha». Posteriormente, se realizó el análisis a través de las variables locacionales mediante el uso de Sistemas de Información Geográfica (SIG). En el caso del Alto Támega, los resultados de este trabajo señalan que la ocupación en el Neolítico Final/Calcolítico se caracterizaría por una expansión del poblamiento, concentrado en una serie de yacimientos emplazados en las laderas de acceso inmediato a las tierras más bajas de la región, aunque también se documentan asentamientos en las zonas altas y planas de montaña. La ocupación se estructura en torno al río Támega, situándose la mayoría de asentamientos en las laderas de las estribaciones montañosas que dan paso al valle, que parece ser el principal eje vertebrador del poblamiento durante el Neolítico Final. Muy probablemente esta circunstancia esté relacionada con la importancia otorgada al acceso a terrenos aptos para cultivo intensivo durante esta etapa, aunque la posible presión sobre los recursos básicos para la subsistencia de las comunidades sería ínfima[14].

[9] LOPES, 2020: 24-25.
[10] JORGE, 2003: 17.
[11] LOPES, BETTENCOURT, 2017: 470; LOPES, 2020: 19.
[12] GONZÁLEZ INSUA, 2017.
[13] Para este trabajo se partió del vaciado de la información disponible del inventario de la Dirección Xeral de Patrimonio Cultural de la Xunta de Galicia y la base de datos Endovélico, y se integró la información de las prospecciones realizadas en la comarca, especialmente la generada en los proyectos desarrollados por el GEAAT la Universidad de Vigo entre los años 2009 y 2014 (COMENDADOR REY, GONZÁLEZ INSUA, 2014; COMENDADOR REY, *et al.*, 2015; GONZÁLEZ INSUA, 2017). Los yacimientos de carácter habitacional de esta región recogidos en la tesis ascienden a 24: 7 en territorio español y los restantes en territorio portugués.
[14] GONZÁLEZ INSUA, 2017: 220, Figs. 80-83.

Este estudio introduce el conjunto arqueológico de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán[15], emplazado en un enclave con buenas condiciones naturales de defensa y dotado de un parapeto defensivo o «cerca». Inicialmente se propuso el posible origen prehistórico para esta estructura, hipótesis consistente con la presencia de lugares fortificados del segundo cuarto del III milenio BC en el lado portugués del valle del Támega y en Zamora. Se interpreta así, como un poblado en altura, cuya preocupación defensiva viene marcada no solo por sus buenas condiciones naturales de defensa, sino por el hecho de presentar un parapeto artificial destinado a proteger aquellas partes más expuestas y se ubica su inicio en un momento precampaniforme, en el marco de la tradición alfarera tipo «Penha»[16].

La reciente intervención arqueológica desarrollada en este enclave, nos permite profundizar el estudio en lo referido a su cultura material, y también cuestionar algunos aspectos en lo relativo al modelo de ocupación propuesto anteriormente.

2. LOBARZÁN COMO CASO DE ESTUDIO

Para este trabajo utilizaremos los resultados obtenidos en la prospección realizada en el yacimiento arqueológico y natural de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán, localizado en la región natural del Támega (Fig. 3). El curso de este río discurre por el territorio conformando un amplio valle, que supone una auténtica vía natural de paso, favoreciendo la circulación tanto en el eje norte-sur, como en el este-oeste, desde el interior a la costa. Todos estos elementos configuran un paisaje singular, que presenta influencias que llegan tanto desde el área litoral, como desde la meseta[17]. La frontera administrativa, conocida como «a raia seca», se dispone de forma antinatural al atravesar esta región transversalmente sin obedecer a un criterio geográfico determinado. Por esta razón, es preciso adoptar una perspectiva integrada transfronteriza para este estudio.

El conjunto arqueológico de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán se encuentra situado entre los núcleos de población de As Chás (Oímbra) y Vilaza (Monterrei), cabeceras de las parroquias homónimas, y presenta la particularidad de encontrarse dividido entre ambos ayuntamientos. Se emplaza en un espolón constituido por varios altos

[15] Anteriormente conocido en la bibliografía como Castelo das Laxes das Chás o Castelo das Chás. La decisión de modificar el nombre de Castelo de Chás, por el del Conjunto Arqueológico de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán, responde a una decisión consensuada entre diversos agentes activos en el proyecto integral que se desarrolla actualmente, del que forman parte comunidades y administraciones locales, e investigadores. Diversas razones motivaron este cambio, siendo la principal la de atenerse al actual deslinde administrativo y diferenciar los distintos bienes, ya que el alto de O Castelo, no pertenece a As Chás, en el ayuntamiento de Oímbra, sino a Vilaza, en el ayuntamiento de Monterrei, siendo además identificados en el marco del actual proyecto, los restos del Castelo medieval de Lobarzán. Por su parte, los restos de A Ceada o Cerca, en el montículo contiguo, pertenecen a Oímbra, por lo que es correcto denominarlo A Ceada das Chás. Finalmente, el topónimo As Laxes no se corresponde con ninguno de estos dos montículos, sino con la base del tercero, denominado O Mazairo.

[16] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004: 30-31.

[17] COMENDADOR REY *et al*., 2015: 71.

(O Mazairo, A Ceada y O Castelo)[18], que conforma una divisoria natural entre la penillanura y las tierras bajas de los valles de los ríos Támega, y su afluente, el Búbal, con un amplio dominio visual del entorno (Fig. 2). El dominio de rocas graníticas conforma un paisaje de afloramientos, así como abundantes cavidades abiertas entre bloques[19].

Encontramos en este lugar varios indicios arqueológicos que muestran una ocupación prolongada en el tiempo, aspecto inferido tanto por las dispersiones de material arqueológico prehistórico, como por la presencia de un poblado altomedieval fortificado en altura[20]. Investigaciones anteriores, ya habían puesto de relieve los hallazgos de materiales en superficie, indicando la relevancia del lugar y su ocupación diacrónica. Las primeras referencias de las que disponemos sobre la existencia del yacimiento corresponden a la publicación de López (1926) quién le atribuye la categoría de «Citania» de la Edad de Hierro, señalando su posterior ocupación medieval[21]. Otros estudios posteriores, Rodríguez Colmenero[22] y Taboada Chivite[23] inciden en la existencia de una «Citania» o poblado fortificado, por lo que también será conocido como «Castro das Chás». Pero no será hasta los primeros años del 2000 cuando se realice la caracterización de un conjunto de materiales cerámicos recuperados en superficie[24]. El yacimiento se publica entonces bajo la denominación de Castelo das Laxes das Chás o Castelo das Chás, encuadrando su ocupación en el marco de la tradición cerámica conocida como tipo «Penha», documentada durante la Prehistoria Reciente en Galicia y Norte de Portugal, especialmente en la depresión de Chaves. Los autores destacan el predominio de la técnica decorativa de incisión, propia de los asentamientos del III milenio BC en el noroeste peninsular, y la escasa representación de la impresa.

En un posterior trabajo[25] se presenta la ocupación romana de la cavidad de A Cova dos Mouros, localizada en el Sector NO de O Castelo. La interpretación propuesta se inclina hacia su consideración como un espacio de carácter ritual y funerario debido a su localización y accesibilidad, sin embargo, no se descarta la funcionalidad doméstica o de almacenaje[26].

Posteriormente a estos estudios, fueron identificados en el alto de O Castelo los restos de la fortaleza medieval de Lobarzán (Vilaza)[27], así como pinturas de tradición esquemática en una cavidad de bloques en su ladera norte, muy próxima a la

[18] Las coordenadas geográficas asociadas al yacimiento son 41º55'04"N y 7º29'30"W (X: 625050; Y: 4642000 siguiendo la proyección UTM).
[19] Zona de granitos postcinemáticos, según la hoja MAGNA50 303 del IGME.
[20] RODRÍGUEZ MUÑIZ, COMENDADOR REY, 2020.
[21] LÓPEZ CUEVILLAS, 1926: 9-11.
[22] RODRÍGUEZ COLMENERO, 1971: 31-60.
[23] TABOADA CHIVITE, 1971: 45-63.
[24] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004.
[25] GÓMEZ FERNÁNDEZ, VÁZQUEZ DOMÍNGUEZ, 2009: 141.
[26] GÓMEZ FERNÁNDEZ, VÁZQUEZ DOMÍNGUEZ, 2009: 147.
[27] RODRÍGUEZ MUÑIZ, 2017.

anteriormente publicada como Cova dos Mouros[28], en un enclave para el que se recuperó el topónimo de Penedo do Gato[29].

2.1. Diseño de la prospección y resultados

La metodología planteada para la prospección realizada en 2019, tenía como objetivo obtener una visión general de la distribución del material recuperado en superficie y su delimitación por áreas. Partimos de los parámetros del modelo de yacimiento de tipo «área de acumulación», que define la concentración de puntos arqueológicos, con una densidad mayor o menor de material en superficie, en zonas concretas del paisaje y que no representan una ocupación sincrónica del lugar, sino que serían resultado de procesos de ocupación y abandono reiterados en el tiempo[30]. Estas dispersiones permiten la identificación de yacimientos sin estructuras visibles en superficie, aunque la desconexión estratigráfica de los materiales y la ausencia de estratigrafías verticales, dificultan la caracterización de la ocupación y su atribución cronológica. Por esta razón, la recogida georreferenciada de los materiales puede aportar información sobre su distribución en amplias superficies, así como lecturas sobre posibles diacronías.

La prospección se planteó en un área aproximada de 18 hectáreas, en la que se establecieron dos sectores para georreferenciar los puntos arqueológicos en el terreno:

- Sector 1 (Norte), que comprende el alto de O Castelo, la vaguada entre este alto y el de A Ceada (vaguada con orientación norte), y todo el espacio intramuros de este último elemento, donde actualmente existen restos de una estructura defensiva de época medieval, cuya cronología inicial permanece indeterminada (Fig. 4);
- a Sector 2 (Sur), que incluye la parte meridional extramuros de A Ceada, la vaguada entre este alto y el de O Mazairo (vaguada con orientación suroeste), incluyendo la denominada zona de As Portas, en la que se conoce una entrada al interior de esta línea defensiva (Fig. 5).

Además, para establecer criterios de análisis significativos, los puntos arqueológicos fueron clasificados en cuatro categorías (Fig. 6):

i. Categoría 1 — Material de superficie: materiales recogidos en superficie sobre el sedimento sin asociarse a ninguna formación geológica o antrópica.
ii. Categoría 2 — Abrigos: en el área prospectada existen diversos batolitos graníticos, en cuyas proximidades aparecen concentraciones de materiales. Esta categoría

[28] GÓMEZ FERNÁNDEZ, VÁZQUEZ DOMÍNGUEZ, 2009.
[29] Es posible realizar la visita virtual a estas pinturas a través del formato multiplataforma desarrollado para el Proyecto PreMedia: Contorno virtual das Pinturas Rupestres Prehistóricas da Comarca de Monterrei (Ourense), financiado en la convocatoria INOU2020 y en colaboración con la Xunta de Galicia, con coordinación científica de la Universidad de Vigo. Disponible en <http://premedia.webs7.uvigo.es/>.
[30] MÉNDEZ FERNÁNDEZ, 1995, 1998.

incluye, por tanto, la presencia de materiales en superficie, pero relacionados de forma directa con zonas de abrigos graníticos o terrazas entre abrigos.

iii. Categoría 3 — Cavidades: el relieve granítico presenta diversas formaciones, que en ocasiones conforman pequeñas cavidades, algunas en vertiente, formadas por bloques rotos. En una de ellas, la cavidad del Penedo do Gato, se identificaron pinturas de tradición esquemática[31] [32]. En este caso, indicamos los materiales recogidos específicamente en su interior.

iv. Categoría 4 — Petroglifos: indica la presencia o proximidad directa a superficies grabadas.

2.1.1. Distribución por sectores

Durante las labores de prospección, se recuperaron 707 elementos inventariados en 120 puntos arqueológicos, que vienen a completar el registro arqueológico anteriormente conocido. En cuanto a la distribución de los materiales, es significativa la presencia de concentraciones por áreas. Las principales se corresponden con las dos vaguadas, en el Sector Norte-Castelo (Fig. 4) y Sur-Ceada/As Portas, respectivamente (Fig. 5).

Las mayores concentraciones de material en superficie en el Sector Norte, se sitúan en la vaguada entre los altos de A Ceada y O Castelo y en la vaguada septentrional. En esta última, aparece material poco rodado y con fracturas vivas, relacionado con las terrazas entre abrigos rocosos, conformados por grandes batolitos. Se debe destacar la presencia de estructuras geológicas de tipo «tafone»[33], a las que se vinculan estas dispersiones. Sin embargo, en la ladera este, la concentración de material es menor.

Del mismo modo, en el alto de A Ceada, fueron recuperados algunos materiales prehistóricos en los sondeos realizados. En uno de los diversos abrigos y cavidades de su sector oriental, fue localizada una punta de flecha realizada en material pizarroso y una cerámica prehistórica con decoración reticulada, recogidos conjuntamente al final de un estrecho corredor entre diaclasas abiertas, a unos doce metros de la entrada.

Por su parte, en la pendiente abrupta de la ladera del alto de O Castelo hacia el noroeste, fueron revisadas distintas cavidades, esencialmente las relacionadas con el sistema de bloques y galerías en cuyo interior se localizaron pinturas de tradición esquemática, donde se recogieron diversos materiales.

---

[31] RODRÍGUEZ MUÑIZ, COMENDADOR REY, 2020.

[32] Presentadas en 2020 en el 39 *Encontro Monográfico do Consello da Cultura Galega «Paisaxes Tatuadas»*. Disponible en <https://youtu.be/m4s-Rru2PdE>.

[33] «El nombre de "tafone" designa habitualmente en geomorfología, formas huecas desarrolladas en las superficies basales y laterales de las rocas. Existen diversas denominaciones aplicadas para su descripción sobre el terreno y para el análisis de sus elementos morfológicos. En Galicia, en relieves graníticos, suelen recibir la denominación de "cacholas"» (UÑA ÁLVAREZ, 2005).

En síntesis, la presencia de material es más abundante en relación con terrazas en la vaguada y abrigos y/o cavidades, que en los respectivos altos de A Ceada y O Castelo (Fig. 6; Gráfico 1).

Por su parte, en el Sector Sur, el material conforma una amplia dispersión concentrada en la vaguada, especialmente hacia el suroeste, alrededor de las terrazas vinculadas a los abrigos rocosos, configurados por grandes batolitos. Nuevamente una gran cantidad de material fue recogida en superficie, pero a diferencia del sector anterior, una parte importante se asocia a estos abrigos, estableciendo una estrecha relación con la orografía. Algunas concentraciones se relacionan con manifestaciones de arte rupestre grabado al aire libre, especialmente de tipo cazoletas, ampliamente representadas en este enclave. Destacaremos que, en la zona conocida como As Portas, hay importantes concentraciones de material en el área inmediata extramuros, vinculadas a terrazas/espacios entre abrigos, que fueron aparentemente amortizados en un momento indeterminado, por la línea de muralla. Y también es reseñable, la concentración de materiales en el Sector Sur de la vaguada, en la base del alto del Mazairo, donde es especialmente significativa por la ausencia total de material, tanto en la cima, como en los numerosos abrigos y cavidades entre bloques de su Sector Oeste (Fig. 6; Gráfico 2). Este aspecto, junto a otros, refuerza la hipótesis de que estas concentraciones no proceden ni del alto de A Ceada (al otro lado de la vaguada), ni del alto del Mazairo, respondiendo a procesos erosivos.

2.1.2. Distribución del material

Mayormente se identificaron materiales cerámicos, realizando una recogida selectiva de los materiales más significativos en los 120 puntos arqueológicos registrados (Fig. 6; Gráficos 1 y 2). También se recogió material lítico significativo, con 74 elementos inventariados. Aunque una presentación exhaustiva de los materiales es objeto de otro trabajo[34], haremos una breve síntesis del material lítico, para posteriormente comentar aspectos del material cerámico.

2.1.2.1. Material lítico

Del Sector Norte proceden 34 piezas, entre ellas dos puntas de flecha recogidas en cavidades y una concretamente en el Penedo do Gato, junto a uno de los paneles pintados (Fig. 7: 3) en cuyas cercanías apareció un hacha pulida, documentándose otra en el proceso de la excavación en el alto de A Ceada.

Del Sector Sur proceden 39 piezas, entre las que figuran una punta de flecha y un hacha pulida (Fig.7: 4 y 6). Tres de las puntas de flecha se encuadran en el Grupo 2 de Jorge[35] —«Puntas de flecha de base recta o cóncava, de lados rectos o cóncavos». Presentan hoja

[34] RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, COMENDADOR REY, CUBAS MORERA, 2021.

[35] «Puntas de flecha de base recta o cóncava, de lados rectos o cóncavos» (JORGE, 1986: 257).

triangular de lados rectos, con aletas y pedúnculo incipiente, y retoque bilateral cubriente (Fig. 7: 1, 3 y 4). En el caso de la punta de flecha localizada en la cavidad con pinturas, inmediata al Panel 1, puede enmarcarse en el Grupo 3[36], ya que la configuración de la hoja es foliácea y presenta pedúnculo incipiente y aletas poco desarrolladas (Fig. 7: 3). Está realizada en material que puede corresponderse con «lidita» o «filita». Puntas de flecha de ambos tipos son descritas en el yacimiento de Vinha da Soutilha (Mairos, Chaves)[37].

Entre los materiales recuperados figura una muestra abundante de guijarros y cantos rodados de cuarzo y cuarcita (Fig. 7: 9) de aporte antrópico, que parecen recogidos en contextos fluviales y que aparecen mezclados con los materiales cerámicos. Estos materiales podrían ser captados en la cercanía del yacimiento, emplazado en una zona de granitos postcinemáticos de grano medio-grueso[38]. Sin embargo, desconocemos fuentes próximas para la procedencia del sílex y las variedades de filita, que no ha sido descrito en la base geológica de esta zona, lo que apunta su posible procedencia alóctona. Una de las puntas de flecha presenta colores rojizos y marrones, con bandeado circular (Fig. 7: 4), correspondientes al denominado efecto «anillos de Liesegang», descrito, por ejemplo, en sílex procedentes de la zona franco-cantábrica, o en un ejemplar de un núcleo laminar del Museo de León[39]. Sin embargo, para la punta de flecha del Grupo 3 anteriormente indicada, conocemos referentes tanto morfológicos, como de materia prima en el asentamiento fortificado del Pedroso (Trabazos de Aliste, Zamora), donde se localizó un taller de producción de puntas de flecha de pizarra y «filitas», así como de hachas de anfibolita, con una cronología estimada entre el 2860-2480 cal BC. La procedencia de las materias primas en las que están realizadas es local, en la denominada «Área de aprovisionamiento de Chert y Filitas de El Pedroso»[40] y su producción parece ser objeto de una importante distribución regional[41]. Varios autores han propuesto que algunas puntas de flecha de los yacimientos leoneses de Lana Estepa (Ardón) y de Los Billares (Castrotierra de Valmadrigal) podrían proceder de esa zona[42]. Puntas de flecha semejantes aparecen también en el yacimiento de Vinha da Soutilha[43]. Así pues, resulta factible considerar una circulación al área del Támega, estando los yacimientos de Lobarzán y El Pedroso distantes de unos 100 km.

[36] «Puntas de flecha de base recta o cóncava, de lados convexos» (JORGE, 1986: 257).
[37] JORGE, 1986: 256-257.
[38] La cuenca del Támega pertenece, sobre todo, al dominio esquistoso de la Zona de Galicia–Trás-os-Montes y al dominio del Anticlinorio del Ollo de Sapo. Hacia el norte y el este dominan las rocas metamórficas. Por su parte, hacia el suroeste predominan las rocas graníticas, bordeando el fondo de la depresión de Verín. IGME, 1977: hoja 303.
[39] FUERTES PRIETO *et al.*, 2015: 50.
[40] FUERTES PRIETO *et al.*, 2015, 2016.
[41] FÁBREGAS VALCARCE, RODRÍGUEZ RELLÁN, 2008.
[42] FUERTES PRIETO *et al.*, 2015: 50.
[43] JORGE, 1986.

2.1.2.2. Material cerámico: análisis y distribución de los patrones decorativos

En el caso del conjunto arqueológico de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán, encontramos una notable acumulación de materiales cerámicos con decoración. El estudio ha permitido añadir 28 nuevas organizaciones decorativas a las anteriormente documentadas[44] para este enclave (Fig. 8).

Ya hemos señalado la presencia de concentraciones de materiales en distintas, a lo que debemos ahora añadir ahora, la distribución de la presencia de patrones decorativos significativos.

En cuanto al material recuperado en el Sector Sur, que aglutina la mayor cantidad de material cerámico, la incisión aparece como la técnica predominante. Sobresalen los estilos decorativos asociados a la formación de bandas, metopas retículas, triángulos y cerámica peinada (Fig. 8: 1.3.,1.4.,1.5.,1.7.,1.9) lo que remite a una tradición cerámica tipo «Penha».

En cuanto a la categorización del material recuperado en el Sector Norte se observa también un predominio de la técnica incisa, aunque destaca la concentración de fragmentos de técnica inciso-impresa e impresa. En cuanto a la inciso-impresa, destaca la representación de motivos como la formación de triángulos incisos rellenos de puntos (grupo 2.2.) y líneas múltiples con boquique (grupo 2.4.).

En el caso de las cerámicas impresas, es poco significativa la representación con respecto al conjunto, sin embargo, si lo es la identificación de tres fragmentos decorados con impresión de concha; dos galbos decorados mediante la impresión de una concha dentada en orientación vertical (grupo 3.1.) y un tercer galbo que presenta un patrón decorativo de estructura más compleja, mediante la combinación de la impresión cardial vertical formando una banda horizontal, delimitada por dos líneas incisas — grupo 2.1.[45] (Fig. 9).

3. DISCUSIÓN

La ocupación prehistórica de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán, fue hasta el momento atribuida al III milenio BC, entre el Neolítico Final/Calcolítico y el Bronce Inicial, en función de las características del material cerámico localizado en superficie[46]. Con respecto al emplazamiento y tipología de la misma, a pesar de los escuetos datos, se consideró la presencia de un poblado en altura y la posibilidad de que el origen de las estructuras defensivas se correspondiera con la ocupación Calcolítica, tanto por sus características constructivas «de tipo parapeto», como por las características de los materiales cerámicos asociados[47]. Además, sustentaban esta hipótesis en la presencia

[44] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004: 26.
[45] RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, COMENDOR REY, CUBAS MOREIRA, 2021.
[46] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004: 27; GONZÁLEZ INSUA, 2017: 125.
[47] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004: 21.

de otros escasos ejemplos de asentamientos fortificados, especialmente en la región del Alto Támega portugués y el poblado del Pedroso en Zamora.

Los resultados de la prospección realizada en 2019, vienen a corroborar y extender el potencial arqueológico del lugar, consolidando la idea del intenso y reiterado uso en el III milenio BC y dejando abierta la posibilidad de un establecimiento anterior. En el mismo sentido, estos datos permiten cuestionar y replantear algunas de las propuestas realizadas anteriormente con respecto a la caracterización del conjunto.

Partiendo de la tesis de González Insua (2017), en lo relativo a los modelos de emplazamiento de la Prehistoria Reciente en el territorio transfronterizo del río Támega, los resultados de este trabajo señalan que la ocupación en el Neolítico Final/Calcolítico se caracterizaría por una expansión del poblamiento, concentrado en una serie de yacimientos emplazados en las laderas de acceso inmediato a las tierras más bajas de la región[48]. Este sería el caso de enclaves como el Alto de Santa Ana (Chaves), Vinha de la Soutilha (Chaves), Alto do Muro (Chaves) y de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán (Fig. 3). Las dispersiones de material descritas se encuentran en un área comprendida entre los 600-650 m.s.n.m., y elevada unos 300 m sobre los valles de los ríos Búbal y Támega, por lo que se localizan en un área prominente con disponibilidad de recursos, y buen control visual sobre el entorno y las rutas de tránsito. Estas características podrían incidir en una mayor estabilidad y entidad de los sitios, emplazados en un entorno más favorable que pudiese permitir un asentamiento más prolongado en el tiempo. Así pues, algunos de estos asentamientos presentan un uso reiterado, que, aun siendo más intenso en ese intervalo, muestra en algunos casos, evidencias anteriores. Así el yacimiento de Vinha da Soutilha (Chaves), con ocupación de mediados del IV milenio al III milenio BC[49], relacionable con yacimientos adscritos al Neolítico como Alto da Praza (Cualedro)[50] y Crista de Caparinho (Montalegre)[51], que se emplazan en mesetas altas, a una distancia considerable de las tierras bajas que configuran el valle del río Támega (Fig. 3: 4, 1, 8). A este conjunto habría que añadir ahora el yacimiento de Penedo Gordo — Vilardevós (Fig. 3: 3) con manifestaciones de pintura rupestre esquemática[52], también a distancia considerable de las tierras bajas, pero con control visual sobre las mismas.

En lo relativo a la tipología de ocupación, los estudios anteriores realizados sobre un conjunto de materiales cerámicos recogidos en superficie señalaban la mayor concentración del material arqueológico en los altos de A Ceada y O Castelo[53] y en la vaguada entre ambos[54]. Como ya hemos comentado, fue interpretado como un yacimiento de

[48] GONZÁLEZ INSUA, 2017: 220.
[49] LOPES, BETTENCOURT, 2017: 471.
[50] PRIETO-MARTÍNEZ, 2001: 27-29.
[51] BETTENCOURT, DINIS, 2007.
[52] ALVES, COMENDADOR REY, 2018: 31-32.
[53] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004: 20.
[54] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004: 21.

carácter probablemente doméstico, al que se dotaría de una estructura defensiva para proteger aquellas partes más expuestas, proponiéndose como hipótesis, su origen prehistórico[55]. Esta interpretación estaría además en consonancia, con la aparición de lugares fortificados en altura del segundo cuarto del III milenio BC en el Norte de Portugal[56], como São Lourenço, en el lado portugués del valle del Támega (Fig. 3: 6). Sería uno de los escasos ejemplos propuestos en Galicia como posibles fortificaciones de la Prehistoria Reciente, conjuntamente con los casos de Crasto de Ferreiros (Muíños, Ourense)[57] con un muro conformado por una línea de grandes piedras y pavimento de tierra batida[58]; y Mesa de Montes (Cangas do Morrazo, Pontevedra) donde resaltan las estructuras defensivas, terraplenes conformados de tierra y pequeñas piedras que alcanzan los 100 m, aunque las estructuras detectadas en los sondeos a nivel habitacional son escasas[59]. Ambos siguen pautas de emplazamiento en zonas defendidas naturalmente y que cuentan además con buen control visual[60], pero se desconoce la funcionalidad de estos elementos arquitectónicos, a favor de sistemas delimitadores y no defensivos debido a las escasas evidencias de ocupación[61].

En el caso que tratamos, los resultados de la intervención de 2019 cuestionan parcialmente este modelo, a la espera de poder realizar intervenciones futuras que permitan profundizar en esta cuestión[62]. La distribución del material arqueológico y su concentración alrededor de las dos vaguadas, permite plantear una ocupación más vinculada al amparo de los abrigos graníticos que a la de un poblado con estructuras defensivas para este período. En el Sector Sur, la actual línea de muralla (Fig. 5) corta la zona donde aparecen acumulaciones de material[63], lo que juntamente con otros argumentos, conduce a plantear más que un tipo de ocupación en altura con algún tipo de poblado fortificado en el punto más alto del montículo, la utilización de espacios abiertos en relación con las vaguadas y abrigos graníticos. A esto habría que añadir la identificación de dispersiones de cerámicas de tipo «Penha» por cordales cercanos que contornean el valle del Támega, como las de Outeiro de Oímbra (Oímbra) o la zona de Castro das Quintas/Pozo do Demo (Verín)[64].

El referente de ocupación más próximo y semejante es el de Vinha de la Soutilha (Mairos, Chaves), con una posición topográfica predominante sobre los valles circundantes al valle del Támega (Fig. 3: 4). Las excavaciones llevadas a cabo por Susana Jorge

[55] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004: 30-31.
[56] FÁBREGAS VALCARCE, RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1997: 195.
[57] EGUILETA FRANCO, 1999: 48.
[58] EGUILETA FRANCO, 1999: 48.
[59] GORGOSO LÓPEZ, FÁBREGAS VALCARCE, ACUÑA PIÑERO, 2011: 111-128.
[60] FÁBREGAS VALCARCE, RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1997: 195.
[61] GORGOSO LÓPEZ, FÁBREGAS VALCARCE, ACUÑA PIÑERO, 2011: 126.
[62] RODRÍGUEZ MUÑIZ, COMENDADOR REY, 2020.
[63] RODRÍGUEZ MUÑIZ, COMENDADOR REY, 2020.
[64] RODRÍGUEZ MUÑIZ, COMENDADOR REY, 2020.

entre 1981 y 1984 permitieron detectar dos niveles de ocupación en tres fases, observándose una extensión del espacio habitado en la parte superior del asentamiento con estructuras de tipo perecedero adosadas a los afloramientos graníticos[65].

Además, en el caso de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán, la localización de puntas de flecha y materiales cerámicos en relación con abrigos y pequeñas cavidades de bloques graníticos señala un posible uso simbólico e incluso apunta la hipótesis de un uso funerario de estos contextos[66]. De este modo, constituiría un área de ocupación en altura sobre el valle del Támega, que combinaría integración de núcleos habitacionales dispersos en relación con los afloramientos graníticos, posiblemente con estructuras de tipo perecedero, y la utilización de distintos espacios para otros usos, entre ellos los de carácter simbólico, y para los que podemos apuntar también un hipotético uso funerario. Las formaciones graníticas de tipo «tafone», abrigos y afloramientos destacados, como las piedras caballeras, jugarían un papel importante como «actantes»[67] en la configuración de la geografía simbólica. La apropiación del espacio es especialmente notable en caso de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán, donde se constata una alta densidad de petroglifos de este estilo simple «cazoleta» en el área inmediata, ya apuntada por otros investigadores[68] y confirmada por los trabajos de prospección desarrollados en la región[69]. A esta presencia de grabados rupestres, podemos añadir ahora la localización de manifestaciones de pinturas de tradición esquemática[70]. Tanto la presencia de pintura rupestre en el marco de la tradición del arte rupestre esquemático, como la presencia de materiales realizados en materias primas alóctonas, muestra un amplio dinamismo y señalan que podría jugar un lugar de importancia social o cultural dentro del contexto regional. Estos aspectos nos llevan a buscar referencias en el yacimiento de San Martín del Pedroso (Aliste, Zamora), que también presenta una ocupación en altura y manifestaciones de arte rupestre esquemática grabada en granito en la ladera que conforma el área denominada «La Casa del Moro» o «santuario»[71], y la correlación en la cultura material con la aparición de cerámica incisa, peinada e impresa[72]. Los estudios sobre la industria lítica, esencialmente la gestión del cuarzo y pizarra, inciden en la red de intercambios[73] que podrían estrechar la relación con el yacimiento de A Ceada

[65] JORGE, 1986.
[66] RODRÍGUEZ MUÑIZ, COMENDADOR REY, 2020.
[67] Término derivado de la teoría del Actor-Red (ANT) de Bruno Latour (LATOUR, 1988, 2005). El término actante define tanto a actores humanos como no-humanos, siendo aplicado en el ámbito de la arqueología del paisaje, a aquellos elementos que actúan en la configuración simbólica del mismo. (SALDI, MAFFERRA, BARRIENTOS SALINAS, 2019; SKEWES, 2016.)
[68] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004.
[69] COMENDADOR REY, GONZÁLEZ INSUA, 2014: 13; RODRÍGUEZ MUÑIZ, COMENDADOR REY, 2020.
[70] RODRÍGUEZ MUÑIZ, COMENDADOR REY, 2020.
[71] BRADLEY *et al*., 2005:15.
[72] BRADLEY *et al*., 2005: 11-12.
[73] FÁBREGAS VALCARCE, RODRÍGUEZ RELLÁN, 2008.

das Chás/Castelo de Lobarzán por las características del material lítico recuperado en la intervención arqueológica[74].

En lo relativo a las producciones cerámicas, podemos afirmar el predominio de los patrones decorativos incisos de tipo «Penha», de carácter homogéneo y uniforme en el territorio. Esta tipología remite a una cronología inicial en torno al 3100/3000 BC hasta el 2500/2400 BC que se extiende por la mitad occidental de la Península[75]. Esta cronología sería coherente con una ocupación del III milenio BC propuesta en estudios anteriores de este enclave[76].

Sin embargo, no es tan homogénea la convivencia con otros tipos de técnicas, en el ámbito de las cerámicas impresas y/o inciso-impresas, por lo que actualmente disponemos de una visión parcial en relación a las raíces y cronología del horizonte habitacional calcolítico.

La identificación de varios fragmentos con impresión de concha, con técnica de boquique y otras decoraciones inciso-impresas en el Sector Norte, permiten proponer la hipótesis de una ocupación más antigua en el lugar de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán. Aunque se conocen cerámicas decoradas con impresión de concha no cardiales de cronologías más recientes, en las cerámicas de Lobarzán la impresión con concha es vertical, dispuesta conformando franjas horizontales, a diferencia de otras, con orientación y composición horizontal. Sería el caso de las cerámicas de O Regueiriño, datadas en el Bronce Inicial esencialmente por la morfología campaniforme de los vasos, y no tanto por la decoración o características de la cerámica[77]. En nuestro caso, carecemos de datos morfológicos por lo que no podemos discutir este aspecto, pero elementos semejantes han sido considerados «cerámica cardial», como sería el caso de un único fragmento del yacimiento de Prazo, que se toma como indicador de la extensión de esta decoración al territorio interior peninsular[78].

Aunque la cronología del yacimiento será un aspecto a profundizar en futuros trabajos, en todo caso, estos datos suponen una novedad con respecto al reducido repertorio de cerámicas decoradas con la técnica de boquique[79] e impresión de concha[80] recuperadas en Galicia. En este sentido, la investigación en áreas de interior abre nuevas perspectivas, relacionadas con contextos del Neolítico Antiguo del Norte de Portugal. La identificación de cerámica cardial en el sitio de Prazo en el valle del Côa, datado a finales del VI milenio y dentro del V milenio BC, así como la cerámica cardial de Cova Eirós en el interior de Galicia, concede relevancia a estos corredores interiores como

[74] RODRÍGUEZ MUÑIZ, COMENDADOR REY, 2020.
[75] PRIETO-MARTÍNEZ, 2019b: 375.
[76] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004: 26.
[77] PRIETO-MARTÍNEZ, 2010: 75.
[78] MONTEIRO-RODRIGUES, 2011: 359.
[79] PRIETO-MARTÍNEZ, 2019a: 76.
[80] PRIETO-MARTÍNEZ, 2019a: 83; FÁBREGAS VALCARCE *et al*., 2019: 155.

vías de circulación, que permiten el contacto entre el interior de Galicia y el área transmontana portuguesa[81]. En relación con este aspecto, resulta significativa la identificación de cerámica con decoración cardial en la depresión Régua-Verín-Valle del Támega, en la depresión Mirandela-Valle del Túa con cerámicas tipo As Regadas[82], cuya presencia podría ser consistente para reforzar la hipótesis de la entrada del Neolítico a través esas vías. Aunque carentes de contextos sólidos, abren vías de investigación necesarias para la exploración de estas nuevas hipótesis de investigación.

También podemos señalar la presencia de niveles del Neolítico Antiguo asociados al yacimiento portugués de Buraco da Pala, datado en la primera mitad del V milenio BC y con paneles de arte esquemático pintado. La asociación de depósitos arqueológicos estratificados en yacimientos con pintura esquemática, de cronología antigua, abren desde este punto de vista, una estrategia de investigación para la identificación de sitios con niveles de ocupación neolíticos, como sería el caso de Penedo Gordo (Vilardevós)[83], o el de Cova dos Mouros (Baleira, Lugo)[84].

4. CONSIDERACIONES FINALES

Los resultados de la intervención arqueológica del año 2019 en el conjunto de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán nos permiten cuestionar aspectos en cuanto a la ocupación, el modelo de asentamiento y su cronología. Definido anteriormente como un poblado en altura articulado en cuanto a las estructuras defensivas tipo parapeto, ahora proponemos un asentamiento en altura localizado en el fondo de las vaguadas, articulado en torno a los bloques graníticos con los que se relacionaría una ocupación eventual con estructuras de materiales perecederos, tal y como conocemos del yacimiento cercano de Vinha da Soutilha (Mairos, Chaves). En el Sector Sur de A Ceada, la actual línea de muralla de época histórica corta la acumulación del material siguiendo los bloques graníticos, que se expande dentro y fuera de este espacio, lo que sería un argumento a favor de esta hipótesis.

La distribución del material, permiten proponer una funcionalidad no exclusivamente habitacional por el predominio de cerámicas de carácter doméstico tipo «Penha» en torno a un espacio delimitado por un parapeto o estructura defensiva. La presencia de material arqueológico, posiblemente de deposición intencionada, en cavidades que cuentan con un espacio reducido y de difícil acceso, así como manifestaciones de arte rupestre, pueden indicar un uso para otras actividades sociales, no siendo descartables las de carácter funerario y/o ritual/simbólico. A estas evidencias habría que sumar las manifestaciones de arte rupestre grabadas. La presencia de las tradiciones cerámicas y de

[81] FÁBREGAS VALCARCE *et al*., 2019: 156.
[82] TEIXEIRA, 2019.
[83] COMENDADOR REY, ALVES (en este volumen).
[84] RODRÍGUEZ RELLÁN, FÁBREGAS VALCARCE, CARRERO RAMIREZ, 2019.

industria lítica, de posible origen alóctono, e incluso la presencia de manifestaciones de pintura dentro de la tradición esquemática, permiten observar la complejidad estructural del yacimiento, así como el gran dinamismo del corredor vinculado a la depresión Regua--Verín/Valle del Támega, como vía de comunicación de influencias, de materiales e ideas.

En cuanto a la cronología, la localización en el Sector Norte del yacimiento, de cerámicas decoradas que rompen la hegemonía de los patrones incisos propios de la tradición de la cerámica tipo «Penha», con cerámicas impresas e inciso impresas, con impresión de concha, formaciones de triángulos incisos rellenos de puntos impresos y técnica de boquique, permiten plantear la hipótesis de una ocupación anterior a la del III milenio BC.

Esta aportación permite ampliar los conocimientos sobre los modelos de ocupación de la Prehistoria Reciente del noroeste peninsular en general y del valle del Támega en particular, y subraya la enorme potencialidad que tiene la región para comprender algunos de los procesos fundamentales que transformaron los modos de vivir de las comunidades durante la Prehistoria Reciente, resaltando la necesidad de trabajos de carácter transfronterizo que entiendan al Norte de Portugal y Galicia como un único conjunto. Así mismo, muestra la necesidad de proyectos de investigación integrados que contribuyan a minimizar los vacíos existentes en estas áreas de interior, no solo por el potencial arqueológico de conjuntos como este, sino para promover el interés de las comunidades en ayuda y salvaguarda de este patrimonio arqueológico.

AGRADECIMIENTOS

La campaña 2019 del proyecto de investigación fue financiada al amparo de la medida 19.2 do LEADER do PDR Galicia 2014-2020, por lo que queremos mostrar nuestro agradecimiento a todos los agentes que participaron en su desarrollo. Agradecemos a las personas encargadas de la revisión del manuscrito, sus valiosas sugerencias y aportaciones, que han contribuido a su mejora. Especialmente, a toda la vecindad de la comarca de Monterrei por su inestimable ayuda.

BIBLIOGRAFÍA

ALVES, Lara; COMENDADOR REY, Beatriz (2018). *Arte esquemático pintado en el noroeste peninsular: una visión integrada transfronteriza.* «Gallaecia». 36, 11-52.

BETTENCOURT, Ana; DINIS, António (2007). *Arquitecturas e transformação de espaços naturais na Pré--História Recente do Norte de Portugal: Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes.* In JORGE, Susana; BETTENCOURT, Ana; FIGUEIRAL, Ana Isabel, *eds*. *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Setembro de 2004.* Faro: Universidade do Algarve, pp. 121-130.

BRADLEY, Richard *et al*. (2005). *El Pedroso. A prehistoric cave sanctuary in Castille*. «Journal of Iberian Archaeology». 7, 1-17.

COMENDADOR REY, Beatriz; GONZÁLEZ INSUA, Félix (2014). *Proxecto Alto Támega: Accións na Paisaxe Patrimonial*. Vigo: GEAAT.

COMENDADOR REY, Beatriz *et al.* (2015). *Paisajes del agua: el Alto Támega en la Prehistoria Reciente.* In CASTRO PÉREZ, Ladislao *et al.*, *coords*. *Paisajes culturales del agua, Arqueología, Antigüedad, Territorio*. Ourense: GEAAT, pp. 69-87.

EGUILETA FRANCO, José María (1999). *A Baixa Limia galega na Prehistoria recente: arqueoloxía dunha paisaxe da Galicia interior*. Ourense: Diputación Provincial de Ourense. Tesis doctoral.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón *et al.* (2019). *Vaso con decoración cardial de Cova Eirós (Triacastela, Lugo).* «Trabajos de Prehistoria». 76, 147-160.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos (2008). *Gestión del cuarzo y la pizarra en el Calcolítico peninsular: El «santuario» de El Pedroso (Trabazos de Aliste, Zamora).* «Trabajos de Prehistoria». 65:1, 125-142.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (1997). *El noroeste de la Península Ibérica en el IIIer y II milenios: propuestas para una síntesis*. «Sagvntvm». 30, 191-216.

FUERTES PRIETO, María Natividad *et al.* (2015). *El «sílex» en el sector noroccidental de la Meseta norte: recursos litológicos aprovechados en la Prehistoria*. «Férvedes». 8, 45-54.

FUERTES PRIETO, María Natividad *et al.* (2016). *El «sílex» en la Meseta norte: sectores central y noroccidental.* «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada». 26, 27-52.

GÓMEZ FERNÁNDEZ, Antolín *et al.* (2004). *Nuevos datos sobre cerámica «Penha» en el Sur de Galicia*. «Sautuola». 10, 17-34.

GÓMEZ FERNÁNDEZ, Antolín; VÁZQUEZ DOMÍNGUEZ, Montserrat (2009). *La ocupación romana del yacimiento de Castelo de Chás: «A cova dos mouros» (Oímbra, Ourense).* «Gallaecia». 28, 139-150.

GONZÁLEZ INSUA, Félix (2017). *Paisaje doméstico y complejidad social en la Prehistoria Reciente del Noroeste Ibérico*. Vigo: Universidad de Vigo. Tesis doctoral.

GORGOSO LÓPEZ, Lino; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; ACUÑA PIÑERO, Ángel (2011). *Desmontando La Mesa de Montes (Cangas do Morrazo, Pontevedra). Aproximación arqueohistórica a un asentamiento calcolítico en altura*. «Zephyrus». 67, 111-128.

IGME, 1977. *Mapa Geológico de España a escala 1: 50.000*. Hoja 303.

JORGE, Susana (1986). *Povoados da Pré-História Recente da Regiâo de Chaves-V.P. de Aguiar (Vol. 1 A, Vol. 1 B).* Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto. Tesis doctoral.

JORGE, Susana (1990). *Desenvolvimento da Hierarquização Social e da Metalurgia*. In ALARCÃO, Jorge de, *coord*. *Portugal. Das origens à romanização. Nova História de Portugal.* Lisboa: Editorial Presença, pp. 163-212.

JORGE, Susana (1994). *Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular.* «Revista da Faculdade de Letras-História». 11, 447-546.

JORGE, Susana (2003). *Pensar o espaço da Pré-História recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica*. In JORGE, Susana, *coord*. *Recintos Murados da Pré-História recente, técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas*. Porto: Facultade de Letras da Universidade do Porto, pp. 15-50.

LATOUR, Bruno (1988). *The Pasteurization of France.* Harvard: Harvard University Press.

LATOUR, Bruno (2005). *Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press.

LOPES, Susana (2020). *Trinta anos depois: para além do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão. Recintos murados e deposições da pré-história recente*. «Portvgalia», Nova Série. 41, 17-36. DOI: 10.21747/09714290/port41a2.

LOPES, Susana; BETTENCOURT, Ana (2017). *Para uma periodização da Pré-História Recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4.º milénio aos finais do 3.º milénio a. C.* In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, *eds. Arqueologia em Portugal. 2017 — Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 467-488.

LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino (1926). *Papeletas arqueolóxicas e folk-lóricas da bisbarra de Verín*. «Nós». 36, 4-11.

MÉNDEZ FERNÁNDEZ, Fidel (1995). *Áreas de acumulación: un modelo de yacimiento habitacional para la Edad del Bronce en Galicia.* In *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología.* Vigo: Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, pp. 69-74.

MÉNDEZ FERNÁNDEZ, Fidel (1998). *Definición y análisis de poblados de la Edad del Bronce en Galicia*. In FÁBREGAS VALCARCE, Ramón, *ed. A Idade do Bronce en Galicia: novas perspectivas.* Sada: Edicións do Castro, pp. 153-190.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011). *Pensar o Neolítico Antigo: contributo para o Estudo do Norte de Portugal entre o VII e o V Milénios a. C.* Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, XVI.

PRIETO-MARTÍNEZ, Pilar (2001). *La Cultura Material Cerámica en la Prehistoria Reciente de Galicia: Yacimientos al aire libre*. TAPA: traballos de arqueoloxía e patrimonio. 20, 1-141.

PRIETO-MARTÍNEZ, Pilar (2010). *La cerámica de O Regueiriño (Moaña, Pontevedra): nueva luz sobre el Neolítico en Galicia*. «Gallaecia». 29, 63-82.

PRIETO-MARTÍNEZ, Pilar (2019a). *Patrones decorativos y ciclos estilísticos de la cerámica prehistórica del noroeste ibérico*. «Treballs d'arqueologia». 23, 63-86.

PRIETO-MARTÍNEZ, Pilar (2019b). *El significado social, simbólico e identitario de la tecnología cerámica. El ejemplo del campaniforme*. In DELIBES DE CASTRO, Germán; GUERRA-DOCE, Elisa, *coords. ¡Un brindis por el príncipe!: el vaso campaniforme en la Península Ibérica (2500-2000 a. C.).* Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 367-389.

RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio (1971). *La cultura megalítica en el Alto Búbal.* «Boletín Auriense». I, 31-60.

RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, Lucía; COMENDADOR REY, Beatriz; CUBAS MORERA, Miriam (2021). *Materiales prehistóricos de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán: una aproximación desde el conjunto cerámico y sus patrones decorativos*. «Sautuola». 26, 41-65.

RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; CARRERO RAMÍREZ, Fernando (2019). *Intervención arqueológica en el abrigo de Cova dos Mouros (Baleira, Lugo). Un primer ejemplo de pintura esquemática en Galicia*. «Munibe Antropologia-Arkeologia». 70, 185-205.

RODRÍGUEZ MUÑIZ, Víctor (2017). *Memoria sobre a investigación histórica e arqueolóxica sobre as orixes do Concello de Oímbra.* Vigo: Universidade de Vigo. [Consult. 11 abr. 2021]. Disponible en <http://www.oimbra.es/index.php/Es/concellopinor/104-noticias-2/400-informe-historia-oimbra-uvigo>.

RODRÍGUEZ MUÑIZ, Víctor; COMENDADOR REY, Beatriz (2020). *Recuperación patrimonial e ambiental do Castelo de Lobarzán/Castro das Laxes das Chás, Memoria de Intervención.* Vigo: Universidad de Vigo.

SALDI, Leticia; MAFFERRA, Luis; BARRIENTOS SALINAS, J. Alejandro (2019). *Ontologías en disputa. Diálogos entre la antropología y la arqueología para la problematización de paisajes regionales.* «Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología». 37, 3-26. [Consult. 25 abr. 2021]. Disponible en <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/full/10.7440/antipoda37.2019.01>.

SANCHES, Maria de Jesus (1997). *O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro.* Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Tesis doctoral.

SKEWES, Juan Carlos (2016). *Patrimonio, paisaje y convivencialidad: experiencias de desposesión en el sur de Chile*. «GeoGraphos». 7: 87(21). Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de la Universidad de Alicante.

TABOADA CHIVITE, Jesús (1971). *Noticias arqueológicas de la región del Támega (Verín)*. «Cuadernos de Estudios Galegos». XXVI, 45-63.

TEIXEIRA, Joana (2019). *Os povoados d'a Pedreira e Regadas no contexto da Pré-história Recente do vale do Tua. As decorações dos recipientes cerâmicos enquanto modos de expressão identitária e de interação social*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tesis de máster.

UÑA ÁLVAREZ, Elena de (2005). *Definición de formas graníticas tipo Tafone: nomenclatura y significado geomorfológico*. «Minius». 13, 331-342.

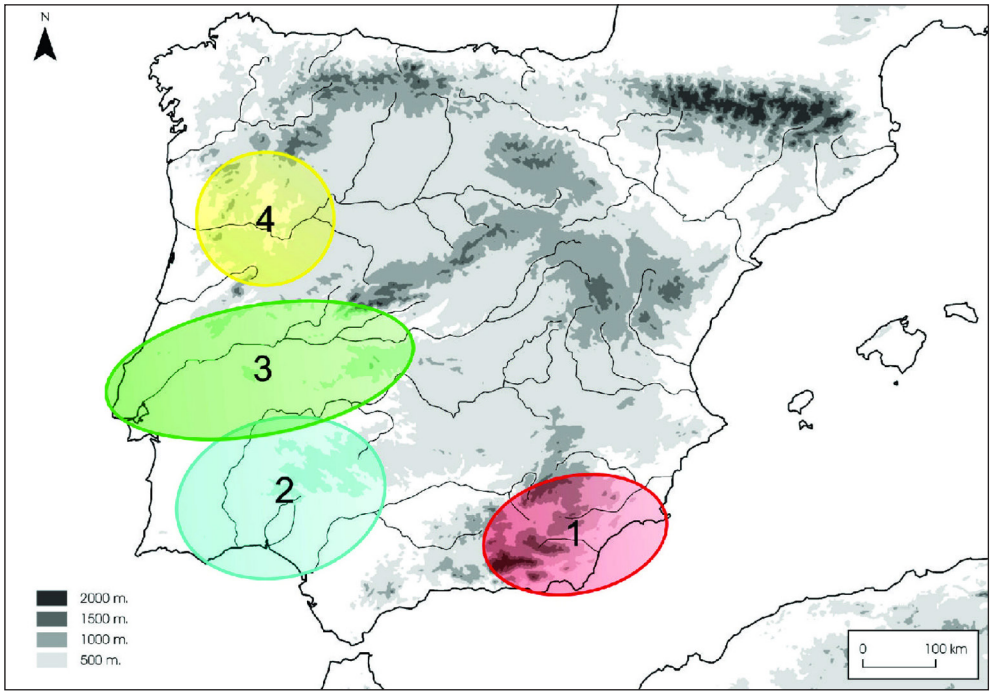


Fig. 1. Localización de las áreas de poblados fortificados calcolíticos en la Península Ibérica (modificado a partir de JORGE, 1994: 463)

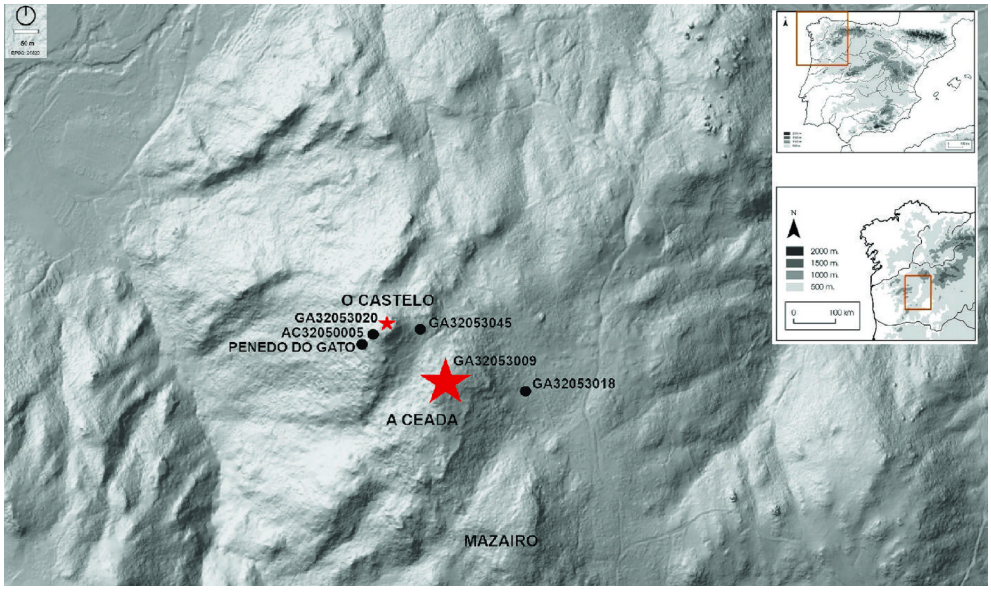


Fig. 2. Área de estudio en la región transfronteriza del río Támega y localización del conjunto arqueológico y natural de A Ceada das Chás (Oímbra)/Castelo de Lobarzán (Vilaza, Monterrei) con los elementos inventariados con clave administrativa hasta 2019

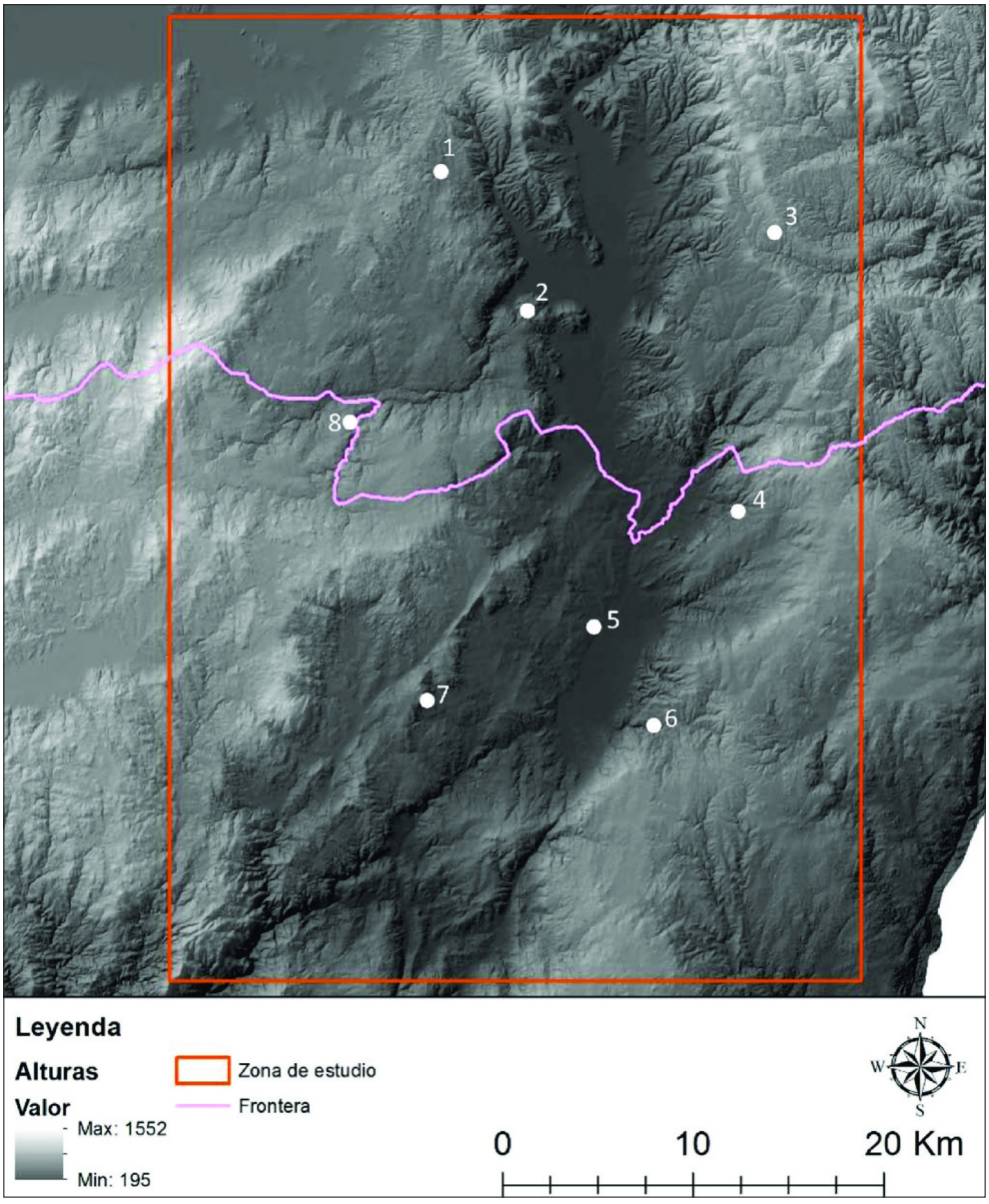


Fig. 3. Mapa de distribución de yacimientos del Neolítico Medio y/o Final/Calcolítico mencionados en valle del Támega: 1. Alto da Praza (Cualedro); 2. A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán (Oímbra/Monterrei); 3. Penedo Gordo (Vilardevós); 4. Vinha da Soutilha (Mairos, Chaves); 5. Alto Santa Ana (Chaves); 6. São Lourenço (Chaves); 7. Pastoría (Chaves); 8. Crista do Caparinho (Montalegre) (modificado a partir de GONZÁLEZ INSUA, 2017)

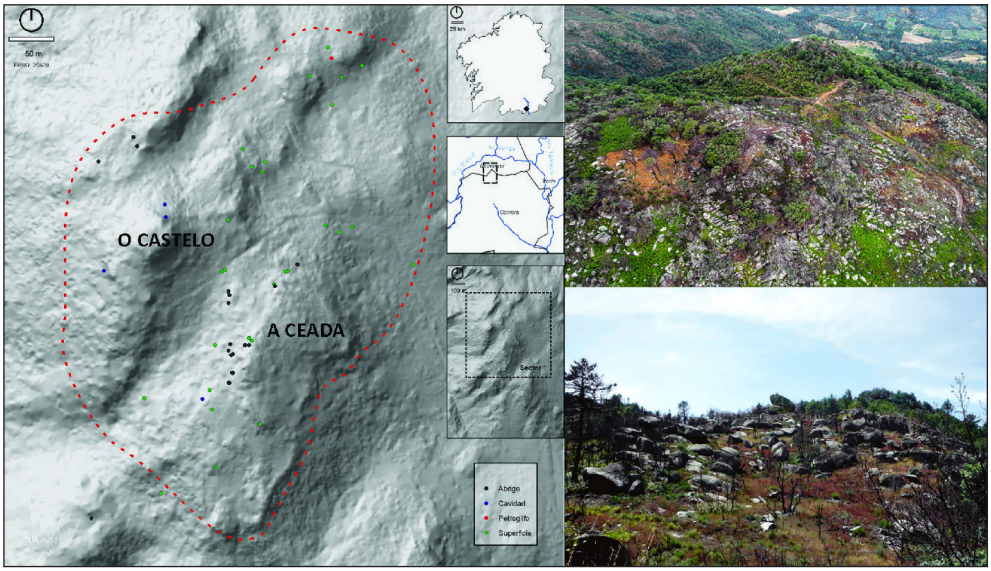


Fig. 4. Mapa localización puntos arqueológicos divididos por categorías y delimitación Sector Norte. (E. ABAD, CESGA) (izquierda). El Sector Norte desde el sur, con A Ceada y O Castelo en segundo plano, y el valle del Búbal a la izquierda (arriba derecha); O Castelo en la vaguada norte (abajo derecha)

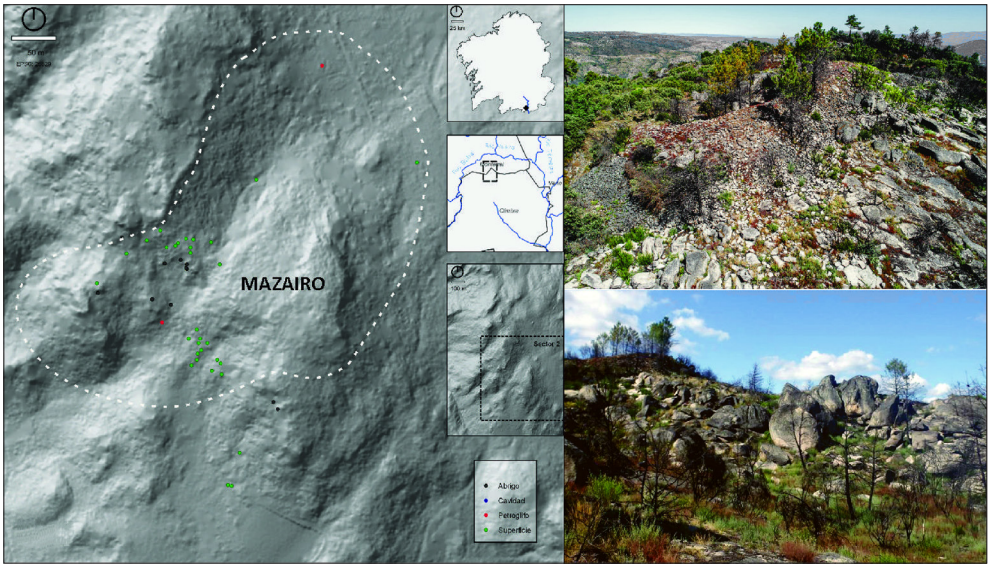


Fig. 5. Mapa localización puntos arqueológicos divididos por categorías y delimitación Sector Sur. (E. ABAD, CESGA) (izquierda). Vista aérea desde el suroeste, de la estructura defensiva en la vertiente sur de A Ceada y la zona de As Portas, dispuesta sobre los numerosos afloramientos graníticos entre los cuales se identifican las acumulaciones de material arqueológico prehistórico (arriba derecha); aspecto del paisaje granítico de la vaguada del Sector Sur (abajo derecha)

Fig. 6. Fotografías representativas de las distintas categorías diferenciadas en la recogida de material: Categoría 1 (abajo izquierda); Categoría 2 (arriba); Categoría 3 (centro); Categoría 4 (abajo derecha)

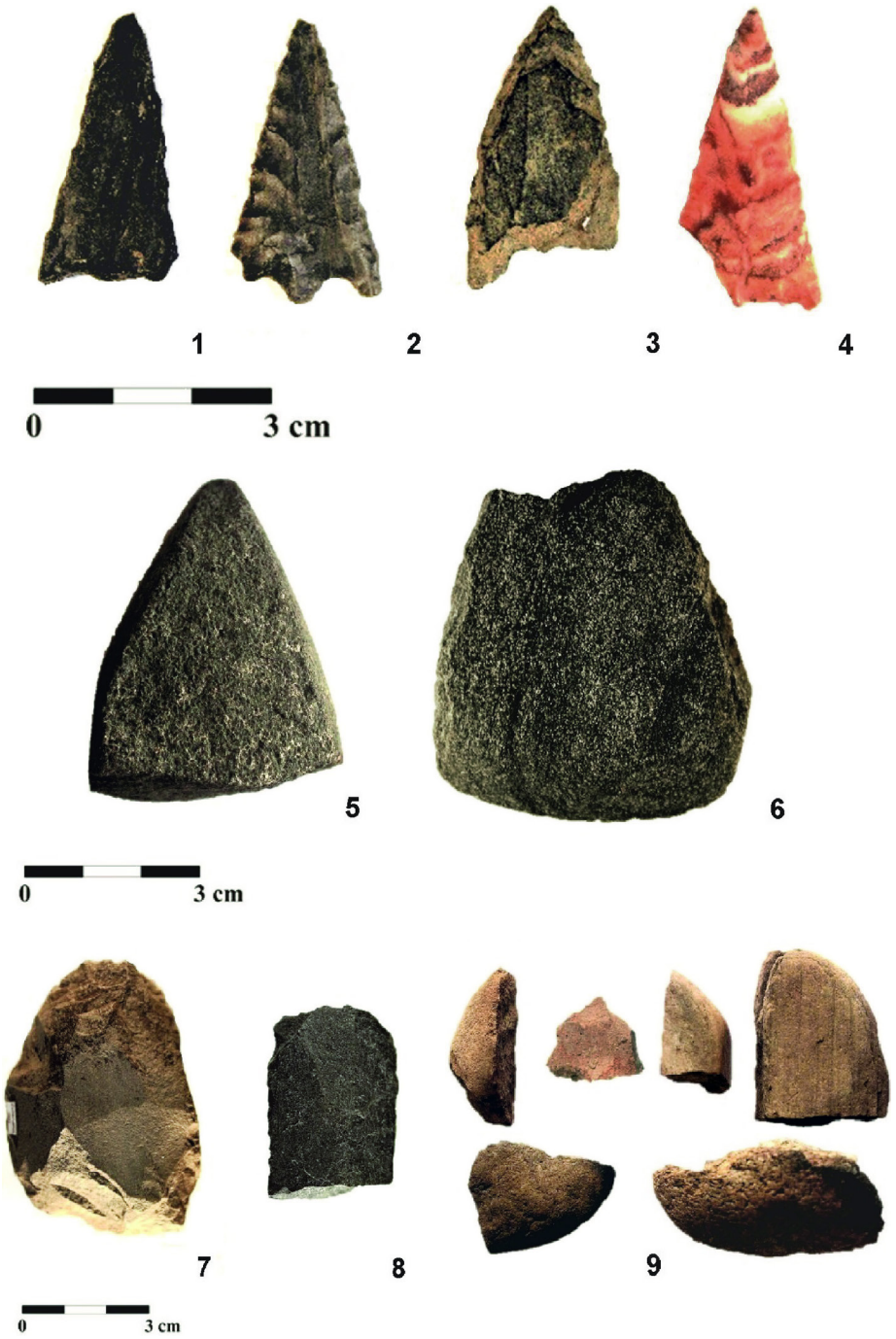


Fig. 7. Selección de materiales líticos recogidos en la prospección de 2019: puntas de flecha (1-4); hachas pulimentadas (5-6); herramienta de talla concoidal (7); fragmento distal de lámina (8); cantos rodados de cuarcita (9)

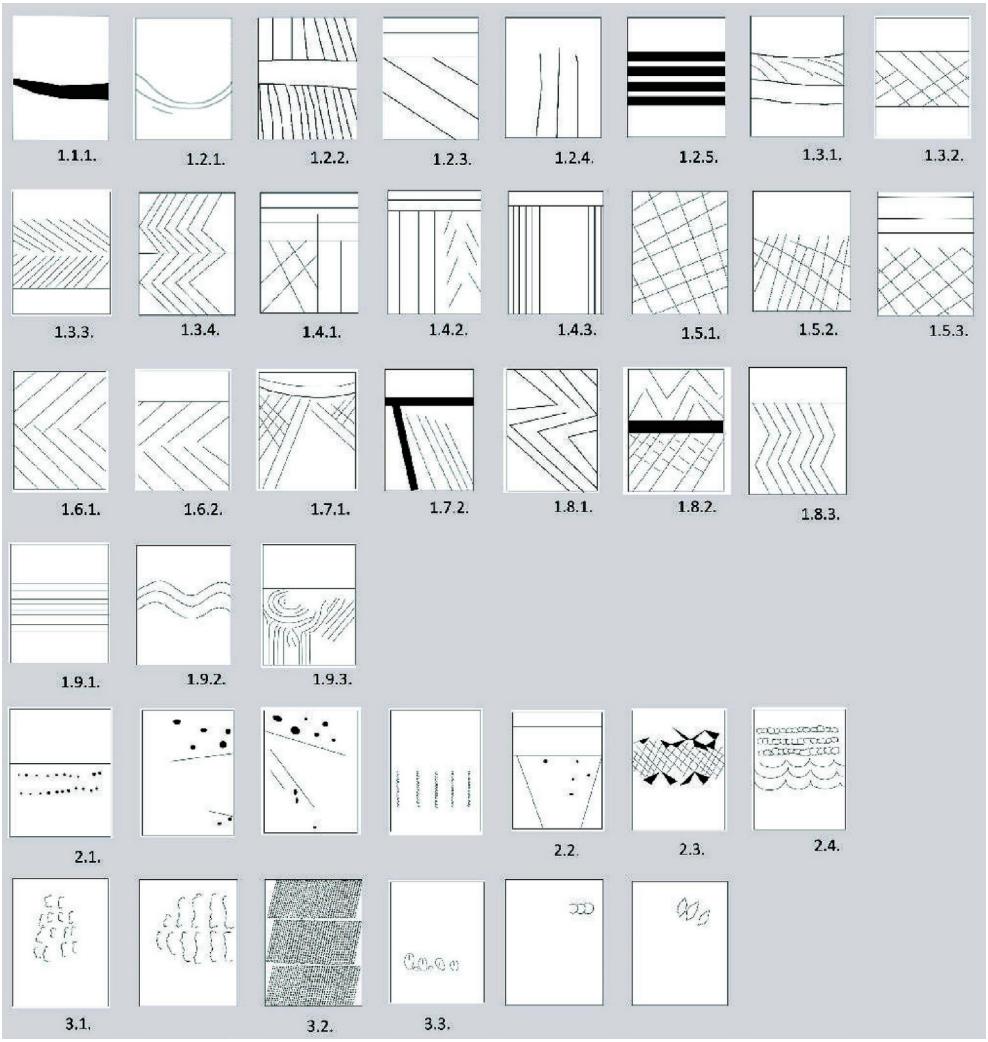


Fig. 8. Composiciones decorativas presentes en el conjunto arqueológico y natural de A Ceada das Chás/Castelo de Lobarzán

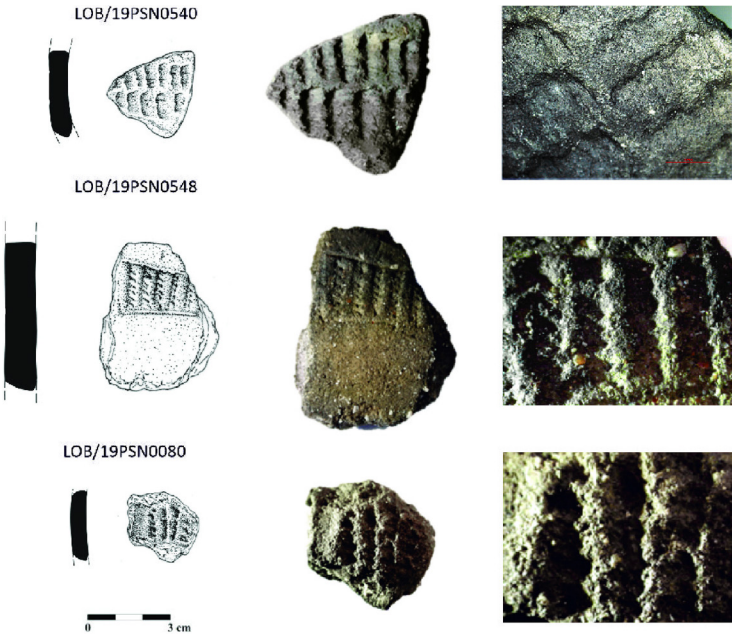


Fig. 9. Fotografía en detalle de los fragmentos decorados con impresión de concha LOB/19PSN0540, LOB/19PSN0548, LOB/19PSN0080

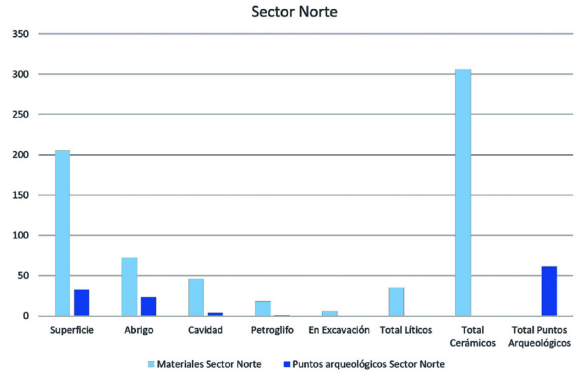


Gráfico 1. Distribución de puntos arqueológicos por sectores según categorías, y representación del material cerámico y lítico Sector Norte

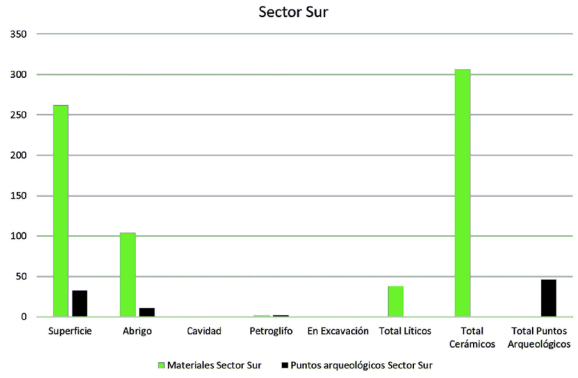


Gráfico 2. Distribución de puntos arqueológicos por sectores según categorías, y representación del material cerámico y lítico Sector Sur

VARIABILIDAD EN LA ORGANIZACIÓN ESPACIAL Y CONSTRUCTIVA DE UN ASENTAMIENTO CAMPANIFORME Y DE LA EDAD DEL BRONCE: EL YACIMIENTO COTO DOS MOSQUITOS (MOS, PONTEVEDRA)*

HERMINIA RODRÍGUEZ PÉREZ**
XURXO PEREIRA MARTÍNEZ***
ANDREA SERODIO DOMÍNGUEZ****
EDUARDO MÉNDEZ-QUINTAS*****

Abstract: *Coto dos Mosquitos site (Mos, Pontevedra) was discovered during the Sports City for the football club R. C. Celta de Vigo S.L.U' construction. Across more than 20,000 m², dozens of housing structures excavated in the substrate have been detected including several «longhouses». Two pottery groups have been found: the Bell Beaker pottery group (maritime and geometric decoration and some Palmela/ Ciempozuelos); and a group of pottery made of coarse paste, essentially plain or with applied strips and not very sinuous shapes. The lack of results from carbon-14 data (currently under study), the characteristics of the pottery assemblage and of the structures, allow us to differentiate two major phases of occupation. The most ancient, associated with Bell Beaker pottery, is dated between the end of the 3rd millennium and the beginning of the 2nd millennium BC. The second phase, characterized by the «longhouses», can be dated in the second half of the 2nd millennium BC.*

Keywords: *Bronze Age; Unenclosed settlements; Longhouse; Bell Beaker pottery.*

Resumo: *Coto dos Mosquitos (Mos, Pontevedra), atualmente em fase de estudo, foi descoberta durante as obras de construção da Cidade Desportiva do R. C. Celta de Vigo S.L.U. Nos mais de 20 000 m² já investigados, detetaram-se dúzias de estruturas habitacionais escavadas no substrato, nomeadamente várias* longhouses*. Identificámos também dois conjuntos diferenciados de cerâmicas. Um grupo caracterizado pela presença de cerâmicas campaniformes com decoração marítima, geométrica e alguns recipientes de tipo Palmela/Ciempozuelos e outro grupo composto por recipientes de pastas grosseiras, essencialmente lisos, ou com decoração de cordões, e formas pouco sinuosas. A ausência dos resultados das datações carbono-14, as características da cerâmica e dos tipos de estruturas permitem individualizar duas grandes fases de ocupação. Uma, mais antiga, associada à cerâmica campaniforme, datada entre finais do III milénio e começos do II milénio BC, e outra, mais recente, caracterizada pela construção das* longhouses*, datada na segunda metade do II milénio BC.*

Palavras-chave: *Idade do Bronze; Povoado de ar livre; Longhouse; Cerâmica campaniforme.*

---

* Si no se indica el *copyright* de tablas, gráficos y otras imágenes, pertenece a los autores de este texto.

** ARES Arqueología y Gestión del Patrimonio. Avda García Barbón 76 galerías, 36201 Vigo (Pontevedra, España). Email: aresgalicia@yahoo.es.

*** Grupo de investigación ECOPAST, Universidad de Santiago de Compostela, Avda. Lope Gómez de Marzoa s/n 15782, Santiago de Compostela, (A Coruña, España). Email: xurxo.pereira.martinez@rai.usc.es.

**** Data Gestión Cultural SL. Avda García Barbón 76 galerías, local H, 36201 Vigo (Pontevedra, España). Email: datagestioncultural@gmail.com.

***** Grupo de Estudos de Arqueoloxía, Antigüidade e Territorio (GEAAT), Universidad de Vigo, As Lagoas Campus, 32004, Ourense (Ourense, España). Email: eduardo.mendez.quintas@uvigo.es.

1. INTRODUCCIÓN

El conocimiento sobre las características y extensión de los asentamientos habitacionales abiertos de la Prehistoria reciente en el noroeste peninsular ha experimentado un avance sustancial en los últimos años. Esta circunstancia deriva de la ejecución de grandes excavaciones en extensión motivadas por el desarrollo de infraestructuras públicas o promociones privadas. A pesar de esta circunstancia, en muchos casos los resultados de estas intervenciones siguen inéditas o han sido publicadas solo preliminarmente. Esta falta de información, así como de estudios detallados sobre su registro estructural y material, es un condicionante importante que impide seguir profundizando en el conocimiento de las sociedades de la Prehistoria reciente a escala regional.

En este caso, presentamos los resultados preliminares de la excavación en extensión de un nuevo asentamiento al aire libre en el noroeste peninsular: el yacimiento arqueológico de Coto dos Mosquitos (Mos, Pontevedra). Como veremos, estamos ante un yacimiento con restos dispersos sobre una gran superficie, con diferentes fases de ocupación prehistórica y que participa de gran parte de los problemas de interpretación inherentes a este tipo de yacimientos a escala regional.

2. ASENTAMIENTOS AL AIRE LIBRE EN EL NOROESTE PENINSULAR

Los asentamientos habitacionales abiertos de la Prehistoria reciente a escala regional se empiezan a documentar desde el Neolítico y serán una realidad más o menos constante, hasta el desarrollo extensivo de la arquitectura fortificada de la cultura galaica, ya en momentos avanzados del I milenio BC.

Los lugares habitacionales en etapas del Neolítico inicial y medio son muy escasos en el noroeste peninsular, y las exiguas referencias nos hablan de lugares con estructuras sencillas y situados en zonas al aire libre próximas a las áreas megalíticas o en abrigos[1]. Esto podría estar relacionado con la ausencia de poblados caracterizados por un sedentarismo claro, donde aún se estaría iniciando una primera antropización del paisaje, a través del sistema de rozas y los primeros cultivos.

Esta situación cambia hacia finales del Neolítico medio (entre o 3100 e o 2900 BC), con el inicio del Neolítico final (2900-2500 BC), que se correspondería con el denominado Calcolítico inicial y pleno de la Península Ibérica. Como otros autores[2], emplearemos la denominación Neolítico, ya que entendemos que los trazos definitorios del Calcolítico son excepcionales, y no están totalmente presentes en el noroeste peninsular.

A finales del IV e inicios del III milenio BC comienzan a aparecer por primera vez poblados más amplios que, aunque construidos en materiales perecederos, presentan un

[1] BETTENCOURT, 2009, 2010; FÁBREGAS VALCARCE, VILASECO VÁZQUEZ, 2004.
[2] PRIETO MARTÍNEZ *et al.*, 2012.

tipo de asentamiento más estable[3]. El número de asentamientos habitacionales parece incrementarse substancialmente, detectando lugares de mayor tamaño, estructuras más complejas e incluso — aunque de manera excepcional — elementos defensivos o asentamientos en posiciones topográficas elevadas[4].

Por otra parte, como parecen evidenciar los análisis espaciales realizados para diferentes zonas de Galicia, asistimos en esta etapa a una preferencia de emplazamientos con una buena disponibilidad de suelos próximos, motivado posiblemente por el declive de la cobertura forestal y la creación de terrenos más aptos para actividades agrícolas[5]. Con todo, no se deben pasar por alto las posibles ocupaciones de otro tipo de lugares como abrigos y cuevas, que aún deberían conservar una gran importancia en estos momentos de la Prehistoria reciente[6]; así como determinados asentamientos emplazados en lugares más estratégicos y defensivos[7].

Durante el inicio de la Edad del Bronce hacia el 2200 BC hasta el 1800/1700 BC, supondrá también, cambios importantes en la forma de asentarse de estas comunidades. La caracterización de los yacimientos habitacionales en el Bronce inicial y medio parece presentar una gran problemática en esta etapa, lo que ha llevado a visiones diferentes e incluso contradictorias entre diferentes investigadores[8]. Algunos autores apuntan que los estudios realizados sobre determinados yacimientos indican una mayor estabilidad, siendo poblados más numerosos y evidentes que en la etapa anterior[9]; mientras otros apuntan a un momento de precariedad en el que aún no se llevaría a cabo la sedentarización de estas comunidades[10]. Así mismo, otros autores[11] apuntan que, aunque muchos de los asentamientos gallegos de este período mantienen unas dimensiones equiparables a la etapa anterior, otros presentan menos estabilidad, correspondiéndose además gran parte, con un solo momento de ocupación durante el Bronce inicial.

Otros autores apuntan a una discontinuidad respecto a la etapa anterior, mostrando cierto escepticismo al respecto[12], o sostienen una posible dispersión de la población en pequeños grupos lo que provocaría asentamientos más pequeños y de corta ocupación[13]. Igualmente, para el norte portugués la mayoría de los autores concuerda que estamos ante la práctica ausencia de poblados en altitud, pero con la particularidad

[3] CRIADO BOADO *et al*., 2016: 112.
[4] CARBALLO ARCEO *et al*., 1998; FÁBREGAS VALCARCE, VILASECO VÁZQUEZ, 2004; GORGOSO LÓPEZ, FÁBREGAS VALCARCE, ACUÑA PIÑEIRO, 2011; BETTENCOURT, FÁBREGAS VALCARCE, PEÑA SANTOS, 2005.
[5] GONZÁLEZ INSUA, 2017: 486; CRIADO BOADO *et al*., 2016: 113.
[6] GROBA GONZÁLEZ, MÉNDEZ-QUINTAS, 2008; MÉNDEZ-QUINTAS *et al*., 2020.
[7] GÓMEZ FERNÁNDEZ *et al*., 2004; GORGOSO LÓPEZ, FÁBREGAS VALCARCE, ACUÑA PIÑEIRO, 2011; BETTENCOURT, 2009.
[8] GONZÁLEZ INSUA, 2017: 136.
[9] LIMA OLIVEIRA, 2000.
[10] FÁBREGAS VALCARCE, 2010.
[11] GONZÁLEZ INSUA, 2017.
[12] FÁBREGAS VALCARCE, 2010.
[13] PARCERO OUBIÑA, CRIADO BOADO, 2013.

del desenvolvimiento y diversificación de lugares en emplazamientos con altas potencialidades agrícolas[14]. Además, la distribución y organización de los yacimientos y sus estructuras internas, así como los diversos análisis arqueobotánicos, parecen señalar el aumento de las actividades agrícolas, forestales y pastoriles, provocando la mejora del nivel de vida y motivando el incremento de la población en el noroeste peninsular[15].

La investigación ha avanzado considerablemente en este ámbito en los últimos años y contamos con algunos yacimientos habitacionales que ayudan a entender mejor la dinámica de estos grupos humanos. Para el III milenio BC, contamos con algunos yacimientos destacables como Monte dos Remedios, Montenegro, Sete Pías o Zarra de Xoacín[16]. Como señala Prieto Martínez[17], aunque estos lugares no han sido excavados en su totalidad, sí que podemos percibir ciertas similitudes, como las cabañas de fosa excavadas en el sustrato y la presencia de hogares asociados a estas. Aunque la organización y disposición de los elementos cambia según los diferentes lugares, ciertas características como los agujeros de postes y la presencia de cabañas circulares y/u ovaladas, aparecen de forma constante en estos asentamientos.

A partir de la mitad del II milenio BC, se aprecian cambios en las construcciones, así como en la organización del espacio en los poblados. También es posible apreciar ciertas diferencias a escala regional en las técnicas constructivas empleadas, con el empleo en la parte gallega de la madera y el adobe, mientras en el área portuguesa se desarrollan ya algunas construcciones en piedra[18].

En estos momentos los tamaños de las construcciones tienden a aumentar, sobre todo las *longhouses* de planta «barquiforme», combinándose además las zanjas y los agujeros de poste como técnica constructiva. Aunque las viejas construcciones, más simples, continúan en este período, podemos observar una clara evolución en las construcciones domésticas en diferentes yacimientos como Sete Pías, Pena Fita[19], A Casilla[20], O Fuxiño[21], Vilamerelle[22], Agro de Bazar[23] o Lama de Mena[24].

3. EL YACIMIENTO DE COTO DOS MOSQUITOS

El yacimiento de Coto dos Mosquitos ocupa un suave rellano, de unos 80 000 m^2, y a 420 metros de altura en el extremo septentrional de un pequeño cordal. A su vez, la zona

[14] BETTENCOURT, 2009, 2010, 2013; BETTENCOURT, SANCHES, 1998; VIEIRA, 2014.
[15] BETTENCOURT, SAMPAIO, 2017; MARTÍN-SEIJO *et al*., 2011, 2012.
[16] PRIETO MARTÍNEZ, 2019b.
[17] PRIETO MARTÍNEZ, 2017: 558.
[18] PRIETO MARTÍNEZ, 2019a: 41.
[19] PRIETO MARTÍNEZ, 2017, 2019a; VÁZQUEZ-LIZ, PRIETO MARTÍNEZ, NUÑEZ JATO, 2015.
[20] VIDAL LOJO, 2010.
[21] VIDAL LOJO, 2011a.
[22] NODAR NODAR, VIDAL CAEIRO, 2016.
[23] BÓVEDA FERNÁNDEZ, 2010.
[24] PRIETO MARTÍNEZ, 2019a.

excavada del yacimiento ocupa la cabecera de un pequeño curso fluvial, afluente del río Louro. A una escala mayor esta área se integra geográficamente en las estribaciones montañosas que conforman la divisoria de aguas entre las cuencas fluviales de los ríos Lagares, Miñor y Louro (Fig. 1).

Este yacimiento fue localizado en 2018 durante las labores de prospección arqueológica, desarrolladas dentro de la tramitación urbanística de la Modificación Puntual n.º 1 del Plan General de Ordenación Municipal (PXOM) del Ayuntamiento de Mos. Posteriormente, desde mediados de 2019 hasta agosto de 2020 se ha desarrollado una excavación en área, en varias fases, a causa de las obras de construcción de la nueva ciudad deportiva del Real Club Celta de Vigo, S.A.D en la zona ocupada por el yacimiento.

Los trabajos arqueológicos (dirigidos por uno de nosotros — Herminia Rodríguez Pérez) han supuesto el sondeo, la excavación manual con apoyo de medios mecánicos y el control de los movimientos de tierras sobre unos 20 000 m^2 de terreno. Esta intervención ha documentado la existencia de un extenso asentamiento habitacional, caracterizado por la abundancia y variedad de estructuras, así como materiales cerámicos y líticos, que permiten diferenciar, al menos, dos grandes etapas de ocupación, una campaniforme y otra de la Edad del Bronce.

Como suele ser habitual en este tipo de yacimientos al aire libre, la estratigrafía es muy poco potente (inferior a 30 cm, generalmente), en donde priman los procesos edáficos[25]. Se ha observado de forma generalizada un suelo con horizontes A-B-C bien desarrollado sobre un único paquete homogéneo que contiene todos los restos arqueológicos. Solo en el relleno de las estructuras se puede observar cierta complejidad estratigráfica, pero la identificación precisa de estos niveles en campo está muy condicionada por el intenso desarrollo edáfico.

3.1. Tipos y elementos estructurales

Los trabajos de excavación del yacimiento han identificado 1034 estructuras en negativo, entre agujeros de postes (en torno al 90% de las estructuras observadas), fosas, zanjas y silos, así como varias acumulaciones intencionales de piedras, que podrían interpretarse como hogares (Figs. 2 y 3). En un primer análisis de los tipos de estructuras existentes en el yacimiento podemos diferenciar tres grandes tipos: zanjas de cimentación de cierres perimetrales, fondos de cabaña de diferente morfología y ejemplos muy típicos de *longhouse* (Figs. 2 y 3).

Dentro del sector más septentrional del área excavada hemos podido identificar varios tramos de zanja estrechas y alargadas, que podrían relacionarse con la cimentación de empalizadas de materiales perecederos (Fig. 2). Estas funcionarían como elementos de división dentro del área habitada o incluso como límites externos del mismo. Dada la

[25] ABOAL FERNÁNDEZ *et al.*, 2005.

reiterada ocupación del espacio, es difícil precisar si todas estas estructuras son sincrónicas o responden a episodios temporalmente diferenciados. Independientemente de esta circunstancia, cabe destacar que estas cimentaciones se han documentado en el área con mayor densidad de estructuras, por lo que no parece descabellado una relación directa con buena parte de esas construcciones. Este tipo de elemento no es extraño en el contexto de los asentamientos abiertos del noroeste peninsular, conociéndose buenos ejemplos en sitios como Monte dos Remedios, O Fuxiño, Montenegro, Chan das Pozas, Vilamerelle, entre otros[26].

A lo largo del área excavada se han podido identificar un elevado número de estructuras (unas 30) que por su morfología y tamaño se pueden identificar con fondos de cabaña. Existe una importante variabilidad morfológica y de técnica constructiva entre ellas (Fig. 2). En su mayor parte las plantas son de tendencia curva, si bien generalmente de forma un tanto irregular. Constructivamente suelen estar definidas por varios tramos de zanjas, con y sin agujeros de postes asociados, de cimentación independientes que delimitan el espacio útil. En otros casos las cimentaciones son continuas y tienden a definir morfologías más alargadas (Fig. 3a), salvo en un caso de forma circular y pequeño tamaño. Tanto en un caso como en otro, se suelen identificar agujeros de poste asociados, que parecen complementar estructuralmente a las construcciones. También contamos con algunas estructuras delimitadas exclusivamente por agujeros de poste (al margen de las *longhouse*, que trataremos de forma individualizada), que repiten las formas curvas más alargadas. Todos los tipos de fondos de cabaña observados en el yacimiento de Coto dos Mosquitos son más o menos habituales en los contextos habitacionales al aire libre de la Prehistoria reciente del noroeste, desde por lo menos el Neolítico final y durante buena parte de la Edad del Bronce[27], por lo que en este sentido no son de gran ayuda a la hora de precisar un marco cronológico.

Al margen de las estructuras descritas anteriormente, tenemos que resaltar la identificación de unas siete construcciones, delimitadas casi exclusivamente por agujeros de postes, que encajan a la perfección con la definición morfológica de las *longhouse* (Figs. 2 y 3c, d). Su tamaño suele ser mayor que el de las estructuras caracterizadas anteriormente, variando entre los cinco y los once metros de longitud máxima, y definen plantas regulares de tendencia rectangular con esquinas redondeadas. Interiormente presentan varios agujeros de postes alineados con el eje largo de la cabaña y que tendrían como función estructural sostener la techumbre de la estancia. Pueden aparecer de forma individual, pero dos casos mantienen una posición pareada (Fig. 3d). En un caso también se observa, en unos de los laterales largos, una doble hilera de agujeros de postes que pudiera corresponder a un aspecto constructivo específico, o bien la existencia de una segunda

[26] FÁBREGAS VALCARCE, BONILLA RODRÍGUEZ, CÉSAR VILA, 2007; PRIETO MARTÍNEZ, 2019b.
[27] PRIETO MARTÍNEZ, 2019b.

estructura adosada (Fig. 3c). Llama la atención la disposición externa de la mayor parte de las *longhouse*, con respecto a la zona con mayor densidad estructural y que podría interpretarse desde una óptica cronológica.

Una mención aparte se merece el magnífico caso de *longhouse* de morfología barquiforme identificada en el límite septentrional del área excavada. Destaca por sus dimensiones (19 x 4,7 metros), morfología compartimentada y técnica constructiva (Figs. 2 y 3e). Arquitectónicamente, consta de una cimentación que conjuga una zanja continua con agujeros de poste en su interior. A ambos lados largos parece existir dos estructuras anexas delimitadas por agujeros de poste. La estructura principal está compartimentada en tres partes, una estancia principal de unos 46 m^2 útiles y dos más pequeñas a cada extremo. El acceso a la estructura se haría desde el noreste atravesando una de estas estancias menores, a modo de vestíbulo. En su interior se ha identificado nuevos agujeros de poste centrales vinculados con aspectos estructurales, así como pequeños tramos de zanjas y otros agujeros de poste, que invitan a pensar en apoyos de estructuras internas.

Estructuras de este tipo han empezado a ser reconocidas en los últimos años en varios asentamientos del noroeste peninsular, casi siempre en contextos plenos de la Edad del Bronce como en Sete Pías, A Casilla, O Fuxiño, Agro de Bazar, Vilamerelle o Lama de Mena[28].

3.2. Características generales de los materiales arqueológicos

Los trabajos arqueológicos han permitido la recuperación de unas 2613 piezas, esencialmente cerámica (93,1%). Al margen de estos, también cabe señalar la presencia de materiales líticos (3,2% del total), esencialmente industria lítica tallada en materias primas locales como el cuarzo o el cuarzo hialino, pulidores/alisadores, artefactos pulidos de corte y elementos de molienda (activos y pasivos).

La observación inicial de los patrones de distribución de los materiales arqueológicos, a falta de la conclusión del estudio detallado del mismo, dibuja una distribución muy irregular. Se observan amplias áreas marcadas por la baja densidad de restos (con ninguno o muy pocos materiales) con otras de grandes concentraciones de materiales, verdaderos clústeres cuya significación todavía está por clarificar (Fig. 4). En algunos casos, estas acumulaciones guardan relación espacial con las estructuras identificadas, pero en otros parecen excluyentes con las construcciones.

El conjunto cerámico resulta especialmente importante ya que es el principal vector cronológico del yacimiento, al margen de las propias características constructivas de algunas de las estructuras. En este sentido el estudio preliminar de la cerámica permite identificar dos grandes conjuntos con significado espacial y cronológico en el yacimiento.

[28] BÓVEDA FERNÁNDEZ, 2010; VIDAL LOJO, 2010, 2011a; NODAR NODAR, VIDAL CAEIRO, 2016; PRIETO MARTÍNEZ, 2017, 2019a.

El primer grupo (Conjunto 01) está integrado por las cerámicas recuperadas en el extremo más meridional del área excavada compuesto por unos 878 fragmentos, entre los que destaca sobremanera la alta incidencia de la cerámica campaniforme (28,0% del total de los fragmentos identificados). El conjunto está dominado por la cerámica lisa (72,0%) entre el que se identifican recipientes con formas simples y fondo plano. Al margen de la decoración de tradición campaniforme no se observan otras variantes decorativas en este conjunto, a excepción de algún ejemplo de aplicación plástica en forma de cordones paralelos al borde del recipiente.

Como se ha indicado, si por algo destaca el Conjunto 01 es por la elevada presencia de fragmentos con decoración campaniforme. En este conjunto se observa la abundancia de cazuelas y algunos vasos, si bien también se tiene constancia de cuencos. Los estilos decorativos identificados son principalmente marítimos, en sus variantes lineales y *herringbone* (Fig. 5: 1, 7 y 8). También se identifican ejemplares con decoración geométrica, especialmente asociada a cuencos, que ya parecen responder mejor a variantes de reinterpretación local (Fig. 5: 2-6, 10). Señalar también la presencia de algunos fragmentos, varios incluso del mismo recipiente, con esquemas decorativos que recuerdan a tipos Ciempozuelos/Palmela (Fig. 5: 11), poco conocidos en contextos arqueológicos del noroeste peninsular. De forma generalizada las decoraciones están realizadas mediante impresión con ruedecilla, sin que en este conjunto se haya identificado el uso de matrices de conchas de bivalvo. Así mismo tampoco se han observado incrustaciones de pasta.

El segundo conjunto (Conjunto 02) y a falta de un estudio detallado todavía en curso, engloba provisionalmente en su totalidad al registro cerámico recuperado en todo el sector septentrional del yacimiento, unos 1603 fragmentos. A diferencia del Conjunto 01, en este caso el número de piezas con decoración es mínimo. Se reconocen fundamentalmente aplicaciones plásticas en forma de cordones paralelos al borde y puntualmente se han recuperado algunos fragmentos con decoración campaniforme. Uno de los escasos ejemplos de este tipo muestra decoración mediante impresión de concha de bivalvo del género «Aequipecten» (Fig. 5: 9).

Las características generales de la cerámica lisa del Conjunto 02 redundan en conjunto con pastas poco depuradas, con muchos desgrasantes y acabado poco cuidados. Entre los recipientes se observan formas poco flexionadas, de fondo plano y con tamaños diversos, si bien hay una cierta preferencia por contenedores de grandes dimensiones (Fig. 5: 12).

3.3. La secuencia de ocupación del yacimiento

A falta de los resultados de la batería de dataciones de carbono-14, la única aproximación cronológica que se puede establecer al yacimiento es la que emana de las características constructivas de las estructuras y de los materiales arqueológicos. Como está

repetidamente recogido en la bibliografía[29] este tipo de yacimiento se caracteriza por la ausencia de una estratigrafía en el sentido geológico o arqueológico. Las bajas tasas de sedimentación, que se suelen dar en los escenarios geomorfológicos donde se acostumbran a emplazar estos yacimientos, y la reocupación constante del mismo espacio dificulta la formación de estratigrafías amplias. Estamos pues ante acumulaciones de restos de diferentes ocupaciones en una secuencia exclusivamente edáfica.

El elenco estructural representado en el yacimiento por el grueso de los fondos de cabaña es, salvo por las *longhouses*, transversal a la mayor parte de los asentamientos al aire libre conocidos el noroeste, desde el Neolítico final hasta la Edad del Bronce[30]. Como hemos visto, la inexistencia entre los materiales arqueológicos de cerámicas de tradición «Penha» u otras variantes impresas de *filum* más antiguo, distintas de las campaniformes, parece confirmar un contexto general post-Neolítico final para las áreas intervenidas del yacimiento. Ahora bien, y aunque lo analizaremos más adelante, el yacimiento se emplaza en un área con una extensa concentración de enterramientos megalíticos. Esto abre la posibilidad de que en la zona existan ocupaciones del orden cronológico conocido para el ciclo principal de construcción de estos monumentos[31].

A diferencia de las estructuras anteriores, los fondos de cabaña de tipo *longhouse* son mucho más valiosos desde el punto de vista cronológico. Centrándonos en el ámbito del noroeste peninsular, este tipo de cabañas tiene una vigencia cronológica bastante corta. Empiezan a aparecer desde mediados del II milenio BC, si atendemos a las fechas iniciales asociadas con la *longhouse* del yacimiento de O Fuxiño (CSIC-2090: 3292±27; 1490-1669 BC)[32]. Estas parecen perdurar hasta finales del II, si atendemos a las fechas del sitio de Sete Pías (Ua-21850: 2985±50; 1383-1054 BC)[33]. El registro ceramológico asociado con estas estructuras encaja con las características propias de los conjuntos cerámicos del Bronce medio-final post-campaniforme.

Al margen de esta realidad cronológica tendríamos el Conjunto 01, espacialmente bien diferenciado de lo anterior y caracterizado por la abundancia de cerámicas campaniformes de tipo marítimo (variedades lineales y *herringbone*), geométrico y Palmela/Ciempozuelos. A escala regional el desarrollo de la cerámica campaniforme se sitúa entre el 2800-2500 BC y el 1900-1800 BC, aunque ciertas variantes y/o reinterpretaciones epicampaniformes podrían perdurar algo más, llegando al 1500 BC[34].

[29] MÉNDEZ FERNÁNDEZ, 1994; ABOAL FERNÁNDEZ *et al*., 2005; FÁBREGAS VALCARCE, BONILLA RODRÍGUEZ, CÉSAR VILA, 2007.
[30] PRIETO MARTÍNEZ, DÍAZ-RODRÍGUEZ, 2016; PRIETO MARTÍNEZ, 2019b.
[31] FÁBREGAS VALCARCE, VILASECO VÁZQUEZ, 2004; RODRÍGUEZ CASAL, ROMANÍ FARIÑA, 2015; CARRERO PAZOS, 2017; BETTENCOURT, 2010.
[32] VIDAL LOJO, 2011.
[33] PRIETO MARTÍNEZ, 2017, 2019a.
[34] PRIETO MARTÍNEZ, 2011, 2019b; SANCHES, BARBOSA, 2018.

En este sentido y con los datos disponibles actualmente para el yacimiento podemos establecer dos grandes fases de ocupación. Una antigua campaniforme datada *grosso modo* entre el 2800-1800 BC, que estaría representado por el conjunto cerámico 01 y quizás algunas de las estructuras más próximas. Una segunda fase más reciente queda evidenciada a partir de la significativa presencia de *longhouse* y de un conjunto cerámico con características proprias de un momento avanzado de la Edad del Bronce. Con los datos actuales, esta segunda fase se podría situar hacia la segunda mitad del II milenio BC. En apoyo de esta atribución cronológica vienen las fechas (entre el 1880-1271 BC) del vecino yacimiento de fosas de Monte das Cabanas[35], en cuyo material cerámico observamos fuerte paralelismos con el Conjunto 02 de Coto dos Mosquitos.

4. ENCUADRAMIENTO ARQUEOLÓGICO REGIONAL DURANTE LA PREHISTORIA RECIENTE

El yacimiento de Coto dos Mosquitos se inscribe en un contexto geográfico en donde se reconoce una alta densidad de yacimientos de la Prehistoria reciente. Entre la costa sur de la ría de Vigo y la cuenca del río Louro, en todas las estribaciones montañosas observamos una variable densidad de túmulos megalíticos, estaciones de arte rupestre y diferentes tipos de yacimientos al aire libre o en cueva o abrigo de esta época (Fig. 6).

Un análisis geográfico rápido pone de manifiesto como el yacimiento habitacional de Coto dos Mosquitos se enmarca en una zona con una alta densidad de túmulos megalíticos[36] y a su vez contrasta con la virtual inexistencia de estaciones de arte rupestre. Esta circunstancia es ciertamente llamativa, cuando en el mismo ámbito regional se observan altas densidades de grabados rupestres en zonas como el Maúxo, Monte Castelo o Sierra do Galiñeiro, y con yacimientos en su entorno entre el Neolítico final y las postrimerías de la Edad del Bronce[37] (Figs. 6 y 7).

Analizando el contexto general de la fase de ocupación más antigua del yacimiento, asociado con materiales de tradición campaniformes, cabe señalar una importante presencia de enclaves próximos (Fig. 6) con muestras de estas producciones cerámicas, todos ellos con ejemplares de tipo marítimo. En contexto de aire libre destacan por su proximidad geográfica, a unos 500 metros en línea recta, el sitio de Entrepiñeiros[38], y un poco más alejado el sitio inédito de Pedra da Cruz. Ya en un ámbito más amplio se encuentran los enclaves de Chan da Seca[39], O Foxo[40] (Fig. 7: 8), O Cotiño-A Embargada,

[35] MARTÍN-SEIJO *et al*., 2017.
[36] PATIÑO GÓMEZ, 1986.
[37] COSTAS GOBERNA, GROBA GONZÁLEZ, 1994; MÉNDEZ-QUINTAS, 2005; GROBA GONZÁLEZ, MÉNDEZ-QUINTAS, 2008; VILAR PEDREIRA, MÉNDEZ-QUINTAS, 2010; MÉNDEZ-QUINTAS, *et al*., 2020; PEREIRA MARTÍNEZ, 2022.
[38] VÁZQUEZ COLLAZO, 1995.
[39] ABAD GALLEGO, 1997.
[40] VILAR PEDREIRA, MÉNDEZ-QUINTAS, 2010.

el entorno del túmulo de A Pasaxe, Cal de Outeiro[41] (Fig. 7: 5), Os Bermús[42], Chan de Prado[43] (Fig. 7: 4) o el algo más alejado de Gándaras de Budiño[44]. En contextos funerarios, cabe destacar los cercanos túmulos del Alto de San Cosme[45], Cotogrande[46] (Fig. 7: 7) y Rebullón[47], así como otros algo más alejados como el de Chan de Rapadouro[48] (Fig. 7: 9), o la interesante deposición de un recipiente de variedad lineal completo en la masa tumular de la mámoa n.º 6 de Chan de Prado[49] (Fig. 7: 3).

El contexto arqueológico regional para la fase de ocupación más reciente del yacimiento tiene numéricamente menos enclaves conocidos, pero con un volumen de información arqueológico algo mayor que la existente para la fase de ocupación anterior. Indudablemente, y como ya hemos comentado, el vecino yacimiento de fosas de Monte das Cabanas[50] representa el paralelo cronológico y arqueológico más estrecho (Fig. 7: 10). Ahora bien, en un ámbito más amplio cabe señalar los yacimientos en cueva de O Folón (Fig. 7: 6) y A Trapa[51], que aportan una gran cantidad de materiales cerámicos característicos de momentos avanzados de la Edad del Bronce en un contexto ocupacional de tipo ritual y/o funerario.

5. CONCLUSIONES

Los trabajos arqueológicos asociados al desarrollo de grandes iniciativas urbanísticas o de infraestructuras públicas o privadas se perfilen como una herramienta fundamental para conocer asentamientos al aire libre. Dado que esto yacimientos tienen grandes extensiones, no pueden ser abordados de forma generalizada en el contexto de proyectos de investigación arqueológica académica. Por tanto, la colaboración entre las empresas de arqueología y el sector académico, como en este caso, se perfila como una solución perfecta para profundizar científicamente en el conocimiento de estas realidades arqueológicas.

Los resultados preliminares del estudio del asentamiento al aire libre de Coto dos Mosquitos inciden en su riqueza y variedad estructural. Se trata de un yacimiento extenso y con cierta diacronía en la ocupación, con un evento campaniforme y otro de la Edad del Bronce.

Desde la óptica de los tipos de estructuras identificadas, al margen de las diferentes variantes morfológicas y en técnicas constructivas observadas, destaca la singularidad

[41] COSTAS GOBERNA, GROBA GONZÁLEZ, 1995.
[42] MÉNDEZ-QUINTAS, 2005; PEREIRA MARTÍNEZ, 2022.
[43] VILAR PEDREIRA, MÉNDEZ-QUINTAS, 2010.
[44] PRIETO MARTÍNEZ, 2011.
[45] PARCERO OUBIÑA, 1998.
[46] ABAD GALLEGO, 1992.
[47] VIDAL LOJO, 2011b.
[48] COSTAS GOBERNA *et al*., 1997.
[49] ABAD GALLEGO, RODRÍGUEZ PUENTES, TOMÁS BOTELLA, 1995; MÉNDEZ-QUINTAS, 2005.
[50] MARTÍN-SEIJO *et al*., 2017.
[51] GROBA GONZÁLEZ, MÉNDEZ-QUINTAS, 2008; MÉNDEZ-QUINTAS, *et al*., 2020.

de la identificación de un importante número de *longhouses*, que a su vez lo convierte en el yacimiento con mayor número de estas estructuras conocidas en el noroeste peninsular en la actualidad.

En el yacimiento se identifica con claridad una primera ocupación, con abundante cerámica campaniforme de tipo internacional, geométrico y con algún ejemplar de tipo Palmela/Ciempozuelos, que estaría datado en algún momento entre finales del III milenio y comienzos del II milenio BC. A esta primera ocupación le seguiría otra de mayor extensión espacial, y quizá duración temporal, a la cual se podrían achacar la mayor parte de las estructuras identificadas y especialmente las *longhouses*. A falta de los resultados de las dataciones de carbono-14, las características estructurales de las viviendas y del registro arqueológico asociado permiten situar con cierta precisión esta fase de ocupación a lo largo de la segunda mitad del II milenio BC.

En este sentido el yacimiento de Coto dos Mosquitos debe convertirse en un enclave de referencia, en lo que respecta a la variabilidad constructiva de las comunidades de la Edad del Bronce en el noroeste. A su vez el yacimiento se inserta en una región también de referencia, con una alta densidad de yacimientos, cuya investigación puede aportar importantes claves para comprender las dinámicas poblacionales y culturales de las sociedades neolíticas y de la Edad del Bronce de noroeste ibérico.

AGRADECIMIENTOS

Queremos expresar nuestro más sincero agradecimiento al R.C. Celta de Vigo, en la persona de Carlos Mouriño, Julio Vargas y Carlos Cao, así como a Irisarri+ Piñera (arquitectos) y Javier Rivas (Otima) y, por su ayuda y apoyo constante durante todos los trabajos. A todos los integrantes del equipo de excavación del yacimiento: Aaron Barreira, Abigail Monroy, Antía del Rio, Araceli Pérez, Cristian Lorenzo, David Fiestras, Dolores Álvarez, Eugenio Cortegoso, Jose Moreno, Nerea Vilariño, Martxas, Maria Jesús Iglesias, Mercedes Rodríguez, Mikel Díaz, Sara Covelo, Susana Goyanes, Oscar Araujo, Pablo García y Romina Davila que, bajo las condiciones meteorológicas más extremas, han ejecutado exitosamente los trabajos excavación. Finalmente, E. Méndez-Quintas es investigador postdoctoral de Xunta de Galicia-Modalidad B (ED481D-2022/023).

BIBLIOGRAFÍA

ABAD GALLEGO, Xoán Carlos (1992). *Balance de las actuaciones arqueológicas llevadas a cabo en la necrópolis megalítica de Cotogrande (Cabral): (Campañas de 1989-1992).* «Castrelos». 5-6, 7-28.

ABAD GALLEGO, Xoán Carlos (1997). *Chan da Seca (Valadares). O primeiro xacemento campaniforme localizado no concello de Vigo.* «Boletín del Instituto de Estudios Vigueses». 3, 205-219.

ABAD GALLEGO, Xoán Carlos; RODRÍGUEZ PUENTES, Eugenio, TOMÁS BOTELLA, Victor (1995). *La excavación de la mámoa n.º 6 de Chan de Prado (Gondomar).* «Revista de Ciências Históricas da Universidade Portucalense». 10, 7-35.

ABOAL FERNÁNDEZ, Roberto *et al*. (2005). *Yacimientos sin estratigrafía: Devesa do Rei, ¿un sitio cultual de la Prehistoria Reciente y la Protohistoria de Galicia? «*Trabajos de Prehistoria». 62, 165-180.

BETTENCOURT, Ana Maria (2009). *A Pré-história do Minho. Do Neolítico à Idade do Bronze*. In PEREIRA, Paulo, *coord*. *Minho. Traços de Identidade.* Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, pp. 70-113.

BETTENCOURT, Ana Maria (2010). *La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias*. «Trabajos de Prehistoria». 67:1, 139-173.

BETTENCOURT, Ana Maria (2013). *A Pré-História do Noroeste Português/The Prehistory of the North--western Portugal.* Braga: CITCEM; Tomar: CEIPHAR. (Territórios da Pré-História em Portugal; 2/Arkeos; 36).

BETTENCOURT, Ana Maria; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; PEÑA SANTOS, António (2005). *Calcolítico e Idade do Bronce*. In PULGAR SABÍN, Carlos; HIDALGO CUÑARRO, José Manuel, *eds*. *Arte y cultura de Galicia e Norte de Portugal*. Arqueoloxía, Vigo, Nova Galicia Edicions, vol. I, pp. 117-206.

BETTENCOURT, Ana Maria; SAMPAIO, Hugo Aluai (2017). *The Middle and the beginning of the Late Bronze Age in the North-western Iberian Peninsula*. In LACHENAL, Thibaul *et al*., *eds*. *Le Bronze moyen et l'origine du Bronze final en Europe occidentale, e la Mer du Nord à la Méditerranée (XVII^e^-XIII^e^ siècle avant notre ère).* Strasbourg: Mémoires d'Archéologie du Grand-Est 1, pp. 363-384.

BETTENCOURT, Ana Maria; SANCHES, Maria de Jesus (1998). *Algumas questões sobre a Idade do Bronze do Norte de Portugal*. In FÁBREGAS VALCARCE, Ramón, *ed*. *A Idade do Bronze en Galicia. Novas perspectivas*. A Coruña: Ediciós do Castro, pp. 13-45. (Cadernos do Seminário de Sargadelos, 77).

BÓVEDA FERNÁNDEZ, María José (2010). *Intervención arqueolóxica de urxencia na zona do túnel do Agro de Bazar, Dornelas, Silleda (Pontevedra).* In *Actuacións Arqueolóxicas. Ano 2008*. Xunta de Galicia: Consellería de Cultura e Turismo, Dirección Xeral de Patrimonio Cultural, pp. 246-247.

CARBALLO ARCEO, Luis Xúlio *et al*. (1998). *Dos nuevos yacimientos con cerámica tipo Penha en el Valle del Miño.* «Zephyrus». 51, 87-110.

CARRERO PAZOS, Miguel (2017). *El fenómeno tumular y megalítico en Galicia aportaciones desde los sistemas de información geográfica y la estadística espacial para el estudio de los patrones de localización.* Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Tesis doctoral.

COSTAS GOBERNA, José Bernardino *et al*. (1997). *Os primeiros campesiños*. In *Clube Espeleolóxico Maúxo, ed. Historia de Chandebrito*. Nigrán: Concello de Nigrán, pp. 55-81.

COSTAS GOBERNA, José Bernardino; GROBA GONZÁLEZ, Xavier (1994). *Os petroglifos do Maúxo (Vigo e Nigrán).* «El Museo de Pontevedra». 48, 127-232.

COSTAS GOBERNA, José Bernardino; GROBA GONZÁLEZ, Xavier (1995). *La transición hacia la Edad del Bronce en el Municipio de Vigo (Galicia). Asentamientos inéditos del Maúxo y su contexto. Actas del XXIII Congreso Nacional de Arqueología.* Elche, Vol. 1, pp. 100-102.

CRIADO BOADO, Felipe *et al*., *eds*. (2016). *Atlas arqueolóxico da paisaxe galega*. Vigo: Xerais.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2010). *Os petróglifos e o seu contexto. Un exemplo da Galicia meridional*. Vigo: Instituto de Estudios Vigueses.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; BONILLA RODRÍGUEZ, Andrés; CÉSAR VILA, Mário (2007). *Monte dos Remedios (Moaña, Pontevedra). Un asentamiento de la prehistoria reciente*. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; VILASECO VÁZQUEZ, Xosé Ignacio (2004). *El megalitismo gallego a inicios del siglo XXI*. «Mainake». XXVI, 63-87.

GÓMEZ FERNÁNDEZ, Antolín *et al*. (2004). *Nuevos datos sobre cerámica «Penha» en el Sur de Galicia*. «Sautuola: Revista del Instituto de Prehistoria y Arqueología Sautuola». 10, 17-34.

GONZÁLEZ INSUA, Félix (2017). *Paisaje doméstico y complejidad social en la prehistoria reciente del noroeste ibérico.* Vigo: Universidade de Vigo. Tesis doctoral.

GORGOSO LÓPEZ, Lino; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; ACUÑA PIÑEIRO, Ángel (2011). *Desmontando la Mesa de Montes (Cangas do Morrazo, Pontevedra). Aproximación arqueohistórica a un asentamiento calcolítico en altura*. «Zephyrus». 67, 111-128.

GROBA GONZÁLEZ, Xavier; MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo (2008). *Human occupations during recent prehistory in the granite caves of the western coast of Galicia*. «Cadernos do Laboratorio Xeolóxico de Laxe». 33, 115-126.

LIMA OLIVEIRA, Elena (2000). *La arqueología en la gasificación de Galicia 12: Intervenciones en yacimientos prehistóricos.* Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. (TAPA: Trabajos en Arqueología del Paisaje; 16).

MARTÍN-SEIJO, María *et al*. (2011). *A floresta e o mato. Exemplos da exploração dos recursos lenhosos pelas comunidades da Idade do Bronze Inicial e Médio do Noroeste de Portugal*. In TERESO, João *et al*., *eds*. *Florestas do Norte de Portugal. História, Ecologia e Desafios de Gestão*. Porto: InBio Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, pp. 85-98.

MARTÍN-SEIJO, María *et al*. (2012). *Firewood and timber exploitation during the third and second millennia BC in the Northwestern Iberia: wooden resources, territories and chaîne opératoire*. In ALMEIDA, António Campar, *eds*. *Environmental Changesand Human Interaction Along the Western Atlantic Edge*. Coimbra, pp. 115-135.

MARTÍN-SEIJO, María *et al*. (2017). *Disentangling the life-cycles of Bronze Age pits: A multi-stranded approach, integrating ceramic refitting, archaeobotany and taphonomy*. «Journal of Archaeological Science: Reports». 12, 528-542. DOI: 10.1016/j.jasrep.2017.02.024.

MÉNDEZ FERNÁNDEZ, Fidel (1994). *La domesticación del paisaje durante la Edad del Bronce gallego*. «Trabajos de Prehistoria». 51, 77-94.

MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo (2005). *Cavidades entre a Idade do Bronce e o Paleolítico.* In CLUB ESPELEOLÓXICO MAÚXO. *As Covas de Vincios.* Vigo: Comunidade de Montes Veciñais en Man Común de Vincios, pp. 189-210.

MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo *et al*. (2020). *O xacemento das Covas da Trapa (Monte Aloia, Galicia) como exemplo de continuidade de ocupación durante o Neolítico Final e a Idade do Bronce no NW da Península Ibérica*. «Cuadernos de estudios gallegos». 67:133, 15-43.

NODAR NODAR, Cristóbal; VIDAL CAEIRO, Lorena (2016). *Excavación Arqueológica en área en los yacimientos de Vilamerelle (Pks 0+000-0+650) y A Fontenla (Pks 0-020-0-280). Parroquia de San Xulián de Camiño, ayuntamiento de Palas de Rei (Lugo).* Santiago de Compostela: Consellería de Cultura, Educación e Ordenación Universitaria, Xunta de Galicia.

PARCERO OUBIÑA, César (1998). *La Arqueología en la Gasificación de Galicia 3: Excavación del Túmulo n.º 3 del Alto de San Cosme.* Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 1-32. (TAPA: Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio; 5).

PARCERO OUBIÑA, César; CRIADO BOADO, Felipe (2013). *Social change, social resistance: a long-term approach to the process of transformation of social lanscapes in the Northwest Iberian Peninsula*. In CRUZ BERROCAL, María; GARCÍA SANJUÁN, Leonardo; GILMAN GUILLÉN, Antonio, *coords*. *The Prehistory of Iberia. Debating early social stratification and the State.* New York: Routledge, pp. 249-266.

PATIÑO GÓMEZ, Ramón (1986). *La cultura megalítica en el valle del Fragoso.* «Pontevedra Arqueológica». II, 17-40.

PEREIRA MARTÍNEZ, Xurxo (2022). *Las representaciones de armamento en el noroeste peninsular. (Re)visitando el yacimiento de Agua da laxe (Pontevedra, Galicia)*. In SANCHES, Maria de Jesus; BARBOSA, Maria Helena; TEIXEIRA, Joana Castro, *eds*. *Romper Fronteiras, Atravessar Territórios. Identidades e Intercâmbios durante a Pré-história Recente no interior norte da Península Ibérica.* Porto: CITCEM, pp. 341-364.

PRIETO MARTÍNEZ, Pilar (2011). *El campaniforme internacional de As Gándaras de Budiño (O Porriño, Pontevedra).* In PRIETO MARTÍNEZ, Pilar; SALANOVA, Laure, *coords*. *Las comunidades campaniformes en Galicia: cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica = Bell beaker communities in Galicia: social changes in the Third and Second Millennia BC in the Northwest Iberian Peninsula.* Pontevedra: Deputación Provincial de Pontevedra, pp. 39-45.

PRIETO MARTÍNEZ, Pilar (2017). *La Edad de los metales: Hacia la consolidación de la complejidad social desde inicios del III milenio a mediados del II milenio BC.* In LÓPEZ GARCÍA, Pilar, *coord*. *La prehistoria en la Península Ibérica*. Madrid: Istmo, pp. 539-646.

PRIETO MARTÍNEZ, Pilar (2019a). *Settlement in the north-west Iberian peninsula in the 3rd and 2nd millennia BC*. In GIBSON, Alex, *ed*. *Bell Beaker settlements in Europe. The Bell Beaker phenomenon from a domestic perspectives*. Oxford: Oxbow Books, pp. 25-43. (Prehistoric Society Research Paper; 9).

PRIETO MARTÍNEZ, Pilar (2019b). *El significado social, simbólico e identitario de la tecnología cerámica. El ejemplo del campaniforme.* In DELIBES DE CASTRO, Germán; GUERRA-DOCE, Elisa, *eds*. *¡Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a. C.).* Madrid: Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, vol. 1, pp. 365-387.

PRIETO MARTÍNEZ, Pilar; DÍAZ-RODRÍGUEZ, Mikel (2016). *Settlements and Houses in Galicia in the Middle and Late Bronze Age*. In COIMBRA, Fernando; DELFINO, Davide, *eds*. *Late Prehistory and Protohistory: Bronze Age and Iron Age*. Oxford: Archaeopress, pp. 103-125.

PRIETO MARTÍNEZ, Pilar *et al*. (2012). *Galicia*. In ROJO GUERRA, Manolo; GARRIDO PENA, Rafael; MARTÍNEZ DE LAGRÁN, Iñigo García, *coords*. *El Neolítico en la Península Ibérica y su contexto europeo*. Madrid: Cátedra, pp. 213-253.

RODRÍGUEZ CASAL, Antón; ROMANÍ FARIÑA, Emiliana (2015). *El Megalitismo de Galicia una visión de síntesis tras dos décadas de investigación.* «Férvedes: Revista de investigación». 8, 143-151.

SANCHES, Maria de Jesus; BARBOSA, Maria Helena (2018). *Campaniforme: chronology, pottery, and contexts of a long term phenomenon in the Portuguese Douro Basin*. «Journal of Neolithic Archaeology». 20, 23-58. DOI: 10.12766/jna.2018S.3.

VÁZQUEZ COLLAZO, Santiago (1995). *Un espacio entre túmulos: sondeo de Entrepiñeiro (Mós). Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología: Vigo 1993*. Vigo: Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo, pp. 381-386.

VÁZQUEZ-LIZ, Pablo; PRIETO MARTÍNEZ, Pilar; NUÑEZ JATO, Juan (2015). *El pasado olvidado: el sitio del II y I milenio BC de Pena Fita (Adai, Lugo) en el contexto de las longhouses del NW peninsular.* «Gallaecia». 34, 9-56.

VIDAL LOJO, Miguel (2010). *Sondeos arqueológicos manuales entre los pp.kk. 106+058 y 106+479, en el entorno del yacimiento de O Castro (GA27028145),* A Casilla, Lugo. Santiago de Compostela: Consellería de Cultura e Turismo, Xunta de Galicia.

VIDAL LOJO, Miguel (2011a). *O Fuxiño: un asentamiento de la Edad del Bronce con campaniforme*. In PRIETO MARTÍNEZ, Pilar; SALANOVA, Laure, *coords*. *Las Comunidades Campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica = Bell beaker communities in Galicia: social changes in the Third and Second Millennia BC in the Northwest Iberian Peninsula*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, pp. 31-38.

VIDAL LOJO, Miguel (2011b). *Mámoa 4 de O Rebullón (Mos, Pontevedra): Estructura tumular tardía con cerámica campaniforme*. In PRIETO MARTÍNEZ, Pilar; SALANOVA, Laure, *coords*. *Las Comunidades Campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica = Bell beaker communities in Galicia: social changes in the Third and Second Millennia BC in the Northwest Iberian Peninsula*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, pp. 95-100.

VIEIRA, Alexandra (2014). *Alguns dados para o estudo da Idade do Bronze do Norte de Portugal*. In SOARES, Susana Lopes, *coord. A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: Instituto Politécnico, pp. 52-102.

VILAR PEDREIRA, Xosé Lois; MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo (2010). *Memoria da prospección da área meridional da Serra do Galiñeiro*. Exp. Arqueoloxía: 02.P.576 2010.001. Código SXPA CT 102A 2010/293-0.

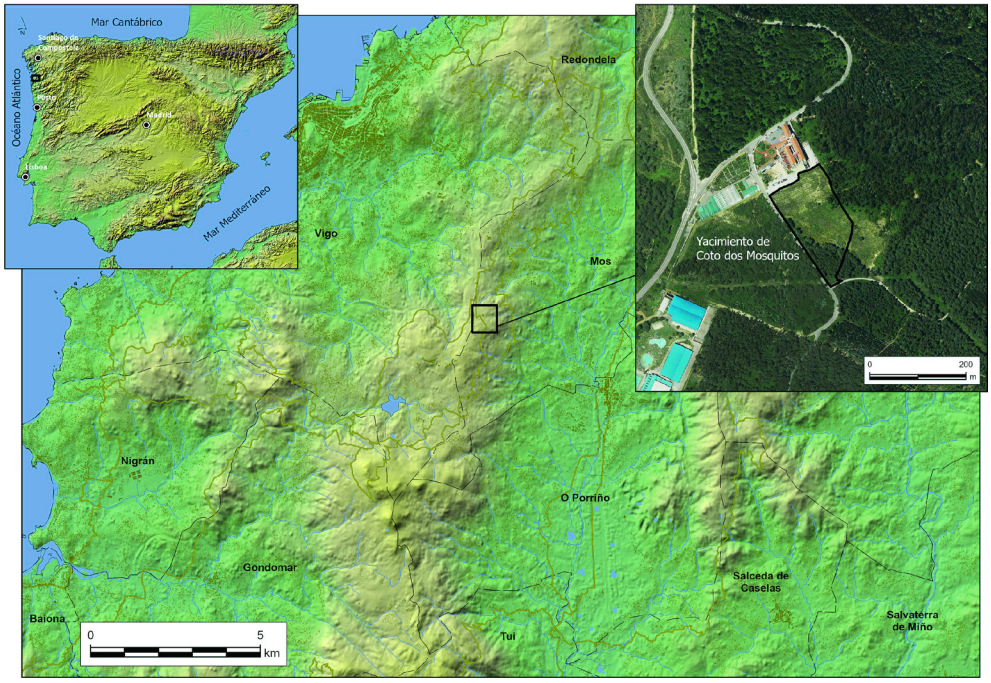


Fig. 1. Mapa de localización general del yacimiento de Coto dos Mosquitos (Mos, Pontevedra)

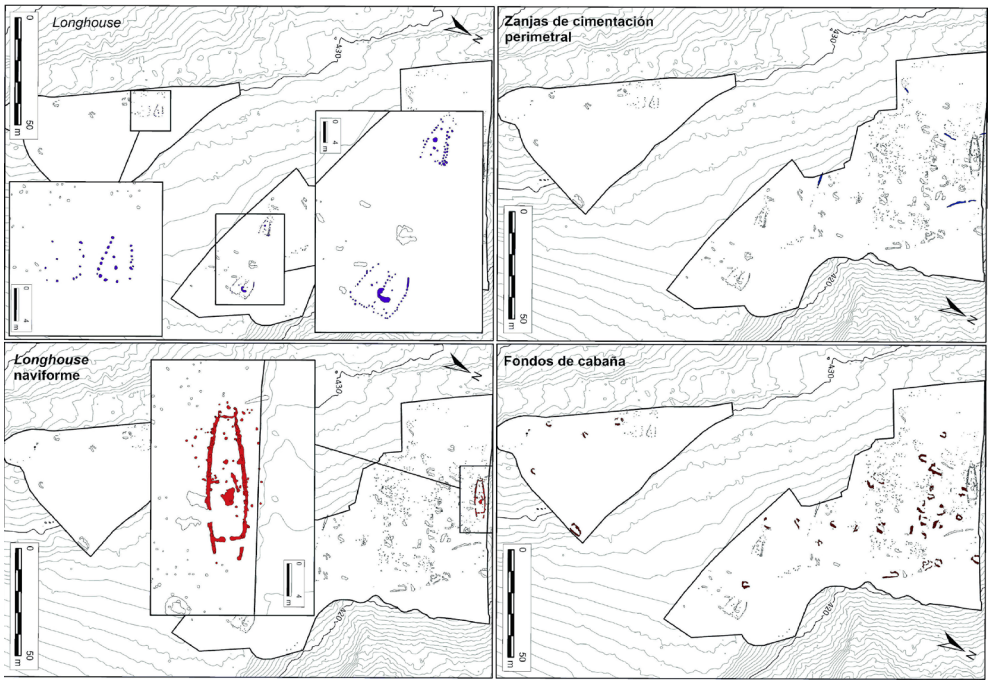


Fig. 2. Planimetría del yacimiento con los diferentes tipos de estructuras identificadas

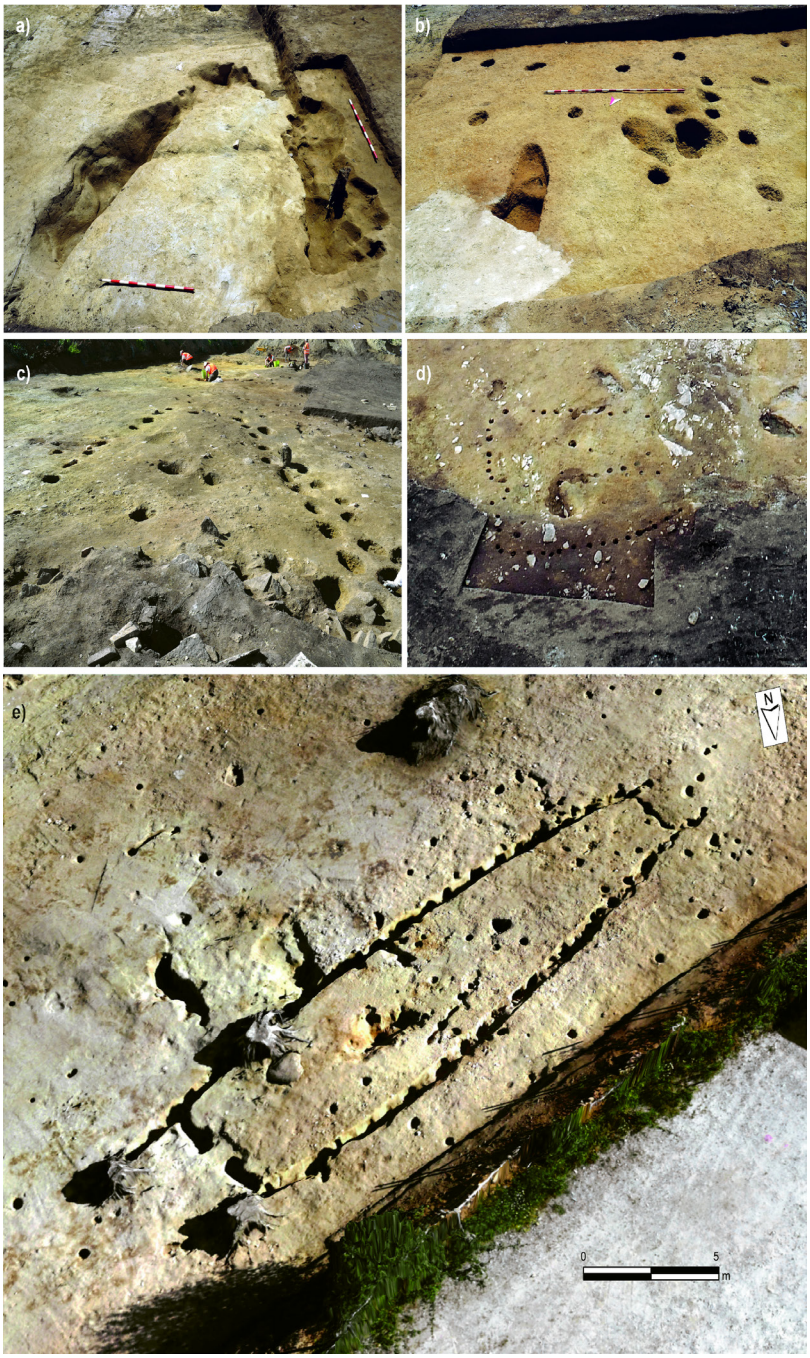


Fig. 3. Fotografía de algunas de las estructuras localizadas en el yacimiento: fondo de cabaña con cimentación de zanja continua (a); ejemplo de acumulación de agujeros de poste (b); ejemplos de estructuras tipo *longhouse* (c-d); vista lateral de la *longhouse* de tipo barquiforme (e)

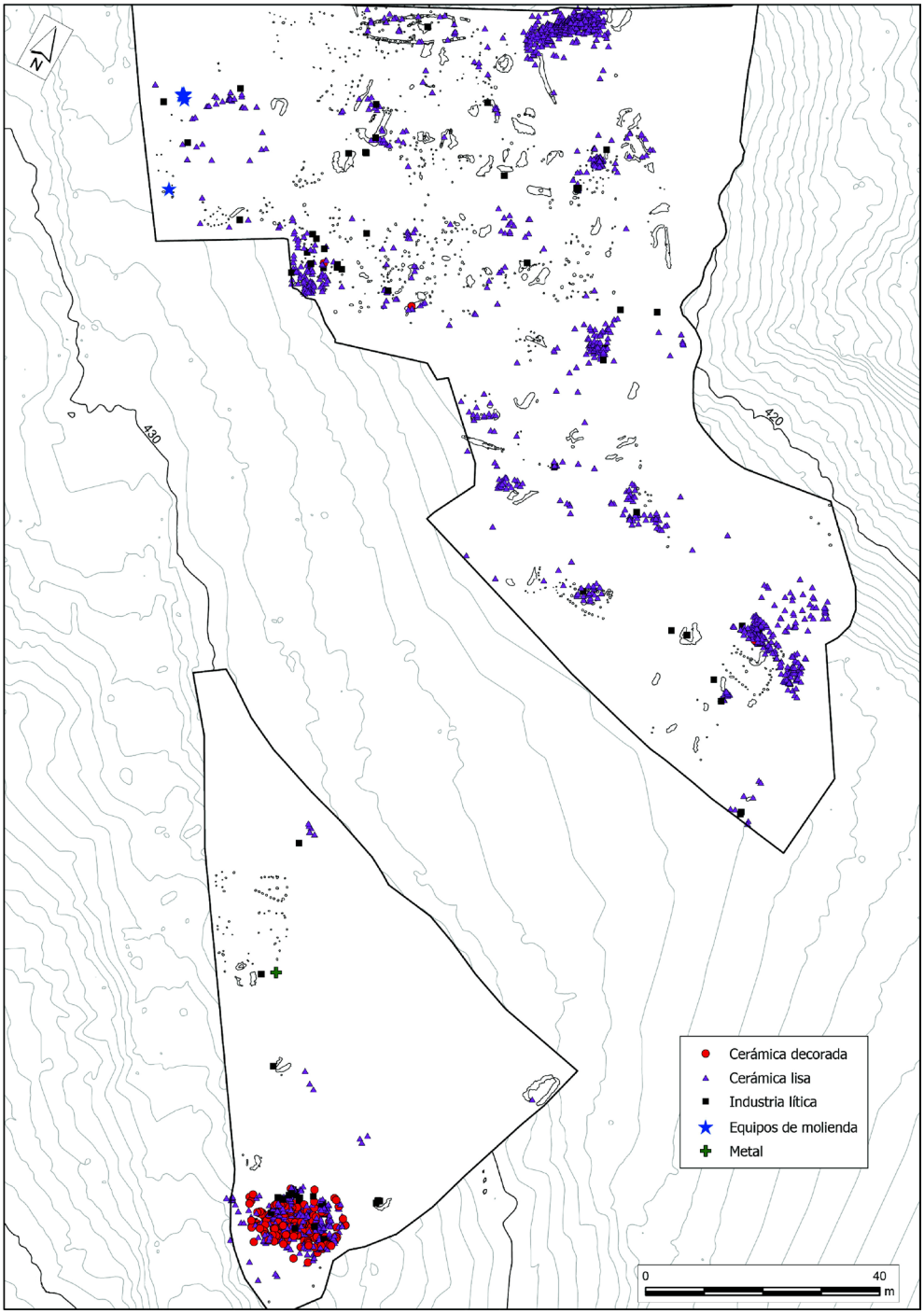


Fig. 4. Distribución espacial de las principales categorías de materiales arqueológicos

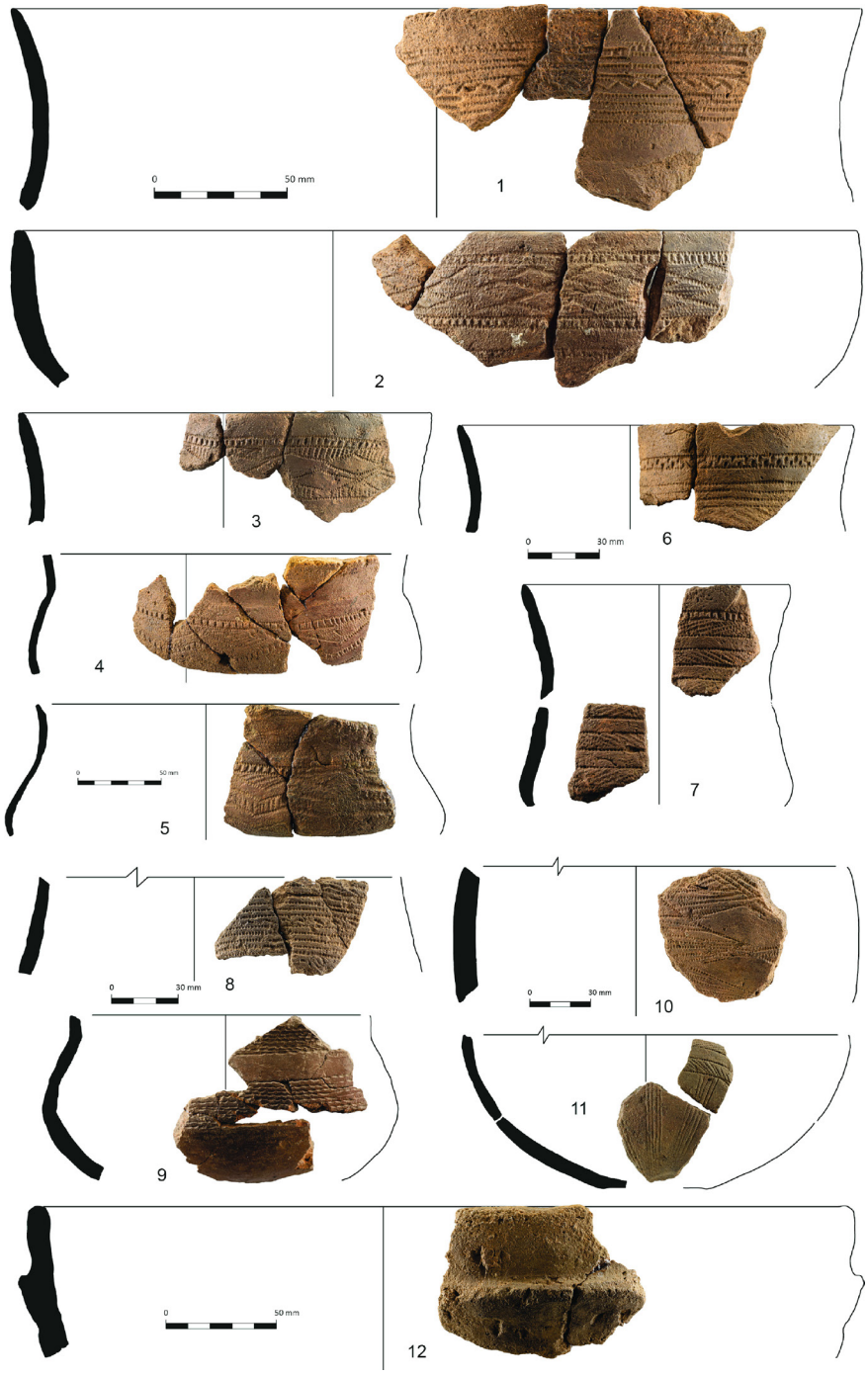


Fig. 5. Ejemplos de materiales cerámicos del yacimiento: cerámicas con decoración campaniforme del Conjunto 01 (1-8 y 10-11) y del Conjunto 02 (9 y 12)

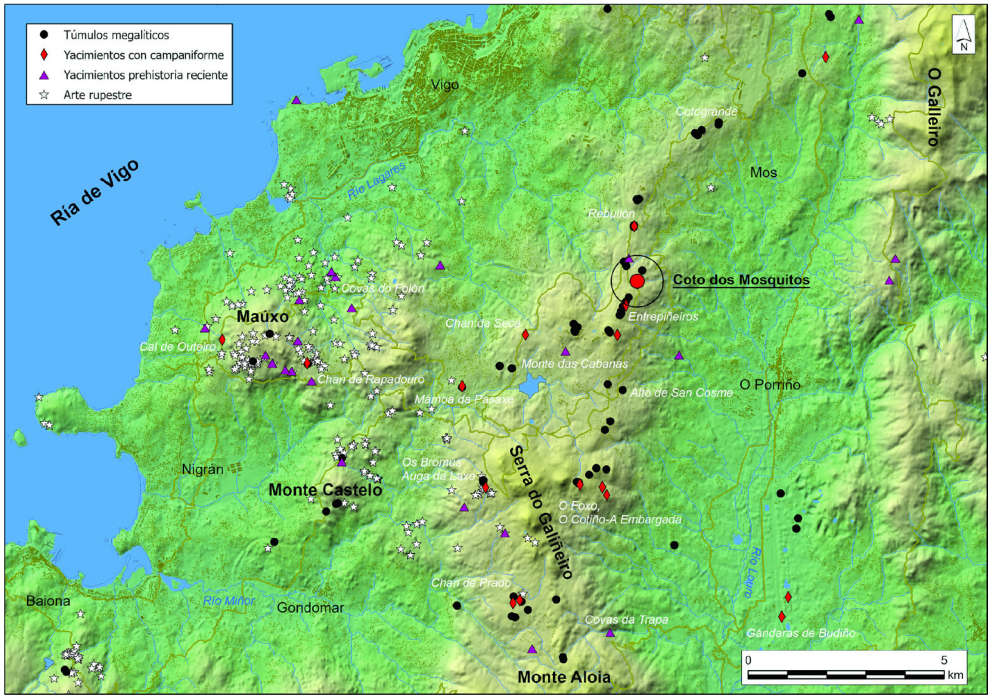


Fig. 6. Distribución de los diferentes tipos de yacimientos de la Prehistoria reciente en el entorno del yacimiento de Coto dos Mosquitos

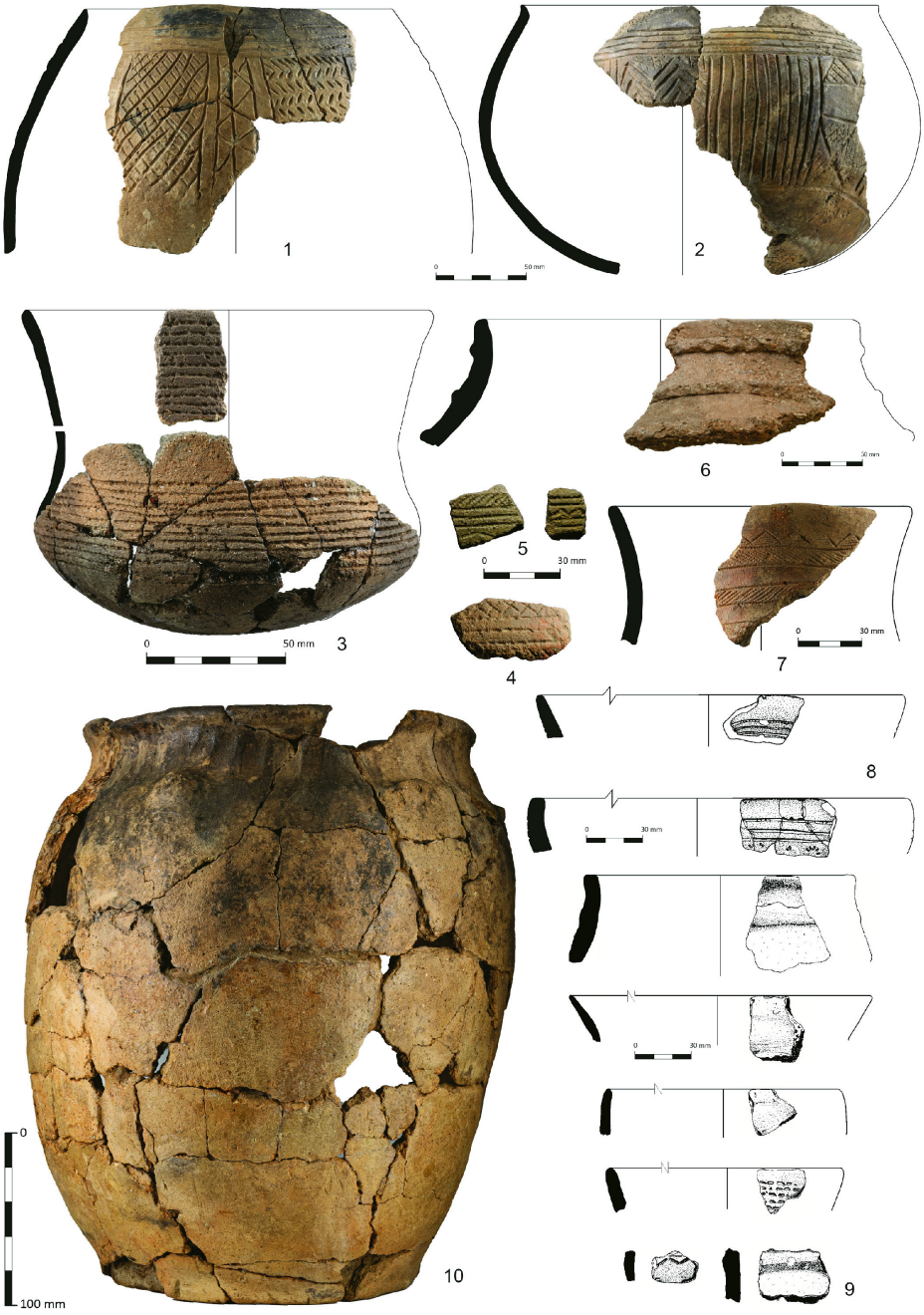


Fig. 7. Algunos ejemplos de materiales cerámicos de yacimientos próximos a Coto dos Mosquitos. Cerámicas inciso-metopadas tipo «Penha» del túmulo n.º 5 de Cotogrande (1) y O Folón (2). Cerámicas con decoración campaniforme de la mámoa n.º 6 de Chan de Prado (3), Chan de Prado (4), Cal de Outeiro (5), túmulo n.º 5 de Cotogrande (7), O Foxo (8) y Chan de Rapadouro (9). Cerámicas del Bronce Medio/Final de O Folón (6) y Monte das Cabanas (10)

O(S) FOSSO(S) DO SÍTIO DO CORGO, AZURARA, VILA DO CONDE. PROBLEMÁTICAS DA SUA CONTEXTUALIZAÇÃO ESTRATIGRÁFICA E CRONOLÓGICA*

IVA JOÃO TELES MORAIS BOTELHO**

Abstract: *Sítio do Corgo was discovered during the watching brief of Metro do Porto works in Azurara, Vila do Conde. It was known the possibility of recognizing the Late Roman, Early Medieval foundation of Azurara, the Pinitellus vicus. But it was revealed a Bronze age negative structure's settlement (radiocarbon dated), although probably having been occupied from the Chalcolithic Era.*
This paper is focused on: (i) to present the singular stratification of this settlement in several layers; (ii) to call attention to the ablation phenomenon at this kind of archeological sites; and (iii) to attend on the presence of a specific structure — the great ditch (Ditch IA) — and its reopen afterwards (Ditch IB) and refilling in by historical times. We call attention to the ablation phenomenon as the long durée of the place which shall explain the history of the ditch(es) and to the recent urban pressure over the place.

Keywords: *Rescue archaeology; Bronze Age; Crop mark sites*.

Resumo: *O Sítio do Corgo (Azurara, Vila do Conde) foi descoberto no acompanhamento arqueológico da obra do Metro do Porto. Já era indiciado no local a fundação tardorromana/altimedieval de Azurara, o* vicus *de Pinitellus. O achado revelaria, principalmente, ocupação na Idade do Bronze Médio, confirmada por carbono-14, possivelmente, remontante ao Calcolítico. O artigo foca-se (i) na discussão da peculiar estratificação pré-histórica com várias camadas sedimentares; na (ii) atenção dada à presença de fenómeno ablativo extensivo; e (iii) na leitura cronoestratigráfica do fosso que permitiu distinguir, naquele, duas fases de abertura/uso: o Fosso IA, situado no século XV a. C., e o Fosso IB, tardorromano; e, (iv) serve ainda o propósito de publicar três datas de radiocarbono. Chama-se ainda a atenção para o fenómeno ablativo como* long durée *que explicará a dificuldade de contextualização do(s) fosso(s), alertando para as ameaças urbanísticas que se fazem sentir no presente.*

Palavras-chave: *Arqueologia preventiva; Idade do Bronze; Jazidas em negativo*.

1. INTRODUÇÃO

O Sítio do Corgo (Azurara, Vila do Conde) foi identificado em contexto do acompanhamento arqueológico da obra[1] da linha da Póvoa do Metro do Porto (para efeitos de exploração do serviço, a Linha B), nos idos de fevereiro de 2005. O achado, compreendendo cerâmica manual e pesos de rede sobre seixos lascados em associação com *tegullae* e cerâmica a torno, no conjunto, permitia-se indiciar a relação do sítio à fundação altimedieval

* Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence à autora deste texto.
** Metro, Porto, S.A.
[1] Medida ditada pelo licenciamento no âmbito do procedimento de AIA n.º 880, a que se refere também o processo do IPA 2002/1(171).

de Azurara, o povoado de Pinitellus, cuja localização, algures por ali, era apontada pela Câmara Municipal de Vila do Conde.

Poucos dias depois[2], a mesma ação de acompanhamento revelaria um outro sítio arqueológico a cerca de 1,5 quilómetros para sul, no lugar da Quintã, em Árvore, neste caso, devido à deteção de material romano.

No imediato, os locais foram alvo de escavação arqueológica de emergência[3] na área afeta à obra e na *interface* deixada pelas movimentações de solos já ocorridas. Os resultados científicos, ainda que limitados, revelariam, tanto em Árvore como em Azurara, estruturas dominantemente negativas, sendo possível que, ante a natureza do material arqueológico e das suas proporções, se esteja na presença de um mesmo sítio, ou de uma alargada área sistematicamente ocupada. Mas na Quintã, dominavam estruturas com enchimentos tardorromanos/altimedievais e, residualmente, observava-se ocupação da Idade do Bronze; no Corgo, estruturas com enchimentos de espólios dominantemente manuais, indiciando, à jazida, cronologia dentro da Idade do Bronze, não se percebendo, porém, a origem dos materiais de fabrico romano[4].

A construção de uma estrada — a rua Variante do Corgo, visando suprimir a passagem de nível do Corgo — obrigaria a escavação arqueológica prévia numa área[5] de seis mil metros quadrados. Foi, então, possível obter resultados mais ricos que confirmavam a ocupação pré-histórica do local e esclareciam a procedência dos materiais mais recentes em deposição contígua.

Com este artigo, não é tanto objetivo propor qualquer nova visão acerca das problemáticas que se abatem sobre estes sítios dissimulados na paisagem que, com alguma frequência, vêm sendo revelados por obras; designadamente, não é sequer objetivo refletir sobre o fenómeno ablativo que, mais do que o acumulativo/deposicional, subjaz a estas estratificações. É-o, sim, expor factos quanto à identificação e contextualização cronológica de específico(s) e singular(es) negativo(s) — o(s) [dois] Fosso(s) I (IA e IB), identificado(s) e registados nos referidos trabalhos. Mas, nos dois fossos, temos também a convergência no espaço das duas ocupações cronológica-culturais distintas identificadas; e aí, o sublinhar da necessidade de uma maior atenção à geomorfologia e, particularmente, à micromorfologia no estudo e na decifração destes sítios.

---

[2] Sítios identificados por Anabela Pereira de Sá, ao serviço da Arqueohoje, Lda., corresponsável pelo acompanhamento com a signatária, pela Metro do Porto, S.A.

[3] Respetivamente enquadradas pela MP/Arqueohoje, Lda., Trabalhos MP-AZR02.05, da Responsabilidade Científica de Iva Botelho, arqueóloga da Metro do Porto, coadjuvada por Pedro Sobral, da Arqueohoje, Lda.; e pela MP/Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Lda. (Trabalhos MP-ARV01.05, da corresponsabilidade científica de Iva Botelho, arqueóloga da Metro do Porto, com Liliana Barbosa, arqueóloga da Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Lda.).

[4] BOTELHO, BORGES, 2008.

[5] Foram realizadas duas intervenções enquadradas pela MP/Novarqueologia, Lda. sob a corresponsabilidade científica de Iva Botelho, pela Metro do Porto, com, pela Novarqueologia, Sérgio Gomes, na campanha MP.AZR03.07, e Susana Borges, nas campanhas MP-AZR04.07-08 e MP-AZR05.08-09. BOTELHO, BORGES, 2008.

E depois, da parte da autora, é objetivo deixar o sítio à reflexão e *superior* cuidado da comunidade científica.

2. O SÍTIO DO CORGO

2.1. Enquadramento geográfico e geomorfológico

O Sítio do Corgo localiza-se no lugar do Souto da Freguesia de Azurara (Vila do Conde, Porto) e encontra-se referenciado às coordenadas geográficas 41º20'43"N e 8º43'34",29W Greenwich[6]. A Carta Geológica de Portugal[7] inscreve o local em «região de relevos fracos, cortada por muitas linhas de água, na maior parte tributárias do rio». O documento implanta-o também em zona de contacto entre um complexo xisto-granítico-migmatítico (Xyz) e um nível de praia antiga Plio-Plistocénica (Q3), que se lhe sobrepõe e se materializa em depósito sedimentar de composição siltosa, com tonalidade entre o alaranjado e o amarelado. Topograficamente, o espaço intervencionado desenvolve-se a cotas médias que variam entre os 25 metros, 32 metros e 35 metros acima do nível do mar, numa cumeada aplanada com orientação NO-SE, na margem esquerda do rio Ave.

No que respeita à geografia humana, o local é ocupado pela prática agrícola e, marginalmente, florestal e urbana: o sítio estende-se por área cortada a leste pela antiga linha ferroviária da Póvoa, e, agora, Linha B do SMLAMP, e pela estrada municipal do Corgo, e é bordejado, a norte, pelo arruamento urbanizado com habitações unifamiliares com logradouros.

2.2. Caracterização sumária

Os trabalhos de diagnóstico realizados, todos no quadro da Arqueologia de Categoria C e D segundo Anexo I do decreto-lei n.º 270/99, de 15 de julho, decorreram, primeiramente, da escavação subsequente ao acompanhamento arqueológico da obra em 2005, do rasgo sul/norte para alargamento e ripagem para poente do canal ferroviário primitivo; e foram, depois, continuados pela escavação arqueológica prévia à construção do arruamento, num corredor com cerca de quinhentos metros de extensão no sentido leste/oeste, delimitado pela área de projeto da nova estrada.

Atendendo ao seu desenvolvimento no espaço de nascente para poente, a intervenção arqueológica cortou eucaliptal em encosta sobranceira à Ribeira do Corgo e, depois do cruzamento aproximadamente norte-sul da estrada municipal e do canal ferroviário paralelo, atravessou parcela agrícola, infletindo em curva para NO, ao P.K. 0+300, e atravessando baldio sobranceiro, a nascente, à parcela agrícola e, a poente, à costa (Fig. 1 — fotografia aérea, 2007).

---

[6] SERVIÇO CARTOGRÁFICO DO EXÉRCITO, 1981.

[7] *Carta Geológica de Portugal*, escala 1/50 000, nota explicativa da folha 9-A, Lisboa, 1965, p. 7.

O sítio configura jazida em negativo com diacronia plurissecular descontinuada, ainda que acusando estratificações no espaço *quase* mutuamente exclusivas: regredindo no tempo, a de *fácies*, a ocupação tardorromana/altimedieval foi identificada no extremo poente; a da Idade do Bronze, a nascente da ordenada 178 (dos trabalhos MP-AZR04.07-08). De *comum*, as ocupações partilham terem chegado ao presente testemunhadas apenas por estruturas em negativo, sejam estas buracos de poste, fossas ou valados, para além, então, dos Fossos IA e IB identificados no extremo nascente, no canal ferroviário e no eucaliptal; de *singular*, a conservação de uma estratificação da ocupação pré-histórica em várias camadas, pese embora a predominância total dos negativos exumados já no substrato natural imediatamente sobreposto por formações agrícolas; de *especial*, a enorme suscetibilidade ambiental dos contrastes cromáticos desta deposição quer à luz quer à humidade, dificultando a perceção das *interfaces* na estratificação, por vezes, já de si difusas por razões geomorfológicas[8].

Por tudo isto, e rematando a caracterização e o diagnóstico do sítio, importa sublinhar que, exceção feita para a signatária, a perceção e registo dos Fossos IA e IB foi efetuado por duas equipas totalmente diferenciadas — em 2005, por a equipa reunida pela Arqueohoje, Lda., e, em 2008, por a equipa reunida pela Novarqueologia, Lda.

Atravessando o canal ferroviário/de metro, a sua progressão espacial insinuava um arco que delimitava por sul o espaço intervencionado.

2.3. Opções metodológicas (e estratégicas)

Porque toda a deposição antrópica é *única*[9]; mas, por isso mesmo, não há porque subscrever qualquer aceitação/promoção de metodologia universal; e porque à ciência lhe é fatal a obsolescência das metodologias de cada momento pelo transcorrer do tempo, fará *sempre* sentido deixar apontamentos, ainda que breves, sobre as metodologias usadas.

No Corgo, a questão torna-se igualmente pertinente por aquilo que o individualizará entre os demais congéneres: enquanto jazida em negativo, nele — por um lado, pela topografia/geografia atravessada, por outro, pela extensão dos trabalhos — foi identificada estratificação em várias camadas, designadamente pré-históricas, acusando, porém, descontinuidade espacial justificada por causalidade múltipla.

Posto isto, em 2005, a metodologia no acompanhamento arqueológico da obra ferroviária assentou na observação dos cortes quer verticais quer horizontais; observação essa acompanhada de registo fotográfico e referenciação por *complexos* (conceito dirigido à assunção do diagnóstico de uma decapagem arbitrária), a par com o vasculhar das terras soltas da escavação mecânica, para identificação e recolha de espólio[10].

[8] BOTELHO, BORGES, 2008; BOTELHO, 2016.
[9] HARRIS, 1989: 118-119.
[10] BOTELHO, 2016: 121.

Já a obra rodoviária foi primeiramente sujeita a escavação arqueológica entre 2007 e 2008. Como estratégia, no corredor leste-oeste, foi adotada a segmentação da área por testemunhos de dois metros de largura, com as várias parcelas referenciadas de Setor A a Setor X; no eucaliptal — o Setor Z —, uma escavação em área na zona onde se detetou o fosso foi precedida da escavação de sondagens do espaço afetado, que foram implantadas em plano alternado ao longo do eixo maior. No que respeita à metodologia e registo, ficam as seguintes notas:

- considerando a dificuldade de identificação de *interfaces*, designadamente sob certas condições de luz e humidade, a decapagem estratigráfica por camadas naturais foi combinada com a decapagem por planos arbitrários subordinados àquelas como forma de garantir controlo das mesmas;
- decorreu daqui a opção por um sistema de referenciação provisória da estratificação — na nomenclatura dos trabalhos, *complexos* —, organizada por séries vinculadas às características sedimentológicas;
- da posterior correlação resultou, então, a construção da sequência global da deposição do sítio organizada em *camadas*, carreando a sua assumida seriação semântica sedimentar e cronológica;
- já a contextualização dos negativos identificados na sequência da estratificação assentou na inserção de cada um na camada superior de todas as que cortava e congregação do conjunto em planos de negativos — os PNEG;
- posteriormente, e devido à manutenção dos testemunhos, a obra rodoviária foi sujeita a acompanhamento arqueológico entre 2008-2009. Nessa fase, para além de uma recolha a esmo de espólio nas terras soltas dos cortes de obra, procedeu-se à execução de limpezas sistemáticas na *interface* de base dos mesmos cortes, com remoção dos resíduos e raspagem incisiva das superfícies deixadas, para identificação dos negativos e sua escavação/registo já conforme as metodologias consignadas pelo estado da arte. A referenciação foi igualmente feita por *complexos*.

3. IDENTIFICAÇÃO E ESCAVAÇÃO DO(S) FOSSO(S)

A adaptação da antiga linha de caminhos de ferro da Póvoa a canal de metro implicava, no troço da Azurara, a retificação do traçado com ripagem para poente, eliminando curvas com vista a uma otimização da velocidade do material circulante. E foi este corte que possibilitou a descoberta do sítio pelo acompanhamento arqueológico da obra a 23 de fevereiro de 2005.

Detalhando agora, a identificação dos fossos do Sítio do Corgo ocorreu logo nos trabalhos de escavação arqueológica de emergência MP-AZR02.05 subsequentes à descoberta da jazida: uma limpeza sumária do talude poente do canal ferroviário e, igualmente, da *interface* horizontal do corte da obra e do leito do antigo canal ferroviário

deixava perceber uma larga mancha mais escura atravessando o corredor da obra com orientação aproximada a SO-NE±230ºN (Fig. 2).

De modo a evitar a afetação da estrutura, o traçado do arruamento Variante do Corgo foi retificado, fazendo-o desviar-se ligeiramente para norte. Não obstante, a necessidade de reperfilamento e retificação do traçado da estrada municipal marginal com vista ao restabelecimento da travessia do canal em passagem inferior não evitaria que o(s) fosso(s) fossem intersetados, caso se prolongassem para o eucaliptal. E assim aconteceu: nos trabalhos desenvolvidos entre 2007 e 2008, embora fosse detetado com desvio para norte em relação àquele azimute.

Assim, o designado Fosso I foi, então, apenas observado e registado no limite sudeste da área global intervencionada, no corredor ferroviário a leste da plataforma agrícola e no eucaliptal, estando ambas as parcelas separadas pela estrada municipal paralela à linha. Importa reter que, até ao momento, apenas foi identificado numa pequeníssima secção da estrutura que não permite sequer indiciar a configuração/dimensão do recinto delimitado. E, por isso, é de notar, também, que a sua progressão espacial se desenvolve de sudoeste-nordeste para nor-nordeste, insinuando o arco que delimitava por sul o espaço intervencionado junto à passagem de nível do Corgo. Porém, é possível que a ocupação do sítio se estendesse até Árvore, cerca de 1,5 quilómetros para sul, onde foi igualmente identificada por acompanhamento arqueológico.

Após as limpezas dos resíduos da obra, no talude do canal, era possível observar mancha sedimentar identificada globalmente com a estrutura e que interrompia o substrato geológico até uma profundidade máxima de 2,50 metros; desenvolvendo-se para leste, também era nitidamente observada em plano na secção do antigo corredor, onde se conservava até à profundidade de cerca 1,50 metros; pelo meio, apenas restava a sua base na linha de corte da obra; e no talude nascente, a profusa presença de vegetação arbustiva eliminava quaisquer possibilidades de perceção e registo de vestígios do corte e enchimento da estrutura (Fig. 3 — fotografia do Fosso em escavação).

Contudo, após a limpeza das terras soltas do corte mecânico da obra no talude nascente do canal, procedeu-se a uma escavação da estrutura nessa secção. Assim, foi possível observar que a grande mancha escura que descontinuava a formação geológica correspondia a uma deposição em leitos côncavos tendencialmente horizontais; e esta deposição preenchia um corte num depósito que acompanhava a *interface* da estrutura com o substrato geológico e a cortava também na base (Fig. 4 — perfil A). Foi este diagnóstico da estruturação sedimentar/presença das duas *interfaces* que permitiu, então, referenciar dois fossos: o Fosso IA, que providenciava material cerâmico de fabrico manual, e o Fosso IB, onde também foram recolhidos vários fragmentos de tégula e fabricos a torno, apesar da presença de cerâmica manual. Como veremos abaixo, estando o fosso conservado com alguma profundidade no leito do antigo canal ferroviário, foi possível confirmar aí a presença ancestral daqueles tipos de artefactos mais recentes.

No eucaliptal, observar-se-iam estrutura e enchimento (e espólios associados) semelhantes, sendo, então, de sublinhar não só a presença de artefactos de cronologia romana, como o estado rolado/erodido do mesmo. Mas, acima de tudo, os trabalhos aqui efetuados permitiram a contextualização tangencial do Fosso I em formação acima do substrato geológico (onde se abria maioritariamente), uma vez que foi registada pequena extensão da *interface* cortando a designada camada 5c, como explicaremos abaixo, correlacionada com a camada 5b da estratificação geral do sítio.

Entretanto, uma clara identificação de deposição de *facies* tardorromana/altimedieval ocorreria também em 2007, no extremo poente da intervenção global, no Setor X, a cerca de quinhentos metros do local de identificação do Fosso I (Fig. 5).

3.1. Contextualização: estratificação, estratigrafia e materiais

Matéria árdua, mas incontornável, é a necessidade de abordar a estratificação do Sítio do Corgo. As razões são simples: a extensão da escavação é grande; foram identificadas várias formações sedimentares dispostas em sete camadas, quase todas (mesmos as de cronologia histórica) evidenciando cortes por estruturas em negativo; muitas das estruturas em negativo cortam várias camadas, incluindo uma oitava de natureza geológica. Acresce, ainda, que foram identificadas várias descontinuidades na deposição, sendo de notar que, entre estas descontinuidades, há a registar as dispersões espaciais quase mutuamente exclusivas da deposição pré-histórica e da deposição de *facies* tardorromana. Mas especialmente sobre tudo isto, há que ter presente os efeitos das atividades abrasivas, não só da agricultura e silvicultura, como da própria obra, ocasionando forte relocalização de espólios e reassociação de fabricos e tipologias cronologicamente distintas[11].

Aliás, pese embora não seja objetivo do artigo, impor-se-á deixar clara a grande questão a considerar na explicação deste tipo de sítios: nas histórias das suas estratificações, mais relevantes do que os fenómenos de acumulação/deposição são os próprios fenómenos ablativos presentes. E se, por um lado, a ablação participa fortemente da formação destes sítios, por outro, abate-se sobremaneira depois do abandono, seja pelos modos suaves da prática agrícola seja pelo avanço da construção atual. Em conclusão: estes sítios, então quando se resumem aos negativos abertos no substrato geológico e cobertos pela camada agrícola atual, patenteiam enormes palimpsestos de contextos sem conexão estratigráfica. Isto é, os estratos, como os apreendemos empiricamente, são por defeito pluritemporais. A coetaneidade dada pelas relações físicas remanescentes mais não é do que o resultado da relocalização estratigráfica de muitas estruturas, relocalização essa resultante da destruição dos estratos em que as estruturas originalmente terão sido abertas.

[11] BOTELHO, 2016.

No Corgo, este é claramente o caso do plano de negativos aberto no geológico referenciado na camada 8, a praia pleistocénica; assim como o é o do plano em que tangencialmente se inserirá o Fosso IA — o PNEG F/3 aberto na camada 5b/c da estratificação geral do sítio, que inclui a vala de uma canalização em PVC, precisamente em coordenadas da sua extensão em que a camada é de imediato subjacente à camada 1a, da lavra atual.

Em síntese, o atravessamento pela intervenção dos vários espaços sujeitos a impactes diferenciados, se, por um lado, potencia o reconhecimento possível, por outro, pela descontinuidade acarretada à estratificação, dificulta a exposição. E por tudo isto, se, num caso, para o objeto do artigo, importa atender à área toda, no outro, bastará que quase nos circunscrevamos à estratificação associada aos Fosso IA e IB.

Em síntese, na *interface* do corte de obra, no talude poente do canal, logo abaixo da designada «Camada 1.ª» da estratificação globalmente reconhecida (e identificada com o nível de lavra atual na plataforma agrícola), era possível observar profundo corte parabólico, o Fosso IA, com uma largura média de cinco metros e uma profundidade máxima reconhecida de dois metros, feito no terreno natural que, aqui, variava entre a formação sedimentar de composição siltosa do Pleistoceno Superior, Período Eemiano[12] e o subjacente complexo xisto-granítico-migmatítico (Xyz).

Uma análise do seu enchimento permitia observar um segundo corte igualmente parabólico (o Fosso IB) em depósito que acompanhava a *interface* externa (Fosso IA) com o substrato geológico, cortando também este na base, atingindo-se, assim, a profundidade de 2,5 metros. O enchimento deste segundo fosso (Fig. 4) apresentava uma estruturação dominante de seis depósitos em leitos horizontais seriados dentro da estrutura de FSI/c.1 a FSI/c.6. Os depósitos finais de fecho datarão da Época Moderna e marcam o *terminus* de uma sedimentação, aparentemente, iniciada na Época Tardorromana. Esta hipotética cronologia inicial é dada pela exumação de alguns fragmentos de *tegullae* e cerâmica comum assim datável, ainda que à mistura com material pré-histórico. Será também de mencionar que foi identificada uma área de combustão com lareiras sucessivas articulada com a camada FSI/c. 4 do fosso com *tegullae* associadas. Do enchimento inicial do Fosso IA, restaria apenas a camada FSI/c.7, caracterizada por ser um depósito argiloso de tonalidade heterogénea acinzentada/amarelada, onde, aparentemente, só foi exumado material pré-histórico.

No primitivo canal da linha da Póvoa, a mesma deposição era claramente observada sob a designada «Camada 2a», que referencia restos do balastro associado ao caminho de ferro, e aqui foi possível escavar a deposição em profundidade até cerca de 1,50 metros. Mas aqui a estrutura encontrava-se cortada e apenas foi possível identificar deposição a partir da camada FSI/c. 4 no enchimento conservado. Porém, e dadas

[12] ARAÚJO, 2008.

as problemáticas inerentes à mistura de espólios pela escavação mecânica da obra, esta outra amostra do Fosso IB revelava-se importante por permitir confirmar com grande segurança a incorporação de *tegullae* e cerâmica a torno de fabricos romanos não decorrente de quaisquer fenómenos pós-deposicionais associados à ocupação recente, designadamente à construção ferroviária.

Será ainda de notar que a observação de negativos quase exclusivamente a norte do fosso se deverá, antes de mais, ao facto de, para sul, o corte da obra já ter atingido a cota do fundo de caixa para o assentamento da via, não se observando ali já vestígios de quaisquer negativos que não fosse o fundo do Fosso I. Mas registava-se uma fossa — a FS34, no topo do talude poente, com abertura conservada no substrato geológico e imediatamente subjacente à Camada 1a — que cortava o Fosso IA. E no eucaliptal foram observados vários buracos de poste também para lá da vertente sul do fosso.

No entanto, para a contextualização dos fossos IA e IB, mesmo sem relação física, importará mencionar a identificação, a sul do fosso, da globalmente designada «Camada 3» sob a Camada 1a. Integrando espólio romano no *corpus* de artefactos, o seu estado rolado, a par da associação com fabricos manuais, mas também com fabricos modernos vidrados e foscos a torno, sustenta a contextualização das formações assim reunidas na Época Moderna. E, avançando na intervenção para poente, imediatamente subjacentes à Camada 1a e/ou Camada 3, importa referir a identificação das seguintes formações indexadas à Pré-História recente:

- a «Camada 5b» (depósito argiloso, de tonalidade castanho-avermelhada ferruginosa, raiado no seu topo por sedimentos amarelados, compacto e de textura fina) identificada nos setores B, D e J, estando variavelmente subjacente àquelas duas formações na plataforma agrícola (setores B e D), mas também à Camada 5a, na plataforma sobranceira àquela (setores I e J), e que incluía materiais cerâmicos dominantemente manuais e lisos, acentuadamente fragmentados, sendo, por isso, de salientar a presença episódica de exemplares decorados com técnicas puncionadas, unguladas, impressas e incisas;
- e a «Camada 5a» (depósito de matriz arenoargilosa cuja tonalidade apresenta gradual variação espacial entre o castanho médio e o castanho-alaranjado), estendendo-se entre os setores G, a nascente, e O, a poente. Encontrando-se subjacente a formações da Época Moderna, globalmente designadas de Camada 3, nesta camada há que destacar quanto ao espólio, em primeiro lugar, a presença significativa de fragmentos de cerâmica de vasilhame de fabrico manual maciçamente liso e informe, porém, à mistura com a inclusão residual de cerâmica de construção (sobretudo, *tegullae* muito fragmentadas e roladas), cerâmicas a torno foscas e cerâmicas vidradas; sendo que entre os líticos se verifica a mesma presença pesos de rede, mós manuais e algumas placas de arenito;

- com efeito, sendo ambas as camadas cortadas por negativos, é de notar a exumação de espólio maioritariamente manual, incluindo peças cerâmicas bastante completas, apontando para tipologias indexadas à Idade do Bronze. Pese embora, entre os raros fragmentos decorados, observavam-se técnicas puncionadas, unguladas, impressas e incisas, apontando para cronologias calcolíticas. Além disso, é de referenciar, no PNEG D (associado à Camada 5a), a fossa 348 (FS348), com abundante material carbonizado, e, no PNEG F/3 (associado à Camada 5b), uma área de combustão 5 (ARC5). Este espólio ecofactual permitiu já a obtenção de datações;
- este dado importa para a discussão face à contextualização estratigráfica do fosso no eucaliptal, o Setor Z. Com efeito, a estrutura seria aqui identificada sob a Camada 3j, a uma profundidade de dois metros abaixo da superfície, desenvolvendo o mesmo perfil parabólico duplo. Os trabalhos permitiram, porém, residual possibilidade de observação do corte da *interface* exterior em formação sedimentar muito semelhante à Camada 5b. Apenas em face do hiato físico da observação, desde logo imposto pelo corte criado pela estrada municipal e pelo canal ferroviário, foi a formação referenciada como Camada 5c, assumindo-se a associação/identificação entre ambas na construção da estratigrafia. Por esta razão, o Fosso IB integra o Plano de Negativos PNEG F/3;
- apenas no extremo poente da área intervencionada já na escavação prévia ao arruamento, ou seja, no Setor X, é identificada a formação referenciada como Camada 4 da estratificação geral do sítio, ali subjacente à Camada 1d, cuja abundante componente de artefactos romanos permitirá identificar a origem dos materiais idênticos, mas rolados e recolhidos na deposição a nascente;
- considerando a descontinuidade geral da estratificação, fará sentido notar que apenas num pequeno segmento da intervenção, entre os setores H, I, J e L, se encontra uma sequência mais completa (mas excluindo, obviamente a Camada 4), segmento esse intersetado em corte pelo perfil 13A (Fig. 9).

4. DATAÇÕES DE RADIOCARBONO

Sendo uma das características deste sítio a escassez de matéria orgânica carbonizada, as amostras sujeitas a datação da FS348 e da ARC5 foram criteriosamente escolhidas dado o seu enquadramento no perfil 13A da escavação e a decorrente documentação gráfica das suas contextualizações na estratificação geral do sítio.

Assim, foram já obtidas quatro[13] datações, sendo aqui apresentadas apenas três que possibilitam aproximação cronológica às camadas 5a e 5b:

- amostra 99/H, de material carbonizado presente no interior da fossa FS348 com abertura inserta na c. 5a, logo, integrando o PNEG D, aí dominando espécies arbóreas (contando com as presenças de *Quercus*, *Populus*, *Salix*, *Alnus glutinosa* e *Fraxinus angustifolia*);
- amostra 57/H, de material carbonizado na área de combustão ARC5, não associada a piso e inserta na c. 5b, integrando o PNEG F/3, aí se observando rico material carpológico ainda subestudado, mas incluindo *Vicia faba*, e, também, entre o material lenhoso, algum equilíbrio entre espécies arbustivas (com destaque para *Adenocarpus* tipo e *Ulex* tipo) e arbóreas (destacando-se aqui o *Populus*).

Para a seleção do material a datar, as amostras foram, assim, sujeitas a identificação antracológica[14], sendo também de mencionar que a amostra 57/H foi parcialmente sujeita a identificação carpológica[15]. O radiocarbono foi medido por A.M.S no Instituto Tecnológico e Nuclear, de Sacavém, e na Beta Analytics, Miami, Florida.

Tabela 1. Três datações de radiocarbono para o Sítio do Corgo

Ref.ª Lab.	Ref.ª amostra	Proveniência	Contexto estratigráfico	Tipo de amostra	δ13C (‰)	Data ^{14}C (BP)	Data calibrada (cal BC)	
							1σ	2σ
Sac-2899	99/H	Fossa 348 1.º depósito	Camada 5a	*Populus* + *Salix*	-26,45	3200±40	**1500-1433**	1604-1582; **1535-1400**
Sac-2898	57/H	Área combustão 5	Camada 5b	*Populus, Adenocarpus tipo e Ulex tipo*	-25,53	3220±35	**1516-1448**	1606-1574; 1557-1551; **1537-1419**
Beta--438704	57/H	Área combustão 5	Camada 5b	*Vicia faba*	-22,6	3170±30	1493-1479 1454-1418	**1500-1406**

A negrito são indicados os intervalos de tempo com maior probabilidade

[13] Como mencionado, foi obtida uma quarta data (ref.ª Sac-2900) a partir de material lenhoso exumado em negativo — VLD34 —, aberto na Camada 6 da estratigrafia geral do Sítio. Porém, a consideração da mesma na apresentação tornaria a discussão por demais complexa, pelas seguintes razões: camada e negativo encontram-se completamente subjacentes à Camada 5b; a amostra era pequena; o desvio-padrão da datação é grande; e o resultado calibrado cobre o Bronze Final. Aqui fica, porém, no intervalo mais provável a 1σ, 1394-1189 BC, e a 2σ, 1454-1006 BC.

[14] Classificação feita por Paula Queiroz, da empresa *Terra Scenica*, tendo sido financiada pela Novarqueologia, à margem da contratação feita pela Metro do Porto, S.A.

[15] Classificação feita por João Tereso, à margem da contratação feita pela Metro do Porto, S.A.

Reportando-se as três datações aqui consideradas a contextos referenciados em dois estratos diferentes na estratificação geral do sítio (c. 5a, c. 5b), esperou-se contrabalançar a exiguidade dos dados com a possibilidade de estabelecer contraditório entre os mesmos que corroborasse os resultados entre si, ou os fizesse discutir. E, estatisticamente, os resultados, no seu conjunto, revelaram-se não diferenciáveis para um intervalo de confiança de 95%, indexando os dois contextos à Idade do Bronze Pleno.

Na realidade, ambas as datas da Camada 5b se recobrem estatisticamente, indicando que a ocupação se deu aproximadamente entre 1500 e 1400 cal. a. C. (século XV cal a. C.), já que é lícito ater-nos à datação da semente de *Vicia Faba*, aliás, aquela com menor desvio-padrão (Beta-438704, calibração para 0,997 de probabilidade).

A data da Camada 5a (Sac-2899), do ponto de vista estatístico, recobre igualmente aquelas duas, embora tenha um maior desvio-padrão. Do seu resultado, podemos concluir que esta camada, embora estratigraficamente mais recente que a 5b, se inscreve no mesmo período temporal: aproximadamente o século XV cal a. C.

5. DISCUSSÃO

Foi árduo chegar a uma apresentação da estratificação da jazida do Corgo, muito por culpa das descontinuidades espaciais patenteadas. Mas sem isso, dita o estado da arte, não nos é possível aceder à dimensão tempo; com isso, ressalta que, da história do sítio, sobejam testemunhos de eventos que introduziram extensos cortes no lugar, quer em plano quer em profundidade, escapando, logo à partida, poder conhecer os próprios limites originais das diferentes ocupações indiciadas (quiçá, escapando mesmo testemunho da ocupação primeira do lugar).

De resto, a isto mesmo quase que se resume o registo do Fosso I, cujo rasgo inicial remontará à Pré-História recente. Identificado nos trabalhos de acompanhamento arqueológico da obra ferroviária, já após amplo corte do terreno, evidenciariam os trabalhos de escavação arqueológica subsequentes a sobreposição direta à estrutura da Camada 1a, correspondendo ao nível de lavra atual que, ali, já teria destruído possível estratificação arqueológica associada, mas ainda conservada a uns trinta metros a poente. Mas evidenciariam igualmente que o fosso inicial — o Fosso IA e seu enchimento — fora posteriormente reaberto e cortado (iniciando-se o segundo fecho já em época histórica, possivelmente tardorromana ou posterior, mas terminado na Época Moderna). Do fosso inicial, restava, então, depósito marginal que acompanhava a *interface* com o substrato natural. E é esta estrutura já quase residual que surge também parcamente contextualizada no eucaliptal, em depósito sobrejacente ao substrato natural, na Camada 5c, assim referenciada por correlação com a Camada 5b, dadas as características sedimentares empiricamente semelhantes.

O Fosso IA, à luz das duas datações obtidas, encontrar-se-á, assim, indexado a meados do II milénio a. C., ao Bronze Pleno.

O dado não suscitará necessidade de romper qualquer fronteira cronológica para se inserir em território mais alargado. Designadamente, se for isolado ou único no espaço geográfico em que se insere, no noroeste peninsular.

No entanto, a sua aceitação não deverá ser alheada de outros dados já conhecidos. Designadamente, Valera[16], com base numa série de datações para vários sítios congéneres, defende que estas ocupações cintadas por fossos não deverão ter ultrapassado o final de III Milénio a. C. E o certo é que, na estratificação do Corgo, designadamente, na Camada 5b, mas também na Camada 1a, ocorrem inclusões de artefactos que incidiam a possibilidade de ocupação prévia, calcolítica.

Por outro lado, atentando, a um tempo, à deposição sucessiva da Camada 5b e da Camada 5a, e, noutro, à deposição de fecho do Fosso IA, reabertura do Fosso IB e deposição do novo fecho, ressaltará a perceção de profundas variações em escassos metros de distância dos ritmos temporais da estratificação do sítio. No primeiro caso, num tempo curto ao redor do século XV a. C., não destrinçável estatisticamente por carbono-14; no segundo — considerando que a cronologia *post quem* da abertura do Fosso IB nos é patenteada por relação à designada camada FSI/7 do Fosso IA —, quiçá, atravessando lapso temporal de pelo menos dois mil anos, entre o século XV a. C. e o século V d. C. Ao longo deste tempo, terá permanecido na paisagem a marca da *interface* original, fosse pela topografia, fosse pela vegetação diferenciada, suscitando a reocupação identificada com a reabertura posterior.

A este propósito, neste artigo, na exposição da metodologia, dava-se conta da consciência de como, em ciência, é geral e fatal a obsolescência das metodologias de cada momento pelo transcorrer do tempo. Prossiga-se, recordando que tal fatalidade, no caso da arqueologia, suscitou logo na *Recomendação de Nova Deli de 1956*[17], artigo 2.º[18], a adoção do princípio em prol da manutenção de reservas arqueológicas para o futuro, «[in order] to be excavated by later generations of archaeologists» (qual *Brundtland avant la lettre*).

Nos trabalhos do Corgo, faltou o contributo da geomorfologia e micromorfologia que, designadamente, poderiam testar a correlação das camadas 5b e 5c, e mesmo explicar os processos de enchimento dos fossos 1A e 1B. Por outo lado, o sítio — que, apesar de descontinuadamente, poderá chegar a Árvore — encontra-se sob pressão urbanística. E, por isso, no caso do Sítio Arqueológico do Corgo, talvez que o futuro seja já agora, competindo às gerações presentes de arqueólogos tomar o testemunho no quadro de Trabalhos Arqueológicos de Arqueologia A.

[16] VALERA, 2013.
[17] Adotada pela Conferência Geral da UNESCO na sua 9.ª sessão em Nova Deli, a 5 de dezembro de 1956.
[18] RIGAMBERT, 1996: 211-212; BOTELHO, 2016: 39.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Assunção (2008). *Depósitos do Pleistoceno Superior e do Holoceno na Plataforma Litoral da região do Porto: a Morfologia das Plataformas de Erosão Marinha e a Tectónica Recente.* «Estudos do Quaternário». 5, 17-30.

BOTELHO, Iva (2016). *O Processo do Corgo. Do Princípio da Conservação pelo Registo Científico.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/112219>.

BOTELHO, Iva; BORGES, Susana (2008). *Relatório Final da Campanha MP-AZR04.07-08*. Sítio Arqueológico do Corgo, CNS-22 037. Arquivo IGESPAR.

BOTELHO, Iva; SOBRAL, Pedro (2007). *Relatório Final da Campanha MP-AZR02.05. Sítio Arqueológico do Corgo, CNS-22 037.* Arquivo IGESPAR.

HARRIS, Edward (1989). *Principles of Archaeological Stratigraphy.* London: Academic Press Limited.

RIGAMBERT, Catherine (1996). *Le Droit de l'Archéologie Française.* Paris: Picard Éditeur.

SÁ, Anabela Pereira de; BOTELHO, Iva (2005). *Relatório do Acompanhamento Arqueológico da Obra Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto LINHA DA PÓVOA (P) [MP-ACOMP.P_01.05]* — 2005.04.11.

SERVIÇO CARTOGRÁFICO DO EXÉRCITO (2011). *Carta Militar de Portugal.* Escala 1:25 000, folha 96, série 888.

VALERA, António Carlos (2013). *Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português.* Comunicação apresentada em I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

Fig. 1. Sítio do Corgo, entre Azurara (1) e Árvore (2). Vista aérea dos trabalhos a poente do canal ferroviário (2007)

Fig. 2. Vista aérea parcial da estação do Corgo, em foto tirada de sul para norte, observando-se o Fosso I antes da sua escavação (2005)

Fig. 3. Fosso I em processo de escavação no canal ferroviário (2005) e no eucaliptal (2008), neste caso, sendo de notar a presença de negativos a sul do mesmo

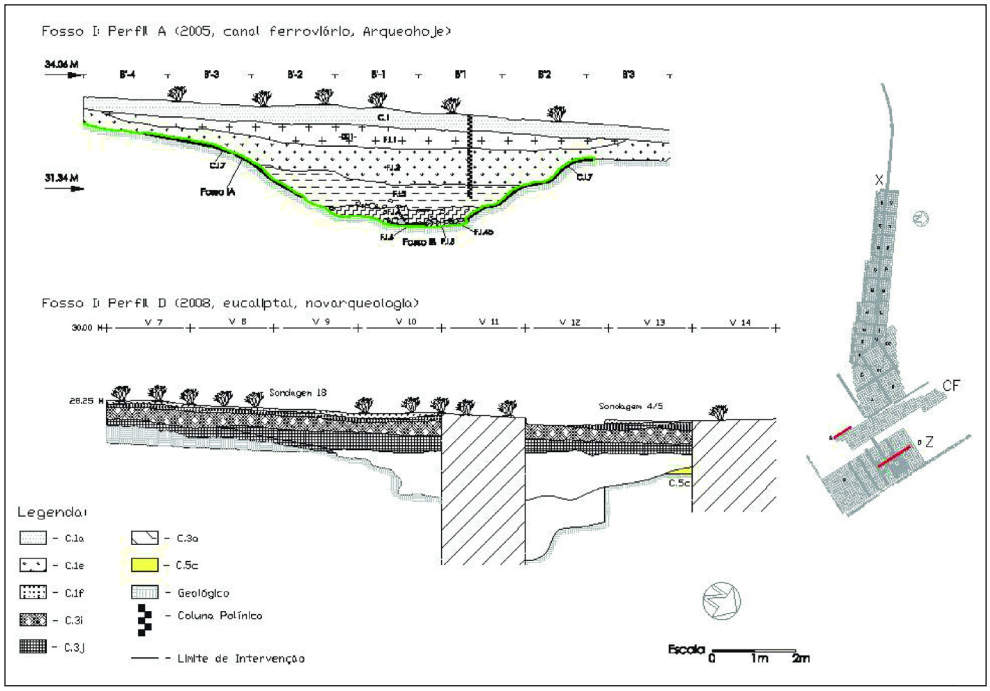


Fig. 4. Perfis registados no Fosso I (corte A, no canal ferroviário, em 2005, corte D, no eucaliptal)

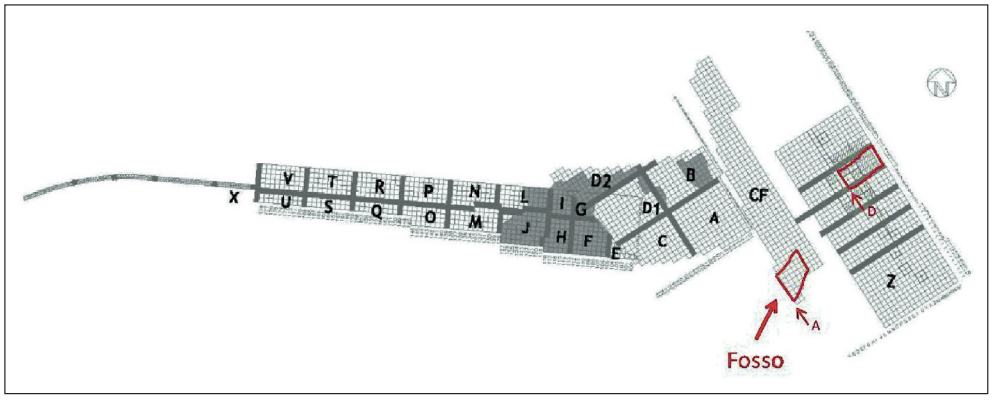


Fig. 5. Representação esquemática da localização do Fosso I na área global de intervenção no Sítio do Corgo (2005-2008)

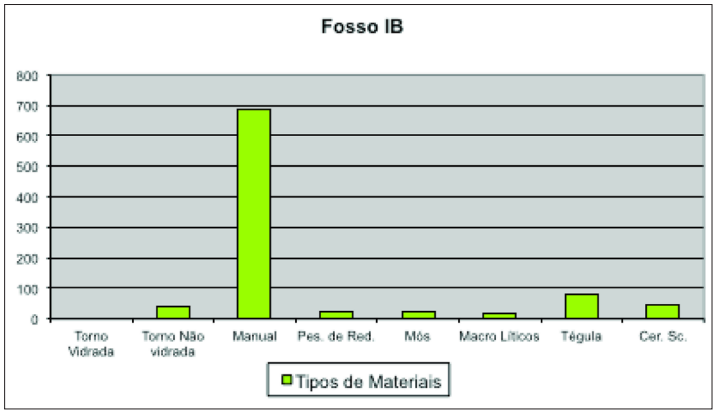


Fig. 6. Fosso IB: distribuição de materiais

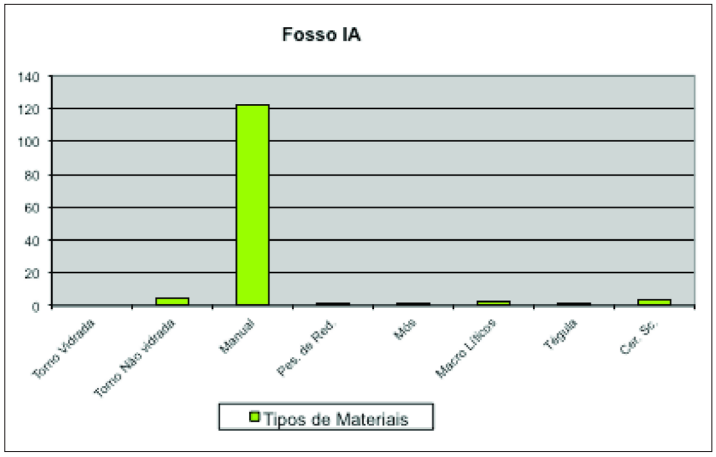


Fig. 7. Fosso IA: distribuição de materiais

Fig. 8. Outro aspeto do Fosso I em escavação, e sua localização no limite sul do corte da obra onde o sítio foi detetado em 2005

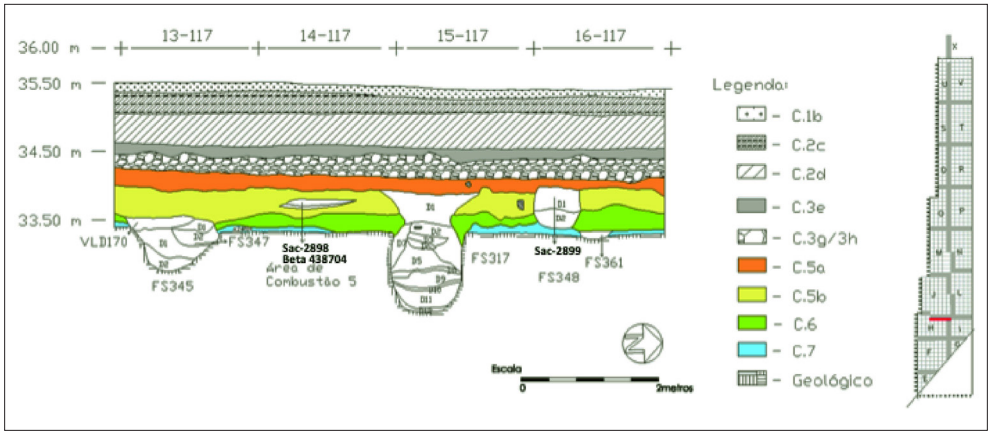


Fig. 9. Campanha MP-AZR04.07-08: parte do perfil 13A (face leste do testemunho entre os setores H e L) com localização das amostras datadas

LAS REPRESENTACIONES DE ARMAMENTO EN EL NOROESTE PENINSULAR. (RE)VISITANDO EL YACIMIENTO DE AGUA DA LAXE (PONTEVEDRA, GALICIA)*

XURXO PEREIRA MARTÍNEZ**

Abstract: *In order to get closer to the rock representations of weaponry in the Northwestern Peninsula, we have studied the most significant rock engravings of this type, located in the area of Agua da Laxe (Gondomar, Pontevedra). The importance of this type of engravings is significant because, despite their small number within the Atlantic Rock Art corpus, they constitute a fundamental piece in order to contextualize chronologically the rock art phenomenon. This class of motifs is practically the only one, within the whole iconographic corpus, which has references in the archaeological record, and which therefore allow us to make solid approaches to the periodization of rock art.*

The Agua de Laxe area, with its multiple groups with representations of weapons (halberds, daggers, swords) and archaeological sites (chronologically related), is therefore a privileged area for understanding the social dynamics and the articulation of different spaces (symbolic/domestic/funerary) during Recent Prehistory.

Keywords: *Rock art; Recent Prehistory; Agua da Laxe; Weapons; Northwest Iberia*.

Resumo: *Com o propósito de realizar uma aproximação às representações rupestres de armamento no noroeste peninsular, desenvolveu-se um estudo das estações rupestres mais significativas deste género, situadas na área de Agua da Laxe (Gondomar, Pontevedra). A importância deste tipo de gravuras é significativa, pois, apesar do seu exiguo número dentro do* corpus *de Arte Rupestre Atlântico, constituem uma peça fundamental para podermos contextualizar cronologicamente o fenómeno rupestre. Esta classe de motivos é praticamente a única, dentro de todo o conjunto iconográfico, que conta com referentes no registro arqueológico, e que, desse modo, nos permite realizar aproximações sólidas à periodização da arte rupestre.*

A zona de Agua de Laxe, com múltiplos grupos tendo representações de armas (alabardas, punhais, espadas…) e sítios arqueológicos (cronologicamente próximos), é, portanto, uma zona privilegiada para entender as dinâmicas sociais e a articulação de diferentes espaços (simbólico/doméstico/funerário) durante a Pré-História recente.

Palavras-chave: *Arte Rupestre; Pré-História recente; Agua da Laxe; Armas; Noroeste peninsular*.

1. INTRODUCCIÓN

El yacimiento de Agua da Laxe se sitúa en la Serra do Galiñeiro (Pontevedra, Galicia), un referente geográfico de primer orden para el sur de Galicia, y cuyo territorio se encuentra dividido por los ayuntamientos de Gondomar, Tui, Porriño, Vigo y Mos. Así todo, la principal área de estudio de este trabajo se localiza en la vertiente occidental

* Si no se indica el *copyright* de tablas, gráficos y otras imágenes, pertenece al autor de este texto.

** Doctorando en Arqueología y Cultura Material en el Programa de Historia, Geografía y Arte de la Universidad de Santiago de Compostela. Grupo de investigación ECOPAST, Universidad de Santiago de Compostela, Avda. Lope Gómez de Marzoa s/n 15782.

de esta cadena montañosa, concretamente, en las parroquias de Vincios y Morgadáns — Gondomar (Fig. 1).

El objetivo de este trabajo es ofrecer una visión conjunta del yacimiento de Agua da Laxe, relacionando los grabados con figuras de armamento, con otros elementos del registro arqueológico presente en su entorno. A pesar de ser uno de los lugares más estudiados por parte de los investigadores dedicados al arte rupestre[1], el contexto de estas superficies, así como del área occidental de la Serra do Galiñeiro ha recibido una menor atención.

2. LOS GRABADOS DE ARMAS EN EL NOROESTE PENINSULAR

A finales del III milenio y durante el inicio del II milenio a. C. se documentan los primeros ejemplos de armamento metálico que se manifestarán a través de depósitos[2], en forma de grabados rupestres[3] o como parte de la composición temática de algunos esteliformes (por veces denominados idoliformes o esteliformes) que se empiezan a erigir en estos momentos[4]. Precisamente, uno de los motivos que aparece normalmente asociado a los paneles con representaciones de armamento, son las figuras idoliformes. Estos motivos tienen sus paralelos en los ídolos Calcolíticos del Sur Peninsular, y para los que conocemos un ejemplo en el noroeste, localizado en A Caeira (Pontevedra)[5]. A nivel iconográfico, los grabados de ídolos cilindro se caracterizan por una configuración rectangular o alargada, que puede aparecer asociada a una decoración en la parte superior que estaría relacionada a los denominados tatuajes faciales, presentes en este tipo de figuras[6].

Las representaciones de armas, junto a las figuras idoliformes, son muy escasas dentro del corpus de arte rupestre (Fig. 2). Sin embargo, su presencia es muy relevante, ya que constituyen una extraordinaria fuente de información para establecer una aproximación al problema cronológico del arte rupestre del noroeste peninsular. De hecho, gran parte de los investigadores coincide en colocar *grosso modo*, gran parte del arte rupestre del noroeste peninsular, en el III milenio e inicios del II milenio a. C., siendo precisamente la tipología de las armas y las figuras de ídolos cilindro, la que permite datar con seguridad uno de los momentos, en la transición del III al II milenio a. C.[7].

Con todo, como señalan otros autores, nos mostramos escépticos con las propuestas anteriores, que hacen extensible la cronología de uno de los motivos más escasos (armas

[1] BRADLEY, 1998; COMENDADOR REY, 1997; COSTAS GOBERNA *et al*., 1997; PEÑA SANTOS, 1980a, 1980b; PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001a; PEÑA SANTOS, VÁZQUEZ VARELA, 1979; VÁZQUEZ VARELA, 1997, 1999, 2000, 2007; VÁZQUEZ ROZAS, 2005; GÜIMIL FARIÑA, SANTOS ESTÉVEZ, 2013.
[2] BRADLEY, 1997; BETTENCOURT, 2010, 2013; COMENDADOR REY, 1997; FERNANDES *et al*., 2011.
[3] PEÑA SANTOS, 2011.
[4] DÍAZ-GUARDAMINO, 2010; BUENO RAMÍREZ, BALBIN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2005.
[5] LÓPEZ-CUEVILLAS, 1927; APARICIO CASADO, 1986.
[6] BUENO RAMÍREZ, BALBIN BEHRMANN, BARROSO BERMEJO, 2005; FÁBREGAS VALCÁRCE, 2009.
[7] FÁBREGAS VALCÁRCE, RODRÍGUEZ-RELLÁN, 2015; FÁBREGAS VALCÁRCE, 2009; PEÑA SANTOS, 2009; PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001b.

o idoliformes) a la totalidad del arte rupestre[8]. De esta forma, nos inclinamos por las tesis que defienden una visión diacrónica del fenómeno rupestre[9], y que estaría en consonancia con lo que sucede en el resto del territorio peninsular, así como en otros focos europeos de arte rupestre[10].

En cuanto al tipo de armamento representado, llama poderosamente la atención que estos grabados no reflejen todas las tipologías de armamento conocidas en el registro arqueológico. Se observa una selección consciente de los objetos representados, concretamente de alabardas, puñales y espadas[11]. En el caso de las alabardas, estas han sido relacionadas con el tipo «Carrapatas» presente en el registro arqueológico del noroeste peninsular[12]. Los grabados de puñales y espadas, que debido a su esquematismo son más difíciles de encuadrar cronológicamente, apuntan hacia modelos propios del Neolítico Final o Bronce Inicial[13]. Consideramos el inicio de esta etapa (Neolítico Final) en el fin del Neolítico Medio, entre el 3100 e o 2900 a. C., y que se correspondería con el denominado Calcolítico Inicial e Pleno de la Península Ibérica. Como otros autores[14], adoptamos la denominación Neolítico, ya que entendemos que los trazos definitorios del Calcolítico son excepcionales, y no están presentes en el noroeste peninsular.

Así mismo, algunos autores señalan la posibilidad de que determinadas representaciones de espadas con remaches llevasen el fenómeno rupestre hasta momentos tardíos del Bronce Medio[15].

La distribución espacial del Arte Rupestre Atlántica parece restringirse notablemente durante esta etapa de la Edad del Bronce, limitándose la totalidad de los motivos de armamento a la mitad occidental de Galicia y el norte de Portugal[16] (Fig. 2). Así mismo, los soportes elegidos para grabar las armas son un tanto diferentes a los observados con otros tipos motivos[17]. En este caso, se buscan generalmente soportes con cierta inclinación y que sean fácilmente visibles en el paisaje, imponiendo así, un nuevo mensaje vinculado con la identidad de una élite guerrera nacida de una mayor complejidad social[18].

[8] SANTOS ESTÉVEZ, 2008a, 2008b.
[9] SANTOS ESTÉVEZ, 2013; ALVES, 2009, 2017; ALVES, REIS, 2009, 2017.
[10] NEVES, FIGUEIREDO, 2015; LUÍS, 2015; ROYO GUILLÉN, 2006; SILVA, XAVIER, FIGUEIREDO, 2016; SANSONI, GAVALDO, 2015.
[11] PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001b; CRIADO BOADO *et al*., *eds*., 2016: 164.
[12] BETTENCOURT, 2017; PEÑA SANTOS, 1980a, 1980b; VÁZQUEZ VARELA, 1999, 2000, 2007; COSTAS GOBERNA *et al*., 1997; FÁBREGAS VALCARCE, RODRÍGUEZ-RELLÁN, RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, 2009.
[13] COMENDADOR REY, 1997.
[14] PRIETO MARTÍNEZ *et al*., 2012; PRIETO MARTÍNEZ, 2001.
[15] PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001a.
[16] SANTOS ESTÉVEZ, 2013.
[17] SANTOS ESTÉVEZ *et al*., 2017a.
[18] PRIETO MARTÍNEZ, 2017.

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DE LA SERRA DO GALIÑEIRO

El área occidental de la Serra do Galiñeiro presenta evidencias de una intensa actividad durante la Prehistoria reciente, perceptible en forma de grabados rupestres de temática abstracta-geométrica y de tipo naturalista (armas fundamentalmente); con diversos túmulos megalíticos que llegan a conformar necrópolis; y numerosos restos materiales derivadas de intervenciones arqueológicas y/o prospecciones en la zona (Fig. 3).

3.1. Grabados rupestres

Toda la comarca del Val Miñor cuenta con una gran densidad de grabados rupestres tanto de temática naturalista como de tipo geométrico. Sin embargo, en nuestra área de estudio la concentración de figuras de armamento parece disociarse en su entorno próximo de otro tipo de representaciones, localizándose estas en zonas más periféricas.

Fuera del área conocida como Bermús/Agua da Laxe, es donde encontramos una concentración de grabados rupestres más evidente, mostrando, además, una mayor variedad y complejidad en los motivos representados. Aunque también contamos con petroglifos en la zona de Bermús/Agua da Laxe, acompañando incluso en algunas ocasiones a los paneles de armamento, estos casi siempre están dominados por cazoletas. Sin embargo, fuera de la zona de mayor densidad de figuras de armamento, la variedad temática, así como el número de rocas grabadas aumenta considerablemente. Esta distribución queda patente en lugares Chan de Valverde, A Tomada de Xacobe, Fonte da Prata o Santa Lucía, donde predominan los motivos de tipo geométrico como las combinaciones circulares, círculos simples, y las cazoletas, próximos en algunos casos, a otras superficies con grabados de armas (Tabla 1).

Toda esta área se caracteriza por la presencia de numerosos abrigos y cuevas naturales, en alguno de los cuales se han documentado grabados prehistóricos, como en la cueva de A Raíz, próxima a los petroglifos epónimos[19].

Tabla 1. Tabla de los grabados rupestres localizados en el área occidental de la Serra do Galiñeiro

Grabado	Motivos
Área de Santa lucía	Combinaciones circulares, círculos simples, cazoletas, surcos
Tomada Nova	Combinaciones circulares, círculos simples, cazoletas, surcos
Cova da Raís	Cazoletas
Raíz 3	Círculo simples y cazoletas

[19] VAQUEIRO RODRÍGUEZ, GROBA GONZÁLEZ, 2005.

Grabado	Motivos
Chan de Valverde 1	Combinaciones circulares, círculos simples, cazoletas, surcos
Chan de Valcerde 2	Cazoletas
Chan de Valcerde 3	Cazoletas
Agua da Laxe 5	Cazoletas
Tomada de Xacobe	Combinaciones circulares, círculos simples, cazoletas, surcos
Fonte da Prata 1	Combinaciones circulares, círculos simples, cazoletas, surcos
Fonte da Prata 2	Surcos y cazoletas

3.2. Los grabados de armamento

En total, contamos para esta área de la Serra do Galiñeiro, con hasta nueve superficies que presentan grabados de armamento. Es significativa la distribución espacial de estas estaciones, pues los principales accesos a la zona de Agua dan Laxe/Bermús aparecen custodiados por figuras de alabardas, desde la zona más septentrional con los grabados de Santa Lucía hasta al sur, con el petroglifo de Seixiños Brancos (Fig. 3). En el primer caso, la superficie está actualmente destruida por la realización de obras en el entorno, sin embargo, diversos autores hablan de la existencia de una roca, ya entonces afectada por labores de cantería, que contaba con hasta tres figuras de alabardas de diferentes tamaños, en un afloramiento en el que no se apreciaban más motivos[20] (Fig. 4C).

Por otra parte, en Seixiños Brancos encontramos un afloramiento granítico redondeado, donde aparecen representados motivos de época prehistórica como cazoletas y círculos, junto a otras representaciones de época históricas. La particularidad de esta estación es que la única arma representada aparece en posición pasiva, en la parte inferior del afloramiento. Esto es relevante, ya que a pesar de la verticalidad que presenta el soporte, el arma ha sido grabada de forma horizontal y en su parte menos visible, algo menos habitual en este tipo de petroglifos[21] (Fig. 4A).

Antes de llegar a la zona de Agua da Laxe/Bermús, encontramos dos superficies, A Raíz 2 y A Raíz 4, separadas por unos 150 metros de distancia, y donde también se pueden ver figuras de armas en posición pasiva. A diferencia de lo que sucedía en Seixiños Brancos, en estos casos el soporte elegido no destaca de forma clara en el entorno ni presenta verticalidad alguna. En el caso de A Raíz 2, estamos ante un afloramiento de más de dos metros de diámetro que presenta una fosa en su parte superior.

[20] COSTAS GOBERNA *et al*., 1984: 56.
[21] GÜIMIL FARIÑA, SANTOS ESTÉVEZ, 2013; CRIADO BOADO *et al*., *eds*., 2016: 164.

Dispuesta de forma horizontal y próxima a la parte más alta de este afloramiento se encuentra una espada, que cuenta con casi un metro de longitud. Además, debajo de esta, aparecen dos figuras con un trazo muy poco marcado, de difícil identificación, y que podrían ser representaciones de puñales. Por otra parte, no es posible apreciar otros motivos, más allá de algunas cazoletas en la parte superior (Fig. 4B).

A Raíz 4 supone un caso singular, no por el arma representada, sino por el peculiar soporte en el que fue grabada. Se trata de una roca redondeada de menos de un metro de diámetro, parcialmente enterrada, y donde se cuenta en uno de sus lados, con un arma, posiblemente un puñal, diseñado mediante un doble trazo (Fig. 4F). En este caso, tanto el arma como la propia superficie son difícilmente visibles. Incluso, es posible que, a juzgar por la buena visibilidad y la conservación de los surcos, la roca estuviera en algún momento cubierta por completo.

Siguiendo la llanura que conduce desde Seixiños Brancos hacía la zona de Agua da Laxe en sentido Norte, nos encontramos con el área de Chan de Valverde. Esta zona cuenta con varias rocas con gravados de tipo abstracto y geométrico, y donde se han documentado nuevas representaciones de armamento. Se trata en concreto, de tres armas, posiblemente dos puñales y una espada.

En la zona más septentrional de Agua da Laxe/Os Bermús, volvemos a encontrar dos afloramientos con grabados de armas fácilmente visibles, y que presentan una considerable verticalidad. El petroglifo de Os Bermús 1, es un ejemplo claro de este tipo de arte, en el que aparecen representadas seis alabardas y dos posibles puñales o espadas cortas. Además, cuenta con la particularidad de poseer toda una serie de superposiciones en la zona central del panel. Las superposiciones son un fenómeno muy extraño en los paneles con este tipo de motivos, y de difícil interpretación en este caso, debido a la complejidad que presentan. Varias alabardas parecen haberse inscrito sobre el grabado de dos figuras rectangulares y paralelas, y que podríamos interpretar como ídolos cilindro (Fig. 6A). Una de las alabardas parece haber aprovechado el surco superior de una de las figuras rectangulares, que podría estar relacionado con la decoración característica de las figuras de ídolos cilindro. Así todo, existen más surcos de difícil interpretación en el mismo panel, por lo que la lectura de la superficie se antoja complicada.

El grabado de Os Bermús 2 se sitúa a menos de cuarenta metros del anterior (Fig. 6B) y presenta una composición temática más compleja que el primero. A pesar de estar afectada por labores de cantería en su parte superior, acertamos a distinguir una extensa panoplia compuesta por cuatro alabardas, dos de ellas con un surco muy pronunciado, y diez puñales o espadas cortas. Así mismo, en la parte más baja del afloramiento se han documentado tres pequeñas hileras de cazoletas, entre las que se percibe la figura de otro puñal[22].

[22] COSTAS GOBERNA *et al*., 1984: 73.

Finalmente, a unos doscientos metros encontramos la zona denominada comúnmente como Agua da Laxe o Pedra das Procesións, y que cuenta con una de las mayores concentraciones de figuras de armamento del noroeste peninsular (Figs. 5 y 7). Aquí, encontramos dos superficies con gravados de armas, situadas ambas sobre afloramientos graníticos de gran tamaño. El panel más conocido de esta área, Agua da Laxe 1, se dispone sobre una superficie que presenta cierta verticalidad y que cuenta con más de quince metros de longitud. La revisión exhaustiva de este panel (Fig. 7) ha revelado la existencia de una panoplia incluso superior de la que se tenía constancia, como ya se había señalado en trabajos recientes[23]. En total, se ha documentado un conjunto de 24 armas, formado por dos espadas, siete alabardas, y quince puñales. Llaman la atención la presencia de, por lo menos, dos representaciones de espadas, un motivo normalmente difícil de distinguir de los gravados de puñales. Una de ellas muy marcada, situada en la parte inferior del panel y con una longitud de más de 2,40 metros; y otra, con un surco menos pronunciado, en la parte más alta del afloramiento (Fig. 7A-B).

Sin embargo, debemos hacer mención especial a la presencia de unas figuras trapezoidales, conocidas comúnmente en la bibliografía como «escutiformes»[24], y que al igual que los ídolos cilindro, aparecen asociados normalmente a los paneles con gravados de armamento. Con todo, estas figuras son aún más escasas que los idoliformes, limitándose su documentación clara solamente en las superficies de O Castriño de Conxo (Santiago de Compostela, A Coruña), Pedra Ancha (Dumbría, A Coruña), Mogüelos (Cangas, Pontevedra), y Agua da Laxe[25]. En este último lugar encontramos hasta nueve figuras de «escutiformes» compartiendo panel con armas y siendo la única superficie de toda nuestra área de estudio donde se han localizado estos motivos. Así, si consideramos a los «escutiformes» como las representaciones de escudos, o de otros elementos relacionados con la panoplia representativa de una identidad guerrera, elevaríamos el número de figuras de armamento a 33 en una sola superficie.

Debemos detenernos aquí, para hacer hincapié en la inexistencia de referentes en el registro arqueológico material para los motivos escutiformes, a diferencia de las armas. Una de las razones recurrentes para explicar esto es que estos artefactos fueran realizados sobre algún tipo de material orgánico, que impida su conservación material[26]. Por otra parte, podríamos estar ante la representación de otro tipo de elemento que, aunque relacionado con la guerra, no sería estrictamente un arma. Este es el caso de las representaciones de carros, presentes en las estelas del suroeste, y que acostumbran a acompañar también, entre otros objectos, a figuras de armamento. Iconográficamente,

[23] SANTOS ESTÉVEZ *et al*., 2017a.
[24] PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001a; PEÑA SANTOS, VÁZQUEZ VARELA, 1979; FÁBREGAS VALCÁRCE, RODRÍGUEZ-RELLÁN, RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, 2009; COSTAS GOBERNA, NOVOA ÁLVAREZ, 1993.
[25] COSTAS GOBERNA, NOVOA ÁLVAREZ, 1993; PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001a.
[26] PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001b.

las representaciones de carros en las estelas del suroeste se caracterizan por poseer una caja de frente curvo y asideros traseros; la presencia normalmente de animales de tiro; y un timón (Fig. 8)[27]. A excepción de las figuras de zoomorfos, el isomorfismo presente en los grabados de tipo «escutiforme» localizados en el noroeste peninsular, presenta claras similitudes con los carros representados en las estelas. En ambos casos, los grabados suponen una representación cenital de los carros, con la misma forma de caja, las ruedas grabadas a cada lado de esta y una pértiga que parte desde el lugar central, como sucede en la mayoría de las representaciones de este tipo de vehículos. Además, la ausencia de un único elemento como los zoomorfos, puede obedecer a que el mismo objecto haya sufrido reinterpretaciones o evoluciones a partir de su modelo original, atendiendo a las dinámicas culturales propias de cada zona. Esto es lo que sucede, por ejemplo, en las estaciones de arte rupestre extremeñas con representaciones de carros[28], donde los zoomorfos están ausentes en algunas de las figuras.

Por otra parte, la habitual interpretación de este motivo como «escutiforme», obvia el hecho de que, dentro de las ya escasas representaciones de figuras antropomorfas en el Arte Atlántico, cuando aparecen portando escudos, estos son de tipo circular, como en Pedra das Ferraduras (Cotobade, Potenvedra), Río Loureiro (Cangas, Pontevedra) o As Bouzas (As Neves, Pontevedra)[29]. Así mismo, en el interior de uno de los motivos *escutiformes* del panel de Agua da Laxe 1, aparece la representación de una posible figura antropomorfa, que acercaría aún más estos motivos con los grabados presentes en las estelas del suroeste (Fig. 7).

Si aceptamos la presencia de representaciones de carros en el arte rupestre, en correspondencia con este tipo de figuras en las estelas del suroeste, se podría plantear un ámbito cronológico semejante, en el Bronce Final[30]. Como ya hemos señalado al inicio, la diacronía de los paneles de armas ya ha sido apuntada por algunos autores, que sitúan a determinados motivos de armamento en momentos tardíos del Bronce Medio[31]. Así mismo, para el propio panel que nos ocupa, se ha planteado la posibilidad de que la espada de mayor tamaño, que ocupa el lugar central del panel, se corresponda con un ejemplar de tipo pistiliforme (Fig. 7)[32].

Este dato retrasaría la cronología de esta figura y la pondría en relación con las figuras de carros, en algún momento del Bronce Final. Debemos añadir, que actualmente conocemos la existencia de ejemplares en el noroeste ibérico de estelas guerrero o del suroeste, que evidencian una amplia área de contacto entre territorios aparentemente

[27] MEDEROS MARTÍN, 2008.
[28] QUINTANA ADELCOA, DOMÍNGUEZ GARCÍA, 2015: 864.
[29] PEREIRA-MARTÍNEZ, FÁBREGAS VALCÁRCE, 2019; COSTAS GOBERNA, NOVOA ÁLVAREZ, 1993.
[30] ALMAGRO GORBEA, 1977; GALÁN DOMINGO, 2000; HARRISON, 2004; DÍAZ-GUARDAMINO, 2010.
[31] PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001b.
[32] VÁZQUEZ VARELA, 1997.

lejanos, lo que ayudaría a explicar la presencia de elementos culturales del suroeste peninsular en esta área[33].

Para finalizar, si atendemos al contexto europeo, podemos observar como el uso del carro es una realidad en Europa Central, desde por lo menos finales del II milenio a. C. Contamos con representaciones, en forma de grabados, en zonas como Escandinavia con modelos similares a los presentes en el territorio peninsular[34].

Volviendo a la zona de Agua da Laxe, contamos con una última superficie con representaciones de armas, Agua da Laxe 2, situada a menos de treinta metros del panel principal. En esta aparece grabada una única alabarda asociada a un surco que se dispone en la parte superior del afloramiento, de modo que no es tan fácilmente visible como Agua da Laxe 1. Con todo, la superficie está ligeramente inclinada y no sobresale más de un metro del suelo, cumpliendo con las características propias del emplazamiento de este tipo de motivos (Fig. 4D).

En resumen, hemos documentado la presencia de nueve estaciones de arte rupestre, que suponen un total de 65 figuras de armamento. Esta acumulación de grabados de armas en un área considerablemente reducida (Tabla 2), dota a este espacio de una singularidad especial dentro del noroeste peninsular.

Tabla 2. Registro de los motivos representados en los paneles de armas

Nombre	N.º de armas	Tipologia	Motivos
Santa Lucía	3	3 alabardas	
A Raíz 2	1	1 espada	
A Raíz 4	1	1 puñal	
O Bermús 1	8	6 alabardas, 2 espadas/puñais	Ídolos cilindro
Os Bermús 2	15	5 alabardas, 11 puñais/ espadadas	Cazoletas
Agua da Laxe 1	33	15 puñais, 2 espadas, 7 alabardas, 9 escutiformes	Cazoletas y un posible antropomorfo
Agua da Laxe 2	1	1 alabarda	Surco y cazoleta
Cha de Valverde 3	2	2 puñales/espadas	Cazoletas
Seixiños Brancos	1	1 alabarda	Cazoletas, círculos concéntricos, motivos de época histórica

[33] SANTOS ESTÉVEZ *et al*., 2017b.
[34] KRISTIANSEN, LARSSON, 2006: 249.

Además, la mayoría de las superficies, como ocurre en gran parte de los casos, no aparecen compartiendo panel con otros motivos diferentes de las cazoletas. La excepción serían las representaciones de ídolos cilindro, que como ya señalamos, acostumbran a compartir panel con las figuras de armas.

3.3. Otros elementos prehistóricos: túmulos y equipos de molienda rupestre (EMR)

Además de grabados rupestres, en nuestra área de estudio se ha documentado la presencia de tres enterramientos tumulares, de cronología indeterminada, situados entre los petroglifos de A Raíz 4 y Os Bermús 2[35] (Fig. 1). La falta de excavaciones y registro material en el entorno de estos túmulos megalíticos nos impide precisar la cronología de estos enterramientos. También en la misma sierra, contamos con la necrópolis de Chan de Prado, donde se han localizado numerosos túmulos[36].

Así mismo, cabe mencionar la existencia de estructuras de molienda realizadas sobre afloramientos rocosos fijos (EMR), y que tienen una distribución fundamentalmente restringida al norte portugués y el suroeste gallego[37]. En esta área contamos con hasta cuatro ejemplos de lugares con equipos de molienda (Santa Lucía, A Raíz 1, Agua da Laxe 3 y Castrelo de Riba), que aparecen en el entorno próximo de los grabados de armas (Fig. 9).

4. EL REGISTRO DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO. EL YACIMIENTO DE AGUA DA LAXE — OS BERMÚS

Las investigaciones centradas en el estudio del arte rupestre no han prestado demasiada atención a su posible relación con yacimientos habitacionales en el entorno. Esto se debe en parte, a que la mayoría de las actuaciones arqueológicas llevadas a cabo en el entorno inmediato de los grabados no han sido especialmente productivas[38]. Sin embargo, los procesos deposicionales asociados a la topografía de estos lugares pueden hacer que la dispersión de material no se encuentre en el entorno inmediato de las superficies grabadas, sino en un área más amplia.

En el caso de Agua da Laxe, tanto las intervenciones arqueológicas como las prospecciones realizadas en el lugar han sido reveladoras, arrojando interesante información sobre la ocupación de esta zona durante la prehistoria reciente. El registro de material arqueológico documentado en Agua da Laxe/Os Bermús parece indicar la presencia clara de un asentamiento de carácter habitacional, encuadrable en el Bronce Inicial, que «no parece circunscribirse al entorno inmediato de los grabados rupestres

[35] CARRERO PAZOS, 2017.
[36] VILAR PEDREIRA, MÉNDEZ-QUINTAS, 2010.
[37] GROBA GONZÁLEZ, MÉNDEZ-QUINTAS, 2008.
[38] SANTOS ESTÉVEZ, 2008b: 141; SANTOS ESTÉVEZ, SEOANE, 2010; MÉNDEZ-QUINTAS, 2018.

conservados, sino extenderse a lo largo de por lo menos un kilómetro, y con toda seguridad, en un radio de 250 metros en torno a las rocas con grabados»[39].

Los materiales arqueológicos recuperados son diversos, destacando elementos relacionados con la molienda, entre los que destacan un durmiente y cuatro manos de molino, a los que debemos añadir otros hallazgos próximos, como el molino navicular localizado en la zona de As Pereiras, o la muela de Seixiños Brancos, también en el entorno de grabados con armamento[40] (Fig. 10).

En toda el área de Agua da Laxe-Bermús, se han localizado una gran cantidad de fragmentos cerámicos lisos, en su mayoría paredes y un fondo, a los que debemos sumar un borde decorado mediante línea impresa con matriz de forma triangular y una posible línea incisa oblicua, que encaja con las cerámicas de tipo campaniforme[41], como las localizadas en el yacimiento vecino de Chan de Prado[42].

Además, en uno de los sondeos realizados en esta área, que tenía como objeto la excavación del entorno de uno de los equipos de molienda rupestre (Agua da Laxe 3), se pudo documentar una capa de arcilla de unos cinco centímetros, que el autor vincula con un preparado o pavimento relacionado con los trabajos de molienda. En este mismo sondeo, se identificaron también múltiples agujeros redondos de entre tres y cinco centímetros de diámetro[43], que podríamos vincular con agujeros de poste de alguna posible estructura en el lugar.

Todos los materiales localizados tanto en Agua da Laxe, así como en otras zonas próximas como Seixiños Brancos, parecen indicar la ocupación de estos lugares durante alguna etapa del Bronce Antiguo, coincidiendo con uno de los momentos de uso de los paneles de armamento.

Aunque como ya indicamos, las excavaciones arqueológicas en el entorno de los lugares con arte rupestre son escasas y normalmente, poco fructíferas, contamos con dos ejemplos en los que, grabados de armamento y otros restos materiales, parecen compartir un mismo espacio. En primer lugar, el yacimiento de O Fixón/Costa Seixeira, en Cangas (Pontevedra), donde se identificaron abundantes fragmentos de cerámicas lisas y de tipo campaniforme «internacional» o «marítimo», varias piezas de industria lítica, y restos de actividad metalúrgica[44]. Aunque conviene proceder con cautela, debido a la larga duración de uso de las cerámicas campaniformes (2800-2700 a 1900-1800 a. C.)[45], debemos destacar la proximidad del yacimiento a la estación rupestre de Mogüelos,

[39] VÁZQUEZ ROZAS, 2005: 43.
[40] MÉNDEZ-QUINTAS, 2005; VILAR PEDREIRA, MÉNDEZ-QUINTAS, 2010.
[41] MÉNDEZ-QUINTAS, 2005; VILAR PEDREIRA, MÉNDEZ-QUINTAS, 2010.
[42] VILAR PEDREIRA, MÉNDEZ-QUINTAS, 2010: 144.
[43] VÁZQUEZ ROZAS, 2005: 39.
[44] LASTRA MERINO, 1984; SUÁREZ OTERO, 1993; CRIADO BOADO, CABREJAS DOMÍNGUEZ, 2005.
[45] SANCHES, BARBOSA, 2018.

donde aparecen varios grabados de puñales, una posible alabarda y representaciones de carros o figuras «escutiformes»[46].

Por otra parte, en el Monte Penide (Redondela, Pontevedra), contamos con diversos trabajos[47], que han revelado la presencia de una intensa actividad humana durante la prehistoria reciente en este lugar. Aquí contamos con dos yacimientos: Poza da Lagoa y Coto Fenteira relacionados — al igual que en Agua da Laxe — con equipos de molienda rupestres. Las dataciones y el material asociado a estos asentamientos sugieren que esta zona estuvo ocupada durante el III y II milenios a. C.[48].

El grabado de Poza da Lagoa, situado en el Monte Penide, es un ejemplo de panel de armas en posición pasiva, dispuestas sobre una superficie horizontal, pero desde donde se tiene una gran visibilidad de toda la Ría de Vigo, y donde aparecen representados puñales y alabardas[49].

5. CONCLUSIÓN

El estudio de la cultura material documentada en la zona de Agua da Laxe y su entorno próximo pone de manifiesto la ocupación de este espacio entre el III y II milenios a. C., a través de elementos como el arte rupestre, los equipos de molienda, así como diferentes tipos materiales documentados en el entorno de los grabados. Agua da Laxe se erige dentro del noroeste peninsular como un área de alto interés arqueológico, que permite reflexionar en torno a la coexistencia y complementariedad de diferentes ámbitos (simbólico y doméstico) en un mismo espacio.

En primer lugar, en Agua da Laxe constatamos una alta concentración de superficies con grabados de armas, que no cuenta con paralelos en otras partes de noroeste peninsular, y que puede ayudar a entender mejor las dinámicas alrededor de este tipo de figuras. Las figuras de armas han sido habitualmente tratadas como un bloque cerrado, que ha servido de fósil director para los investigadores del arte rupestre[50]. Ahora bien, el análisis pormenorizado de estas estaciones puede revelar la existencia de cierta diacronía en las denominadas «rocas panoplia». Este es el caso de los denominados motivos «escutiformes», que se podrían asimilar con representaciones de carros del Bronce Final, o la presencia de espadas y/o puñales que podrían encajar con modelos propios del Bronce avanzado[51]. Una posible diacronía en los paneles de armamento no resulta tan extraña, si tenemos en cuenta que será precisamente en momentos avanzados del Bronce cuando la producción de estos objetos aumentará considerablemente.

[46] COSTAS GOBERNA, NOVOA ÁLVAREZ, 1993; SUÁREZ OTERO, 1993; PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001a.
[47] FÁBREGAS VALCÁRCE, CARBALLO ARCEO, VILLOCH VÁZQUEZ, 1998; FÁBREGAS VALCÁRCE, 2010.
[48] FÁBREGAS VALCÁRCE, 2010: 55.
[49] GÜIMIL FARIÑA, SANTOS ESTÉVEZ, 2013; FÁBREGAS VALCÁRCE, 2009.
[50] FÁBREGAS VALCÁRCE, RODRÍGUEZ-RELLÁN, RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, 2009.
[51] PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 2001a.

La deposición de objectos metálicos continuará durante el Bronce Medio y Final, mostrando incluso un incremento y una mayor variabilidad en el tipo de objectos depositados[52]. Además, muchos de los lugares tradicionales de deposición durante el Bronce Medio perdurarán en etapas posteriores, mostrando una continuidad en la importancia simbólica de ciertos lugares, como los afloramientos rocosos o determinados contextos acuáticos[53]. Algo similar a lo que podría estar ocurriendo en los paneles con representaciones de armamento.

Por otra parte, el registro de material arqueológico derivado de prospecciones e intervenciones arqueológicas en esta zona, parecen confirmar la existencia de un yacimiento de tipo habitacional adscribible al Bronce Inicial. A los materiales documentados, fundamentalmente cerámicas, herramientas líticas y elementos de molienda, debemos sumar la presencia molinos rupestres y su asociación a posibles estructuras y materiales perecederos[54]. Estas evidencias encajarían con las ideas propuestas por diversos autores, que han hecho hincapié en una posible relación entre espacios domésticos y de representación en el noroeste peninsular[55]. Así todo, no debemos descartar que la presencia de estos restos materiales obedezca a actividades de tipo ritual realizadas en el entorno de los grabados como han sugerido otros autores[56].

AGRADECIMIENTOS

Queremos agradecer la lectura y los comentarios de Méndez-Quintas, necesarios para la realización de este artículo, así como la ayuda proporcionada por parte de Joana Lomba con las traducciones.

BIBLIOGRAFÍA

ALMAGRO GORBEA, Martín (1977). *El Bronce Final y el período Orientalizante en Extremadura.* Madrid: Instituto Español de Prehistoria; Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

APARICIO CASADO, Buenaventura (1986). *Sobre el supuesto ídolo calcolítico de A Caeira*. «Pontevedra Arqueológica». II, 65-81.

ALVES, Lara Bacelar (2009). *O sentido dos signos. Reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no norte de Portugal*. In BALBÍN BEHRMAN, Rodrigo, *coord*. *Arte prehistórico al aire libre en el sur de Europa.* Madrid: Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo, pp. 381-414.

ALVES, Lara Bacelar (2017). *Paisajes tatuados. Revaloración de la distribución del Arte Atlántico métodos de investigación y cronología a la luz del hallazgo de un gran conjunto de arte rupestre en Monte Faro (Valença, Portugal)*. «Zephyrus». 80:0, 49-67. DOI: http://dx.doi.org/10.14201/zephyrus2017804967.

[52] FÁBREGAS VALCÁRCE, MEIJIDE CAMESELLE, 2000; BETTENCOURT, 2013; BETTENCOURT, SAMPAIO, 2017.
[53] BETTENCOURT *et al*., 2014.
[54] VÁZQUEZ ROZAS, 2005.
[55] PEÑA SANTOS, REY GARCÍA, 1993, 2001a; BRADLEY, 1997; BRADLEY, CRIADO BOADO, FÁBREGAS VALCARCE, 1996; BÓVEDA FERNÁNDES, CAÑIZO FRAGA, VILASECO VÁZQUEZ, 1999; CRIADO BOADO *et al*., *eds*., 2016; CRIADO BOADO, FÁBREGAS VALCARCE, SANTOS ESTÉVEZ, 2001; FÁBREGAS VALCÁRCE, 2010; FÁBREGAS VALCÁRCE, RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1997.
[56] GÜIMIL FARIÑA, SANTOS ESTÉVEZ, 2013.

ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (2009). *No limiar das «artes»? Questões em torno da permeabilidade de fronteiras temporais e espaços da arte rupestre de Trás-os-Montes Ocidental*. «Revista Aquae Flaviae». 41, 45-92.

ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (2017). *As gravuras rupestres do Monte Faro (Valença, Viana do Castelo) Um exemplo maior das Arte Atlântica peninsular*. «Portvgalia, Nova Série». 38, 49-86. DOI: 10.21747/09714290/port38a2.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2010). *La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerarias*. «Trabajos de Prehistoria». 67:1, 139-173.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2013). *A Pré-História do Noroeste Português/The Prehistory of the North-western Portugal.* Braga: CITCEM; Tomar: CEIPHAR. (Territórios da Pré-História em Portugal; 2/Arkeos; 36).

BETTENCOURT, Ana M. S. (2017). *Post-Palaeolithic rock art of north-western Portugal an approach.* In BETTENCOURT, Ana M. S. *et al*., *coord. Recorded places, experienced places: the holocene rock art of the Iberian Atlantic north-west.* Oxford: BAR Publishing, pp. 123-150.

BETTENCOURT, Ana M. S. *et al*. (2014). *Corpos e metais na fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico a Idade do Bronze.* Braga: CITCEM; Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S.; SAMPAIO, Hugo Aluai (2017). *The Middle and the beginning of the Late Bronze Age in the North-western Iberian Peninsula*. In LACHENAL, Thibault *et al*., *eds. Le Bronze moyen et l'origine du Bronze final en Europe occidentale, e la Mer du Nord à la Méditerranée (XVIIe-XIIIe siècle avant notre ère).* Strasbourg: Monographies d'Archéologie du Grand-Est, pp. 363-384.

BÓVEDA FERNÁNDEZ, María José; CAÑIZO FRAGA, Juan Antonio; VILASECO VÁZQUEZ, Xosé Ignacio (1999). *Lugares para grabar, lugares para morrer, petroglifos e cistas na Idade do Bronce do N.W. da Península Ibérica*. «Gallaecia, revista de arqueoloxía e antigüidade». 18, 89-101.

BUENO RAMIREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BARROSO BERMEJO, Rosa (2005). *Hiérarchisation et métallurgie: statues armées dans la Péninsule Ibérique.* «L'anthropologie». 109, 577-640.

BRADLEY, Richard (1997). *Rock Art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*. London: Routledge.

BRADLEY, Richard (1998). *Invisible warriors — Galician weapon carvings in their iberian context.* In FÁBREGAS VALCÁRCE, Ramón, *ed. A Idade do Bronce en Galicia: novas perspectivas*. Sada: Edicións do Castro, pp. 243-258.

BRADLEY, Richard; CRIADO BOADO, Felipe; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (1996). *Arte Rupestre y Paisaje Prehistórico en Galicia. Resultados del trabajo de campo entre 1992-1994*. «Castrelos — Revista del Museo Municipal Quiñones de León», 7-8, 67-95.

CARRERO PAZOS, Miguel (2017). *El fenómeno tumular y megalítico en Galicia aportaciones desde los sistemas de información geográfica y la estadística espacial para el estudio de los patrones de localización*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Tesis doctoral.

COMENDADOR REY, Beatriz (1997). *Las representaciones de armas y sus correlatos metálicos*. In COSTAS GOBERNA, Fernando Javier; HIDALGO CUNARRO, José Manuel, *coord. Los motivos de fauna y armas en los grabados prehistóricos europeos*. Vigo: Asociación Arqueológica Viguesa, pp. 113-130.

COSTAS GOBERNA, Fernando Javier *et al*. (1984). *Petroglifos del litoral sur de la Ría de Vigo*. Vigo: Publicaciones del Museo Municipal Quiñones de Leon de Vigo.

COSTAS GOBERNA, Fernando Javier *et al*. (1997). *Las representaciones de armas en el Grupo Galaico de arte rupestre.* In COSTAS GOBERNA, Fernando Javier; HIDALGO CUNARRO, José Manuel, *coords. Los motivos de fauna y armas en los grabados prehistóricos europeos*. Vigo: Asociación Arqueológica Viguesa, pp. 85-112.

COSTAS GOBERNA, Fernando Javier; NOVOA ÁLVAREZ, Pablo (1993). *Los grabados rupestres de Galicia.* A Coruña: Museo Arqueolóxico e Histórico de A Coruña. (Monografía; 6).

CRIADO BOADO, Felipe; CABREJAS DOMÍNGUEZ, E. (2005). *Obras públicas e patrimonio. Estudo arqueolóxico do corredor do Morrazo*. Santiago de Compostela: CSIC-XUGA — Instituto de Estudios Gallegos Padre Sarmiento. (TAPA; 35).

CRIADO BOADO, Felipe *et al*., *eds*. (2016). *Atlas arqueolóxico da paisaxe galega*. Vigo: Xerais.

CRIADO BOADO, Felipe; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; SANTOS ESTÉVEZ, Miguel (2001). *Paisaje y representación en la Edad del Bronce: la descodificación del arte rupestre gallego.* In RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa, *coord*. *La Edad del Bronce: ¿primera edad de oro de España?: sociedad, economía e ideología*. Barcelona: Crítica. pp. 291-309.

DÍAZ-GUARDAMINO, Marta (2010). *Las estelas decoradas en la prehistoria de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. Tesis doctoral.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón, *ed*. (1998). *A Idade do Bronce en Galicia: novas perspectivas*. Sada: Edicións do Castro.

FÁBREGAS VALCÁRCE, Ramón (2009). *A context for the Galician Rock Art.* In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo *et al*., *eds*. *Grabados rupestres de la fachada atlántica europea y africana = Rock carvings of the European and African Atlantic façade.* Oxford: BAR Publishing, pp. 69-83. (BAR International Series 2043).

FÁBREGAS VALCÁRCE, Ramón (2010). *Os petróglifos e o seu contexto: un exemplo da Galicia meridional*. Vigo: Instituto de Estudios Vigueses.

FÁBREGAS VALCÁRCE, Ramón; CARBALLO ARCEO, Xulio; VILLOCH VÁZQUEZ, Victoria (1998). *Petroglifos y asentamientos: el caso de Monte Penide (Redondela, Pontevedra).* «Boletín del Seminario de Arte y Arqueología: BSAA». 64, 95-118.

FÁBREGAS VALCÁRCE, Ramón; MEIJIDE CAMESELLE, Gonzalo (2000). *Prehistoria recente en Galicia ¿evolución ou ruptura?* In JORGE, Vítor Oliveira, *coord*. *3.º Congresso de Arqueología Peninsular: UTAD, Vila Real, Portugal, setembro de 1999*. *Pré-história recente da Península Ibérica*. Vila Real: ADECAP, vol. 4, pp. 65-78.

FÁBREGAS VALCÁRCE, Ramón; RODRÍGUEZ-RELLÁN, Carlos (2015). *Walking on the stones of years. Some remarks on the north-west Iberian rock art.* In SKOGLUND, P.; LING, J.; BERTILSSON, U., *eds*. *Picturing the bronze age.* Oxford: Oxbow books, pp. 47-63.

FÁBREGAS VALCÁRCE, Ramón; RODRÍGUEZ-RELLÁN, Carlos; RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, Emilio (2009). *Representacións de armas no interior de Galicia (comarca de Deza, Pontevedra). Unha reflexión sobre a distribución e cronoloxía destes motivos*. «Gallaecia, revista de arqueoloxía e antigüidade». 28, 49-68.

FÁBREGAS VALCÁRCE, Ramón; RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (1997). *El Noroeste de la Península Ibérica en el III y II Milenios: propuestas para una síntesis*. «SAGVNTVM (PLA)». 30, 191-216.

FERNANDES, João Oliveira *et al*. (2011). *O depósito metálico da Bandeira, Viana do Castelo (norte de Portugal) no contexto dos depósitos do bronze médio do curso inferior da bacia do Lima*. «Estudos do Quaternário». 7, 33-39.

GALÁN DOMINGO, Eduardo (2000). *Las estelas del Suroeste entre el Atlántico y el Mediterráneo*. In BARTHÉLEMY, Manuela; AUBET SEMMLER, María Eugenia, *coords*. *IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad de Cádiz, vol. IV, pp. 1789-1797.

GROBA GONZÁLEZ, Xavier; MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo (2008). *Human occupations during recent prehistory in the granite caves of the western coast of Galicia*. «Cadernos do Laboratorio Xeolóxico de Laxe». 33, 115-126.

GÜIMIL FARIÑA, Alejandro; SANTOS ESTÉVEZ, Manuel (2013). *Territorialidad en la Edad del Bronce del noroeste de la Península Ibérica*. «Revista d'Arqueologia de Ponent». 23, 9-26.

HARRISON, Richard John (2004). *Symbols and Warriors. Images of the European Bronze Age*. Bristol: Western Academics & Specialist Press Ltd.

KRISTIANSEN, Kristian; LARSSON, Thomas B. (2006). *La emergencia de la sociedad del bronce: viajes, transmisiones y transformaciones.* Barcelona: Bellaterra.

LASTRA MERINO, Montsserat García (1984). *Primeros resultados de la campaña de excavaciones arqueológicas en el yacimiento campaniforme de O Fixon*. Pontevedra. «Pontevedra Arqueológica». I, 113-144.

LÓPEZ-CUEVILLAS, Florentino (1927). *O ídolo cilíndrico do Museu Arqueoloxico de Pontevedra e outros ídolos galegos*. «Arquivos do Seminario de Estudos Galegos». I, 11-20.

LUÍS, Luís (2015). *As gravuras da Idade do Ferro no Vale do Côa*. «Vaccea». 9, 60-70.

MEDEROS MARTIN, Alfredo (2008). *Carros micénicos del Heládico Final III en las estelas decoradas del Bronze Final II-IIIA del Suroeste de la Península Ibérica.* In CELESTINO PÉREZ, Sebatián; RAFEL I FONTANALS, Nuria; ARMADA PITA, Xosé Lois, *coords. Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico: (siglos XII-VII ane): la precolonización a debate.* [S.l.]: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, pp. 437-464.

MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo (2005). *Cavidades entre a Idade do Bronce e o Paleolítico*. In CLUB ESPELEOLÓXICO MAÚXO. *As Covas de Vincios*. Vigo: Comunidade de Montes Veciñais en Man Común de Vincios, pp. 189-210.

MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo (2018). *Memoria arqueolóxica da Limpeza, delimitación e rexistro gráfico do petróglifo da Coutada (Taboexa, As Neves).* Concello de As Neves: [s.n.].

NEVES, Dário; FIGUEIREDO, Sofia Soares (2015). *Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição.* «Arkeos». 37, 1589-1605.

PEÑA SANTOS, Antonio de (1980a). *Las representaciones de alabardas en los grabados rupestres gallegos.* «Zephyrus». 30/31, 115-129.

PEÑA SANTOS, Antonio de (1980b). *O tema da alabarda no arte rupestre galego*. «Brigantium». I, 49-69.

PEÑA SANTOS, Antonio de (2011). *Arte rupestre e metalurxia: Do gravado ao obxecto*. In PRIETO MARTÍNEZ, Pilar; SALANOVA, Laure, *coords. Las comunidades campaniformes en Galicia: cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica = Bell beaker communities in Galicia: social changes in the Third and Second Millennia BC in the Northwest Iberian Peninsula.* Pontevedra: Deputación Provincial de Pontevedra, pp 241-248.

PEÑA SANTOS, Antonio de; REY GARCÍA, José Manuel (1993). *El espacio de la representación. El arte rupestre galaico desde una perspectiva territorial.* «Pontevedra. Revista de estudos provinciais». 10, 11-50.

PEÑA SANTOS, Antonio de; REY GARCÍA, José Manuel (2001a). *Petroglifos de Galicia.* A Coruña: Via Láctea.

PEÑA SANTOS, Antonio de; REY GARCÍA, José Manuel (2001b). *Ideología y sociedad en los grabados rupestres galaicos.* «Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló». 22, 235-266.

PEÑA SANTOS, Antonio de; VÁZQUEZ VARELA, José Manuel (1979). *Los Petroglifos gallegos: Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia.* La Coruña: Ediciós do Castro.

PEREIRA MARTÍNEZ, Xurxo; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2019). *Novos datos sobre a arte rupestre no Miño litoral. O concello de As Neves (Pontevedra)*. «Gallaecia: revista de arqueoloxía e antigüidade». 38, 9-32.

PRIETO MARTÍNEZ, Pilar (2001). *La Cultura Material Cerámica en la Prehistoria Reciente de Galicia: Yacimientos al Aire Libre*. Universidade de Santiago de Compostela. Laboratorio de Arqueoloxía e Formas Culturais. (TAPA: Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio; 20).

PRIETO MARTÍNEZ, Pilar (2017). *La Edad de los metales: Hacia la consolidación de la complejidad social desde inicios del III milenio a mediados del II milenio BC*. In LÓPEZ GARCÍA, Pilar, *coord. La prehistoria en la Península Ibérica*. Madrid: Istmo, pp. 539-646.

PRIETO MARTÍNEZ, Pilar *et al.* (2012). *Galicia.* In ROJO GUERRA, Manolo; GARRIDO PENA, Rafael; MARTÍNEZ DE LAGRÁN, Iñigo García, *coords. El Neolítico en la Península Ibérica y su contexto europeo*. Madrid: Cátedra, pp. 213-253.

QUINTANA ALDECOA, M.ª Amparo; DOMÍNGUEZ GARCÍA, Arturo (2015). *Las estaciones al aire libre con carros grabados de Campanario (Badajoz). Representaciones de la economía en la protohistoria extremeña.* «Arkeos». 37, 863-880.

ROYO GUILLÉN, José Ignacio (2006). *Chevaux et scènes équestres dans l'art rupestre de l'âge du Fer de la Péninsule ibérique*. «Anthropozoologica». 41:2, 125-139.

SANSONI, Umberto; GAVALDO, Silvana (2015). *Alpine and Scandinavian rock art in the Bronze Age, a common cultural matrix in a web of continental influences*. In SKOGLUND, Peter; LING, Johan; BERTILSSON, Ulf, *eds. Picturing the Bronze Age*. Oxford: Oxbow Books, pp. 129-143. (Swedish Rock Art Series; 3).

SANCHES, Maria de Jesus; BARBOSA, Maria Helena (2018). *Campaniforme no Norte de Portugal. Perspectivas interpretativas instigadas pela leitura de dados recentes*. «Portugalia». 39, 97-150.

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel (2008a). *Petroglifos y paisaje social en la prehistoria reciente del noroeste de la Península Ibérica.* Universidade de Santiago de Compostela: Laboratorio de Arqueoloxía e Formas Culturais. (TAPA: Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio; 38).

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel (2008b). *A new proposal for the chronology of atlantic rock art in Galicia (NW Iberian Peninsula).* In NASH, George; CHILDREN, George, *eds. The archaeology of semiotics and the social order of things*. Oxford: Archaeopress, pp. 141-152.

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel (2013). *Unha visión diacrónica da Arte Atlántica dentro dun novo marco cronolóxico*. In SANCHES, Maria de Jesus, *coord. Actas da 1.ª Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-Historia. Paradigmas e Metodologias de Registo,* pp. 219-238. (Trabalhos de Arqueologia; 54).

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel *et al.* (2017a). *Shape and meaning engraved weapons as materialisatíons of the Calcolithic/Early Bronze Age cosmogony in north-west Iberia*. In BETTENCOURT, Ana M. S. *et al.*, *Recorded places, experienced places: the holocene rock art of the Iberian Atlantic north-west.* Oxford: BAR Publishing, pp. 151-166 (BAR International Series; 2878).

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel *et al.* (2017b). *La estela de guerrero y la estela antropomorfa de Pedra Alta (Castrelo de Val,Galicia).* «Complutum». 28:1, 71-86.

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel; SEOANE-VEIGA, Yolanda (2010). *Rock art and Archaeological Excavations in Campo Lameiro, Galicia. A new proposal for the Atlantic Rock Art*. In FREDELL, Åsa; KRISTIANSEN, Kristian; CRIADO BOADO, Felipe, *eds. Representations and Communications. Creating an Archaeological Matrix of Late Prehistoric Rock Art*. Oxford: Oxbow Books, pp. 16-30.

SILVA, Andreia; XAVIER, Pedro; FIGUEIREDO, Sofia Soares (2016). *As gravuras rupestres de Crestelos (Trás-os-Montes, Portugal) e a sua longa diacronía desde a Idade do Ferro ao período contemporâneo.* In CORDEIRO MACENLLE, Rebeca; VÁZQUEZ MARTÍNEZ, Alia, *coords. Estudo de Arqueoloxía, Prehistoria e Historia Antiga: achegas dos novos investigadores.* Santiago de Compostela: Andavira Editora, pp. 63-83.

SUÁREZ OTERO, José (1993). *O Fixón: una nueva perspetiva del Bronce Inicial en Galicia*. Vigo: Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología, vol. 2, pp. 57-67.

VAQUEIRO RODRÍGUEZ, Marcos; GROBA GONZÁLEZ, Xavier (2005). *Catálogo de cavidades naturais.* In CLUB ESPELEOLÓXICO MAÚXO. *As Covas de Vincios.* Vigo: Comunidade de Montes Veciñais en Man Común de Vincios, pp. 14-80.

VÁZQUEZ ROZAS, Roberto (2005). *El yacimiento de Auga da Laxe, Gondomar, Pontevedra*. «Minius: Revista do Departamento de Historia, Arte e Xeografía». XIII, 27-46.

VÁZQUEZ VARELA, José Manuel (1997). *El petroglifo de Auga da Laxe I (Gondomar, Pontevedra) y la sociedad del comienzo de la Edad del Bronce en el noroeste de la Peninsula Iberica.* «Gallaecia: revista de arqueoloxía e antigüidade». 16, 201-220.

VÁZQUEZ VARELA, José Manuel (1999). *Ideología, imagen y sociedad en el inicio de la edad del bronce en el occidente de la provincia de A Coruña.* A Coruña: Diputación Provincial de A Coruña.

VÁZQUEZ VARELA, José Manuel (2000). *Significados y funciones de los grabados rupestres prehistóricos de armas metálicas en el Noroeste de la Península Ibérica*. «Cuadernos de Estudios Gallegos». 47:113, 9-25.

VÁZQUEZ VARELA, José Manuel (2007). *Funciones y significados de los grabados rupestres de armas prehistóricas de A Pedra Ancha (Dumbría, Coruña).* «SEMATA, Ciencias Sociais e Humanidades». 19, 15-20.

VELASQUEZ-FERNANDEZ, Wajari (2010). *La Alfarería entre cultura y naturaleza: Estudio Tecnológico de la cerámica neolítica de la Provincia de Pontevedra*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.

VILAR PEDREIRA, Xosé Lois; MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo (2010). *Memoria da prospección da área meridional da Serra do Galiñeiro*. Exp. Arqueoloxía: 02.P.576 2010.001. Código SXPA CT 102A 2010/293-0.

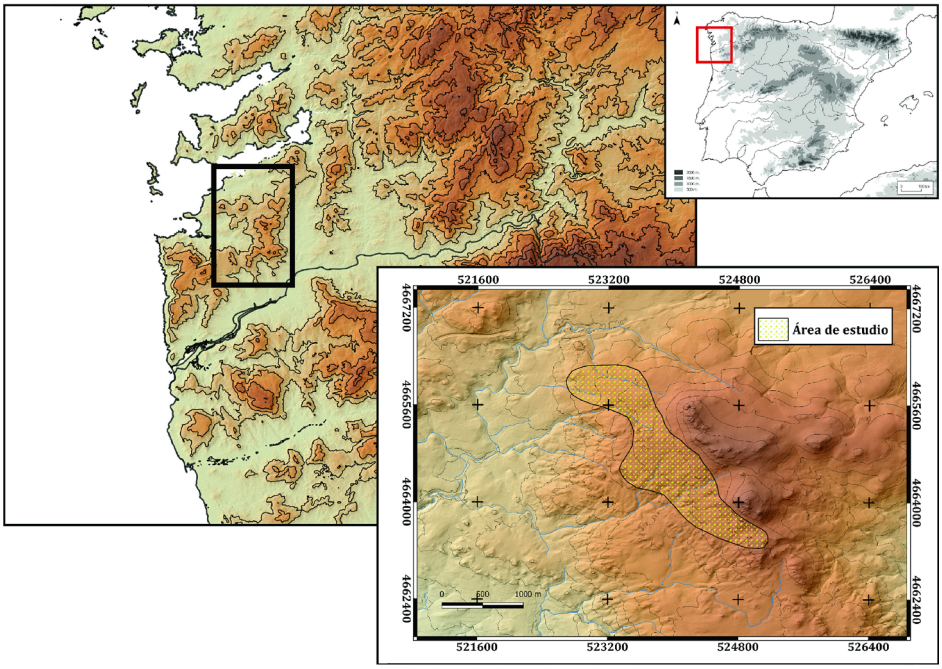


Fig. 1. Localización de la Serra do Galiñeiro. En rojo, la área de estudio

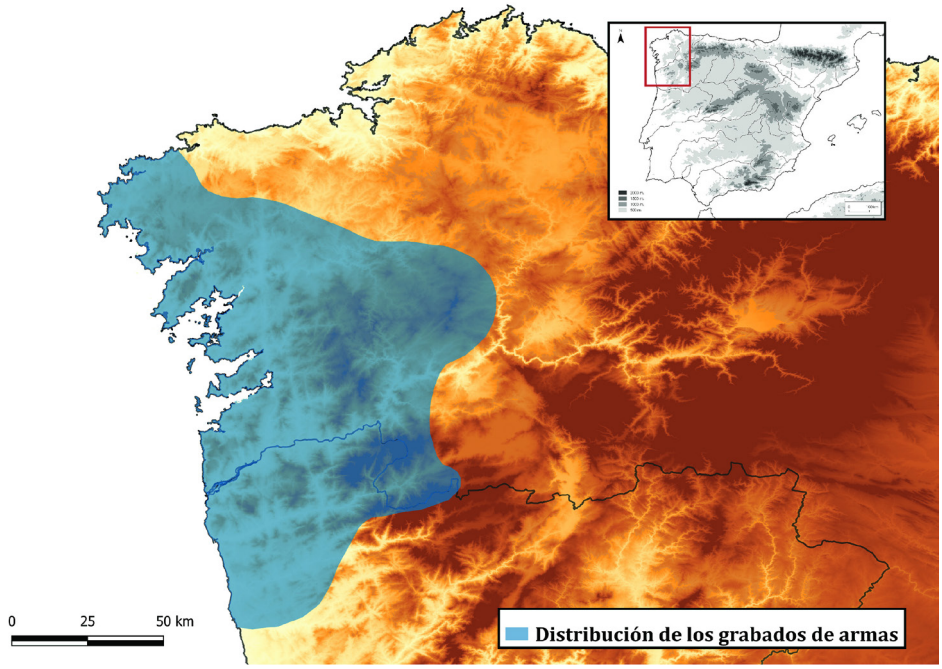


Fig. 2. Área de distribución de los grabados de armas en el noroeste peninsular

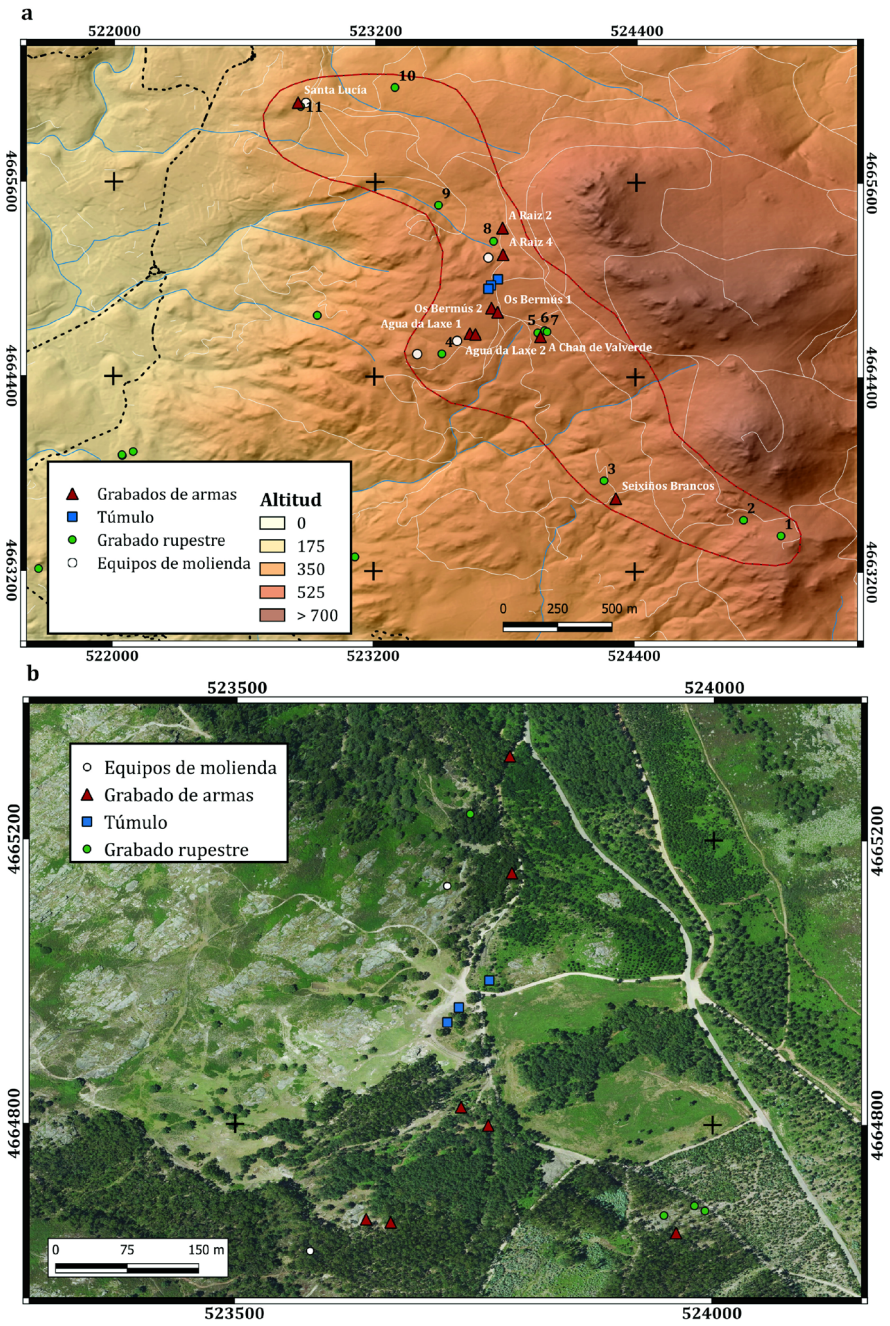


Fig. 3. A) Distribución de diferentes elementos de época prehistórica en la Serra do Galiñeiro. Grabados rupestres: 1. Fonte da Prata 2; 2. Fonte da Prata 1; 3. A Tomada de Xacobe; 4. Auga da Laxe 5; 5., 6., 7. Chan de Valverde; 8. A Raíz 3; 9. A Cova da Raís; 10. A Tomada Nova; 11. Santa Lucía. B) Área de Agua da Laxe/Os Bermús ;8. A Raíz 3; 9. A Cova da Raís; 10. A Tomada Nova; 11. Santa Lucía. B) Área de Agua da Laxe/Os Bermú

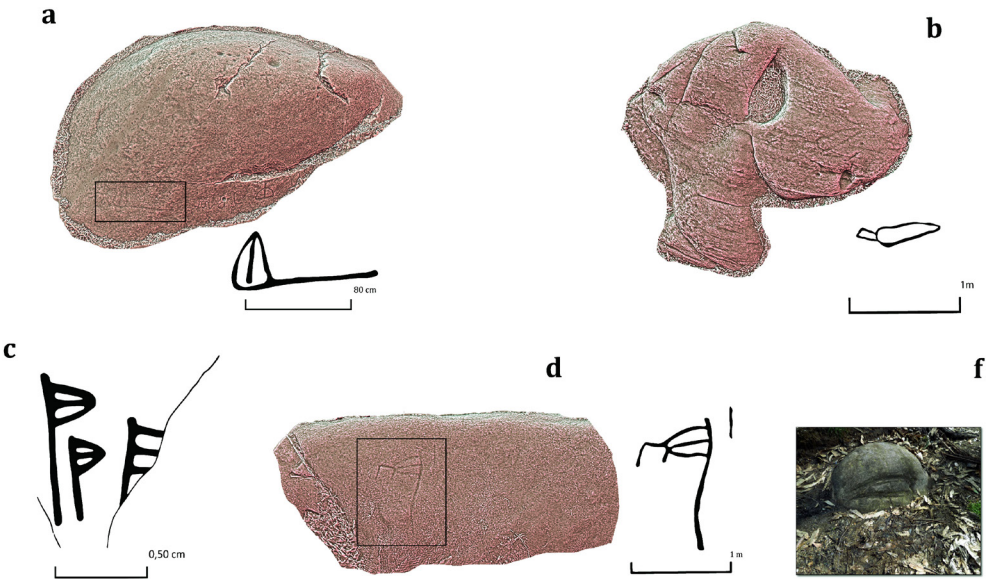


Fig. 4. A) Fotogrametría y calco de la Alabarda en posición pasiva en la superficie de Seixiños Brancos; B) Fotogrametría y calco de la superficie de A Raíz 2; C) Alabardas presentes en la desaparecia superficie de Santa Lucía. A partir de COSTAS GOBERNA et al., 1984: 76; D) Fotogrametría y calco del panel de Agua da Laxe 2; F) Fotografía del petroglifo de A Raíz 4

Fig. 5. Situación del panel principal de Agua da Laxe 1

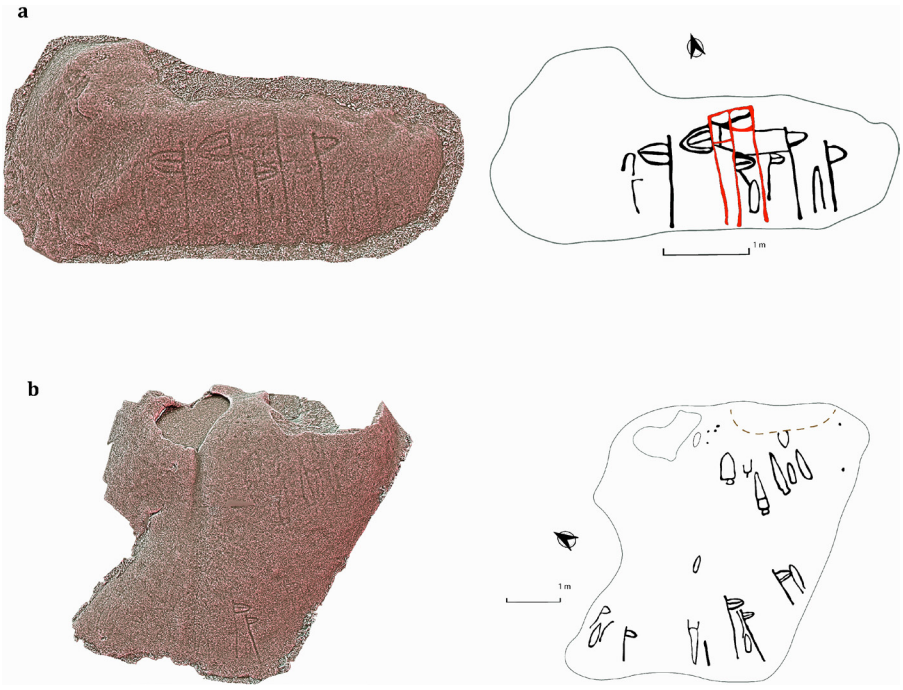


Fig. 6. A) Fotogrametría y calco de la superficie de Os Bermús 1. En rojo, las posibles figuras de ídolos cilindro. B) Fotogrametría y calco de parte de la superficie de Os Bermús 2

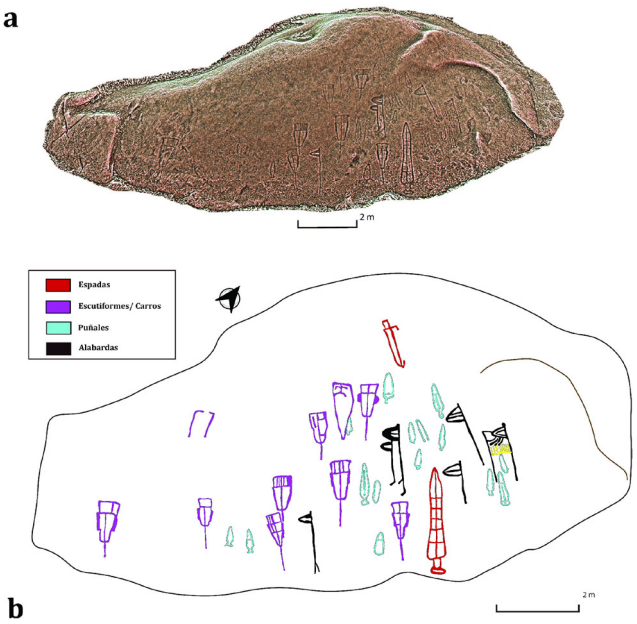


Fig. 7. Fotogrametría (a) y calco (b) del panel de Agua da Laxe 1

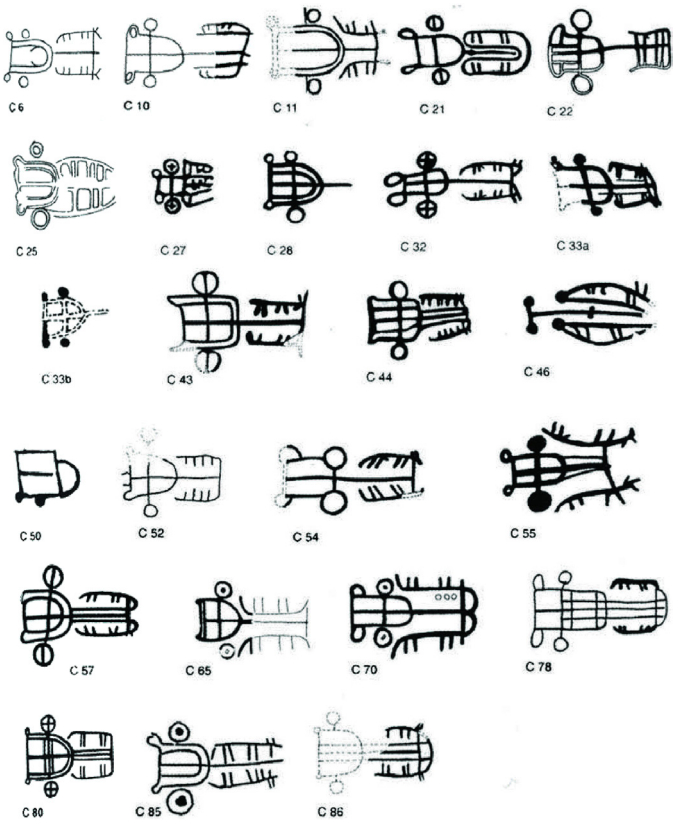


Fig. 8. Carros representados en las estelas del Suroeste según MEDEROS MARTIN, 2008

Fig. 9. Fotografía dos equipos de moenda rupestre de A Raíz

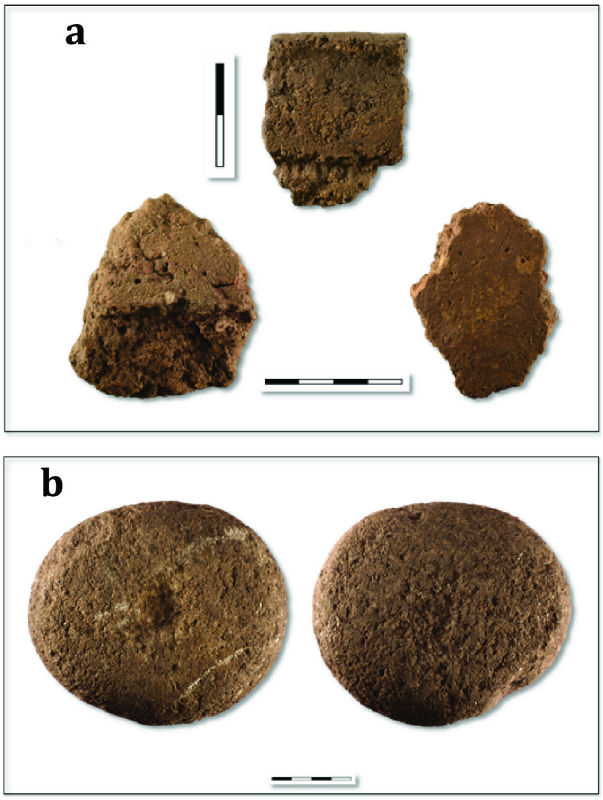


Fig. 10. A) Fragmentos cerámicos de la zona de Agua da Laxe/Os Bermús (VILAR PEDREIRA, MÉNDEZ-QUINTAS, 2010: 16); B) Mano de molino procedente de Seixiños Brancos (VILAR PEDREIRA, MÉNDEZ-QUINTAS, 2010: 35)

BETWEEN THE ATLANTIC AND THE MEDITERRANEAN: THE FRAGA DOS CORVOS MOUNTAIN SITE (MACEDO DE CAVALEIROS, BRAGANÇA) IN THE LATE BRONZE AGE/ EARLY IRON AGE TRANSITION*

JOÃO CARLOS SENNA-MARTÍNEZ†**
ELSA LUÍS***
CARLOS MENDES****

Abstract: *Fraga dos Corvos' excavations (2011-2017) have provided important information concerning its Late Bronze Age/Early Iron Age (LBA/EIA) occupation. Both stratigraphic and artefact data show the existence in Eastern Trás-os-Montes of a large and complex «settlement» during this period, which monumentality demands understanding and explanation together with the site cultural exchange links with the Northern Meseta and the Iberian Mediterranean South. An artefactual set, either of orientalizing origin or showing a cultural influence from such southern areas, was recovered. In between bronzes (*fibulae*, needles, spatulas of cosmetics, etc.), iron implements, and dark blue vitreous beads, the recovered artefactual set surpasses fifty items, many of them recovered from stratigraphic contexts dating after the construction of the talud wall that has monumentalized the site. We will discuss this data and its inter-regional relations within Iberia, namely the how and why of such an early inland and Northern cultural presence of Mediterranean influences.*

Keywords: *Eastern Trás-os-Montes; Late Bronze Age/Early Iron Age; Settlement monumentality; Northern Meseta influences; Mediterranean influences.*

Resumo: *As escavações da Fraga dos Corvos (2011-2017) forneceram abundante informação sobre a sua ocupação durante o final da Idade do Bronze e transição para a Idade do Ferro. Os dados estratigráficos e artefactuais recolhidos mostram a existência, em Trás-os-Montes oriental e durante este período histórico, de um «povoado» grande e complexo cuja monumentalidade exige compreensão e explicação, juntamente com a descoberta de intercâmbios culturais com a Meseta Norte e o Sul Mediterrâneo peninsulares, nomeadamente de um conjunto artefactual de origem e/ou influência orientalizante. Entre bronzes (fíbulas, agulhas, espátulas de cosméticos, etc.), ferros (faquinhas) e contas vítreas, o conjunto recuperado ultrapassa já as cinco dezenas de artefactos, muitos destes recuperados em contextos posteriores à construção da muralha em talude que monumentalizou o sítio. Discutimos estes dados e as suas relações inter-regionais peninsulares, nomeadamente o como e o porquê de presenças culturais mesetanhas e mediterrâneas neste espaço do Norte Interior de Portugal.*

Palavras-chave: *Trás-os-Montes Oriental; Bronze Final/Ferro Inicial; Monumentalidade; Influências mesetanhas; Influências mediterrâneas.*

---

* If the copyright for tables, graphs and other images is not indicated, it belongs to the authors of this text.

** Centre for Archaeology (Uniarq) of Lisbon University. Cidade Universitária, Campo Grande. 1600-214 Lisboa — Portugal.

*** Centre for Archaeology (Uniarq) of Lisbon University. Cidade Universitária, Campo Grande. 1600-214 Lisboa, Portugal. Email: elsavluis@gmail.com.

**** Collaborator of the Centre for Archaeology (Uniarq) of Lisbon University. President of Associação Terras Quentes. Rua D. Maria Mascarenhas, Escola do Trinta, 5340-326, Macedo de Cavaleiros.

1. INTRODUCTION

Late Bronze Age (LBA) as well as the beginnings, or even the existence, of the Early Iron Age (EIA) are still very badly known periods in Eastern Trás-os-Montes, that's why the results of the fieldwork we developed in the mountain site of Fraga dos Corvos constitute a modern first contribution for an approach to the questions raised about this pre-classical formative period in the region.

The reality the Romans found in this interior area[1] is similar to other areas of Asturian ethnicity as found, for example, in the site of de Pinhovelo, also in Macedo de Cavaleiros basin, and that it could be on the Southern area of the *Zoelae* territory, eventually controlling it[2].

As we understand the available evidence, we think that the abandonment of Fraga dos Corvos *habitat* site in a late moment of the LBA — or even within what some colleagues would call the EIA — could be correlated with the first settlement of Terronha de Pinhovelo.

In a *longue durée* perspective, as happened with all the ethnogenesis processes that are going on during the Late Iron Age (LIA) in Iberia[3], we could have in our study area a similar process related in this instance to the *Zoelae*.

2. FRAGA DOS CORVOS LOCATION AND ENVIRONMENT

The Fraga dos Corvos Bronze Age *habitat* site occupies a rocky outcrop (870,856 m high) on the northwest slope of Serra de Bornes, parish of Vilar do Monte, municipality of Macedo de Cavaleiros, district of Bragança (Fig. 1).

The site commands an imposing visual dominion over the Macedo de Cavaleiros basin, namely on the areas with fertile soils as well as the most important traditional routes, into and out of this basin, namely the mountain passes where in the middle of last century were found several metal hoards of halberd blades (Abreiro, Carrapatas and Vale Benfeito[4]) belonging to the Early Bronze Age (EBA).

Its substrate consists mainly of schist metamorphic rocks, with some quartz and greywacke veins, known for the acidity they provide to the soil, thus reducing the possibility of preservation of organic matter in the archaeological record.

In the region there are some outcrops of talcoxist, a raw material used in the archaeological site for the elaboration of exceptional artefacts. The region also has some ore deposits that may have supplied the site small scale metallurgy. Tin placers and secondary gossans with copper carbonates, are available within walking distance of less than

[1] LEMOS, 1993.
[2] BARRANHÃO, TERESO, 2006.
[3] RUIZ ZAPATERO, ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2002.
[4] BÁRTHOLO, 1959.

a day from the site[5]. Copper carbonates, due to their bright greenish tonality, probably were easily recognizable to the prehistoric communities.

The region also has abundant water resources in a complex network of tributaries of the rivers Sabor and Azibo and several streams. Closely to the site, two small streams, respectively the Vale de Nogueira and Ribeirinha, border Fraga dos Corvos rocky outcrop from the west and east, providing the two closest sources of water to the site.

The original vegetation cover in the area would have been a temperate oak forest — mainly with Pyrenean oak (*Quercus pyrenaica wild*) and Holm oak (*Quercus ilex L. ssp. Rotundifolia Lam.*) — but also, as shown in a paleoenvironmental approach made from recovered coal in several archaeological sites, a mix of Atlantic and Mediterranean taxa[6] — such as wild pine (*Pinus pinaster*), cork oak (*Quercus suber*), juniper (*Juniperus communis*) and arbutus (*Arbutus unedo*). Bordering the watercourses ash (*Fraxinus sp.*), alder (*Alnus sp.*), willow (*Salix babylonica*) and hazelnut (*Corylus avelana*) would be found.

3. SOME REMARKS ON THE FIELDWORK HISTORY AND DATA OBTAINED AT THE SITE

First recognized as a Bronze Age site in 2003[7], when a land cleaning exposed archaeological remains, and following a first excavation campaign in order to evaluate the archaeological potential of the site, Fraga dos Corvos was the object of a total fifteen annual excavation campaigns[8] (2003-2017).

The first area opened (Sector A) is located on the top north of the hill where we found structural and artefactual evidence of a Middle Bronze Age (MBA) occupation in two separate sub-areas (trenches 2 and 3). This sector provided important data regarding production of the first binary bronzes (Cu, Sn) from North-western Iberia[9] in a domestic setting (Fig. 2) in a settlement with small sub-circular and ellipsoidal huts[10]. The pottery industry shows a clear relationship with the «Protogocotas» culture of central Iberia[11].

Parallel to the intervention in Sector A, we excavated Rock-Shelter 2 in the western versant of the site. It provided the first hints for a local Mediterranean influence in the LBA/EIA[12].

The unmistakably Mediterranean character of most of the metallic artefacts recovered hints at a surprisingly old connexion of Eastern Trás-os-Montes to the Phoenician presence in more southern areas of Iberia. The archaeometallurgical study of the set

[5] GEIRINHAS *et al.*, 2011.
[6] FIGUEIRAL, SANCHES, 1998-1999.
[7] SENNA-MARTÍNEZ, VENTURA, CARVALHO, 2004.
[8] LUÍS, SENNA-MARTÍNEZ, 2018.
[9] SENNA-MARTÍNEZ *et al.*, 2011b.
[10] SENNA-MARTÍNEZ *et al.*, 2010.
[11] ABARQUERO MORAS, 2005; LUÍS, 2010.
[12] FIGUEIREDO *et al.*, 2009.

points towards a local production copying Mediterranean models[13]. The cultural coherence of the set (Fig. 3) and the close proximity of their individual finding spots let us presume that they could be, in concordance to the results of the pottery analysis[14], part of a funerary deposit from the Late Bronze Age.

Finally, a Late Bronze Age/First Iron Age (LBA/EIA) occupation of the site saw the construction and use of a «talud wall»[15] around the North, East and South sides of the hilltop, surrounding an area of more than 1,5 ha. To this late occupation phase belongs the stratigraphic sequence excavated in Sector M on the southern platform of the hilltop (Fig. 1).

In 2008, the partial cleaning of the «talud wall» stone dressing in the southern entrance to the settlement added evidence pointing to its characterization as such and suggested a probable LBA/EIA construction through the finding at its base of a fibula of possible Acebuchal type[16] (Fig. 4).

The evidence for metallurgic activity at this archaeological site during the MBA has been widely studied and published as a result of the development of two transdisciplinary research projects of archaeometallurgy[17], financed by the Portuguese Science Foundation[18].

From the two rock shelters situated close to and bellow Sector A, on the north-western side of the hilltop, only rock shelter 2 had archaeological contexts preserved.

With 6, 30 m of depth, 3, 60 m of width on the entrance and 3, 10 m of average height, rock-shelter 2 is a deep cavity.

Partially parallel to the intervention in Sector A, the excavation of rock-shelter 2 during 2004-2006, showed a space that was probably used for funerary purposes during a Late Bronze Age/Early Iron Age (LBA/EIA) occupation[19].

A very complex stratigraphy was revealed by excavation, with a lot of disturbances, due to animal activity and also to unauthorized excavations[20]. Nevertheless, we were able to recover a coherent and important set of archaeological materials, namely pottery and metals, from which the pottery analysis allows a clear attribution of the occupation to the LBA/EIA[21].

---

[13] FIGUEIREDO *et al*., 2009; GOMES *et al*., 2013; SENNA-MARTÍNEZ *et al*., 2011b.
[14] LUÍS, 2016.
[15] A «talud wall» is a very primitive form of terrain consolidation in order to monumentalize and emphasize platforms; it differs from a «normal» wall because it consists of an undressed stone crude revetment of an abrupt earth escarpment previously rectified. In North-Western Portugal, this type of construction seems to appear by the end of the Late Bronze Age (BETTENCOURT, 2000).
[16] SENNA-MARTÍNEZ, LUÍS, 2009.
[17] SENNA-MARTÍNEZ *et al*., 2010, 2011b; ARAÚJO *et al*., 2013.
[18] Metallurgy and Society in the Late Bronze Age of Centre Portugal — METABRONZE (POCTI/HAR/58678/2004), and Early Metallurgy of the Portuguese Territory — EARLYMETAL (PTDC/HIS-ARQ/110442/2008).
[19] FIGUEIREDO *et al*., 2009; SENNA-MARTÍNEZ *et al*., 2012; REPREZAS, 2013.
[20] SENNA-MARTÍNEZ, VENTURA, CARVALHO, 2004, 2005, 2007; SENNA-MARTÍNEZ *et al*., 2006.
[21] LUÍS, 2016.

The metal artefacts we found, even coming from disturbed levels, compose one remarkable set (Fig. 3): a double resort fibula (181)[22], a flat pendant (252), decorated on both sides with dotted lines which form star-shaped motifs, a cosmetic spatula (361), two needles (188, 457), three bar-shaped fragments, a possible ring fragment, two possible bracelet fragments, a fragment of a Tartessian belt hook (473), a metal plate and a smelting nodule[23].

About 2010, several data hinted at a later occupation of Fraga dos Corvos during the LBA or even reaching the[24] EIA, namely: (1) The already mentioned collection of metal artefacts of Mediterranean affiliation recovered from Fraga dos Corvos Rock-Shelter 2; (2) five metal artefacts — a fibula spring and bow of Bencarrón type; two trumpet pendant terminals and both a knife and an axe blades in iron — and six glass beads from secondary stratigraphic contexts from Sector A; (3) the above mentioned needle and spring of a fibula of possible Acebuchal type from under the «talud wall» southern extremity.

That's why, in 2011, we decided to proceed with the excavation of a new sector atop the Southern platform of the site, adjacent to the «talud wall»[25] (Sector M).

The opened area of Sector M comprises 125 m^2, excavated during six field seasons (2011/2013-2015/2017).

Of the total opened area, 66 m^2 correspond to the occupied space inside the «talud wall» and the rest to the exposed top and front of the talud, which goes around the south and east of the platform, thus monumentalising the west side of the southern entrance to the LBA/EIA settlement.

This platform seems to have been artificially built on a gentle slope, by superimposing layers of dry undressed stone in an area of more than 200 m^2, from about 10 m inland towards a front of more than 6 m high (Fig. 5).

Inside the talud our expectations where fulfilled by the confirmation that there was indeed a long and complex preserved stratigraphy. Up to the 2017 campaign, all the excavated occupation levels are posterior to the construction of the talud and the platform.

Two main stratigraphical and occupational phases were recognized upon the platform: (1) a first one directly built over its completion; (2) a second one after the area was leveled and covered with rocky, compact and hard gravel.

The evidence recovered from the first phase shows the existence of habitational structures adjacent to the top of the talud. These were superimposed by a dark, organic

[22] This exemplar is made in a very fine binary bronze wire, with parallels with more southern exemplars like the LBA one from Coroa do Frade, in Alentejo (ARNAUD, 1979). The carbon-14 dating of the geographically closer Baiões/Santa Luzia exemplar from Outeiro dos Castelos de Beijós (SENNA-MARTÍNEZ, 2000: 47 – Sac-1524 = 2610±60 BP, 814-777 cal BC) opens up the possibility of a similar 8th century chronology for the Fraga dos Corvos exemplars.
[23] FIGUEIREDO *et al*., 2009; SENNA-MARTÍNEZ *et al*., 2012; GOMES *et al*., 2013.
[24] REPREZAS, 2013.
[25] LUÍS, REPREZAS, SENNA-MARTÍNEZ, 2012.

refuse layer with pottery fragments, grinding stones, metal artefacts, and abundant macrofaunal bones[26], which was sealed by the gravel layer.

The second phase levels, preserved further away from the talud top, show post-holes, fire-pits and refuse-pits (with plenty of pottery fragments, grinding stones and metal artefacts) that also suggests a domestic area even if its precise nature remains to be clarified.

With two exceptions the pottery vessels are all hand-made. Storage and cooking pots with everted rims and flat bottoms predominate, with a significant presence of extremely everted flattened rims (Fig. 6 – top; Fig. 7) that point to later regionally known Iron Age wheel made types.

Table ware is represented, either by small sub-spherical cups and bowls (Fig. 8), or by small fine ware carinated cups with burnish finish. A few exemplars of such vessels are comb-incised decorated (Fig. 6 — bottom; Fig. 9), and have a red ochre slip finish, with affinities to the so called «Early Soto World» of the Spanish Northern Meseta which Álvarez-Sanchis (1999) situates between the early 7th and the beginning of the 6th centuries BC[27]. These comb decorated sherds — in a total of nine exemplars coming from the same number of different vessels (Fig. 9) — occur distributed through the levels of the three stratigraphic phases excavated atop the platform of Sector M.

Ten pottery spindle-whorls were found in these LBA/EIA occupations layers. For similar occupation areas opened, there is an increase for the double in the number of spindle-whorls found in the LBA/EIA in relation to the MBA ones[28]. Like the MBA ones, they tend to be small, between 2,2 cm and 3,4 cm in diameter, and either of spherical, biconical or cylinder shape.

The big surprise of the excavation of both phases of Sector M and the similarly dated levels of Rock-Shelter 2 and Sector A comes from the high number of artefacts with Mediterranean affinities they provided, first of all Sector M.

The set of metals attributed to the LBA/EIA is particularly impressive and distributed through the three identified stratigraphic phases: (1) 15 bronze *fibulae* (Fig. 10) — mostly fragmented, and of Bencarrón[29] and Acebuchal[30] types, two of double resort type and one of early Annular Hispanic type; (2) three bronze cosmetic spatula; (3) eleven bronze needles (Fig. 11); (4) a pair of bronze tweezers; (5) three iron knives (Fig. 12 — second and third top rows); (6) a small iron axe or adze blade (Fig. 12 — top row);

[26] CARVALHO *et al*., in press.
[27] ÁLVAREZ-SANCHIS, 1999.
[28] LUÍS, 2014.
[29] Bencarrón type *fibulae* are usually situated between the middle/late 8th century BC and the middle 7th century BC (PONTE, VILAÇA, OSÓRIO, 2017: 140).
[30] To this other fibula type is usually attributed a time frame between the late 8th and the 6th centuries BC (PONTE, 2006: 142).

(7) one iron awl (Fig. 12 — fifth row from the top); (8) as well as several fragments of bronze plate riveted vessels. The already analysed bronzes show a probable local manufacture[31].

The majority of these metal artefacts points towards affinities with Mediterranean types of Phoenician introduction, and the iron knifes, axe/adze blade and awl (Fig. 12), together with thirteen blue glass beads (Fig. 13), must clearly be imports with the same origin. Thus, judging from the recovered *fibulae* types, the probable time frame for the building and occupation of Sector M platform is between the late 8th and early 6th centuries BC.

4. EVOLUTION OF INTERREGIONAL CONNECTIONS AND LOCAL DEVELOPMENT IN FRAGA DOS CORVOS SETTLEMENT

The interregional relationships of Fraga dos Corvos settlement were quite apparent from the first campaigns onwards. While MBA pottery shows a clear connection to the Protocogotas settlements of Salamanca area[32], the early binary bronze producing and working has probable connections' northwards, through Galicia and Asturias as far as France's territory[33]. Quite apparent at the artefactual level, these relations probably implied other ties within regional populations thus connected and their perception of the world[34].

The symbolic meaning associated to the regional pottery productions, namely decoration ways, could then be transmitted alongside vessel formal types and their utilization, this is clearly a research question to be pursued and that could go either way[35].

While it is not as widely disseminated in the excavated areas as the Protocogotas one was for the MBA, the number of identified specimens being much smaller, the «Early Soto» comb decorated pottery (Fig. 14) we find in the settlement LBA/EIA occupation levels points in the same direction.

During the MBA, tin production in Macedo basin area would not constitute a prime raw material for more southerly areas, still mainly processing arsenical copper. But in the LBA the generalization of binary bronze production all over Iberia would have made of tin a very sought of resource[36].

However, production of metal through the use of open-vessel reduction of copper oxides and/or carbonate ores, mixed with cassiterite when to produce bronze[37], was the rule during Iberia Bronze Age, and consequently the scale of metallurgical operations were always very small and simple[38].

---

[31] SENNA-MARTÍNEZ *et al*., 2012: 259-260.
[32] LUÍS, 2010, 2013, 2016.
[33] SENNA-MARTÍNEZ, 2007; SENNA-MARTÍNEZ *et al*., 2013.
[34] LUÍS, SENNA-MARTÍNEZ, 2018.
[35] SENNA-MARTÍNEZ, LUÍS, in press.
[36] SENNA-MARTÍNEZ, LUÍS, in press.
[37] ROVIRA LLORENS, AMBERT, 2002.
[38] ROVIRA LLORENS, MONTERO RUIZ, 2013: 232-234.

Also this state of affairs militates in favour of circulation, probably in limited quantities, of cassiterite itself, coming predominantly from alluvial placers (distributed between the Portuguese Beiras and Iberian Northwest), and thus explaining the well--known lack of tin ingots in Iberian Bronze Age.

Pre-tenth century BC presence in Portuguese Beiras LBA contexts of bronze weights, and iron blades of Mediterranean origin, together with local manufacture of fibulae that copy pre-Phoenician Mediterranean models[39] is a possible indicator of cassiterite (as well as gold) circulation.

One of us already argued[40] that it were technical and consequently «scale» differences in metal production between East and West of the Mediterranean Basin that were largely responsible for some of the difficulties that we think were felt by Phoenicians and Punic in accessing this important ore resource within Atlantic Iberia.

We called the principal socio-economic transformation of the indigenous societies contacted by the Phoenicians as an «urban revolution» — recuperating the Childean concept (Childe, 1950) — marking the beginning of a new historical period that we call the Iron Age[41].

In the Peninsular Northwest the kind of archaeographic ruptures associated with the beginning of the EIA can only be verified with the advent of what we normally designated as the «Late Iron Age (LIA)» and date from the middle 5th century BC. This is why some authors put the beginning of the Iron Age there[42], denying the regional existence of an EIA, that could be correlated to what can be found in the southern half of Iberia, an opinion that we tend to share.

However, it is also Bettencourt who proposes that, at least for the Minho area, if not for the whole of the Peninsular Northwest, we should consider, in these regional spaces from the end of the 7th century BC and until the beginning of the LIA between the 5th and 4th centuries BC, a «Bronze/Iron transitional period»[43], also assuming the possibility of asymmetries and regional nuances within this wide area.

Thus increasing orientalising influence in the South and Centre of Atlantic Iberia — during the 8th and 7th centuries BC — together with the establishment of the ports

[39] SENNA-MARTÍNEZ *et al*., 2011a.
[40] SENNA-MARTÍNEZ, 2013a.
[41] SENNA-MARTÍNEZ, 2013c: 181-182. The «urban revolution» concept implies the rupture of the «domestic forms of production» with poor goods circulation, mainly «prestige items», dominant in the indigenous LBA worlds. It sees the beginning of forms of «workshop centralized production» for trade, reason why the statistical predominance of wheel made pottery has constituted the most immediate archaeographic indicator for such transformation.
The emergence of urban spaces being revealed through the presence of separate areas for specialized artefact production — metallurgy, wheel-made pottery, etc. — commerce, temples and elite residences, while the close-by necropolis shows evidence of intensified social stratification (CHILDE, 1950).
[42] MARTINS, 1990; BETTENCOURT, 2005.
[43] BETTENCOURT, 2005: 31.

of trade of Santarém and Santa Olaia[44] and new movement through the «stele route», North of the Tagus river, if not marking the beginning of the EIA, can nevertheless be probably connected to an effort to intensify contacts with the tin producing areas of the Portuguese Beiras.

Such an attempt to intensify contacts and obtain tin seems not to have been very successful, given the scarcity of material elements of orientalising origin in the final stages of the Portuguese Beiras LBA[45] (c. 9th to 7th centuries BC).

We will have to wait for a moment that corresponds, probably, to the second half of the 7th century, beginning of the 6th century BC, to find, alongside the «stele route» a more evident relationship with the Southern Mediterranean influenced environments.

Coming back to Fraga dos Corvos, judging by the number of metal artefacts and metallurgical remains found up to now, the number of metal artefacts produced at the site probably intensified between the MBA and LBA/EIA. If we add to this metal production increase the Mediterranean typology of most of the products, we see the probable importance of the two-way north-south-north connection that we call the «stelae route»[46].

This old route linking Eastern Trás-os-Montes to North-Eastern Alentejo, and that the modern IP2 closely follows, was marked since the MBA by the succession of statues-menhir and warrior stelae erected alongside it[47]. In the LBA, the distribution of the «panoply» variant of the warrior stelae[48], concentrated in Beira Interior and Spanish Estremadura, is now proved to extend northwards till Southern Galicia (Castrelo do Val, Ourense)[49].

Besides the stelae, another item occurs that show that the route was not only a straight north-south-north connection but also provided more lateral eastern links to the south of the Spanish Northern Meseta (Salamanca Province), materialised in the MBA through the occurrence — alongside the Portuguese Beiras side — of pottery of Protocogotas type, and in the LBA by Cogotas 1 and Early Soto exemplars.

The cultural links regarding pottery of Protocogotas (MBA) and Early Soto (LBA/EIA) types found at Fraga dos Corvos probably went through this route, connecting the interior North of Portugal and the Western areas of the Spanish province of Salamanca[50].

The links with the Early Soto world (7th-6th centuries BC) make it quite possible that either some of the bronze artefacts of Mediterranean typology travelled north alongside this route, as the glass beads and early iron artefacts surely did (Figs. 12, 13),

[44] ARRUDA, 1999-2000.
[45] SENNA-MARTÍNEZ, 2013a.
[46] SENNA-MARTÍNEZ, 2013a.
[47] SENNA-MARTÍNEZ, 2013a: 10-11; SENNA-MARTÍNEZ, 2013b: 18-19, Figs. 6 and 7. GALÁN DOMINGO, 1994: 47.
[48] GALÁN DOMINGO, 1994: 47.
[49] PONTEVEDRA, 2012. Disponible en <http://ccaa.elpais.com/ccaa/2012/02/03/galicia/1328301594_419900.html>. [Consult. 20 jun. 2020].
[50] LUÍS, SENNA-MARTÍNEZ, 2018.

and then were reproduced locally, or it was their concept that was transmitted accompanying beads and early irons. The later hypothesis is more demanding of the capabilities and achievements of the local artisans.

The discover in the Alto Côa region of village-sites, controlling the mountain passes that connect Beira Alta to Beira Interior, with pottery of Early Soto type[51], together with the recovering of a fibula of Acebuchal type, in the Sabugal Velho site, as well as two fibulae of Bencarrón type from Vila do Touro[52] (accompanied by another of «Alcores» type) and Alegrios[53], goes well with the findings, in the Spanish side of our «stelae route», coming from the settlement of Picón de la Mora[54] (Salamanca). These findings include Early Soto type pottery, Acebuchal and double spring type fibulae, and a bronze needle identical to some of Fraga dos Corvos examples[55]. All this, points towards an increase in importance of the stele route, allowing the development of the corresponding contacts.

However, this continuity of southern-rooted cultural connections that seems to cover, along the northern part of the stele route, the Late Bronze Age/Iron Age transition does not appear to have changed the status quo prevailing during the LBA: low intensity economic contacts, probably following the networks of solidarity between elites and focusing mainly on «prestige items and fashions».

Monumentalizing structures and prestige objects notwithstanding, all the existing evidence hints towards a continuity model, in Fraga dos Corvos LBA/EIA settlement and its predecessor MBA one. The lacking of other sites excavated and a more comprehensive panorama of the regional settlement system precludes us of being more affirmative.

During the last half of the first millennium BC, we will witness the emergence of a site — central to the Macedo de Cavaleiros basin — that has the geographical, dimensional and organizational characteristics of a local power centre[56] (Terronha de Pinhovelo). This situation allows the hypothesis that, if a Bronze Age Fraga do Corvos was a more conservative first regional essay towards such a role, Terronha the Pinhovelo could be its replacement going through the LIA into a Roman occupation.

Terronha de Pinhovelo settlement begins as a more lowland site, but still central to Macedo basin. In its beginning — probably encompassing de EIA/LIA transition (c. 450-350 BC) — the site is monumentalised by a two talud walls (Figs. 15, 16), latter substituted by actual fortification walls.

Without further excavations at Fraga dos Corvos, Terronha de Pinhovelo and new sites dating to the Bronze and Iron Ages of Eastern Trás-os-Montes, it is impossible to go much further and substantiate, or no, the hypothesis we propose.

---

[51] OSÓRIO, 2005, 2009.
[52] PONTE, VILAÇA, OSÓRIO, 2017.
[53] VILAÇA, 1995: 341, 480, Figs. 6, 8.
[54] MARTÍN VALLS, 1971.
[55] ÁLVAREZ-SANCHIS, 1999: 72, Fig.18; SENNA-MARTÍNEZ *et al.*, 2012.
[56] BARRANHÃO, TERESO, 2006.

This study constitutes a preliminary synthesis on the available data on Fraga dos Corvos.

This being a site that we think is one of the most important ones to elucidate the beginning of the regional pre-classic ethnogenesis processes.

BIBLIOGRAPHY

ABARQUERO MORAS, Francisco Javier (2005). *Cogotas I. La difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce.* Castilla Y León: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo. (Monografías; 4).

ÁLVAREZ-SANCHIS, Jesús (1999). *Los Vettones*. Madrid: Real Academia de la Historia.

ARAÚJO, Maria de Fátima *et al*. (2013). *Investigação em Arqueometalurgia em Portugal resultados recentes e perspectivas futuras de uma equipa multidisciplinar*. «Al-Madan». S. II. 17:2, 69-78.

ARNAUD, José Morais (1979). *Coroa do Frade: fortificação do Bronze Final dos Arredores de Évora. Escavações de 1971-72*. «Madrider Mitteilungen». 20, 56-100.

ARRUDA, Ana Margarida (1999-2000). *Los fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C).* Barcelona: Universidad Pompeu Fabra de Barcelona/Carrera Edició, S.L. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6).

BARRANHÃO, Helena; TERESO, João (2006). *A Terronha de Pinhovelo na ciuitas zoelarum: primeira síntese.* «Cadernos Terras Quentes». 3, 7-26.

BÁRTHOLO, Maria de Lurdes (1959). *Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança*. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, pp. 431-439.

BETTENCOURT, Ana (2000). *O Povoado de São Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. (Cadernos de Arqueologia. Monografias; 10).

BETTENCOURT, Ana (2005). *O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro?* In CARVALHO, Teresa Pires, *coord*. *Castro. Um Lugar para Habitar.* Penafiel: Museu Municipal, pp. 25-40. (Cadernos do Museu; 11).

CARVALHO, M. *et al*. (in press). *Late Bronze Age faunal remains from Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, Eastern Trás-os-Montes, Portugal).* Faro: Proceedings of the Iberian Zooarchaeology Meeting 2017.

CHILDE, V. Gordon (1950). *The urban revolution.* «Town Planning Review». 21, 3-17.

FIGUEIRAL, Isabel; SANCHES, Maria de Jesus (1998-1999). *A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-história Recente*. «Portugalia». Nova Série». XIX-XX, 71-95.

FIGUEIREDO, Elin *et al*. (2009). *Orientalizing Artefacts from Fraga dos Corvos Rock Shelter in North Portugal.* «Materials and Manufacturing Processes». 24, 949-954.

GALÁN DOMINGO, Eduardo (1994). *Estelas, paisaje y territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Editorial Complutense. (Complutum Extra; 3).

GEIRINHAS, Filipa *et al*. (2011). *Copper isotopes on artifacts from Fraga dos Corvos First Bronze Age habitat site and nearby Cu occurrences: an approach on metal provenance*. In MATA-PERELLÓ, Josep M. *et al*., *coord*. *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre minería y metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo.* Pallars Jussá: SeDPGYM, pp. 177-184.

GOMES, Susana Sousa *et al*. (2013). *Isotopic Lead Characterization of Archaeological Bronzes from Fraga dos Corvos (N Portugal).* «International Journal of Conservation Science». 4: special issue, 661-672.

LEMOS, Francisco Sande (1993). *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga: Universidade do Minho. PhD Thesis.

LUÍS, Elsa (2010). *A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: O conjunto cerâmico da Sondagem 2 do Sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros).* Lisboa: Universidade de Lisboa. Master's Dissertation.

LUÍS, Elsa (2013). *Cerâmica do 3.º milénio a. C. em Macedo de Cavaleiros — Um caso de estudo*. «Cadernos Terras Quentes». 10, 89-99.

LUÍS, Elsa (2014). *Nunca a Boa Fiandeira Ficou Sem Camisa. Os cossoiros da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*. «Al-madan online». 19:1, 105-112.

LUÍS, Elsa (2016). *Mudança e transformação. Calcolítico, Bronze Inicial e Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental: reflexões a partir dos recipientes cerâmicos.* Lisboa: Universidade de Lisboa. PhD Thesis.

LUÍS, Elsa; REPREZAS, Jessica; SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2012). *A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). A Campanha 9 (2011). Primeira análise comparativa dos Sectores A e M – I Idade do Bronze/Bronze Final?* «Cadernos Terras Quentes». 9, 15-33.

LUÍS, Elsa; SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2018). *Bronze Age at a Crossroads: The Fraga dos Corvos Mountain Settlement in Eastern Trás-os-Montes, Middle and Late Bronze Age*. In SASTRE BLANCO, Jose Carlos; RODRÍGUEZ-MONTERRUBIO, Óscar, *eds*. *Archaeology in the River Duero Valley*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, pp. 85-101.

MARTÍN VALLS, Ricardo (1971). *El castro del Picón de la Mora (Salamanca)*. «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología (BSAA)». 37, 125-144.

OSÓRIO, Marcos (2005). *Contributos para o estudo do I milénio a. C. no Alto Côa*. In PERESTRELO, Manuel Sabino, *coord*. *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia [2.as Jornadas do Património da Beira Interior]*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 35-65.

OSÓRIO, Marcos (2009). *A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas*. In SANABRIA MARCOS, Primitivo Javier, *ed*. *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa — Alto Alentejo — Cáceres*. Cáceres: Museo de Cáceres, pp. 95-115. (Memorias; 9).

PONTE, Salete da (2006). *Corpus Signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal.* Coimbra: Caleidoscópio.

PONTE, Salete da; VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos (2017). *Duas fíbulas da I Idade do Ferro de Vila do Touro (Sabugal, Guarda).* In CRUZ, Domingos J., *coord*. *Mesa-Redonda «A Pré-história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro», [Estudos Pré-históricos* XVII, 2012], Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 135-145.

PONTEVEDRA, Silvia (2012). *Castrelo do Val se resiste a entregar a Patrimonio el menhir que halló un vecino.* «El País». February 4, 2012.

REPREZAS, Jessica (2013). *Existe uma «I Idade do Ferro» em Trás-os-Montes Oriental? O exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros).* «Cadernos Terras Quentes». 10, 123-128.

ROVIRA LLORENS, Salvador; AMBERT, Paul (2002). *Les céramiques à réduire le minerales de cuivre: une technique métallurgique utilisée en Ibérie, son extensión en France méridionale.* «Bulletin de la Société Préhistorique Française». 99, 105-126.

ROVIRA LLORENS, Salvador; MONTERO RUIZ, Ignacio (2013). *Iberia: Technological Development of Prehistoric Metallurgy*. In BURMEISTER, Stefan *et al*., *eds*. *Metal Matters; Innovative Technologies and Social Change in Prehistory and Antiquity*. Leidorf: Rahden/Westf.

RUIZ ZAPATERO, Gonzalo; ÁLVAREZ SANCHÍS, Jesús (2002). *Etnicidad y arqueología: tras la identidad de los vettones*. «SPAL». 11, 253-277.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2000). *O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final da Orla Atlântica: os dados do «Outeiro dos Castelos de Beijós» (Carregal do Sal). «*Trabalhos de Arqueologia da EAM». 6, 43-60.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2007). *Aspectos e Problemas das Origens e Desenvolvimento da Metalurgia do Bronze na Fachada Atlântica Peninsular.* «Estudos Arqueológicos de Oeiras». 15, 119-134.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2013a). *Um rio na(s) rota(s) do estanho: O Tejo entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro*. «CIRA Arqueologia». 2, 7-18.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2013b). *Metals, Technique and Society. The Iberian Peninsula between the first Peasant Societies with Metallurgy and the «Urban Revolution»*. In GUERRA, Maria Filomena; TISSOT, Isabel, *eds*. *A Ourivesaria Pré-Histórica do Ocidente Peninsular Atlântico. Compreender para Preservar.* Lisboa: Projecto AuCORRE, pp. 11-20.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2013c). *Aspectos do Centro-Norte do Ocidente Peninsular no Final da Idade do Bronze: Povoamento, Metalurgia e Sociedade*. «Estudos Arqueológicos de Oeiras». 20, 173-190.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos *et al.* (2006). *A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de habitat da primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3(2005).* «Cadernos Terras Quentes». 3, 61-85.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos *et al.* (2010). «*Melting the Power» — The Foundry Area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal).* In BETTENCOURT, Ana, *eds*. *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe.* Oxford: Archaeopress, pp. 111-117. (BAR International Series; 2058).

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos *et al.* (2011a). *Metallurgy and Society in «Baiões/Santa Luzia» Culture Group: Results of the METABRONZE Project*. In MARTINS, Carla B. *et al.*, *eds*. *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/Settlement and Miniing in the Atlantic Western Europe. Proceedings of the First International Congress, Braga, 10th December of 2010.* Braga: CITCEM/APEQ, pp. 409-425.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos *et al.* (2011b). *First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos Habitat Site*. In MARTINS, Carla B. *et al.*, *eds*. *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/Settlement and Miniing in the Atlantic Western Europe. Proceedings of the First International Congress, Braga, 10th December of 2010.* Braga: CITCEM/APEQ, pp. 377-390.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos *et al.* (2012). *Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): A First Appraisal.* «O Arqueólogo Português». 2, 241-263.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos *et al.* (2013). *Os Machados Bujões/Barcelos e as Origens da Metalurgia do Bronze na Fachada Atlântica Peninsular.* In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, *eds*. *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 591-600.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos; LUÍS, Elsa (2009). *A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008).* «Cadernos Terras Quentes». 6, 69-79.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos; LUÍS, Elsa (in press). «*Patriarchs» and «Ladies of Power»: Gender and Social transformation in Early Peasant Societies. Presentation to the «Workshop Gender and Change in Archaeology»*. Lisbon, 19-20 October 2018. Lisboa: Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa/Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos; VENTURA, José Manuel; CARVALHO, Hélder Alexandre (2004). *A Fraga dos Corvos: Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros*. «Cadernos Terras Quentes». 1, 32-58.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos; VENTURA, José Manuel; CARVALHO, Hélder Alexandre (2005). *A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de habitat do «Mundo Carrapatas» da primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental.* «Cadernos Terras Quentes». 2, 61-81.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos; VENTURA, José Manuel; CARVALHO, Hélder Alexandre (2007). *A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 4(2006).* «Cadernos Terras Quentes». 4, 85-110.

VILAÇA, Raquel (1995). *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. (Trabalhos de Arqueologia; 9).

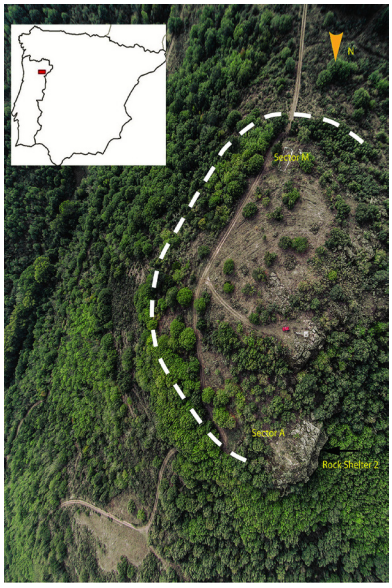


Fig. 1. Fraga dos Corvos location in the Iberian Peninsula (insert) and drone view (2014) with the main excavation areas and contour of the LBA/EIA talud wall (dashed line)

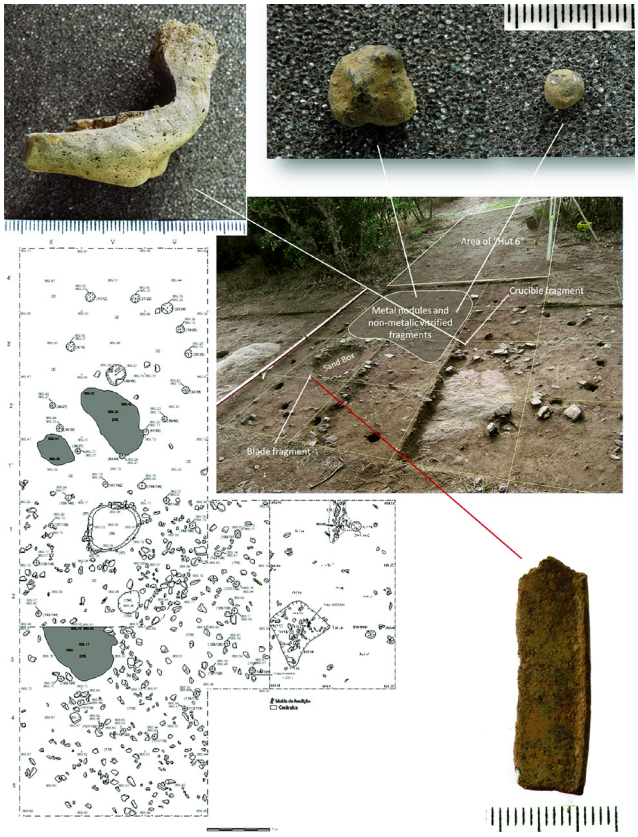


Fig. 2. Fraga dos Corvos. Photograph, excavation plan and some of the findings of the foundry area of Sector A (MBA — SENNA-MARTÍNEZ, et al., 2010, 2011) — Clockwise: crucible fragment with traces of binary bronze; binary bronze prills; binary bronze blade

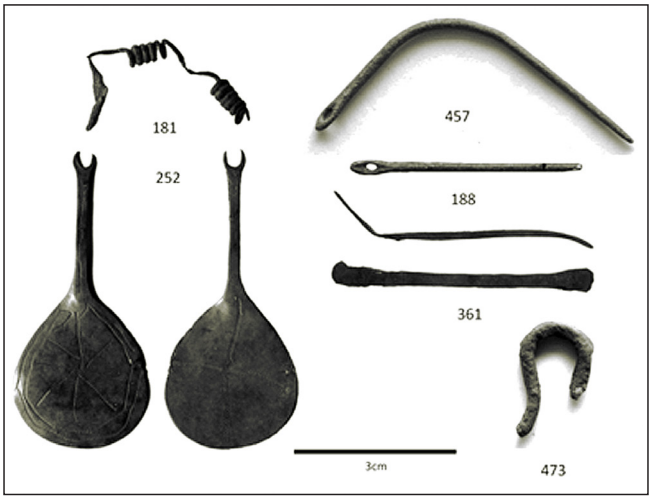


Fig. 3. Fraga dos Corvos. The main metallic artefacts from Shelter 2 (FIGUEIREDO *et al*., 2009) — (1) Binary Bronzes: 181 — double spring fibula; 252 — pendant; 457, 188 — needles; 361 — cosmetics spatula. (2) 473 — Copper wire loop from a Tartessian belt hook

Fig. 4. Fraga dos Corvos. Needle and spring of a fibula of possible Acebuchal type from under the «talud wall» southern extremity

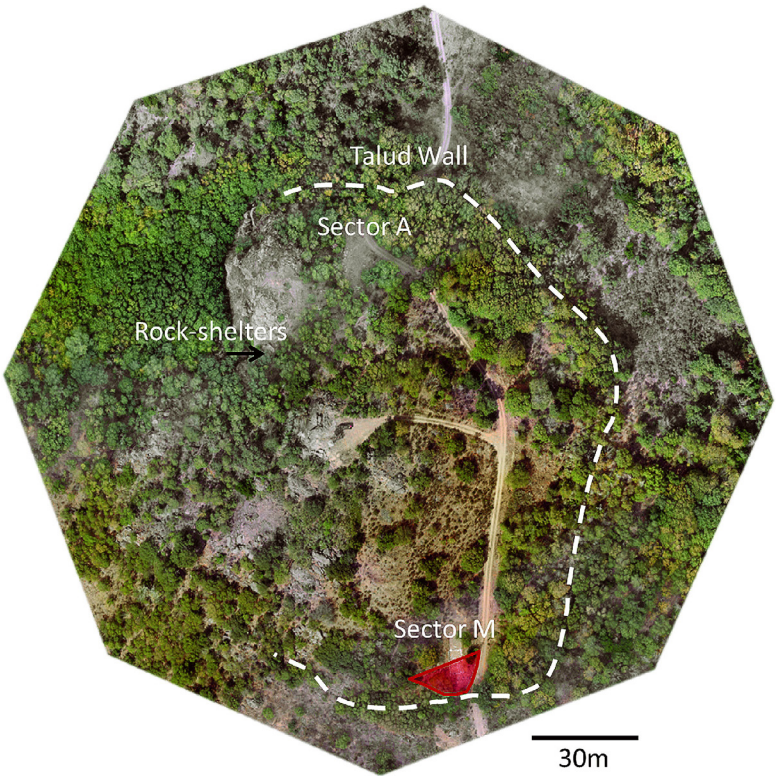


Fig. 5. Fraga dos Corvos. Orthophotomap (2019-09-14) with the main excavation areas and contour of the LBA/EIA talud wall — The red grisé area corresponds to the estimated extension of the LBA/EIA monumentalizing platform

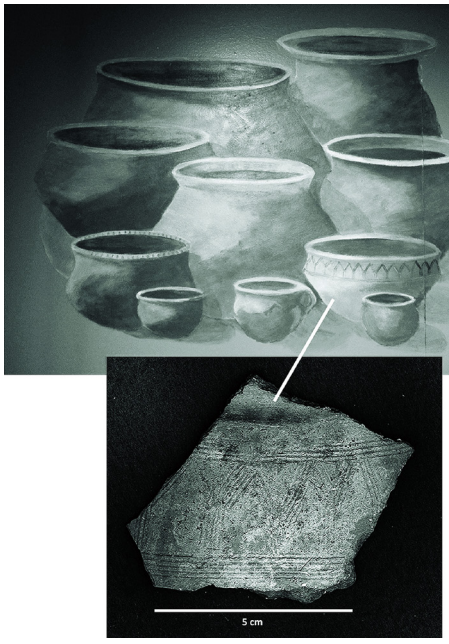


Fig. 6. Fraga dos Corvos. Pottery from Sector M LBA/EIA levels (top — original painting by M. A. Martínez) and comb-incision decorated fragment of Early Soto type

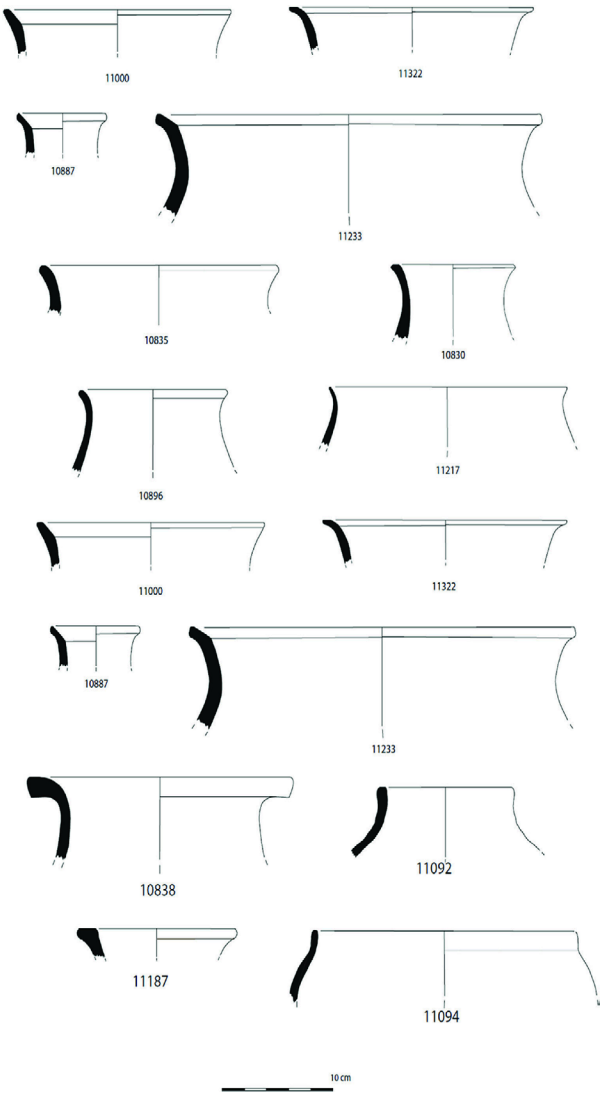


Fig. 7. Fraga dos Corvos. Kitchen and storage vessels

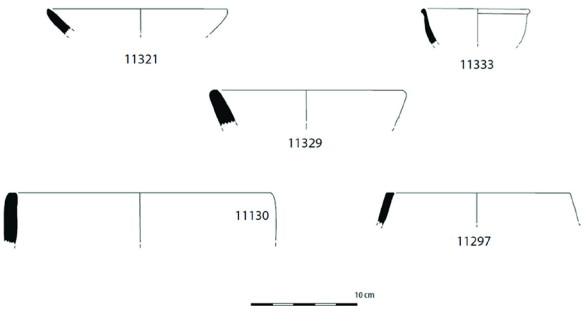


Fig. 8. Fraga dos Corvos. Sub-spherical cups and bowls

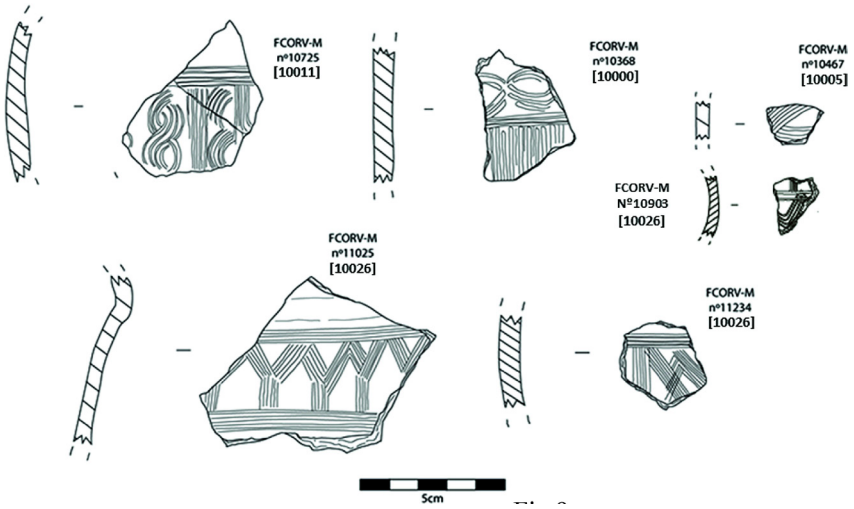


Fig. 9. Fraga dos Corvos. Comb incised pottery of Early Soto type

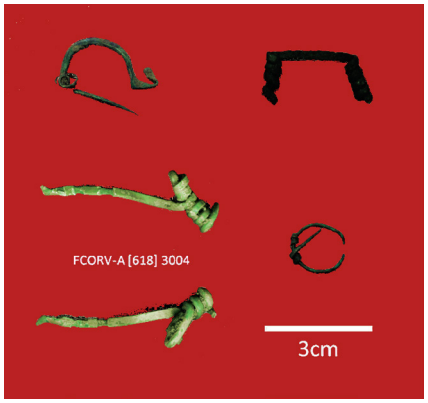


Fig. 10. Fraga dos Corvos. Fibula types, of binary bronze, from the LBA/EIA, counterclockwise from the top right hand corner: Double-spring; Acebuchal; Bencarrón; Early Annular Hispanic

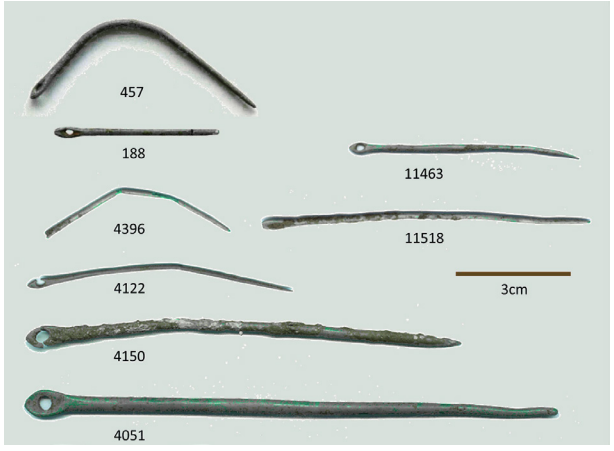


Fig. 11. Fraga dos Corvos. Binary bronze needles from the LBA/EIA

Fig. 12. Fraga dos Corvos. Iron artefacts from the LBA/EIA

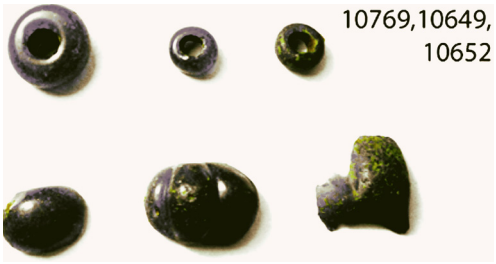


Fig. 13. Fraga dos Corvos. Blue glass beads of Mediterranean origin from the LBA/EIA

Fig. 14. Fraga dos Corvos. Pottery sherd with comb incesed decoration of Soto type

Fig. 15. Terronha de Pinhovelo. North and South Talud Walls (photo Carlos Mendes)

Fig. 16. Terronha de Pinhovelo. Top of Talud Wall North superimposed by a Late Iron Age wall (BARRANHÃO, TERESO, 2006: Fig. 7)

PRACTICAS FUNERARIAS DEL CALCOLÍTICO Y BRONCE EN POBLADOS DEL INTERIOR PENINSULAR: EL YACIMIENTO DE LAS MAYORES, NUMANCIA DE LA SAGRA (TOLEDO)*

ROSA BARROSO BERMEJO**
PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ***
ARMANDO GONZÁLEZ MARTÍN****
MARCOS SÁEZ MARTÍNEZ*****
JUAN MANUEL ROJAS RODRÍGUEZ-MALO******

Abstract: *The typical settlement pattern in Central Iberian Peninsula is characterized almost exclusively by the presence of pit structures, some including primary burials. The scarcity of other kind of features like houses or ditched and the continuity over the same landscape make difficult to know changes. However, between Copper and Bronze Age burial practices have always been an element of contrast. Differences in the type of burials, remains and rituals allow characterizing the Copper Age funerary contexts of those of the Bronze Age even if they are included in the same archaeological landscape. In this paper we show the data obtained in the Las Mayores site, in the province of Toledo. Constructions and ritual of the burials allow to reach here the comparative proposal.*

Keywords: *Pit sites; Copper — Bronze Age; Tagus basin; Burials.*

Resumen: *El poblamiento característico del interior peninsular, los campos de hoyos, formados mayoritariamente por silo y escasa presencia de viviendas o fosos, muestra una aparente continuidad de uso y restos materiales que dificultan su interpretación y la percepción de cambios. Sin embargo, entre el Calcolítico y el Bronce las prácticas funerarias siempre han sido un elemento de contraste. Diferencias en las construcciones funerarias, agrupaciones, restos materiales, rituales de deposición permiten caracterizar los contextos funerarios calcolíticos de los de la Edad del Bronce, aunque se inserten en el mismo espacio y definan un paisaje arqueológico semejante en apariencia. En esta comunicación mostraremos los datos obtenidos en el yacimiento de Las Mayores, en la provincia de Toledo, en el interior peninsular. Construcciones y ritual funerario permiten abordar aquí la comparativa propuesta.*

Palabras clave: *Campo de hoyos; Calcolítico — Edad del Bronce; Cuenca del Tajo; Enterramientos*.

* Si no se indica el *copyright* de tablas, gráficos y otras imágenes, pertenece a los autores de este texto.
** Universidad de Alcalá. Email: rosa.barroso@uah.es.
*** Universidad de Alcalá. Email: p.bueno@uah.es.
**** Universidad Autónoma de Madrid. Email: armando.gonzalez@uam.es.
***** Universidad de Alcalá. Email: marcos.saez@gmail19.com.
****** Rojas Arqueología. Email: jmrojasrodriguez@yahoo.es.

1. INTRODUCCIÓN

En los últimos años son muchos los estudios que han abordado las causas de los cambios culturales macrorregionales entre Calcolítico y Bronce, con especial énfasis en las fluctuaciones climáticas, los cambios demográficos[1] e incluso genéticos[2].

En el caso de la Meseta, que es la que nos interesa, los estudios determinan una discontinuidad cultural con importantes variaciones regionales aún por concretar para su sector Norte y Sur[3]. Aquí, parte del problema es la escasez de fechas absolutas frente a otros sectores peninsulares y la dificultad de obtener secuencias paleoecológicas consistentes a partir del poblamiento característico de los campos de hoyos.

Entre los elementos a comparar, las prácticas funerarias son un elemento de primer orden. Por un lado, la individualidad de la Edad del Bronce ha sido tradicionalmente destacada como novedad significativa frente a la colectividad anterior. Por otro, los enterramientos son algunos de los pocos contextos primarios que se encuentran en los yacimientos.

Los enterramientos de Las Mayores que tratamos en este trabajo nos permiten comparar pautas del III y II milenio a. C. en el Tajo medio, contribuyendo a la caracterización regional de la transición entre Calcolítico y Bronce en la Meseta Sur.

2. EL YACIMIENTO

Las Mayores pertenece al municipio de Numancia de la Sagra, al noreste de la provincia de Toledo. Se asienta sobre un terreno formado por depósitos terciarios, donde, además de limos, resultan llamativos los depósitos de arenas en paleocanales del arroyo de las Dos Villas. La zona es llana, con sólo una ligera elevación, casi imperceptible, en su parte central que es donde hay una mayor concentración de estructuras (Fig. 1).

La excavación de Las Mayores fue resultado de una de las muchas acciones de urbanización que se llevaron a cabo en España en la primera década de este siglo. Supuso la apertura de una gran extensión de terreno con la localización de 605 estructuras subterráneas que configuran un área ocupada de 2,46 ha. Su distribución muestra un núcleo central y una agrupación menos numerosa de estructuras hacia el noreste. Se trata de un «campo de hoyos», un tipo de poblado escasamente definido en términos tradicionales de áreas domésticas y funerarias, pues es el resultado de un paisaje acumulativo de diferentes usos prácticos y simbólicos. Su ocupación dilatada y su planificación, por caótica que sea en apariencia, ha sido constatada[4], aunque es difícil discernir la continuidad o recurrencia de los mismos emplazamientos. Se trata de poblados formados

[1] LILLIOS *et al*., 2016; BLANCO GONZÁLEZ *et al*., 2018.
[2] OLALDE *et al*., 2018, 2019.
[3] BLANCO GONZÁLEZ *et al*., 2018: 59; LÓPEZ SÁEZ *et al*., 2017.
[4] DÍAZ-DEL-RÍO, 2001.

por estructuras subterráneas, entre las que hay fosos[5], escasas viviendas y en su mayor parte, o exclusivamente como ocurre en Las Mayores, hoyos interpretados como silos o estructuras de almacenamiento.

Las agrupaciones de campos de hoyos del Neolítico, Calcolítico y Bronce, en ocasiones separadas por escasos metros o delimitaciones topográficas del terreno, se repiten en todo el interior peninsular[6] y tampoco faltan en la provincia de Toledo. El yacimiento de La Paleta y el Sector 22 de Yuncos[7] son algunos enclaves del mismo tipo del entorno próximo. Los restos materiales y algunas fechas en paralelo a Las Mayores permiten pensar en una extensa área poblada durante una amplia horquilla temporal (2473-1306 cal BC).

Las Mayores se excavó en el 2006 por la empresa Rojas SA. De la única nota preliminar publicada[8] se percibía la riqueza funeraria del enclave, a pesar de no ser incluido en síntesis posteriores sobre los enterramientos del Tajo[9]. Nuestro trabajo se ha centrado en revisar la información de la excavación, los materiales ya depositados en el museo y la realización de analíticas.

3. EL REGISTRO FUNERARIO

Ante la ausencia de viviendas, el análisis de los contextos funerarios de Las Mayores, superpuestos al espacio doméstico, era uno de los elementos más valiosos para reconstruir las características de la comunidad que ocupó el yacimiento.

La obtención de fechas, el estudio antropológico de los restos óseos, la reconstrucción de las tumbas y el ritual funerario, a partir de toda la documentación de campo, han centrado nuestro trabajo.

Del conjunto de estructuras excavadas, 27 hoyos fueron abiertos o reutilizados como tumbas para 52 individuos. La agrupación convierte a Las Mayores en uno de los yacimientos con mayor registro funerario del Tajo interior junto a Valle de las Higueras[10], Camino de las Yeseras[11], Humanejos[12] o Los Berrocales[13]. La cronología obtenida a partir de las tumbas nos permitió fijar la ocupación del lugar durante Calcolítico y Edad del Bronce.

[5] DÍAZ-DEL-RÍO, 2003; RÍOS MENDOZA, 2011.
[6] DÍAZ-DEL-RÍO, 2001; DÍAZ-DEL-RÍO, VICENT GARCÍA, 2006; BARROSO BERMEJO, 2016.
[7] BARROSO BERMEJO *et al*., 2014.
[8] PERERA RODRÍGUEZ *et al*., 2010.
[9] PÉREZ VILLA, 2015.
[10] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2005, 2019a.
[11] BLASCO BOSQUED, LIESAU, 2019; BLASCO BOSQUED, LIESAU, RÍOS MENDOZA, 2019.
[12] GARRIDO-PENA, FLORES FERNÁNDEZ, HERRERO-CORRAL, 2019.
[13] ALIAGA ALMELA, MEGIAS GONZÁLEZ, 2011.

3.1. La necrópolis campaniforme

La necrópolis agrupa siete tumbas en un pequeño espacio de 150 m² situado en una zona central y de notable acumulación de estructuras. Las fechas obtenidas confirman su uso entre 2473-2152 cal BC. En ella se agrupa un conjunto de 21 individuos (40,38% de la población documentada) combinando tumbas individuales y colectivas de hasta seis individuos.Estructuralmente, se trata de pequeños hipogeos de planta simple o geminada excavados en la arcilla del terreno. A pesar de su pequeño tamaño, no más de 2,80 cm. de eje longitudinal, se diferencia en ellos cámara funeraria y antecámara a modo de pequeño acceso descendente.

El espacio cameral tiene paredes abovedadas y es reducido (1,10-1,75 m de anchura). Un cierre de piedra lo sella y separa de la antecámara aprovechando el estrechamiento de su intersección. Una de las estructuras de mayor tamaño muestra un consistente paramento doble de piedra caliza irregular que llega a alcanzar un metro de altura. Las piedras, trabadas con barro, forman un frente vertical terminado en talud hacia la antecámara. La compacidad del barro y el tono oscuro nos llevó a realizar DRX y análisis químicos[14], que son compatibles con carbonatos y arcillas en los que no se observa ni los bordes de grano ni la presencia de fases vítreas que indicarían una preparación o cocción. La simple mezcla de las arcillas de la zona con agua le otorga consistencia. Sin duda, el muro da cierta entidad a la construcción y visibilidad.

La similitud de estas estructuras y las descritas en Yuncos[15] apunta a la relación entre agregaciones poblacionales y necrópolis en núcleos no muy alejados entre sí, como sucede en algunas zonas del Suroccidente peninsular[16].

Las tumbas son contextos incuestionables de uso primario. En todas ellas un individuo en posición primaria, el último en ser enterrado, se sitúa trasversalmente en la base de la cámara hacia la pared del fondo opuesto al acceso. Repiten la misma colocación en decúbito lateral y flexionados. Sin embargo, hay evidencias de una manipulación y usos más complejos de las estructuras, como es habitual en los enterramientos colectivos. Restos a los pies o a la espalda del individuo en posición primaria, en ocasiones conservando restos lábiles, prueban reducciones y reacondicionamientos de restos en los sucesivos usos de la tumba. El esfuerzo por mantener un reducido espacio funerario podría estar relacionado con algún tipo de cierre temporal de la estructura.

Más difícil es interpretar la presencia de piezas dentales incompatibles con el resto de los huesos conservados, que son la única presencia constatada de varios individuos incluso dentro de algunos de los cuencos que forman parte del ajuar. No hay manera de asegurar si en origen se trata de depósitos primarios o secundarios, pero sin duda deben entenderse

[14] Los análisis fueron realizados por Miguel Ángel Rodríguez en el Instituto de Cerámica y Vidrio del CSIC (Madrid).
[15] RUIZ FERNÁNDEZ, 1975.
[16] MORÁN, PARREIRA, 2009.

dentro de la dinámica interna del depósito, de uso colectivo. Hay que tener en cuenta la mejor conservación de los dientes, además de su asociación a individuos infantiles.

A excepción de una tumba sin ajuar, cuya adscripción a la necrópolis solo se ha realizado por el carbono-14, el resto muestran diferentes combinaciones de cerámica decorada o lisa, punzones de cobre, brazales de arquero y elementos en marfil. Además de cerámica con decoración Ciempozuelos (cuenco, vaso y cazuela) en tres de las tumbas, el resto contiene cerámica lisa sin que se pueda secuenciar lo que tradicionalmente se conoce como ajuares propiamente campaniformes y de tradición campaniforme. Es evidente su papel determinante en los ajuares campaniformes[17], pero también que la cerámica lisa juega el mismo papel que la decorada, como ya se ha probado[18]. Desgraciadamente, no hemos podido dibujar las piezas, salvo excepciones, dado el deterioro de los recipientes. No se trata de su mala conservación sino de su mala cocción. En especial los campaniformes decorados han sido sometidos a cocciones parciales, de muy mala calidad, con pastas prácticamente en crudo y decoraciones muy superficiales. Su elaboración debió ser precipitada, sin contar con el proceso de secado necesario[19]. De tratarse de una elaboración inexperta posiblemente no se ensayaría con formas complejas como cazuelas o vasos.

Los análisis antropológicos han determinado que entre los 21 individuos en las tumbas de III milenio a. C. hay una representación de todos los segmentos de edad, pero no equitativa. Hay un claro predominio de sub-adultos (81%), especialmente los infantiles. Evidentemente, el número de individuos es muy reducido para cualquier cálculo demográfico pero la cifra es importante en comparación con otros yacimientos peninsulares calcolíticos[20].

Entre los pocos individuos con sexo identificado, destaca la tumba de una mujer junto a un perinatal de 34-36 semanas, un grupo de edad de escasa representación en el Calcolítico[21]. La plena edad reproductiva de la mujer y la postura en decúbito lateral izquierdo, pero con los brazos extendidos, posiblemente sobre su abdomen, y no flexionados como en el resto, sugiere que se trataba de una mujer en estado de gestación (Fig. 2)[22].

A diferencia de lo planteado en Europa no se observa un patrón de colocación del cuerpo por sexos. Todos los individuos adoptan posición de decúbito lateral izquierdo, la predominante en el conjunto peninsular[23]. Sin embargo, en la única tumba contemporánea sin asociar a Campaniforme, el individuo fue colocado hacia el lado derecho.

[17] VANDER LINDEN, 2006: 159.
[18] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2005.
[19] AMARO, ANUNCIAÇAO, 2013.
[20] CINTAS-PEÑA *et al*., 2018: 100.
[21] ALIAGA ALMELA *et al*., 2015.
[22] BARROSO BERMEJO *et al*., 2018a.
[23] BARROSO BERMEJO *et al*., 2018a.

Esa misma distinción, no biológica sino cultural, dentro de una misma población también se observa en yacimientos como Humanejos[24].

La búsqueda de colocación del cuerpo es clara en la tumba LM461. En la base de la cámara se localizó un enterramiento en decúbito lateral izquierdo al que le faltaba el cráneo. Parte de los huesos de sus brazos estaban agrupados junto al cuerpo, fuera de toda conexión, junto a los de otro enterramiento previo reacondicionado. El cráneo se localizó en el lugar que debería haber ocupado de forma anatómica natural, pero 25 cm por encima (Fig. 3).

Esta cuestión contrasta con los enterramientos calcolíticos previos a la etapa campaniforme que conocemos en la zona. Los cuerpos tienen una distribución anárquica dentro de la tumba y también las colocaciones carecen de normativa alguna, encontrando individuos en evidentes posiciones atípicas, como arrojados a la sepultura[25].

Como hemos señalado, una séptima tumba es contemporánea del resto y contigua espacialmente, pero cambia la posición del enterrado, no cuenta con ajuar y ocupa un hoyo simple sin cierre pétreo alguno. Por otro lado, es la única tumba del conjunto sin cinabrio. Efectivamente, otra cuestión repetida en las tumbas campaniformes de Las Mayores es el rojo[26] que tiñe los restos óseos, el sedimento de base del enterramiento e incluso algunos de los elementos materiales (botones, brazales y cerámicas). Aunque no hemos determinado hasta el momento su procedencia, las localizaciones peninsulares conocidas están alejadas de Las Mayores. Su aplicación, en última instancia, fue variada. El cinabrio se espolvorea sobre las ropas de los enterrados y eso justifica su presencia en la parte inferior de los botones[27], por ejemplo. Sin embargo, también cubre por completo huesos desplazados de su posición original por el continuado uso de la tumba, lo cual supone que se aplica en sucesivos enterramientos, desarticulados o no. Su uso no discrimina entre adultos e infantiles.

3.2. Los enterramientos de la Edad del Bronce

Entre 1743-1306 cal BC se sitúa el segundo conjunto de enterramientos, en esta ocasión en relación con Cogotas I, durante el Bronce Medio, lo que se conoce como Protocogotas (1800-1450 BC), y su etapa final (1450-1150 BC)[28].

Se han documentado veinte tumbas con un total de 31 individuos. Frente a la agrupación evidente de los contextos del III milenio, las tumbas de la Edad del Bronce se distribuyen por toda el área abierta.

---

[24] GARRIDO-PENA, FLORES FERNÁNDEZ, HERRERO-CORRAL, 2019: 153.
[25] BLASCO BOSQUED, LIESAU, RÍOS MENDOZA, 2019.
[26] Mediante XRD analizamos una muestra que certificó que se trataba de cinabrio sin gran mezcla con óxidos de hierro. El mineral fue previamente triturado o molido, como se deduce de su granulometría fina.
[27] BARROSO BERMEJO *et al*., 2018a.
[28] ESPARZA-ARROYO, VELASCO-VÁZQUEZ, DELIBES DE CASTRO, 2012a.

La primera cuestión llamativa es que 3/4 de las sepulturas son individuales, aunque en ellas sólo se reúne la mitad de los enterrados. El 51% restante forma parte de sepulturas dobles, triples o múltiples de 4-5. Eso sí, con una gran variedad. Se asocian enterramientos primarios que reutilizan sucesivamente la misma tumba, primarios y secundarios, o individuos con conexiones anatómicas parciales que, en definitiva, implican desplazamientos postdeposicionales o traslados, en relación con usos más complejos de la estructura que un mero entierro y colmatación. No hay que descartar cierres provisionales, orgánicos, que mantuvieran activa la estructura un tiempo.

Constructivamente, las tumbas reproducen el mismo modelo de todas las que conocemos en la Edad del Bronce en la zona: fosas simples[29]. A diferencia de los pequeños hipogeos anteriores, parecen ser reutilizadas[30] y no conservan elemento imperecedero alguno de señalización. Hay variabilidad de tamaños y secciones, predominando las paredes rectas y bases planas. No se superan los 2,5 m de diámetro de boca, ni los 1,95 m de altura, existiendo una cierta proporción entre ambas medidas. En cualquier caso, las dimensiones tienen poca relación con el enterramiento.

El cuerpo se coloca en decúbito lateral con las piernas flexionadas. Sin embargo, esta posición estándar en Cogotas I[31] se acompaña de un porcentaje de enterramientos en decúbito supino o prono. La flexión del cuerpo, no justificada por cuestión de espacio, es realmente lo común a todas ellas, quizás por el uso de mortajas. Esta flexión se observa también en los *pithos* de pequeño tamaño utilizados en el yacimiento, siempre con infantiles[32].

Cierta autonomía muestra la tumba LM302 de Las Mayores, realmente atípica (Fig. 4A). Se trata de un adulto joven en decúbito prono y con los brazos flexionados bajo el torso. Su posición central tampoco es usual y exigiría de mayor esfuerzo en su colocación. En el conjunto de enterramientos predominan las situaciones laterales de los cuerpos, junto a los bordes de la estructura, incluso en recién nacidos. Podría buscarse una mayor protección del cuerpo, su mejor cobertura o una protección provisional, en el caso de reapertura central de la tumba. Esto es algo que posiblemente se produjo en más ocasiones de las que llegamos a apreciar estratigráficamente.

Respecto a la edad de los enterrados encontramos representados todos los grupos. Sin embargo, nuevamente destacan los individuos que no alcanzan la edad adulta, que son las tres cuartas partes de los enterrados.

La baja representación de adultos hace que sea destacable su repetida presencia en las tumbas no individuales, posiblemente formando grupos con relaciones familiares

[29] BARROSO BERMEJO *et al*., 2014.
[30] PÉREZ VILLA, 2015.
[31] ESPARZA-ARROYO, SÁNCHEZ-POLO, VELASCO-VÁZQUEZ, 2018.
[32] BARROSO BERMEJO *et al*., 2018b.

(Tabla 1). De la existencia de parentesco tenemos muestras genéticas en la Meseta Norte que incluso confirman asociaciones fuera del tradicional grupo familiar[33].

En escasas ocasiones ha sido posible identificar el sexo de los enterrados (dos masculinos y uno femenino). La Tumba LM387 muestra una mujer de entre 25-35 años en decúbito lateral derecho junto a una buena parte del cráneo y un fragmento del maxilar superior de un niño (Fig. 4B). Se han destacado los enterramientos de niños en posición primaria y restos femeninos, reliquias[34], en tumbas de la Edad del Bronce. Las Mayores muestra que son muchas las versiones posibles. Tampoco faltan los restos seleccionados y enterrados de forma aislada, indicando la manipulación y desplazamiento de huesos fuera de su tumba original. Al final encontramos restos de todas las partes anatómicas[35], si bien cráneo y mandíbulas son los más repetidos. En Las Mayores, cráneos parciales o completos, son los únicos seleccionados y las fechas muestran su contemporaneidad con otros enterramientos primarios.

Tabla 1. Tabla con la composición de las tumbas con adultos de la Edad del Bronce de Las Mayores (Numancia de la Sagra, Toledo)

Tumba	NMI	Composición
371	2	Dos infantiles
387	2	Adulto femenino + un infantil
364	3	Un juvenil + dos infantiles
283	4	Adulto masculino + dos infantiles + un perinatal
459	5	Un adulto masculino + cuatro infantiles

Los ajuares son escasos y por lo tanto un importante elemento de contraste con las sepulturas calcolíticas. Ninguna categoría, ni adornos, ni objetos, ni siquiera la cerámica, adquiere un verdadero protagonismo. Solo una concha y tres pequeños recipientes se localizaron en tres sepulturas y curiosamente en posiciones alejadas del propio enterramiento, como restando relevancia. Salvo un recipiente junto a un adulto, el resto

[33] ESPARZA-ARROYO, VELASCO-VÁZQUEZ, DELIBES DE CASTRO, 2012b; ESPARZA-ARROYO, 2017.
[34] ESPARZA-ARROYO, SÁNCHEZ-POLO, VELASCO-VÁZQUEZ, 2018.
[35] BARROSO BERMEJO *et al*., 2014.

aparecen en sepulturas de niños incluyendo un perinatal (Fig. 5). De ver en ello un reconocimiento social, lo habría recibido al nacer. En todo caso, es notable el número de infantiles que no tienen nada. Como suele ser habitual[36], los recipientes son lisos, aun cuando hay fragmentos cerámicos con las típicas decoraciones Cogotas entre el propio sedimento que sella las sepulturas.

La austeridad de los ajuares hace que su determinación, en ocasiones, no sea clara respecto a los restos domésticos que forman parte del relleno sedimentario. Esta cuestión es otro elemento de contraste. Los restos descartados durante la Edad del Bronce son mucho más abundantes y de mayor tamaño que en las tumbas calcolíticas, donde son ciertamente residuales.

Más significativas son las ofrendas animales, parciales o en completa conexión anatómica. Las encontramos en cuatro tumbas individuales. Los enterrados son tres infantiles y un adulto joven acompañados de ejemplares también jóvenes de sus, bos y *Canis familiaris L*. Los ejemplos de enterramientos Cogotas I junto a ofrendas animales del Tajo[37] reiteran una cuidada colocación, las superposiciones de cuerpos y la preferente edad infantil.

En ninguno de los enterramientos de la Edad del Bronce se encontró cinabrio por lo que, igual que en otros contextos del Tajo[38], su uso selectivo no se prolonga mucho durante el II milenio a. C.

4. COMPARATIVAS Y CONSIDERACIONES FINALES

Los restos funerarios del yacimiento de Las Mayores nos permiten reflexionar sobre la población que durante el Calcolitico y la Edad del Bronce habita el enclave. La información es sin duda sesgada, se refiere solo al ámbito de la muerte, pero es de las más sólidas en el estudio del típico poblamiento de la Prehistoria reciente del interior, los campos de hoyos. No olvidemos que las tumbas son un ámbito que reúne vivos y muertos. Junto a enclaves del interior como Valle de las Higueras[39] o Camino de las Yeseras[40], con una importante población del III milenio, Las Mayores, al igual que Humanejos[41], añade uno de los conjuntos funerarios más destacados del Bronce medio en el Tajo.

Durante el Calcolítico Campaniforme las tumbas, pequeños hipogeos, parecen realizadas *ex professo*, e intencionalmente agrupadas como cementerio, frente a las fosas de la Edad del Bronce. Estas son mucho más sencillas y funcionales, especialmente si se reutilizan silos anteriores y no se busca para sus beneficiarios un espacio común.

---

[36] BARROSO BERMEJO *et al*., 2014.
[37] BARROSO BERMEJO *et al*., 2014; LIESAU, BLASCO BOSQUED, 2006.
[38] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2019b.
[39] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2005, 2019a.
[40] BLASCO BOSQUED, LIESAU, RIOS MENDONZA, 2019.
[41] GARRIDO-PENA, FLORES FERNÁNDEZ, HERRERO-CORRAL, 2019.

La búsqueda de permanencia se percibe en los enterramientos calcolíticos más formalizados, con los últimos cuerpos colocados en decúbito lateral e incluso protegidos y señalizados por piedras, al cierre de la estructura. Ese «escenario funerario», incluso resaltado con el rojo del cinabrio, aparenta ser más descuidado y variable en la Edad del Bronce.

Algunas tumbas campaniformes de Las Mayores son individuales e, incluso, podría decirse que su colectividad es reducida. El rasgo tradicionalmente más revelador de las tumbas de la Edad del Bronce, la individualidad, no es por tanto nuevo y tampoco representa a toda la población, pero sí predomina. Las tumbas dobles, triples o múltiples tampoco muestran el mismo uso de los monumentos colectivos calcolíticos. La fosa parece haber estado abierta el suficiente tiempo como para permitir la frecuente manipulación, desplazamiento o traslado de restos, una vez producida la desarticulación. La preservación, al menos por el cuerpo completo, no importa en comparación con el valor que podrían tener algunos de esos vestigios óseos y su reacondicionamiento en nuevas tumbas. Esta dispersión de restos determina también una prolongación de la práctica funeraria y su significado.

Hay que reconocer que a lo largo de la Prehistoria en pocas ocasiones los registros funerarios se corresponden con la mortalidad esperada. Las Mayores es un ejemplo. Los datos resultan incompatibles con la mortalidad de una población natural tanto en el III como en el II milenio cal BC (Fig. 6). Es difícil determinar las causas, pero podemos descartar los problemas tafonómicos, pues estos afectarían más a la población inmadura que cuenta con registro en el yacimiento: cuatro recién nacidos.

En el caso de las poblaciones Cogotas de la Meseta, la escasez de perinatales, que en buena lógica serían los niños con más posibilidad de morir, la presencia de juveniles e infantiles de más de 8 años, cuya probabilidad de morir es baja y, sobre todo, el reducido número de enterramientos de la Edad del Bronce han generado interpretaciones culturales para explicar sus pautas funerarias. Se plantea que el tratamiento funerario habitual fuera la exposición de los cuerpos a la intemperie, lo que no dejaría huella arqueológica alguna. Sólo son inhumados aquellos individuos que han tenido una muerte inesperada o prematura[42].

En Las Mayores podría argumentarse que hay una consideración clara hacia los niños, siendo los adultos mayoritariamente agregados a sus tumbas. Sin embargo, tampoco este debió ser el comportamiento generalizado en toda la Edad del Bronce. Todo indica que estamos ante registros parciales que en pocas ocasiones permiten un serio análisis interno de una misma población biológica.

Un significativo cambio entre el Calcolítico y la Edad del Bronce se percibe en el equipamiento material. En la Meseta, la capacidad de atesorar *ítems* de los enterramientos

[42] ESPARZA-ARROYO, VELASCO-VÁZQUEZ, DELIBES DE CASTRO, 2012a, 2012b.

calcolíticos alcanza su auge con el Campaniforme por lo que no hay comparativa posible. Marfil, metal o cinabrio aparecen en las tumbas campaniformes de Las Mayores. No sólo hay que fijarse en la austeridad de los ajuares de la Edad del Bronce, sino que, como en el caso de la cerámica, ni siquiera se seleccionan piezas decoradas con los motivos típicos de las vajillas Cogotas. La cerámica decorada, quizás inspirada en las producciones del milenio anterior[43], ha dejado de comunicar en la tumba, adquiriendo posiblemente mayor valor en actos domésticos que en los funerarios. El desinterés por el contenedor podría compensarse con el contenido que al igual que las ofrendas animales supone la aportación de alimento. En definitiva, se trata de otro tipo de riqueza, más social y menos privativa que la exhibida en las tumbas campaniformes. Con ello los excedentes revierten en sus propios productores, incluso niños, sin mediación alguna.

De la comparativa expuesta en las tumbas de Las Mayores se generan diferencias que bien podría hacer pensar en poblaciones distintas. Sin embargo, la imagen se mitiga cuando acudimos a una realidad más amplia. Por un lado, la sistemática campaniforme tiene excepciones significativas que se han puesto de manifiesto, por ejemplo, en complejos rituales secundarios como los observados en Camino de las Yeseras donde de una veintena de individuos solo dos aparecieron en posición primaria[44]. Por otro, muchos de los comportamientos funerarios de la Edad del Bronce remiten a prácticas ancestrales con importante repercusión durante todo el Calcolítico de la zona. Es el caso de los restos óseos aislados, los enterramientos individuales, múltiples, tumbas en hoyos simples, la colocación un tanto anárquica de algunos individuos o la falta de ajuar[45]. Hay por lo tanto un mantenimiento o adquisición deliberada de determinadas tradiciones anteriores, en ocasiones reinterpretadas, y un patente rechazo por otras. La reiteración en el mismo espacio, junto a vestigios o ruinas de tiempos pasados, es un evidente signo de vinculación. Las diferentes percepciones de ese pasado y la ruptura con la realidad campaniforme más normativa caracterizan las prácticas funerarias de la Edad del Bronce.

AGRADECIMIENTOS

El trabajo ha sido realizado dentro del proyecto PGC2018-099405-B-I00 del Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades de España y el SBPLY/19/180801/000031 autonómico de Castilla — La Mancha. Agradecemos al director y técnicos del Museo de Santa Cruz de Toledo las facilidades dadas para el estudio de los restos allí depositados. También las sugerencias al texto de los dos revisores que lo han evaluado.

[43] BLANCO GONZÁLEZ, 2015.
[44] LIESAU *et al*., 2018; GARRIDO-PENA, FLORES FERNÁNDEZ, HERRERO-CORRAL, 2019.
[45] LIESAU *et al*., 2018; BLASCO BOSQUED, LIESAU, 2019.

BIBLIOGRAFÍA

ALIAGA ALMELA, Raquel *et al*. (2015). *Infant Burials during the Copper and Bronze Ages in the Iberian Jarama River Valley: A Preliminary Study.* In SÁNCHEZ ROMERO, Margarita; ALARCÓN GARCÍA, Eva; ARANDA JIMÉNEZ, Gonzalo, *eds*. *Children, Spaces and Identity.* Oxford: Oxbow Books, pp. 243-261.

ALIAGA ALMELA, Raquel; MEGÍAS GONZÁLEZ, Marta (2011). *Los Berrocales (Madrid): Un yacimiento de la Edad del Bronce en la confluencia Manzanares-Jarama*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.

AMARO, Gonçalo de Carvalho; ANUNCIAÇÃO, Carlos (2013). *Tentativa de Compreensão da Cadeia Operatória de Produção de Cerâmicas Campaniformes Através de Métodos Experimentais: exemplo baseado no estudo das peças do povoado calcolítico do Zambujal e da necrópole da Cova da Moura (Torres Vedras, Portugal)*. «Al-Madan». II Série. 17:2, 59-68.

BARROSO BERMEJO, Rosa (2016). *Solo contrastando. Calcolítico vs. Bronce en la Prehistoria del interior peninsular*. «Arpi». 04: extra, 264-285.

BARROSO BERMEJO, Rosa *et al*. (2014). *Enterramientos de la Edad del Bronce en la Meseta Sur peninsular a partir del Sector 22, Yuncos (Toledo)*. «Munibe». 65, 117-136.

BARROSO BERMEJO, Rosa *et al*. (2018a). *Tumbas, materialidad y maternidad en los enterramientos de mujeres con Campaniforme: Dos casos de estudio del valle medio del Tajo*. «Complutum». 29:2, 319-337.

BARROSO BERMEJO, Rosa *et al*. (2018b). *Inhumaciones en urna cerámica de la Edad del bronce en la cuenca media y alta del Tajo: una perspectiva comparativa*. «Spal». 27:1, 27-30.

BLANCO GONZÁLEZ, Antonio (2015). *Emulación decorativa y cerámicas ancestrales. Posibles fuentes de inspiración de las alfareras meseteñas de la Edad del Bronce*. «Zephyrus». 76, 39-56.

BLANCO GONZÁLEZ, Antonio *et al*. (2018). *Cultural, Demographic and Environmental Dynamics of the Copper and Early Bronze Age in Iberia (3300-1500 BC): Towards an Interregional Multiproxy Comparison at the Time of the 4.2 ky BP Event*. «Journal of World Prehistory». 31:1, 1-79.

BLASCO BOSQUED, Concha; LIESAU, Corina; RÍOS MENDOZA, Patricia (2019). *El registro funerario campaniforme de la Región de Madrid reflejo de una sociedad plural y compleja*. In DELIBES DE CASTRO, Germán; GUERRA-DOCE, Elisa, *eds*. *¡Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a. C.).* Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, vol. I, pp. 247-277.

BLASCO BOSQUED, Concha; LIESAU, Corina (2019). *Mundos paralelos: la convivencia de otras prácticas funerarias con los rituales Campaniformes.* In DELIBES DE CASTRO, Germán; GUERRA-DOCE, Elisa, *eds*. *¡Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a.C.), vol. I*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, pp. 340-363.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2005). *Ritual campaniforme, ritual colectivo: la necrópolis de cuevas artificiales del Valle de las higueras (Huecas, Toledo).* «Trabajos de Prehistoria». 62:2, 67-90.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2019a). *Ritual y arquitecturas en los hipogeos colectivos con campaniforme Ciempozuelos. La necrópolis de Valle de las Higueras, Toledo*. *España.* In DELIBES DE CASTRO, Germán; GUERRA-DOCE, Elisa, *eds*. *¡Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a. C.), vol. I.* Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, pp. 207-227.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2019b). *Funerary red (cinnabar versus ochre) and megalithic rituals in the central Iberian Peninsula.* «Bull. Soc. Prehistor. Française». 116, 73-93.

CINTAS-PEÑA, Marta *et al.* (2018). *The non-adult population at the Copper Age settlement of Valencina de la Concepción (Seville, Spain): a demographic, contextual and sociological approach*. «Trabajos de Prehistoria». 45:1, 85-108.

DÍAZ-DEL-RÍO, Pedro (2001). *La Formación del Paisaje Agrario: Madrid en el III y II milenios AC*. Madrid: Comunidad de Madrid.

DÍAZ-DEL-RÍO, Pedro (2003). *Recintos de fosos del III milenio AC en la Meseta peninsular.* «Trabajos de Prehistoria». 60:2, 61-78.

DÍAZ-DEL-RÍO, Pedro; VICENT GARCÍA, Juan (2006). *Movilidad, funcionalidad y usos del suelo en la Prehistoria Reciente*. «Arqueología Espacial». 26, 21-36.

ESPARZA-ARROYO, Ángel; VELASCO-VÁZQUEZ, Javier; DELIBES DE CASTRO, Germán (2012a). *HUM 2005-00139: Planteamiento y primeros resultados de un proyecto de investigación sobre la muerte en Cogotas I*. In RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio; FERNÁNDEZ MANZANO, Julio, *eds*. *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Valladolid: Universidad de Valladolid, pp. 259-320.

ESPARZA-ARROYO, Ángel; VELASCO-VÁZQUEZ, Javier; DELIBES DE CASTRO, Germán (2012b). *Exposición de cadáveres en el yacimiento de Tordillos (Aldeaseca de la frontera, Salamanca). Perspectiva bioarqueológica y posibles implicaciones para el estudio del ritual funerario de Cogotas I.* «Zephyrus». 61, 95-128.

ESPARZA-ARROYO, Ángel *et al.* (2017). *Familiar Kinship? Palaeogenetic and isotopic evidence from a Triple Burial of the Cogotas I Archaeological Culture (Bronze Age, Iberian Peninsula).* «Oxford Journal of Archaeology». 36:3, 223-242.

ESPARZA-ARROYO, Ángel; SÁNCHEZ-POLO, Alejandra; VELASCO-VÁZQUEZ, Javier (2018). *Damaged Burials or Reliquiae Cogotenses? On the Accompanying Human Bones in Burial Pits Belonging to the Iberian Bronze Age*. «Archaeologies: Journal of the World Archaeological Congress». 14, 346-376.

GARRIDO-PENA, Rafael; FLORES FERNÁNDEZ, Raúl; HERRERO-CORRAL, Ana, *coords.* (2019). *Las sepulturas campaniformes de Humanejos (Parla, Madrid).* Madrid: Comunidad de Madrid.

LIESAU, Corina; BLASCO BOSQUED, Concha (2006). *Depósitos con fauna en yacimientos del Bronce medio de la Cuenca del Tajo.* In BICHO, Nuno, *ed. Actas do IV Congresso de arqueología peninsular. Animais na Pré-história e Arqueologia da Península Ibérica.* Faro: Universidade do Algarve, Centro de Estudos de Património, pp. 81-92.

LIESAU, Corina *et al.* (2018). *Dentro y fuera de las tumbas campaniformes en Camino de las Yeseras: ¿una segunda vida para los muertos?* «CuPAUAM». Anejos. 3, 141-152.

LILLIOS, Katina *et al.* (2016). *Mid-late Holocene climate, demography, and cultural dynamics in Iberia: A multi-proxy approach*. «Quaternary Science Reviews». 135, 138-153.

LÓPEZ SÁEZ, José Antonio *et al.* (2017). *Landscapes, human activities and climate dynamics in the South Meseta of the Iberian Peninsula during the 3rd and 2nd millennia cal BC*. In BARTELHEIM, Martin; BUENO RAMÍREZ, Primitiva; KUNST, Michael, *eds*. *Key resources and socio-cultural developments in the Iberian Chalcolithic*. Tübingen: Eberhard Karls Universität Tübingen, pp. 129-142.

MORÁN, Elena; PARREIRA, Rui (2009). *La exhibición del poder en el Megalitismo del suroeste peninsular: tres casos de estudio en el extremo sur de Portugal*. «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada». 19, 139-162.

OLALDE, Iñigo *et al.* (2018). *The Beaker phenomenon and the genomic transformation of northwest Europe.* «Nature». 555, 190-196. [Consul. 14 jun. 2020]. Disponible en <https://doi.org/10.1038/nature25738>.

OLALDE, Iñigo *et al.* (2019). *The genomic history of the Iberian Peninsula over the past 8000 years*. «Science». 15:363 (6432), 1230-1234.

PERERA RODRÍGUEZ, Jaime *et al*. (2010). *La excavación arqueológica en el yacimiento las Mayores en Numancia de la Sagra (Toledo) Campaniforme y Bronce en la Comarca de la Sagra*. In MADRIGAL BELINCHÓN, Antonio; PERLINES BENITO, Maria, *coords*. *Actas de las II Jornadas de arqueología de Castilla — La Mancha*. Toledo: Castilla — La Mancha, vol. 3, p. 18.

PÉREZ VILLA, Alberto (2015). *Pautas funerarias y demográfica de la Edad del bronce en la cuenca media del Tajo.* Madrid: CSIC Publicaciones. (Bibliotheca Praehistorica Hispana; 31).

RÍOS MENDOZA, Patricia (2011). *Territorio y sociedad en la región de Madrid durante el III milenio AC. El referente del yacimiento de Camino de las Yeseras*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. Tesis doctoral.

RUIZ FERNÁNDEZ, Felipe (1975). *Una Necrópolis de la Edad del Bronce en Yuncos (Toledo)*. «Sautuola». 1, 117-133.

VANDER LINDEN, Marc (2006). *Le phénomène campaniforme dans l'Europe du 3ème millénaire avant notre ère. Synthèse et nouvelles perspectives*. Oxford: British Archaeological Reports, International Series, 1470.

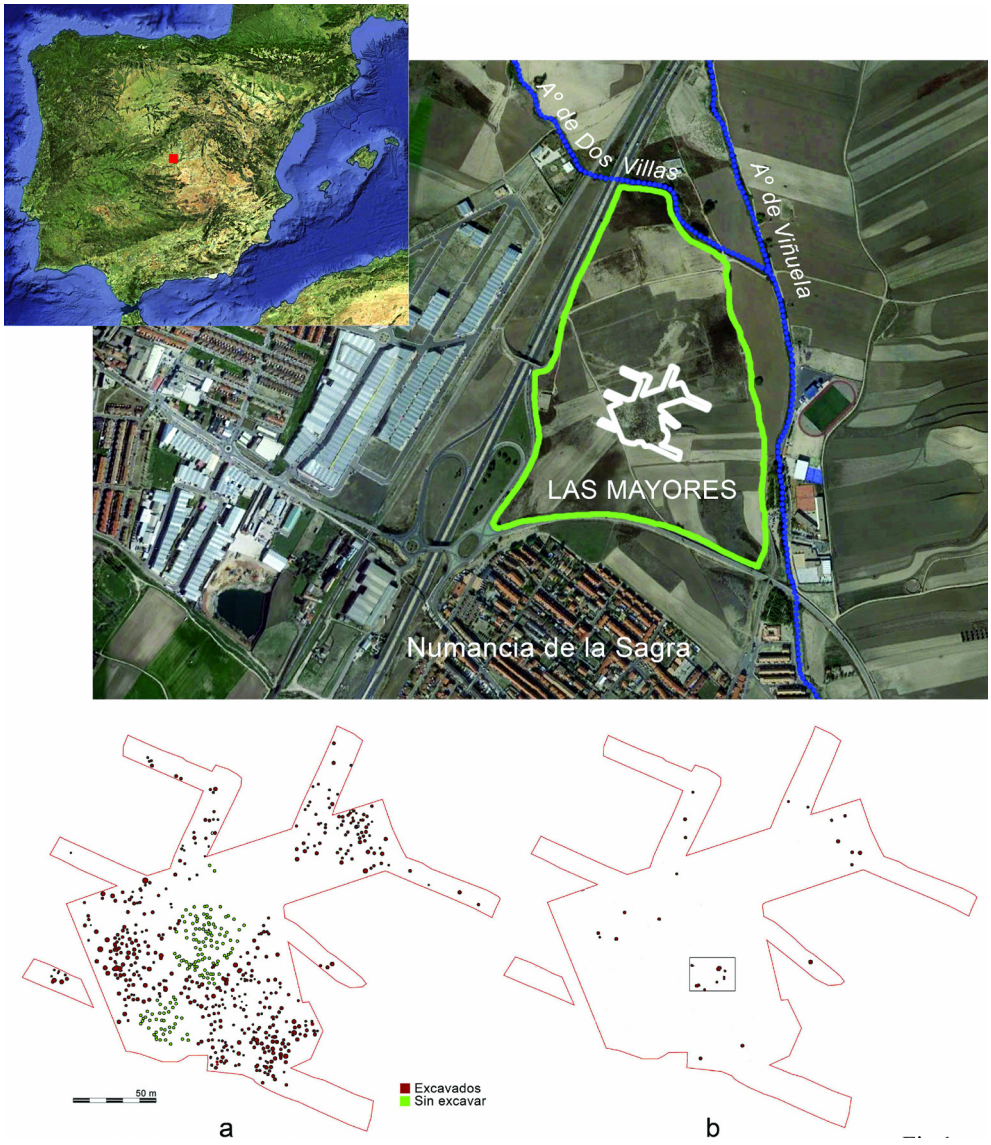


Fig. 1. Situación del yacimiento de Las Mayores (Numancia de la Sagra, Toledo, España). a) Plano del área de actuación con las estructuras localizadas; b) Estructuras con restos funerarios. El rectángulo delimita los enterramientos calcolíticos

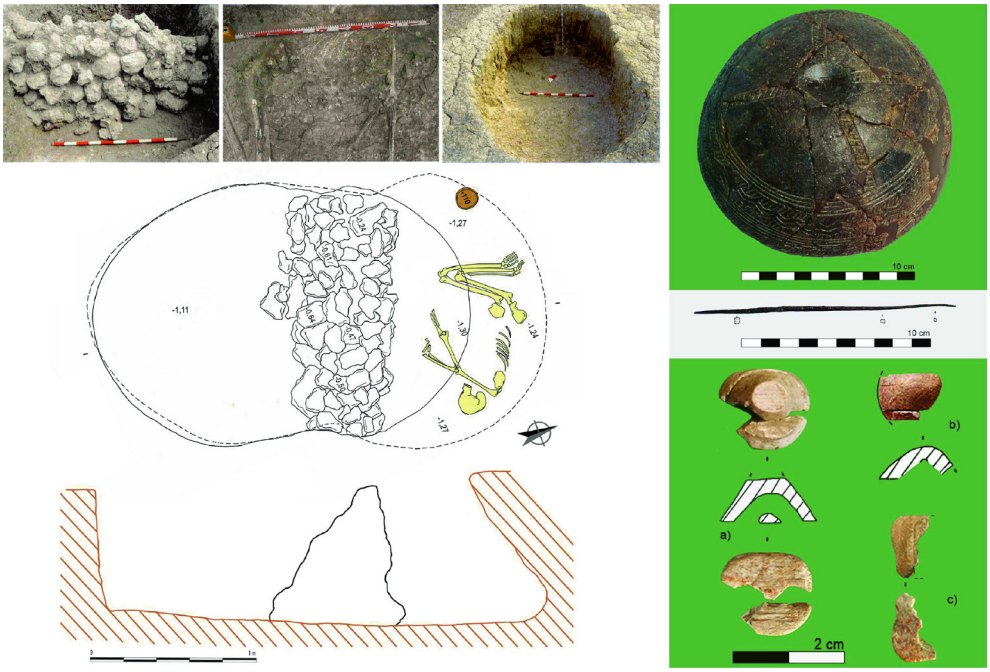


Fig. 2. Fotografías, representación en planta y sección del enterramiento LM 322 (Las Mayores, Numancia de la Sagra, Toledo). A la derecha materiales del ajuar a partir de BARROSO BERMEJO *et al*., 2018a.

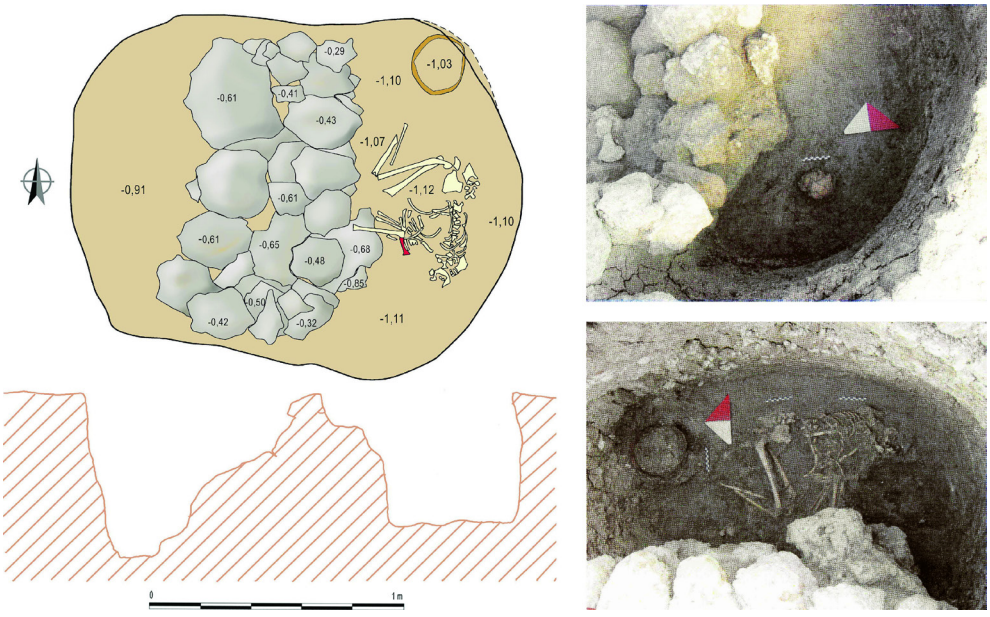


Fig. 3. Representación en planta y sección del enterramiento LM461. Fotografías de detalle de la posición del cráneo y del resto del enterramiento con cazuela Ciempozuelos a sus pies. (Las Mayores, Numancia de la Sagra, Toledo)

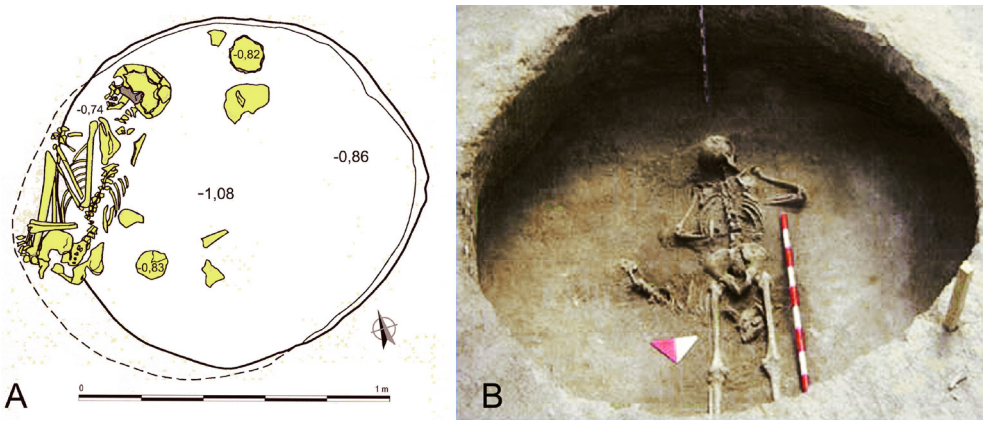


Fig. 4. A) Representación en planta del enterramiento doble LM387. B). Fotografía de LM302. Las Mayores (Numancia de la Sagra, Toledo)

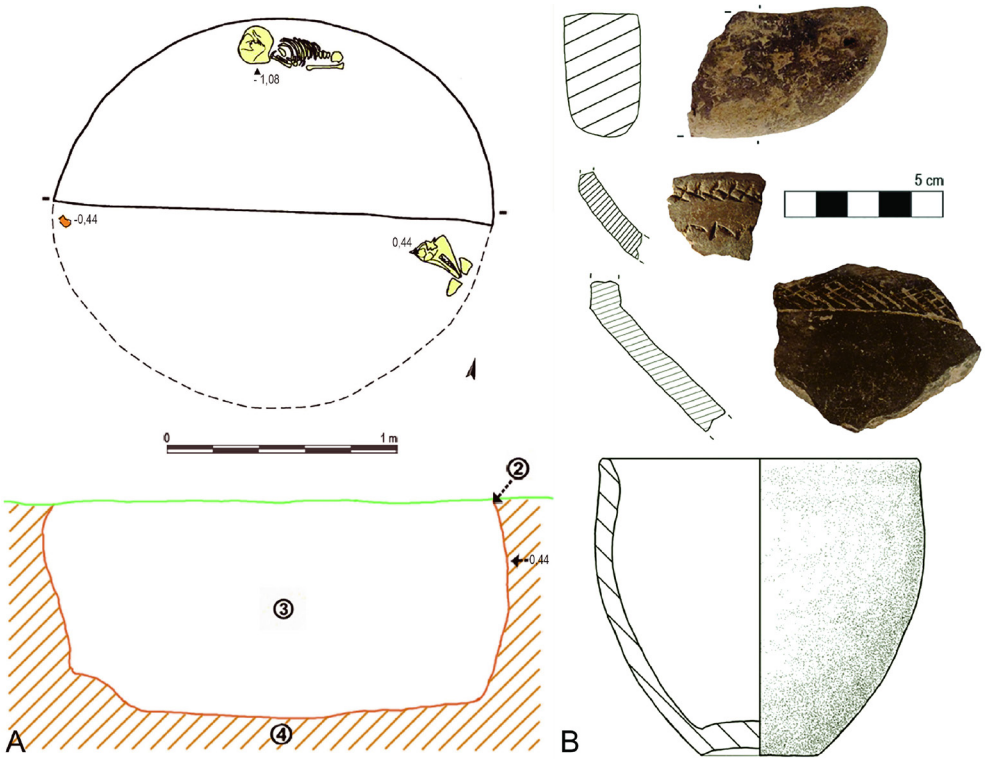


Fig. 5. A) Enterramiento LM197 de un perinatal con un fragmento de vaso y ofrenda animal. B) Materiales contenidos en la estructura y dibujo del vaso. Las Mayores (Numancia de la Sagra, Toledo)

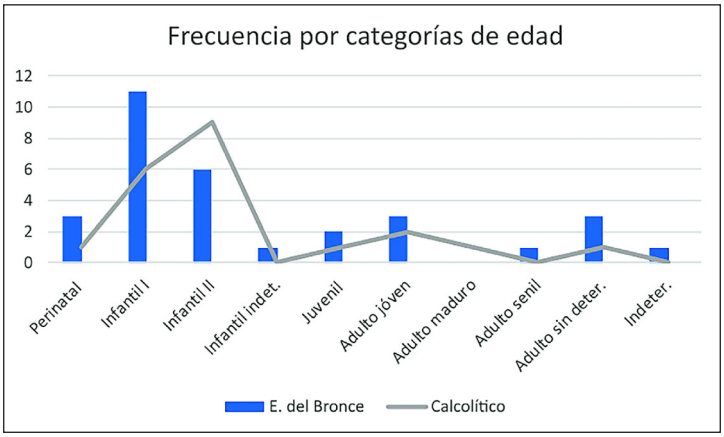


Fig. 6. Frecuencia por categorías de edad de los enterramientos del yacimiento de Las Mayores (Numancia de la Sagra, Toledo)

A REUTILIZAÇÃO SIMBÓLICA DE MENIRES DO ALENTEJO CENTRAL: O CASO DO MENIR DA CAEIRA (ARRAIOLOS, PORTUGAL)*

LEONOR ROCHA**

Abstract: *Research work carried out in recent decades in menhirs in Alentejo (Portugal) has identified some cases of re-use in later periods, namely the Bronze Age and Roman Period.*
The menhir da Caeira (Arraiolos, Portugal) is presented here as a case study, where a clear ritual (?) re-use in later periods was identified, which proves the maintenance of symbolic practices for a long period of time. Thus, independently of the existing structures and changes between prehistoric societies and those that followed them, a continuity through the maintenance of religious practices associated with ancestral monuments is identified in these cases.

Keywords: *Menhirs; Bronze Age; Roman period; Arraiolos; Portugal.*

Resumo: *Os trabalhos de investigação realizados, nas últimas décadas, em menires do Alentejo (Portugal) têm identificado alguns casos de reutilizações, em períodos posteriores, nomeadamente da Idade do Bronze e do Período Romano.*
Apresenta-se, aqui, como caso de estudo, o menir da Caeira (Arraiolos, Portugal), onde se identificou uma clara reutilização ritual (?) em períodos posteriores o que comprova a manutenção de práticas simbólicas durante um largo período. Assim, independentemente das ruturas e mudanças existentes entre as sociedades pré-históricas e as que se lhe seguiram identifica-se, nestes casos, uma continuidade através da manutenção de práticas religiosas associadas a monumentos ancestrais.

Palavras-chave: *Menires; Idade do Bronze; Período Romano; Alentejo; Portugal.*

1. CARACTERIZAÇÃO DO SÍTIO

O menir da Caeira encontra-se inserido no conjunto tradicionalmente conhecido por «Megalitismo de Pavia» devido aos trabalhos realizados por Correia[1], entre 1914-1918. Na realidade, a distribuição geográfica deste conjunto é mais vasta, abrangendo, de acordo com os limites territoriais atuais, três concelhos, Arraiolos, Mora e Coruche. Em termos arquitetónicos, trata-se de um grupo muito diversificado[2], quer em termos de megalitismo funerário (antas e pequenas sepulturas protomegalíticas) quer em termos do megalitismo não funerário (menires isolados e recintos megalíticos).

O menir da Caeira foi identificado em 1994, no âmbito do projeto de investigação *Megalitismo e Povoamento de Pavia* — IPPAR (1995-1997), coordenado pela signatária

* Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence à autora deste texto.
** Universidade de Évora (Departamento de História, Largo dos Colegiais 2, 7000 Évora). CEAACP/UALg — Ref.ª UID/ARQ/0281/2020 — FCT. Email: lrocha@uevora.pt.
[1] CORREIA, 1921.
[2] ROCHA, 2018.

que submeteu, em 1996, um primeiro pedido de autorização para a sua escavação e recuperação, mas, devido a dificuldades várias, esta intervenção acabou por não se realizar. Volvidos vinte anos, no âmbito de um programa de investigação sobre o megalitismo à escala regional[3], voltou-se novamente a este monumento.

Em termos geográficos e administrativos, o menir da Caeira localiza-se no concelho de Arraiolos (Fig. 1), freguesia de Vimieiro, na transição das folhas 409 e 410, da *Carta Militar de Portugal* (coordenadas retangulares WGS84: 21569 | 212516 | 198m).

Morfologicamente, trata-se de um monólito em granito, de secção ovalada, com 5,18 m de comprimento, e que se encontrava tombado, junto a uma azinheira, no lado esquerdo do caminho que conduz ao Monte da Caeira. Apresentava, inicialmente, apenas algumas covinhas, na parte superior/exposta.

2. TRABALHOS DE CAMPO

Os trabalhos de campo realizados no menir da Caeira passaram por duas componentes distintas, uma de escavação arqueológica e outra de prospeção geofísica. As intervenções arqueológicas realizaram-se, maioritariamente, nos anos de 2016 e 2017. No total, foram intervencionados 37 m^2 (2016: 28 m^2; 2017: +3,5 m^2; 2019: +5,5 m^2 [Sond.1: 1,5 m^2; Sond.2: 2 m^2; Sond.3: 2 m^2]), sendo que o alargamento de 2017 e as sondagens de 2019 tinham por objetivo avaliar anomalias registadas nas duas campanhas de geofísica, realizadas no local (Fig. 4). A implantação privilegiada deste monumento, junto a um marco geodésico, permitiu obter uma ligação à rede geodésica nacional e a elaboração da planta topográfica[4] (Fig. 5).

2.1. A escavação

Os trabalhos arqueológicos realizados no menir da Caeira visavam a escavação integral do sítio, tendo por objetivos: i) avaliar o estado de conservação do menir; ii) identificar o alvéolo e/ou outras estruturas; iii) obter uma caracterização da estratigrafia; iv) identificar espólios de modo a conseguir integrar cronologicamente este monumento; v) conseguir recuperar o menir.

Em relação à metodologia utilizada nesta intervenção, optou-se por seguir, sempre que possível, os pressupostos metodológicos propostos por Barker[5] e Harris[6], com registo integral de todas as unidades estratigráficas identificadas.

---

[3] PIPA, *Megalitismo Funerário Alentejano II – MFA II, 2014/2017*, coordenado por Leonor Rocha.

[4] Esta intervenção foi integralmente financiada pela Câmara Municipal de Arraiolos, tendo o levantamento topográfico sido realizado pelos técnicos da autarquia. O proprietário, doutor Rui Lopes Aleixo — a quem agradecemos a autorização para a realização dos trabalhos arqueológicos — cedeu máquinas para a remoção do menir e trabalhadores para a limpeza da vegetação arbórea.

[5] BARKER, 1977.

[6] HARRIS, 1991.

Após a limpeza superficial do terreno, que envolveu o corte da vegetação arbustiva através de meios mecânicos (motosserra) e a definição da quadrícula inicial (posteriormente alargada — ver Fig. 4) iniciou-se a escavação a partir do canto SE. Ao final do primeiro dia, era já evidente que se estava perante um menir que poderia apresentar uma realidade substancialmente complexa, atendendo à identificação de materiais da Idade do Bronze e do Período Romano, na limpeza superficial [0] do terreno. Esta unidade continha, ainda, outro espólio de cronologias muito recente (ferros, vidros, latas de conserva) um pouco por toda a área definida e uma grande concentração de raízes da azinheira, localizadas sobretudo no lado oeste e norte do menir, o que veio a dificultar os trabalhos nesta área e provocar algumas anomalias em termos de estratigrafia. Esta unidade [0] apresentava terras arenosas, claras, em regra muito soltas.

A continuação da escavação da [1] e [2], sobretudo no lado este e sul da quadrícula, começou, desde logo, a confirmar a existência de reutilizações de dois períodos distintos: romano e bronze, com a existência de conjuntos de materiais mais ou menos encostados ao menir. Praticamente à superfície, encontravam-se os espólios do período romano que se apresentavam, por vezes, aparentemente delimitados por pedras de pequena dimensão — note-se que se estava em cotas ainda muito superficiais (entre 5 e 10 cm de profundidade) —, tendo sido individualizadas nas unidades [3], [4], [5], [6] e [7].

Em relação ao alvéolo, a primeira campanha não foi, de todo, conclusiva, uma vez que foram identificadas algumas pedras nos dois polos do menir, bastante descontextualizadas e/ou removidas pelas raízes. No lado poente, no final dos trabalhos de 2016, surgiram também algumas cerâmicas de cronologia romana, no corte, o que, conjugado com as dúvidas existentes em relação ao alvéolo nos levou a realizar uma primeira campanha de prospeção geofísica (Fig. 7), coordenada pelo professor Bento Caldeira, da Escola de Ciência e Tecnologia, da Universidade de Évora. Nesta fase, foram criadas duas grelhas, uma para análise mais geral na área envolvente e outra para uma análise mais fina, no canto SO da escavação, onde existiam cerâmicas. A grelha 1 cobriu uma área de 25x15 m, com perfis retos, paralelos e espaçados em 0,5 m, com uma antena de GPR de 400 MHz; a grelha 2, que pretendia analisar uma área mais localizada de 2 m x 2 m, teve um espaçamento de perfis de apenas 0,25 m e utilizou uma antena de 1.6GHz[7].

Face às anomalias registadas no georradar, que indicavam áreas com visíveis perturbações no subsolo (Fig. 8), em 2017, procedeu-se, então, ao alargamento da quadrícula para oeste (Fig. 4) e à escavação das unidades [3], [4], [5], [6], [7], [8] e [10]. Do lado este, encostado ao menir, a estratigrafia apresentou-se sempre menos perturbada uma vez que as raízes da azinheira não passaram para este lado, devido à presença do monólito. Os contextos arqueológicos encontravam-se, assim, muito bem preservados, junto ao menir, encontrando-se no topo, praticamente à superfície, as cerâmicas (Fig. 8)

[7] BEZZEGHOUD, 2020.

e moedas do Período Romano seguidas dos materiais da Idade do Bronze, na maior parte dos casos, sem existência de nenhuma *interface*. Nas áreas mais afastadas do menir, nas unidades [3], [4] e [6], devido à menor potência de solos, e passagem dos arados para os corta-fogos, os dois tipos de espólios encontravam-se, por vezes, mais misturados.

Na campanha de 2017, conseguiu-se rodar o menir (45º) para este, de modo a poder intervencionar a área que se encontrava subjacente. Esta operação permitiu não só identificar de forma inequívoca o alvéolo do menir, como, também, verificar que apresentava outros motivos gravados, na face que se encontrava oculta, raros no contexto do fenómeno menírico alentejano. Em face da complexidade e importância dos resultados obtidos, optou-se por realizar uma segunda campanha de prospeção geofísica, em 2019, num espaço mais alargado, atendendo à possibilidade de poderem ter existido mais menires ou outras estruturas associadas à ocupação da Idade do Bronze ou do Período Romano.

Estes trabalhos permitiram identificar três áreas de interesse, que foram averiguadas em 2019, com a abertura de sondagens específicas (Fig. 4). As sondagens 2 e 3 não revelaram nenhum potencial arqueológico. Na realidade, as anomalias registadas foram provocadas por irregularidades do afloramento (sondagem 2) e pela existência de raízes de uma azinheira (sondagem 3). Na sondagem 1, que se localizava junto ao limite oeste da escavação, foram identificadas mais algumas cerâmicas do Período Romano e da Idade do Bronze, mas de forma mais dispersa.

2.1.1. Unidades Estratigráficas identificadas

[0]. Camada de terra superficial, arenosa, de tonalidade acinzentada, bastante solta e com muitas raízes e folhas, sobretudo do lado norte da quadrícula. Apresenta alguns materiais de cronologias recentes (vidros, ferros, latas, fragmentos de cerâmica de roda), da Idade do Bronze (cerâmica manual, carenada) e romanos (fragmentos de cerâmicas e moedas).

[1]. Camada de terras de tonalidade castanho-clara, arenosa, solta, que abarca toda a área intervencionada, com muitas raízes do lado norte — nesta área, possuí uma tonalidade mais acinzentada devido a fenómenos de bioturbação. Algum espólio disperso, sobretudo de cronologia recente e também fragmentos de cerâmica manual, de roda e moedas.

[2]. Nível de terra arenosa, muito solta, com algumas pedras de pequena dimensão que se concentram junto ao topo norte do menir, muito revolvidas por ação das raízes. Algum espólio, sobretudo de cronologia recente e também fragmentos de cerâmica manual, de roda e moedas.

[3]. Camada que se define junto ao menir, nos quadrados M 6/7 e N7. Areias soltas e claras, com abundantes fragmentos de cerâmica, sobretudo do

Período Romano e moedas; possui também algumas pedras soltas, que podem corresponder a restos da [13].

[4]. Bolsa/covacho inserida na [3]. Rodeada por pequenas pedras miúdas e cerâmicas romanas apresenta, no seu interior, terras arenosas, com tonalidade acinzentada. Fragmento de peça metálica em ferro de tipologia impercetível.

[5]. Bolsa de terras arenosas de tonalidade acinzentada, na extremidade sul do menir (base); associada a cerâmicas e moedas romanas e manuais (bronze).

[6]. Bolsa/covacho delimitada por pedras de pequena dimensão e preenchida com terras arenosas de tonalidade acinzentada associada a cerâmicas e moedas romanas. Inserida na [3].

[7]. Camada de terras arenosas soltas, de tonalidade acinzentada, com alguns fragmentos de cerâmica romana no topo, seguida de cerâmicas da Idade do Bronze. Quadrado N7, lado oeste do menir.

[8]. Camada de terras arenosas, mais escuras que se encontra subjacente às UE [3], [4] e [5]. Apresenta vasto conjunto de materiais da Idade do Bronze (taças e vasos carenados).

[9]. Substrato geológico que se apresenta irregular em termos de forma e de compacidade.

[10]. Camada de terras muito escuras junto à raiz da azinheira, lado oeste do menir, com materiais arqueológicos do Bronze Inicial e romanos (incluindo moedas), misturados devido à ação das raízes.

[11]. Camada de terras arenosas de tonalidade cinzenta, escura, relativamente solta, que se define do lado oeste do menir; com espólio maioritariamente da Idade do Bronze, mas ainda com alguns fragmentos de cerâmica de roda e moedas, do Período Romano. Subjacente à [1] e encosta à [10].

[12]. Cama do menir. Constituída nas laterais por restos das UE [8] a este e [11] a oeste, misturadas com raízes e restos vegetais superficiais. A base apresentava escassa potência de terras; no topo norte existiam algumas pedras, de pequena dimensão que parecem indiciar a existência de restos de uma calçada que teria servido para fazer deslizar o menir para o alvéolo.

[13]. Alvéolo do menir. Constituído por pedras de dimensões pequenas e médias; algumas são blocos de granito em desagregação. Entre as pedras existe um areão, compacto que parece resultar do granito alterado que foi escavado para a abertura do alvéolo.

3. OS CONJUNTOS ARTEFACTUAIS

Os materiais recolhidos no menir da Caeira ascendem, atualmente, a mais de mil registos, mas o trabalho de tratamento do espólio (marcação, descrição e desenhos) ainda não se encontra concluído. Em termos gerais, podemos dividir em dois grandes

grupos, atendendo às cronologias, Grupo 1: cerâmicas manuais, da Idade do Bronze; Grupo 2: cerâmicas a torno e metais, do Período Romano:

Grupo 1. Este conjunto é o mais volumoso sendo maioritariamente constituído por recipientes carenados, cujos diâmetros de abertura não parecem ultrapassar os 24 cm. Na realidade, a amostra analisada até ao presente aponta para peças pequenas, com carenas baixas ou médias e diâmetros em torno dos 10 cm. Alguns destes vasos carenados apresentam pequenas asas ou mamilos na carena (Fig. 10). Apresenta-se em bom estado de conservação geral.

Grupo 2. No que respeita aos materiais do Período Romano, a cerâmica de roda apresenta maiores dificuldades de caracterização, em termos de formas e dimensões. Aparentemente, os fragmentos correspondem a vasilhas de dimensões médias a grandes, sendo que algumas são seguramente ânforas, pois recuperou-se parte de bordo ou fundo, além de alguns fragmentos de cerâmicas comuns e alguns (raros) fragmentos de imbrices e tegulae. Integram, ainda, este grupo um conjunto significativo de moedas (18) e uma peça metálica, que se encontra em fase de limpeza específica e estudo (Fig. 11). Este conjunto será publicado em conjunto com outros colegas especialistas no Período Romano e numismática.

4. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES: AS DIFERENTES FASES DE OCUPAÇÃO DO SÍTIO

> *Determinados elementos de la ideología religiosa que sustentó originalmente la erección de dichos monumentos resistieron el paso de periodos de tiempo extraordinariamente largos, siendo percibidos, identificados, interpretados y reinterpretados por sucesivas generaciones de acuerdo con las cambiantes condiciones sociales y culturales imperantes*[8].

A intervenção arqueológica realizada no menir da Caeira permitiu identificar várias ocupações, cronologicamente integráveis entre o Neolítico Antigo e o Período Romano. Estas evidências, comprovadas de forma inequívoca pela estratigrafia, espólios e estruturas identificadas, confirmam a existência de complexos rituais em torno deste tipo de monumentos, em períodos posteriores à sua construção e utilização inicial. Infelizmente, o tipo de solos existente nesta área não permite uma boa conservação dos restos osteológicos, pelo que não nos é possível relacionar estas ocupações com utilizações funerárias.

[8] GARCÍA SANJUÁN, GARRIDO GONZÁLEZ, LOZANO GOMÉZ, 2007: 110.

Com base nas evidências registadas, parece-nos possível identificar, pelo menos, cinco fases no menir da Caeira:

1) Fase I: construção. A escavação do menir da Caeira permitiu perceber que o afloramento rochoso se encontra muito à superfície, em média entre 20 a 30 cm de profundidade, e terá sido rebaixado para a abertura do alvéolo [13], mas, também, para criar uma espécie de rampa, virada a norte, que permitisse deslizar o menir. Aparentemente, esta rampa também poderá ter possuído algumas pedras, tipo calçada [12], à semelhança do que foi registado, por exemplo, no menir do Barrocal, em Reguengos de Monsaraz, intervencionado por Calado, em 1996. A escavação e posterior rotação do menir, para nascente, permitiu verificar que a sua base assentava sobre o próprio alvéolo o que possibilitou a sua conservação bem como parte da coroa de sustentação. Desta fase, muito provavelmente do Neolítico Antigo, apesar de não se ter encontrado qualquer espólio deste período (à exceção de algumas lascas de quartzo) restam, assim, a estrutura do alvéolo, o menir e a decoração.
2) Fase II: derrube. Sobre esta fase, não possuímos qualquer testemunho que nos indique se se tratou de um fenómeno natural ou intencional. Na realidade, se o terreno manteve as suas mesmas características no decurso dos últimos seis/sete mil anos, é provável que o menir tenha tombado por falta de sustentabilidade, uma vez que o alvéolo se apresenta pouco profundo. Apesar de desconhecermos a data em que esta fase ocorreu, a ausência de cerâmicas da Idade do Bronze por baixo do menir dá-nos um *terminus ante quem*.
3) Fase III: Bronze Inicial. Esta fase encontra-se muito bem representada no lado nascente, poente e lado sul do menir (base), encontrando-se praticamente ausente no lado norte (topo do menir). Os abundantes materiais arqueológicos recolhidos (dezenas de fragmentos de pequenas taças carenadas — alguns inteiros — bordos simples e bojos), por vezes depositados em conjuntos que integravam mais de uma dezena de exemplares, encontravam-se imediatamente abaixo do espólio romano, alguns com uma *interface* onde surgem misturados com o estrato seguinte, o que indicia que teria existido pouca sedimentação entre estas duas fases. Esta reutilização não é única em termos de monumentos megalíticos não funerários, tendo sido registadas ocorrências similares no Recinto Megalítico da Portela de Mogos[9], nos menires de São Sebastião[10] ou, ainda, no Arneiro dos Pinhais[11].

[9] GOMES, 1997.
[10] CALADO, 2004.
[11] MATALOTO, 2018.

4) Fase III: época romana. A escavação do menir da Caeira permitiu identificar uma ocupação que corresponderá, também, a um período de utilização/reutilização votiva (religiosa ou funerária) do Período Romano, representada por inúmeros fragmentos de cerâmica romana, moedas e uma peça metálica muito degradada. Ao contrário de outras reutilizações do Período Romano identificadas em monumentos megalíticos funerários que foram, em regra, bastante destrutivas[12], neste caso, verifica-se que as deposições foram realizadas diretamente o estrato com os materiais da Idade do Bronze Inicial, sem a sua remoção e/ou destruição. Os materiais desta fase integram cerâmicas comuns, restos de ânforas, escassos fragmentos de *imbrices* e *tegulae*, um fragmento de um artefacto em ferro e um conjunto de dezoito moedas (algumas muito erodidas), dos finais do império (séculos III-IV d. C.).
5) Fase IV: Período Contemporâneo. Por fim, a última fase corresponde a episódios registados em meados do século XX, muito provavelmente associados a caçadores e/ou a agricultores que utilizaram o menir derrubado como mesa, deixando ficar alguns materiais/embalagens de comida (vidros e latas de conserva), na área.

No que diz respeito ao menir da Caeira, apesar de existirem reocupações e/ou reutilizações em monumentos megalíticos funerários deste conjunto megalítico, quer da Idade do Bronze quer do Período Romano, não se conhece nenhum povoado do Bronze na área, não obstante tanto o concelho de Mora como o de Arraiolos terem sido abrangidos, recentemente, por projetos de prospeção com vista à elaboração da carta arqueológica[13]. No caso do Período Romano, apesar desta área específica parecer ser bastante marginal no que concerne à ocupação romana existente no Alentejo, existe uma *villa* a cerca de cinco quilómetros a NE do menir e um eventual casal romano a cerca de 1,5 quilómetros a NE, na margem norte da Ribeira de Têra. No entanto, há uma importante necrópole de incineração sidérica (séculos VI-IV a. C.) associada a um alinhamento de menires[14] a cerca de 2,2 quilómetros a NO deste menir e um povoado, provavelmente coevo desta necrópole, a um quilómetro a NE (Fig. 1).

Naturalmente que, quando observamos estes dois conjuntos de materiais, se torna evidente que se trata de uma ocupação claramente simbólica, uma vez que os espólios são muito específicos, não estando presentes os típicos conjuntos artefactuais existentes em contextos habitacionais. Por outro lado, apesar de terem sido identificados níveis e/ou espólios do Período Romano em outros menires e recintos da região[15] nenhum apresenta características similares às observadas no menir da Caeira, ou por serem

[12] ROCHA, 2016.
[13] ROCHA, SANTOS, BRANCO, 2013; CALADO, ROCHA, ALVIM, 2012.
[14] ROCHA, MATALOTO, 2012; ROCHA, 2003; DUARTE, ROCHA, PINHEIRO, 2003.
[15] CALADO, ROCHA, ALVIM, 2007; CALADO, 2004; ALVIM, ROCHA, 2011.

pouco expressivos (caso do Menir do Alto da Cruz) ou por se tratar de um eventual episódio de violação/destruição (caso do recinto das Fontaínhas).

Leonardo García Sanjuán refere que:

> *La utilización continuada de espacios monumentalizados como lugares sagrados y de enterramiento por parte de comunidades de la Edad del Bronce y de la Edad del Hierro, e incluso después de la extensión del imperio romano primero y el cristianismo después, constituye un robusto fenómeno cultural que apenas ha comenzado a ser comprendido*[16].

Infelizmente, para o caso do Alentejo, esta realidade pode estar irremediavelmente comprometida, uma vez que a esmagadora maioria dos monumentos megalíticos foi intervencionada na primeira metade do século XX. Apesar de, nos últimos anos, se ter vindo a investir na reanálise de monumentos e espólios[17] quando conjugamos arquiteturas/espólios e cronologias[18], percebemos que este fenómeno é muito mais complexo do que se supunha inicialmente, e a ausência de estratigrafias seguras (com recolha de todo os espólios existentes), poderá vir a constituir um sério entrave à compreensão de inúmeros sítios arqueológicos.

Por último, este quadro de utilizações e reutilizações de monumentos megalíticos existente no Alentejo, apesar dos matizes ou especificidades inerentes a cada um dos sítios[19], deverá também ser analisado de forma mais atenta, num quadro transregional. De facto, temos, nos últimos anos, alguns trabalhos que se debruçam sobre esta temática[20] e que nos reportam a existência deste tipo de ocorrências, pelo menos em termos peninsulares, e que necessitam de ser revistos e reanalisados de modo a poderem estabelecer-se eventuais padrões em termos geográficos e cronológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Pedro; ROCHA, Leonor (2011). *Os menires do Alto da Cruz: novos dados e algumas reflexões sobre o Megalitismo da área de Brotas (Mora).* «Revista Portuguesa de Arqueologia». 14, 41-55.

BARKER, Philip (1977). *Techniques of Archaeological Excavation.* Londres: Bastford.

BEZZEGHOUD, Maissa (2020). *Aplicação de técnicas geofísicas não invasivas à prospecção de sítios Pré-históricos do Alentejo Central: 3 casos de estudo*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de mestrado.

CALADO, Manuel (2004). *Menires do Alentejo Central. Génese e evolução da paisagem megalítica regional.* Lisboa: FLL. Tese de doutoramento.

[16] GARCÍA SANJUÁN, GARRIDO GONZÁLEZ, LOZANO GOMÉZ, 2007: 110.
[17] MATALOTO, 2018; ROCHA, 2005, 2015, 2016, 2017, 2020a, 2020b.
[18] ROCHA, 2020a.
[19] CALADO, 2004; GOMES, 1997; MATALOTO, 2018; OLIVEIRA, 1993; ROCHA, 2005, 2015; ROCHA, MIRÃO, 2018.
[20] GARCÍA SANJUÁN, 2005; GARCÍA SANJUÁN, GARRIDO GONZÁLEZ, LOZANO GOMÉZ, 2007; COSTELA MUÑOZ, 2017.

CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2007). *Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central)*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 10:2, 75-100.

CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2012). *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora.* Mora: Câmara Municipal de Mora.

CORREIA, Vergílio (1921). *El Neolítico de Pavia.* Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Memoria; 27).

COSTELA MUÑOZ, Yolanda (2017). *La pervivencia de la ideología megalítica durante el II y I milenios a.n.e. Un caso de estudio: el sur de Portugal*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 20, 45-60.

DUARTE, Cidália; ROCHA, Leonor; PINHEIRO, Vanda (2003). *A necrópole da 1.ª Idade do Ferro do Monte da Têra (Pavia)*. In MATEUS, José Eduardo; MORENO-GARCÍA, Marta, *eds. Paleoecologia Humana e Arqueociências: um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. Lisboa: IPA, pp. 269-270. (Trabalhos de Arqueologia; 29).

GARCÍA SANJUÁN, Leonardo (2005). *Las piedras de la memoria. La permanencia del megalitismo en el Suroeste de la Península Ibérica durante el II y I milénios ane*. «Trabajos de Prehistoria». 62:1, 85-109.

GARCÍA SANJUÁN, Leonardo; GARRIDO GONZÁLEZ, Pablo; LOZANO GOMÉZ, Fernando (2007). *Las piedras de la memoria (II). El uso en época romana de espacios y monumentos sagrados prehistóricos del Sur de la Península Ibérica*. «Complutum». 18, 109-130.

GOMES, Mário Varela (1997). *Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico.* In SARANTOPOULOS, Panagiotis, *ed. Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora.* Évora: Câmara Municipal de Évora, pp. 35-40.

HARRIS, Edward C. (1991). *Princípios de estratigrafia arqueológica.* Barcelona: Editorial Crítica.

MATALOTO, Rui (2018). *Who's U? Um santuário da Idade do Bronze no Cromlech do Arneiro dos Pinhais (Lavre/Ciborro-Montemor-o-Novo).* «Almansor». 3.ª Série. 3, 5-42.

OLIVEIRA, Jorge (1993). *Reutilização e reaproveitamento de materiais em sepulturas megalíticas do Nordeste Alentejano.* In JORGE, Vítor Oliveira, *coord. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular.* Porto: SPAE, vol. I, pp. 131- 137.

ROCHA, Leonor (2003). *O monumento megalítico do Monte da Têra (Pavia, Mora), Sector 2: resultados das últimas escavações.* In GONÇALVES, Vítor, *ed. Muita gente, poucas antas? Origens, Espaços e contextos do Megalitismo.* Lisboa: IPA, pp. 339-350. (Trabalhos de Arqueologia; 25).

ROCHA, Leonor (2005). *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno.* Lisboa: FLL. Tese de doutoramento.

ROCHA, Leonor (2015). *The Funerary Megalithic of Herdade das Murteiras (Évora, Portugal): the (re) use of the spaces. Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials*. In ROCHA, Leonor; BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BRANCO, Gertrudes, *eds. Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology, 29th April — 1st May 2013*. Oxford: BAR, pp. 221-230. (BAR International Series; 2708).

ROCHA, Leonor (2016). *Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano.* In SOUSA, Ana Catarina; CARVALHO, António; VIEGAS, Catarina, *eds. Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: UNIARQ/FLUL, pp. 167-177. (Estudos & Memórias; 9).

ROCHA, Leonor (2017). *Menir da Caeira (Vimieiro, Arraiolos). Relatório Técnico-científico Final*. Acessível nos Arquivos da DGPC. Lisboa, Portugal.

ROCHA, Leonor (2020a). *Datações absolutas para contextos funerários do Sul de Portugal: algumas reflexões em torno das arquiteturas e dos espólios.* «Scientia Antiquitatis». 2:2020, 81-104.

ROCHA, Leonor (2020b). *Where were the dead buried in Recent Prehistory? The problem of architectures versus chronologies in Central Alentejo (Portugal)/ Onde se enterravam os nossos mortos na Pré-história Recente?: O problema das arquiteturas versus cronologias no Alentejo Central (Portugal)*. In COUSSEAU, Florian; LAPORTE, Luc, *eds. Pre and Protohistoric Stone Architectures. Comparisons of the social and technical contexts associated to their building*. Oxford: BAR, pp. 86-94. (Proceedings of the XVIII UISPP World Congress, 4-9 June 2018, Paris, France; 1).

ROCHA, Leonor; MATALOTO, Rui (2012). *O conjunto megalítico do Monte da Têra. O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.

ROCHA, Leonor; MIRÃO, José (2018). *Novos dados sobre o megalitismo de Mora: a Anta do Pequito Velho (Mora, Portugal)*. «Scientia Antiquitatis». 2:2018, 2184-1160.

ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo; BRANCO, Gertrudes (2013). *Património(s) de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.

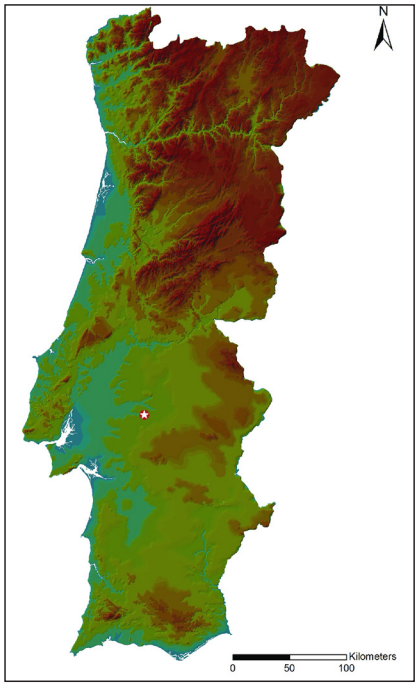


Fig. 1. Localização do sítio em termos nacionais

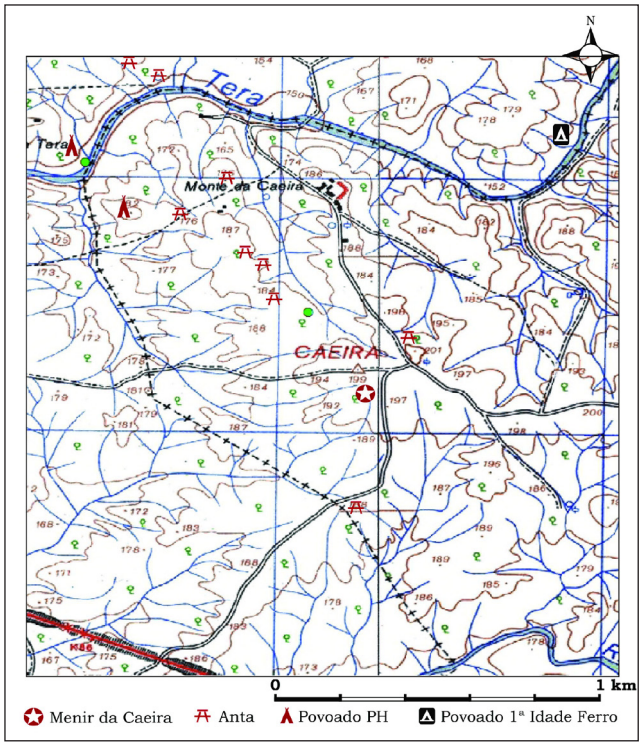


Fig. 2. Enquadramento arqueológico do Menir da Caeira

Fig. 3. Aspeto do menir no início dos trabalhos arqueológicos, em 2016

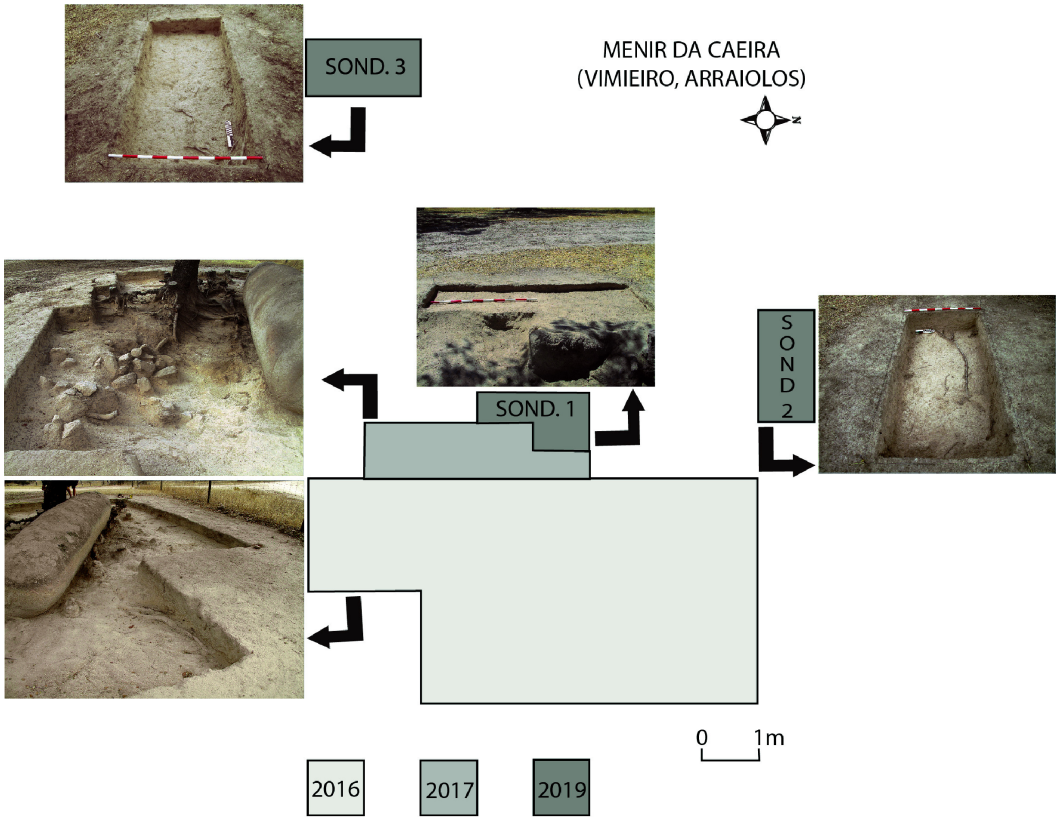


Fig. 4. Planta geral com indicação das áreas intervencionadas, por ano

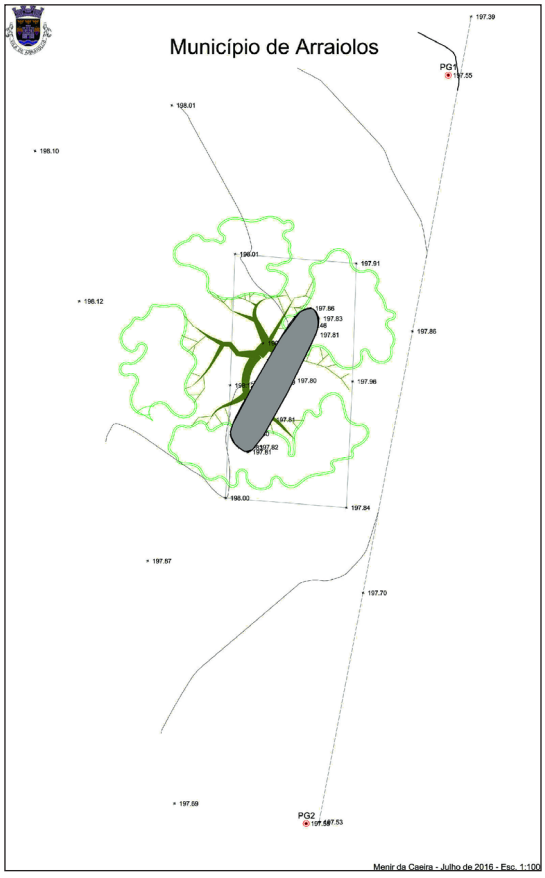


Fig. 5. Levantamento topográfico realizado pelos Serviços Técnicos da autarquia de Arraiolos

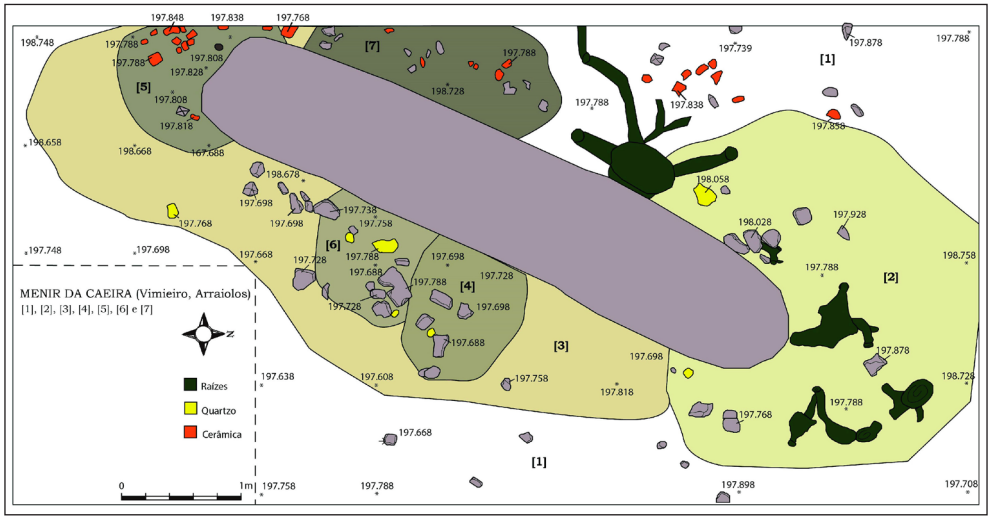


Fig. 6. Planta com indicação das U.E. 1 a 7

Fig. 7. Campanha de prospeção geofísica com georradar

Fig. 8. Pormenor das cerâmicas romanas na [3]

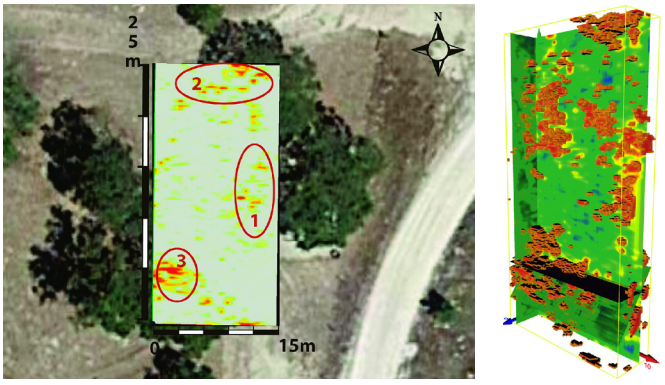


Fig. 9. Resultados da prospeção geofísica realizada em 2019

Fig. 10. Localização dos depósitos da Idade do Bronze, no lado oeste do menir, e pormenor do espólio recolhido

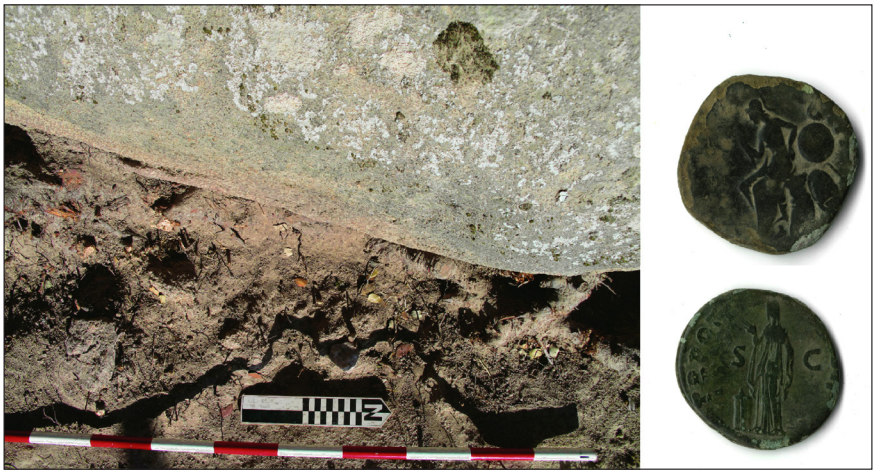


Fig. 11. Pormenor do espólio romano da U.E. 3, lado este do menir, e de duas das moedas recolhidas

PREHISTORIC CARPENTRY THROUGH THE STUDY OF IMPRINTS ON CLAY BUILDING FRAGMENTS FROM THE NORTHERN SPANISH PLATEAU*

HECTOR J. FONSECA DE LA TORRE**

Abstract: *Mud fragments, dedicated to construction tasks, are commonly found in Recent Prehistory sites of the Duero Valley. However, only recently in-depth studies have been carried out on this subject. Such works are providing interesting results on the building activity developed by the prehistoric societies of these territories concerning their knowledge of carpentry techniques, which can be observed from the imprints that remain in those «prehistoric clays». The following data is provided by a group of building clays recovered from various sites between the III and II millennium BC, located in the Duero Valley. Those materials have been examined under general macroscopic conditions in order to detect a series of imprints with right angles typical of planks, beams and other solutions for optimising the raw wood material. A selection of these has been documented volumetrically using digital photogrammetry providing a series of digital moulds from which to obtain the positive in a non-invasive way.*

Keywords: *Chalcolithic; Bronze Age; Architecture; Carpentry; Photogrammetry.*

Resumo: *Fragmentos de barro de construção ocorrem frequentemente nos sítios arqueológicos da Pré-História Recente do Vale do Douro. Porém, só há pouco tempo se realizaram trabalhos aprofundados que estão a fornecer resultados inovadores, nomeadamente, no que se refere ao domínio das técnicas de carpintaria, observável a partir dos negativos identificados. Apresentaremos os dados fornecidos por um conjunto de fragmentos de barro de construção recuperados em vários arqueossítios do III e II milénios a. C. do Vale do Douro. Realizou-se uma observação macroscópica geral das peças, em busca de vestígios decorrentes da utilização de madeira na construção. Uma vez detetadas uma série de impressões que apresentam ângulos retos típicos das tábuas, vigas e outras soluções de otimização da matéria-prima vegetal, documentou-se volumetricamente uma seleção de fragmentos utilizando a fotogrametria digital, para se obter uma série de moldes digitais, a partir da qual se obteve o positivo de uma forma não invasiva.*

Palavras-chave: *Calcolítico; Idade do Bronze; Arquitectura; Carpintaria; Fotogrametria.*

1. INTRODUCTION

Clay construction fragments are a kind of archaeological evidence that has not started to receive proper attention in the Iberian Peninsula until relatively recent times[1]. It is common for these remains to be referred indistinctly as «adobe» or «rammed earth», despite the fact these are construction techniques with different degrees of complexity, as well as different historical developments. These studies have not only allowed for

* If the copyright for tables, graphs and other images is not indicated, it belongs to the author of this text.

** Universidad de Valladolid. Email: hectorfdet@hotmail.com.

[1] BELARTE FRANCO, 1993; SÁNCHEZ GARCÍA, 1997; GÓMEZ PUCHE, 2006; MATEU, 2011; PASTOR QUILES, 2014; FONSECA DE LA TORRE, 2015.

a more specific use of these terms but have also revealed the use of other techniques such as «wattle and daub» or, more recently, the use of kneaded mud «balls»[2].

In the case of the Spanish Northern Plateau, the lack of studies has been aggravated by a recurrent absence of architectural evidence during the III and II millennium BC. That eventuality has fomented an interpretation of the settlements as itinerant, formed by fragile dwellings made of perishable materials[3]. Therefore, despite the existence of housing floors formed by postholes or stone socles, the main archaeological evidence of the existence of housing structures, is the presence of accumulations of mud construction fragments inside pits, generally considered as silos reused as rubbish dumps[4]. These remains have not been analysed in this area until less than a decade ago[5]. They have confirmed the exclusive use of the wattle and daub technique for the dwellings built on the Chalcolithic site of El Casetón de la Era (Villalba de los Alcores, Valladolid)[6]. The use of this technique is not discordant with the erection of resistant structures capable of withstanding the passage of decades and whose destruction by fire requires a significant effort, as has been demonstrated by various experimental archaeology projects carried out in the Balkans[7].

Wattle and daub requires large amounts of wood to form a framework that will later be covered in mud. The hardening of this because of the fire of these structures has allowed the preservation of the negative of this latticework that constituted the nucleus of the wall. The study of this material from various sites from the III and II millennium BC is a central part of the PhD research project of the author of this article. During the macroscopic analysis of these, several unique imprints were identified that could suggest the development of woodworking techniques among these populations. Although the use of these techniques has been known in the Peninsula since the Neolithic period thanks to the exceptionally preserved finds of posts and other wooden elements from La Draga (Banyoles, Girona, Spain)[8], it is usual that no trace of this type of evidence remains. For this reason, the intention of this text is to publicise this type of evidence, which provides a new tool for detecting this type of artisan process and, based on its study, try to specify the geographical and chronological extension of these in the Spanish Northern Plateau, as well as trying to elucidate different manufacturing techniques.

2. METHODOLOGY

For the present work, the sites with possible imprints of planks or beams belonging to the main cultural horizons of the Recent Prehistory of the Northern Spanish Plateau have

[2] PASTOR QUILES, KNOLL, JOVER MAESTRE, 2019.
[3] BLASCO BOSQUED, LUCAS PELLICER, 1980; PÉREZ RODRÍGUEZ *et al.*, 1993: 64; FABIÁN GARCÍA, 1995.
[4] BELLIDO BLANCO, 1996.
[5] FONSECA DE LA TORRE *et al.*, 2017.
[6] DELIBES DE CASTRO *et al.*, 2018; RODRÍGUEZ MARCOS, CRESPO DÍEZ, 2020.
[7] BANKOFF, WINTER,1979; GHEORGHIU, 2008.
[8] LÓPEZ BULTÓ, 2018.

been selected (Fig. 1 and Table 1). Unfortunately, we do not have any remains of constructive material in the otherwise scarce excavated bell beaker settlements. For example, we only have four documented huts for the entire Duero Valley, as opposed to 41 belonging to the previous period.

Table 1. Selected sites and total fragments analysed

Cronology	Settlements	Total framents	Total weight (Kg)
Pre-Bell Beaker Chalcolithic	Casetón de la Era	1902	141,60
	Los Cercados	458	10,45
	Los Bajos	205	10,01
Early Bronze Age	Los Torojones	74	39,89
	El Parpantique	137	62,27
	Pico Romero	92	6,37
Middle/Late Bronze Age	Carricastro	335	17,06
	Los Tolmos	79	20,44

These fragments belong not only to the walls of the houses, but also to other elements such as floors or hearths. Those belonging to the walls are catalogued by the technique used: wattle and daub, kneading or adobe, although there are always unidentifiable pieces. This cataloguing is based on criteria such as the morphology of the piece, its porosity, the inclusions present (both lithic and vegetal), the presence of smoothed faces and lastly, the presence of vegetal imprints and the nature of these.

The framework consists of a series of wooden pillars between where flexible rods are intertwined to form the core of the wall. The mud, once burned, preserves the imprint of this framework. Both thick posts and smaller rods can be distinguished, sometimes grouped in parallel. There are also marks with smooth faces and/or angles that will be analysed in greater depth.

These imprints usually form approximately the arc of a circumference, which makes it possible to obtain the approximate diameter of the original trunk or branch by using a simple mathematical operation. Nevertheless, a series of different impressions have been located, which have motivated this study. These are generally flat section impressions or at a 90º angle, that shows the negatives of the veins in the wood. The imprints that have been interpreted as belonging to beams or planks, which implies a certain degree of carpentry work that gives the raw material its shape. Similar imprints were detected in

the Italian Neolithic settlement of Trasano (Matera, Italy) who were interpreted too as marks of beams/planks[9].

To help the study, photogrammetric models of these impressions have been made with the aim of obtaining the «positive» of the imprint in a non-invasive way such as making virtual moulds. Even though digital photogrammetry has numerous applications in the field of archaeology[10], it seems that obtaining these positives is not usually a common practice, although it is a simple procedure. The photogrammetric model is imported into the free software program Blender, where a cube is added to intersect with the piece, covering the imprints. Once placed, the «Boolean» modifier is applied, using the «difference» operation. The result, once the original model has been hidden or eliminated, is to obtain the positive of the impressions inside the previously created cube (Fig. 2).

At this point, the lighting tools in the program can be used to enhance the relief of the face imprints to improve their visualization. This is a process that requires taking of many images and a considerable amount of time to process the three-dimensional model. Because of that, this technique has only been applied to a selection of pieces. The elements with possible evidence of carpentry have been documented photographically from various angles, paying special attention to the distribution of the imprints.

3. CHARACTERISTICS OF THE SITES STUDIED

Most of these sites have a similar context for this type of fragments: in secondary position inside negative silo type structures[11]. Only the settlements of Viña de Esteban García[12], Los Torojones, El Parpantique[13], Pico Romero[14] and Los Tolmos[15] have evidence of rubble associated with the foundations of the habitation structures. Another common aspect, which is key to understanding the preservation of this material, is fire. All the fragments studied have been exposed to high temperatures, which have hardened them and «fossilised» the wood traces.

On the contrary, the volume of material recovered, and its state of preservation differs substantially depending on the cultural horizon. Fragments from Pre-Bell Beaker Chalcolithic and Early Bronze Age sites are more numerous and generally have a significantly less eroded external appearance than those from Middle/Late Bronze Age sites. Both the scarcity of material and their rolled appearance may be the result of the location

[9] TASCA, 1998.
[10] CHARQUERO BALLESTER, 2016.
[11] HERRÁN MARTÍNEZ, 1986; PÉREZ RODRÍGUEZ, 1993; PALOMINO LÁZARO, NEGREDO GARCÍA, BALADO PACHÓN, 2019; RODRÍGUEZ MARCOS, CRESPO DÍEZ, 2020.
[12] DELIBES DE CASTRO *et al*., 1997.
[13] FERNÁNDEZ MORENO, 2013.
[14] RODRÍGUEZ MARCOS, PALOMINO LÁZARO, 1997.
[15] JIMENO MARTÍNEZ, FERNÁNDEZ MORENO, 1991.

of these settlements. These are generally located on the ridges of the calcareous moorlands, whose erosion over the centuries has made the levels of habitation disappear[16].

Despite the existing divergences, it seems that the wattle and daub technique remains predominant during this period of two millennia until the generalization of the adobe technique in the Early Iron Age[17]. It is true that some fragments of Middle/Late Bronze deposits have been interpreted as adobes (Fig. 3) but they should be treated with caution due to the factors already mentioned, in addition to their small size.

4. THE IMPRINTS

From the material interpreted as daub, almost half of the pieces present at least one imprint of the framework, apart from Los Cercados, Los Bajos and Carricastro sites (Table 2). Both the first and third have a very fragmented sample that makes it difficult to identify the traces of the timber. In the case of Los Bajos, it is known that the material was selected prior to its delivery to the Museum of Zamora, so the sample may be biased.

Table 2. Total amount of daub fragments per settlement

Site	Total daub fragments	Fragments with post/branches imprints	Fragments with beam/plank imprints
Casetón de la Era	1163	265	29
Los Cercados	179	14	3
Los Bajos	102	25	4
Viña de Esteban García	350	171	27
Los Torojones	33	15	9
El Parpantique	32	16	13
Pico Romero	52	33	8
Carricastro	187	31	2
Los Tolmos	42	24	12

The most outstanding impressions are those that have flat surfaces or those that form a 90º angle. Sometimes they can be confused with smooth surfaces belonging to flat finishings or corners, especially when the imprint is eroded. When there is a good conservation, the veins of the wood could be seen, which clears up any possible doubts about its attribution. On other occasions, their distribution provides the definitive track

[16] FONSECA DE LA TORRE, RODRÍGUEZ MARCOS, 2017.
[17] CHAZELLES, 2011.

when, for example, two of these impressions appear in parallel or in relation to other branch impressions (Fig. 4).

Unlike the impressions of trunks and branches, the approximate dimensions cannot be calculated from the impressions of these planks or beams. Only in very rare cases is the total width of at least one side of these planks or beams known. For this reason, the double attribution of beam/plank is used to give an approximate interpretation of the wood, whose imprint has been fossilised in the clay.

Based on the observation in section of these marks, we can see how those that belong to Chalcolithic enclaves show angles slightly more open than 90º, a fact that contrasts especially with later examples in which the elaboration of the beams or planks seems to reach a higher level of expertise and/or standardisation.

In addition, a particular variant is only detected in the Viña de Esteban García site. These are imprints that form tighter angles, at around 45º or less. Two straight sides that create a «v» section usually form them but, on some occasions, one of the sides has a certain curvature (Fig. 4). They could be radially sectioned rods aimed at optimising the resources used in the framework from a minimum effort. The division into sections can be carried out with the help of a wedge that makes a first incision, and the rest can be separated manually by pulling both halves in opposite directions. This possibility is among the techniques traditionally used in carpentry and some approaches have even been made since experimental archaeology[18]. Four of the 26 pieces from this site show this type of technical solution, generally in groups of two or more arranged in parallel to each other, which seems to confirm their use in the framework of the walls. This way of treating the wood is not at odds with the elaboration of beams/boards that are profusely represented in this settlement.

We are therefore faced with at least two clearly differentiated techniques. On one hand, a quick and simple way of working the wood that has only been located in one of the sites studied (Viña de Esteban García). On the other hand, we have enough arguments to confirm the practice of woodworking to produce beams or planks, although the fragmentary nature of the materials prevents us from distinguishing on most occasions which of the two elements we are dealing with.

Most of these plank/beam imprints appear in isolation, unrelated to other marks. When this happens, they are usually curved branch imprints, usually arranged in parallel. There are some examples of two parallel beam/plank marks, mainly in Early Bronze Age sites. The only evidence of a possible fit between pieces of carved wood is found in a piece from the Chalcolithic period of El Casetón de la Era (Fig. 4), where two impressions cross at a 90º angle. Unfortunately, the poor conservation of the fragment prevents greater precision in the joining of these two strips.

[18] ENNOS, VENTURA, 2017.

5. GEOGRAPHICAL AND CHRONOLOGICAL DISTRIBUTION

Although the presence of carpentry knowledge in the Spanish Northern Plateau during the III and II millennium BC has been confirmed, it seems that the frequency of its use varies from one moment to another, there being even possible different local trajectories. First, we must consider the existence of three main geographical areas: the western area, dominated by the countryside with a slight hillock relief, the central area where the clayey countryside alternates with the limestone moorlands, and the eastern area of the High Duero Valley, characterized by a more rugged orography. This not only determines the emplacement of the settlements but also the access to the raw materials used in the construction. As it can be observed, not all the areas have archaeological sites mentioned in this article (Table 3); this is because the materials recovered and studied in those enclaves have not yielded any signs suggesting carpentry work. This fact is especially significant in the western area, where woodworking vanishes after the Chalcolithic period. In any case, despite the numerous testimonies presented by La Viña de Esteban García, they are only 13% of the total of trusses located in the site, in the same range as the rest of the contemporary settlements. Precisely, this settlement has provided one of the largest collections of Chalcolithic polished stone axes and hoes[19] who could be used for those carpentry works.

Table 3. Selected sites and total fragments analysed

Cronology	Western area	Central area	Eastern area
Chalcolithic	Los Bajos Viña de Esteban García	Casetón de la Era Los Cercados	
Early Bronze Age		Pico Romero	Los Torojones El Parpantique
Middle/Late Bronze Age		Carricastro	Los Tolmos

This trend is totally opposite in the central and eastern zone of the Plateau, where the percentage of beams/planks over the total of imprints is close to 50% in Early Bronze Age sites. At this point, it should be remembered that the sets of material studied are notably smaller than those of the previous period. This may indicate that we are dealing with a sample selected by the archaeologists and not with the totality of the unearthed material, which would mean that we are dealing with involuntary altered percentages.

[19] STRATO, 1993.

It is remarkable how the imprints of beams/boards documented in Early Bronze Age settlements systematically present 90º angles, as well as more uniform surfaces, which speak of a greater degree of expertise and standardization in the woodwork, perhaps showing the existence of specialized artisans (Fig. 5).

However, once we get into the Middle/Late Bronze Age, the evidence of carpentry declines again, although it seems to remain at higher percentages in the east of the valley. Despite the fact that the settlement of Los Tolmos (Caracena, Soria) is considered to be a stationary shelter, some of the imprints shown the presence of beam/planks and the exceptional testimony of chopping marks from an axe in a post end (Fig. 6). This could suggest some continuity of the craft practices developed in the Early Bronze Age. In any case, the simple fact that we only have two examples for this period is sufficient testimony to the apparent abandonment of these practices. This fact may be related to the climate change that occurred in the transition from the III to the II millennium BC, discovered thanks to palynological analyses[20]. This change in climatic conditions would not only have caused a change in economic practices towards grazing but also changes in the tree species available for construction.

6. CONCLUSIONS

It seems to be demonstrated that since the beginning of the III millennium BC, human groups had skills in carpentry that they applied to their dwellings. This fact should make us reflect on the traditional interpretation of these structures as feeble or temporary. The scarcity of evidence in situ of the huts of these societies may be due to other factors of a cultural nature that imply the use of fire to dismantle these structures in order to later deposit their remains inside pits.

It is possible that during the Chalcolithic period, any member of the group, given the simplicity of the documented techniques, could practice woodworking. However, we must consider the possibility that since the Bronze Age we find ourselves in front of specialized artisans who are dedicated exclusively to the task of shaping wood, not only for architectural purposes, but also for the realization of other types of objects that have not left archaeological traces.

The lack of documented evidence in the Middle/Late Bronze Age may be due to both the scarcity of recovered building material, which also presents a high degree of erosion, and the change in economic and settlement practices of these groups.

Finally, it is worth noting the potential of the use of digital photogrammetry to support this type of study based on the imprints left on the clay, both in the construction material and in the ceramics. By obtaining digital moulds, it is possible to study in more

[20] LÓPEZ SÁEZ *et al.*, 2014.

detail other artisan activities such as basketry or rope making, as well as the study of leaves and seeds that have left their mark on the clay and that could complement the palynological and carpological analyses.

ACKNOWLEDGEMENTS

I would like to thank the Junta de Castilla y León and especially the Museums of Salamanca, Soria and Zamora for allowing me access to the materials deposited in their warehouses, as well as Patrimonio Inteligente Castilla y León for making available to me the materials from the recently excavated site of Carricastro.

BIBLIOGRAPHY

BANKOFF, H. Arthur; WINTER, Frederick A. (1979). *A House Burning in Serbia. What do burned remains tell an archaeologist?*. «Archaeology». 32:5, 8-14.

BELARTE FRANCO, M.ª Carme (1993). *Arquitectura domèstica al Bronze Final i Primera Edat del Ferro a Catalunya: habitacions construïdes amb materials duradors: estat de la qüestió*. «Pyrenae». 24, 115-140.

BELLIDO BLANCO, Antonio (1996). *Los campos de hoyos. Inicio de la economía agrícola en la Submeseta Norte.* Valladolid: Universidad de Valladolid. (Studia Archaeologica; 85).

BLASCO BOSQUED, Concha; LUCAS PELLICER, María Rosario (1980). *El hábitat campaniforme de «El Perchel» en Arcos del Jalón (Soria).* «Noticiario Arqueológico Hispánico». 8, 9-70.

CHARQUERO BALLESTER, Ana M.ª (2016). *Práctica y usos de la fotogrametría digital en arqueología.* «DAMA». 1, 139-157.

CHAZELLES, Claire Anne de (2011). *La construction en brique crue moulée dans les pays de la Méditerranée, du Néolithique à l'époque romaine. Réfexions sur la question du moulage de la terre*. In CHAZELLES, Claire Anne de; KLEIN, Alain; POUSTHOMIS, Nelly, *eds. Troisièmes Échanges transdisciplinaires sur les constructions en terre crue. Placés sous la présidence du Professeur Olivier Aurenche. Actes du colloque international de Toulouse16 et 17 mai 2008*. Montpellier: Ed. l'Espérou, pp. 153-164.

DELIBES DE CASTRO, Germán *et al.* (1997). *De la tumba dolménica como referente territorial, al poblado estable: notas sobre el hábitat y las formas de vida de las comunidades megalíticas de la Submeseta norte*. In RODRÍGUEZ CASAL, Antón A., *ed. O Neolítico atlántico e as orixes do megalitismo: actas do Coloquio Internacional. (Santiago de Compostela, 1-6 de abril de 1996).* Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, pp. 779-808.

DELIBES DE CASTRO, Germán *et al.* (2018). *A Ditched Enclosure in the Middle Douro Valley: El Casetón de la Era (Villalba de los Alcores, Valladolid).* In SASTRE BLANCO, José Carlos; RODRÍGUEZ-MONTERRUBIO, Oscar; FUENTES MELGAR, Patricia, *eds. Archaeology in the River Duero Valley*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, pp. 61-84.

ENNOS, Anthony Roland; VENTURA, João (2017). *The Mechanics of Splitting Wood and the Design of Neolithic Woodworking Tools.* «EXARC Journal», 4. [Consult. 27 nov. 2021]. Available at <https://exarc.net/issue-2017-4/ea/mechanics-splitting-wood-and-design-neolithic-woodworking-tools>.

FABIÁN GARCÍA, José Francisco (1995). *El aspecto funerario durante el Calcolítico y los inicios de la Edad del Bronce en la Meseta Norte. El enterramiento colectivo en fosa de «El Tomillar» (Bercial de Zapardiel, Ávila).* Salamanca: Universidad de Salamanca.

FERNÁNDEZ MORENO, José Javier (2013). *El Bronce Antiguo en el Alto Duero: Los poblados del Parpantique de Balluncar y los Torojones de Morcuera (Soria).* Valladolid: Universidad de Valladolid. (Studia Archaeologica; 98).

FONSECA DE LA TORRE, Héctor J. (2015). *Estructuras de habitación calcolíticas en el Valle Medio del Duero. Un caso de estudio: El Casetón de la Era (Villalba de los Alcores, Valladolid).* Santander: Universidad de Cantabria. Master thesis.

FONSECA DE LA TORRE, Héctor J. *et al*. (2017). *Aproximación a la arquitectura del barro en el yacimiento de El Casetón de la Era (Villalba de los Alcores, Valladolid).* In ÁLVAREZ RODRÍGUEZ, Alicia; TEJEDOR RODRÍGUEZ, Cristina; GARCÍA VÁZQUEZ, Iván, *coords*. *Investigaciones Arqueológicas en el Valle del Duero: Del Paleolítico a la Edad Media*. Valladolid: Glyphos 5, pp. 107-124.

FONSECA DE LA TORRE, Héctor J.; RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio (2017). *Las técnicas constructivas de la prehistoria reciente en el Valle del Duero.* In HUERTA FERNÁNDEZ, Santiago; FUENTES GONZÁLEZ, Paula; GIL CRESPO, Javier, *eds*. *Actas del Décimo Congreso Nacional y Segundo Congreso Internacional Hispanoamericano de Historia de la Construcción: Donostia-San Sebastián, 3-7 octubre 2017*. Madrid: Instituto Juan de Herrera, vol. 1, pp. 569-576.

GHEORGHIU, Dragos (2008). *Built to be burnt: The Building and combustion of Chalcolithic dwellings in the Lower Danube and East Carpathian areas.* In NIKOLOVA, Lolita; MERLINI, Marco; COMSA, Alexandra, *eds*. *Circumpontica in Prehistory. Western Pontic Studies. Global gratitude to Eugen Comsa for his 85th birth anniversary.* Oxford: Archaeopress, pp. 55-68.

GÓMEZ PUCHE, Magdalena (2006). *Estudio de los fragmentos de barro cocido en el yacimiento de la Illeta dels Banyets, El Campello, Alicante*. In SOLER DÍAZ, Jorge, *ed*. *La ocupación prehistórica de la Illeta dels Banyets (El Campello, Alicante).* Alicante: Museo Arqueológico de Alicante, pp. 271-280. (Serie mayor; 5).

HERRÁN MARTÍNEZ, Jose Ignacio (1986). *El yacimiento calcolítico de Los Cercados en Mucientes. Sobre los comienzos de la metalurgia en el Valle Medio del Duero*. Valladolid: Universidad de Valladolid. Bachelor's thesis.

JIMENO MARTÍNEZ, Alfredo; FERNÁNDEZ MORENO, José Javier (1991). *Los Tolmos de Caracena (Soria) (campañas 1981 y 1982): aportación al Bronce Medio de la Meseta*. Madrid: Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales.

LÓPEZ BULTÓ, Oriol (2018). *Las actividades de carpintería.* In PALOMO PÉREZ, Antoni; PIQUÉ I HUERTA, Raquel; TERRADAS BATLLE, Xavier, *eds*. *La Revolución Neolítica: La Draga, el poblado de los prodigios.* Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 103-106.

LÓPEZ SÁEZ, José Antonio *et al*. (2014). *Vegetation history, climate and human impact in the Spanish Central System over the last 9000 years*. «Quaternary International». 353, 98-122.

MATEU SAGUÉS, Marta (2011). *Proposta d'aplicació de la micromorfologia a l'estudi dels materials de construcció protohistòrics.* «Estrat Crític». 5:2, 76-85.

PALOMINO LÁZARO, Ángel Luis; NEGREDO GARCÍA, M.; BALADO PACHÓN, Arturo (2019). *Intervención arqueológica (excavación, control y prospección) para el desarrollo del parque eólico de «Carrecastro», tt.mm de Tordesillas y Velilla (Valladolid).* Valladolid: Delegación Territorial de Cultura. Unpublished technical report.

PASTOR QUILES, María (2014). *18. Cabezo Pardo. Contribución a las formas constructivas de un hábitat argárico a partir del estudio de los elementos de barro*. In LÓPEZ PADILLA, Juan Antonio, *coord*. *CABEZO PARDO (San Isidro/Granja de Rocamora, Alicante). Excavaciones arqueológicas en el yacimiento de la Edad del Bronce.* Alicante: Museo Arqueológico de Alicante, pp. 315-329. (Memorias; 6).

PASTOR QUILES, María; KNOLL, Franziska; JOVER MAESTRE, Francisco J. (2019) *¿Adobes, terrones o bolas de barro amasado? Aportaciones para el reconocimiento arqueológico de las distintas técnicas constructivas que emplean módulos de tierra.* «Arqueología». 25:2, 213-234.

PÉREZ RODRÍGUEZ, Francisco Javier *et al*. (1993). *Algunos aspectos de la Edad del Cobre en el Valle Medio del río Tera. Intervenciones arqueológicas de urgencia en Vecilla y Colinas de Trasmonte (Zamora).* «Anuario del Instituto de Estudios Zamoranos "Florián de Ocampo"». 1993, 49-78.

RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio; CRESPO DÍEZ, Manuel (2020). *Una ventana a los «recintos de fosos» calcolíticos del Valle del Duero.El Casetón de la Era (Villalba de los Alcores, Valladolid).* In CARRETERO PÉREZ, Andrés; PAPÍ RODES, Concha, *coords. Actualidad de la investigación arqueológica en España I (2018-2019). Conferencias impartidas en el Museo Arqueológico Nacional*. Madrid: Ministerio de Cultura y Deporte, pp. 101-118.

RODRÍGUEZ MARCOS, José Antonio; PALOMINO LÁZARO, Ángel Luis (1997). *Un asentamiento castreño del Bronce Antiguo en la Cuenca del Duero: el Pico Romero en Santa Cruz de la Salceda (Burgos).* In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de, *coords. II Congreso de Arqueología Peninsular (Zamora, 1996).* Zamora: Fundación Rei Alfonso Henriques, vol. 2, pp. 579-590.

SÁNCHEZ GARCÍA, Ángel (1997). *La arquitectura del barro en el Vinalopó durante la Prehistoria reciente y la Protohistoria: metodología y síntesis Arqueológica.* In RICO NAVARRO, María Carmen, *ed. Agua y territorio.* Petrer: Ajuntament de Petrer, vol. 1, pp. 139-162.

STRATO (1993). *Trabajos de lavado, siglado e inventariado de los materiales procedentes de la excavación arqueológica realizada en 1992 en el yacimiento de La Viña de Esteban García, Salvatierra de Tormes, Salamanca.* Salamanca: Junta de Castilla y León. Unpublished technical report.

TASCA, Giovanni (1998). *Intonaci e concotti nella Preistoria: tecniche di rilevamento e problemi interpretativi.* «Archeologia dell'Italia Settentrionale». 7, 77-87.

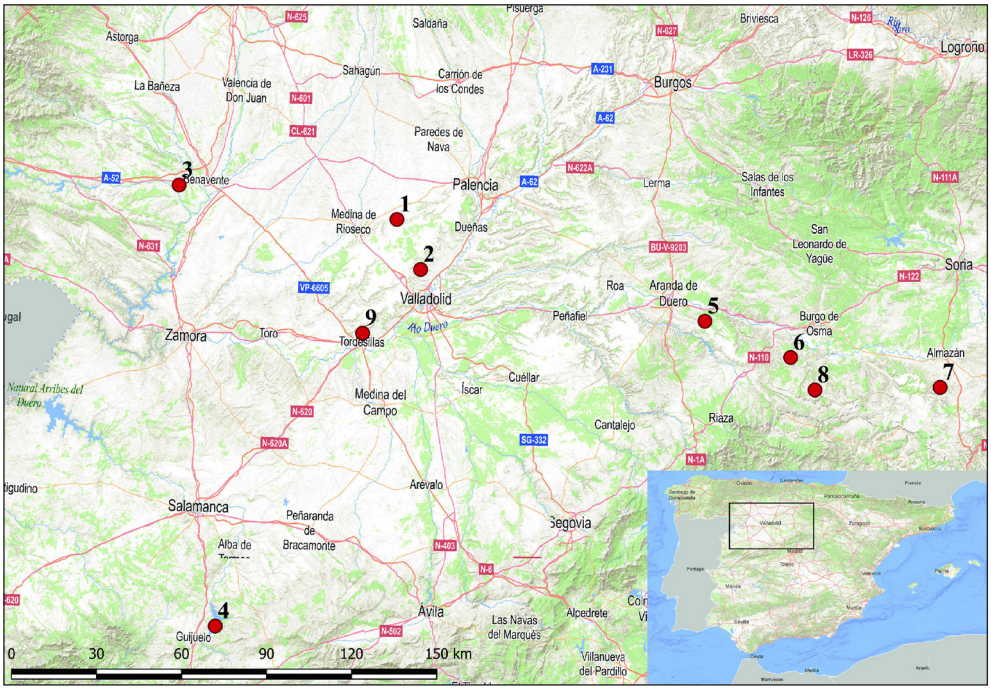


Fig. 1. Geographical localization of the settlements studied: 1. Casetón de la Era (Villalba de los Alcores, Valladolid); 2. Los Cercados (Mucientes, Valladolid); 3. Los Bajos; 4. Viña de Esteban García (Salvatierra de Tormes, Salamanca); 5. Pico Romero (Santa Cruz de la Salceda, Burgos); 6. Los Torojones (Morcuera, Soria); 7. El Parpantique (Ballúncar, Soria); 8. Los Tolmos (Caracena, Soria); 9. Carricastro (Tordesillas/Velilla, Valladolid)

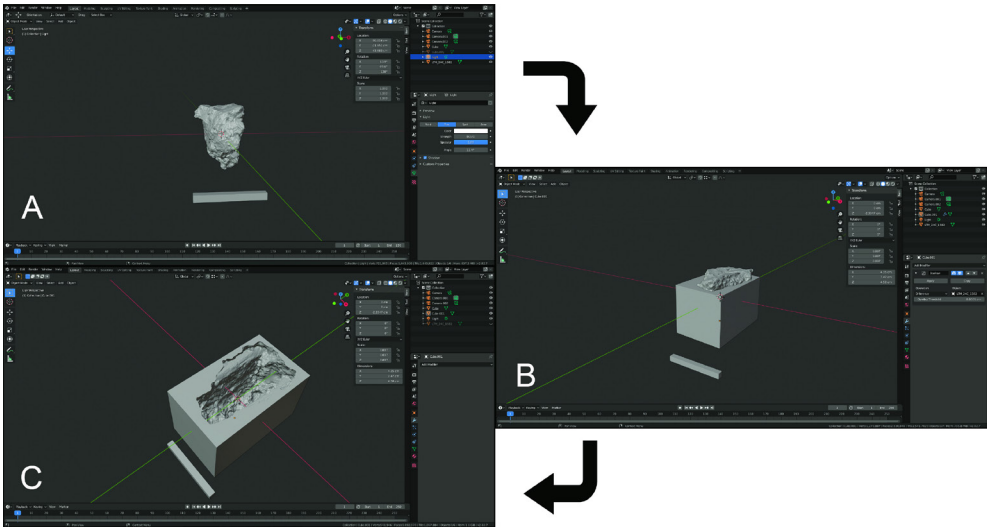


Fig. 2. Creation of a digital mould: A — Importation of the photogrammetric model; B — Creation of a cube and application of «Boolean modifier»; C — Final result

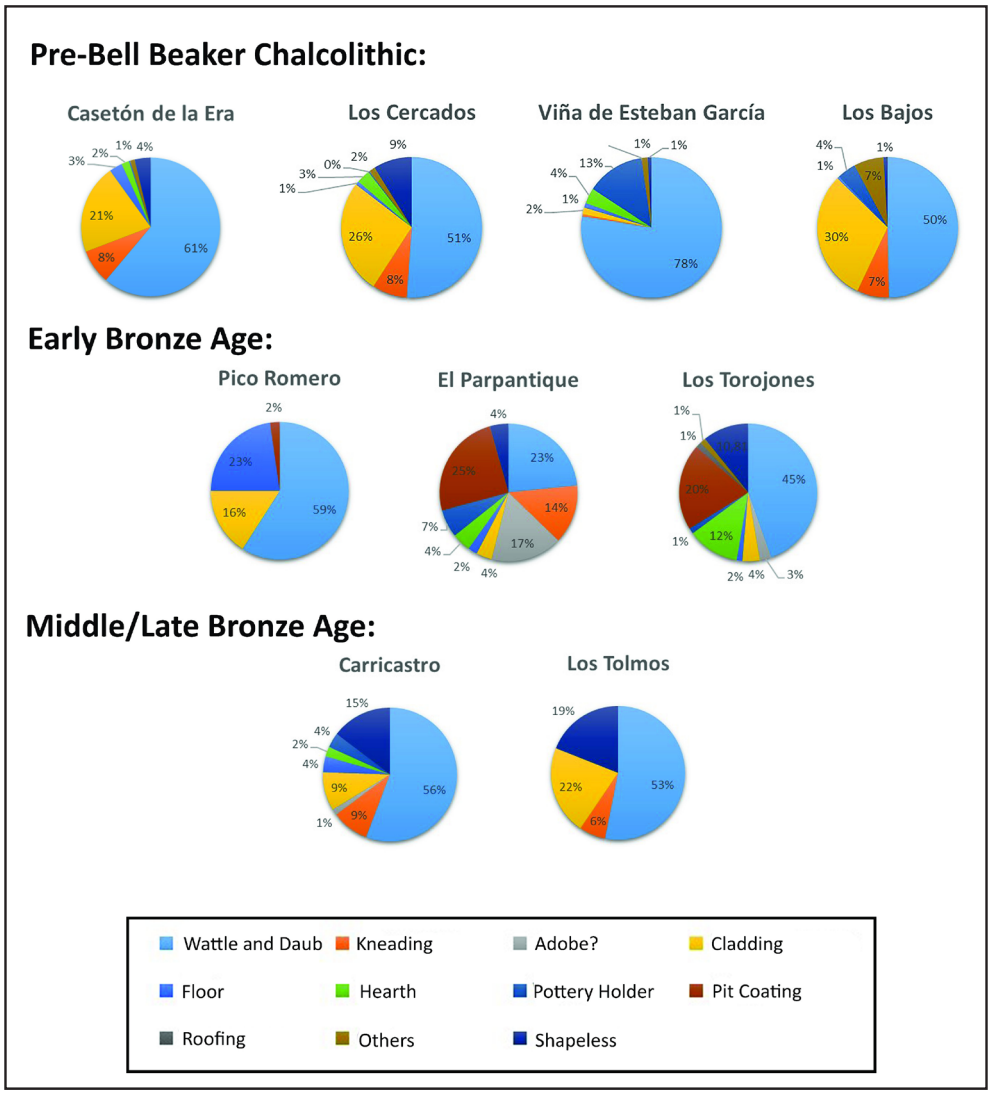


Fig. 3. Presence of each main typological classification in every settlement studied

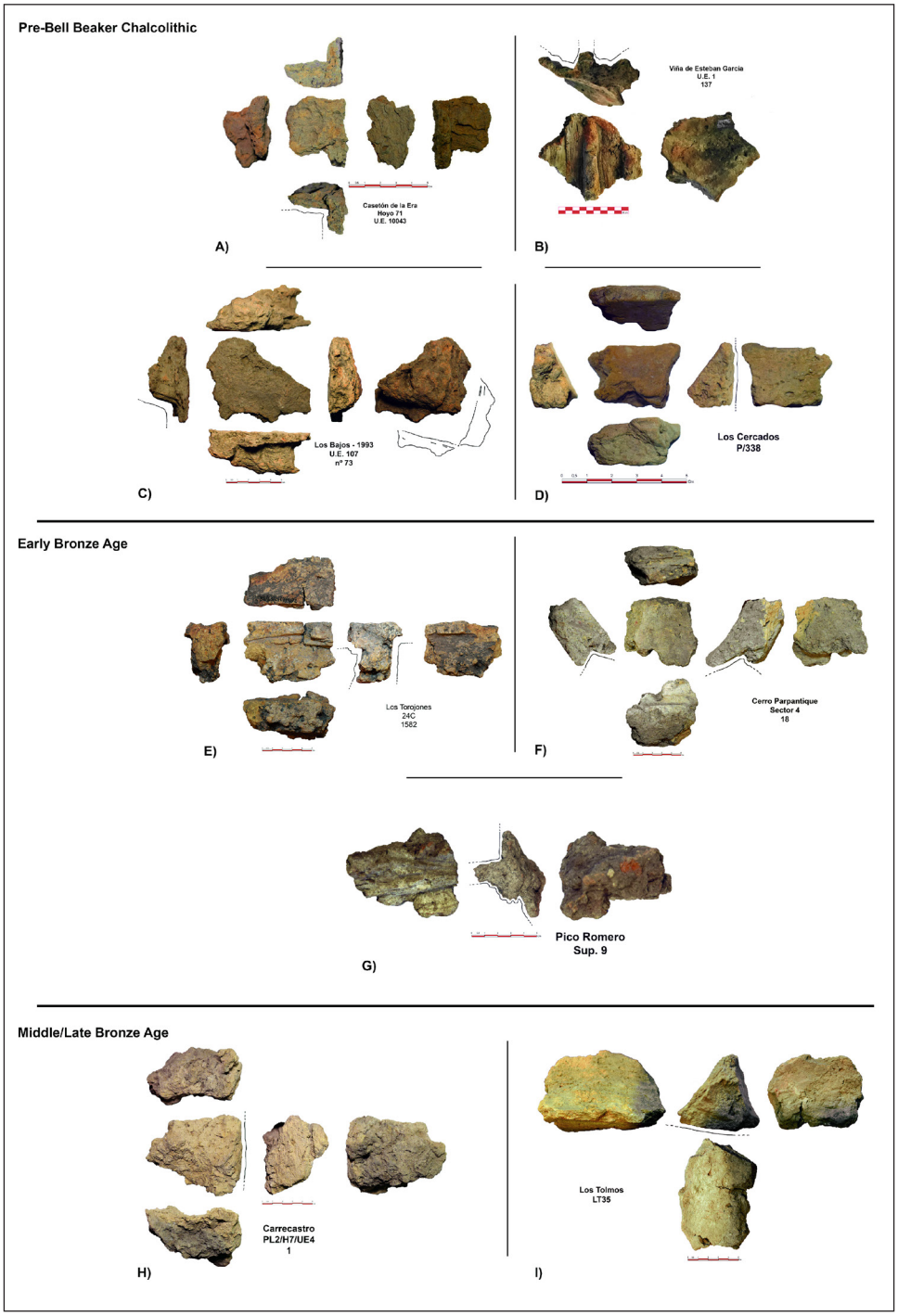


Fig. 4. Examples of fragments with plank/beam imprints from the settlements studied

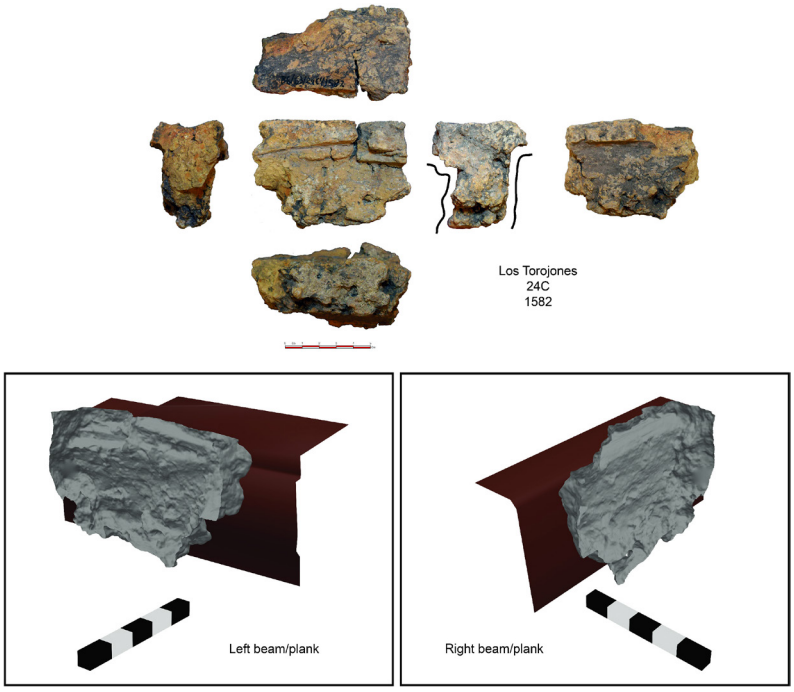


Fig. 5. 3D mould of the plank/beam imprints documented in the fragment 1582 from Los Torojones (Morcuera, Soria)

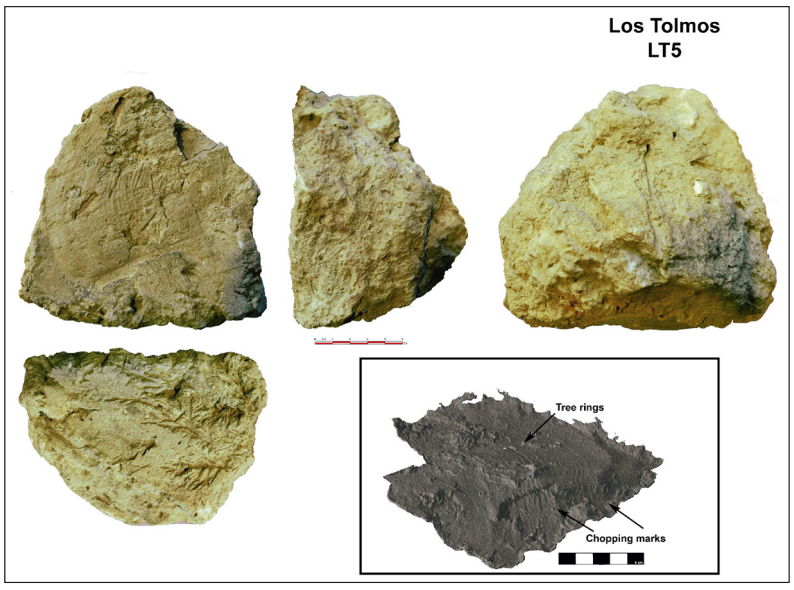


Fig. 6. Fragment LT5 from Los Tolmos (Caracena, Soria) where an end of a post could be identified, included the tree rings and a couple of chopping marks, clearly identified in the 3D positive of the imprint

PERCECIONANDO RITOS DE CONSAGRAÇÃO E DE RECONSAGRAÇÃO NUMA ÁREA HABITACIONAL DO CRASTO DE PALHEIROS (MURÇA) NA IDADE DO FERRO

DULCINEIA PINTO*
MARIA DE JESUS SANCHES**

Abstract: *Starting from the archaeological and archaeographic data, we'll put forward an interpretation of a consecration rite and of a possible re-consecration of the settlement of Crasto de Palheiros (Iron Age). We'll focus on the foundational rite of the housing area of the Eastern Exterior Embankment (around the 6th/5th century BC) and on its recurrent re-consecration until the end of the settlement, at the turn of the Era. Taking both as depositional acts, we will proceed with their integration in the history of the settlement and in the worldview of the respective Iron Age community, especially regarding socio-political relations with other communities/villages and with the surrounding territory through which information and ideas would be exchanged sometimes coming from far away. Foundational and/or consecration acts and those of re-consecration of the housing area of the Outer Embankment seem to weave a network related to traditions, genealogy, territory and aesthetic currents, central to the socio-political maintenance of this community.*

Keywords: *Foundational rite; Consecration; Iron Age; North of Portugal.*

Resumo: *Partindo dos dados arqueológicos e arqueográficos, propomos uma interpretação de um rito de consagração e outro de possível reconsagração do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro. Centramo-nos no rito fundacional da zona habitacional do Talude Exterior Leste, ocorrido por volta do século VI/V a. C. e tratamos, também, da reconsagração recorrente da mesma área até ao final do povoado, na viragem da era. Sendo ambos atos deposicionais, procederemos à sua integração na história do povoado e na mundividência da respetiva comunidade da Idade do Ferro, mormente no que respeita às relações sociopolíticas com outras comunidades/povoados e o território envolvente, através das quais se trocariam informações e ideias, por vezes vindas de longe. Os atos fundacionais e/ou de consagração, e os de reconsagração da zona habitacional do Talude Exterior parecem urdir uma rede de informações relacionadas com tradições, genealogia, território e com as correntes estéticas, fulcrais na manutenção sociopolítica desta comunidade.*

Palavras-chave: *Ritual fundacional; Consagração; Idade do Ferro; Norte de Portugal*.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem, como objeto de estudo, contextos específicos da ocupação da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros escavados nas campanhas de 2002 e 2003. O Crasto é um sítio arquitetónica, geológica e topograficamente monumental localizado em Murça, no distrito de Vila Real, alvo de investigação desde 1995. É um sítio razoavelmente

* Escola Profissional de Arqueologia — Freixo: Marco de Canaveses. Email: dcbpinto@sapo.pt.
** CITCEM/Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Email: mjsanches77@gmail.com.

conhecido, pois foi objeto de várias teses de mestrado e uma de doutoramento[1], tendo sido continuamente publicado, até ao presente, em revistas e livros da especialidade (nacionais e internacionais), destacando-se, no conjunto, a monografia da escavação[2].

Apresentamos, de forma sumária, o faseamento cronológico, pois o nosso tema incide numa determinada zona do povoado, não requerendo uma compreensão da totalidade do faseamento, já descrita em pormenor noutros trabalhos[3].

Os ritos de consagração, e os de provável reconsagração, são analisados e interpretados do ponto de vista arqueológico tendo em conta os objetos e seus contextos, os gestos envolvidos e a sua cadência, sendo ainda discutidas as possibilidades de significação dos próprios ritos.

Por último, a temporalidade e espacialidade dos ritos é tida em conta na compreensão desta comunidade da Idade do Ferro e sua integração na narrativa histórica regional.

2. RESENHA DO FASEAMENTO CRONOLÓGICO DO CRASTO DE PALHEIROS

O Crasto de Palheiros apresenta, de modo resumido, duas fases de ocupação principais, denominadas de I e II-III. A fase I ocupa aproximadamente o III milénio a. C. e corresponde à monumentalização do morro no Calcolítico[4]. Segue-se uma interrupção na ocupação do local até c. de 900/800 a. C. (início do I milénio a. C.), quando o sítio volta a ser ocupado (fase II).

Esta ocupação correspondente à Idade do Bronze (fase II) deixou poucos vestígios estratigráficos, podendo, tal facto, dever-se a vários fatores. Porém, através dos indicadores específicos do estado de conservação dos estratos[5], verificamos que a ocupação da Idade do Bronze se teria caracterizado pela impermanência. Neste sentido, os espaços podem ter sido eventualmente ocupados de forma sazonal, ou permanente, mas de curta duração, embora com pouca apropriação espacial, se comparada com a fase precedente (calcolítica) ou com a que lhe sucedeu. Contudo, devemos também ter em conta que a fase de ocupação posterior (fase III) da Idade do Ferro, iniciada por volta de 500 a. C., se caracteriza por ser intensiva, espacialmente abrangente e contínua. Tal facto alterou de modo significativo os estratos que estariam relacionados com as ocupações anteriores. Ora, a ocupação do Bronze Final é caracterizada por vestígios estratigráficos dispersos e pontuais na área leste e na área norte (terras carbonizadas e argilosas — possíveis lareiras e pisos e um pequeno murete pétreo)[6], conjugando-se com recipientes cerâmicos

[1] PINTO, 2012.
[2] SANCHES, *coord.,* 2008.
[3] SANCHES, *coord.*, 2008; PINTO, 2012.
[4] SANCHES, 2016.
[5] PINTO, 2012.
[6] PINTO, 2012.

que, devido às suas características formais e decorativas, foram integrados na imagética própria da Idade do Bronze[7]. Esta ocupação terá sido realizada, provavelmente, de forma pouco consistente, executada sobre as construções pétreas calcolíticas, ou seja, sobre os extensos taludes que moldaram o sítio e o transformaram no monumento que podemos visitar hoje (Fig. 2). Estas comunidades da Idade do Bronze «perfuraram» alguns taludes e carapaças pétreas do período calcolítico, mas de um modo muito pouco incisivo.

A ocupação da Idade do Ferro começa no séculos VI-V a. C., sendo atestada por várias datas de carbono-14[8]. Foi identificada, neste seu momento inicial, em quase todas as zonas escavadas, mas somente datada em duas. As datas de radiocarbono são unânimes na datação das duas áreas com ocupação mais antiga num intervalo que se centra por volta de 500 a. C.: área habitacional do Talude Exterior Norte/Plataforma adjacente (Plataforma Inferior Norte), e área habitacional do Talude Exterior Leste/Plataforma adjacente (Plataforma Inferior Leste) (Fig. 1). No momento da escavação, cada uma destas áreas já não apresentava estratigrafias contínuas, uma vez que a ocupação continuada as subdividiu por um muro ou muralha. Foi o estudo das sequências estratigráficas, articulada com as colagens de cerâmicas e estudo tipológico deste material, que permitiu deduzir que ambas as áreas albergariam espaços habitacionais contínuos, embora em «escada», na adaptação à topografia do terreno. O mesmo estudo permitiu discernir ter sido a área habitacional do Talude Exterior Leste e Plataforma adjacente (Plataforma Inferior Leste) a mais antiga, já que, em todas as áreas e subáreas, as datas de carbono-14 se sobrepõem estatisticamente. Terá sido nesta área leste, e em particular na sua zona limítrofe exterior — que denominamos de área habitacional do Talude Exterior Leste por se ter encaixado estratigraficamente no talude calcolítico precedente (Figs. 1, 2, 3) —, que se desenvolveram os atos rituais de fundação[9].

Com as comunidades da Idade do Ferro inicia-se uma nova fase de ocupação intensiva do local que exigiu alterações espaciais e implicou construções e destruições sucessivas. Esta ocupação define-se essencialmente como doméstica, sendo caracterizada por um conjunto de unidades habitacionais definidas por anteparos pétreos subcirculares, pisos de argila e lareiras que se estende prioritariamente em duas plataformas, escavadas parcialmente na zona leste e norte.

Na Idade do Ferro, a adaptação da área leste para habitação implicou a destruição substantiva do talude calcolítico, onde foi construída uma zona aplanada (plataforma artificial) (Figs. 1, 2 e 3), usando os materiais (sedimentos, pedras e artefactos partidos) desse desmantelamento. Esta dedução baseia-se nos resultados de uma escavação em vala com quatro metros de largura e que, devido à potência estratigráfica de toda a área do talude, nunca pôde ser alargada. Deste modo, alguns dos resultados carecem de

[7] PINTO, 2019a.
[8] SANCHES, 2008: 48-49.
[9] SANCHES, 2008: 48-49 e nota 17.

comprovação por alargamento da escavação, mas os que temos parecem-nos suficientemente precisos para sustentar a interpretação proposta.

A plataforma é sustentada exteriormente por um muro simples — tipo anteparo pétreo — que irá conter os solos de ocupação do talude. A ocupação terá sido iniciada através de um rito de fundação, ou seja, a consagração da zona habitacional, iniciando-se, assim, a ocupação doméstica que perdurará quase até ao abandono definitivo do local. Durante a ocupação, terão ocorrido, a nosso ver, outros atos de reconsagração nesta área habitacional do Talude Exterior Leste/Plataforma Inferior Leste, sendo, também, objeto de exposição neste artigo (Figs. 1, 2, 3).

A ocupação da Idade do Ferro dura cerca de quinhentos anos, nos quais ocorrem transformações arquitetónicas, de maior ou menor vulto, normais e espectáveis num povoado e, por fim, este é abandonado por volta do final do século I d. C.

O abandono definitivo do local ocorre após eventos dramáticos e construções de grande vulto (muralhas na área norte). Um incêndio, ocorrido em cerca de 80 d. C.[10], destruiu todas as unidades habitacionais de todas as zonas escavadas. Após este incêndio, os espaços são remodelados através da reestruturação das muralhas que foram alteadas e espessadas, sobretudo na área norte. As zonas habitacionais foram, neste momento terminal, reduzidas a uma área menor (intramuros), pois ambos os taludes externos mostram sinais de terem sido reconstruídos — foram recolocadas pedras e terra para que estes se articulassem com as muralhas. Porém, a ocupação ocorrida após o incêndio é de curta duração e deixou poucos vestígios além das muralhas reconstruídas. Podemos apenas intuir que as unidades habitacionais, a existirem, seriam semelhantes àquelas construídas durante toda a ocupação da Idade do Ferro, e o conjunto cerâmico estaria, também, em continuidade com o anterior.

3. CONTEXTOS, AÇÕES E ARTEFACTOS

Vamos referir-nos, agora, somente à área mais exterior da zona habitacional leste — Talude Exterior Leste, TEL —, aquela onde se detetou o que interpretamos como ritual fundacional. A ocupação da Idade do Ferro inicia-se aí com uma série de ações construtivas cujo objetivo seria de preparar o espaço preexistente (talude calcolítico) para uma ocupação de caráter doméstico. Estas ações consistiram na escavação do talude prévio e no nivelamento da sua zona central/média, dando origem a uma plataforma horizontal (Plataforma B), onde, posteriormente, foram estabelecidas as unidades habitacionais (Fig. 4). Desconhecemos a largura exata desta plataforma que foi detetada nos quatro metros de largura da área de escavação e se estende, de ambos os lados, sob a área não escavada. Teria assim quatro a cinco metros de eixo O-E e, no mínimo, quatro

[10] SANCHES, 2008: 48-53.

a cinco metros no eixo N-S (Figs. 4, 5). Em termos de área, teria, como mínimo, 16 m^2, mas deveria ser superior, pois que se alarga sob o talude (não escavado) no seu eixo N-S.

A plataforma artificial B foi sustentada por uma construção pétrea semelhante a um muro/murete, sem facetamento externo, localizada no seu limite exterior — fazendo anteparo exterior, ou sustendo os estratos e os solos que viriam a ser ocupados, bem como estratos de construção e ocupação do próprio talude calcolítico. Esta construção pétrea cortou estratos calcolíticos e encostou noutros. De seguida, a plataforma foi nivelada através da deposição de um estrato de cascalho, com pedras de pequeno e médio porte, que serviu como caixa de ar e primeiro piso de circulação à ocupação doméstica em si, sendo este processo construtivo habitual nas restantes unidades habitacionais desta fase mais antiga. Porém, por razões que desconhecemos, este estrato de cascalheira não era aqui espacialmente contínuo, antes se concentrando em certas áreas. Já dentro da plataforma B, mas quase no limite interior do murete pétreo, foi identificada uma área de deposição compreendida como sendo os vestígios materiais de um rito fundacional ocorrido por volta do início dos séculos VI-V a. C., de acordo com as datas de carbono-14 já divulgadas[11].

A deposição é constituída por três recipientes, recuperados quase na totalidade dos seus fragmentos, e esta condição dos vestígios não se tornará a repetir em mais nenhum estrato de ocupação da Idade do Ferro.

3.1. Caracterização dos ritos — os momentos cerimoniais

O rito fundacional integrou um conjunto de gestos e de ações que tentamos compreender através dos vestígios materiais recuperados. Cremos que o conjunto de celebrantes (pessoas que conduziram o momento cerimonial) se reuniu numa área aplanada, ou em torno de uma área —área B — que a escavação mostrou ter como mínimo de 16 m^2. Provavelmente, terão assistido a esta cerimónia muitas outras pessoas que poderiam ter usado o talude e os desníveis e declives do terreno para observação/participação visual em «anfiteatro» (ainda que a visibilidade para o ato cerimonial pudesse ser reduzida), tal como procuramos mostrar com o esquisso da Fig. 6.

A cerimónia pode ter integrado um momento processional, de duração variável e circum-ambulatório (em volta do perímetro do povoado), culminando o final deste percurso na área leste, sendo semelhante a práticas religiosas de alguns povos da Idade do Ferro[12]. Independentemente da existência ou ausência deste momento processional (que não podemos comprovar), os «celebrantes» e público deveriam ter realizado a sua aproximação física à plataforma anteriormente construída (acima descrita).

[11] SANCHES, 2008.
[12] TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.

Numa área que teria, por mínimo, 16 m^2 (ver atrás e Fig. 5), teria decorrido uma cerimónia que integrou áreas de combustão onde foram depositados objetos. A área cerimonial seria, a nosso ver, relativamente grande. Incluía, também, várias unidades estratigráficas — aqui denominadas de Lxs —, nomeadamente um estrato de cascalheira (Lxs. 146 e 147, nos quadrados E'16 e F'16). Este estrato era algo descontinuado (não se estendia de modo homogéneo por toda a plataforma), e ali assentava, já de modo continuado, um estrato de terra argilosa, muito fina e compacta (Lx. 151), que interpretamos como um «piso de circulação». Ambos os estratos (de cascalheira e terra argilosa) configuravam o *interface* estratigráfico entre a ocupação calcolítica e aquela da Idade do Ferro. Mas é também entre estes dois estratos que vão ocorrer as deposições de três vasos, sendo que o de terra argilosa os cobriria/ocultaria. Assim, no estrato de cascalheira espacialmente localizada (ver Fig. 5-2) depositaram-se mais algumas pedras de dimensão média e um recipiente partido (recipiente 474), embora não saibamos (pela estratigrafia e distribuição espacial dos estratos) se terá sido imediatamente antes ou após os restantes dois recipientes (475 e 476), de que falamos a seguir. Com efeito, a cerca de um metro, em E'15 e F'15 (na linha de divisão entre um quadrado e o outro), por entre e sobre o supracitado estrato de terra argilosa (Lx. 151) definia-se uma mancha de terra queimada e carvões, que denominamos de estrutura de combustão (Lx. 151.1). Aqui foram depositados dois recipientes (475 e 476). Por sua vez, um anel de fogo terá rodeado a plataforma construída no seu limite exterior (registada na base do estrato/contexto Lx. 139). Este perímetro exterior foi sendo aumentado e reformulado ao longo da ocupação, com uso frequente de fogo (Fig. 5), pelo que o estrato carbonoso (139), entremeado com pedras e lentículas de argila documenta outras ações além daquela fundacional (Fig. 8).

A cerimónia terá integrado vários conjuntos de gestos que revelam a complexidade do momento cerimonial. Apresentamos uma hipótese interpretativa da cadência desses gestos a partir dos vestígios encontrados. Num primeiro momento, foi acesa uma pequena fogueira (sobre sedimentos argilosos) com cerca de sessenta centímetros de diâmetro (embora as terras enegrecidas se espalhem por um arco de que atinge um metro), que corresponde ao estrato/contexto 151.1.

Com o lume aceso, os celebrantes terão colocado os recipientes 475 e 476 na fogueira, provavelmente com algum conteúdo, que ainda não comprovamos por análises cromatográficas. Os fragmentos destes estavam algo misturados em algumas áreas (da mancha, entre os quadrados E'15 e F´15), mas separados noutras, indicando, provavelmente, uma colocação lado a lado.

Podem os recipientes terem sido quebrados intencionalmente no local, ou somente os deixaram quebrar pela ação do fogo; em qualquer das situações, deixando intencionalmente os fragmentos sobre o fogo, e não os removendo posteriormente. A disposição dos fragmentos e a conservação das terras queimadas e carvões sob e por entre os fragmentos são um forte indicador de que o lume ainda estava «vivo» no momento de deposição (Fig. 7).

Ao lado desta área de combustão, foram enterrados os fragmentos do recipiente 474 por entre as pedras do estrato espesso de uma cascalheira espacialmente delimitada em escavação: Lxs. 146/147. Os fragmentos encontravam-se mais dispersos do que no caso anterior, surgindo a par de outras pedras de pequeno porte, e distribuindo-se concretamente pelos quadrados E'15, E'16, F'15 e F'16 e por diversos estratos (Lxs. 146/147, 151 e 139) – ainda que o maior número de fragmentos do recipiente se concentrasse nos estratos 146 e 147 (que consideramos ser o mesmo estrato/estrutura de cascalheira), e, residualmente, ocorriam nos restantes — 151, 139 —, que lhe são adjacentes. Este estrato de cascalheira, com cerca de um metro de largura, configura-se como parte do limite da plataforma; poderia ter sido sujeita igualmente a uma combustão de lenha, pois todos estes sedimentos revelaram a presença de carvões. Contudo, a densidade de carvões e terras enegrecidas nos estratos/Lx. 151.1 é muito maior do que aquela dos Lxs. 146 e 147.

Desse modo, em termos arqueológicos, não temos dúvidas sobre: a) a deposição de fragmentos de um recipiente (474) numa área de cascalheira, sendo esta, simultaneamente, e do ponto de vista arquitetónico, o estrato fundacional da plataforma habitacional; b) a colocação deliberada de dois recipientes inteiros numa pequena fogueira, estando esta em processo de combustão. Um estrato de terra argilosa terá coberto este conjunto. Foi principalmente sobre estes dados que construímos a nossa interpretação.

Os fragmentos dos recipientes 475 e 476 não foram recuperados na totalidade aquando da escavação. Tal facto pode dever-se a diversas razões das quais enumeramos algumas. A maioria dos fragmentos é lisa e, por isso, a sua identificação nos diversos estratos é difícil de discernir. Desse modo, alguns fragmentos destes recipientes podem estar armazenados. É muito provável que alguns fragmentos possam ainda jazer no sítio, sob o talude não escavado, em zonas adjacentes à vala de dois metros de lado escavada. Na realidade, a lareira do contexto 151.1 encontrava-se no limite lateral da vala de escavação, sendo provável que alguns fragmentos e outros vestígios estejam ainda no sítio. Por último, o restauro dos três recipientes não utilizou todos os fragmentos recuperados e identificados (como podemos observar nas fotografias) por impossibilidade técnica do próprio restauro — alguns fragmentos estavam muito deteriorados e deformados e outros com arestas pouco vivas e/ou de pequeníssimo tamanho. É pertinente referir aqui que estes três recipientes são tipologicamente peculiares em relação aos restantes identificados no povoado, o que revela a sua singularidade. São, também, os únicos cujo perfil, através de colagens, é reconstituído na totalidade, tendo fragmentos em continuidade desde o fundo até ao bordo, o que não se verifica no conjunto dos cerca de mil bordos e quinhentos fundos recuperados neste povoado.

No estrato 151, foram identificados um dente de boi doméstico e um dente de porco/javali; no 146, um osso longo de boi doméstico e, no 139, dentes de boi doméstico e de ovino caprino, bem como ossos longos de ambas as espécies. Tal facto abre

a possibilidade de que o rito tenha integrado os restos destes animais, muito provavelmente após o seu consumo, já que os dentes são as partes que melhor se conservam[13].

A análise antracológica de recolhas junto do recipiente 474 (Lx. 146) revelaram um predomínio de urze, carvalho e medronheiro. A recolha junto dos recipientes 475 e 476 revelou um predomínio de urzes e medronheiro, seguido de estevas (*cistaceae*)[14], espécies relacionadas com a flora mediterrânea.

Após a deposição dos recipientes e da composição com pedras do nível de cascalheira, os celebrantes terão coberto estas áreas com alguma terra argilosa solta (comum no local). Sobre esta deposição, decorrerá a ocupação doméstica da Idade do Ferro, mas esta não irá jamais perturbar a deposição antes realizada. Posteriormente, terá sido construído um pequeno espaço subcircular ladeado por pedras de médio porte, já integrado na fase de ocupação posterior (fase III-2)[15] espacialmente articulado com a área deposicional. Com efeito, o limite desta estrutura pétrea (Lx. 119, 120, 121) sobrepõe-se à área de deposição dos dois vasos (475 e 476) parecendo subsistir a memória do que subjazia enterrado sob uma camada de terra argilosa.

A cerimónia terá terminado com um incêndio centrado no limite periférico da plataforma, configurando-se como um anel de fogo que rodeia e protege a «futura» área habitacional (Figs. 5 e 8). Os limites da plataforma que correspondem ao limite do quadrado F'16 (e Lxs. 146 e 147), nos quadrados G'15 e G'16 (Fig. 5), são compostos por um claro anteparo de pedras de grande e médio porte intercaladas por terras muito enegrecidas (contexto 139). Dada a potência de terra queimada e carvões por sobre, por sob e por entre as pedras deste anteparo, colocamos a hipótese interpretativa de que o limite exterior da plataforma tenha sido incendiado de forma recorrente (e talvez cíclica), perpetuando os objetivos do rito fundacional, no que denominamos de reconsagração. Tenreiro-Bermúdez refere essa necessidade cíclica de revitalizar poderes apotropaicos[16] que aqui se revelariam nos vestígios arqueológicos. De facto, o limite incendiado da plataforma (Lx. 139) configura-se como um estrato de razoável potência podendo indicar vários ciclos de incêndio (Pinto, 2012, vol. 1, estampa XIII). Dentro desta hipótese interpretativa, a última reconsagração da área habitacional terá integrado uma área de combustão de tendência subcircular, contexto denominado de Lx. 142.1, e datado por carbono-14 do século I a. C. ao I d. C.: amostra Sac-1971[17]. Esta área de combustão, dispersa e de difícil caracterização (embora na Fig. 5 simule ser concentrada), localizava-se espacialmente a meio do «talude calcolítico» (quadrados H' e J')

[13] Segundo quadro de fauna por contextos (não publicado), elaborado por de M. J. Sanches e Pedro Rafael Morais. Este teve por base as identificações arqueozoológicas de cada amostra, realizadas por J. L. Cardoso (ver também CARDOSO, 2005).
[14] SANCHES, 2008.
[15] PINTO, 2012: vol. 1, estampa XI.
[16] TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.
[17] SANCHES, 2008: 48, quadro 4.

e no seio de um estrato argiloso de cor amarelo-escuro, que se sobrepunha à construção calcolítica (pedras imbricadas, por vezes em arco, que formavam estruturalmente os anteparos do talude calcolítico). Este estrato argiloso encontrava-se fora da plataforma habitacional e apenas em relação topográfica e estratigráfica horizontal com o espesso contexto do anteparo da área habitacional da I Ferro, de que temos vindo a falar — Lx.139. Na área alargada de combustão, foram recuperados alguns objetos metálicos (descritos no subcapítulo 3.2.) e alguns fragmentos cerâmicos muito pequenos, alguns com marcas de concreções metálicas fruto da deterioração dos artefactos metálicos que jaziam lado a lado e sobrepostos com eles.

A esta possível reconsagração seguiu-se o encerramento da área habitacional do talude, ou seja, deu-se a retração do povoado Crasto nesta área para dentro do Recinto L (recinto murado). Este encerramento consistiu na colocação algo organizada de pedras e terra (que encontramos em algumas áreas já destruídas pela passagem dos agricultores) sobre toda a área previamente aberta (habitacional), sendo assim «refeito» na sua forma, o primitivo talude. Deste modo, o estrato/estrutura alargada de combustão 142.1 permaneceu, também, resguardado de destruições posteriores.

3.2. Caracterização dos objetos depositados

Os recipientes que compõem o rito fundacional são três, dois lisos e um decorado — 475, 476 e 474 respetivamente —, possuindo características diferenciadas, como podemos constatar na tabela seguinte (Tabela 1, Fig. 5). A caracterização das pastas foi publicada em 2012[18], e, desse modo, não iremos expor o processo de análise em pormenor. O importante a reter é que a pasta I está presente em ambas as fases de ocupação do Crasto de Palheiros (calcolítica e da Idade do Ferro), não sendo possível distinguir a olho nu quais dos fragmentos com esta pasta seriam de cada uma destas fases. A VI é exclusiva da Idade do Ferro, configurando-se como uma pasta que revela uma manufatura específica deste período. E, por último, a pasta X é quase exclusiva da fase calcolítica porque se relaciona, maioritariamente, com recipientes e decorações calcolíticas; é residual o número de recipientes da Idade do Ferro realizados nesta pasta — cerca de 1%.

[18] PINTO, 2012.

Tabela 1. Descrição dos recipientes do ato deposicional

Número de recipientes	Número de fragmentos	Contexto (Lxs/Ues)	Pasta	Diâmetro da boca	Capacidade (litragem aproximada)	Cor	Tratamento de superfície externo	Tipo formal
474	151	139, 146, 147, 151	X	100 mm	4,40 L	Vermelho	Polido	B19
475	70	151.1	VI	130 mm	2,38 L	Preto	Rugoso	7a
476	20	151.1	I	110 mm	0,52 L	Branco/ cinzento-claro	Polido	6b

Os recipientes cerâmicos, ou seus fragmentos, que poderiam ter acompanhado a reconsagração da área habitacional do Talude Exterior Leste — patente nos estratos com carvão do limite interior e, sobretudo, exterior da plataforma, apresentavam-se muito dispersos e incompletos (tal como no resto do povoado). Além disso, na escavação não foi utilizada uma metodologia de referenciação sistemática conducente à sua posterior remontagem. Os fragmentos, dominantemente lisos, e dos quais não foi possível reconstituir um terço do recipiente, indicam, porém, que a possível deposição de recipientes, a ter existido, nunca se terá igualado à do rito fundacional. Contudo, a reconsagração do talude incluiu, a nosso ver, o incêndio, repetido, do limite da plataforma e seu anteparo pétreo (contexto 139). Num momento terminal, uma estrutura de combustão (Lx. 142 e 142.1, Fig. 5) adjacente ao anel de fogo do anteparo pétreo, parece fazer parte de um desses ritos de reconsagração. Continha quatro artefactos metálicos cuja descrição está na Tabela 2.

Tabela 2[19]**.** Descrição dos artefactos metálicos presentes na reconsagração do talude

Contexto	Descrição formal	Tipo de metal
Lx. 142	Anilha – objeto com aro circular, de secção retangular e furo alargado. Aparenta ser uma anilha «achatada». Peso 4,334 gramas	Liga de/ou cobre
Lx. 142	Anzol – tira de secção quadrangular com cerca de 64 milímetros de comprimento, apresentando um dos extremos dobrados sobre si mesma e com uma ponta afiada. Peso: 8,509 gramas	Liga de/ou cobre
Lx. 142	Fíbula – fíbula de apêndice caudal (tipo transmontano) completa. Apresenta no arco decoração filiforme e de estilo vegetalista. Peso: 15,573 gramas	Liga de/ou cobre
Lx. 142.1	Fíbula – fíbula de aro aberto em forma de ómega, com remates cilíndricos decorados com remates anelados. Peso: 10,236 gramas	Liga de/ou cobre + vidro

[19] Dados presentes na monografia do Crasto de Palheiros (SANCHES, 2008).

3.3. Comparação dos recipientes presentes no rito cerimonial e aqueles presentes nos estratos de ocupação

«Pela exploração de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar[20].» Entendemos o conjunto dos recipientes presente no rito fundacional com uma imagem poética, na definição de Bachelard onde o sujeito (ou a coletividade, como sujeito) tem de se entregar a ela sem reservas, pois, de outro modo, não entrará no seu espaço poético[21]. Aqui, nesta deposição, são sujeitos os celebrantes, mas são também todos aqueles que estiveram presentes na escavação de 2002 quando estes vestígios foram exumados. Desse modo, urge compreender os processos de criação desta imagem, o que ela evoca e como foi entendida durante a ocupação da Idade do Ferro, não como nexo de causalidade, mas de repercussão. Estes recipientes não são uma amostra estatística fidedigna do conjunto cerâmico da Idade do Ferro, por isso, como veremos, são uma escolha. Configuram-se como uma imagem poética, um «querer-ser», também ele estético (e, naturalmente, ideológico), por parte da comunidade da Idade do Ferro.

O conjunto cerâmico articulado contextualmente com os primeiros séculos de ocupação da Idade do Ferro, século VI-V ao IV-III a. C. (fase III-1)[22], na zona habitacional aqui referida (do TEL), revela uma proporção dos recipientes por pasta muito diferente daquela da deposição do rito fundacional. Assim, 41% dos recipientes são de pasta III, 30% de pasta I, 9% de pasta VI e 6,5% de pasta X. Deste modo, é evidente uma presença muito reduzida de recipientes de pasta VI e X, a mesma que, na deposição, tem uma importância estatística semelhante àquele de pasta I. Podemos verificar, ainda, que para a deposição foi escolhido o recipiente 475 cuja pasta vai ganhar importância crescente ao longo da ocupação da Idade do Ferro, chegando a atingir 30 a 40% dos recipientes nas ocupações mais recentes do sítio. No limite oposto, temos o recipiente 474, cuja pasta é residual em todos os contextos da Idade do Ferro, ainda que, durante esta fase ocupacional mais antiga, e, sobretudo, na área habitacional do talude (TEL), revele uma presença semelhante à de outras pastas (como a VI). Temos de referir que nos estratos referentes a esta primeira fase de ocupação no TEL, a presença de fragmentos calcolíticos é de cerca de 30%, e a presença de bordos calcolíticos é de 45%. Assim, um terço dos fragmentos e 45% dos bordos são calcolíticos, o que demonstra que a ocupação da Idade do Ferro usa sedimentos da ocupação calcolítica, gestos explicados, sobretudo, pela reutilização das terras do corte do talude e subsequente construção da plataforma habitacional no mesmo espaço. A semelhança entre pastas cerâmicas calcolíticas e da Idade do Ferro, a distribuição diferenciada de bordos e decorações calcolíticas

[20] BACHELARD, 1978. Original de 1957, La poétique de l'espace, contudo, a obra traduzida e usada é de 1978, presente na bibliografia.
[21] BACHELARD, 1978.
[22] PINTO, 2012.

em estratos da Idade do Ferro[23], e as características dos recipientes depositados neste rito, levam-nos a crer que a comunidade da Idade do Ferro era consciente de que o local teria já sido habitado e, quiçá, integraria tal ocupação em alguma das narrativas do seu próprio passado.

Contudo, apesar do conjunto cerâmico no seu todo e ao nível das pastas revelar discrepâncias importantes, os três recipientes que são os protagonistas deste texto concatenam todas as tradições estéticas[24] que nortearam esta comunidade da Idade do Ferro. Deste modo, o recipiente 475 de perfil em «S» e manufaturado em pasta VI, integra-se na tradição das comunidades da Idade do Ferro regionais, residindo a sua criatividade na faceta tecnológica; ou seja, reflete a criação, algo *ex novo* — a manufatura de novas pastas cerâmicas (VI e VIII) que se diferenciam das anteriores[25]. O recipiente 474 de forma «em saco», colo estrangulado, fundo plano e decorado com incisões profundas — sugerindo antropomorfos de mãos abertas em abraço do gargalo —, remete para uma tradição que vem da Idade do Bronze, revelando fundo plano e, sobretudo, uma opção estética pelas decorações no colo e por uma conjugação unitária entre forma e decoração[26]. Este recipiente é aquele que apresenta uma pasta mais tradicional e uma forma que reencaminha/direciona visualmente para a Pré-História, nomeadamente para alguns recipientes do Neolítico antigo peninsular (mas que tem fundo convexo), como aqueles presentes em Monte da Vinha, Santarém e Cartaxo[27], ainda que não encontremos, por ora, explicação interpretativa para tal semelhança. De facto, uma das tendências estéticas da Idade do Bronze no norte de Portugal integrará uma evolução formal dos recipientes para formas cada vez mais de perfil em «S» e colo estreito (a par de fundos planos). Uma tal evolução é plausível e até expectável. Contudo, o exagero formal deste recipiente (forma em saco e colo estrangulado) pode ser o produto de múltiplas influências, nomeadamente das mediterrâneas que terão chegado, por certo, pela extensíssima bacia do Douro e sua ligação geográfica a outras bacias peninsulares (como a do Tejo). O mundo mediterrâneo da Idade do Ferro, tanto grego como fenício, incorpora formas semelhantes a este recipiente, diferindo, porém, nas pastas e decorações. Igualmente ao Crasto de Palheiros chega um *krater*[28], presente na área habitacional leste durante esta primeira fase de ocupação da Idade do Ferro. Assim, a mundividência mediterrânea é localmente compreendida também a partir deste tipo de recipientes cerâmicos. Este recipiente decorado do Crasto (474) agrega em si correntes estéticas que, tal como o nome indica, são fluxos que permeiam os conceitos estéticos destas comunidades do norte interior de Portugal.

[23] PINTO, 2012.
[24] PINTO, 2019a.
[25] PINTO, 2019a.
[26] PINTO, 2019a.
[27] CARVALHO, 2011.
[28] PEREIRA, 2007.

Assim, estamos na presença de uma pasta tradicional pré-histórica e de uma forma que pode ser um produto imaginativo de um artífice da Idade do Ferro, influenciado pela sua própria mundividência, em todo o caso, comunitariamente aceite e enaltecida. Podemos, evidentemente, colocar ainda a hipótese de este recipiente tão peculiar poder ter sido uma relíquia, resultante de trocas entre comunidades locais que, por tão mal conhecidas na região, se desconhecem os aspetos mais básicos da sua cultura material pré-romanização.

O recipiente 476 de forma globular e com pasta de tradição pré-histórica remete para uma tradição que tem a sua raiz na Pré-História regional, nomeadamente no período calcolítico. Esta tradição agrega as pastas I, III e VII (semelhantes a olho nu a pastas pré-históricas como a X); formas globulares e decorações a *pente* ou incisas com padrões que remetem para a Pré-História local[29]. Este recipiente 476 apresenta uma forma e uma pasta concordante com uma tradição mais antiga, ainda que sem decoração. Nomeadamente, uma que se relacione com esta tradição da Idade do Ferro local, ou seja, uma decoração *a pente* (*peinadas* ou *a peine*, no dizer dos investigadores espanhóis) e que aqui usamos, tal como Raquel Vilaça[30], para as distinguir da formulação da decoração penteada calcolítica. Este recipiente é liso e tal não deve ser entendido como mera coincidência, devendo relacionar-se no Crasto com o percurso estético e cronológico-cultural das cerâmicas decoradas a pente da tradição mesetenha[31].

Nesta imagem poética e simbólica, configurada por estes três recipientes, apenas um é decorado revelando um «querer-ser» do conjunto cerâmico. Ou seja, nos estratos correspondentes à fase III-1 na área habitacional do TEL foram recuperados 34 fragmentos decorados da Idade do Ferro que configuram quinze decorações autónomas, ou possíveis recipientes decorados. Desta mesma fase, foram reconstituídos 43 recipientes. Assim, o balanço da relação entre decorações e recipientes (bordos) encontra-se entre 26 e 34%[32]. Como podemos constatar, a relação entre fragmentos decorados e bordos exumados é semelhante à relação presente no conjunto dos três recipientes aqui retratados. Deste modo, o conjunto de três parece revelar em termos proporcionais os modos de fazer/conformar e decorar que caracterizam culturalmente o grupo (ainda que tal possa ser uma projeção, um ideal), e que se fará sentir durante a primeira fase de ocupação da Idade do Ferro.

Relativamente à capacidade dos recipientes envolvidos no rito fundacional (Tabela 1), entendemos que a litragem do recipiente 476 (0,52 litros) se enquadra no consumo de comida ou bebida em dose individual, e que a litragem dos recipientes 474 e 475 (4,4 litros

[29] PINTO, 2019a.
[30] Ver texto neste volume.
[31] PINTO, 2019a.
[32] Se todas as decorações pertencessem aos bordos recolhidos, então, 34% dos recipientes exumados seriam decorados (15/43); se nenhuma das decorações pertencesse àqueles recipientes (bordos), então, 26% dos recipientes seriam decorados (15/(43+15)).

e 2,38 litros, respetivamente) se enquadram na preparação ou distribuição de alimentos em doses familiares (para serem fracionadas em doses individuais)[33]. A proporção relativa de recipientes destas litragens na fase III-1 não espelha a do ritual. Realmente, apenas 20% dos recipientes se enquadram na litragem maior (similar à dos recipientes 474 e 475) e 30% na menor (similar à do recipiente 476). De facto, no ritual, a importância conferida aos recipientes «redistributivos» é significante, ultrapassando largamente a realidade observada na totalidade do conjunto da fase III-1, que interpretamos como refletindo o quotidiano. É também significativo que o recipiente 475 possua um bordo descaído e afunilado tendo como função um despejo mais funcional de líquidos. Deste modo, o estudo comparado da litragem dos recipientes presentes no ritual com aqueles da fase III-1 e a forma específica do recipiente 475 podem indicar gestos/ações de redistribuição de alimentos ou bebidas que a comunidade entendia como importante.

No que diz respeito à cor destes três recipientes (vermelho-escuro, preto e branco/cinzento-claro) observamos, por um lado, as tendências de cor presentes no conjunto cerâmico com 28% de fragmentos de cor vermelha escura na superfície externa e 20% de fragmentos de cor preta[34] e, por outro lado, o cuidado na escolha de um recipiente de cor clara, sendo esta tonalidade minoritária no restante conjunto cerâmico.

Por último, dois terços das formas presentes no conjunto depositado no rito de fundacional irão ocorrer durante toda ocupação da Idade do Ferro; contudo, a forma do recipiente 474 não se repetirá.

Concluímos, de forma sumária, que existe uma relação estreita entre a realidade do conjunto depositado e aquela que ocorre durante a ocupação inicial do Crasto de Palheiros. Estes três recipientes, porventura porque já refletem, ainda que idealmente, a tradição, apontam uma direção para o conjunto cerâmico, sendo simultaneamente o exemplo das influências e da permeabilidade da cultura material da Idade do Ferro. Contudo, como imagem poética, ideal e ideológica que corporizam, serão a agência do momento, já que, se assumido o conjunto como narrativa, esta não se tornará a repetir em mais nenhum contexto exumado.

3.4. Os artefactos metálicos do contexto 142.1 e a sua relação com o conjunto de artefactos metálicos do Crasto

Cremos que os artefactos deste contexto — uma área de combustão — devem prioritariamente ser interpretados como deposições de reconsagração e menos como área de fundição, em vista da ausência de outros vestígios de atividade metalúrgica. De facto, tanto no estrato argiloso, Lx. 142, como na mancha dispersa de terras enegrecidas, Lx. 142.1, não foram identificados vestígios específicos de atividade metalúrgica, como tubeiras.

[33] PINTO, 2012.
[34] PINTO, 2012.

Foram identificados três fragmentos de escória nos Lxs. 142 e 139 (apenas um de sangrado) com um peso de 14% das escórias presentes na ocupação da Idade do Ferro do Crasto (vinte e dois fragmentos de escória no total). É de referir que a maior quantidade de escórias é encontrada dispersa na Plataforma Inferior Leste, mas todas as zonas de escavação apresentam fragmentos de escória, como os Taludes Externos Leste e Norte. Assim, a presença deste elemento por si só não é um fator de diferenciação contextual. A deposição dos artefactos metálicos e de alguns fragmentos cerâmicos ter-se-á feito numa área de tamanho reduzido (Fig. 5), em combustão ativa, correspondendo a uma fogueira realizada fora da plataforma B, mas no limite desta. Este contexto revela particularidades específicas: só integra 6% dos artefactos metálicos de todo o povoado[35]. Ora, 60% dos artefactos metálicos exumaram-se em unidades habitacionais discretas preservadas pelo incêndio da fase final, 17% ocorrem em níveis de ocupação sem caracterização específica e 16% foram recolhidos em estratos superficiais, estando descontextualizados. Deste modo, o presente contexto destaca-se pelo seu conteúdo (quatro artefactos) e por não se relacionar com uma unidade habitacional discreta. Na realidade, esta reduzida área ocupacional em declive acentuado não permitiria nem atividade metalúrgica, nem a implantação de qualquer unidade habitacional a não ser que ali se tivesse construído uma plataforma. A ausência de outros vestígios específicos relacionados com a atividade metalúrgica (barro de revestimento, tubeiras ou escórias em quantidade significativa) conduz à nossa interpretação. Por outro lado, os artefactos escolhidos são peculiares, sendo que dois são fíbulas, uma das quais muito decorada.

Esta fíbula, de tipo transmontano, foi encontrada junto de um fragmento cerâmico muito carbonizado, apresentando concreções metálicas, que cremos relacionadas com as altas temperaturas atingidas na combustão e com a deterioração posterior (deposicional) do próprio metal. Como já referimos, foram exumados alguns fragmentos cerâmicos com concreções metálicas e carbonizados, indicando que a deposição da reconsagração agregava não só artefactos metálicos como alguns fragmentos cerâmicos (ainda que estes não revelem a unidade daqueles presentes no rito fundacional). Neste sentido, a reconsagração apresentaria um conjunto artefactual mais díspar e fracionado do que aquele da consagração.

Os objetos deste povoado distribuem-se por várias categorias: adornos, objetos utilitários, armas, objetos votivos e indeterminados.

Na estrutura de combustão 142.1 estão presentes quatro artefactos metálicos, duas fíbulas, uma anilha e um objeto semelhante a um anzol. Estes últimos dois objetos integram-se nos objetos utilitários, e as fíbulas nos adornos. Os adornos perfazem 53% do conjunto de artefactos da ocupação e aqui possuem um peso semelhante (metade).

[35] PINTO, 2008; SANCHES, 2008: 143-147.

Os objetos utilitários perfazem 21% no conjunto total; contudo, na deposição perfazem metade dos objetos.

A fíbula de apêndice caudal, de tipo transmontano, apresenta uma ornamentação filiforme de temática vegetalista, sendo realizada por motivo «riscado» e relaciona-se com o mundo celtibérico[36]. Apesar da datação por carbono-14 do Lx. 142.1. indicar momentos aproximados à viragem da era, esta fíbula integrar-se-ia, facilmente numa cronologia do século III/II a. C. Desse modo, é notório um certo arcaísmo artefactual que terá permanecido preso a antigas relações comunitárias com o centro /norte peninsular. Com efeito, no Crasto é notório o uso de fíbulas de apêndice caudal, com particular incidência nas de tipo transmontano[37].

A fíbula em ómega integra-se na cronologia apontada pelas datas de carbono-14 (109 BC-129 AD a 2 sigma)[38], revelando uma ligação com o mundo romano, destacando-se, ainda, por ser um objeto em cobre com uma cobertura em vidro, usual nesta cultura. Assim, as fíbulas indicam tempos e correntes diferenciadas que se destacam a nível cronológico, cultural e estético. A escolha de ambas para incorporar atos de reconsagração com deposição remete para narrativas culturais, talvez inicialmente diferenciadas, mas aqui recompostas num ato singular.

4. SOBRE A TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE DOS ATOS RITUAIS

«Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso[39].» Analisar o rito fundacional — consagração — do povoado da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros é entrar no tempo comprimido, é encontrar um ato que agregou em si muitos tempos e que, por isso, merece ser apreendido atentamente.

As deposições intencionais de recipientes cerâmicos em povoados têm vindo cada vez mais a ser percecionadas e publicadas pela comunidade científica. De facto, deposições em povoados são já conhecidas no Calcolítico, como no povoado fortificado do Outeiro Redondo[40], bem como no Crasto de Palheiros. Aqui, fragmentos cerâmicos e parte de um movente de moinho foram intencionalmente inseridos no encerramento do Plataforma Superior Norte[41], e uma outra pequeníssima estrutura subcircular (118) da Plataforma Inferior Leste foi selada tendo no seu interior, argila, carvões, um machado polido e um recipiente cerâmico quase completo)[42].

[36] PINTO, 2008.
[37] PINTO, 2008.
[38] SANCHES, 2008: 48, quadro 4.
[39] BACHELARD, 1978.
[40] CARDOSO, 2011.
[41] SANCHES, 2008: 116 e 117, foto II.6. e II.7.
[42] SANCHES, 2008: 118, foto II.7.

No povoado fortificado do Outeiro Redondo, foram depositados dois recipientes, dispostos lado a lado — um globular e um prato — invertidos sobre o terreno, com a respetiva abertura voltada para baixo e encostados ao parapeito do talude. Aqui, esta deposição marca o encerramento do povoado e, desse modo, os recipientes virados para baixo podem significar a perda de finalidade de tais peças no quotidiano e corporizar o abandono definitivo daquele espaço, até então, residência dos vivos[43].

Na Idade do Bronze, nomeadamente no povoado da Cachouça, Beira Interior[44] foram depositados dois recipientes, dos quais um quase intacto e *in situ* na base e no limite do talude, onde a sua remoção implicaria a destruição do mesmo. Este depósito está associado à fundação do povoado, iniciando-se, assim, com ele, uma nova vida para o local.

A Idade do Ferro europeia encontra-se plena de exemplos sobre a criação, delimitação e proteção do espaço, seja este doméstico ou comunitário[45], ainda que a sistematização de tais comportamentos se configure difícil. Algumas das expressões simbólicas e rituais da Idade do Ferro do noroeste de Portugal, como a estatuária dos guerreiros ou determinadas construções, como os balneários, têm vindo a ser analisadas e integradas em narrativas onde a religiosidade destas comunidades é compreendida dentro de um quadro mais vasto de comportamentos próprios e acessíveis através da cultura material[46]. Na Idade do Ferro transmontana são bem conhecidas as estátuas zoomórficas denominadas de «berrões» e extensamente estudadas na sua área nuclear de aparecimento, a Meseta Norte e Central[47]. Estas estátuas são compreendidas dentro de um quadro comportamental de proteção, quer em relação aos povoados (onde aparecem, sobretudo, na área nuclear de ocorrência) quer em relação aos terrenos de cultivo ou pastagens (onde são também muito comuns, sendo esta localização percecionada como descontextualizada durante décadas de investigação). Contudo, é hoje opinião unânime de que os berrões se constituem como figuras tutelares de pastos numa visão mais integrada da paisagem, onde estes estariam inseridos e colocados de forma estratégica. Nesta interpretação, os berrões transformam-se numa espécie de marco territorial, imóveis na paisagem, constituindo-se como figuras que «permanecem», povoando o território[48].

Segue-se o Período Romano em que era comum toda uma série de rituais, por exemplo, aqueles relacionados com as portas — locais sagrados — que tinham de ser consagrados de forma recorrente. Bem como os marcos de propriedade nos quais se

[43] CARDOSO, 2011.
[44] VILAÇA, 2007.
[45] TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.
[46] BETTENCOURT, 2003.
[47] ÁLVAREZ SANCHIS, 1999.
[48] PINTO, 2019b.

realizavam oferendas anuais e os terrenos agrícolas que necessitavam de uma proteção extra e comunitária[49].

Contudo, a visão que aqui pretendemos apresentar, mais do que enquadrar o rito num quadro comportamental geral, pretende perceber os gestos e ações específicas desta comunidade. É construir a narrativa a partir do interior, da casa-povoado, o local onde a comunidade se reúne, vive a sua vida rotineira, ordinária, e constrói uma imagem de si mesma na sua relação com o exterior, seja real ou imaginado.

A importância do talude dentro do povoado — mas no limite exterior deste — é expressa pelo rito de fundação (contextos 151 e 151.1) e a sua consagração, repetida periodicamente (Lx. 139) através de cerimónias que envolviam a presença de fogo, é referida como tendo maior importância comunitária já anteriormente descrita com base noutras evidências[50]. De facto, na área do talude leste dominam pequenos recipientes de perfil em «S» (forma 8b)[51] que cremos serem utilizados no consumo de bebidas em encontros que envolviam comunidades exteriores. Ora, o Crasto de Palheiros tem uma configuração muito singular que permite a distinção topográfica e arquitetónica de espaços mais privados, uns, mais públicos, outros, dentro do povoado, que albergariam uma grande diversidade de práticas sociais. Uma de nós[52] sugeriu que as festas comunitárias internas com calendário próprio relacionadas com a redistribuição de alimentos, fertilidade e cerimónias de iniciação teriam sido realizadas dentro do Recinto L, ou seja, na plataforma leste topograficamente acima do talude leste, delimitada por um murete (de pedra seca) e entrada monumental. Outras festas e encontros que juntassem líderes regionais, dar-se-iam porventura fora do Recinto L, na área do talude exterior leste. Por sua vez, a análise do conjunto cerâmico[53] permitiu perceber diferenças significativas desta área relativamente a outras, quer no que respeita à estética, quer à funcionalidade, esta deduzida da capacidade dos recipientes e das características das pastas cerâmicas. Os estudos referentes à flora e fauna do Crasto evidenciaram, de igual modo e também, diferenças entre os vários espaços que compõem o povoado[54].

Deste modo, o rito fundacional no talude exterior leste surge como uma imagem poética — no sentido de ideal — do conjunto cerâmico, como já foi referido, mas também como um indicador da força e do significado comunitário desta área habitacional. Por outro lado, a reconsagração cíclica do talude através de rituais de fogo ao longo da ocupação perpetua e reforça a consagração deste espaço urbano como área de suma importância na dinâmica comunal. De facto, esta reconsagração apresenta paralelos

[49] TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.
[50] PINTO, 2012; SANCHES, 2016.
[51] PINTO, 2012.
[52] SANCHES, 2016.
[53] PINTO, 2012.
[54] SANCHES, 2016.

com ações cíclicas de deposição de restos faunísticos em fossos de povoados da Idade do Ferro, identificados como lixeiras, que podem ser produto de sacrifícios vinculados a rituais cíclicos de reconsagração do espaço[55]. São conhecidos também exemplos como os de Sanchorreja — onde restos de caldeirões de bronze são desfeitos e depositados em fossas à entrada do povoado —, ou como o do Castro de Sórban, em que foram escavadas terras carbonizadas e cinzas no antefosso e em dois fossos, acontecimento que o autor interpretou como resultado de uma atividade ritual que implicaria o acender do fogo com certa regularidade[56]. No norte de Portugal, o sítio do Castelinho é paradigmático, pois, no seu fosso, foram recuperadas mais de quinhentas placas gravadas[57], provavelmente depositadas de forma intencional (não caoticamente caídas, mas acamadas), e, por certo, integradas em rituais cujo alcance contextual e social desconhecemos[58].

Lembramos que aquando do rito de fundação da área habitacional do talude leste, o povoado não apresentava muralhas, nem outros sistemas ditos defensivos; era um povoado aberto, ainda que a topografia e as construções calcolíticas tenham moldado de modo assertivo diferentes espaços. Assim, a muralha como elemento protetor na qual se realizam depósitos rituais como acontece em Terroso, Lago, Briteiros e Cividade de Âncora[59] não ocorre neste momento fundacional. Aqui, o ato fundacional relaciona-se com um espaço alargado, não depende nem está sujeito a uma construção (como uma muralha)[60] nem o seu objetivo se relaciona com a «proteção» dessa mesma construção. O ato fundacional configura-se-nos como um ato de extrema complexidade que conjuga uma vontade comunitária de demarcação territorial (entre outros fatores que tornaram necessário o rito), e, portanto, integra o povoado nos territórios que o rodeiam.

Estudos territoriais revelaram que as comunidades gentilícias da Idade do Ferro agregavam vários povoados e seus territórios. O Crasto de Palheiros faz parte de um núcleo de povoados que integra sítios do concelho de Alijó e Murça, localizando-se a leste da mancha desta dispersão, numa zona limítrofe daquela área[61]. Assim, é evidente um certo isolamento espacial da comunidade que habitava este local, vivendo no limite territorial do seu grupo e convivendo de forma permanente com um extenso território «vazio», do qual tinha de configurar-se como guardião territorial. Cremos que os territórios, que denominamos como «terra de ninguém»[62], definidos pelos limites de vários núcleos de povoamento, estavam sujeitos a renegociações permanentes, disputas

[55] TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.
[56] TENREIRO-BERMÚDEZ, MOYA-MALENO, 2018.
[57] NEVES, FIGUEIREDO, 2015.
[58] SANCHES, 2016.
[59] LEMOS, CRUZ, 2008.
[60] Embora o muro do Recinto L pareça ter tido também um ritual fundacional, de âmbito funerário (SANCHES, 2008: 121, foto II.11).
[61] PINTO, 2017.
[62] PINTO, 2017.

e seriam, também, a causa de pequenos conflitos, podendo estes serem resolvidos através de encontros e festas comunitárias que foram enunciadas não somente para o ato fundacional, como para aqueles que decorreram ao longo da vida deste povoado[63].

Assim, o rito fundacional e a consequente consagração do talude são compreendidos como atos que se encontram além da vivência intracomunitária, que envolvem e atingem outras comunidades, marcando a sua posição social, e igualmente a validação da permanência do grupo naquele sítio associado à gestão de um território que, pela sua extensão, era, muito provavelmente, partilhado com outros.

A decoração do recipiente 474 sugere um tema antropomórfico onde estão presentes vários indivíduos, de braços e «mãos» dadas, representados por traços verticais e oblíquos. As representações de antropomorfos em recipientes cerâmicos estão presentes na Península Ibérica desde o Neolítico, particularmente na arte rupestre, onde estas figuras aparecem de braços alçados, em direção ao céu, interpretadas frequentemente como estando em atitude orante. A representação de figuras humanas com os braços erguidos é também um tema recorrente em culturas mediterrâneas, particularmente durante a Idade do Ferro peninsular, e parece ter surgido como reflexo de práticas funerárias, nomeadamente, dos cortejos fúnebres[64]. Contudo, as representações antropomórficas, sobretudo no período cronológico que nos diz respeito, revelam bastantes variações, sendo a posição dos braços uma dessas variantes[65]. De facto, as representações antropomórficas da Idade do Ferro devem ter sido influenciadas por várias correntes estilísticas presentes em diversos tipos de suporte, por exemplo, rocha, cerâmica, metais e outros materiais que possam não ter sobrevivido, como a madeira. A relação com o seu suporte é importante pois cada material potencia um determinado tipo de figuração. A visualização e compreensão dessas figurações e a sua cópia depende tanto da perceção do artista como da aceitação pela comunidade daquele tipo de código da mensagem. Parece certa, em determinadas representações antropomórficas da Meseta, uma ligação ao geometrismo mediterrâneo do I milénio a. C.[66]. Contudo, a simplicidade de algumas figurações em cerâmica, quer neolíticas quer nesta que encontramos no recipiente da Idade do Ferro, remetem para uma estética muito mais simples presente na arte rupestre esquemática, em estelas[67] ou em placas. As placas da Idade do Ferro do sítio do Castelinho[68] revelam uma figuração muito simples onde o traço, ou conjuntos de traços, sugere alguma importância visual.

[63] SANCHES, 2016.
[64] NARANJO, 2020.
[65] Ver imagens presentes em CARRASCO, 2018.
[66] ALMAGRO-GORBEA *et al.*, 1996.
[67] CARRASCO, 2018.
[68] NEVES, FIGUEIREDO, 2015.

Deste modo, os antropomorfos presentes no recipiente integrado na deposição fundacional parecem esteticamente influenciados por uma corrente regional que se terá desenvolvido a partir do Bronze Final, onde a área setentrional da Península Ibérica e as suas estelas de determinado tipo de figuração humana são um exemplo. As figuras humanas de estelas da Idade do Bronze como da Herdade do Pomar em Beja, Alamillo e Magacela[69] e Ategua (Córdoba)[70] mostram corpos muito esguios, sem volumetria, onde os membros são geralmente compostos por um traço simples. Esta simplicidade, é visível na decoração antropomórfica do recipiente 474, em que os corpos humanos são indicados através de traços e em que a cabeça se encontra ausente ou inclusa no tronco. Assim, este recipiente apresenta uma pasta cerâmica comum na Pré-História, a par de uma decoração que remete para uma estética simplificada do Bronze Final.

A temática decorativa deste recipiente é o elo que indica a abrangência social do rito fundacional, remetendo-nos para um evento onde participaram vários indivíduos unidos, «de mãos dadas», em torno de um objetivo comum. Uma das características fundamentais deste ato é materializada através da decoração onde podemos observar que o rito fundacional dependia da presença de toda a comunidade.

5. NOTAS FINAIS

Tendo como base a documentação arqueológica decorrente da escavação do Crasto de Palheiros e, igualmente, o estudo dos diversos tipos de materiais exumados, propusemos a interpretação de alguns contextos da área habitacional do Talude Leste como correspondendo tanto ao ato ritual fundacional/consagração do povoado, como à sua reconsagração, esta visível na repetição, quiçá cíclica, de cerimónias formalizadas, envolvendo o fogo. E envolvendo a deposição de materiais, nomeadamente recipientes cerâmicos, fragmentos cerâmicos e artefactos metálicos.

Dissertámos ainda sobre a pertinência cronológica e cultural da integração, ou melhor, da associação num mesmo ato, num mesmo tempo, de materiais cujas características formais e decorativas remetem para outros tempos e/ou outras culturas, geograficamente próximas ou distantes. Em suma, procurámos dar a entender a realidade sociocultural e política que permearia esta comunidade do norte de Portugal desde o séc. VI-V a. C. à viragem da Era, os seus modos de reprodução social através de ações muito formalizadas que podemos classificar como rituais coletivos públicos, já que teriam envolvido não somente uma calendarização — para criar o tempo do ato público e/ou reafirmar a sua ciclicidade — e uma participação coletiva, como os gestos, ou sequência de alguns gestos que terão saído do contexto das ações rotineiras.

[69] GARDETE, 2015.
[70] NARANJO, 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se à doutora Júlia Silva a revisão carinhosa da primeira versão do texto, e aos dois revisores anónimos, os seus contributos para o enriquecimento do texto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMAGRO-GORBEA, Martín *et al.* (1996). *Antropomorfo sobre cerámica de la 1 Edad del Hierro de la Meseta*. «Complutum». 7, 141-146.

ÁLVAREZ SANCHÍS, Jesus (1999). *Los vettones*. Madrid: Real Academia de la Historia.

BACHELARD, Gaston (1978). *A poética do espaço. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal*. São Paulo: Abril Cultural.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2003). *Expressões simbólicas e rituais da Idade do Ferro do Noroeste de Portugal.* In JORGE, Vítor Oliveira, *coord*. *Arquitectando Espaços: da natureza à metapolis.* Porto: FLUP, CEAUCP, pp. 131-150.

CARDOSO, João Luís (2005). *Restos faunísticos do Crasto de Palheiros (Murça). Contributo para o conhecimento da alimentação no Calcolítico e na Idade do Ferro do Nordeste português.* «Portugalia». Nova série. 26, 65-75.

CARDOSO, João Luís (2011). *Deposições rituais de vasos cerâmicos em contextos domésticos: os exemplares do povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra).* «Revista Portuguesa de Arqueologia». 14, 85-106.

CARRASCO, José Luis Escacena (2018). *Orantes neolíticos de Andalucía. Imágenes sobre vasijas de cerámica.* «Boletín del Museo Arqueológico Nacional». 37, 25-42.

CARVALHO, António Faustino (2011). *Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal*. «SAGVNTVM Extra». 12, 237-250.

GARDETE, Filipe Miguel Martins (2015). *As estelas decoradas da Idade do Bronze Final do território português: sistematização e problemáticas sócio-culturais*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de mestrado.

LEMOS, Francisco Sande; CRUZ, Gonçalo (2008). *Muralhas e guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal.* In LUÍS, Luís, *coord*. *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior.* Porto: Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, pp. 8-28. Vol. 03-Proto-história e romanização. Guerreiros e colonizadores.

NARANJO, Pedro Miguel (2020). *Las escenas de orantes o danzantes durante la Primera Edad del Hierro en la Península Ibérica: a propósito de un fragmento pintado estilo San Pedro II de Alarcos (Ciudad Real).* «Cumplutum». 31:1, 97-109.

NEVES, Dário; FIGUEIREDO, Sofia Soares (2015). *Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição*. In COLLADO GIRALDO, Hipolito; GARCÍA ARRANZ, José Julio, *coords*. *XIX International Rock Art Conference. Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context*. Tomar: Instituto Terra e Memória, pp. 1589-1605. (Arkeos; 37).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *ed*. (2007). *Vasos gregos em Portugal: aquém das Colunas de Hércules [exposição, Museu Nacional de Arqueologia, 2007]*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/ Instituto Português dos Museus.

PINTO, Dulcineia B. (2008). *Os artefactos metálicos da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros — Murça, Norte de Portugal: Breve introdução à gramática decorativa dos adornos metálicos do Nordeste de Portugal*. «Revista Douro. Vinho, História & Património». 1, 289-332.

PINTO, Dulcineia B. (2012). *O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro. Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tese de doutoramento.

PINTO, Dulcineia B. (2019a). *Contributos para a imagética decorativa dos recipientes cerâmicos da Idade do Ferro de Trás-os-Montes: entre a meseta e o litoral português.* «Portugalia». Nova série. 40, 33-58.

PINTO, Dulcineia B. (2019b). *A região de Bragança durante a Idade do Ferro. Do Bronze Final à conquista do território pelos Romanos.* In SOUSA Fernando de, *ed*. *Bragança. Das origens à revolução liberal de 1820.* Bragança: Município de Bragança, pp. 75-130.

TENREIRO-BERMÚDEZ, Marcial; MOYA-MALENO, Pedro (2018). *Sacrifício, circunvalação e ordálio na Hispânia céltica: uma aproximação em longue durée à ritualidade do espaço e o tempo*. «Tempo». 24:3, 652-686.

SANCHES, Maria de Jesus, *coord*. (2008). *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto, Murça–Portugal).* Murça: Município de Murça.

SANCHES, Maria de Jesus (2016). *Animal bones, seeds and fruits recovered from Crasto de Palheiros. A contribution to the study of diet and commensality in the recent Pre-History and Iron Age of Northern Portugal.* In VILAÇA, Raquel; SERRA, Miguel, *eds*. *To feed the body, to nourish the soul, to create sociability. Food and commensality in pre and protohistoric societies.* Coimbra: CEPBA/IAFLUC/Palimpsesto, pp. 79-119.

VILAÇA, Raquel (2007). *A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC.* In JORGE, Susana Oliveira *et al*., *ed*. *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular.* Faro: Universidade do Algarve, pp. 67-75.

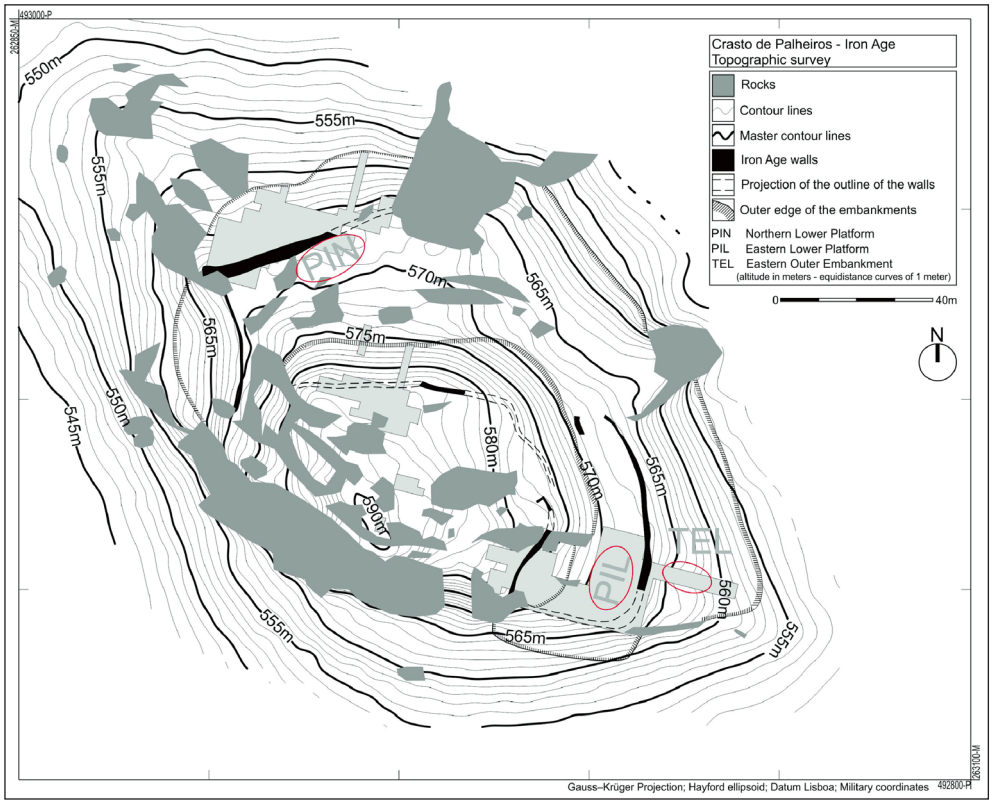


Fig. 1. Levantamento topográfico do Crasto de Palheiros, tendo localizado o Talude Exterior Leste — TEL (imagem elaborada por Rafael Morais)

Fig. 2. Fotografia aérea do Crasto de Palheiros com o Talude Exterior Leste assinalado, estando a Plataforma Inferior Leste, que lhe é espacialmente contígua, na zona das árvores

Fig. 3. Vista geral da área leste do Crasto de Palheiros, Talude Exterior Leste (atravessado lateralmente por passadiço serpenteante) e plataforma adjacente na zona das árvores (Plataforma Inferior Leste)

Fig. 4. Plataforma (B) no TEL onde podemos visualizar a área de deposição dos recipientes 475 e 476 (mancha escura à direita). Fotografia tirada de dentro para fora do povoado

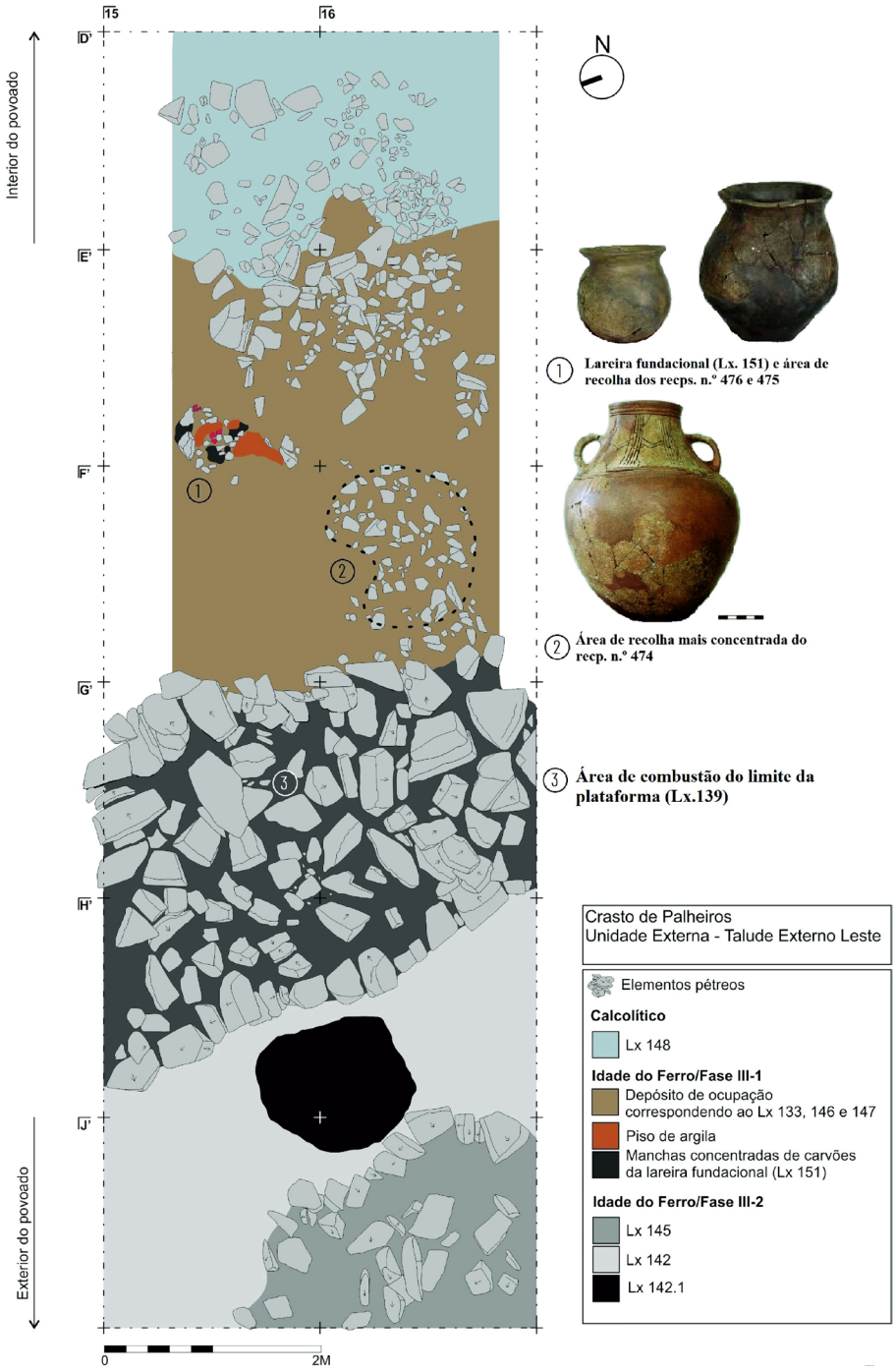


Fig. 5. Planta da área habitacional/plataforma artificial do Talude Leste (Plataforma B) que inclui os estratos relativos à consagração (1, 2 e 3)

Fig. 6. O rito fundacional da área habitacional do Talude Exterior Leste, com o anel de fogo realizado na consagração (simulação interpretativa)

Fig. 7. Fragmentos dos vasos 475 e 476 depositados, lado a lado, na área de combustão (estrato Lx. 151)

Fig. 8. Limite da plataforma correspondente ao contexto 139. Podemos visualizar as terras enegrecidas por entre as pedras do limite da plataforma

Fig. 9. A «imagem poética» presente no rito fundacional

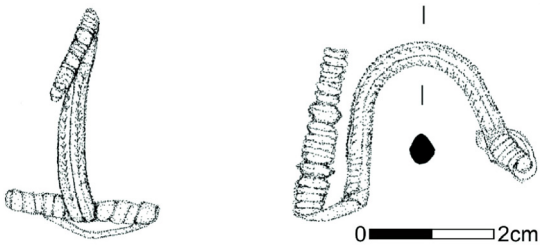


Fig. 10. Fíbula de apêndice caudal (tipo Transmontano)

Fig. 11. Fíbula em ómega

IV
EPÍLOGO

SUGESTÕES TEÓRICO-FILOSÓFICAS PARA PENSAR A ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA E SEUS IMPASSES

VÍTOR OLIVEIRA JORGE*

Abstract: *Narratives about the prehistory of humanity are a peculiar way of answering the fundamental question: what is the human being? This question underlies the entire anthropological enquiry of modernity and has at its root the intention to clarify the old nuclear problem of the relationship between nature and culture. Underlying the interpretative practice of the prehistorian is a philosophy that allows this field of study to rise to the scope of the great contemporary debate. This is a small contribution in that sense.*

Keywords: *Prehistory; Prehistoric archaeology; Philosophy.*

Resumo: *As narrativas sobre a Pré-História da Humanidade são um modo peculiar de responder à questão fundamental: o que é o ser humano? Esta pergunta funda todo o inquérito antropológico da modernidade e tem, na sua raiz, a intenção de esclarecer o velho problema nuclear da relação entre a natureza e a cultura. Subjacente à prática interpretativa do pré-historiador está uma filosofia que permite erguer este domínio de estudos ao âmbito do grande debate contemporâneo. Este é um pequeno contributo nesse sentido.*

Palavras-chave: *Pré-História; Arqueologia pré-histórica; Filosofia.*

Os segredos dos antigos egípcios também eram segredos para os próprios egípcios[1].
Hegel

1. INTRODUÇÃO

Não há conhecimento «neutro», no sentido ideológico e mesmo político. É preciso previamente escolher, com os riscos inerentes a qualquer decisão, uma via de pesquisa. Essa via de pesquisa não parte do zero, não é elaborada às cegas, mas também desconhece o ponto de chegada, o resultado do trabalho que a orienta. O que não pode haver é uma tarefa desorientada, ou baseada na premissa ingénua de que «os factos falam por si». Só no senso comum (em geral, o adversário da ciência, do conhecimento orientado pelo raciocínio metódico) os factos valem por si. No campo intelectual propriamente dito, os factos, os chamados «dados», são deduzidos de uma teoria, mesmo que implícita. Essa teoria reflete uma posição filosófica, e mesmo política (de política do saber e não só); e orienta-se por princípios lógicos. Há, pois, que «escolher o campo», o ponto de que lado se está quando se seleciona um tema a estudar. Nesse campo, ou em campos afins, já muitos(as) trabalharam antes de nós; é sobre os ombros dos(as) melhores que elaboramos o nosso caminho, a nossa via de pesquisa.

* Instituto de História Contemporânea, FCSH-UNL. Email: vitor.oliveirajorge@gmail.com. O autor não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

[1] *Apud* Žižek (2014): p. 331.

O autor deste escrito procurou sempre, desde os seus primeiros trabalhos, a via que lhe convinha, como prioridade das prioridades para pensar (no sentido de pensamento refletido). Se em filosofia isso é trivial, nas ciências, e em particular nas ciências de observação da realidade material como é a arqueologia (e nela, em particular, a pré-histórica), isso ainda se torna mais imprescindível. Porque, dado que tocamos em objetos e estruturas mais ou menos imersas no mundo empírico que nos rodeia, mais há a tentação de confundir achados ou observações com descobertas, ou seja, de julgar que, ao fazermos exumações ou descrições de «coisas do passado», estamos, imediatamente, a acrescentar algum valor ao pensamento. Estamos apenas, de facto, a acrescentar problemas que importa analisar, perguntas que têm de ser integradas num contexto mais vasto para que cheguem a ter o estatuto de perguntas, isto é, que mereçam estudo e busca de resposta, de interpretação. Toda a boa pergunta, orientada teoricamente, pressupõe já uma resposta, ou, pelo menos, um âmbito mental em que possa emergir.

Num livro é possível explicitar tudo isto mais longamente. Num artigo para uma comunicação limitada em tempo, temos de ser mais afirmativos, elidindo as razões que nos levaram às nossas escolhas. Não se surpreenda, pois, o(a) leitor(a) se o autor for assertivo, eventualmente obscuro, mas não tenho tempo senão para ir direto a parte do que me importa transmitir. Isto é apenas um momento de um trabalho muito mais amplo em curso; ser assertivo não é ser dogmático.

2. UMA MATRIZ FILOSÓFICA

Nesse meu processo de trabalho, tem sido crucial a figura de Slavoj Žižek. Žižek é um filósofo esloveno que começou a afirmar-se no mundo a partir de 1989, ano em que surgiu em inglês (1.ª edição) a sua obra *O Sublime Objeto da Ideologia*. Depois disso, a sua reflexão não tem parado até hoje, colocando-o — do meu ponto de vista — como, provavelmente, o pensador mais importante da última década do século passado e das primeiras décadas do nosso. Não está só: faz parte de um grupo de investigadores que tem a sua base em Liubliana, capital da Eslovénia; não tenho tempo para me deter nisso, mas a sua característica geral é a de que são especialistas de Hegel, o filósofo «maldito» de muitos pensadores ocidentais, apesar do movimento mundial, decorrente nas últimas décadas em todo o mundo, de reabilitação de tão grave erro sobre o chamado «idealismo alemão», em geral, e sobre o seu cume em particular, Hegel. Podemos dizer que a filosofia moderna (toda a anterior, desde os gregos, é uma espécie de Pré-História da filosofia) começou com a revolução kantiana, e se consumou (no sentido da superação do kantismo, de levar o kantismo até às suas últimas consequências) com Hegel. A Jugoslávia de Tito, um país dito «comunista», em que a Eslovénia se integrava, tinha a característica crítica de ser mais aberto do que o sistema de base estalinista que levaria a URSS à sua implosão a partir de 1989, precisamente o ano em que sai, para espanto geral, a primeira obra de Žižek, em inglês. Assim, tanto Žižek como os seus

companheiros mais próximos, Mladen Dolar, Alenka Zupančič e outros, puderam viajar para Ocidente; e isso permitiu a Žižek entrar em contacto com a escola lacaniana dirigida por Jacques-Alain Miller em Paris, o genro e continuador de Lacan, pois que editou em livro os preciosos seminários que Lacan realizava, em Paris, sempre como um *outsider* em relação à universidade. Qual a agradável surpresa de Žižek quando, ao aprofundar o estudo de Lacan para a tese que fez em Paris (era já a segunda), verificou não só que este grande psicanalista e «anti-filósofo» (talvez um modo de ser filósofo no nosso tempo…) era um hegeliano no início da sua obra, como o ia sendo cada vez mais enquanto insinuava afastar-se de Hegel; na verdade, estava era a afastar-se de um Hegel introduzido em França pelo professor Alexandre Kojève (este, nascido russo — 1902 —, foi um filósofo francês que teve influência na própria constituição da União Europeia; faleceu em 1968). Kojève foi muitíssimo importante na filosofia ocidental, mas ajudou a divulgar um Hegel que tem vindo a ser corrigido por autores posteriores (apesar de ainda surgir na vulgata que nos é transmitida por inúmeras histórias da filosofia, etc.). Hegel e Lacan são dos autores mais difíceis que se podem abordar, e Žižek também não é fácil, cada um por razões diferentes. Hegel, nos inícios do século XIX, teve o privilégio de pensar em alemão, com toda a riqueza e ambiguidade que esta língua tem, nomeadamente ao ser transposta para outra; é fácil ser-se mal interpretado, mesmo por poliglotas como Kojève. Lacan pretende voltar a Freud, repetir Freud, para corrigir as más interpretações que também fizeram da psicanálise, inaugurada por ele, uma parafernália de erros e desvios; mas, ao fazê-lo, vai-se naturalmente afastando do freudismo para o articular com a filosofia e as ciências humanas e sociais dos meados do século XX, nomeadamente a linguística. Lacan foi influenciado pelo estruturalismo, mas nunca abandonou a ideia de sujeito, ao contrário do que, como se sabe, era uma das linhas-chave daquela tendência («morte do homem», após a «morte de deus»); só que o sujeito lacaniano é o sujeito do inconsciente… mas, na verdade, o inconsciente em Lacan é algo muito diferente do da primeira teorização de Freud. Žižek (que é um filósofo, e não um psicanalista) vai pôr Lacan a dialogar com Hegel, através de um trabalho incessante que marca as últimas três décadas, servindo-se (no sentido positivo) de Lacan para melhor entender Hegel, com a intenção de mostrar a atualidade do seu pensamento; e, no mesmo movimento, revelar até onde um e outro não chegaram, não poderiam chegar. Mas esta é a tarefa da filosofia, partir dos antecessores para sempre os integrar num quadro novo, atual, do pensamento. E pensar, voltar a pensar o já pensado, discernir nos autores anteriores o que neles estava implícito e o que neles pode orientar um desenvolvimento de novos caminhos, essa é a matriz da filosofia, na sua sempre presente preocupação de perceber lucidamente que o pensamento é decisivo para o entendimento e para a orientação política de uma época. É por isso que Žižek vai insistir na necessidade de uma nova visão daquilo em que consiste a ideologia.

A ideologia não é um conjunto de ideias: é algo de muito mais subtil, presente em tudo o que fazemos diariamente, uma orientação incorporada, em larga medida inconsciente, subjacente à prática — e, como tal, também à prática científica, e à arqueológica em particular — e expressa nas nossas mais vulgares opções e opiniões quotidianamente ativadas na relação social. A ideologia tem que ver com a questão da crença e com uma complexa teia de ilusões, que começou a ser explicada por Marx. É difícil discuti-la, porque a ideologia é por definição aquilo que a ilusão nos leva a crer como absolutamente indiscutível. Que ilusão é essa? A ilusão de que, subjacente a tudo o que cada um(a) pensa, está um conjunto de ideias (na verdade impensadas) sobre o qual julgamos construir solidamente todas as nossas opções, opiniões, raciocínios. Por exemplo, um crente cristão pensa tudo a partir da sua crença em Deus, em Cristo, na Santíssima Trindade, etc.; um crente comunista (no sentido do «socialismo real» hoje já inexistente) pensa tudo em função na sua crença no comunismo; um crente no capitalismo pensa tudo em função da sua fé de que o capitalismo é o sistema económico-social certo; um crente na social-democracia, podendo admitir que esta não é perfeita, crê que é, apesar de tudo, o sistema menos imperfeito que pode existir, etc. Assim, pôr pessoas arreigadas (no seu próprio inconsciente) a estas teorias ou ideologias, e ainda outras, numa espécie de diálogo ecuménico para chegar a um consenso, é virtualmente impossível; não há ponto comum, por mínimo que seja, de encontro. A sociedade é baseada intrinsecamente num antagonismo irresolúvel, não só devido ao choque de interesses (o que Marx chamou a «luta de classes»), mas também e, sobretudo, porque as pessoas partem sempre de uma crença que se baseia em «escolhas» pré-racionais, ou exteriores a uma racionalidade neutra que nunca existe. Essa negatividade hegeliana é, aliás, inerente ao espírito humano e à realidade em si, de que o espírito (a mente, a cultura, o pensamento, como se queira) faz parte. E, por isso, também a ciência tem a sua própria ideologia, que não só lhe dá uma grande força e prestígio social, como tem resultados práticos para a vida das pessoas que levam muitos a praticamente considerarem como a religião laica, dos tempos modernos, racionais e progressivos. A ciência «vive encantada» com a progressão das suas descobertas, e a tecnologia alimenta-se disso, bem como a fé das pessoas que, por exemplo, como todos nós neste momento pandémico, dependem de uma vacina para poderem conceber como verosímil a sua própria sobrevivência física.

Marx mostrou o que é o fetichismo da mercadoria, a ilusão inerente ao mercado; não compete a este texto desenvolver algo bem conhecido; precisamente porque a ideologia tem primariamente que ver com a prática, com o fazer, Marx exprimiu a noção de que, na sociedade capitalista, as pessoas não sabem o que fazem (estão iludidas), e, portanto, continuam sempre a fazer mais do mesmo. Na verdade, o pior engodo é ir atrás da ideia de senso comum de que a prática está primeiro que tudo, traduzida na velha noção da infraestrutura determinando a superestrutura. Não podemos ficar por aí. O alemão Peter Sloterdijk, ao criticar o que chamou a «razão cínica», foi um pouco mais longe: as pessoas sabem bem o que fazem, mesmo assim, continuam a fazê-lo. Todavia,

essa concepção de modo algum convence; é ainda uma noção integrável numa filosofia do *establishment*; o que se passa na realidade é que, na ideologia dominante, existe não uma ilusão, como diz Žižek, mas duas. Já em 1989, num livro crucial, *O Sublime Objeto da Ideologia*, Slavoj Žižek tinha apontado o que devíamos pensar sobre a ideologia, a qual, como aludi acima, tem que ver com a própria realidade, com aquilo que as pessoas fazem. O que as pessoas ignoram, explica Žižek, é que a sua própria realidade social, a sua atividade, é guiada por uma ilusão, por uma inversão fetichista. É essa ilusão que constrói a atividade social real das pessoas. «Eles sabem muito bem como as coisas são realmente, mas ainda assim continuam a fazer o mesmo como se não soubessem.» Há, portanto, diz Žižek, uma ilusão aqui em jogo: essa ilusão consiste em ignorar a ilusão que estrutura o real das pessoas, a sua relação efetiva com a realidade. «E esta ilusão ignorada, inconsciente, é aquilo a que podemos chamar a *fantasia ideológica*»[2].

3. REPRESENTAÇÕES

As duas grandes coordenadas convencionais da vida humana são o tempo e o espaço. Coordenadas altamente abstratas, tiveram e têm, ao longo das épocas e das «culturas», uma variedade infinita de representações. O tempo é uma variável invisível, apenas se tornando materializável indiretamente através das suas manifestações: a morte, desde logo, mas também as variações evidentes da natureza ao longo do ano, a alternância do dia e da noite, etc. O espaço é também uma realidade fluida, pois depende, como o tempo, da cosmovisão ou ontologia de cada «cultura»/comunidade. Todavia, as dimensões do espaço são mais diretamente experimentáveis do que as do tempo, desde logo, porque cada corpo humano ocupa um certo espaço e, exceto nos momentos de descanso, está em permanente deslocação, segundo *habitus* próprios da sua «cultura», e em relação com uma espacialidade em que decorrem ações conjuntas providas de um certo sentido mais ou menos partilhado.

Não há cultura humana conhecida que não tenha uma narrativa, uma explicação, mais ou menos implícita ou explícita, sobre o tempo e o espaço. Na verdade, as duas variáveis são indiscerníveis uma da outra, porque a deslocação num espaço, ou mesmo a manutenção de uma atitude imóvel, implicam tempo, ou seja, no centro da existência humana está sempre uma temporalidade que, tal como a espacialidade, cada «cultura» procura tornar natural, isto é, procura articular-se com o mundo através de uma significação global. O ser humano distingue-se dos outros animais por muitos aspectos, mas talvez aquele em que o abismo que os separa (animais e humanos) é maior e mais notório é que o ser humano se interroga e procura respostas para as suas perguntas. Na verdade, dialeticamente falando, as respostas estão, em geral, pressupostas já na forma de perguntar, embora essa retroação não seja, em geral, consciente.

[2] ŽIŽEK, 1989: 32-33.

A busca de sentido é intrínseca às sociedades humanas, co-extensiva à sua historicidade. A discussão de quais os critérios em que nos devemos basear para distinguir as sociedades humanas das dos animais (em tempos teóricos e em termos cronológicos) está fora do âmbito deste estudo, mas podemos dizer esta verdade óbvia, a de que a sobrevivência do ser humano é impossível sem a sua inclusão numa comunidade simbólica. Cada humano nasce, cresce, torna-se eventualmente adulto dentro de um «banho de linguagem», que começa a escutar mesmo antes de nascer, linguagem essa que lhe permite manter laços e comportamentos de sociabilidade, partilhar sentidos, e, evidentemente, representações do tempo e do espaço a partir da sua experiência, incluindo as narrativas herdadas que ordenam o mundo, que lhe conferem inteligibilidade; mas ao entrar na linguagem cada pessoa penetra no simbólico, fica capturada pelo sentido partilhado que constitui a realidade, a totalidade dos discursos que suturam a constitutiva lacuna dessa realidade.

Ao observar o conjunto da realidade temporal conhecida, ou seja, da história no seu sentido amplo, como narrativa da experiência humana (incluindo, portanto, toda a imensa «Pré-História» e a sua recente e curta decorrência, a História no sentido estrito), vemos que todas as culturas sempre inculcaram no espaço, ou mesmo materializaram nele, de modos infinitamente variados, referências que tinham/têm que ver com a sua concepção de tempo.

Entre essas conotações ou modificações dadas ao espaço inserem-se vários tipos de ordenamentos e representações, tão vários que podem ir de um simples trilho na floresta tropical, com todos os sentidos associados que pode ter para um habitante dessa ecologia, a uma avenida de uma metrópole contemporânea. A antropologia, entre outras disciplinas, tem procurado estudar o leque destas diferenças; mas este não estará nunca completo por definição, não só em função do tempo, e também de outra variável que é a singularidade de cada ser, como, sobretudo, devido à dimensão que Lacan designou o Real, que se relaciona com a impossibilidade de totalização ontológica. A realidade é, em si mesma, não-Toda.

Se há uma tendência que podemos discernir ao longo da história humana (em sentido amplo), ao considerar o par de conceitos singularidade/comunidade, é óbvio que a sociedade moderna, europeia, mas não só, tem inclinado cada vez mais o «prato da balança» para a singularidade, quer como realidade quer como valor. Ou seja, se não é possível ao ser humano viver sozinho, qual Robinson Crusoé, também é uma realidade que a sociedade moderna e contemporânea se caracteriza por um programa cada vez mais dirigido a uma (pretensa) realização do gozo individual, no sentido psicanalítico (abrangente) da palavra gozo. Na verdade, por muito que as comunidades comunguem de valores, sentimentos, representações comuns, é evidente que é ao nível individual, a partir do corpo e de tudo o que lhe é imanente, ou seja, o espírito de cada indivíduo, que a realidade ressoa de forma mais ou menos prazenteira ou dolorosa, ou seja, que há

experiência de felicidade, de bem-estar (embora esta pressuponha um meio favorável à sua emergência). Quem sente são os indivíduos, não abstrações como sociedade, comunidades, grupos, etc.; mas cada ser só se constitui com o Outro, em função dos outros. O grupo predomina, sempre, mesmo no individualismo contemporâneo, com as suas tradições arreigadas, que dão sentido ao mundo e à sua vivência, sendo condição de subsistência de cada indivíduo inserir-se nesse sentido ou senso comum, sob pena de perecer. Tal acontece, afinal, em sociedades contemporâneas altamente tecnológicas, mas em que o controlo sobre cada indivíduo cresce na proporção da ideologia da singularidade. Sê tu, realiza os teus desejos, parece ser a injunção, mas realiza-os segundo o conjunto de regras e desregras que te impõe o Estado e a que te obrigam os diversos sub-sectores em que te inseres, a família, a empresa, a comunidade de vizinhos, a sociedade em geral com os seus meios de comunicação, etc., etc.

4. BASES PARA RECRIAR UM MATERIALISMO DIALÉTICO PARA A ARQUEOLOGIA

À arqueologia — e em particular à arqueologia pré-histórica — importa sobremaneira o conjunto das relações e representações sociais, das ideologias, de cada tempo e espaço, uma vez que essa é a condição para não ser uma simples técnica, ou «ciência auxiliar» como se dizia antes, da história, da antropologia, ou de qualquer outra ciência social ou humana, mas uma ciência independente, de pleno direito. O que caracteriza a arqueologia é precisamente a permanente tentativa de conjugação, numa realidade ou narrativa conceptualmente sustentada, defensável, de elementos materiais, resíduos existentes no espaço, com os objetivos de qualquer ciência humana: compreender as intenções e as motivações conscientes e inconscientes das sociedades e dos grupos, que, neste caso, já não existem, e atribuir um significado ao espaço atual, dividido em layers cheios de rasgões, de buracos, significado esse que se possa articular com cada um dos períodos históricos (no sentido amplo) pelos quais tal espaço «terá passado».

Neste texto, parto do seguinte princípio: não tem sentido criar, ou propor, uma nova teoria interna à arqueologia, e em particular à arqueologia pré-histórica. Todas as teorias científicas visam hoje a inter e/ou a transdisciplinaridade, se pretendem chegar a visionar uma integração compreensiva dos problemas. Tal integração, de forma mais ou menos explícita, implica uma filosofia. Significa isso que temos de tomar, e explicitar (como atrás referido), opções de partida, que evidentemente podem e devem ir variando, ou podem ir sendo refinadas, enquanto progride a pesquisa de uma pessoa ou equipa. Por isso, é meu dever, desde já, esclarecer que a minha escolha é integrável no materialismo dialético, tal como o entende o filósofo Slavoj Žižek já múltiplas vezes citado. Como o «materialismo dialético» era a doutrina oficial de Estado no tempo da URSS de J. Estaline,

tendo, por isso, muito má fama, impõe-se, seguindo Žižek[3], desde logo, enunciar os quatro pontos fundamentais em que o materialismo dialético se deve (seguindo de perto aquele autor, evidentemente) entender, por total oposição à outra obsoleta doutrina, hoje abandonada. Trata-se, de facto, de uma nova ontologia, que o autor designa «fracassada», «falhada» ou resultante de um movimento de paralaxe, na qual não é difícil adivinhar inspiração lacaniana e hegeliana, definível em quatro linhas de força. São estas: 1. Atingir a verdade de uma totalidade só é possível a partir de um ponto de vista parcial, o que significa ter de se eleger um elemento considerado importante dessa mesma totalidade. 2. Uma modificação estrutural da realidade (por exemplo, da realidade social) não é previsível, só ocorre retroativamente, e não através de uma suposta gestação lenta de qualquer processo: quando nos apercebemos disso, já aconteceu. 3. A progressão das coisas não se dá de forma linear, ou por «saltos» numa dada direção (por exemplo, para uma maior complexidade), mas de modo muito mais enviesado, refinado, cujo entendimento exige o recurso às chamadas estruturas não orientáveis (fita de Moebios, *cross-cap*, garrafa de Klein): uma determinada situação caracterizável de certa forma num dado momento, pode, noutro momento, através do seu movimento circular, que essas estruturas ilustram, aparecer com um sinal, ou um carácter completamente diferente, nomeadamente oposto ao anterior. 4. O antagonismo não se dá como uma luta de opostos, cada um deles externo ao outro, mas como uma contradição constitutiva de cada entidade consigo própria, ou seja, cada entidade contém sempre tal elemento de negatividade como algo intrínseco a si mesma, existente no seu seio. É essa tensão que, aliás, leva ao devir. A filosofia de Hegel, que está aqui em filigrana, é uma filosofia histórica, uma filosofia do devir, e não, como erradamente se interpretou, do «fim da história»[4].

Esta filosofia implica um olhar diferente de todas as perspectivas em presença no pensamento contemporâneo, nomeadamente dos vitalismos que encontramos em Bergson ou Deleuze; dos desconstrucionismos tipificados pela filosofia derridaniana; do pensamento historicista de Foucault e biopolítico deste autor e de Agamben, por exemplo; dos auto-denominados novos materialismos, desde Harman a Bennett, etc., etc. Reconhecendo em todas essas filosofias construções evidentemente dignas de consideração (a filosofia é um diálogo, sempre), é numa reelaboração da dialética hegeliana (a qual pressupõe Kant e a sua superação) trazida para o presente com o apoio da obra de Jacques Lacan (a qual é uma subversão da obra seminal de Freud), e num materialismo que revê Marx à luz de algo que só tardiamente se tem vindo a perceber, que temos

[3] Baseio-me aqui praticamente à letra no livro recente de Žižek, (ŽIŽEK, 2020: 4-5 do original inglês, e 17 da tradução castelhana). É importante advertir que esta teorização só é compreensível no conjunto do livro e, mais em geral, da obra do autor, de que este livro é a última formulação sistemática; por evidentes limitações de espaço, é impossível resumir aqui toda essa matéria, complexa, difícil, e contra-intuitiva, mesmo em termos de síntese. O leitor — a quem o autor pede benevolência para com um arqueólogo que procura entender a filosofia, e não é um especialista desta última área do saber — é convidado a prolongá-la com outras leituras.

[4] MALABOU, 2000.

de nos orientar. É que Hegel, o «idealista absoluto», foi, afinal, muito mais materialista do que o próprio Marx; compreensão que resulta de uma releitura de Hegel que se tem dado nas últimas décadas à escala mundial, tornando evidente a importância decisiva deste pensador (dialética, negatividade, etc.) sobre o qual se generalizou uma vulgata que resulta de total incompreensão da complexidade do seu discurso e, mesmo, muitas vezes, da própria ambiguidade (aliás tão propícia à filosofia) da língua alemã.

A passagem de Kant a Hegel, dois gigantes do pensamento, foi um momento crucial da modernidade, a que aqui só posso aludir. Kant é, para muitos autores, o primeiro filósofo moderno, para não dizer mesmo o que marca o fim de uma longa Pré-História da filosofia, que antes dele decorreu. Numa nota de final de capítulo de um dos seus livros[5], Slavoj Žižek escreve:

> *É nisto que reside o corte de Kant com a metafísica tradicional: o finito não é simplesmente um modo deficiente do infinito que persiste em si próprio fora do tempo, mas* veicula simultaneamente a sua própria versão do infinito numenal. *É por isso que a dualidade kantiana de números e fenómenos não coincide com o dualismo metafísico tradicional da essência-substância e aparência: no que se refere a este dualismo, Kant introduz uma divisão suplementar, a divisão entre o em-si numenal e — não o fenomenal, mas — o modo como este aparece no interior do campo fenomenal. Da nossa perspectiva* […] *a esfera numenal aparece sob a forma da liberdade, do reino dos fins éticos, etc. Todavia, se tivéssemos acesso direto à esfera numenal, saltando por cima do plano fenomenal, essa esfera perderia tais características de liberdade: o sujeito seria capaz de perceber a sua inclusão no mecanismo numenal causal. Esta cisão do numenal no em-si e no modo como este em-si nos aparece a nós, sujeitos finitos, significa que a «substância se torna sujeito».*

Está aqui claro como a revolução de Kant abriu, por sua vez, o passo à sua superação por Hegel, à compreensão de como a substância está sempre mediada pelo sujeito e vice-versa; ele (Kant) como que teve receio de levar até ao fim o seu pensamento, não foi tão radical quanto poderia ter sido, na sua genialidade.

Como será possível usar esta inspiração para pensar o tempo, a temporalidade, a história, a historicidade e o historicismo, e em particular para tentar superar os impasses da disciplina a que o autor destas linhas se dedica e passou uma vida a ensinar, a arqueologia pré-histórica? À partida, ninguém tentou, até hoje, fazer uma ponte sobre este aparente abismo, e não é de esperar que um tal «trabalho em curso», nem de longe nem de perto, seja aqui mais de que tenuamente esboçado; o objetivo deste texto é apenas chamar a atenção para uma via que só em múltiplas equipas, e ao longo de décadas, pode ser desenvolvida.

[5] ŽIŽEK, 2006: 172-173.

5. PRÉ-HISTÓRIA

A convencionalmente chamada Pré-História é um período mais ou menos obscuro para nós. Talvez mesmo um dos seus fascínios resida em tal segredo. Se quiséssemos antropomorfizar a figura alegórica portadora desse segredo, diríamos: é muda, de nascença; não pronuncia uma palavra, e, além disso, é analfabeta, não nos deixou uma linha que fosse para que a pudéssemos decifrar. E, mesmo assim, ou talvez por causa disso, continua a suscitar-nos uma imensa curiosidade; é para nós, que a inventámos, um objeto-causa de desejo (de a conhecer, de a abarcar). O ser humano caracteriza-se por esta forma do que em última análise pode parecer insensatez: é atraído pelo impossível, o seu desejo não conhece fronteiras, ao contrário (da pelo menos maioria) dos outros animais, cada um a cumprir o que a espécie a que pertence instintivamente lhe dita, do nascimento à morte. O ser humano quer perceber, desvendar segredos, esquecendo-se de que ele mesmo (cada ser humano, na sua singularidade) é um segredo para si próprio, de que o Outro é um segredo para cada um de nós, enfim, de que o Outro, em geral, é um segredo para ele mesmo. Constituindo-se na alteridade, necessitando absolutamente do Outro desde que nasce até que morre, o ser humano vive com o seu enigma (o seu outro) e com o enigma de cada um dos outros e do mundo em geral: vive com a pergunta, e viver é ir fazendo perguntas, eventualmente (no melhor dos casos) cada vez mais refinadas.

De modo que poderíamos tranquilizar-nos: os «pré-históricos» que descobrimos, cujos restos estudámos, descrevemos e musealizámos, incluindo mesmo a sua forma física e, por vezes, o olhar que lhes pusemos em modelos 3D (virtuais ou não), também não sabiam quem eram, nem, portanto, o que estavam a fazer neste mundo; eram um enigma para eles próprios, circunstância que lhes deu um trabalho grande, porque, a julgarmos pelas «obras» que foram deixando, procuraram a seu modo decifrar o enigma. Como, aliás, nós outros, hoje, também nos esforçamos por decifrar, havendo alguns colegas que, para sua felicidade, estão mesmo convencidos de que conseguiram, que o seu trabalho arqueológico e transdisciplinar não deu apenas frutos parciais, mas resultou em obra que reconstitui a Pré-História (geral, regional ou local), que permite apresentar dela uma narrativa coerente, e assim abrir as portas da História propriamente dita, desde a invenção da escrita até hoje, numa sequência temporal com descontinuidades, sim, mas descontinuidades que constituem apenas episódios de uma continuidade geral (permitindo até periodizá-la), de uma narrativa de que a grande História universal se sente gloriosamente detentora, unindo a Natureza à Cultura. E assim uma filosofia do Todo fica harmoniosamente reconfortada, e pode mesmo observar-se, visitar-se, através das reconstituições que se encenam, em museu ou ao vivo, dos seres e dos seus modos de vida enigmáticos do passado remoto, tornados, enfim, realidades supostamente decifradas, perfeitamente domesticadas.

Enquanto, porém, muitos investigadores continuam a operar dentro dessa filosofia do Todo, acrescentando mais peças ou subpeças ao *puzzle*, outros há que desconfiam de

uma tal harmonia. Pode ser mais razoável perceber que a realidade é não-Toda, que nós, seres humanos parte dessa realidade, somos também não totalizáveis (quer na nossa singularidade quer em configurações mais amplas que possamos conceber, comunidades por exemplo), e até que essa fenda, essa falha ou «fracasso» constitutivo da realidade e do ser humano como parte dela, seja o fator que permita a existência da nossa subjetividade (a qual inclui, evidentemente, o desejo de saber). Acentuo: talvez que o aparecimento da subjetividade na história da vida seja precisamente a manifestação dessa fenda, dessa lacuna.

Ora, este sobressalto — esta interrogação radical a que ele dá origem — é precisamente o que caracteriza o «corte» da nossa Modernidade. De facto, Kant inaugura a filosofia crítica (e, nesse sentido, pode ser considerado, como referido já, o primeiro filósofo «verdadeiro»... apesar do seu pensamento repousar numa milenar tradição ocidental) ao postular que nós, humanos, sempre conceptualizamos a realidade de acordo com um filtro prévio que nos caracteriza, as categorias *a priori*, e que é nesse quadro transcendental que os fenómenos nos aparecem e deixam entrever — apenas entrever — uma realidade além deles, que nos é inacessível, a realidade numénica, aquele nível em que, em última análise, se situa Deus. Kant corta, portanto, com todo o aristotelismo-tomismo anterior e, dando uma nova espessura ao sujeito cartesiano, diz-nos que há uma lacuna entre os fenómenos a que temos acesso, e o mundo numénico que apenas podemos entrever. O sujeito moderno, desde Kant, é assim um racionalista, mas um racionalista que sabe que há um teto, por assim dizer, para o seu Entendimento (que divide os fenómenos) e para a sua Razão (que os sintetiza). Como Deleuze disse algures, somos todos kantianos. Todos? Não. Também aqui há evidentemente uma outra possibilidade. O último dos quatro grandes representantes do convencionalmente chamado «idealismo alemão», Hegel, como já referido, veio dizer que a revolução de Kant ficou a meio do caminho: que essa realidade transcendente pura e simplesmente não existe, é uma invenção metafísica. Tradicionalmente, e em termos esquemáticos, dividimos a realidade entre substância (aquilo que «está aí», o mundo, o que queremos conhecer, e que possui uma certa estabilidade) e sujeito (aquele que conhece, ou procura conhecer), o objetivo e o subjetivo. Ora, Hegel vem dizer que ambos estão em mediação dialética, em relação tensional, ou seja, que a substância é também sujeito — descoberta fundamental a que também já aludi. Como assim, identificamos simplesmente o conhecido e o que conhece, num Sincretismo primário! Por certo que não. O ser humano, o sujeito, ao encarar a substância, mediatiza-a; a substância não lhe é nunca inteiramente exterior, mas encarada pelos seus olhos, como também o ser humano, ao interrogar-se, interroga-se sobre aquilo que ele próprio concebe como substância. Ou seja, a substância não é algo que nos seja inacessível, não existe um filtro transcendental que nos impeça tal «acesso», o Entendimento funde-se com a Razão, o problema transforma-se na sua solução. Só há aqui, nesta filosofia da tensão de opostos, neste pensamento da incompletude, assente na negatividade,

um aspecto temporal absolutamente crucial, até porque Hegel foi muito mal-entendido como pretenso «filósofo do fim da história». Ao contrário, o conhecimento «absoluto» é sempre epocal, eminentemente histórico, aberto, a dialética não estanca, a história não termina, é um movimento constante, não teleológico, não visando um *telos* — como no tempo cristão que herdámos, e que vai de um início, um alfa, até um fim, um ómega — mas no sentido de uma abertura total. Repito: em cada momento, o que acontece, e nos surge muitas vezes como circunstancial, muda retroativamente o passado (o voo de Minerva dá-se ao entardecer...), os efeitos tornam-se causas das suas próprias causas.

6. TEMPO E HISTÓRIA

Porém, voltemos ao tempo humano e à questão da História. E digo tempo humano porque, para os físicos, o tempo é um tema crucial de discussão contemporânea: para uns, como Carlo Rovelli, pura e simplesmente não existe, é uma ilusão; para outros, como Lee Smolin, sim, existe; ambos são autoridades no assunto, o qual eu não tenho possibilidade de tecnicamente aprofundar, e sobre ele não posso opinar, porque, obviamente, é tema que foge às minhas competências. Não me espantaria, porém, que fosse absurda a ideia de uma teoria global do universo, a admitir que existe só um…

O tempo humano e a questão da História são, como é óbvio, dois temas intimamente ligados entre si. Os modos como o tempo é vivido e representado e as formas que assumem as «narrações do passado» são múltiplas e variam de época para época, de região para região, de cultura para cultura, de pessoa para pessoa, etc., etc. De modo que as interrogações sobre o tempo e sobre a História serão sempre, enquanto existir Humanidade como a conhecemos, extremamente atuais, nunca serão problemáticas fechadas, resolvidas, mas sujeitas a uma imensa fluidez.

A ideia de uma História que envolvesse a narrativa do conjunto da experiência humana até cada presente, e que muitos autores têm tentado realizar, é evidentemente uma noção de Estado, ou seja, corresponde a uma intenção institucional e subjetividade políticas que têm necessidade de organizar, de concatenar, o conjunto da história da Humanidade como um ato de poder, do mesmo modo que um geógrafo moderno olha para o conjunto do planeta num globo ou num planisfério. A cartografia e as tabelas cronológicas, em que apareça em simultâneo o quadro do mundo, na sua extensão física, espacial, e, também, temporal (tudo isso hoje sofisticado pelas novas tecnologias), são desde sempre, como é bem sabido, instrumentos de poder.

Com estas questões, entronca-se uma constelação de outras mais ou menos próximas, como a de historicidade, temporalidade, memória, cronologia, periodização, sincronismo, representação do tempo e espaço, oralidade/escrita, o problema dos mitos de origem, causalidade, etc., etc. Sendo o ser humano caracterizado pela consciência da morte, da sua finitude individual, podemos dizer que é universal, no tempo e no espaço, a consciência do fluir do tempo, do antes e do depois, aliás observável nas próprias

mutações do meio. O que já é de uma diversidade inimaginável são as formas concretas que terá revestido essa variabilidade, que reveste hoje, e revestirá por certo no futuro, enquanto houver Humanidade no sentido em que a conhecemos.

No século XIX, a Europa inventou a Pré-História, ou seja, uma fase da história humana infinitamente longa, que apenas podemos conhecer através de elementos materiais, e das ilações que daí podemos tirar, com o auxílio de numerosas ciências que rodam em volta da arqueologia, neste caso dita pré-histórica. Essa Pré-História quer-se científica, objetiva, oposta aos mitos de origem de outras civilizações/culturas, pelo que, neste caso, também nos podemos lembrar daquele dito de que o ser humano se caracteriza por «inventar problemas que não é capaz de resolver».

Se pensarmos de forma superficial, em modo de senso comum, é evidentemente impossível extrair uma narrativa propriamente histórica a partir apenas de materialidades muito parciais, confusas, que por acaso se mantiveram no solo, sujeitas às leis da conservação diferencial dos materiais. Nesse sentido, a Pré-História seria um objetivo insensato, próprio de um racionalismo que não admite vazios, e com toda a probabilidade, sujeita, apesar dos seus esforços, a criar mais um conjunto de mitos que permitisse preencher o imenso hiato temporal entre a história da natureza e a história humana em sentido estrito.

Há, de facto, uma relação óbvia entre uma consciência e vivência «difusas» do tempo, que intuitivamente tendemos a fazer remontar às comunidades humanas mais antigas, e uma consciência «métrica», moderna, recente, do tempo, em que este é um fator regulador (dominador, mesmo) das nossas vidas, nomeadamente a partir da modernidade europeia e depois da sua globalização. Esta última preocupa-se com a História de um modo que está em relação íntima com uma temporalidade cada vez mais acelerada, o calendário, a agenda, o relógio, as chamadas de atenção automática para prazos, etc., que pautam totalmente a vida corrente dos sujeitos modernos. Muitos autores têm, aliás, chamado a atenção para o facto do capitalismo contemporâneo ser um sistema que jamais «dorme», que não tem interrupções. Ou seja, viver historicamente, refletir historicamente, e investigar e escrever História são factos conexos, que se implicam uns aos outros. História e formas de vida estão sempre a mudar, e a segunda a pedir novas explicações à primeira.

Não se trata de dividir as sociedades — no campo da História e da antropologia — entre «frias», sem tempo, sem consciência da temporalidade, «primitivas», «pré-históricas», e, portanto, inferiores à nossas, e as «quentes», civilizadas e superiores. Não podemos ter uma tão simplista, racista, xenófoba, noção de evolução social, de progresso, o qual se constituiria numa série de etapas mais ou menos bem definidas. A suposta superioridade do Ocidente foi bem desmentida no século XX por factos que nem vale a pena invocar. Mas foi esta visão etnocêntrica que, no fundo, inspirou o surgimento da ideia de Pré-História: um período em que as comunidades não usariam a escrita, com todo um universo de

características associadas a esse sofisticado código de transcrição da linguagem para um suporte. Mas indispensáveis para se perceber racionalmente a passagem do animal ao homem, da natureza à cultura, da simplicidade e homogeneidade dos (supostos e sempre míticos) «inícios» à complexidade e heterogeneidade da nossa vida, hoje.

Por outro lado, também a História, no sentido estrito de uma narrativa do devir nas sociedades civilizadas, com escrita pelo menos ao nível das elites, e, em particular, com intuitos de isenção científica, se não pode considerar, de modo algum, como uma atividade neutra, distanciada de qualquer ideologia, e apolítica. Ao contrário, em ciências sociais, a objetividade, o rigor, a honestidade do investigador pautam-se por uma escolha prévia e explicitada de um ângulo de observação — como, aliás, já referido atrás —, sem o qual a sua narrativa se apresentaria como uma verdade insofismável, ou ponto de vista de Deus, o que não teria sentido nem interesse, e seria, no limite, uma atitude demencial.

Não há, pois, nem é de todo desejável que haja, uma história «objetiva» ao modo em que as leis das ciências da natureza geralmente se apresentam, mas a importância cultural e social da história séria, rigorosa, consiste precisamente na constante tentativa de equilíbrio entre a definição clara e interpretação dos acontecimentos, por um lado, e a sua necessária organização de acordo com a ideologia do(a) autor(a), por outro. É isso, essa tensão, que cria a pluralidade do debate que é intrínseco à interpretação e interesse da História.

7. TELEOLOGIA, CAUSALIDADE RETROATIVA, ETC.: TODO UM PROGRAMA EM ABERTO

Tal como nos é mais habitualmente contada e como a ensinamos, a História — e, portanto, a Pré-História como seu capítulo introdutório — é apresentada como uma narrativa teleológica. Ou seja, apoiada numa ideologia da continuidade linear (por muitas que sejam as descontinuidades que internamente inclui), que a permite dividir em períodos, fases, etc., cada uma caracterizada por permanências e inovações que inevitavelmente vêm culminar no presente, o qual se apresenta como a sua consequência lógica, o seu fim ou *telos*. Ora, estando obviamente a representação desse «presente» dependente da posição ideológica do historiador, uma vez que (como já referido), se desejar ser rigoroso e honesto, é-o sempre a partir de um ponto de vista determinado e explicitado que encara a realidade, é óbvio que, consciente e inconscientemente, a narrativa que vai produzir cria um passado que é sempre «parcial». Portanto, a História está sempre a ser reescrita, mas não só nem sobretudo pela descoberta de novos factos ou dados (mitologia positivista), mas porque essa é a sua constitutiva condição e fator valorativo, a de partir sempre de um determinado, situado, ponto de vista (que evidentemente pode ir sendo continuamente corrigido entre o início e o fim de um trabalho). Sem ponto de vista, não se vê nada; por outras palavras, subjetividade e objetividade estão em relação dialética. O que põe ao leitor o desafio, quando lê história, de se colocar numa

perspectiva crítica, que consiste em tentar dissociar, do seu ponto de vista, leitor, o que lê e o que está pressuposto naquilo que lê, ou seja, tentar dividir o que está intrinsecamente unido na narrativa: o rigor dos factos e dos encadeamentos causais escolhidos, por um lado, e a subjacente «tese» que o autor quis demonstrar através dos mesmos e dessa sua, peculiar, escolha. É esta duplicidade que está sempre em jogo no mundo humano e seu estudo. Não é um *handicap*, mas uma vantagem enorme: não há nenhum sentido último, nenhum «Outro», com maiúscula, que avalize o que acontece, e lhe confira um sentido de totalidade. E isto não é, nem o positivismo, segundo o qual vamos iluminando as múltiplas facetas de um mesmo, mas complexo, poliedro, nem o relativismo pós-moderno segundo o qual qualquer narrativa vale tanto como outra qualquer: é absolutamente o contrário. Confere ao historiador e ao leitor de História uma responsabilidade acrescida. Qual? A de assumindo de que não tem sentido (seria necessariamente falsa) uma história completa, total ou neutra. Pois é sempre parcial, tentar discernir qual a validade objetiva dos elementos aduzidos para defender e sustentar essa mesma parcialidade (o que se destaca e o que se omite).

Temos, porém, a possibilidade de, neste quadro, ir mais longe e perguntar: e por que tem a História de ser teleológica, isto é, de «contar o que se passou» a partir de um determinado princípio, e a acabar num determinado fim? Na verdade, em cada momento, os intervenientes (entidades individuais ou coletivas) não souberam nunca qual a sequência dos acontecimentos (muitos deles confusos ou desconhecidos para os próprios) em que estavam envolvidos: viviam no contingente, na contingência do momento vivido, que só ulteriormente terá ganho, de forma retrospectiva, um sentido x ou y ou z conforme o decorrer do tempo. Ou seja, a realidade histórica pode, na intenção dos atores em cada presente, querer ser encaminhada nesta ou naquela direção, para este ou aquele «telos»; mas a sequência ulterior «troca normalmente as voltas» a tais previsões ou intenções, tornando certos eventos contingentes em eventos necessários, isto é, dialeticamente falando, fazendo com que um processo em aberto numa certa altura apareça como retroativamente criado, nas suas consequências, por condições antes imprevistas, ou percepcionadas de outro modo. Ou seja, cada «futuro» cria retrospectivamente o seu próprio «passado», isto é, as condições que afinal o tornaram possível. Essas condições, ao contrário da visão teleológica, não estavam determinadas *a priori*; só com o decorrer do tempo vêm a aparecer em toda a sua força causal, e, portanto, explicativa do devir.

De forma que estamos aqui perante uma outra fratura importante, inerente à História, e que se soma à, e imbrica na, «subjetividade» inerente do historiador ou leitor (do intérprete do que aconteceu); é que, só a partir de certos momentos. Num primeiro momento contingentes, se pode avaliar a necessidade dos momentos anteriores, ou seja, só a partir dos efeitos se pode perceber quanto estes efeitos acabam por ser — por aparecer à nossa compreensão como — as causas de si mesmos (causalidade retrospectiva). Ou seja, a inteligibilidade dá-se sempre *après coup*. Esta visão dialética é a oposta

à visão teleológica que herdámos da nossa tradição cristã, segundo a qual Deus criou o mundo num ponto alfa do tempo linear, e esse mundo há de acabar num ponto ómega da minha linha.

Ora, o facto das consequências de um evento, ou de um momento de determinado processo temporal, se tornarem decisivas para apurarmos as suas causas retrospectivamente, abre a história para uma complexidade enorme, e evidentemente, também, cria um desafio muito grande na abordagem dos tempos anteriores à história baseada, sobretudo, em documentos escritos. Nesta, é mais fácil deslizarmos para explicações que são projeções inconscientes, ou ingénuas, do modo como vemos a história posterior. Ao querermos acercarmo-nos das «origens» — se quisermos, das longas e complexas origens das sociedades depois organizadas em Estados —, fácil é escorregarmos novamente para mitos, narrativas que legitimam, como causas imaginárias, as realidades que cada um(a) estabelece como pertencentes à História. A projeção retrospectiva da ideologia de cada investigador — muitas vezes socorrido de exemplos das sociedades exóticas estudadas pela antropologia, por exemplo — é muito fácil. Mas é uma tentação muito grande, sobretudo para as narrativas teleológicas, preencherem esse enorme, traumatizante hiato a que já aludi entre a natureza (a realidade dos animais) e a cultura (a sociedade organizada e, por assim dizer, «civilizada»), pois que tendem a radicar na Pré-História o embrião dos acontecimentos posteriores. É uma tentação em que todos nós caímos, a do desenvolvimento progressivo, evolutivo, e a correspondente procura, em antecedentes de certas realidades ou factos, de formas embrionárias das mesmas. Uma narrativa da continuidade, tendo a totalidade como horizonte de sentido, como se tivéssemos dificuldade em admitir estas fraturas básicas do humano, que fazem toda a sua complexidade e interesse. Sem a subjetividade humana, nunca é de mais insistir, não há objetividade possível, porque sujeito e objeto estão entre si mediados, como tenho afirmado.

Que quer isso dizer, mediação, reflexividade dialética de substância (aquilo que procuramos perceber da realidade) e sujeito (aquele que tenta perceber)? Das duas, uma, ou admitimos uma realidade incognoscível, transcendente, à qual somos por definição incapazes de aceder — o que pressupõe precisamente um grande Outro, um significante mestre, Deus… e, portanto, a substância é, para nós, apenas concebível como algo inacessível — ou, numa posição materialista (que é a minha), logramos entender que «substância» é já um conceito, pensado por mim, sujeito, mediado pela minha subjetividade, e que sujeito é também substância, uma vez que faz parte dessa realidade, tudo o que existe. Mas — e isto é crucial — esse «tudo que existe» não é totalizável: tanto a realidade é não totalizável (no sentido ontológico de ser), não-Toda (está sempre desprovida de algo que a totalize), como o sujeito do conhecimento, eu, estou desde sempre barrado, castrado simbolicamente, pela linguagem inserto nesse mundo simbólico que me permite viver a realidade de todos os dias: sou não-Todo também. E só é por ser não-Todo que posso ter subjetividade, que posso ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOLAR, Mladen (2015). *Anamorphosis*. «S: Journal of the Circle for Lacanian Ideology Critique». 8, 125-140.

HAMZA, Agon (2016). *Going to one's ground: Žižek's dialectical materialism*. In HAMZA, Agon; RUDA, Frank, *eds*. *Slavoj Žižek and Dialectical Materialism*. New York: Palgrave Macmillan, pp. 163-174.

JORGE, Vítor Oliveira (2020). *Arqueologia e modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004*. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, *coords*. *Atas do III Congresso da Associação dos Arqueólogos* Portugueses. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 41-55. [Consult. 12 Ago. 2022]. Disponível em <https://www.academia.edu/44535191/Arqueologia_e_modernidade_uma_revisitação_pessoal_e_breve_de_alguns_aspetos_da_obra_homónima_de_Julian_Thomas_de_2004>.

JORGE, Vítor Oliveira (2021). *A arqueologia na encruzilhada dos saberes contemporâneos: uma perspectiva*. Conferência de encerramento do *TAG ibérico 2020*, apresentada, a convite da organização, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, no dia 15 de fevereiro de 2020. [Consult. 12 Ago. 2022]. Disponível em <https://www.academia.edu/43533673/A_Arqueologia_na_encruzilhada_dos_saberes_contemporâneos_uma_perspetiva>.

MALABOU, Catherine (2000). *L'Avenir de Hegel: Plasticité, Temporalité, Dialectique*. Paris: Vrin.

PÉREZ, Berta M. (2020). *El acontecimiento de la inversion dialéctica*. «Res Pública. Revista de Historia de las Ideas Políticas». 23:3, 355-366.

PÉREZ, Berta M. (2021). *La escritura retroactiva de la historia: Žižek sobre Hegel*. «Philosophical Readings». XIII:1, 98-105.

ROVELLI, Carlo (2019). *A Ordem do Tempo*. Lisboa: Objectiva.

SLOTERDIJK, Peter (2011). *Crítica da Razão Cínica*. Lisboa: Relógio d' Água.

SMOLIN, Lee (2014). *La Renaissance du Temps — Pour en Finir avec la Crise de la Physique*. Paris: Dunod.

SOUVATZI, Stella; BAYSAL, Adnan; BAYSAL, Emma L. (2019). *Is there pre-history?* In SOUVATZI, Stella; BAYSAL, Adnan; BAYSAL, Emma L., *eds*. *Time and History in Prehistory.* London: Routledge, pp. 1-27.

WOOD, Kelsey (2012). *Žižek. A Reader's Guide*. Oxford: Willey-Blackwell.

ŽIŽEK, Slavoj (1989). *The Sublime Object of Ideology.* London: Verso.

ŽIŽEK, Slavoj (2000). *History against historicism*. «European Journal of English Studies». 4:2, 101-110.

ŽIŽEK, Slavoj (2006). *As Metástases do Gozo. Seis Ensaios sobre a Mulher e a Sexualidade*. Lisboa: Relógio d'Água.

ŽIŽEK, Slavoj (2009). *The Sublime Object of Ideology*. London: Verso.

ŽIŽEK, Slavoj (2011). *Le Plus Sublime des Hystériques. Hegel avec Lacan.* Paris: PUF.

ŽIŽEK, Slavoj (2014). *Absolute Recoil: Towards a New Foudation of Dialectical Materialism*. London: Verso.

ŽIŽEK, Slavoj (2016). *Contragolpe Absoluto. Para una Refundación del Materialismo Dialéctico*. Madrid: Akal.

ŽIŽEK, Slavoj (2019). *Hegel, retroactivity & the end of history. «Continental Thought and Theory.* A Journal of Intellectual Freedom». 2: 4, 3-10.

ŽIŽEK, Slavoj (2020). *Sex and the Failed Absolute*. London: Blumsbury Academic.

GENERAL APPRECIATION OF THE BOOK CONTENTS: *BREAKING BORDERS, CROSSING TERRITORIES. IDENTITIES AND EXCHANGES DURING THE LATE PREHISTORY IN THE NORTHERN INTERIOR OF THE IBERIAN PENINSULA*

MARIA DE JESUS SANCHES*
MARIA HELENA BARBOSA**
JOANA CASTRO TEIXEIRA***

Abstract: *This text analyses the book* BREAKING BORDERS, CROSSING TERRITORIES. *Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula, not only in terms of its presentation, but also trying to approach, in an analytical way, some of the developed concepts. Boundaries, physical and others, methodologically created in order to access new paradigms, as well as dynamic questions posed by the relationship between low, medium and high scale analysis in the discussion of interpretive trends in prehistoric societies are also addressed.*

Keywords: *Iberian Peninsula; Territorial/conceptual borders; Large scale narratives.*

Resumo: *Este texto analisa o livro* BREAKING BORDERS, CROSSING TERRITORIES. *Identidades e intercâmbios durante a Pré-História Recente no Interior Norte da Península Ibérica, não só em termos da sua apresentação como de análise de alguns dos conceitos ali desenvolvidos. Os limites, físicos e outros, metodologicamente criados para aceder a novos paradigmas, assim como as questões dinâmicas colocadas pela relação entre a análise de baixa, média e alta escala na discussão das tendências interpretativas nas sociedades pré-históricas, são também abordados.*

Palavras-chave: *Península Ibérica; Fronteiras territoriais/conceptuais; Narrativas de escala ampla.*

1. PREAMBLE

Research in archaeology simultaneously involves creating boundaries and discussing their assumptions, propositions and interpretations. However, research in archaeology is also systematically part of a methodological and epistemological game where the formulation and the conceptual appliance of the various types of boundaries under consideration becomes difficult to follow and fully understand, particularly when the «objects of study» are societies without writing, whether they are prehistoric or proto-historical.

This difficulty mainly resides in both the nature of the object of study — the societies of the Past, absent and foreign to us in their behaviour, which often seems «irrational»

* CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
** CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
*** CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

— as well as in the empirical means available to approach it. This is already commonplace, it will be said, but it is this condition that, in the first place, requires a great speculative effort, such a leap between what was, and is almost completely absent, and what could have been or between what we know as being in the realm of the intangible and what we desperately want to understand. It is in this multiplicity of ways of approaching what we envision having happened that the richness of the investigation resides, as it is well shown in this book.

Leaving aside, for now, the greater or lesser completeness of the materials (objects, built structures, stratigraphic layers) that have come down to us, archaeology necessarily produces historical, spatiotemporal «narratives», otherwise it would restrict itself to a discrete description of materials and ways of making them. Such narratives focus on an ever-increasing multiplicity and variety of «objects» that have a legitimate tendency to increase in the coming years in fields that only in the future, and in hindsight, will we be able to discern and assess their concrete contours. And their guiding lines are the knowledge from various fields (philosophical, anthropological, historical, geological, etc.), which create frames of reference, both in the form of explicit models, and more implicit ways of thinking, within the framework of the human sciences.

It is in the interpretation, in the creation of such narratives, whether of a low scale — at the level of archaeological sites or structures, for example —, or of a broader scope — the identity and/or physical borders, the sociocultural borders, for example —, that both consensus and disagreement are simmering. They are both, consensus and disagreement, the most appealing aspects of this book, not only because they concatenate here a plural vision of the past — distanced from homogenization of the Great Narratives, which are mainly linear narratives that we see as never managing to imprison the totality of human reality —, and at the same time they show that the authors of the different texts fit healthily, more implicitly than explicitly, into different ideological currents. However, they accompany the great debates of the present time, regarding the understanding of ontologies (their own and those of the communities they study), the questioning of the agency role of artefacts in the construction and re-elaboration of individuality and collectivity as a (sometimes unconscious) entity of belonging, that is, in the multifaceted subject-object relationship that does not allow itself to be imprisoned, as we mentioned, in simple narratives. To that extent, approaches that are already characteristic of the post-processual debate are found here, being preponderant the approach to artefacts (ceramics) by R. Vilaça (text 3)[1] and D. Pinto and M. Sanches (text 20)[2]; or, in the case of paintings or engravings (in the most diverse media), that of P. Bueno Ramírez *et al.* (text 8)[3], the latter highlighting concrete proposals for the study of the so-called Atlantic Art.

[1] VILAÇA, 2022 (in this book).
[2] PINTO, SANCHES, 2022 (in this book).
[3] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2022 (in this book).

Next, taking into account the theme of the congress, we will summarize, in points 2 (Borders) and 3 (New data & tangent and dissonant issues), what the book is most relevant about. We do not intend to exhaustively discuss each of the theme-concepts of the congress, but rather underline how this small sample of texts highlights the multiple facets that the demanding investigation in archaeology continues to reveal. Furthermore, a historiographical perspective of the ways of thinking in prehistoric archaeology, its framing within the human sciences and its consequences, is soon advanced in Chapter I by the sublime opening text, in the introductory chapter — Overcoming Frontiers — by J. Thomas «Beyond Borders and Boundaries in Prehistoric Research»[4].

And, in the Epilogue chapter (Chapter IV), it is the text of Vítor Oliveira Jorge — «Some suggestions for a philosophical strategy to try to overcome the impasses of prehistoric archaeology and its discourses»[5] —, the one that, bearing the pertinent and always innovative approach to which we are already accustomed, questions, while discussing, the creation of knowledge and historical narrative in the context of contemporary philosophy.

2. BORDERS

The creation and political affirmation of Portugal and Spain cannot be reduced to a phrase or a discrete idea, as it was configured within a long-term historical process that was always politically marked by opposition (Spain. vs. Portugal/Portugal vs. Spain). That is to say, by the construction of historical discourses that emphasize heroic acts or battles of each country, giving rise to identities differentiated from each other. But in the situation that is now being overcome, where information sharing is facilitated not only by general information technology, but also by access to several and more accessible graphical representations of the territory, this book sought to be, in the first place, a platform for formatting and understanding the territory, if transported to Prehistory, as a «flat» geographic space. In other words, it was intended to elide political borders, methodologically creating a continuous geographic space as a means of accessing continuities and/or discontinuities of another nature: in chronological-cultural formulations, in the understanding of settlement networks and intra-community relations, in networks of various exchanges, etc.

We know that this desideratum also has identity implications, and these are revealed in this book in a more implicit than explicit way, although what stands out are the results of the historical processes that shape the research traditions not only nationally, but of certain chrono-cultural periods of Prehistory where mobility and/or large-scale intra-community connection networks are assumed to be indisputable. Thus, it is the

[4] THOMAS, 2022 (in this book).
[5] JORGE, 2022 (in this book).

text by Aubry *et al.* (text 11)[6] on the reading of Paleolithic social networks involved in the long-distance exchange of raw materials, in rock or mineral (silcrete, corneal, etc.) and based on petrographic studies, which doubly responds to this break in the border: (i) the team is made up of Portuguese and Spanish researchers; (ii) and the investigated space, centered on the North Meseta — mainly in La Dehesa (Ávila) — emphasizes the Coa Valley as a site of systematic aggregation along the Upper Paleolithic. Here the axes of mobility and more intense «regional» social relations between communities in the North-South axis of the middle Douro are centered, at distances of up to 50 km from the Coa. Thus, it seems to define a geographical space contained in another, of greater extension (100 km), whose relations cross the borders between the two Mesetas (North and South) and link the Douro basins to the Tagus and to those of other smaller rivers. The presence of this text in this book also symbolizes a third form of breaking boundaries, the chronological one, leading our reflection to a time outside of what we had initially defined as the scope of this publication.

However, more complex historical processes of interaction, in time and space, evidenced by the art of the post-glacier (from the Mesolithic/Ancient Neolithic to the Bronze Age), are pointed out and discussed in the text by P. Bueno Ramírez *et al.* (text 8)[7]. In this one, an integrative reading of open air-rock art (engraved rocks, painted rock-shelters, steles, menhirs) and megaliths (supports, steles, figurines, decorated vessels) not only blurs the classical boundaries of Atlanticism and Mediterraneity in the context of the Iberian Peninsula, as in the Western European context. In turn, Guerra-Doce and Zapatero Magdaleno's text integrates medium-scale and inter-regional relationships into the low-scale relations between the Ancient Neolithic communities of Meseta Norte. With its «shepherds without bread» — and following traditional approaches — this text connects, through a complex network of intercommunity relations, Meseta Norte and Meseta Sul, Estremadura and Alentejo (text 10)[8].

However, «biogeographic borders», and in particular the border that distinguishes the Atlantic (Galaic-Asturian) and the Ibero-Mediterranean regions, are also used as a methodological basis to discern precisely what would have distinguished, or united, prehistoric populations of the Peninsular Northwest. They are tried and discussed in the text by L. Alves and B. Comendador Rey (text 9)[9] — with regard to the peninsular schematic painted art and the so-called engraved Atlantic Art — and in Alexandre Canha's (text 5) concerning the structuring of the long-term settlement (from the 3rd to the end of the 1st millennium BC) in the southern region of the lower Douro basin)[10],

[6] AUBRY *et al.*, 2022 (in this book).
[7] BUENO RAMÍREZ, BARROSO BERMEJO, BALBÍN BEHRMANN, 2022 (in this book).
[8] GUERRA-DOCE, ZAPATERO MAGDALENO, 2022 (in this book).
[9] ALVES, COMENDADOR REY, 2022 (in this book).
[10] CANHA, 2022 (in this book).

in which material culture (mainly ceramics) is discussed within the scope of the creation of borders in certain periods, as opposed to its dilution in others. The contribution of exchanges and contacts between populations from the North and South regions of the peninsular interior for the social and identity formation of local communities, in the Late Bronze Age/Transition to the Iron Age, is discussed by Senna-Martínez and collaborators based on a case study (text 16)[11], despite the fact that this information has been extensively published in texts prior to this one.

Other texts, because they focus on areas adjacent to the political frontier — thus treating the territory at a scale that we intuit to be the most routine in the circulation of human groups in recent Prehistory — announce not only similar settlement patterns, but similar historical processes, from the Neolithic (initial?) to the Bronze Age, clearly visible in the texts of C. Lorenzo Salgueiro and collaborators (text 7) and of L. Rodriguez Álvarez and B. Comendador Rey (text 12)[12]. In this case, the Tâmega river valley is considered the structuring axis of privileged circulation and intercommunity relations. Through it, the communities of the recent prehistory of the province of Ourense are closely connected with those of the entire North of Portugal, and in particular with those of the lower Douro basin, which includes the province of Zamora. In the first, the settlement network is also based on natural passageways and contacts, through the Lima and Minho valleys, in the most Atlantic area of the Peninsular Northwest.

In this way, large and small narratives are combined in this book in an open and imaginative way, so that the proposals for creating, or diluting, traditional political and conceptual boundaries, following the same movement, end up highlighting aspects of the archaeological remains that have remained hidden (being devalued) or were correlated with each other according to very linear guidelines.

3. FROM THE END OF THE UPPER PALEOLITHIC TO THE BEGINNING OF THE IRON AGE. NEW DATA & TANGENT AND DISSONANT ISSUES

We hesitate to create a point so dear to archaeologists: the «news», that is, how the continuity of fieldwork would have contributed to cement, or on the contrary, deny previously accepted discourses. We are mainly referring to excavations, which have the ability to systematically create healthy resistances to interpretation. Although the «news» or new discoveries are there, they are reflected in this book above all in the interpretive tendencies to which this short text will not, nor intends to, do justice.

Even so, more restricted or broader excavations of sites constitute a substantive part of this book (Chapter III), bringing to light: (i) the monumentalization or fortification

[11] SENNA-MARTINEZ, LUÍS, MENDES, 2022 (in this book).
[12] RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, COMENDADOR REY, 2021; LORENZO SALGUEIRO, RODRÍGUEZ RELLAN, FÁBREGAS VALCARCE, 2022 (both in this book).

of concrete sites or wider areas/landscapes, from the 3rd to the 1st millenium. BC, its emergence in specific historical conditions, and socio-political functions in the whole of the coeval regional population (texts 4, 6)[13]; (ii) the settlement structure of places with «constructions/remnants» only conserved in negative, often of multi-century use, revealing enclosures and housing units made of perishable materials, with several layers, with emphasis on elongated buildings (longhouses), these centered on the 2nd millenium. BC in the Northwest of the Iberian Peninsula, (texts 13, 14)[14]; (iii) the study of construction materials (clay) in «perishable buildings», of mixed constructions (wood with mortar and clay) of the North Meseta between the 3rd and the 2nd millennium BC (text 19)[15]; (iv) the organization of hypogean necropolises and trenches in the peninsular interior, in the chronological range of the XXV-XIV centuries BC, simultaneously overcoming the contingent separation between the Chalcolithic-Bronze Age and between the North Meseta-South Meseta, while at the same time highlighting non-linear paths of social transformation in those two chronological-cultural periods (text 17)[16]; (v) the seasonal occupation of rock shelters, with purposes that include the carving of instruments, but simultaneously with marking them with schematic rock art (text 9)[17]; (vi) the long life of materialities and their multitemporal use, seen in the case of reuse of menhirs in the Alentejo (text 18)[18]; vii) the proposal for the chronological contextualization of representations of rock art based on the parallel analysis of elements of material culture (text 16)[19]; the approach to the representation of weapons in the so-called Atlantic Art, based on new discoveries by photogrammetric recording (text 15)[20].

In the set of chapters II, III and IV, we approach issues dear to archaeologists, and that pervade almost all texts: (i) the fences and walls delimiting the places and their role in the historical regional processes or even more comprehensive wider processes; (ii) mobile and rock art (including that on megaliths) that takes place in different contexts and assumes, with its own codes, the act of unveiling, as an agent of conduct, more than a symbol of them; (iii) the understanding that the various types of «megalithic monuments» of the Iberian Peninsula (and Europe) are an integral part of the neolithic process, being an idiosyncratic characteristic of it since ancient chronologies; (iv) the multiple functions of material culture, especially the ceramics, as the lithic industry was briefly

[13] DINIZ *et al*., 2022; VILLALOBOS GARCÍA, RODRÍGUEZ MARCOS, 2022 (both in this book).
[14] RODRÍGUEZ PÉREZ *et al*., 2021; BOTELHO, 2022 (both in this book).
[15] FONSECA, 2022 (in this book).
[16] BARROSO BERMEJO *et al*., 2022 (in this book).
[17] ALVES, COMENDADOR REY, 2022 (in this book).
[18] ROCHA, 2022 (in this book).
[19] SENNA-MARTÍNEZ, LUÍS, MENDES, 2022 (in this book).
[20] PEREIRA MARTINEZ, 2022 (in this book).

addressed in this volume (with the exception of text 18[21], about archeopetrography, referred to above), and occasional typological approaches to lithic materials — particularly arrowheads — used as chrono-cultural indicators.

4. EPILOGUE

For publishers, archaeologists and prehistorians, all texts are pertinent, for one or more reasons. However, we are pleased to note that a large number of these were written by authors from younger generations who, as individual authors or as part of teams, have contributed to naturalize the new «analytical methods». They, systematically using new communication technologies, are creating new representations, panoptic at times, it is true, but which at the same time constitute other mental tools to be able to access the Past in the present.

We hope that the quality of this e-book also responds, in its quality of presentation and dissemination, to the wishes and desires of the authors.

ACKNOWLEDGMENTS

This text was translated into English by João Sanches, and this translation was financed by National Funds through the FCT — Foundation for Science and Technology, under the project UIDB/04059/2020.

BIBLIOGRAPHY

ALVES, Lara B.; COMENDADOR REY, Beatriz (2022). *Reshaping (all kinds of) borders. The site of Penedo Gordo in the context of north-western Iberia Schematic Art*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 209-234.

AUBRY, Thierry *et. al*. (2022). *Dos dois lados da raia no Paleolítico Superior: Matérias-primas siliciosas de La Dehesa (El Tejado de Béjar, Salamanca, Espanha) no contexto das relações entre a Meseta e o litoral*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 253-279.

BARROSO BERMEJO, Rosa *et al*. (2022). *Practicas funerarias del Calcolítico y Bronce en poblados del interior peninsular. El yacimiento de Las Mayores, Numancia de la Sagra (Toledo).* In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 393-410.

BOTELHO, Iva (2022). *O(s) fosso(s) do Sítio do Corgo, Azurara, Vila do Conde. Discussão da sua contextualização estratigráfica e cronológica*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 329-346.

[21] AUBRY *et al*. 2022 (in this book).

BUENO RAMIREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2022). *Rompiendo las fronteras del neolítico mediterráneo. Imágenes de la muerte en el megalitismo noroccidental*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula. Porto: CITCEM, pp. 171-207.

CANHA, Alexandre (2022). *Interfluve Tedo/Távora (North of Beira-Alta), a physical and natural barrier, a mental border? — Trans(i)mutations between the 4th and 1st millennium BC*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 87-108.

DINIZ, Mariana *et al*. (2022). *Where there is Power, there is Fear. Debating Chalcolithic stone walls in western Iberia as new mechanism of power and fear display*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 109-140.

FONSECA, Hector (2022). *La carpintería prehistórica a través del estudio de improntas en fragmentos de barro de construcción.* In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 427-441.

GUERRA-DOCE, Elisa; ZAPATERO MAGDALENO, M. Pilar (2022). *Ex Portugal lux: sobre la neolitización de los territorios sudoccidentales del Duero español.* In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 235-251.

JORGE, Vítor O. (2022). *Algumas sugestões de estratégia filosófica para tentar superar impasses da arqueologia pré-histórica e seus discursos.* In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 475-491.

LORENZO SALGUEIRO, Cristian; RODRÍGUEZ RELLAN, Carlos; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2022). *Estudio de las comunidades de la Prehistoria Reciente en las provincias de Pontevedra y Ourense (Galicia, España): una visión del fenómeno doméstico en una región fronteriza*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula.* Porto: CITCEM, pp. 141-170.

PEREIRA MARTÍNEZ, Xurxo (2022). *Las representaciones de armamento en el noroeste peninsular. (Re)visitando el yacimiento de Agua da Laxe (Pontevedra, Galicia).* In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 347-370.

PINTO, Dulcineia; SANCHES, M. Jesus (2022). *Consagração e reconsagração de uma área habitacional na Idade do Ferro — O Crasto de Palheiros (Murça) como exemplo*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 443-471.

ROCHA, Leonor (2022). *The maintenance of religious magical rituals in menhirs of Central Alentejo: the case of Menir da Caeira (Arraiolos, Portugal).* In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 411-426.

RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, Lucía; COMENDADOR REY, Beatriz (2022). *Modelo de ocupación en el valle del río Támega transfronterizo en el III milenio BC: el caso de A Ceada das Chas/Castelo de Lobarzán (Oimbra/Monterrei).* In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula.* Porto: CITCEM, pp. 281-306.

RODRÍGUEZ PÉREZ, Herminia *et al.* (2022). *Variabilidad en la organización espacial y constructiva de un asentamiento de la edad del bronce: el yacimiento Coto dos Mosquitos (Mos, Pontevedra).* In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 307-328.

SENNA-MARTÍNEZ, João C.; LUÍS, Elsa; MENDES, Carlos (2022). *Entre o Atlântico e o Mediterrâneo: o sítio de montanha da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) no Bronze Final*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 371-391.

THOMAS, Julian (2022). *Beyond Borders and Boundaries in Prehistoric Research*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 13-32.

VILAÇA, Raquel (2022). *Em torno dos II-I milénios a. C. na Beira raiana. Representações materiais e imaginadas, frentes e retaguardas, num movimento perpétuo.* In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coords*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula.* Porto: CITCEM, pp. 35-60.

VILLALOBOS GARCÍA, Rodrigo; RODRÍGUEZ MARCOS, J. António (2022). *Asentamientos amurallados de la Meseta Norte Española durante el Calcolítico y la Edad del Bronce*. In SANCHES, M. Jesus; BARBOSA, M. Helena; TEIXEIRA, Joana C., *coord*. *Breaking Borders, Crossing Territories. Identities and exchanges during the Late Prehistory in the northern interior of the Iberian Peninsula*. Porto: CITCEM, pp. 61-86.

ROMPER FRONTEIRAS, ATRAVESSAR TERRITÓRIOS
BREAKING BORDERS, CROSSING TERRITORIES

COORD.
MARIA DE JESUS SANCHES
MARIA HELENA BARBOSA
JOANA DE CASTRO TEIXEIRA

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO